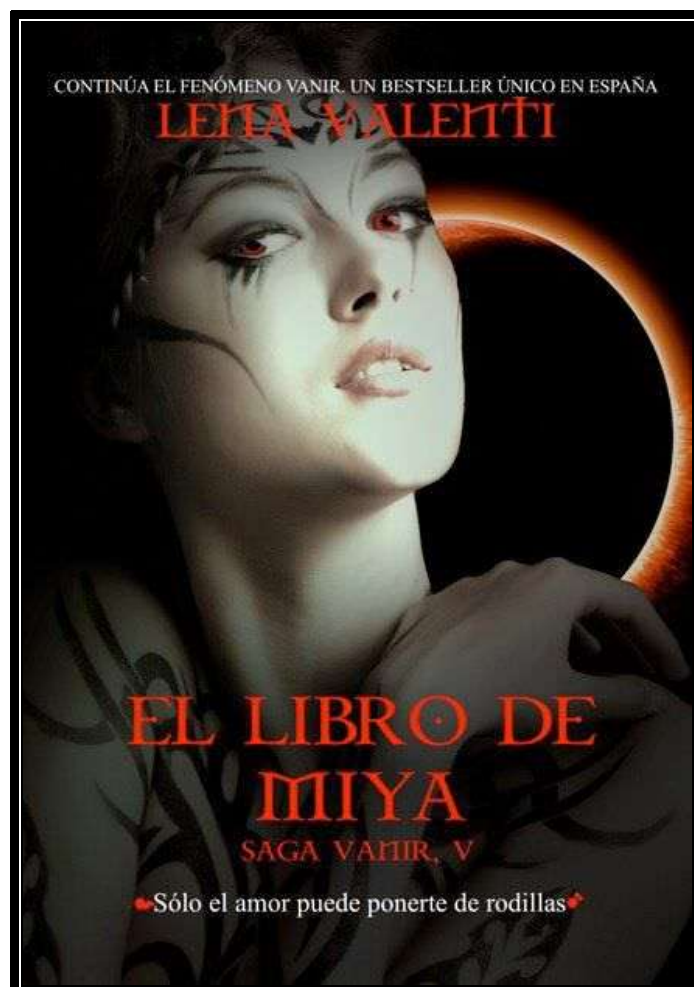




O Livro de Miya

Saga Vanir V

Lena Valenti

Projeto Revisoras Traduções

Revisão Inicial e Final: Sandra e Lucilene

Leitura Final: Lisa de Weerd



**Sinopse:**

Róta é conhecida no Valhala como “A valkyria que tudo vê”, e é uma das guerreiras indomáveis que Freyja e Odín mandaram à Terra para que recuperasse os totens roubados dos deuses, aqueles que podem acelerar o Ragnarök. Mas o destino a enganou e fez com que se encontrasse cara a cara com o guerreiro que foi destinado a ela: Miya, um vanirio samurai. Ela sabe que lhe pertence, e embora se sinta ofendida porque não a reconhece, está desejosa de demonstrar que as Valkyrias nunca se rendem. Entretanto, o irmão gêmeo de Miya, Seiya, a sequestrou e quer obrigá-la a se vincular com ele. Conseguirá? Seu vanirio samurai irá em sua busca? A batalha final se aproxima, mas uma mulher temerária e irascível lutará para que ninguém a dobre. Quanto tempo durará sua fúria?

Miya faz parte do clã vanirio de Chicago. É um guerreiro ancestral, um samurai que vive obcecado com a profecia que cai sobre ele e seu irmão. Um homem que crê firmemente que perdeu a oportunidade de se emparelhar com sua companheira eterna. Por isso, quando vê descer a valkyria de cabelo vermelho, todos os seus medos e dúvidas disparam. Vê-la o deixa paralisado. Ser vítima de sua afiada língua o enfurece. Prová-la foi um engano. Agora nada poderá tirar o sabor de seu sangue nem a lembrança de sua conexão e fará o possível para resgatá-la, porque deve averiguar o que o une a essa mulher descarada e desbocada com olhos de raios e centelhas. Deve salvá-la das garras de seu irmão Seiya, antes que seja muito tarde. O fará para que não se cumpra a profecia, o fará por vingança, mas, também, o fará para não perder nem sua alma nem seu coração.

As espadas dos deuses estão no alto. Os totens divinos devem ser recuperados.

O Ragnarök se afia como a folha de uma katana. E na travessia para resgatar e ser resgatado, um vanirio e uma valkyria estão a ponto de descobrir que “Só o amor pode colocá-los de joelhos”.

“Uma pessoa que quer vingança mantém suas feridas abertas” (Sir Francis Bacon)

“Para que triunfe o mal, só é necessário que os bons não façam nada” (Edmund Burke)

“Entendo a fúria das palavras, mas não as palavras” (William Shakespeare)

*Sakura hirahira maiorite ochite
Yureru omoi no take wo dakihimeta
Kimmi to haru ni negai shi ano yume wa
Ima mo miete iru yo sakura maichiru*

**As flores de cerejeira caíram.
Cada uma de suas pétalas é uma parte do meu amor.
Inclusive agora, continuo sonhando em poder vê-la nesta primavera.
As flores de cerejeira estão se dispersando.*

IKIMONO GAKARI

Sakura



Profecia dos Futago

(Ano 496, era do Kofun)

Os Futago compartilharão uma *chokuto* com corpo de mulher.
A mulher dupla dos Futago decidirá se chegarão os dias de luz
Ou os dias de escuridão.
A que homem escolherá?
As espadas dos deuses se elevarão,
Os mares se agitarão.
E só um elevará a voz como herdeiro do raio, da terra e do mar.
Itako May

CAPÍTULO UM

Chicago

Underground. Dias atrás.

Sim, senhor. Aquela foi uma armadilha em toda regra.

Róta estava completamente de acordo com a atitude do Engel para Miya.

O samurai os guiou até o clube noturno Underground, que era uma espécie de ninho de jotuns e servos de sangue do Khani; e depois de saírem vitoriosos da briga, Gabriel encurralou Miya e pediu explicações de um modo muito pouco amável.

O Engel sempre demonstrava, de uma maneira ou de outra, quem mandava. Era autoritário e muito racional, mas possuía lampejos de loucura, soberba e genialidade. Esses lampejos a faziam morrer de rir às suas costas. Na realidade gostava muito do líder dos einherjars, com essa cara de anjo que não quebrou um prato, embora não parecesse; e desejava que ele se desse conta da incrível sorte que teve por ser destinado à sua *nonne* Gúnnr. Melhor que a tratasse bem ou do contrário torraria suas joias da coroa.

Róta olhou de esguelha para Ren, o vanirio que se encarregava de reiniciar as cabeças dos escravos e que foi quem os colocou ali. Esse homem oriental, com cabelo negro salpicado de mechas loiras oxigenadas a deixava com a pele arrepiada. Havia algo muito frio nele, como uma atitude distante e desencorajadora para tudo e todos.

Aiko, a irmã de Ren, não era assim. Muito ao contrário, era gentil e serena.

Mas Ren... Não. Ren não tinha gentileza numa só célula de seu corpo.

Róta não podia confiar nele, havia algo que a impedia.

Gabriel e Gúnnr saíram do Underground, e deixaram nas mãos dos vanirios a reconstrução do local e sua posterior limpeza, em todos os sentidos.

Róta, por sua vez, precisava ir ao banheiro urgentemente e disse que a esperassem lá fora.

Desejava molhar o rosto e respirar ar, oxigênio normal. Exigia inalar algo que não estivesse poluído pelo aroma de Miya. Porque ele estava em todos os lugares.



O samurai a levava para a rua da amargura.

Foi muito duro encontrá-lo no Midgard; muito violento para suas emoções e muito cruel para seu orgulhoso coração. Tanto tempo no Valhala esperando, desejando vê-lo subir nos braços da Nanna, e no fim o guerreiro estava na Terra, mas não em qualquer lugar da Terra, claro, as nornas não são assim amáveis; tinha que encontrar o guerreiro justo no lugar onde estaria para recuperar os objetos dos deuses em Chicago.

Se subisse ao Valhala de novo, se encarregaria das três Bicho-tesouras do destino. Embora, as conhecendo, certamente diriam algo assim como: *“Bom, não se queixe, pelo menos não o encontrou disfarçado de Hopi.”*

Dava vontade de rir.

Um homem de quase dois metros, tão exótico e tão... tão “Homem”, não ia colar nunca como Hopi. Era ridículo. Os ponchos Hopi serviriam como cachecol, e as calças poderiam servir como malha de ciclismo.

Não. Seu tamanho não era o de um Hopi.

Pensava nisso enquanto o controlava pela extremidade do olho. Miya falava com Ren e repassava com seus olhos rasgados da cor da prata desfeita os danos colaterais que foi vítima o clube noturno no qual se achavam.

Os mapa-múndis de vidro escuro na parede se quebraram. As mesas com a runa Bjarkan desenhada na madeira estavam partidas e destroçadas. Naquela zona, a maioria dos humanos que se venderam para Loki tinham tatuada aquela runa no antebraço, um «B» com os extremos em ponta que, invertida, convertia-se em «W», outra runa que falava da selvageria e mentira. Esses humanos desejavam ser como Khani e seu clã. Queriam imortalidade, e se tinham que vender sua alma e seu sangue para conseguir — o faziam sem nenhum remorso.

Uma mão um pouco fria tocou seu ombro. Róta se encolheu e se afastou como se o toque a queimasse.

—Róta —era a voz da General.

Róta fechou os olhos com força. Não queria falar com Bryn. Sentia-se mal em olhar seu rosto depois do que aconteceu no Hard Rock.

A General a esbofeteou diante de todos. Diante de Miya.

Bryn não entendia sua atitude com o samurai, e por certo era muito compreensível.

Róta enfrentou Miya e atirou sua própria espada *chokuto*. Ninguém entendia a louca situação pessoal que estava vivendo. Nem Bryn, nem Gúnnr, nem as gêmeas sabiam nada sobre seu *kompromiss*¹, simplesmente, porque ela nunca contou nada a respeito, e Bryn, vítima de sua ignorância, se enervou ao ver que tratava desse modo o vanirio no primeiro encontro com os einherjars.

Entendia a reprimenda de Bryn, mas não compartilhava suas formas. Ela lhe deu uma bofetada humilhante. Ofenderam uma à outra numa discussão pública que ia além da tensão do momento. Reconhecia sua parte da culpa, mas... Um tapa desse calibre podia esconder muita dor por trás.

¹ Kompromiss: Compromisso que se estabelece entre os casais de einherjars e Valkyrias.



A dor de Bryn. A dor dela.

Não queria pensar nisso agora. Só queria se refrescar e ficar um minuto a sós consigo mesma, embora fosse no banheiro desse clube de jotuns.

—Róta, eu...

—Me deixe, Bryn.

Tinha que se afastar dela. Seu vínculo era muito forte, embora nenhuma das duas gostasse, e a empatia que tinham uma com a outra era muito reveladora.

Entrou no banheiro das garotas. A luz titilava e iluminava seu rosto de forma intermitente. Abriu o registro e olhou fixamente no espelho.

“Freyja, é uma vagabunda. Uma eterna jogadora compulsiva. Adora jogar conosco... por que Miya não me reconhece?”

Talvez ele não gostasse dela.

Ajeitou os seios dentro do vestido, tirou o cabelo vermelho do rosto e umedeceu os lábios vermelhos e voluptuosos com a língua. Sempre foi uma Valkyria muito segura de si mesma e de seu próprio atrativo. Ficou de perfil e seus olhos azuis celestes a analisaram de cima a baixo.

—Está tudo no seu lugar, não?

Passou a mão pelo estômago plano e pelo traseiro esculpido com trabalho e muita honra. As Valkyrias não tinham gordura corporal, pois eram atletas e guerreiras e, além disso, filhas de Freyja, e a deusa não permitiria que suas Valkyrias fossem repugnantes, mas isso não queria dizer que Róta não se esforçasse para ter o corpo em melhor forma, não?

A porta negra do banheiro se abriu.

A Valkyria loira entrou cravando seus olhos turquesa no espelho.

Apertava os dentes, mas não com raiva. Era a típica expressão que alguém adotava quando estava a ponto de gritar ou chorar.

Olharam uma à outra. Bryn fez o gesto de se aproximar dela, mas Róta cortou o contato visual e molhou o rosto com água. Queria afastá-la. Não queria falar com ela, ainda estava muito zangada.

Bryn se afastou e apoiou as costas na parede do banheiro, sem parar de olhar o reflexo de sua amiga no espelho.

—Não pode ficar assim eternamente —assegurou a General.

Róta pegou um pedaço de papel do dispensador sobre o lavabo do banheiro e secou o rosto com ele, dando pequenos golpezinhos nas bochechas, testa e queixo.

— Não posso? Está segura, General? —Róta sabia muito bem qual tom usar para incomodar Bryn.

—É impossível. Você comeu sua língua, Róta. —Tentou sorrir, mas, ao ver o rosto inexpressivo de sua amiga, o sorriso não chegou aos seus olhos.

Róta girou e adotou a mesma pose de Bryn, mas apoiando seu traseiro no mármore escuro do banheiro e cruzando os braços diante de seu peito.

— O que quer agora? —Estudava os movimentos nervosos da General. O leve movimento de suas orelhas bicudas quando algo a contrariava, o tremor sutil no canto de seus lábios, a inclinação de cabeça a um lado, derramando toda sua juba loira do lado direito. Desfrutou de seu



desconforto, não por vê-la nervosa, mas sim porque só em ocasiões como essa, Bryn tirava a armadura e se mostrava tal como era. Adorável e um pouco tímida.

— O que acontece com Miya? — Perguntou Bryn de repente.

— Agora quer saber? Agora pergunta isso?

Bryn soprou e olhou para o outro lado.

— Nunca é tarde, não dizem isso neste reino?

Róta negou com a cabeça e jogou a mão com desdém e arrogância. Bryn se protegia com sua frieza e inflexibilidade, mas ela o fazia com suas próprias armas; as mesmas que faziam que todos acreditassem que se achava um ser superior, que estava acima do bem e do mal.

— Sim, é tarde para nós, General. São muitas coisas já, não acha? Estou cansada. — Ficou diante dela e a olhou como se não levassem uma eternidade sendo irmãs. — Não vou te perdoar. As Valkyrias são rancorosas.

A General levantou o olhar, vidrado e úmido, cheio de surpresa. Engoliu em seco e seus olhos piscaram.

— Não estou pedindo perdão.

— Claro. É óbvio que não. Nunca o faz. Fazê-lo suporia que se enganou — aproximou seu rosto do dela até quase tocaram seus narizes —, mas Bryn “A selvagem” nunca se engana. A General é perfeita.

Bryn elevou o queixo tremendo.

— Róta, não entendo nada. Fiz o que tinha que fazer... Não sei o que te aconteceu. Não sei por que se comportou assim. Foi inadmissível.

— Poderia ter me perguntado isso antes de me esbofetear diante dele. Suponho que há tempo tinha vontade de me acertar.

Um brilho cheio de reconhecimento e compreensão emergiu nas profundidades dos olhos de Bryn.

— Trata-se disso? É por ele? Você... se sentiu envergonhada?

— Não se trata dele! — Gritou a agarrando subitamente pelos ombros — Se trata de nós, Bryn. De você e eu! Me... Agrediu-me. Prometeu que nunca o faria! Por muito mal que estivessem as coisas disse que sempre... estaria do meu lado. — Sua voz, afetada pelas emoções, saiu oscilante. — Disse que sempre... Disse... — Apertou os lábios. — Dá no mesmo.

A General não se moveu do lugar. Esperava a bofetada de Róta, mas esta não chegou. E Bryn a desejava. Desejava uma tapa na cara para não ter que ver o rosto de decepção de sua amiga.

— Róta — Bryn engoliu e tentou dialogar com ela — Sei que...

— Não importa. — A cortou. Soltou seus ombros e arrumou as lapelas da jaqueta de pele ajustada que usava. — Não sabe nada. E não quero saber nada mais sobre você. — Limpou uma pequena lágrima que queria deslizar pelo canto de seu olho direito. — Estou esgotada, Bryn. Esgotada de sentir sua tristeza, esgotada de ver sua apatia, esgotada de empatizar com esse louco mundo interior gelado que tem. Não... Não quero. Faz-me mal.



— Sério? —A recriminou com os punhos apertados de cada lado de seus quadris. — Por sua vez você é justamente o contrário, verdade? Róta “A Desejada”, Róta “A que tudo vê e nada importa além de si mesma”.

—Você é a última pessoa que deveria me dizer isso. — Grunhiu ficando de olhos vermelhos.

— E o que fará, Valkyria? —Desafiou-a Bryn, zangada por suas palavras. — Não pode me ignorar.

— Por que é minha General?

—Não, Róta. Porque sou sua... Sou sua *nonne* —disse sem desviar o olhar em nenhum momento.

—Não. — A Valkyria agitou seu cabelo vermelho e se afastou dela. Abriu a porta do banheiro. Não queria brigar com Bryn. Não mais. Mas antes de sair do serviço acrescentou: — Não é mais minha *nonne*. Não está mais em meu coração.

Bryn levou a mão ao peito e enrugou num punho o tecido de seu pulôver negro. Isso foi muito cruel. Empalideceu e abriu os olhos com consternação.

Róta fechou a porta atrás de si e deixou sua amiga Valkyria atolada na tristeza que supunha ser escutar as palavras que rompiam a promessa entre irmãs.

Caminhou vacilante através do corredor que levava à pista principal do Underground. Sentia-se mesquinha e injusta. Mas precisava pôr distância entre ela e Bryn. Era muito duro sentir o que a outra sentia ou perceber o que a machucava ou não. Eram as duas únicas Valkyrias do Valhala que empatizavam desse modo.

Foram muito boas amigas, grandes irmãs. Mas as coisas se descontrolaram desde o que aconteceu entre Bryn e Ardan, e após se distanciaram. De quem foi a culpa? Nem sequer sabia. Foi dela? Foi Bryn a primeira a se afastar? Não importava mais.

Caminhava com os olhos cravados na ponta de suas botas negras quando encontrou com botas militares quarenta e cinco. Estavam manchadas de álcool e salpicadas de sangue de vampiro e lobacho.

Miya.

Estava vestido de negro da cabeça aos pés, com calças largas e uma camiseta de manga comprida muito justa que delineava seu corpo como uma luva. Tinha o cabelo preso numa espécie de coque baixo, mas algumas mechas castanhas caíam pelo rosto. Seus lábios mostravam um sorriso insolente e faziam que a cicatriz perfeita que tinha no queixo se estirasse para a direita. Seus olhos cinza e rasgados zombavam dela.

Róta não estava de humor para enfrentá-lo. A briga no Hard Rock ainda estava muito recente e, além disso, a discussão com Bryn a afetou muitíssimo. Mas a Valkyria nunca evitava uma briga, sobretudo se a provocavam.

O samurai estalou a língua e a olhou com intensidade.

— Voltaram a te esbofetear, Valkyria?

Miya a encurralou contra a parede, e a puxou para a parte mais escura do corredor.

No dia anterior não dormiu nada.



Desde que essa mulher pisou em Chicago estava absolutamente descontrolado. Sempre manteve a fome vaniria a raia, mediante sua disciplina e vontade, mas sentia que esta pendia por um fio desde que essa mulher de cabelo vermelho e olhos celestes apareceu.

Miya a esteve controlando desde que chegaram de Ohio Street, desde que se meteram naquela casa de três andares. Não esperou jamais que fossem em sua busca nessa mesma tarde. Mas, ao que parece, o Engel e seus guerreiros tinham as coisas muito bem planejadas.

Estar diante daquela guerreira nublava sua razão. Era seu aroma. Esse aroma um pouco ácido e doce ao mesmo tempo. A fruta suculenta e antioxidante.

Como podia ser? Como era possível? Jurou que isso nunca aconteceria, não podia acontecer. Um *sensei*² como ele não deveria ter distrações desse tipo, muito menos laços ou atrações que o pudessem desviar de seu objetivo. Aconteceu uma vez e foi suficiente.

Mas aí estava sua maior distração, na frente do seu nariz, elevando o queixo de um modo presunçoso e arrogante.

Essa mulher era um ímã ou, melhor dizendo, um eletroímã para seu corpo.

Leu algo sobre Valkyrias, mas pouco descobriu desde que desceram à Gold Coast. Deu-se conta que as descrições captavam a essência dessas mulheres, mas não as definiam em sua totalidade.

Uma valkyria como Róta era vaidosa, presunçosa, arrogante, soberba, caprichosa e incorrigível. Nunca seria seu tipo. E, entretanto, isso não era o que pensava nem seu pênis nem suas presas, que já picavam, e necessitavam que alguém acalmasse a coceira.

Esse grupo de einherjars e Valkyrias desceu para recuperar os objetos roubados dos deuses: Mjöltnir, Seier e Gungnir, que não eram outra coisa que o martelo de Thor, a Espada da Vitória de Freya e a Lança de Odín. Esses três objetos nas mãos dos jotuns poderiam provocar e acelerar a chegada do fim do mundo, o apocalipse, ou o que conheciam como *Ragnarök*.

Miya sabia que Khani conhecia o paradeiro dos objetos. O Engel concordava que, pelo menos, o Mjöltnir se encontrava em Windy City, como era conhecida Chicago, porque há dois dias uma descomunal tormenta elétrica açoitava o núcleo urbano e não dava trégua.

E o samurai estava convencido que tendo Khani em suas mãos podiam descobrir muitas coisas. Por isso foram ao Underground.

Mas Khani preparou uma armadilha e, no final, o vampiro escapou.

Agora estavam recolhendo o local e mudando as mentes dos humanos envolvidos.

O DJ estava esparramado sobre a mesa de mixer, com os fones pendurando da cabeça, mas a música continuava soando, era *Tonight I'm loving you* de Enrique Iglesias. Ren tentava ler os assistentes para ver se algum deles sabia algo sobre o paradeiro dos totens dos deuses. Seu amigo disse que tentaria seguir o rastro mental de Khani nos sistemas neurais de seus servos de sangue, embora, até o momento, não descobrisse nada. Khani era um não-morto muito esquivo.

Miya queimou os corpos dos lobachos, vampiros e desses novos monstros que pelo visto chegaram ao Midgard. Chamavam *etones*, *purs* e *trolls*, o qual mais feio e venenoso.

² Sensei significa "professor" em japonês



Essa noite não iam encontrar mais nada e era o momento de organizar uma segunda patrulha para logo tentar descansar, embora fosse um par de horas.

Mas a presença dessa mulher não o deixaria dormir, sofreria a mesma insônia da noite anterior.

— Tornou a insultar sua General? — Perguntou passando a língua pela presa que lutava para se estender. Olhou para a porta do banheiro que continuava fechada. — A matou?

Róta apertou os olhos e olhou a nula distância entre seus corpos.

— Não sou uma psicopata. Esta é uma desculpa para se roçar comigo? — Cravou a vista em sua cicatriz e teve vontade de segui-la com o dedo.

— Não vai me jogar nada desta vez? — Respondeu com outra pergunta.

Róta sorriu com prepotência e elevou uma sobrancelha:

— Isso que está pressionando meu estômago é a ponta de sua espada *chokuto*? Não posso jogar isso outra vez se estiver presa aos seus ovos.

Miya teve vontade de rir: os cantos de seus lábios tremeram a ponto de ceder à sensação da risada. Mas conseguiu permanecer impávido.

— É uma descarada. Não me admira que sua General queira-te por na linha.

Os olhos de Róta avermelharam pela indignação. Ninguém podia pôr em dúvida sua lealdade para Bryn, nem tampouco sua atitude para a missão.

Estava tão comprometida como os outros, mas havia coisas que não podia deixar passar. E, além disso, o caso era que Bryn e ela discutiram virtualmente por culpa do samurai.

— Deveria pegar o exemplo e pôr os seus na linha. — Ficou na ponta dos pés e olhou por cima do ombro de Miya. Cravou a vista em Ren. — Esse de cabelo espetado, não gosto dele. Me deixa inquieta.

Miya não passaria por aí. Ele melhor que ninguém, sabia do calvário que Ren passava. Sabia do grande sacrifício que fazia seu companheiro para que uma Valkyria ególatra dissesse como devia tratá-lo ou se podia ou não confiar nele.

— Ren é um guerreiro. Cuidado com sua língua, Valkyria.

Ela elevou o queixo e um músculo palpitou em sua mandíbula.

— Meu nome é Róta — disse, como se para ele seu nome fosse mais importante que respirar. — Poderia se dignar a pronunciá-lo uma só vez. Não vai engasgar, sabe?

Miya riu dela e franziu o cenho.

— Por que está tão zangada comigo? O que te fez?

Não entendia por que a jovem era tão arisca. Talvez também percebesse a atração e gostasse tão pouco como ele. Sim; essa mulher tinha toda a aparência de ser suficientemente forte e independente para se sentir debilitada por esse magnetismo brutal entre eles. A ela tampouco agradava.

— Não se lembra, verdade? — Róta desviou o rosto e cravou os olhos do outro lado. — É incrível...

O samurai agarrou seu queixo e a obrigou a olhar em seus olhos.

— Do que supostamente tenho que lembrar? É a primeira vez que te vejo.

As orelhas bicudas de Róta estremeceram.



—Não é a primeira vez. —Jurou ela de modo apaixonado. — O que acontece é que não entendo por que você não... —Balançou a cabeça contrariada.

—Me lembraria de alguém como você. —A olhou de cima a baixo e parou seu olhar no decote da jovem.

Róta o empurrou e se afastou. “Mas não se lembra”.

— Então se lembre!

Miya bateu contra a parede e cravou a ponta da espada embainhada no cóccix. Grunhiu e pegou Róta pelos ombros até empurrá-la contra a parede oposta. Róta queria se defender, mas Miya a agarrou pelos pulsos e os imobilizou de cada lado de seu bonito rosto.

—Com esta já são duas vezes que tenta me agredir. Aqui não há Engel, estamos só você e eu. —Afundou o rosto no pescoço da jovem. “Porra... Como cheira bem.” — Ninguém te protege e não há protocolo valendo. Se me ofender, paga.

—Entreguei sua *chokuto*³...— Sussurrou impressionada pela fome que refletia nos olhos do samurai. — Te entreguei sua alma. Não significa nada para você? A perdeu. Não me reconhece?

Miya lambeu os lábios e se centrou no rosto de Vênus da jovem Valkyria.

Róta sabia o que significava a *chokuto* para os samurais: a espada que representava a alma do guerreiro e que jamais devia se perder. E de algum modo, ele também sabia que a Valkyria sabia seu significado. Por isso, quando Daanna apareceu no Starbucks e depois Róta entrou e se viram pela primeira vez, não desperdiçou a oportunidade para deixar claro à Valkyria que não o interessava. Não devia interessar ou as consequências seriam nefastas.

Por isso encomendou a nova *chokuto* à vaniria, diante de Róta, já que sua anterior espada, a original, foi tirada por vampiros no Whisky Sky.

Quis que a jovem visse tudo. Resultado: Róta saiu chorando da cafeteria.

Mas a vida era imprevisível. Nessa mesma noite, Róta entregou sua *chokuto* original (bom, na realidade, a jogou em sua cabeça). Casualmente, o Engel e os seus a encontraram na recente inspeção que fizeram nos túneis de Chicago.

Não podia ignorar a simbologia desse gesto. Era muita óbvia e definitiva. Tiram sua *chokuto* no Whisky Sky, mas Róta a entregou de novo e isso no jargão samurai, queria dizer que jogava sua alma no seu rosto, portanto, a devolia. Essa Valkyria, não só o aturdia com seu aroma, mas também, além disso, devolveu aquilo que perdeu, a arma mais potente de um samurai. Sua essência. Sua espada. Ficou embevecido olhando seu rosto. Tinha os olhos enormes e cheios de negras e curvas pestanas. Sua cor variava entre o azul e o celeste, numa tonalidade clara e com pintinhas amarelas em seu interior. Tinha uma boca suculenta em forma de beijo, que fazia graciosas e sexys caretas, e um nariz reto, fino e um pouco arrebitado. Mas, sem dúvida, o vermelho de seu cabelo e suas sobrancelhas refletiam algo excitante e chamativo para ele: a cor do sangue indomável, da paixão, do espírito ardente e da valentia.

Levantou uma mão e enrolou dois dedos em seu cabelo, admirando sua tonalidade.

— O que você vê com minha *chokuto*?—Sabia que tinha muito a ver— O que sabe sobre isso?

³ Chocuto: Espada intimamente ligada à alma samurai.



—Sei que é um prolongamento de sua alma. Hoje... Hoje comprei um livro sobre samurais e absorvi toda a sua história.

— Precisamente hoje?

—Sim. Tenho o dom da psicometria. — Explicou com orgulho estudando o amplo peito do guerreiro. — Quando toquei a espada que encontraram nos túneis vi você... Vi você num andar, num arranha-céu. Estava olhando pela janela. Quando saímos para procurar esse forumeiro, com o *nick* de Miyaman, sabíamos que estava no Starbucks; passamos pelo Barnes and Noble e comprei O livro do Samurai. Logo o encontrei naquela cafeteria dando uma *chokuto* falsa à vaniria parte corações e então uni os pontos. Era igual ao homem que eu vi. Você era Miyaman; a *chokuto* que encontramos era sua, mas você estava dando outra à mulher pantera. É um hipócrita. Um falso. —Se pôs a rir, zombando dele. — Ela não acreditou que entregava a verdadeira. Não é tola.

Miya apertou a mandíbula e ficou assombrado pela mudança de atitude da Valkyria. Parecia que estava rindo dele. Como se atrevia?

—Só dei um presente. Um detalhe, nada mais.

—Bênção em japonês —continuou revirando os olhos, imitando o tom e as palavras que Miya disse a Daanna— “*Zan Mey*”. — Zombou ela. — De quem era essa *chokuto*? *Zan mey* é bênção em chinês. Não seria uma espada falsa, não?

—Tem um ouvido muito fino, bebi⁴ —Miya mordeu a língua para não soltar uma gargalhada. Era verdade. Encarregou-se que serigrafassem a lâmina da espada e se equivocaram ao pôr a palavra proteção no aço. Em vez de escrever em japonês o fizeram em chinês. As pessoas eram incompetentes.

Róta ficou paralisada.

—Não me chame de bebê —disse com as bochechas vermelhas como tomates. — E sou uma Valkyria, é óbvio que tenho o ouvido fino.

— Isso te ofendeu? —Perguntou sem compreender. — Por isso chorou? Por que dei uma *chokuto* a Daanna?

A Valkyria percebeu a eletricidade se agitando, despertando nela. Se Miya continuasse a incomodando, no final estalaria.

—O que me ofende é que não se lembre de mim. —Tentou dar uma joelhada na virilha, mas Miya a esmagou contra a parede e colou o tronco inferior ao dele. —Solte minhas mãos ou te lanço uma descarga agora mesmo. —Sorria com segurança enquanto o advertia.

—Adora me jogar coisas. —Pressionou os quadris contra os dela. — As Valkyrias não são muito altas, mas desprendem muitíssimo poder... — Murmurou maravilhado.

—Para de se esfregar. —Jogou o pescoço para trás quando Miya afundou seu nariz na jugular e lhe deu livre acesso. — Não te entendo... Não me recorda, mas fica duro.

—Tampouco entendo. Nem sequer me agrada. — Queixou-se deslizando os lábios por sua esbelta garganta.

Róta fechou os olhos e negou com a cabeça.

⁴ Bebi: Significa “Bebê” em japonês.



— Por que não? Sou... Sou boa. — Mordeu o lábio inferior. — Não, não é verdade... — Negou imediatamente falando para si mesma. Não queria que acontecesse o mesmo que o *chopinno* da Nanna. — Mas tento. Tento ser boa e sou divertida.

A situação saia das suas mãos.

A música se converteu numa mera cacofonia.

Ren, Aiko e os outros estavam acabando de arrumar a sala.

Bryn continuava no banheiro.

E ele só queria afundar suas presas nesse bombom com pernas. Ninguém o impediria de prová-la.

—Ouça, Valkyria... —murmurou sobre seu ombro.— Deveria me deter. Sou um vanirio e sabe o que posso fazer, não?

“Jamais. Não importa que não me recorde. Não vou te deter. Se me quer, aqui estou”, pensou emocionada.

Essa mulher adorava mandar. Mas ele também.

Ergueu seus braços acima da cabeça e agarrou seus pulsos com uma de suas grandes mãos até os colar à parede.

Os olhos de Róta faiscaram e o olharam com interesse e diversão.

Miya se apertou de novo contra ela.

— Vai me morder? — Perguntou Róta com voz rouca.

Miya se afastou ligeiramente sem deixar de entrar em contato com a parte inferior do corpo da jovem. Olharam um ao outro. Eram completamente desconhecidos. Não sabia nada sobre ela, não queria saber, mas despertava sua gula. —Nunca mordi ninguém. É muito arriscado. — E quando uma vez se decidiu a fazê-lo era muito tarde. Um autêntico desastre.

Róta sorriu com compreensão, mas seu olhar falava de ardis e conspirações.

— Gostaria de me provar? — A jovem movia os dedos das mãos que estavam presas, lutando para que circulasse o sangue nelas, e sorria com descaramento. Uma mecha de cabelo vermelho ondulado caía sobre seu olho direito. Abriu a boca e mostrou as presas. — Eu também posso morder, samurai. Venha, se atreva, grandalhão.

Quando uma mulher como Róta o olhava desse modo e falava assim era quase impossível negar seu convite. Ela o atraía. O chamava como a lua aos lobos. As Valkyrias também tinham presas.

Para que?

Seria perigoso mordê-la? Poderia parar a tempo? Por que não podia se negar? Sua mão livre trabalhou sozinha sobre o decote do vestido da Valkyria. Por que não podia dizer não? Deveria esquecê-la e rejeitá-la, mas sua mão estava acariciando a pele de seu busto. Suave. Tenra e fascinante.

O samurai passou a língua pelos lábios e suas pupilas dilataram até ficarem completamente prateadas e brilhantes. Estava ficando louco.

Róta engoliu e respirou com nervosismo.

—Me morda aí, bem onde está pensando— O convidou, se oferecendo a ele. — Me reconheça. Se lembre de mim.



O vanirio assentiu como se fosse um homem desesperado e sedento de água. Essa Valkyria não tinha medo dele nem de seus instintos; nem de nada que tivesse presas.

Miya enfiou a mão pelo decote do vestido e agarrou um seio até tirá-lo do tecido opressor. Secou sua garganta. As presas alongaram muito mais, e um animal possessivo e dominante nele, até então dormindo, saiu à superfície.

Essa carne era dele. Esse aroma era só dele. Não pela eternidade, mas sim nesse momento.

—Nunca mais volte a me atacar. — A voz de Miya era irreconhecível.

—Nunca mais volte a se esquecer de mim. Oh, por Odín! —Exclamou abrindo a boca para puxar ar.

Miya abaixou a cabeça e passou as presas por cima do mamilo cor de nata, duro como uma pedra. Fechou a boca sobre a branca pele e começou a sugar com ânsia, enquanto ordenhava o seio com a mão cheia de tatuagens japonesas.

Róta rebolou contra ele, desejando afundar as mãos naquele cabelo castanho e comprido, mas, tal e como a agarrava, só podia aguentar a deliciosa tortura.

“Está bebendo. Esta bebendo como fez Caleb com Aileen”, pensou agitada e morta de prazer. Ela desfrutou pra valer das sessões de Ethernet que Freyja passava de vez em quando no Valhala.

Alegrou-se ao comprovar que a sensação era mais maravilhosa do que jamais imaginou. No princípio doeu; as presas cravaram na pele, a feriram, mas foi uma dor acalmada imediatamente pela úmida língua e pelos lábios do vanirio. A dor se converteu em prazer intenso.

—Deuses... —Apertou as pernas porque um calor úmido parecido com fogo líquido estava se concentrando em sua virilha.— Não pare. Chupe, Miya.

O samurai se apertou contra ela e começou a balançar os quadris para a frente e para trás. Apertou seu seio com mais força e sorveu com intensidade.

Róta entreabriu os olhos desinibida pelo desejo e prazer.

—Continue, continue... —Queria se mover e se esfregar contra ele, mas estava imobilizada pelo enorme corpo do vanirio, que agora fazia ruídos deliciosos e decadentes com a boca.

Miya tinha que parar de beber. “Pare!”, dizia-se. Mas o sabor da valkyria nublou sua razão e o incitava a tomar mais e mais até que toda sua essência corresse por sua corrente sanguínea. Queria absorvê-la e que fizesse parte dele.

Jamais teve essa experiência com ninguém, e quando tentou tê-la tempo atrás, as consequências foram catastróficas e a lembrança o perseguiria por toda sua vida.

Mas o sangue de Róta o revitalizava, insuflava vida.

Era aditiva. E odiava os vícios e dependências, sempre os evitou na medida que podia. Então, o medo de cair nas redes da submissão o tirou da bruma que Róta teceu ao seu redor.

Estavam num corredor público, às escuras, num ambiente que parecia uma encenação do *Saw*. E estava bebendo dela como se fosse um vampiro!

Afastou-se de Róta com um salto e encostou na parede em frente, escondido como um animal; ficaram ambos cara a cara, a uma distância prudente. O rosto dele contrariado e o dela sufocado.



Seu sangue... Seu sangue seria sua perdição, porque nunca poderia evitar o que experimentou ao tomá-la.

Róta apenas estava em pé. Tinha um seio fora do vestido e um gotejar de sangue percorria a divisão. Mas a Valkyria continuava aturdida, olhando-o entre a vergonha e a fascinação.

— Por que está aí e eu aqui? — Assinalou o espaço entre os dois. Deu um passo para ele, mas a mão elevada de Miya a deteve.

— Não se aproxime! — Gritou. Passou a mão pela boca e limpou os cantos cheios de sangue da Valkyria. — Não se aproxime.

Róta franziu o cenho e se apoiou de novo na parede.

— Por que não? — Perguntou com voz trêmula. — Gostou. Não pode negar. Ele... Ele não pode negar. — Indicou o volume das calças de Miya que parecia uma tenda.

— Não quero fazer de novo. — Sentia pavor por esse sentimento de necessidade febril em tomar de novo sua essência.

Róta mordeu o lábio e negou com a cabeça.

— Não vou te deixar partir. — Assegurou enfiando com delicadeza o seio de novo no vestido negro. — Te esperei muito tempo, cretino. Não pode me fazer isto.

— Não deveria me esperar, não entendo o que diz. Nunca fui em sua busca. Só me chama a atenção, isso é tudo.

E apenas o brilho resistente dos olhos da garota o fez entender que podia tê-la ofendido.

— Sabe tão bem quanto eu que está mentindo. É meu *einherjars*, meu guerreiro. Meu. Não sei por que nunca subiu ao Valhala, mas foi feito para mim. Estou há uma eternidade te esperando — disse com suavidade, refletindo uma repentina vulnerabilidade que cativou o samurai, embora não demonstrasse.

Miya se ergueu e recuperou a postura de serenidade e segurança que sempre irradiava. Colocou a gola da jaqueta de pele para cima e recolocou as mechas de cabelo que soltaram do coque em seu lugar.

— Valkyria, não gostei. Foi só um impulso. — E teve a coragem de olhá-la diretamente nos olhos. — Se afaste de mim.

Um raio se concentrou na palma da mão de Róta. Esta o lançou contra Miya e acertou sua virilha. Miya caiu no chão de joelhos pressionando o pênis com as mãos. Se, segundo ele, não tinham *kompromiss* e não a aceitava, então, ela bem podia descarregar sua *furie*⁵ e fazer dano suficiente para o deixar sem respiração.

— Mas o que acontece com os homens?! — Gritou Róta furiosa. — Esqueceram-se das maneiras? Estão cegos? Acaba de comer meu seio e diz que não gosta?

— Bruxa agressiva! Vou te matar... — Disse Miya entre dentes, lutando para reter ar em seus pulmões.

— Nem pensar, pequeno gafanhoto. — Róta agachou e pôs o rosto na altura do de Miya. — Terá que se arrastar até que eu te perdoe e o deixe outra vez tocar um destes. — Levou a mão ao seio que ele mordeu. — Vou te dar tempo até que se acostume a mim e reconheça que sou o

⁵ Furie: Fúria das Valkyrias.



centro de sua existência e o sol de suas manhãs... *Não pode mais dissimular... me toca e começa a tremer...* — Entoou o refrão da música *Te sinto* de Wisin e Yandel que tanto gostava, embora mudasse um pouco a letra. — E enquanto isso, suponho que morrerá de fome, não? Enfim, já me provou, sabe o muito que gostou e sabe que sou a melhor. É um vanirio e sou seu par. Vamos ver quanto aguenta... — Encolheu os ombros. Elevou o queixo e deu um beijo forte na bochecha. — Não sou nada modesta, logo vai descobrir. Não sou como as demais mulheres que pode ter conhecido em suas vidas anteriores. Sou diferente. Mas sou sua. Não queria te machucar, me perdoe. — Sussurrou e se afastou antes que Miya a mordesse na boca.

Róta se afastou do corredor com um sorriso de satisfação nos lábios.

Miya fixou a vista no traseiro da Valkyria e jurou que antes de voltar a beber dela teriam que cortar suas pernas. Porque não ia se aproximar dessa Valkyria nunca mais por iniciativa própria.

Porque essa garota de orelhas bicudas era...

Porque era...

Arrogante e altiva.

Crédula e caprichosa.

Em definitivo: era uma Valkyria.

CAPÍTULO DOIS

Na atualidade

Em algum lugar do oceano Atlântico.

Dias atrás, tinha apenas uma única preocupação: exterminar os vampiros e lobachos, seguir o rastro de seu maléfico irmão Seiya e tentar diminuir os danos e mortes que provocava pelo seu caminho.

Dias atrás gostava de Chicago. Embora os vanirios como ele estivessem em inferioridade de condições em relação aos jotuns, desfrutava com o que faziam: proteger, servir aos deuses e defender à humanidade.

Mas isso foi nove dias atrás. Então, ainda não havia aparecido em sua vida uma mulher de olhos cor celeste e pontos amarelos em seu interior, cabelo vermelho sangue, orelhas bicudas e língua de raios e centelhas.

Então não estava louco por cheirá-la pela primeira vez.

Amora. Suculenta e selvagem.

Então, não parecia que ia morrer se não bebesse dela outra vez, nem tampouco tinha que domar nenhum leão interior faminto que reclamava sangue há todas as horas. E não um sangue qualquer, não. Apenas o sangue da valkyria.

Entretanto, essa mulher de caráter insolente e apaixonado foi raptada por volta de cinco longos e intermináveis dias. Liba e Sura, as outras duas Valkyrias que acompanhavam o Engel, o



líder dos einherjars de Odín, também sofreram o mesmo destino; também foram levadas pelos jotuns, mas elas, infelizmente, foram assassinadas. Liba e Sura estavam mortas.

Pelo contrário, Róta continuava viva.

Em poucos dias, a vida de Miya deu um tombo incrível.

Dias atrás, um grupo de três einherjars e cinco Valkyrias apareceram numa das praias de Chicago. Estes guerreiros desceram à Terra para recuperar três objetos dos deuses que foram roubados do Valhala e tinham tanto poder que, em mãos inadequadas, podiam provocar o fim do mundo.

Miya sabia que o Mjöltnir, o martelo de Thor, já não se encontrava no Midgard. Gúnnr, uma valkyria doce e valente, filha secreta de Thor, se sacrificou para salvar a vida do Engel e também a de toda a humanidade ao impedir que o martelo impactasse na central nuclear no Diablo Canyon na Califórnia. O impacto do martelo naquele ponto geográfico não apenas podia provocar uma espécie de Apocalipse na América, mas estaria bem ao lado de um dos pontos eletromagnéticos mais fortes da Terra, abrindo, sem lugar a dúvidas, um portal dimensional do qual saíam os jotuns, monstros, demônios, Loki e a mãe que os pariu do tamanho de um buraco cósmico. Mas Gúnnr evitou e desapareceu com o martelo na mão, pelos céus, a valkyria com rosto de menina, a jovem Gúnnr, se ergueu, finalmente, como a mais poderosa de todas. Por certo que Gabriel levou um bom golpe, pois estava muito apaixonado por ela.

Miya falaria com o Engel quando se vissem pessoalmente, tomariam saquê até se embriagar, embora ele nunca o fizesse, e se despediriam de sua valkyria, tal e como fizeram com as mortes de seus guerreiros e suas guerreiras: Reso, Clemo, Liba e Sura.

Agora, sem Gúnnr e sem o Mjöltnir, só restava recuperar o Seier e o Gungnir.

E Róta.

Apertou os dentes e franziu o cenho. O passado corroía suas vísceras de novo. Não queria passar por isso de novo. As emoções o destroçavam, o deixavam trêmulo e sem força, e tentava evitar na medida do possível.

Não obstante, nove dias depois de conhecer Róta, se deu conta que era impossível virar as costas ao que fervia em seu interior.

Suas necessidades só podiam ser cobertas pelo corpo e a essência vital dessa mulher, e se não conseguisse resgatá-la com vida, ambos morreriam.

“Porra, não deveria tê-la mordido”, pensou reprovando a si mesmo.

Miya olhou Bryn, a General das Valkyrias. A loira valkyria foi com ele, sem pensar duas vezes, em busca de Róta. Estava tão preocupada por sua amiga... parecia cansada e atormentada.

Ambos estivessem há muitas horas sem dormir, e mais cinco sob o corpo do helicóptero de carga militar de dupla hélice todo negro, um Boeing CH-47 Chinook. Mas não importava, porque no interior desse transporte de guerra estavam Róta e dezenas de seres mais, dos quais não podia distinguir seu aroma nem sabia qual sua verdadeira natureza, já que estavam orvalhados com aquele spray patenteado pelo Newscientists que anulava aromas.

Deviam liberar os reféns, primeiro ela, Róta, e depois todos os demais. Além disso, no Chinook também estavam a lança de Odín e a espada de Freya... Poderiam acabar logo com isso? Não sabia se dispunham de tempo suficiente.



Desde que alcançaram o helicóptero que saiu de Diablo Canyon e o pilotaram até deixá-lo sem combustível, não restava outro remédio que voar. Investiram todas as energias em se converter num míssil e triplicar sua velocidade normal porque queriam chegar até a valkyria.

Era alarmante, porque o aroma de Róta se desvanecia. Era como se a jovem estivesse deixando atrás sua essência.

Miya cravou os dedos com raiva nos esquis de aterrissagem aos que estavam cuidadosamente presos. Não suportava não poder entrar em sua mente.

Estavam escondidos, cobertos sob o corpo do helicóptero, ninguém podia os ver. Ninguém apareceria para olhar sob as portas da cabine e da fuselagem porque não sabiam que estavam lá.

Miya queria contatar com Róta mentalmente só para que a jovem se sentisse um pouco melhor e soubesse que não estava sozinha. Seu corpo e sua alma torturada agradeceriam, mas... Já não podia. “Por que não posso entrar em sua cabeça, Róta?”

Porra, perdeu o controle. Definitivamente. Passou a língua pelas presas. Ou resgatava Róta ou se juntaria com seu amigo Ren mais rápido que nunca imaginou. Estava tomando as pastilhas Aodhan, mas duvidava que teriam um efeito duradouro. A ansiedade continuava aí.

Dias atrás, aquela mulher acabou com sua serenidade e sua prudência numa só e maldita noite. Algumas horas.

Desde que a garota jogou a *chokuto* no Hard Rock, pôs todo seu mundo e sua eternidade de disciplina e respeito de pernas para o ar.

Assim, sem mais.

“Valkyria provocadora”, grunhiu.

—Resta pouco mais de uma hora e meia para que amanheça —disse Bryn. — Ou nos apressamos ou o sol te alcançará, Miya. E temos que libertá-la antes que cheguem à Irlanda.

Miya sabia que a General tinha razão. No meio do oceano estava à mercê do sol. Não podia se ocultar. Os vanirios eram vulneráveis à luz solar.

Bryn era uma valkyria impressionante. Rigorosa e ordenada. Mas Miya se deu conta que Bryn e Róta tinham uma empatia fora do comum, e a General sofria muito devido a isso. Depois que sequestraram sua amiga, às vezes, a via fechando os olhos com força e tremendo pela impressão. Não duvidava que sentia tudo que experimentava Róta em seu corpo.

Miya perguntou o que estava acontecendo com Róta, pois era impossível entrar em sua cabeça porque Róta se entrincheirou em algum lugar de sua mente. Mas sua amiga Bryn se negava a dar uma mísera descrição ou detalhe sobre o que vivia ou estava vivendo a jovem.

—Não posso. Sinto muito. —Apertou a mandíbula e saiu para o outro lado para se esquivar de seus olhos instigadores. — Pelo menos, agora está tranquila. Não... não estão fazendo nada.

— Está bem? Tem frio? Tem fome? Está muito ferida?

Bryn sorriu sem vontade e cravou os olhos no insondável mar sob seus pés. Sob a luz da noite, o mar era escuro como petróleo. O vento açoitava sua juba loira de um lado ao outro.

—Só sente dor. Só... dor. E muita tristeza —Bryn se angustiou e parou de falar por um bom momento. — Mas é tão forte, Miya... Não sabe como é forte. Não, não vão dobrá-la.

As palavras de Bryn não eram mencionadas com segurança, a General tentava se auto-convencer disso, mas ele sabia que alguns dias nas mãos de Khani, Seiya e seus capangas



deixavam em muito mal estado o espírito de uma mulher. Embora fosse tão guerreiro como o de Róta.

Ele fez muito mal a ela. Não deveria tê-la enlouquecido. Não deveria ter perdido o domínio de si mesma. Mas o olhar desafiante dessa mulher pôs tudo a perder.

Nunca esperou encontrar uma fêmea que era um furacão e uma desbocada. Os samurais e as pessoas como essa valkyria eram completamente antagônicos.

— Mordeu Róta? — perguntou Bryn sem nenhum tipo de censura em seu olhar.

Um músculo incômodo palpitou na forte mandíbula de Miya.

— Não é da sua conta.

— Sim, é. — Replicou Bryn com tom resistente. — Fazer mal a minha *nonne* se converte em algo pessoal.

— E isso me diz você, — o samurai elevou uma sobrancelha, — que, se não me lembro mal, a atingiu no rosto diante de todos os guerreiros.

Bryn se calou de repente e o arrependimento cruzou seu rosto. Um silêncio cheio de recriminações e segredos caiu sobre eles.

— Quero salvá-la, Miya — sua voz soava débil e muito afetada. — Quero salvá-la para pedir perdão e dizer que me importa. Quero recuperá-la.

— A salvaremos, Bryn. — Prometeu querendo transmitir sua confiança. — Não duvide.

Miya apertou os punhos e negou com a cabeça. “Róta”.

Agora precisava recuperá-la. Precisava resgatá-la.

Se seu irmão Seiya pôs suas sujas mãos sobre essa valkyria só porque o cheirou nela; se fez mal a Róta só porque tinha sua marca; se Seiya abusou dela só para fazer dano a ele, então, nunca o perdoaria por ser tão descuidado. “A história não deve se repetir de novo”.

E então não teria mais remédio que reclamá-la. Se Seiya ficasse com Róta, algo muitíssimo pior poderia acontecer. E não podia permitir. Seiya e ele eram gêmeos. Seu irmão sentiu o mesmo que ele quando bebeu de Róta. Esse laço gêmeo inexplicável lhe deu toda a informação que precisava.

Seu gêmeo faria o impossível para levar Róta, mas ele lutaria por ficar com a valkyria.

Assim ignoraria todas as malditas lendas que falavam sobre ele e sua maldição; profecias que falavam de mortes e destruição, embora já soubesse que eram certas. Só tinha que olhar ao seu redor. Todos aqueles que amava, morriam. Seus pais, Naomi, Ren e Sharon... Todo aquele com quem tinha um vínculo afetivo acabava desaparecendo de sua vida para sempre.

Mas não importava. Não deixaria Róta nas mãos de um desalmado como Seiya.

Tinha um plano que urdiu e visualizou em sua cabeça, pelo menos vinte vezes desde que perseguiram o helicóptero de reféns.

Miya já informou Gabriel sobre seus avanços. Roubou o telefone via satélite do piloto do anterior helicóptero e o chamou ao alcançar o Boeing. Viriam cedo ou tarde, mas, enquanto isso, só Bryn e ele podiam realizar o milagre.

— Por que você quer salvá-la? — Perguntou Bryn de repente. — Fez um grande esforço para chegar até aqui, como se fosse sua vida nisso. E não está aqui só pelos objetos. Está aqui por ela. Assim me diga: por que razão quer recuperá-la? A mordeu? — Repetiu.



Miya cravou a vista no horizonte. Pequenas luzes estáticas reluziam na água. O casco do navio sobre o qual o helicóptero ia aterrissar para repor combustível se divisava pela primeira vez depois de voar milhares de quilômetros sobre o oceano Atlântico.

Miya inspirou profundamente e ao exalar disse:

—A salvarei para dizer: *Gomen asai*⁶. Conheceu meu gêmeo mau. Mas sou o gêmeo bom.

Bryn fechou os olhos com força.

—Seiya e você são... São gêmeos idênticos? — Perguntou aterrorizada. Ela percebeu as emoções de Róta por Miya. Não queria imaginar o que sua amiga podia ter passado nas mãos de um homem cruel que tinha o mesmo rosto do vanirio que gostava. — Por isso Khani mencionou que eram como duas gotas de água...

—Sim. Fisicamente iguais. — Respondeu ele cortante. — Mas é apenas nisso que somos parecidos. Meu irmão é um ser muito peculiar... Dizem que os demônios possuem as pessoas. Acredito que o demônio nasce. E Seiya, — afirmou incisivo, — Seiya é uma pessoa demoníaca, um mal nascido, sabe? Não soube até que foi muito tarde. — Apertou a mandíbula e se agarrou com força aos esquis.

A torre central do navio militar sob seus pés começou a emitir uma luz intermitente para dar a entender aos pilotos do helicóptero que tinham permissão para aterrissar.

Só tinham essa oportunidade e não podiam desperdiçá-la. Não podiam agir antes porque Miya tinha a quantidade controlada de combustível e o Chinook devia fazer uma parada obrigatória, e se aproveitaria dessa parada. Sim, a aproveitaria muito bem.

—Se prepare, General. Agora é nossa vez. Apostaremos tudo por tudo.

Bryn se escondeu sobre o esqui negro e se agarrou ao suporte da roda lateral. Seu rosto perdeu a tristeza de instantes e agora só refletia uma profunda determinação. Assentiu com a cabeça e disse:

—As Valkyrias adoram apostas. E sempre apostamos em nossa equipe. Verá.

Miya a olhou com admiração.

—O navio tem cem metros de comprimento e uma ala aérea embarcada. A ala norte é destinada aos helicópteros. O Chinook aterrissará aí e o encherão de combustível. Logo subirá de novo e se dirigirá finalmente para seu destino. Devemos nos ocultar.

— Nos ocultar? Nem pensar. Quero voar sobre o convés. — Grunhiu raivosa. — Quero eliminar todos desse navio.

Miya negou com a cabeça.

—Não podemos Bryn. Aí embaixo há militares de humanos. Muitos deles não sabem o que este helicóptero transporta, nem sequer sabem que existimos.

— Como sabe?

—Percebo seus pensamentos —tocou a têmpora com um dedo.

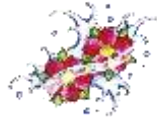
—E então, o que propõe?

⁶ Gomen asai: Significa “Sinto” em japonês.



Miya olhou a superfície lateral do navio, que tinha uns trinta e dois metros de altura. Tinha duas plataformas laterais que serviam de elevadores para transportar os aviões de ataque, e, além disso, tinha o deque inundável aberto para desdobrar as lanchas de desembarque.

—A melhor opção é saltar sobre uma das plataformas e nos ocultar embaixo dela. Se nos mantivermos suspensos no céu, o radar nos detectará. Quando o Chinook voltar a girar suas hélices o alcançaremos de novo e tomaremos o controle.



Sua pele ardia e o sangue rugia e circulava pelas áreas de seu corpo maltratadas. Feridas abertas nos braços, pernas, estômago, nádegas, costas... Não havia nenhuma parte de seu corpo que não tivesse uma marca de arranhão ou chicote, ou murro, inclusive uma marca de ferro quente.

“Sádicos de merda”.

Palpitava sua sobrancelha direita e a maçã do rosto. Estava inchada e arroxeadada.

Mas sentir tanta dor, experimentar a agonia física era sinal que ainda continuava com vida. E lutaria por sua vida até as últimas consequências. Róta permanecia sentada no meio daquela diminuta cela de cachorro. Evitava todo contato com as barras, porque o simples toque em seu corpo a deixava fraca e trêmula.

Era consciente que se encontrava num helicóptero e que, aí fora, faltava pouco para o amanhecer.

Moveu os quadris de um lado ao outro, recolocando suas nádegas açoitadas. Ardiam e picavam horrores.

Apertou os dentes e amaldiçoou cem mil vezes mais Khani e o irmão gêmeo de Miya. Tentaram arrebatá-la sua dignidade e amor próprio, tentaram a diminuir e dobrar... A insultaram, golpearam, maltrataram e tocaram em todos os lugares. Tentaram violentá-la... mas porra! Ela não deixou. Nem pensar. As surras para derrotá-la e conseguir foram mais severas após. Mas nem sequer assim conseguiram.

Uma lágrima cheia de raiva deslizou por sua bochecha arroxeadada e sangrenta.

Liba e Sura não tiveram a mesma sorte. Ela viu tudo, impotente, como se fosse um espetáculo. Os homens as sovando, abusando delas, ferindo e envergonhando de mil maneiras diferentes... Pobrezinhas.

Pobres guerreiras. Viu como Khani arrancou seus corações... E agora as gêmeas estavam mortas.

Liba e Sura estavam... mortas. “Não se quebre. Não se quebre”.

Não chorou nenhuma só vez. Nunca o faria diante deles, não choraria diante daqueles que desejavam quebrá-la e vê-la sucumbir à tortura, isso lhes daria mais poder do que já tinham. Fez menção de levantar o braço quebrado para secar a gota salgada que caía livre por seu rosto, mas as costelas doíam tanto que achou impossível.



Sim. Chorava agora, na solidão dessa maldita jaula cujas barras oxidadas queimavam e marcavam sua pele. Seu cabelo vermelho emaranhado cobria seu rosto, assim ninguém veria esse momento de frustração e debilidade.

Assegurar-se disso, de algum modo, a confortava. Não poderia liderar uma rebelião se vissem sua debilidade e fraqueza, porque Róta colocou na cabeça que sairia daqui como fosse e libertaria todos.

Os reféns que viajavam com ela nesse helicóptero foram testemunhas do que ela sofreu. Ali havia vanirios e berserkers de todas as idades cujos olhos refletiam que anularam sua vontade e partiram sua alma em duas. Por isso a olhavam com admiração, como se representasse aquilo que não puderam manter até o final: a integridade. E esse era o principal motivo pelo qual não queria que ninguém a visse nesse estado; não podia chorar e se mostrar inteira.

Afundou o rosto nos joelhos e abraçou as pernas contra o peito. Percebeu que o helicóptero descia e perdia altura. Estavam aterrissando em algum lugar, a jaula se moveu de um lado ao outro, e tentou permanecer estática, esticando cada osso e músculo machucado.

Quando pararia de doer seu corpo? Apenas respirar supunha um titânico esforço. As Valkyrias regeneravam suas feridas, mas seu corpo não respondia com sua própria energia curativa. A deixaram estropiada.

O helicóptero fez contato com terra firme, e Róta pôde escutar o som das hélices perdendo velocidade.

Passou a língua pelas presas. Doíam suas gengivas, os lábios estavam cortados e doía seu peito.

O maldito Seiya a mordeu com tanta força que a rasgou e seu piercing foi parar atrás. Khani também o fez na coxa, e o peçonhento vampiro verteu seu veneno como ácido correndo por seu sistema sanguíneo. Morria de dor.

Enojada e cheia de rancor compreendeu uma grande verdade, miserável, mas certa; havia homens como eles que desfrutavam da dor alheia. Eram maltratadores. Sodomizadores emocionais e também físicos. Eram o mal. Por que o faziam? Pelo prazer que supunha ser quebrar o outro.

Miya tinha um gêmeo fisicamente exato a ele. Um gêmeo malvado, temperamental e emocional. Louco e desequilibrado. Vil e manipulador. Róta ficou surpresa que Seiya sequer fosse um vanirio, não se convertendo em vampiro, ainda. As intermináveis horas que Seiya esteve com ela, tentando enganá-la, afundá-la e submetê-la, lutou para convencê-la que era ele na realidade seu par. Não Miya, mas ele. Quis se meter em sua cabeça e reduzi-la, mas ela não permitiu. Seiya tentou se ancorar em ideias e pensamentos que não eram reais.

Mas não conseguiu, porque, por sorte, as Valkyrias não eram manipuláveis mentalmente. E como se irritou o sádico ao descobrir!

Ela sabia quem era seu par, quem era seu guerreiro. Róta apertou os olhos e golpeou a testa repetidas vezes sobre seus joelhos. "Vampiro filho da puta e manipulador".

Seiya detectou a marca de seu irmão nela, a única dentada que Miya deixou há mais de uma semana. Por alguma razão, Seiya queria impor sua marca também. Não a queria morta. A queria para ele, a queria para fazer algo com ela... ou melhor, queria que fosse seu par diabólico,



como uma espécie de noiva de Frankenstein ou vampiresca. E tentou. Seiya também a mordeu uma só vez, mas uma e não mais. Róta se assegurou disso.

Seiya, inclusive, pretendia trocar seu sangue com ela. Mas nenhum deles, nem Seiya nem Khani, nem seus capangas, sabiam do que era capaz uma Valkyria quando a faziam se zangar ou quando se negava a fazer algo contra sua vontade. Graças a isso, ao seu particular poder, não puderam com ela. Róta podia criar um campo de proteção ao seu redor, inclusive dormindo. Era algo que podia programar de modo consciente, como um liga-desliga.

Na primeira grande surra que lhe deram estava sob os efeitos de narcóticos, e a deixaram tão cambaleante que não pôde reagir com rapidez às suas dentadas, e o campo de proteção não se manifestou. Recordou do momento com amargura.

Ainda lutava para fazer chegar ar aos seus pulmões depois das severas chicotadas quando de repente, sentiu que a jogavam no chão e imobilizavam. Enquanto Khani agarrava seu cabelo e rasgava o decote, Seiya a mordeu no seio e bebeu dela como um animal cheio de raiva.

Recordava seu sorriso maléfico e seu olhar entreaberto, satisfeitos com seus gritos de dor.

— Tem um gosto muito bom, Valkyria. — Ronronou Seiya. — Vai parar de cheirar a ele.

— Deixe-me também. — Disse o vampiro.

Khani soltou seu cabelo, para cravar as unhas na coxa e mordê-la com idêntica força na perna.

Róta estremeceu. “Afaste essa merda. Afasto isto de sua cabeça”, dizia-se. Mas estava tudo gravado em sua mente. Arrepiou-se ao recordar.

O chão frio e sujo, o peso dos dois homens em cima dela, suas feias palavras, seus golpes... Ao notar que Seiya arrancava suas calcinhas e a tocava com dedos toscos e duros entre as pernas, seu instinto de proteção estalou de novo, de repente e com tanta força que enviou os corpos dos dois monstros contra a parede. O campo eletromagnético chamecou os dois abusadores e os deixou feridos gravemente. E continuava ativo até então, até que a subiram no helicóptero e a afastaram momentaneamente de seus captores.

Mas, embora não a perseguissem mais com nenhum abuso sexual, porque para isso precisavam tocá-la e não podiam, conseguiram continuar ferindo-a e machucando. A eletricidade não fazia nada à madeira, e a açoitaram com cordas e varas.

Podia suportar... A dor. Afinal a Valkyria era uma guerreira, podia lidar com a tortura, foram criadas para brigar, não?

Outra lágrima caiu por sua bochecha e ficou em seu queixo.

Tentou sorrir com orgulho. Se pudesse, ela mesma se felicitaria e daria tapinhas nas costas: “Muito bem, Róta. Foi muito forte, Róta”. Uma espécie de tímido soluço emergiu das profundezas de seu peito, seguido por uma exalação de alívio.

Porra, não a violentaram.

Não trocaram o sangue com ela. Não bebeu sangue podre.

Não a venceram, e mesmo assim, embora as Valkyrias não tivessem por que ter traumas como as humanas, a assustaram e fizeram mal. Era indubitável, e uma realidade que o orgulhoso coração da Valkyria não podia negar nem ocultar.



Isso não perdoaria jamais. Se saísse viva dali, não descansaria até acabar com eles um a um. Ninguém tinha o direito de fazer mal gratuitamente. Ninguém.

Desejava estar com Gúnnr e Bryn. Pelo menos com elas se sentiria segura. Embora não falasse com Bryn e embora, certamente, a pobre Gúnnr estaria se flagelando por tê-la levado com ela em sua busca desesperada ao Mjöltnir. Mas não foi culpa de Gunny. Tampouco foi culpa de Bryn. Os retiros eram manobras militares e, às vezes, inclusive o mais inteligente caía nelas.

Se saísse viva daqui as tranquilizaria. Porque não ia perder tempo pensando que também as pegaram e torturaram, verdade? Nem pensar. Não podia pensar nisso. Esse pensamento tão baixo doía mais que todas as feridas físicas que puderam infligir.

Suas *nonnes* eram sagradas. Nada as tocava e ponto. Estremeceu e apoiou a bochecha menos ferida em seus joelhos.

Aí fora havia movimento. Podia escutar os passos apressados de homens correndo de um lado ao outro do helicóptero, luzes intermitentes que iluminavam a cabine dos pilotos, o som de uma comporta se abrindo, e um estranho ruído de sucção. Estavam enchendo a aeronave de combustível.

Suspirou cansada e fixou a vista na porta de saída. O primeiro que aparecesse por ali torraria. Não deixaria que ninguém a tocasse, nem ela nem os que compartilhavam seu encarceramento.

Continuava impressionada pelo quanto eram idênticos Seiya e Miya, embora soubesse diferenciá-los.

Miya tinha uma cicatriz no queixo que Seiya não tinha. Mas, antes de tudo, Miya ainda possuía alma e uma humanidade fria, mas humanidade no final, da qual Seiya já não dispunha.

“Miya... Se afastou, cretino. Estou tão zangada com você. Tão...”.

Outra lágrima deslizou pelo canto de seu inflamado olho direito.

Miya sabia tão bem como ela que seus corpos se reconheciam. Era impossível que não notasse. A conexão, o vínculo estava lá. Ele a provou e depois disso passou quatro dias sem falar com ela, sem nem sequer olhá-la. Não tentou contato telepático com ela. O vanirio que bebia de seu par podia fazê-lo, não? Podia falar mentalmente com ela; e ele, o muito déspota, a evitou. Deu-lhe as costas, se esquivou, a repudiou como se fosse uma leprosa. Acaso não gostou de seu sabor? A quem queria enganar? Ficou louco por ela. Mas o samurai tinha uma vontade de ferro.

E depois, a sequestraram e não tornou a vê-lo.

Ele era seu guerreiro, aquele feito para ela, o mesmo que deveria ter subido ao Valhala para receber seus cuidados e seu amor. Mas não subiu.

Róta chegou a acreditar que o imaginou, que a visão de seu guerreiro fixando os olhos no céu e destinando-se a ela não foi real. Mas quando o encontrou em Chicago e viu seu rosto, seus olhos amendoados prateados e notou a corrente de energia fluindo entre eles, não duvidou nem um segundo. O samurai era dela.

E ele a ignorava.

Pensaria nela? Continuaria vivo? Como estavam seus amigos? O que seria dela agora? Como supunha que lutaria sozinha?



Estava a ponto de sucumbir ao pânico e à desolação e então se fixou na murada da jaula na frente.

O pequeno menino, seu vizinho de viagem, não parava de observá-la. Esteve ali todo esse tempo. Como todos os outros reféns. O pirralho tinha o cabelo muito curto e negro, os olhos azuis muito claros que ressaltavam em seu rosto pálido e tinha uma covinha no queixo. Era um vanirio; tinha que ser porque suas pequenas presas apareciam atrás do lábio superior. Não sorria. Não piscava. Só a olhava com curiosidade como se quisesse dizer algo.

As hélices do helicóptero giraram de novo. Os motores fizeram tremer a superfície da cabine e de novo elevaram voo. Aonde iam? Seria entregue a Seiya, não tinha nenhuma dúvida, mas, e os outros? E esse menino com rosto sério e assustado? O que seria dele?

Róta não sabia lidar com crianças. Eram seres estranhos para ela, seres dependentes e vulneráveis, mas, de algum modo, esse pequeno não a incomodava. Supôs que era devido à empatia que nascia entre duas pessoas que foram maltratadas. O silêncio era agradável entre eles, e dada a situação era o melhor. Foi proibido falar nas jaulas. Os cárceres metálicos tinham um dispensador que quando detectava o som de uma voz expulsava ácido e queimava os reféns.

O pequeno moveu os lábios.

Róta levou o dedo indicador aos seus, indicando que não dissesse nem uma palavra.

O menino abraçou as pernas como ela fazia. Levantou uma mão, elevou o queixo e levou o dedo ao nariz. Inalou como um animal, como um rastreador.

“Cheira”, dizia com a linguagem não verbal.

Róta piscou uma, duas vezes. Cheira? Cheira o que?

Levantou o queixo de seus joelhos. Puxar o ar doía, martirizava suas costelas e pulmões. Tinha o canal do nariz inundado de seu próprio sangue, assim quando inalou, se engasgou e tossiu. Saltaram lágrimas pelo esforço titânico que supôs não desmaiar por causa da aflição física.

Depois do ataque de tosse, mais calma, inalou brandamente. Medindo seus movimentos.

Cheirava umidade, sangue... o sangue de seu nariz quebrado. Essas eram, sem dúvida, as essências mais potentes.

Cheirava enxofre, o fedor pegajoso dos vampiros que a tocaram e que ainda residia em suas peles. Cheirava humanos, aqueles membros do Newscientists que não tinham nada de humanidade.

Róta inalou de novo.

A gasolina e a fumaça da combustão do motor; a água do oceano, o sal... Estavam sobrevoando o imenso mar. Até agora não estava consciente disso.

Róta olhou o pequeno, franziu ligeiramente as sobrancelhas e negou cansada com a cabeça. *“Não sei o que quer que cheire, menino”*.

O pequeno colocou sua mão entre os joelhos e as abriu ligeiramente para que a valkyria visse o símbolo que fazia com os dedos. Fechou o punho e dirigiu o indicador para o chão do helicóptero. Lambeu os lábios e olhou de novo para Róta. As aletas de seu nariz se moveram repetidamente, e seus enormes e inocentes olhos a observaram de soslaio. *“Abaixo. Cheira de novo”*, insinuava.



A valkyria fixou seu olhar na diminuta mão do menino. Quantos anos teria? Cinco? O diminuto vanirio estava assinalando abaixo. Mas abaixo do helicóptero não havia nada. Só o mar. Inalou profundamente e fechou os olhos.

Repassou de novo: umidade, sangue, enxofre, gasolina, fumaça, mais sal...

Repetindo.

Gasolina, fumaça, mar, sal e...

Um brilho impregnado de descobrimento fez que esticasse todo seu corpo. Havia algo mais.

Um aroma de fruta tropical. Sutil, esquivo, doce e... ela cheirou esse perfume antes.

A valkyria abriu os olhos azuis e outra lágrima traiçoeira deslizou entre suas pestanas.

Não podia ser, mar, sal e... Coco.

Mar, sal e... Miya.

O pequeno sorriu timidamente ao perceber que ela detectou essa essência viva voando com eles.

O menino se encolheu no centro da cela e ela o imitou.

O helicóptero deu uma inclinação brusca descontrolada.

Róta não queria acreditar. Não podia acreditar.

Esse menino tinha um olfato incrível. De verdade o samurai estava lá? Veio por ela? Como pensava tirá-la daqui? Outra inclinação mais brusca.

Os objetos estavam no cofre dourado no outro extremo do helicóptero. Eram muitos reféns e alguns estavam feridos gravemente, e não ia abandoná-los. Pensou que nesse helicóptero havia coisas, pessoas, certamente mais importantes que ela. Importava? “Pois sim, e muito”, mas não era nada que pudesse discutir com ele nesse momento.

Honestamente, sabia perfeitamente qual era sua situação. Não podia se mover. Não tinha forças. Tinha vários ossos quebrados. Nessas condições não podia salvar ninguém. Portanto, se havia alguém que podia tirá-la dali não seria outro que o samurai, seu guerreiro com amnésia. O mesmo que a evitou durante toda uma eternidade, a mordeu e ignorou há alguns dias.

Mesmo que Miya não estivesse aqui por ela, não ia levar em conta, sempre e quando a tirasse desse inferno. Engoliria o orgulho que quase não restava. Não voltaria a insultá-lo.

Bom, tentaria pelo menos. Não o provocaria nem se meteria com ele. O que fosse, faria o que fosse, desde que saísse dessa maldita cela que confinava sua liberdade, sua vontade e seus sonhos, e que devastou a misericórdia que poderia ter alguma vez pelos demais.

Nunca foi uma mulher doce. Nunca foi serena nem disciplinada, mas sim temperamental, apaixonada e muito furiosa.

Tinha sangue quente. Sangue vermelho e irascível. Sangue de valkyria ferida e ofendida.

Sua alma clamava vingança.

Nada importava mais que isso.

Dois homens saíram da cabine de pilotagem, tagarelando entre eles, divertidos. Róta fixou os olhos neles e eles o fizeram nela.

Não, isso era muito mau sinal.



—Veja, Jonas —disse o alto musculoso ao baixinho raspado de pescoço de touro. — A de cabelo vermelho é espetacular, verdade?

Jonas sorriu friamente e levou a mão à barriga.

Os dois soldados se vestiam de militares e a repassavam com olhos lascivos.

—É uma espertinha muito bonita, embora lhe deram uma boa surra.

Róta sentiu asco por eles.

—É feita de raios. — Assegurou o alto com gesto incrédulo. — É como uma puta de um filme de ficção.

— E sua boquinha é feita de raios também?

Róta os olhava fixamente enquanto um deles tirava uma seringa de injeção e a golpeava ligeiramente com os dedos para expulsar o ar.

“Merda. Vão me espetar”.

Jonas ficou agachado na frente dela e a analisou de cima a baixo.

—Agora fará o que dissermos. Se colaborar e for bem, não faremos nada ao menino.

As orelhas bicudas de Róta ficaram em alerta ao ver como o outro soldado se aproximava da jaula do pequeno.

—Não o toquem ou... —Um jorro de ácido orvalhou seu ombro direito e não pôde fazer outra coisa que engolir o grito para que o dispensador não continuasse cuspidando aquela substância contra sua pele. Tremeu, ardia! Deuses, precisava sair daqui.

—Se tentar me eletrocutar — assegurou Jonas aproximando sua mão à jaula, — direi ao meu amigo Jack que dê um tiro entre as sobrancelhas do garoto. Entendido?

Nunca esteve tão irritada. A valkyria fixou seu olhar vermelho no menino, e este a olhou assustado, para logo fixar a vista na comporta de saída do helicóptero.

Róta assentiu com falsa docilidade.

—Isto que vou te dar vai te deixar muito relaxada.

—Terá que ir por trás, Jonas — disse o outro pressionando o pênis. — Seiya quer sua virgindade. É dele.

“Uma merda. Não sou de ninguém”.

—Está bem —Jonas passou uma mão pela cabeça e riu. Gostava da ideia. Olhou o seio descoberto e a cintura da valkyria. — Então, me dará essa bundinha e eu a destroçarei. Concorde?

Um relâmpago interior ressoou em Róta. Seu corpo se acendia furioso e não podia controlar. Não deixaria que fizessem mal ao menino por seu culpa, mas tampouco permitiria que esses dois humanos desgraçados abusassem dela quando um vampiro e um vanirio filho da puta não conseguiram.

Tinha amor próprio.



CAPÍTULO TRÊS

Miya e Bryn subiram nas rodas do Chinook justo no momento que este se separava da asa aérea embarcada do navio anfíbio. O amanhecer estava muito próximo, há apenas meia hora. Deviam se apressar.

Bryn tinha o olhar assassino fixo no navio. Seu cabelo loiro se movia selvagem de um lado e do outro de seu rosto. Seus olhos estavam vermelhos. Queria destruir esse navio que nem sequer se movia ao ser arremetido por aquelas incríveis ondas. O clima do Atlântico estava um pouco tormentoso. Estava raivosa e sentia rancor por tudo que ajudasse o Newscientists, consciente ou inconscientemente.

Queria vingar sua amiga.

Suas mãos se iluminaram e dirigiu a palma de uma delas ao casco do navio. Mas Miya agarrou seu pulso e a obrigou a olhá-lo.

—Não, Bryn. Se controle.

—Odeio-os, Miya. Maldito seja —grunhiu cheia de frustração.— Os odeio. Quero esfolar a todos.

—Pouco a pouco, Bryn. Primeiro a equipe de pilotagem. Terá que matá-los já e conseguir o controle do helicóptero —explicou fingindo quietude e calma. Que falso era. Ele, mais que ninguém, estava a ponto de explodir de indignação. Até agora manteve suas emoções viscerais a raia, mas intuía que não podia as reter mais.

—Então, me deixe com isso —pediu a valkyria ansiosa. — Vá por Róta.

Bryn subiu nas costas de Miya.

Este sorriu sem calidez. Seu rosto se converteu no rosto de um assassino sem misericórdia. Soltou a roda de aterrissagem e voou para a porta de entrada do Chinook.

Bryn queria fazer um açougue, mas sua fúria não era nada comparada com a que fervia no interior de Miya.

O samurai era metódico e racional. Mas já não se sentia assim, pelo contrário. Era um vulcão reprimido de lava fervendo.

Queria gritar e arrancar sua camiseta.

Queria vingar a mulher que foi maltratada e a todos os seres que se achavam confinados pelo ódio e a malícia.

Queria ser o açoite de todos, um ponto vingador sangrento, isso seria.

Subiu para a porta da cabine, cravou os dedos nela, e a arreventou, abrindo-a de par em par e deixando-a quase pendurada por uma das dobradiças.

Nesse momento, o aroma do interior da fuselagem o esbofeteou. Suor, sangue, lágrimas, raiva, impotência... Todos esses perfumes tão decadentes se aglomeravam para criar um aroma único: o desespero. O helicóptero era como um frasco pestilento que continha a essência de seres humilhados. E não havia nada que chutasse mais o estômago de Miya que a fetidez da humilhação.

Bryn se soltou e entrou no interior do helicóptero. Seus olhos estavam tingidos de vermelho fúria.



—Mas, que porra é esta?! —Exclamou Jonas arregalando os olhos com a seringa de injeção na mão.

— Bryn? —perguntou Róta aturdida, sem voz. Outro jorro de ácido caiu na mesma área que a feriu antes. Tinha o ombro em carne viva. Mordeu a língua para não gritar desesperada. A loira valkyria apertou os olhos cheia de indignação e olhou sua amiga, prometendo vingança.

Bryn se impulsionou nos calcanhares e com um salto para a frente afundou seu ombro no estômago do da seringa de injeção e o jogou contra a parede. O impacto fez que a seringa de injeção que segurava saísse voando e que sua cabeça com corte militar golpeasse fortemente contra a superfície sólida da aeronave, o deixando inconsciente imediatamente. Bryn entrou na cabine de pilotagem, e o co-piloto, que era um lobacho e mostrava as garras se transformando ali mesmo, levantou e foi por ela.

Bryn lançou um raio vermelho em sua cabeça e não parou até que ficou completamente chamuscado. Não parou até que viu que sua cara lupina era apenas osso e não havia nenhum músculo deformado nela. Sorriu como uma sádica.

Miya a seguiu e olhou ao seu redor. Os vanirios se achavam enjaulados em condições péssimas, entre eles, dois membros de seu clã que há muito tempo não via e que já acreditava perdidos. Podiam estar vivos, mas já não havia nada do porte orgulhoso que os caracterizava. Foram guerreiros uma vez, mas agora, o que restava de espírito neles?

Os dois guerreiros fixaram seus olhares apagados nele.

Miya apertou os dentes e girou a cabeça para se imobilizar, com seus olhos prateados no outro piloto que, com mão trêmula, enquanto Bryn se ocupava do lobacho, queria apertar o comunicador para enviar uma mensagem de socorro. Miya tirou uma estrela metálica do cinturão de sua calça e com um movimento de pulso a lançou certa e secamente na cabeça do piloto. A estrela entrou por sua nuca e saiu, limpamente, com um som sibilante pela boca do homem, cravando, ensanguentada, no duplo vidro fumê. Miya fixou seu olhar assassino no soldado alto que incomodava à valkyria. O homem estava paralisado, apavorado como um covarde, segurando a pistola de maneira trêmula.

Miya ainda não se atrevia a olhar para Róta. Não a olharia porque, antes de fazê-lo, devia acabar com todos eles, ou a vontade de tirá-la daqui poderia desviá-lo de seu objetivo e o distrair. Agora já estava a ponto de terminar a missão.

O soldado o mirava com a arma. Seu rosto estava pálido e assustado. “Pequeno guerreiro de merda”, pensou Miya.

O samurai tirou sua *chokuto*, correu numa velocidade difícil de detectar pelo olho humano e cortou a mão que segurava a arma.

Um jorro de sangue emergiu da extremidade cortada como se fosse uma fonte de petróleo vermelho, manchando o rosto do vanirio. Enquanto isso, o soldado gritava histérico sustentando o antebraço da mão amputada.

Miya elevou sua espada. Seu rosto permanecia sereno. Frio. Mortal. Com um movimento experiente cortou a perna contrária.

No helicóptero só se ouviam os gritos do soldado. Havia um silêncio sepulcral no interior da aeronave. Todos os reféns olhavam a cena com um brilho de satisfação em seus olhos sem vida.



Seria essa a vingança que desejavam? Não, certamente, não, pensou Miya. O que fez, foi muito benevolente comparado com o que aqueles seres, que sofreram nas mãos de homens como esse soldado, fariam se estivessem livres.

O da seringa de injeção estava com os olhos entreabertos para cima e a respiração irregular. Permanecia sem consciência. O resgate foi um êxito. Tinham tudo sob controle.

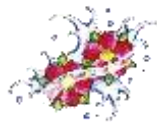
Miya observou que Bryn tirava o corpo do piloto morto e o jogava no chão, todo mole. O lobacho não tinha cabeça, a valkyria a chamuscou por completo reduzindo-a a cinzas, e agora seu corpo se decompunha diante de seus olhos. Bryn sentou na cabine de comando para recuperar o controle do helicóptero. A encantavam esses equipamentos. Podia dirigir tudo que tivesse vontade. Encarregou-se de aprender todos os manuais de voo, direção e navegação ao alcance da sua mão.

Miya apertou a mandíbula e os punhos. O aroma de amora ferida e triturada o estava matando.

—Bryn, se assegure que o piloto não deu o aviso de alarme. — Ordenou secamente.

—Não o fez. — Bryn repassou os comandos do helicóptero. — Agimos muito rápido. Foi tudo bem. — Olhou de esguelha para sua amiga ferida gravemente. — Agora, se encarregue de Róta. — Pediu com desespero.

Miya assentiu e, com lentidão, girou e encarou a Valkyria.



Róta cobriu os seios com os braços e abraçava a si mesma. Tinha o rosto afundado nos joelhos e sangue derramava por todos os lados.

As aletas do nariz de Miya se abriram e começou a respirar como um animal selvagem. O que fizeram a ela, fizeram a ele. Assim parecia, incompreensivelmente. Nada a unia a ele, exceto a incrível atração física e que seu sangue era de vital importância para sua sobrevivência; não tinha nenhum apego emocional com ela, e, entretanto sentia como ela. Ela era a mulher que devia mantê-lo vivo e completo através de sua hemoglobina; e precisamente, a essa mulher fizeram muito dano.

Enfureceu-se e se indignou. Ninguém devia tocá-la. Seus olhos ficaram como mercúrio e as presas se alongaram.

Aproximou-se da jaula. Agarrou as barras e afastou a mão ao sentir que queimava sua pele. Os ferros ardiam.

Róta não parava de tremer. Miya grunhiu, agarrou a jaula de novo e suportando as queimaduras feitas pelo ferro incandescente a arrancou dos pregos que a prendiam ao chão. Jogou a jaula através do orifício da comporta e esta caiu no oceano.

De repente Bryn tocou o ombro de Miya. A jovem não afastava os olhos turquesa do corpo de sua amiga.



—Deixei o helicóptero no piloto automático — murmurou com voz trêmula, tentando não incomodar uma vulnerável Róta. — Vou liberar os outros. Você... Você a cure, por favor. — Estava visivelmente angustiada.

Mas Miya não a escutava. Agora não mais.

O que era essa mulher encolhida como um inseto? Onde estava a beldade agressiva e descarada de cabelo vermelho? Estava ali, sob todas essas feridas. As que se viam e as que não.

O guerreiro pôs um joelho no chão e estendeu uma mão trêmula para o cabelo vermelho e embaraçado da valkyria. Ela se afastou ligeiramente ao notar seus dedos em seu couro cabeludo.

O corpo do samurai estremeceu e seu coração chorou em silêncio. Não estava bem o que fizeram com ela. Observou o interior daquele inferno e procurou algo com que pudesse cobri-la. A garota só usava calcinhas negras de couro, e de resto estava completamente nua. Pegou a cortina negra que separava a cabine do piloto do resto do Chinook, e a arrancou com um forte puxão. Agachou de novo ao lado de Róta e colocou brandamente o tecido negro por cima de seus ombros convulsivos.

—Já estou aqui, desbocada — disse com voz rouca. Enfiou o braço por baixo de suas pernas e outro ao redor de suas costas e a levantou, segurando-a muito perto dele. A valkyria estava tensa e dura como uma pedra. Doía tudo e sabia por que inclusive doía nele. Que empatia mais estranha e incômoda.

Róta elevou o olhar pouco a pouco para o dele.

Miya a olhou por sua vez. Tentou falar mentalmente, porque se sentia tosco e inútil com as palavras, tinha a garganta seca. Mas nem podia nem sabia o que dizer. Ficou frustrado e embalou seu corpo mais perto dele, passando calor. Seu calor.

No fundo se ouviam os gemidos de Bryn ao tocar as jaulas e as arrancar de suas travas, liberando todos os reféns feridos e debilitados por tanto tempo em confinamento e maus tratos.

Róta o olhou e não sorriu. Não agradeceu por resgatá-la. A primeira coisa que saiu de seus lábios arroxeados e ensangüentados foi uma ordem coberta de recriminação.

—Me cure. Faça que desapareça a dor.

Um músculo palpitou no queixo do samurai.

— Como posso te curar? — Apenas lhe ocorria que podia fazer um intercâmbio de sangue com ela. O sangue vanirio era muito forte e curava e revitalizava aquele que bebia dele e mais ainda se, o recebedor em questão fosse seu companheiro. Mas não se atreveria agora. Queria a beber inteira e não sabia se podia parar. E, além disso, precisava que ela estivesse disposta ao intercâmbio. Uma mulher que passou pelo que sem dúvida ela passou, certamente não estaria disposta a se deixar morder, não?

—É meu guerreiro, suas mãos me curarão. — Abafou um gemido de dor. — Só tem que me tocar. Passar... —Engoliu. — Passar as mãos por minhas feridas. —Apoiou a testa em seu largo ombro. — Preciso ficar bem. Estou cansada da dor.

Miya olhou atrás, por cima de seu ombro. A competente Bryn já tinha soltado os cativos. Muitos deles continuavam sem se mover devido ao endurecimento de seus corpos. Enquanto a General se encarregava dos demais, podia se encarregar de Róta.



Miya sentou no banco do co-piloto com ela nos braços. Curar a valkyria com as mãos? Isso era novo.

A noite dava lugar ao dia. Os vidros do Chinook estavam pintados e não faziam mal, como os do interior da fuselagem. O sol saía no horizonte marítimo, e o astro da manhã, longe de ser uma esfera brilhante e luminosa, parecia uma bola escura através dos vidros.

Luz que não o incomodava. Uma que estava em sintonia com seu humor.

—Feche a porta, Bryn. Que não entre nem um raio de luz no interior —ordenou Miya, colocando com cuidado Róta sobre suas pernas. Quando Bryn obedeceu, Miya se centrou na valkyria de cabelo vermelho e sentiu uma repentina e estranha admiração por ela. Essa mulher não perdia nem seu orgulho nem sua soberba embora estivesse muito imunda nesse momento. — Aqui? Curo você aqui, desbocada?

—Não, claro que não. — Replicou com sarcasmo. — Pode esperar que eu sangue por completo... Onde a não ser aqui? Acha que vou aguentar isto muito mais? — Grunhiu mordaz. — Passe as mãos pelo meu corpo, guerreiro. Não vou te contagiar com nada ruim.

Os olhos prateados do samurai brilharam com interesse. Retirou uma mecha de cabelo da testa e o colocou atrás da orelha bicuda. Tinha as marcas de dentes nela. Róta moveu a orelha com desconforto, incomodada pelo toque. Quase não podia tocá-la em nenhum lugar de seu corpo. Não havia lugar que não tivesse uma ferida ou uma marca.

— Quem fez isso? —perguntou com voz de aço. —Quem a mordeu na orelha?

A valkyria olhou para o outro lado e seus lábios tremeram.

“Seiya. Foi meu irmão”, pensou envergonhado. Ficava doente quando pensava em tudo que a garota em suas mãos devia ter sentido. Apertou os dentes e ficou tenso.

—Foi seu clone quem fez isso. — Respondeu tentando não dar importância, embora o tremor de sua voz a delatasse.

O rosto de Miya se converteu em granito.

—Não deve se alegrar em me ver. Por certo que me olha e o vê...

—Não —respondeu ela imediatamente colocando seus dedos em sua masculina boca. Por que o tocava se ele não queria que o fizesse? Era tola. Mas não podia evitar. — Não diga isso. Não é verdade. — Negou, não sem esforço, com a cabeça.

— Por que não? Somos idênticos. — Replicou furioso por esse detalhe.

— Não. — Ela negou com a cabeça, e um sorriso que não chegou aos olhos se desenhou em seus lábios machucados. — Você é mais feio, samurai, e isso me basta.

Miya agradeceu o gesto de Róta. Queria que ele se sentisse bem, que acreditasse que era diferente desse monstro que tinha por irmão. Os olhos do homem se encheram de calor. Não a incomodava vê-lo? Isso era muito bom sinal, porque se supunha que ambos fossem ficar íntimos. O faria por ele mesmo, e também porque não deixaria passar a oportunidade de se vingar de Seiya.

Passou os dedos pela maçã do rosto inchado e sangrento e uma estranha luz surgiu de suas pontas. A energia que saía dele cicatrizou os cortes da bochecha, da sobrancelha, o nariz inflamado e fez desaparecer os hematomas. O samurai ficou estupefato. Que porra era isso?



—Não compreendo nada, valkyria. — Sussurrou maravilhado ao ver o rosto imaculado, são e saudável de Róta. Observou a mão com fascinação, girando a palma acima e abaixo. — Como pode ser?

—Disse isso. É o *kompromiss* entre a valkyria e seu guerreiro... — Róta apertou os dentes e fechou os olhos com força. — Não importa. Continue, por favor...

— Ah, não? Não importa? —Miya estava hipnotizado pelos olhos e boca dessa mulher. Sem sangue nem feridas eram realmente incríveis. Ele tinha curiosidade por essa história do *kompromiss*, mas primeiro ia curá-la.

Róta espremeu o tecido negro entre suas mãos até que os nódulos ficaram brancos. Não suportava carregar tantas dúvidas e perguntas a respeito dele. Para Róta não havia nada que estivesse mais claro: o samurai de olhos prata, cicatriz de pirata e sorriso diabólico era dela. Por isso sentiu tanto sua reserva e a distância que manteve; embora claro, o que se podia esperar de um guerreiro que não subiu ao Valhala para ficar com ela? Róta não esperava amor. O amor era estúpido e bobo.

Mas queria cuidados mais ardentes. Os que as Valkyrias recebiam de seus guerreiros. Os que ela não recebeu dele.

— Por que me deixou sozinha? —Perguntou de repente. — Bebeu de mim, samurai. Não se comunicou comigo nenhuma só vez depois. Em Chicago percebi você ocasionalmente passeando por minha cabeça, mas aqui não. —Murmurou olhando fixamente o tecido que cobria seu peito e ombros. Miya não se atreveu a falar com ela telepaticamente quando estavam em Chicago, mas ela o sentiu. E quando a sequestraram esperava mais que nunca que a acalmasse com sua voz, que demonstrasse que não estava sozinha, mas... ele se calou como uma tumba.

Miya sorriu interiormente. Róta falava como se ele fosse sua propriedade. Caramba, estava tão aliviado em voltar a vê-la e... tocá-la. Uma sensação tão incrível e ao mesmo tempo tão doentia.

—Tentei todos os dias. Mas você não me deixou. — Descobriu seus ombros.

—Não me venha com essa. Não é verdade. — Replicou irritada. — Eu teria deixado. Eu... esperava.

—Não me chame de mentiroso. Não sou. — Respondeu com voz fria, deixando cair o tecido pelas costas cheias de marcas da jovem. Não se via as asas tribais que, aparentemente, todas as Valkyrias tinham em suas costas. Miya olhou receoso por cima do ombro, não queria que ninguém mais visse a pele do que devia de Róta. Sabia que todos a viram meio nua, mas ela estava vulnerável e desprotegida. Agora o tinha. Ia protegê-la e ninguém mais a olharia sem seu consentimento. Se fosse verdade que eram companheiros de sangue, seriam um casal em quase todos os aspectos. Não parou para pensar se aquela afirmação parecia muito possessiva. — Queria falar com você, mas algo me impedia. — Miya tentou se meter na mente do soldado que continuava inconsciente e comprovou que não podia tampouco entrar na dele. Recordou as canetas que emitiam sinais que bloqueavam frequências mentais, como as que utilizaram para interrogar Khani na Fermilab para impedir que o vampiro se comunicasse com os seus. Ele mesmo tinha uma no bolso. Gabriel a entregou. —Devem estar usando um anulador de frequências gama.



— Fechou as queimaduras do ácido e grunhiu com mau humor. Foram uns açougueiros. — Os cortarei em fatias.

—Não podíamos falar nas jaulas. — Explicou ela estudando sua reação. — Se o fizéssemos...

—Sei. Estou vendo. — Disse entre dentes. O soldado que sobreviveu desejava ter morrido quando o interrogasse. Passou as mãos pelos elegantes ombros em carne viva. Malditos selvagens.

—Ouça, Gúnnr está bem? Sabe algo do Engel? —Fechou os olhos ao notar como as mãos do vanirio acalmavam sua dor e fechavam suas feridas.

A carne aberta se regenerava e cicatrizava à perfeição. Apoiou a cabeça no peito de Miya e se entregou à sensação de estar momentaneamente a salvo. “Deuses, que satisfação”. Por fim um pouco de carícias depois de todas as surras que lhe deram. Esfregou sua bochecha no peito dele e ocultou seu rosto agradecido entre o tecido negro que a cobria parcialmente. Inalou sua essência de coco e todo seu corpo relaxou.

—Não se preocupe com isso agora. —Murmurou Miya com voz rouca sobre sua cabeça. Bem, a valkyria o acalmava. Tranquilizava. Era como um sedativo para seus instintos alterados, e um estimulante para os mais protetores. — Gabriel apareceu no dia seguinte que a sequestraram. Graças a ele obtivemos muita informação que nos faltava e por isso conseguimos a encontrar. Recuperamos o Martelo, mas Gúnnr desapareceu nos céus com ele.

Róta se ergueu e apertou os olhos.

— O que quer dizer com Gúnnr desapareceu? Minha *soster*⁷ retornou ao Valhala?

Não exatamente, pensou Miya. Acariciou as costas com as mãos, concentrado em seu trabalho. Era assombroso ter essa capacidade. As ruguinhas de dor no rosto da valkyria estavam desaparecendo pouco a pouco... Passou os dedos pelas duas covas que a jovem tinha de cada lado do cócix. Miya deixou o queixo cair e um lamento saiu de seus lábios. Tinha a pele furada, como se faltasse carne sobre o osso sacro.

—Que filhos de uma cadela... — Como infligiram tanto dor a uma mulher? E o código de honra?

Rota grunhiu e balançou a cabeça, açoitada de novo pela dor.

—Com cuidado...

—Sinto muito, *bebī*. Sinto que tenham feito isto. Sinto não poder evitar. — Cicatrizou e regenerou as feridas com a magia de seus dedos.

—Não me chame assim. — O recordou. — E não se atreva, samurai. — Disse elevando os olhos assustados para ele. — Não tenha pena de mim. — Odiava a compaixão, sentia-se insegura e raivosa por esse sentimento. Um guerreiro sabia qual era seu destino e o aceitava com prazer. Foi educada para isso. — Me vê como uma mulher e te dá pena que me tenham feito sofrer. Mas não sou fraca. Aguento bem a dor. Sou uma guerreira, uma mercenária de Odín e Freyja. Não vou chorar porque me acertaram. Não choro.

⁷ Soster: Significa “irmã” em norueguês.



Os olhos cinza de Miya a observaram com reconhecimento aberto e sincero. Na jovem brilhavam as imensas e avermelhadas esferas azuis, e tinha as bochechas cheias de sulcos de lágrimas que, indubitavelmente, derramou. Isso fez que, surpreendentemente, se desfizesse por ela e queria limpar seu rosto com beijos. Que mulher tão contraditória!

—Não se confunda. Não desperta compaixão, valkyria. — Assegurou deslizando as mãos adiante, até abranger o torso nu. Abriu os dedos e cobriu toda a sua caixa torácica. Seus ossos eram menores que os de um homem, sua estrutura mais delicada e suas formas mais suaves que as de um macho e, entretanto, nesse pequeno potezinho cheio de essência de amora, havia uma mulher mais forte e valente que muitos homens que conheceu. Era uma guerreira da cabeça aos pés, mas das de verdade, forjadas no fogo da guerra e da paixão. Uma valkyria. Observou os dois soldados humanos que se regozijaram com a dor e a impotência de sua mulher —Esses daí se vestem com suas roupas de camuflagem, raspam o cabelo no estilo dos antigos espartanos e carregam armas com que podem matar homens e mulheres sem necessidade de estar na frente deles e os olhar nos olhos enquanto perdem a vida por sua mão. Eu acredito que não há melhor honra que poder olhar nos olhos daquele que arrebatou a vida. Tem que carregar isso, e vai acompanhá-lo até seu último suspiro. É nossa responsabilidade. Pelo contrário, estes soldadinhos lançam granadas e bombas de seus aviões, a milhares de metros de distância; se escondem atrás de uma janela e disparam na cabeça. Colocam explosivos em segredo, quando todos dormem, e logo os fazem explodir quando há mais vida ao redor. São mercenários, não são guerreiros como você. Despertam-me compaixão porque acreditam que são valentes ao fazer isso, e se enganam. Não há honra em seu modo de lutar. Pelo contrário, você apenas me provoca reverência, valkyria.

Miya não estava só cicatrizando suas feridas, estava falando com respeito e sinceridade. Com uma calma que até agora, e devido às estranhas circunstâncias quando se conheceram, não refletiu para ela. Passou as mãos pelo ventre plano e arroxeadado, pelos quadris machucados e centrou seus olhos em seus seios. O vanirio apertou os dentes e mostrou suas presas.

Róta engoliu e se cobriu inconscientemente.

—Não se cubra, ou não poderei te curar, *bebī*. — Lambeu os lábios. A carne vulnerável estava arroxeadada com tons azuis e amarelos. Tinha sangue e a pele estava rasgada.

—Te disse que...

—Psiu. Morderam você. — Grunhiu.

—Sim, me morderam. — Levantou o queixo e com falsa segurança se descobriu diante dele. — Seu irmão tem os dentes muito compridos.

— Bebeu dele? — Rugiu.

Róta jogou os ombros atrás e o perfurou com o olhar.

— Bebi dele como se tivesse outra opção? Está louco? — Sussurrou entre dentes. — Acha que não me obrigaram a isso? Acha que me ofereceram uma taça cheia de sangue como se fosse um Martini Rosso? É imbecil! Vá fazer sudoku! — indignou-se com a insinuação.

—Me desculpe, não queria dizer isso.

— O que queria dizer então?!

—Fizeram um intercâmbio com você.



—Não! É óbvio que não! Não... Não os deixei. — Tentou descer de seu colo, mas Miya a manteve no lugar.

—Está bem. Não tem nada se...

— Disse que não! Acha que não fui suficientemente forte para me proteger deles? Para lutar? Está me ofendendo. — Seus olhos ficaram vermelho rubi.

—Estive doente estes dias pensando que a fizeram trocar sangue. Khani me disse que foi de meu irmão.

—Seu irmão bebeu de mim, sim. — Replicou ela secamente, ofendida por sua falta de confiança. — Khani bebeu de mim. Submeteram-me, Miya. Mas não bebi deles em nenhum momento. Eu-não-sou-de-ninguém. — “Porque você nunca quis ser meu como eu queria que fosse”.

Miya franziu os lábios numa linha fina. Isso queria dizer que, até que Róta não fizesse uma vinculação sanguínea com ele, total e completa, Seiya poderia compartilhar seus pensamentos com ela. Isso era muito perigoso.

Seria como ter Seiya em sua própria equipe. Saberia de seus movimentos.

Quando um vanirio bebia de uma pessoa podia se meter em sua mente e manter uma comunicação mental. Ficou pensativo até que assentiu, e decidiu que Seiya não ia revoar muito tempo na cabeça dessa beldade de cabelo vermelho. Não importava tudo que Róta sofreu em suas mãos. Agora estava com ele e se encarregaria de protegê-la. Bloquearia Seiya até que se acontecesse o intercâmbio entre ele e Róta.

Seu irmão Seiya o fodeu de muitas maneiras ao longo dos séculos. Era ambicioso e sempre quis o que era dele.

Agora Róta estava com ele. Algo que Seiya desejava estava com ele. Bem, se asseguraria de foder seu irmãozinho. Levaria o objeto de desejo de seu irmão com ele e a faria dele. Seiya perderia sua oportunidade desta vez, não ia se adiantar.

—Khani já está morto. — Assegurou, levando suas mãos morenas e cheias de tatuagens japonesas aos seios feridos da valkyria.

—Alegra-me, é um filho da...

Róta baixou o olhar estupefato para seu busto. Miya a estava acariciando ali. Era um toque impessoal, destinado só a curar, mas, porra! Parecia tão bom... As feridas maiores fecharam e o corpo cada vez doía menos, por isso sentiu tanto a carícia nessa área. Agarrou à ampla mão esquerda de Miya. Estava passando seus dedos por cima dos orifícios abertos pelas dentadas e tremia até os joelhos.

—Relaxe, *bebê*. Não vou te fazer mal. — Sussurrou Miya com um olhar cheio de concentração.

Róta sabia que ele não a feriria, mas suas defesas a obrigaram a manter sua musculosa e ampla mão entre os dedos, enquanto ele manobrava em sua carne aberta.

—Parece um cirurgião. Está brincando de médico comigo. — Tentou brincar Róta.

Miya nem se alterou. Continuava concentrado, acariciando com reverentes dedos os mamilos, curando os cortes e dentadas, as chicotadas e escoriações.



Róta mordeu o lábio inferior. Tinha os seios muito sensíveis para uma inspeção desse calibre. O momento não era o mais adequado para pensar que Miya estava colocando suas mãos nela, mas se sentia bem ao ser apalpada desse modo. Definitivamente, era uma pervertida.

Mordeu o lábio para não gemer, mas não controlou a força com que apertava o pulso. Miya parou e a olhou com preocupação.

— Te machuquei?

Róta levantou uma sobrancelha vermelha e negou com a cabeça, enquanto suas bochechas avermelhavam adoravelmente.

O olhar do samurai escureceu. Passou um longo dedo sobre o corte que cruzava de cima a baixo do meio dos seios da jovem.

Essa garota tinha um corpo explosivo, e tentaram arrancar sua sensualidade a golpes, mas não conseguiram. Ela era assim, e não podiam aniquilar nem seu DNA, nem sua constituição. Sua suposta companheira de sangue era muito boa de ver. Isso era bom ou mau?

—Então, gostou. — Disse ele baixando o tom de voz. Uma mecha castanha escura se liberou do coque baixo que usava e roçou a cicatriz do queixo.

Róta quis a tirar de seu rosto.

“Que rosto tão exótico e varonil tinha esse homem”.

— Se importa que eu goste, samurai?

—É minha companheira de sangue, não? Minha *Hanbun*⁸. Suponho que me importa que esteja bem atendida. E me alegra ver que continua viva. Do contrário, cedo ou tarde me tornaria um vampiro devido à abstinência. Nunca devia te morder.

—Aceite. Era inevitável. — Levantou o queixo, insolente.

—É. Era inevitável, definitivamente. Terei que beber de você mais constantemente. — A estudou tentando averiguar em sua expressão um gesto de asco ou rejeição. — Os deuses quiseram que fosse minha companheira.

—Então, não vai negar mais? —Perguntou esperançosa. Miya estava decidido a aceitá-la e reconhecer que tinham um vínculo especial. Sabendo disso, as coisas seriam mais fáceis entre eles, poderiam deixar as bases de sua relação mais claras.

—Não posso negar, depois de passar quatro dias sedento e morto de fome desde que te provei, é óbvio que é minha companheira. Foram quatro dias eternos. Seu sangue é um vício para mim.

—Mas não te agrado. — O olhou fixamente. Não se sentia ofendida por isso. De fato, a divertia.

—Eu a você, tampouco. — Encolheu os ombros. — O desejo vanirio é inexplicável. Une casais completamente contrários, como você ou eu.

— Como sabe que nos daríamos mal? — Esse vanirio estava louco de pedra. Ela era perfeita, seria uma companheira ideal. Obviamente, teria que retificar algumas coisas nele que não gostava nada, como por exemplo, que fosse tão direto e sério. Mas tudo, com disciplina, acabava se aprendendo. Tinha um longo trabalho adiante e Miya sorriu de modo evidente.

⁸ Hanbun: Significa “metade” em japonês.



—Pelas mesmas razões pelas quais tem uma lista de coisas que gostaria de mudar em mim. Não nos conhecemos, Róta. Não entendo por que esperava algo de mim inclusive antes de me conhecer... O pouco que sabemos um do outro não gostamos muito. Mas a vinculação vaniria é assim. Nossos corpos parecem se entender. — Passou um polegar pelo mamilo, acariciando amavelmente e este ficou duro como um grão-de-bico. — E essa vinculação do *kompromiss* parece que se rege por princípios parecidos. Não podemos lutar contra nossa natureza. Temos que ser suficientemente honestos para reconhecê-la e aceitá-la. É nossa realidade. É honesta?

—Sempre. Sou Rota a... A Honesta. — Disse confusa. Isso era uma grande mentira.

Rota seguiu suas mãos com os olhos. Agora desciam até as coxas, e curavam e acalmavam o ardor das chicotadas e queimaduras. Quando suas pernas deixaram de ter marcas e feridas, as mãos do vanirio penetraram entre suas coxas, até roçar com seus dedos o vértice entre elas.

—Espere. —Ela o deteve e negou com a cabeça. Se Miya a tocasse aí, nesse momento, perderia o controle, e não deixaria que chegasse tão longe num avião infestado de reféns, e menos ainda depois de ter vivido essa experiência traumática. — Agora não.

—Mas está ferida. — Sussurrou com a voz carregada de desejo e as presas completamente expostas.

Róta esteve a ponto de rir quando viu que o vanirio estava com muita tesão, por mais que tentasse dissimular. E ao que parece, era incrível o que esse homem tinha entre as pernas. Esfregou-se contra ele com malícia.

— Lembra do que te disse no Underground?

— Que não ia me deixar provar outra vez um de seus seios até que não merecesse isso? — Perguntou aturdido.

—Exato.

— O que tem a ver com o que quero fazer agora? — Espetou-a impotente, desejando tocá-la justo onde o proibia.

—Pois ver, meus seios são como dois Kinder Ovos, mas o que tenho mais abaixo é a galinha poedeira dos Kinder Ovos, entendeu? Não vai diretamente ao grande prêmio. Não vai me tocar assim num avião, garanto, embora me doa um pouco. Sou muito hedonista e muito exigente, vanirio. Se for colocar a mão...

—Não estou colocando a mão, convencida e egocêntrica valky... — replicou ofendido e exposto.

—Como quiser. —Deu razão a ele como aos tolos e deu dois tapinhas amistosos na sua bochecha. —Relaxe, já sabe: passar cera... polir a cera... Se for colocar mão, vai fazer direito, se centrando plenamente em mim, e sem pessoas respirando ao nosso redor. Depois de quatro dias confinada, torturada e submetida; depois que não falou comigo nenhuma puta vez, embora fosse para me dizer a hora, acredito que é o mínimo de atenção que mereço. Não?

Miya se enervou e sorriu.

—Então, orelhinhas pontudas, perdeu sua oportunidade. — Deu uma tapa amistosa na bunda. — Ninguém me diz o que tenho que fazer. Sou um samurai e não me submeto a ninguém.

Rota levantou com a cortina negra ao redor de seu corpo como um vestido tubo sem mangas. O samurai lhe deu uma tapa. Como tinha que fazer... fez um nó para que se mantivesse



bem fechado na altura dos seios, e recolheu o cabelo vermelho e enredado. Seus olhos sorriram divertidos.

Deuses, sentia-se melhor. Já não doía nada. Só o orgulho por ser vista em horas tão ruins. Mas de resto, sentia-se bem e em forma. Louvado fosse o *kompromiss* e o *helbredelse*⁹.

—Pequeno gafanhoto. — Se inclinou e murmurou no ouvido— por muito mau que te pareça, por muito diferentes que sejamos um do outro, você e eu sabemos que vamos pular como autênticos selvagens mais cedo ou mais tarde. E quando começar com você, bonito — levou seus lábios à sua bochecha áspera e a acariciou com eles, — não vai querer que eu pare jamais. E fará, exatamente, tudo que eu pedir. Asseguro isso.

Miya tinha muito autocontrole, mas a voz de Róta, seu aroma de amora reconstituída, e seu novo estado de saúde fizeram que sua ereção aumentasse e endurecesse além da conta.

Que os deuses os capturassem confessados, porque ele, melhor que ninguém, sabia que anularia do corpo de Róta qualquer aroma de Seiya; e a limparia conscientemente, a fundo. Seiya a queria para ele, verdade? Tentou levá-la. Pois ia foder seu irmão. Desta vez, seria ele quem se jogaria à mulher que desejava. A maré tinha mudado.

—Acabo de descobrir que teremos bom sexo. — Jurou se levantando e a olhando de cima abaixo. Ajeitou a calça.

— Sexo sujo e pervertido? — A encantava brincar. Adorava ver como Miya abria os olhos assombrado quando soltava uma de suas pérolas por seu boquinha. O que restava ver e ouvir...

—Exatamente esse tipo de sexo. Que acontece quando não há emoções pelo meio.

— Temos um *kompromiss*? —Róta ofereceu a mão.

Miya a tomou e se inclinou para dizer no seu ouvido.

—Temos uma relação de conveniência. Você me alimenta e eu a manterei bem satisfeita.

Olharam-se fixamente um ao outro.

Róta sorriu com interesse. Não havia emoções. Era verdade.

Nenhum dos dois se suportava, mas a atração física estava ali. Por que não aproveitá-la? Bastava saber que Miya a reconhecia como sua valkyria, ou sua *Hanbun*, ou sua companheira vaniria... Mas, pelo menos, já reconhecia quem era ela.

O sexo cairia muito bem para esquecer o inferno que passou nos últimos dias. E agora, por fim, tinha seu guerreiro para poder tirar sua virgindade de uma vez por todas e saborear o mel e o fel de uma boa cama.

Miya também deixou claro. Não havia risco que nenhum dos dois se fizesse mal. Não havia risco que lhe fizessem mal de novo, estava vacinado contra isso.

Róta não se apaixonaria nunca, e esse samurai frio e calculista tinha um coração gelado que mal pulsava.

Estavam a salvo.

—Miya.

A voz de Bryn os tirou de seus pensamentos.

⁹ Helbredelse: A cura que existe entre einherjars e Valkyrias.



Róta fixou o olhar claro na General. Tinha olheiras e estava pálida. Róta nunca a viu tão cansada, nem acabada. Bryn a olhou rapidamente só para se assegurar que já não tinha nenhum arranhão, nem feridas como as que viu. Ao ver que estava melhor, afastou os olhos turquesa de seu corpo.

Miya se aproximou de Bryn e prestou toda a atenção. Tinha tirado uma caixa de madeira de um compartimento secreto do helicóptero.

— O que aconteceu? — perguntou o samurai.

— Não estão. — Respondeu Bryn.

— O que não estão? — Disse sem compreender.

— Nem Seier, nem a Lança. A arca está vazia. — Assinalou a caixa de madeira aberta no fundo do helicóptero.

— Estavam neste helicóptero... — Murmurou Róta às suas costas. — Vimos quando as colocaram...

— Podem ter tirado ao aterrissar. — Miya se meteu dentro do compartimento e apalpou a parede interna com os dedos. Havia uma pequena comporta que dava ao exterior da aeronave. — Abriram a comporta externa e as tiraram...

A comunicação por rádio do helicóptero se ativou até que uma voz disse:

— Fiquem atentos. O Chinook número um caiu faz vinte e quatro horas depois de sair das costas americanas...

Sem perder um segundo, o samurai agarrou o soldado que continuava inconsciente e o induziu a despertar. Antes que o homem abrisse a boca, Miya o olhou diretamente nos olhos e ordenou que respondesse como se não tivesse acontecido nada, que falasse com normalidade.

O soldado, ainda confuso e com as pupilas muito dilatadas, foi levado bruscamente até os comandos do piloto e impelido a falar com o emissor da mensagem.

Miya olhou a placa de identificação do piloto morto e disse ao perdido jovem:

— É o piloto Stuart. Diga que faz meia hora que saiu do navio anfíbio com direção à costa irlandesa. Sem contratempos.

O soldado repetiu o discurso do vanirio palavra por palavra.

— Entendido. — Responderam do outro lado da linha. — O segundo Chinook caiu no mar. Fiquem atentos, não há rastro dos pilotos e, certamente, sofreram um ataque. Enquanto isso, em duas horas os esperam em costas irlandesas para recolher os reféns. O senhor Seiya está esperando sua puta. Continua viva?

Miya olhou para trás e cravou seus olhos prateados em Róta. Ela não assentiu, mas o samurai sabia que, pelo menos, já não sentia dor.

— Sim, continua viva. — Respondeu o soldado.

— Perfeito. Avisem-nos assim que seu Chinook tocar a terra.

— Sim, senhor.

Quando cortaram a comunicação, Miya agarrou o soldado pelas lapelas da camisa militar e o jogou contra a parede.

— Quem estará em Cork?

— S-só um grupo receptor do Newscientists... E Seiya. Ele mesmo queria receber sua...



—Volte a dizer puta e arranco sua língua. — O advertiu Bryn com fria e cortante voz.

Miya olhou de esguelha para Róta, que tinha o olhar fixo na General, a meio passo entre o assombro e o receio por escutar essas palavras mortais que saíram dos lábios da loira.

— O que há em Cork? — Perguntou Miya fechando os dedos sobre a garganta do humano. — Onde pensavam em deixar os reféns?

—Há uma área... Um armazém abandonado. Ali é onde deixam todos os monstros que recolhem da América, e logo os distribuem de Cork para outros lugares para estudo e manipulação.

— É possível que haja mais reféns nesse armazém além dos que hoje vão chegar?

—Não. Levam todos a uma única localização... Um grupo de monstros está destruindo suas sedes e liberando reféns, e vão levá-los todos para um lugar mais seguro.

Miya sabia quem eram esses monstros. Os vanirios, os berserkers, as Valkyrias e os einherjars.

— Onde? —Sacudiu-o. — Onde os levam?

—Não... Não nos disseram.

— E os totens? Aonde os levam? A que parte da Escócia?

—Não sei... Só sei que Seiya, uma vez que tivesse a mulher, se reuniria com Cameron num castelo numa das ilhas escocesas.

“Cameron... Esse nome já foi mencionado por Khani”, pensou Miya.

O louco doente de seu irmão sempre acreditou na lenda dos Futago. Queria Róta com ele porque a considerava imprescindível para seus objetivos, tal e como considerava imprescindível Naomi. A profecia deixava bem claro. Seiya queria agora essa valkyria, a necessitava.

Mas Róta era sua valkyria.

—Há mais de setecentas e noventa ilhas na Escócia. — Anunciou Bryn cruzando os braços e olhando o soldado como se fosse estúpido. — Não sabe em qual delas?

—Não sei.

Num arrebatamento de raiva, Miya apertou os dedos com força ao redor da traquéia do soldado e a partiu, matando-o no ato.

—Cuidado, vanirio. — Disse Bryn elevando uma sobrancelha loira. — Poderia matá-lo. — Acrescentou sarcástica.

—É um abusador e um assassino. — Miya se ergueu e olhou o morto com desprezo. “E queria abusar de Róta.” — Não pararemos em Cork, não podem nos ver. Precisamos de um lugar escuro, a luz diurna nos mataria e eles estão muito fracos. — Assinalou os ex-reféns. — Precisam ficar num lugar que possamos nos ocultar até o entardecer. Então poderemos pedir ajuda. — Pegou o telefone via satélite que carregava com ele desde que alcançaram o primeiro Chinook e disse: — Chamarei Gabriel imediatamente. Ele nos dirá um lugar no qual ficar. Além disso, virão nos ajudar a recuperar os totens.

Bryn assentiu e olhou ao seu lado para se assegurar que Róta ouviu o mesmo que ela, mas a valkyria estava ajoelhada diante do pequeno vanirio.

A única criança entre os retidos.



Róta não era nada maternal. Sempre disse que não gostava nem de crianças nem de animais. Mas estava ali, vestida com esse trapo negro e o cabelo vermelho embaraçado, falando com esse menino.

Bryn ficou olhando o pequeno e, imediatamente, sentiu uma ternura inata por ele. Estava tão machucado, olhava Róta com tanta solenidade... Parecia um pequeno homem decidido a receber todo tipo de ordens de sua nova amiga valkyria. O pequeno não sabia com quem se aliou. Róta tentava falar com o pirralho, mas o menino não abria a boca para nada.

—Mas bom, garoto... E sua língua? —disse Róta com os braços cruzados. —Precisa falar.

O menino negou com a cabeça, mas mostrou a língua para que visse que é obvio que sim, que a tinha. Que ninguém a comeu.

—Johnson não pode falar... —respondeu uma voz masculina e muito rouca pela falta de uso.

Era um dos dois homens que pertenceram ao clã de Miya.

Róta se aproximou dele e seus olhos se tornaram uma fina linha azul.

—Johnson é como um mudo —explicou o guerreiro fisicamente desgastado — ... mas, embora pudesse falar mentalmente, agora não pode fazê-lo porque há um sinal no helicóptero que bloqueia esse tipo de comunicação e frequência. Assim economizam possíveis rebeliões entre nós. — Sorriu sem vontade. — Como se isso fosse possível.

Róta girou para encarar Johnson e o pequeno a olhou imperturbável.

— É mudo? —perguntou sem maldade, mas com a sinceridade que a caracterizava.

Johnson tinha a típica expressão de “Não me interessa o que está me dizendo e por isso vou te ignorar”.

— O que sabe dele? —perguntou Bryn se aproximando do guerreiro.

— Só sei que pertence às Highlands.

—Não estamos seguros de poder anular a frequência neste momento. —Miya olhou para Róta e guardou o telefone no bolso da calça militar negra. Não estavam seguros porque Seiya podia entrar na cabeça de Róta e averiguar todos os seus movimentos através dela; enquanto existisse essa frequência no helicóptero não poderia falar com Rota. Acabava de falar com Gabriel e já sabia qual seria seu próximo movimento. — O Engel já avisou aos clãs da Europa para que nos deem uma mão. Não vamos para Cork. — Assegurou olhando a General. — Bryn, pegue o controle do helicóptero. Vamos para a ilha do Man. Temos combustível suficiente para chegar até lá e burlar Seiya. É nosso único modo de ganhar tempo.



CAPÍTULO QUATRO

Bryn levou o Chinook até a insólita ilha do Man. Esta ilha, situada entre a Grã-Bretanha e Irlanda, fizera parte antigamente dos reinos da Escócia, Noruega e Inglaterra, e na atualidade fazia parte das seis nações celtas junto com a Irlanda, Cornualha, Escócia, Gales e Bretanha.

Róta observava a panorâmica da ilha do helicóptero. Não era mais que quinhentos e setenta quilômetros de verdes cordilheiras e frondosa vegetação.

Dirigiam-se ao Lynague Cave, umas cavernas de rocha natural bem ao lado do mar, no noroeste da ilha.

O Chinook entrou magistralmente pilotado por Bryn através das cavidades abertas dos escuros rochedos que desembocavam no mar irlandês. O pequeno Johnson tinha os grandes olhos anis fixos na figura loira da valkyria, impressionado ao ver como a jovem pilotava a aeronave.

Róta se divertia ao comprovar que o pequeno parecia embevecido com o corpo e a pessoa da General. Entretanto, Johnson continuava sentado muito perto dela, a vigiando e olhando de vez em quando, assombrado porque já não tinha nenhuma ferida nem em seu rosto nem em seu corpo. Se Johnson soubesse como Miya tocou seu corpo para curá-la dessa maneira, o pequeno sofreria um trauma. O que não teriam visto esses olhos inocentes nas mãos do Newscientists?

Róta não se considerava compassiva nem misericordiosa, mas uma criança era sempre mais vulnerável que o resto e isso era uma verdade que inclusive ela podia chegar a compreender. Que culpa tinha ele para viver o que viveu? Por que?

— No que está pensando, valkyria? — Miya, que estava sentado no chão com as pernas cruzadas na frente dela, a estudava com aqueles olhos cinza e rasgados que a deixavam nervosa e ansiosa igualmente. — Está bem? Te dói algo?

— Estou bem. — Respondeu Róta sem afastar a vista da ilha.

Miya sabia que a cabeça dessa mulher devia ser um viveiro de ideias e impressões. Mas Róta não só tinha aparência orgulhosa. Róta tinha a imperiosa necessidade de aparentar fortaleza e fazer acreditar aos outros que era inquebrável. E Miya não duvidava que era, mas todo mundo, mortal ou imortal, tinha seus próprios limites. E ela não era diferente do resto. No entanto, não havia modo disciplinado nem tampouco suave para transmitir o que ia fazer com ela de maneira iminente e inegociável. Por muito tato que quisesse induzir em suas palavras, a verdade era que precisava se alimentar dela, pelo bem de todos.

— Extraí o localizador GPS do helicóptero para que não saibam para onde nos dirigimos. Quando o Chinook tocar a terra vamos explodir. As frequências gama desaparecerão e a comunicação telepática poderá ser retomada de novo. Isso quer dizer que ficará vulnerável a Seiya e que ele poderá acessar você mentalmente.

Róta afastou o olhar da janela opaca e se centrou nele.

— E não podemos permitir isso. — Concluiu ela entediada. Miya negou com a cabeça. — E... O que pensa fazer?

Miya a analisou de cima a baixo. Um exame completo, foi o que fez.

Róta levantou as duas sobrancelhas e lambeu os suculentos lábios.



— Isso? Quer fazer isso já? — Sua voz tremeu pela excitação. — Não sei se é boa ideia. Não acredito que...

— Tem que sair daqui com meu sangue por suas veias e com uma comunicação fluída entre nós. Não há mais opções. Estando na sua mente poderei manter Seiya afastado, longe de nós. Ele não pode te encontrar, não podemos permitir, então beberei de você.

A valkyria o escutou com muita atenção.

Seiya a queria, mas, por que era tão importante? Por que não a esquecia? Era apenas uma valkyria. E entretanto, como bem disse o samurai, era a única que continuava sob a influência do gêmeo psicopata, e Róta odiava estar sob a influência de algo ou alguém. Queria se livrar de suas venenosas garras. Quanto antes fossem os traumas, melhor. Tomou a decisão rapidamente: se deixaria morder por Miya.

— Tem certeza que seu irmãozinho não bebeu de ninguém mais? Pode ter bebido do resto. — Olhou os presentes ali. Afinal não era a única sob seu poder. “Róta, nunca foi covarde. Não seja tola”, disse a si mesma.

— Não. Meu irmão não bebe sangue nem de crianças, nem de homens, nem de mulheres... Isso o transformaria e é algo que não quer.

— Por que continua sendo um vanirio, Miya? Por que não se converteu ainda num vampiro? Não tem nada para manter sua alma e sua consciência. — Perguntou com interesse. Notou que a cabecinha de Johnson se apoiava em seu ombro e o olhou de esguelha com estranheza. O pequeno continuava olhando a General, mas as pálpebras começavam a pesar. — Por que seu irmão veio por mim?

O samurai apertou a mandíbula, um sutil movimento que refletia seu desconforto. Levantou lentamente e a olhou da altura que essa posição proporcionava.

A *Yogen*¹⁰ da anciã *Itako*¹¹ era muito clara e precisa.

Miya não queria acreditar em profecias, mas as videntes do Japão nunca se enganavam. Por muito quis enganar a si mesmo, mas, no fundo de seu coração, sabia que a profecia era verdadeira, do mesmo modo que Seiya estava plenamente convencido de sua veracidade.

Desde crianças foram marcados por aquela profecia. Uma *Yogen* que datava de mais de mil e quinhentos anos de idade e que narrava a luta de dois irmãos iguais que compartilhavam uma mesma alma.

Um faria o bem, o outro faria o mal.

Ambos iam querer o mesmo, e a luta para conseguir aquilo que desejavam poderia levar a humanidade a dias de luz ou dias de escuridão.

Era a eterna luta entre o dia e a noite.

Alguns o chamavam de final dos tempos, outros de Apocalipse, e ele, como vanirio transformado por deuses escandinavos, sabia que se tratava do Ragnarök.

¹⁰ Yogen: Significa “profecia” em japonês.

¹¹ Itako: Significa “vidente” em japonês.



Essa profecia continuava fresca em sua mente, inclusive depois de se converter em imortal, inclusive depois que os séculos transcorressem entre sangrentas lutas e uma solidão desesperadora.

Nunca poderia esquecer da *Yogen* e isso significava que, tarde ou cedo, teria que enfrentar seu irmão na vida ou morte. A aparição da valkyria acelerou a situação e o momento estava mais próximo que nunca.

A profecia era complexa, e não tinha nem vontade nem tempo para contar tudo a Róta, sobretudo porque ela poderia ter muito poder nessa luta entre o bem e o mal. Tal e como mencionava a *Yogen*, Róta era uma mulher dupla, com potencial para o bem e potencial para o mal. Era uma peça chave e a verdade era que não confiava nela para revelar algo tão transcendental a alguém com tanto ego.

Róta podia ser impulsiva, desafiante e... cruel. A via egoísta e interessada, e eram qualidades que Miya não podia compartilhar jamais.

Quanto menos a valkyria soubesse, melhor.

O grande problema residia que esse modelo de virtudes, de seios suculentos, rosto de pecado e olhos insolitamente travessos, era a única que podia o manter cordato. Suas mãos pivacam pela ansiedade de tocá-la e suas presas ardiam porque estava desesperado por saboreá-la. Tinha muita disciplina, mas, assim que voltasse a prová-la, poderia compreender de onde nasciam todos esses instintos e, uma vez que se familiarizasse com seu funcionamento, começaria a domá-los e deixaria de ficar à mercê dessa mulher.

O autocontrole era básico para a sobrevivência.

—Desce aqui mesmo, Bryn. — Ordenou Miya sem afastar os olhos prateados do corpo de Róta.

A General assentiu e obedeceu as ordens do vanirio.

Róta apertou os olhos e tremeu o canto dos lábios onde se desenhava um soberbo sorriso. Esse homem estava sedento dela.

Pensar nisso, longe de enojá-la ou assustá-la, a agradou muito.

“Por fim. Quero isto. Quero-o de verdade. Quero que me morda e que faça todas essas coisas sórdidas que os vanirios fazem com suas companheiras. E o que é melhor, quero fazer tudo”.

Róta não se enganava. Passou por uma experiência traumática, era verdade. Mas não era das que se encerravam em si mesmas e não superavam os limões que a vida podia lhe dar. Não que fosse despreocupada, não se tratava disso. Centrava sua mente no agora, e isso a obrigava a não reviver o passado, nem visualizar nada do futuro. Seu presente era que estava viva; que embora a tivessem machucado, continuava respirando e tinha seu guerreiro na frente de seu nariz, o mesmo que esperou durante tantíssimo tempo no Valhala.

Centraria-se nisso. Haveria tempo para lambar as feridas, haveria tempo para recordar a dor, haveria tempo para a vingança, mas não agora. Alguém a quem ela esperou durante toda uma eternidade, alguém que devia complementá-la e completá-la, queria ficar com ela. E esse guerreiro, se o brilho faminto de seus olhos de mercúrio não a enganavam, queria mordê-la imediatamente.



“Fantástico. Vamos a isso, campeão”.



O Chinook aterrissou no interior de uma das grutas da Lynague Cave. A água do mar criava impressionantes lagos cristalinos através dos quais se podia ver o fundo e o chão de pedra e rocha da caverna.

O fluxo erodiu as rochas e pouco a pouco arrancaram fragmentos das paredes até criar imensas cavidades, grutas marinhas ocas e espetaculares.

Bryn ajudou a sair cada um dos membros dos clãs torturados. Alguns tremiam os joelhos e caminhavam com muitíssima dificuldade. As mulheres olhavam ao redor com uma desconfiança total de seus arredores. Os traumas iam demorar para curar. Esperava que o tempo curasse todas as feridas desses pobres guerreiros.

Quando o último guerreiro desceu do helicóptero, Bryn se dirigiu a Róta. O pequeno vanirio continuava adormecido sobre o ombro da valkyria.

A General fixou o olhar na jovem de cabelo vermelho, sua *nonne*, alguém que estava muito zangada com ela.

—Tire o pequeno daqui, por favor. — Pediu educadamente Miya.

Bryn se aproximou de Róta. Esta afastou a vista e cravou os olhos na parede da frente.

As coisas não estavam bem entre elas, pensou Bryn. Esperava que o tempo também pudesse acertar suas diferenças. Percebeu que Róta se fechava à sua empatia. A jovem não queria que ela sentisse nada do que experimentava em seu interior.

Bryn não quis dar mais importância da que tinha, que era muita, mas agora devia se centrar em Johnson e em deixar a sós Miya e Róta.

Agarrou o pequeno e o pegou nos braços. A cabecinha morena caiu como peso morto sobre o ombro da General, despertando um estranho desejo em seu interior e uma grande ternura.

—General, um par de membros da Black Country se dirigem aqui para recolher os guerreiros e nos dar uma mão. — Ofereceu o telefone. — Gabriel entrou em contato com eles. O Engel chamará para saber como estão as coisas e ter nossa posição exata.

Bryn pegou o telefone via satélite e logo olhou fixamente o samurai.

—Tome cuidado com ela. Trate-a bem. —Bryn advertiu Miya em voz baixa enquanto saía do Chinook com Johnson nos braços. Trancou a comporta e os deixou a sós.

Claro que sim. Bryn sabia o que ia acontecer ali dentro.

Róta também sabia e por isso não queria compartilhar com ela nenhuma emoção.

Bryn sorriu e se uniu aos guerreiros.





Róta continuava sentada no chão com as costas apoiadas na parede e os joelhos recolhidos entre seus braços. Olhava o vanirio que queria beber dela e o fazia medindo a intensidade de seu desejo.

Sem dúvida, Miya tinha sede. Muitíssima sede.

O samurai estendeu a mão com a palma para cima e moveu os dedos sugestivamente, animando-a que se apoiasse nele para levantar.

Queria controlar a situação. Um samurai como ele era resistente a expressar qualquer tipo de emoção, mas isso não queria dizer que não as tivesse.

Róta não moveu um só músculo.

— O que vai acontecer entre nós quando beber de mim? — Perguntou ela com gesto inquisidor.

— Também beberá meu sangue. É o único modo de te manter presa a mim. A vinculação vaniria é feita mediante três trocas de sangue.

— E sexo. — Acrescentou Róta levantando pouco a pouco e o comendo com os olhos, deslizando as costas pela parede metálica, roçando nele como uma gatinha.

Miya assentiu. Seus olhos refletiram um tímido brilho de diversão e deixou cair a mão sutilmente rejeitada.

— Meu corpo te reconhece como minha *Hanbun*. Não há volta. Quanto antes nos vincularmos será muito melhor para nós. Ao beber um do outro, poderemos manter contato telepático sempre que quisermos.

A valkyria meditou sobre suas palavras e deu um passo para ele embora ainda os separasse uns dois metros de distância.

— Meu corpo te reconhece como meu *einherjars* — assentiu ela dando outro passo e movendo os quadris de modo sedutor. — Não devemos nos negar isto, não? E deveria estar louco de feliz por encontrar por fim um Happy Meal tão delicioso como eu. — Nesse momento Róta não se considerava muito bonita, nem usava roupa que gostaria de usar, nem maquiagem, nem nada que a embelezasse ainda mais. Só tinha seu descaramento, sua vaidade e sua inteligência. E a última — a inteligência — dizia-lhe que Miya não estava contando toda a verdade. Ocultava algo e não sabia o que. Se bebiam sangue um do outro se uniriam mentalmente e ela poderia saber tudo que quisesse sobre seu guerreiro e sobre o que fosse que estava escondendo. Isso jurava a ele. A Ethernet que Freyja passou no Valhala sobre os casais vanirios como Caleb e Aileen refletia que desfrutavam bebendo sangue um do outro. Ela também gostaria, não? — Mas devemos estabelecer algumas normas. Não suportarei que esteja rondando por minha mente. — Advertiu levantando uma sobrancelha vermelha. — Quero meu espaço e minha intimidade.

O exótico rosto de Miya não mostrou nenhum tipo de expressão.

— Chegaremos a um acordo. — Murmurou mal movendo os lábios.

— Não, amigo. — Negou com elegância. — Não aceito acordos. Sou muito independente e não tolero bem que me controlem, nem tampouco que me ordenem.

— Estou muito longe de te ordenar, valkyria. Não tenho direito a isso. Recorde que não nos agradamos e que a nossa é uma relação de necessidade. Enquanto entender isso, não teremos problemas.



Róta sorriu satisfeita.

Fantástico. Veio-lhe a canção *No strings attached* do N'Sync à mente.

—Nos daremos muito bem, então. — Assegurou a jovem dando outro passo para ele, a ponto de tocar seu torso com seus seios.

Estando tão perto dele, viu as diferenças reais entre Miya e Seiya, pelo menos, as mais significativas.

O samurai diante dela era sério, impassível e muito frio, mas tinha ao seu redor um halo de bondade e uma expressão de serenidade em seu rosto que fazia que tivesse vontade de se apoiar nele apenas para deixá-lo um pouco nervoso. A valkyria queria arrancar todo esse autocontrole e ver o que estava sob tanta capa de autoproteção.

Seiya era o irmão mau, que disfarçava com cinismo e falsa amabilidade toda a crueldade que continha sua alma negra. Cada olhar de Seiya jurava vingança e clamava por um poder e um reconhecimento que acreditava que lhe pertenciam por direito próprio. Esse homem sádico tinha o senso de humor e a desenvoltura que faltava em Miya, mas, apenas com um olhar a deixou arrepiada.

Miya e Seiya.

O responsável e o rebelde.

O correto e o corrupto.

O sério e o desenvolto.

O bom e o malvado.

Dois gêmeos idênticos, duas caras de uma mesma moeda. “O que aconteceu entre eles?”, se perguntou enquanto admirava as esplêndidas feições desse macho vanirio.

Miya era um desafio para ela e não havia nada melhor para Róta que um bom desafio.

—Muito bem, samurai. — Apoiou a palma de sua mão sobre o peito do macho. O coração bombeava forte e decidido, justo como ele estava. A pele sob a camiseta desprendia tanto calor...

Miya inspirou lentamente e se ficou tenso ao cheirar a excitação da valkyria. Tinha as palmas das mãos úmidas e os músculos tensos. Estava a sós com ela num helicóptero e iam trocar sangue, as presas explodiram em sua boca e passou a língua por elas.

Os olhos de Róta se dilataram mostrando interesse pelo que fosse que acontecia atrás desses lábios masculinos. Se tinha que lamber algo, ela também queria fazê-lo.

Surpreendeu-se ao se dar conta que teve que se armar de coragem para ficar nas pontas dos pés e se inclinar para ele. Ela tomaria a iniciativa. Queria o beijar.

O fôlego de Miya esquentou seus lábios, mas o homem não apenas não se movia, mas além disso, tinha os punhos apertados como se fosse lhe dar um murro a qualquer momento.

“Tanta força, tanta fúria reprimida...”, pensou Róta enquanto acariciava seu peito com a mão. Esse homem relaxava alguma vez? Esse macho se desinibia?

—Ouça, samurai. — Disse no seu ouvido se apoiando na ponta dos dedos dos pés. — Tem fome?



No momento que ela disse isso, sentiu que a mão de Miya rodeava sua nuca e puxava uma mecha de cabelo vermelho até inclinar-lhe o pescoço para trás e expor a linha de sua garganta.

Ela o olhou entre suas longas pestanas mogno e sorriu com descaramento:

—Sim, acredito que isso é um sim... Argh!

O vanirio enfiou as presas na jugular e agora sugava com força e bebia dela. Teve vontade de rir, pela alegria que sentia ao receber a dentada de seu *einherjars*.

“Por todos os deuses, não há nada mais erótico que isto”.

Ele fazia estranhos barulhinhos de prazer e ela ia ficando relaxada entre seus braços.

Róta era boa. Não só fisicamente. A jovem tinha sabor de amora, esse sabor que o deixava louco. Tinha gosto e cheirava a essa fruta silvestre e ele tinha vontade de chorar ao se dar conta do quanto esteve esfomeado por ela há quase uma semana. Como pode resistir? Como pôde se afastar dela nos dias posteriores à mordida no Underground? Graças à sua inquebrável disciplina, claro. Mas depois que a levaram, e agora que a tinha em seus braços, a disciplina não era suficiente.

Frustrado porque não podia se saciar, empurrou o pescoço mais atrás e escutou com orgulho o som de prazer e luxúria que a valkyria deixava escapar de seus lábios. Sim. Gostava tanto quanto ele.

Deslizou uma mão por suas costas até pousá-la sobre uma de suas rígidas nádegas. Róta era dura, estava em forma. Sorriu; nesse traseiro podia picar gelo.

—Ouça, acredito... Acredito que deveria parar. — Murmurou ela.

O samurai não faria isso.

O sangue o enchia de vida, de luz e de algo parecido com alegria. Essa valkyria lhe dava poder.

Mas tomando sangue, também se recebiam as lembranças.

Miya pôde ver tudo. Viu tudo. Tal e como aconteceu na primeira vez que bebeu dela; viu terras cheias de luz e vida, seres estranhos que jamais viu, tigres de bengala, templos de ouro maciço, anões, homens muito altos e loiros vestidos com túnicas, hordas de guerreiros imortais, céus com mais de duas luas e intermináveis entardeceres, mulheres de orelhas bicudas lançando flechas, maçãs que davam de presente o dom da imortalidade...

Mas, além disso, agora se acrescentavam novas lembranças e desagradáveis: cada segundo, cada minuto nas mãos dos Newscientists; o que Seiya tentou fazer com ela; o que Khani queria fazer com ela; sentiu sua dor física e emocional, e se assombrou ao perceber a fortaleza mental dessa mulher. A manusearam, golpearam, feriram e insultaram, mas Róta não se rendeu em nenhum momento.

A dor dela se converteu na dele. Ofendeu-se e o feriu ver a morte de Liba e Sura através de seus olhos; o incomodou recordar através dela a bofetada de Bryn; e se sentiu mal de como se comportou com ela no Underground, por muito que a garota tivesse gostado.



As coisas pareciam de outra maneira quando se colocava na pele do outro.

—Miya, maldito seja... Pare... Disse que...

O vanirio levantou a cabeça bem a tempo de ver como os olhos mágicos de Róta se tornavam vermelhos. O pânico se desenhava em seu rosto e respirava muito rápido. Desviou seu olhar até a mão que ela apoiava em seu peito. Alguns fios de eletricidade de cor vermelha rodeavam seus dedos, e mantinha sua expressão assassina, a que usava quando ia lançar uma descarga elétrica contra alguém. O olhava avisando o que podia acontecer se não parasse.

—Vai me deixar seca, maldito. — Disse ela com um grunhido.

Miya franziu o cenho. Estava muito longe de deixá-la seca, mas Róta tinha as pupilas dilatadas... Sentiu medo, embora não quisesse reconhecer. Era uma mulher que sofreu vários tipos de abuso e não ia esquecer assim tão fácil.

—Não. — Disse ele docemente, soltando o cabelo e colocando sua mão em sua nuca, para massageá-la e relaxá-la. — Não, Rota. Sei até que ponto posso beber de você. Assustou-se, isso é tudo.

O fundo vermelho dos olhos da valkyria ficou mais brilhante e mais claro.

—Não tenho medo de nada. —Cuspiu. — Mas quero desfrutar disto e se me deixar inconsciente não poderei fazê-lo.

O canto esquerdo do lábio do guerreiro se elevou de maneira impertinente. Seus olhos prateados seguiram o fio de sangue que caía através de sua garganta e passeava agora por sua clavícula. Levantou a mão e afastou-lhe o cabelo do pescoço.

—Vou fechar a ferida. — A avisou antes de inclinar e tocar a pele tão sensível com os lábios e a língua.

Róta enredou os dedos no coque do samurai, o puxou ligeiramente e ameaçou.

—Sugue agora e te chamo. — Sussurrou ameaçadora. Fechou os olhos ao notar a língua quente e escorregadia de Miya pela garganta. Fogo. Puro fogo...

Miya abriu a boca e a pousou sobre os dois orifícios que deixou suas presas em sua pele. Essa língua a estava marcando e toda ela estava ficando tensa. Apertou as pernas para acalmar o ardor que se acumulava em seu sexo. Sentiu a lambida preguiçosa sobre as duas feridas e só faltou outra lambida para gozar ali mesmo.

Ele se afastou com lentidão, ligeiramente mais relaxado, e se encontrou rodeando-a com os braços, abraçando-a como se fosse algo precioso e único.

Era uma mulher muito forte e ao mesmo tempo muito vulnerável. Surpreso, retirou uma mecha de cabelo do rosto e a colocou atrás da orelhinha bicuda. Uma guerreira ácida e doce ao mesmo tempo. Perturbador.

— Está bem? —Perguntou admirando seu rosto em êxtase. Róta abriu os olhos lentamente, e acreditou retornar de um mundo paralelo onde só existiam as cálidas sensações da língua de seu guerreiro. Seu *einherjars* lento e silencioso. “Este homem é meu. Este corpo é meu”.

Ela assentiu movendo a cabeça acima e abaixo e passou a língua pelos lábios.

— Me toca? —perguntou ainda sob os efeitos da sedução de Miya.

Ele voltou a repetir esse estranho gesto com o lábio, que pretendia parecer com um sorriso.



—As Valkyrias têm presas. Por que? Que eu saiba não se alimentam de sangue. — Meditou a despindo com os olhos e se concentrou nas pequenas presas brancas de Róta. — Embora agora terá que se alimentar de mim.

—Parece ser por que gostamos de marcar nossos guerreiros. Somos... possessivas.

— É? —Levou as mãos ao nó do lençol negro que cobria esse corpo curvilíneo. Só se permitiria dar uma olhada, verdade?

—Suponho. Eu sou. —Encolheu os ombros. — Está me despindo. — Não era uma pergunta.

—Estou analisando a mercadoria que me pertence. —Tocou com o dorso dos dedos a parte superior de seus seios. — Vi tudo que te fizeram.

Ela tentou se afastar e apertou a mandíbula ao ver que ele não ia permitir que se afastasse.

— E o que? —Espetou furiosa.

“Nada. Vou matá-los um a um. Só isso”.

Ambos se olharam fixamente. Miya a estudou com aqueles olhos parecidos com os de um animal selvagem e à espreita.

—Nada. É uma guerreira, essas coisas acontecem. —Róta odiaria compaixão, e não a teria dele. — Ser uma guerreira suporta pôr sua vida em perigo e se expor ao mau trato de outros.

Ela relaxou, embora o olhasse sem estar convencida. O vanirio não a faria chorar, não com sua ternura, não com sua preocupação. Isso estava bem.

—Já aconteceu. — Respondeu ela. Deixou escapar o ar quando sentiu que seu peito desentupia por completo. Seu olhar queimava e deixava seus mamilos duros. Logo sentiu que a olhava mais abaixo e se fixava na calcinha de couro negro.

—Te dói. — Disse centrando toda sua atenção na virilha da jovem.

Ela apertou os lábios. É obvio que doía. Ardia. Khani e Seiya eram sádicos dominantes que adoravam varas, cordas e chicotes. Estava consciente que tinha a pele dessas áreas tão íntimas e sensíveis em carne viva. Não foram suaves com ela. Apenas queriam infligir dor.

Róta assentiu em silêncio e olhou para o outro lado.

—Vou te tocar, Róta.

Miya sabia o que ia encontrar. Pele aberta, inflamada e açoitada. Com vermelhidão e hematomas. Esses filhos da puta não tiveram piedade. Tampouco teria piedade com seu irmão quando por fim se vissem cara a cara. Pegou o elástico da calcinha e o puxou um pouco para ter espaço e penetrar sua mão através dela.

—Não a violaram. — Assumiu enquanto cobriu todo o sexo de Róta com a mão.

Ela gemeu de dor e jogou o pescoço para trás. Aquilo picava e parecia tão estranho...

—Não podia permitir. Depilaram-me enquanto estava drogada, mas quanto me dei conta do que seu irmão e Khani queriam fazer comigo, meu instinto de proteção se ativou e já não puderam me tocar de nenhuma maneira. Seiya quis me obrigar mentalmente a fazer desaparecer o amparo, mas as Valkyrias não obedecem compulsões vanirias. Descobriu que podem ler nossa mente se beberem nosso sangue, mas não podem nos obrigar a fazer nada que não quisermos fazer. Assim, ao ver que não obedecia, procuraram uma jaula para mim e me açoitaram à distância para que não pudesse os eletrocutar.



—Garota inteligente. É virgem? — Miya estava a ponto de ejacular. Sua ereção tinha que se destacar em suas calças. Estava tão suave e tão lisa... Tocou com os dedos seu sexo e sentiu o *helbredelse* agir na pele de sua valkyria. As feridas e inflamações cicatrizavam e desapareciam. — Este não é o lugar adequado, mas quando for o momento, a tomarei por aqui — acariciou a entrada do seu sexo com o dedo anelar e logo o deslizou acima, até sentir a pedra vermelha, o rubi que atravessava o clitóris da moça. Um piercing! Um piercing! Porra, ia gozar agora.

—Me tomará por onde eu quiser. — Acrescentou deixando as coisas claras.

—Se o desejar e eu desejar, não há nenhum problema, verdade? Porra... —Fechou os olhos, morto de prazer e desejo. Era um de seus sonhos mais perversos. Róta tinha um piercing no clitóris. Sempre se perguntou se usar um objeto atravessado uma zona tão sensível doía ou dava prazer. — Quero ver isso que tem aí.

Ela gemeu e rodeou-lhe o pulso com as duas mãos.

—Aqui não. — Pediu ela cravando a diminuta presa no lábio inferior. Não era envergonhada, e além disso se considerava bastante exibicionista, mas se ficasse com seu *einherjars* queria estar bem e fazê-lo num lugar mais íntimo.

Ele retirou a mão um pouco e se obrigou a serenar. Cobriu de novo seu corpo com o tecido negro.

—Está bem. — Disse ele. — Como desejar. Morda-me e beba de mim. Temos que nos vincular imediatamente. Teremos que explodir o helicóptero.

Róta engoliu, agradecida por seu respeito, mas também um pouco decepcionada por não ter insistido mais. Repassou o vanirio de cima abaixo.

— Onde te mordo? — Perguntou ela.

—Onde quiser, *bebī*.

Ela se elevou nas pontas dos pés e se apoiou nos largos ombros do guerreiro. Abriu a boca com decisão, mas antes de mordê-lo parou e disse:

—Ouça, vou gostar? — Beber sangue não devia ser nem muito bom nem muito agradável. — Sei que podem gozar somente bebendo sangue, mas não sou vaniria, sou uma valkyria. Além disso, isto pode mudar meu corpo...

— O que diz? —Miya pôs as mãos nos quadris e a puxou para ele. — Fala muito.

— E se me converter em “valpíra” ou em “vankýria”, ou pior, em “vampýria”? O que aconteceria?

Miya sacudiu a cabeça mentalmente. Essa mulher acabava de perguntar tudo isso? Assim? Sem mais?

—Está divagando. Só crave suas presas e bebe.

Róta tinha a garganta seca. Olhou sua jugular. Uma forte e poderosa jugular.

—Poderia vomitar, vanirio. — Sussurrou divertida, deslizando a língua por sua pele. Sentiu-se bem quando ele deu um salto e cravou os dedos nos seus quadris. Em resposta, colocou seus seios ao seu torso e se pendurou em seus ombros quando sugou a carne morena. Miya tinha um gosto muito bom. De homem exótico e frutado.

— Será sua primeira vez? — Perguntou ela dando um beijo na área que ia morder.

—Sim.



— Ninguém te mordeu antes?

—Não. Ninguém.

Róta assentiu e se regozijou nessa informação.

—Então, relaxe, nenê. Serei suave.

Róta cravou as presas profundamente e sorveu.

O sangue encheu sua boca, era fresco e doce ao mesmo tempo...

Coco. “Pelo menos não tem sabor de sushi nem chá verde”.

A essência vital tocou seu paladar e deslizou esôfago abaixo até se introduzir em seu estômago. Foi como receber um bofetão de energia. Todas as suas terminações nervosas despertaram, sua visão se expandiu, seu coração começou a bombear com força... O mundo dos sentidos se abriu como um leque.

E então, lembranças que não eram dela passaram frente a ela como se tratasse de um filme: quando Miya a viu pela primeira vez no Starbucks, quando jogou a *chokuto* no Hard Rock, quando bebeu dela no Underground... depois, os dias que ela desapareceu foram uma abstinência insuportável para ele; a destruição do Newscientists de Chicago; o interrogatório de Khani; a luta numa espécie de central para recuperar o Mjölnir; a morte de Ren; o desaparecimento nos céus de Gúnnr...

O desaparecimento nos céus de Gúnnr e Mjölnir...

Róta parou de beber de seu pescoço de repente.

Miya a apoiou na parede para que nenhum dos dois caísse no chão, mortos de prazer ou desejo como estavam. Mas ao sentir que Róta parava de beber e levantava a cabeça para olhá-lo assustada, se sentiu estranho e soube que viu algo que não gostou.

— Que porra aconteceu com Gúnnr?! — Gritou consternada. — O que aconteceu com Gunny?!

Afastou Miya soltando um raio pelas mãos e fazendo o guerreiro voar pela cabine do helicóptero, e saiu do Chinook como um vendaval.



CAPÍTULO CINCO

Gunny.

Onde estava Gunny? Se perguntou ansiosa para saber a verdade. Gúnnr era sua companheira de jogos, sua *nonne* querida, a mais sensata de todas. A viu explodir no céu e desaparecer com o maldito martelo, assim, o que aconteceu? Gúnnr continuava viva, não?

— General! — Exclamou com exigência.

Bryn, que estava ajoelhada ao lado de Johnson observando como o pequeno dormia sobre uma rocha em forma de nicho, girou ao escutar o tom de reprimenda com que a chamava Róta, e a olhou por cima do ombro.

— O que aconteceu com Gúnnr? — Quando Róta chegou até Bryn, a empurrou para que perdesse o equilíbrio. — E minha *nonne*?! Por acaso não cuida das suas, General? — Perguntou de forma ofensiva. Bryn apertou os dentes e, impulsionando-se nas palmas das mãos, se levantou de um salto e agarrou sua irmã valkyria pelo decote do improvisado vestido negro.

— Não me foda, Róta. — Sussurrou mostrando as presas brancas. — Não me ofenda, estou tentando cuidar de vocês, mas não respeitaram minhas ordens. Por não cumprirem minhas ordens a respeito do matador te sequestraram e perdi Liba e Sura. Gúnnr desapareceu com o Mjölnir e nem sequer sei se continua viva. Não sei nada dela há quase dois dias. — Explicou com voz rouca.

— Por que não foi procurá-la?! — Seus olhos se tornaram vermelhos. — Por que permitiu que...?!

— Não permiti nem deixei de permitir nada! — Os olhos de Bryn também ficaram dois imensos rubis. Os guerreiros feridos prestavam plena atenção à discussão entre as Valkyrias.

Miya saiu do helicóptero movendo o ombro direito dolorido pelo impacto, e se dirigiu a elas com cautela.

Bryn continuava com a vista fixa em Róta.

— Fiz o que estava à minha mão! Vi Gunny desaparecer e não soube o que mais podia fazer! Então acompanhei Miya para te buscar porque... Precisava te encontrar e comprovar que continuava com vida! Vim te libertar, Róta! Não se atreva a me recriminar por nada mais. — Assinalou com o dedo e a empurrou a afastando dela, como se o simples fato de tocá-la doesse. Deu a volta porque ver o desprezo de sua *nonne* machucava. Róta não podia morder sua língua agora. Estava furiosa com Bryn, com Gúnnr, com Miya, com todo mundo. E não duvidou em lançar à General uma alfinetada envenenada e destrutiva. Seguro que se arrependeria, mas o faria depois.

— Não se engane, valkyria. Veio por dois motivos: pelos totens dos deuses, e queria recuperar esses objetos e ter esse reconhecimento para você. Má sorte. — Estalou a língua e sorriu quando Bryn parou em seco e jogou os ombros para trás. Acertou o alvo. — Os totens não estão neste helicóptero. Mas, sobretudo, veio porque três mortes pesam muito sobre o ego de alguém tão perfeito como você. — Disse com voz clara e dura. — Não podia perder outra mais, verdade? Suas Valkyrias morreram. Aquelas a quem devia cuidar perderam a vida enquanto continuava vivinha e abanando o rabo. O que pensarão Freyja e Odín sobre você? Não se sente um pouco fracassada?



—Garotas. — Murmurou Miya se afastando do helicóptero e mediando para relaxar os ânimos. — Preciso que façam explodir este helicóptero.

Bryn deu a volta de repente, levantou a palma da mão e apontou para Róta diretamente em seu rosto. De seus dedos saíram raios vermelhos fosforescentes que roçaram a lateral esquerda do rosto de Róta e foram parar ao motor do Chinook fazendo-o arder e explodir em décimos de segundo.

O movimento pegou a valkyria de cabelo vermelho de surpresa. Arregalou os olhos ligeiramente, mas não piscou. Certamente merecia que Bryn torrasse seu rosto dos lados, mas a jovem loira não o fez.

Em nenhum momento a General prestou atenção ao que fazia. Tinha os olhos azuis esverdeados na valkyria cruel diante dela.

Foi sua *nonne*. Sua irmã. Sua amiga. Riram e choraram juntas. Fantasiam sobre seus *einherjars* e compartilharam sonhos.

O que eram agora? Só ódio? Despeito? Inimizade? De quem foi a culpa?

Deixou cair o braço com cansaço. Abatida, deu meia volta e sentou na mesma rocha que Johnson dormia. Apoiou os cotovelos nos joelhos e sepultou o rosto entre as mãos.

Róta exalou o ar de seus pulmões e apertou os dentes sem afastar o olhar da General.

—É muito agressiva. — Espetou Miya cruzando os braços e olhando Róta de cima a baixo. — E acredito que também é injusta com ela.

Róta girou com o rosto cheio de surpresa.

—Não tente defendê-la. — Deu dois passos para ele e pressionou seu peito com o indicador. — Não se meta em assuntos de Valkyrias, entendido? E nunca mais volte a me ocultar informação. Perguntei por Gúnnr lá dentro — assinalou o Chinook envolto em fogo — e não me disse o que na realidade aconteceu.

—Agora já sabe. — Encolheu os ombros com evidente desinteresse.

—Faça o que te digo a partir de agora, certo, samurai? — Seus olhos recuperaram sua tonalidade mais clara.

— Do contrário? —Arqueou as sobrancelhas, mas não sorriu.

—Sairá chamuscado. —Passou do seu lado e golpeou seu peito com o ombro.

Nunca em sua vida imortal experimentou tanta raiva, amarga e decepção. Jamais sentiu tanta dor na altura do plexo solar. O interlúdio sensual com Miya foi incrível.

Porra, perdeu o juízo ao provar seu sangue, e quando a tocou lá embaixo... Esteve a ponto de sofrer um ataque.

Mas quando descobriu o que aconteceu com Gunny, seu temperamento disparou. Agora a necessitava mais que nunca. Sua *nonne*... porra!

Sempre disseram que era uma despreocupada e que nada importava, exceto ela mesma. No Valhala tinha reputação de vândala e inclusive, às vezes, de maligna. Mas desde que desceu à terra, se deu conta que suas emoções, durante a eternidade adormecidas, despertavam à vida com uma força inusitada. Sentia fúria, sentia tristeza, sentia ira e, acima de tudo, sentia-se humilhada por todos esses sentimentos e sensações tão intensas.

Merda. Que vergonha. Inclusive chorou nessas malditas celas.



E chorou diante de outros... E ainda por cima quando já não a machucavam.

Que patética.

O samurai a olhava com uma promessa de vingança, desejoso de pô-la em seu lugar, e ardia de desejo de averiguar como pensava em colocá-la na rédea. As brigas liberavam adrenalina e precisava explodir de algum modo. Mas Miya, ao observá-la, também tinha um brilho de desgosto nos olhos, como se não gostasse do que via. E isso a provocava ainda mais, porque se havia algo que Róta não suportava eram julgamentos gratuitos. E esse vanirio soberbo, embora terrivelmente bom para beijar e morder, de um modo que deveria ser proibido pela lei, agia como se acreditasse ser juiz de tudo aquilo que o rodeava. Como se fosse um ser perfeito e todo-poderoso. Um que jamais se enganava.

“Esteja pronto para mim, espadinha”.

Controlou Miya com o olhar, enquanto o samurai sentava ao lado de Bryn e falava com ela. Caso se esforçasse, poderia escutar tudo que diziam, mas não queria saber nada. Róta inventou o diálogo entre eles e o repetiu em voz baixa. Era algo que fazia muito frequentemente para rir de sua situação e também de outros.

— Está bem, Bryn? Quer uma massagem? — Imitou a voz grave e serena de Miya.

— Ui, não. Obrigada, Miya, é que tenho lepra... — Bryn levantou a cabeça para olhar o samurai e dizer algo, então Róta continuou com seu diálogo inventado. — Sou como o Sr. Potato. Toca-me e caio em pedaços... Não faz mal, General — imitou Miya. — Tenho clamídia...

— Que bom — outra vez Bryn. — Coça um pouco os ovos?...

“Fantástico. Parece que se dão bem... Agora se aliarão contra mim”.



Estavam há duas horas nessas cavernas. O sol ainda continuava no alto e ninguém podia sair dali.

Bryn e Miya continuavam em seu *petit comité*, e Róta se cansou de ignorar os novos diálogos entre eles.

A General e o samurai fixaram a vista nela.

— Venha aqui, Róta — ordenou o vanirio.

— Não sou seu cão. — Disse ela elevando a voz. — Venha você. — Dedicou uma olhar irado para Bryn. Seu comportamento era infantil e sabia. Mas não podia fazer nada para parar de se sentir assim. Tinha o sistema nervoso dando saltos mortais.

Venha agora mesmo. Seu comportamento é uma vergonha. Não faça que te obrigue.

Róta tensa e elevou uma sobrancelha. Tinha o vanirio passeando por sua mente como uma tarde de domingo. Podia tomar essas liberdades? Os Vanirios e suas companheiras podiam contatar telepaticamente, não devia esquecer.

Nunca poderia me obrigar a nada.

Posso. Asseguro isso. Disse gutural. O intercâmbio de sangue nos ata mentalmente. Estou em sua cabeça e você está na minha.



Então não faça isso.

O que?

Ler minha mente. Levantou de onde estava sentada e se dirigiu a eles caminhando com segurança. *Podemos falar assim, mas nem sempre que você quiser. Preciso do meu espaço. Está violando minha intimidade.*

Não pode ter espaço, Róta. É um perigo e um vulcão a ponto de explodir. E é minha Hanbun. Não posso me arriscar a não me adiantar aos seus movimentos. Por pouco não fez Bryn fazer sua cabeça voar. Tem que serenar.

Não me diga o que posso ou não posso fazer. É irritante. Parou diante dele.

— Pronto, o que quer? — perguntou aborrecida.

Miya a olhou e se focou em todos os presentes para fazer seu discurso.

— Aí fora está um sol muito forte. — Anunciou assinalando a entrada da caverna com o indicador. — Os Vanirios não podem sair. Esperaremos aqui até que cheguem reforços. Nos tirarão daqui cedo ou tarde.

— Quem? — perguntou um dos guerreiros.

— Se aproximam homens dos clãs da Inglaterra. O Engel está em contato com eles e me disse que em suas instalações estão muitos dos guerreiros que sofreram nas mãos do Newscientists. Estão tentando os recuperar e lhes darão proteção. Os levarão com eles e tratarão suas feridas. — Afirmou com segurança. Miya, que era um dos Vanirios com mais poder e controle mental junto com o falecido Ren, tocou as mentes de cada um deles. Eram guerreiros que vinham de várias partes do mundo: Escócia, Estados Unidos, Balcãs, Inglaterra, Escandinávia... Não podia ver muito mais, não achava correto, nem apropriado. Esses homens e mulheres estavam fracos emocionalmente, não podia abusar de seu dom sem sua permissão. Embora a valkyria de cabelo vermelho não acreditasse, tinha um código moral muito elevado. — Estão muito fracos para nos acompanhar. Precisam recuperar suas forças e se cuidarem.

Nenhum dos ali presentes rebateu o que Miya dizia. Como o fariam se nem sequer podiam se manter em pé?

Róta e Bryn moveram suas orelhas bicudas e ambas olharam para fora.

— Alguém está chegando. — Disse Bryn.

Miya girou e fixou os olhos prateados no orifício da entrada da caverna. A fumaça do helicóptero ardendo procurava uma saída e penetrava pelos buracos das rochas, privando a visibilidade e não deixando ver o que fosse que se aproximava.

Escutava-se o movimento circular de hélices em funcionamento. Róta não pensou duas vezes e, tão independentemente como era, começou a correr para poder vislumbrar com seus próprios olhos o que estava se aproximando. A entrada da caverna era suficientemente grande para que coubesse um helicóptero Chinook, mas a fumaça negra do combustível em chamas não deixava ver nada.

Miya a agarrou pelo antebraço.

— Me escuta quando falo?

Róta girou abruptamente e o encarou.

— Não?



—Não pode sair. O que quer? Se converter em alvo? Expõe-se muito.

—Não sou uma kamikaze. — Escapou de seu aperto. — Acha que não saberiam onde estamos? Olhe a maldita corrente de fumaça saindo desta caverna. Não é muito normal, não? Seja quem for, bons ou maus, saberão que estamos aqui. Não vou esperar que me peguem de surpresa.

—Olhe ao seu redor, valkyria. — Miya se abateu sobre ela. — Não está sozinha. Lutamos em equipe. Tem que pensar nos outros ou...

O telefone satélite que Miya carregava no bolso traseiro de sua calça recebeu uma chamada entrando. Uma voz dura e penetrante disse:

—Aqui Caleb McKenna e Noah Thöryn. Recebem-nos?

Miya estreitou os olhos e olhou o telefone com desconfiança.

— Estão aí? Gabriel nos deu sua localização através do código de seu telefone e sintonizamos seu canal. As coordenadas nos dizem que estão no interior das grutas de Lynague. Estão bem? Essa fumaça é sua?

Sem perder Róta de vista, aproximou o telefone da boca e disse:

—Sou Miyamoto. Tenho comigo duas Valkyrias, um menino vanirio e guerreiros resgatados do Newscientists de Chicago. Estamos bem, mas precisamos que nos tirem daqui o quanto antes. O sol iluminará o interior da caverna a qualquer momento.

—Bem. Vamos entrar. — Disse Caleb McKenna, o líder do clã vanirio de Black Country da Inglaterra. —. Se afastem da entrada.

Um hidroavião couraçado, com capacidade para vários passageiros deslizava sobre o mar através de seus esquis, transpassando a cortina de fumaça negra e irrompendo na caverna. A hélice parou de girar e se deteve progressivamente.

Todos levaram a mão à testa, no modo de viseira. A água os salpicou e a corrente de ar provocada pelo movimento das hélices do hidroavião açoitou seus rostos.

Abriu-se a comporta e apareceu um corpo grande e musculoso, vestido em roupa militar verde e negra: o cabelo negro, liso e comprido recolhido num rabo e óculos de aviador RayBan cobriam seus olhos.

Róta e Bryn engoliram ao vê-lo e olharam uma para a outra.

Não se falavam, estavam de mal, mas ambas eram conscientes de quem era esse exemplar de homem moreno. Elas o viram em meio a uma maratona sexual com Aileen.

Era Caleb McKenna. E sabiam, com total segurança, que tinha o olhar verde elétrico.

Miya entrecerrou os olhos e se centrou em Róta. Podia saber no que demônios estava pensando num momento como esse? E o pior era que a General estava pensando o mesmo, de acordo com a expressão de desejo em seu rosto! Que vergonha!

Atrás de Caleb, saiu um guerreiro igualmente forte e alto, com cabelo loiro platino raspado e óculos do mesmo estilo que os do vanirio, apoiando as mãos na comporta.

“Com quem parece este homem?” Róta se perguntava em sua mente. “Não saiu de nenhuma reunião de rameiras, não? Não. É óbvio que não. Lembraria-me.”

Miya revirou os olhos e se sentiu incômodo com os pensamentos de sua fêmea.

Deveria ter medo dos homens, valkyria. Depois do que passou nas mãos de Khani e Seiya...



Para você ver. Os traumas e eu não somos compatíveis. Respondeu Róta com soberba.

Miya sabia que estava enganada. Cedo ou tarde esses medos, essas lembranças saíam à luz. E Róta deveria encará-las.

Bryn inspecionou os dois guerreiros que se aproximavam deles dando saltos entre as rochas. Pareciam saídos de um anúncio de perfume caro.

Caleb observou a situação com seus inteligentes olhos verdes, parou diante de Miya e ofereceu o antebraço.

— Miyamoto. — O saudou solenemente. — Uma honra te encontrar, *Brathair*.

Miya sempre foi muito discreto quando devia estudar alguém. Mas, desta vez, não foi discreto com Caleb. Como seria? Gabriel falou dele. Caleb da Britannia, caminhante do sol, temido por todos... mito e lenda. Um vanirio que podia viver sob a luz do dia.

No princípio, Miya não acreditou. Os deuses outorgaram debilidades aos seus heróis da terra, e ser frágeis à luz solar era uma delas. Mas aí estava Caleb. O sangue de sua *caraid* Aileen, uma híbrida de berserker e vanirio, outorgou-lhe o dom de ser invulnerável aos raios do sol. Era, simplesmente, fascinante.

— A honra é minha, Caleb. Eu... — o olhou assombrado enquanto estreitava a mão. — Jamais acreditei que alguém como você existisse.

— Não fale assim ou achará que se apaixonou por ele. — Disse o de cabelo platina e pele morena. Caleb sorriu. — Tem o ego muito alto, não precisa que o infle. Sou Noah Thöryn. — Ofereceu o antebraço. — *Kompis*. Perseguir este helicóptero, durante dias, por todo o oceano Atlântico Norte... Admirável.

— Não conseguiu sozinho. — Disse Róta assinalando Bryn. A assinalou porque, embora ela e Bryn não se gostassem muito nesse momento, não permitiria que não valorizassem o trabalho feito. — Esta daqui o ajudou. Uma valkyria, sabia?

Caleb e Noah sorriram indulgentes.

Bryn ficou assombrada pelo reconhecimento de sua *ex-nonne*.

— Deve ser Róta. — Comentou Caleb, tirando os óculos e dedicando um olhar de reconhecimento. — Gabriel nos pôs a par de quem é. Alegra-me saber que está bem. — Assentiu fazendo uma espécie de reverência.

“Venha, tenho a calcinha no tornozelo”, pensou Róta com um gesto de estupefação. Esse homem era mortal à vista.

Miya apertou os dentes e a fulminou com os olhos.

— E você deve ser Bryn. — Noah se aproximou de Bryn, a repassando de acima a baixo. — A General, verdade? São Valkyrias, mas parecem diferentes dela.

— Dela? Dela quem? — Perguntou Bryn com interesse. — E... por que está me rodeando como se fosse um cão?

Noah a olhou nos olhos e tocou o ombro nu com as mãos.

— Por que posso te tocar? — Perguntou em voz baixa, surpreso por esse fato. Não podia tocar Nanna, a valkyria que levou Gabriel, a mesma que enfiou uma adaga Guddine em seu ombro, cuja ferida não podia curar.



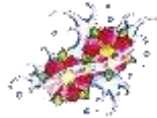
— Por que sou de carne e osso? — Disse Bryn ironicamente. — O que é? Retardado? — grunhiu se afastando dele.

— Não queira saber minha opinião. — Respondeu Caleb com ironia.

— Meta um alho pelo cu. — Replicou Noah se focando na gruta que se encontravam. A água entrava cada vez com mais força. — Temos que sair daqui e logo. A maré está subindo.

Caleb assentiu de acordo com a sugestão.

— Nos conte como está a situação, Miya. — Pediu o líder da Black Country lamentando o estado no qual se encontravam o resto dos guerreiros. — Nos diga qual seu plano.



Miya os informou de tudo que sabia.

Havia três objetos desaparecidos. O martelo recuperaram, mas faltava a Seier, a espada de Freya, e a Gungnir, a lança de Odín. Descobriram que levavam os objetos para a Escócia. Lucius e Hummus estavam em contato com Cameron e Seiya e entre eles planejavam tudo.

Miya não falou em nenhum momento de sua profecia nem do que acreditava que aconteceria em relação ao seu irmão e a espada. De que servia falar de gêmeos malditos e mulheres determinantes? Para que? Nunca foi partidário de contar suas paranóias nem lavar sua roupa suja para ninguém. Não o faria com Caleb Mackenna. O trataria como louco.

Falou de Chicago e da Newscientists. Explicou o que fizeram e o que encontraram nos túneis.

— Sim, Gabriel comentou. Quem seja que entrou no Asgard roubou esporos que são os culpados da reprodução dessa merda de trolls, purs e etones, verdade? — Perguntou Caleb.

— Sim. — Respondeu Miya. — Isamu estava estudando sua composição e como podiam incubar desse modo sob a água.

— Estamos informados disso. — Noah esfregou a cabeça. — Menw está trabalhando o DNA do esporo. Quer criar uma terapia de choque que impedirá que se reproduzam desse modo.

— Encontrou algo?

— Até o momento não. — Respondeu o vanirio. — Olhem, Newscientists trabalha em grupo. Somos uma dor na bunda para eles e os estabilizamos várias vezes. Mas agora estão abrindo outras frentes e não podemos abranger tudo. Temos que nos dividir por zonas e por objetos, que são as seguintes: Gabriel e seus einherjars e Valkyrias irão pelos objetos, pelos etones e a mãe que os pariu. Os Vanirios e os berserkers se centrarão em pôr em contato todos os membros dos clãs e estudar essas malditas portas dimensionais pelas quais Loki e seus estúpidos querem entrar. Estamos no bom caminho, mas devemos ficar muito atentos a qualquer mudança. De momento, já falamos com os Vanirios de Chicago, no comando de Isamu e Jamie. E também conhecemos os berserkers de Milwaukee. Além disso, alguns humanos estão ajudando. Estamos nos unindo pouco a pouco. Fizemos o mesmo em Black Country e, pelo que sei, a Escócia também tem dos nossos. Temos que os encontrar e nos aliar. Têm idéia de onde se localizam Seiya e esse tal Cameron?



Miya e Bryn negaram com a cabeça.

—Daanna fez uma bi-localização em que contatou com um tal de Ardan das Highlands, na Escócia. — Respondeu Noah. — É um *einherjars* como Gabriel. Supõe-se que Gabriel deva ir o encontrar. No melhor, poderá nos dar uma mão.

—Sabemos. — Anunciou Miya recolocando a espada nas costas.

— Ardan? —perguntou Róta abrindo os olhos turquesas impressionada e olhando para Bryn estupefata. — Esse Ardan?!

Bryn apertou a mandíbula e olhou para o outro lado enquanto assentia a contra gosto.

—Porra... As *nornas* são umas putas! — Exclamou Róta assombrada por tal informação. — Vai procurá-lo?

Bryn cruzou os braços, e suas orelhinhas se esticaram.

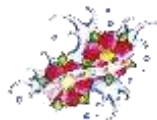
—OH. Sei... —Róta sorriu com malícia, orgulhosa e feliz que estivesse com poder suficiente para poder manipular Bryn. — Precisa de mim, verdade? Te corrói saber que tem que me pedir ajuda.

—Você se supervaloriza. — A cortou a General.

—Não. Não é certo. —Negou com a cabeça. — Vou te fazer se arrastar, General.

—É minha subordinada. Não me arrasto diante de você nem de ninguém.

As duas Valkyrias se desafiaram com o olhar.



Noah enfiou as mãos nos bolsos dianteiros e estudou o comportamento dos três guerreiros que acabava de conhecer, enquanto ajudava a subir no hidroavião os outros que recuperaram da Newscientists.

Era um ser extremamente empático e percebia as emoções dos demais, e as emoções formavam redemoinhos ao redor do tornado de cabelo vermelho.

Entre Bryn e Róta havia muita dor e rancor. Decepção, tristeza e também necessidade de carinho. Mas, sobretudo havia muita empatia. Ambas sabiam que faziam à outra sofrer, sentiam ao mesmo tempo, e o exploravam sem escrúpulos. Eram um par de sádicas.

Entre Róta e Miya não havia nenhuma emoção. Só fome e desejo.

Era suficiente para um casal?

— Você e Róta são companheiros? — Perguntou com a franqueza que o caracterizava. Róta, que estava atenta a qualquer palavra que ali se pronunciasse, deixou de prestar atenção em Bryn e esperou impaciente a resposta de Miya. O que diria?

O samurai não mudou a expressão de seu apurado rosto.

—Sim.

—Mas não estão vinculados, ainda. — Concretizou Noah.

—Não.

“Senhoras e senhores, apresento Dom Monossílabos”, disse-se Róta.

Eu te ouvi.

Por Odín... Não há um botão na minha mente que ponha sem “cobertura”?



Não.

Está dentro da minha cabeça, e é como um puta neurônio que revoa por onde lhe dá vontade. Por que não posso te ouvir?

Porque não quero que o faça.

Assim fácil.

Isso ofendeu muitíssimo Róta, que teve uma sensação de exposição e vulnerabilidade nada agradável. Não era justo que Miya pudesse saber tudo que tivesse vontade dela e ela, pelo contrário, não pudesse acessar o que ele pensava. Se queria que jogassem sujo, ela era a especialista em brigas de barro.

—Na realidade, berserker —disse Róta para Noah — meu lema é: Procuro. Comparo. E, se no final não encontrar algo melhor, compro. — Piscou o olho e este soltou uma gargalhada. Róta se levantou da rocha que estava apoiada e amarrou melhor o lençol no peito, olhando com desdém para o samurai.

Tem armas de gueixa. Comunicou-lhe Miya.

—Obrigada. — Disse com voz coquete, procurando provocá-lo.

Caleb estava muito divertido com a situação. Os guerreiros já haviam subido no hidroavião e estavam comodamente colocados. Os levariam a Black Country e dali os levariam ao Ragnarök, o local subterrâneo que Adam criou para Ruth, sob a terra de Jubilee Park.

Agora estavam o usando como lugar de reuniões e recuperação de todos aqueles seres que sofreram nas mãos de Loki e seus súditos.

Com ajuda de Aileen, Ruth, Daanna, os berserkers, as sacerdotisas e todos os outros, as feridas mentais dos maltratados deviam se curar pouco a pouco. Seria árduo, mas o resultado valia a pena.

Caleb pegou o pequeno Johnson das mãos de Noah e disse com voz rouca:

—Estão a salvo. Acabou a dor. —Não suportava o mau trato às crianças.

Noah escutou as palavras de Caleb, e desejou que essa fosse uma grande verdade. Desgraçadamente, as crianças Vanirias e lobinhos eram abusados por humanos e pervertidos, como faziam com todos os outros. Para o Newscientists e os comparsas de Loki não importava a idade de suas vítimas, só o que eram e o que continha seu DNA.

Caleb ia colocar Johnson junto com outros, mas parou e por um longo momento olhou com atenção o menino magro e moreno que segurava.

— O que aconteceu, Cal? — Perguntou Noah.

—O menino vai com eles. — Deu meia volta e o subiu à ampla cabine de pilotagem. Colocou a cabecinha bem apoiada na poltrona e fechou o cinto de segurança.

— Com as Valkyrias e o semi-sushi? —Olhou para Caleb e Johnson alternativamente. — Não, o menino tem que ficar seguro. O levaremos ao RAGNARÖK.

—Não. Johnson vai com eles, já disse.

—É uma criança. — Grunhiu Noah com os olhos amarelos cheios de raiva. — Não pode fazer isso.

—Claro que sim. Ele vai ficar bem.



Noah observou como o vanirio dava meia volta e se dirigia para fechar a porta de passageiros. Nesse mato tinha cachorro. Muita segurança nessas palavras.

Caleb dirigiu um último olhar de pesar aos guerreiros e fechou a porta do hidroavião.

—Subam. — Ordenou a Miya e aos outros. — Os levaremos para a Escócia e os deixaremos lá. Esse é o território onde disseram que levariam os objetos. Levaremos estes guerreiros para a Inglaterra e quando nos assegurarmos que estão sob os cuidados de nossa gente viremos ajudar.

— Nos deixará na Escócia? Mas onde? — Perguntou Bryn aturdida enquanto subia no avião. Colocou-se atrás dos assentos dos pilotos e se agarrou no banco de Noah. Impulsionou-se adiante para observar os comandos de pilotagem. — Ouça. Este hidroavião é...

—É incrível. Nosso *leder*¹² Ás é um fanático de aviação. — Explicou o berserker. — Tem uma frota de coleção que parece ser só para babar. Este é o último modelo militar. Gosta?

—A General gosta de tudo que tenha alavancas fálicas. — Comentou Róta olhando o cinto de segurança como se fosse uma piada de mau gosto.

— Róta, vá à merda! —Gritou Bryn, indignada, soltando faíscas pelos olhos.

— Ei! —Miya se colocou entre elas e olhou para Noah com uma desculpa.

Noah encolheu os ombros e girou à frente.

Caleb subiu, impressionado pelo caráter das guerreiras de Freyja, e agarrou os comandos da aeronave.

— O que faz o cachorrinho aqui? — Perguntou Róta tocando o cabelo negro curto de Johnson.

—Os acompanhará até a Escócia.

—Não precisa que troque fraldas, nem nada disso, não? —Olhou para Caleb divertida.

—Tem seis anos, valkyria. — Respondeu Caleb. — Não é um bebê. Não sabem muito de crianças, estou errado?

—Ui, sim — Sorriu malignamente, centrada no perfil de Miya. — Mas sabemos de meninos grandes. Os maus e os piores.

— Onde vai nos deixar, Caleb? — Perguntou Miya, plenamente consciente dos dardos da valkyria.

—Minha *cáraid* tem uma propriedade na Escócia. — Explicou. — Pertencia ao seu pai Thor e, quando ele morreu, ela a herdou. Aileen a decorou ao seu gosto. Fomos lá algumas vezes. Mas agora só os membros de serviço vivem ali e não toda a semana. Terão toda a tecnologia que precisam e poderão se organizar com mais calma. Falei com Gabriel. E disse que viajasse até lá.

O hidroavião pegou velocidade e os esquis flutuaram sobre o mar até sair da gruta. Meio quilômetro depois, o hidroavião se elevou e pegou altura até sobrevoar a Ilha do Man para se dirigir a terras escocesas: as Highlands.

¹² leder: significa “líder” na Escócia.



CAPÍTULO SEIS

Escócia

Longniddry, Seton Castle

No coração das terras escocesas, na zona leste mais costeira de Edimburgo, estava o castelo de Seton. A linda edificação remodelada de pedra branca e campos verdes ao seu redor tinha seu próprio heliporto e uma pista de aterrissagem que compreendia a parte traseira do castelo. Era, sem dúvida alguma, uma mansão para gente aristocrata.

O descomunal castelo constava de duas alas simétricas a leste e oeste da construção. Estava dividida em três pisos e tinha quatorze suítes. A decoração interior era rústica-moderna, mas respeitando a calidez e a essência da época que foi originariamente construída, no século dezessete. Grandes extensões de terras com prados verdes a rodeavam salpicados de mais de três mil tulipas brancas e outra bela flora. Aquela propriedade era, simplesmente, inspiradora e o deixava sem respiração.

A hera se aderiu às paredes como se fosse uma íntima amante e no imenso pátio central havia uma fonte dos desejos de pedra da que emanava água.

Quando Caleb, muito distraidamente fez aterrissar o híbrido hidroavião, Miya já tinha estudado a distribuição do castelo e sua exposição a qualquer tipo de perigo. O preocupava tanto terreno ao redor da sublime construção, porque quanto mais se tinha, mais vigilância precisava. Era um samurai e era dos que pensava numa espartana casa com tudo que precisava para viver. O resto era luxo.

Como era um luxo e ao mesmo tempo uma dor de cabeça viajar com duas Valkyrias que não se falavam.

Róta e Bryn não se dirigiram a palavra em todo o trajeto desde a Irlanda até a Escócia.

Johnson continuava adormecido, como peso morto.

E Miya falou com Caleb e Noah sobre as situações dos clãs e sobre as possíveis causas pelas quais, até recentemente, não mantiveram contato.

Miya tinha uma grande teoria a respeito. Segundo ele, devia-se à ignorância e o ego. As pessoas não pensavam naquilo que desconheciam e tampouco pensavam se havia mais como ele, já que o ego às vezes os fazia acreditar em algo como exclusividade, em ser único e especial. Ele era um vanirio. Bem, acabava de descobrir que Freyja, Njörd e Frey não apenas transformaram seu clã de guerreiros Kofun. O fizeram com muitos outros clãs da terra.

Caleb era um vanirio dos celtas, não? Miya leu ligeiramente nas mentes de alguns dos guerreiros resgatados que vinham da Escandinávia e outros dos Bálcãs.

Olhou Johnson de soslaio. Quem era? A quem pertencia? Por que não podia entrar em sua cabeça? Esse pequeno vanirio de presas afiadas era um mistério. E para cúmulo, o líder do Black Country, Caleb McKenna, o obrigava a levar o garoto com ele. Por que? O que sabia ele que Miya não soubesse? E, além disso, haviam os *einherjars*. Reso e Clemo foram tracio e espartano respectivamente. Diziam que esse tal Ardan era um *einherjars* highlander... Era tudo,



simplesmente, incrível. Até onde foram os deuses para conseguir seus objetivos? A quantos mais transformaram?

—Este castelo —disse Caleb — estava à venda e aberto ao público. Mas faz anos que o pai da minha *cáraid* o comprou. Agora pertence a ela. Todos os vidros das janelas têm proteção ultravioleta e estão blindados contra golpes e outro tipo de impactos de artefatos. É como um forte. Faz um mês, minha Aileen pediu que mudassem o mobiliário do castelo e o tornassem mais acolhedor, mais... familiar. —Sorriu com ternura. — Além disso, pediu que equipassem a casa com todo tipo de novas tecnologias. Na garagem têm carros e motos de todo tipo. Há computadores de última geração em todos os quartos e o castelo está equipado com tecnologia muito avançada. Há um quarto que é um closet de hóspedes. Ali encontrarão roupa sem usar, usem a que acharem conveniente. — Deu uma olhada ao tecido negro que cobria o torso de Róta. — Além disso, aqui ficarão seguros. Thor era um guerreiro vanirio, portanto, qualquer proteção para ele era pouca. Dentro acharão todo tipo de comodidades. Sintam-se em sua casa.

— O que aconteceu com Thor? — Perguntou Miya.

Caleb apertou os dentes e olhou o castelo de soslaio.

—O Newscientists o capturou e o matou. Era meu melhor amigo. — Admitiu com pesar.

Miya entendia a dor de Caleb. Perdeu recentemente Ren e, de algum modo, sentia-se responsável por sua perda. De seu amigo Ren, o Newscientists também arrebatou aquilo que mais amava no mundo: sua *Hanbun*, Sharon. Após, Ren se infiltrou nas filas de Khani para destruí-los de dentro, embora isso custasse o receio e a desconfiança das Valkyrias e de alguns guerreiros, e também sua própria autodestruição. Agora Ren morreu, sacrificou-se por eles como um herói e decidiu entregar sua vida; uma vida que já não era boa se Sharon não estava ao seu lado. E Miya, embora rodeado de novos guerreiros e companheiros de luta, sentia-se mais só que nunca.

Sem Ren, sem Sharon, sem Aiko e Isamu que se achavam em Chicago reorganizando os clãs de berserkers de Milwaukee. Essas eram as pessoas em quem sempre acreditou; e agora, quando olhava ao seu redor, encontrava uma valkyria de cabelo vermelho que o matava de desejo e de necessidade, mas em quem não confiava e que não podia chegar a confiar nunca.

— Está meditando, samurai? —Perguntou Rota o olhando de soslaio. Miya pigarreou e sem responder sua pergunta se preparou para descer do avião.

Caleb ofereceu um impermeável prateado que repelia os raios solares.

—Ponha isto. —Ordenou. — Aqui não é como em Black Country.

Embora houvessem nuvens e névoa espessa, continuava sendo um vanirio vulnerável à luz solar.

Miya aceitou, o pôs por cima e cobriu a cabeça com o capuz prateado.

—Ninguém sabe que estão aqui, mas os procurarão — advertiu Caleb— e não serão tão tolos para não saber que Seiya e esse tal Hummus estão neste país e que os objetos estão escondidos nestas terras. Isto é como um jogo. — Disse o líder da Black Country. — Ganhará quem antes pegar a espada e a lança, e espero que sejam vocês. Usaremos nossas próprias armas da Inglaterra e poremos a todos os outros em marcha.



Miya sabia que não ganharia quem tivesse a espada e a lança em seu poder. Os jotuns já tinham esses objetos em seu poder e, de momento, não os usaram. E sabia perfeitamente por que; pelo menos, um dos objetos não podia ser posto em marcha.

Caleb deu as chaves do castelo e Miya brincou com elas entre os dedos enquanto perguntava:

— Por que vai deixar o menino aqui? É um estorvo. Sabe... — O fitou fixamente no rosto.

Caleb jogou o cabelo negro para trás, seus olhos verdes elétricos faiscaram e sorriu enigmaticamente.

—Ele deve ficar aqui. Há uma razão para isso. —Ofereceu o antebraço e esperou que Miya aceitasse o gesto.

O samurai o fez e assentiu a contra gosto.

Bryn passou com Johnson nos braços, completamente coberto com o mesmo impermeável protetor prateado, pegou as chaves de Miya e se dirigiu ao castelo.

—Vou entrando. — Anunciou a General.

Rota, por seu lado, falava animadamente com Noah sobre algo que o samurai não podia ouvir. A valkyria tinha um dedo apoiado no queixo, e olhava o berserker pensativa enquanto lutava para que o lençol negro que usava como vestido não escorregasse. Noah a olhava com o cenho franzido.

—*Arigató gozai masu*¹³— Miya baixou o queixo sem deixar de olhar nos olhos de Caleb.

—Não há de que. —Respondeu Caleb. — Estamos aqui ao lado. — O recordou fazendo referência à Inglaterra. — Continuaremos em contato e viremos os ajudar assim que seja possível. Gabriel não demora muito a aparecer. — Olhou o céu e sorriu. — Que metamorfose de cachos — Piscou o olho e pôs-se a rir.

Miya tentou sorrir, quis fazer o gesto, mas a falta de prática se notou imediatamente.

Caleb deu a volta e se dirigiu ao avião, fazendo um gesto para Noah entrar com ele e sair dali.

—Ouça, essa adaga *Guddine*¹⁴ que usa no cinturão é de Nanna. — Dizia Rota para Noah. — Ganhou de presente de Freyja.

—Então, conhece Nanna? — O berserker a olhou de cima a baixo.

—Sim, é óbvio. É minha *nonne*. —Respondeu muito orgulhosa. — A roubou?

—Sim, a roubei do meu ombro quando ela a lançou contra mim, sabe? — Respondeu sarcástico. — Onde está a valkyria? Por que não desceu com vocês?

Rota levantou uma sobrancelha vermelha e o assinalou com o dedo como se houvesse percebido algo muito importante.

— Espere um momento! Ouça, não é o Bengala, verdade?

— Quem?

¹³ *Arigató gozai masu*: Significa “muito obrigado” em japonês

¹⁴ *Guddine*: Significa “dos deuses” em norueguês.



—Nanna me falou de um guerreiro chamado Noah que parecia um tigre de Bengala. Você é esse Noah? Dizia que era muito moreno de pele, tinha olhos amarelos e o cabelo curto tão loiro que parecia branco... Você parece com essa descrição que deu dele.

— Um tigre? —inchou como um galo.

—Sim, um tigre... — Repetiu Rota revirando os olhos. “Estes homens... gostam de um galanteio...” — Um tigre vaidoso. Ouça, bonito — se aproximou dele, — me deixe pôr os pontos nos is: tente pôr uma mão em cima da minha Nanna, e te congelo os Kinders, entendido? — Seus olhos se tornaram vermelhos.

Noah soprou e cruzou os braços.

—Não estou brincando. — Assegurou Róta. — Afaste essas grandes mãos de Eduardo Mãos de Tesouras dela, de acordo? Não toque Nanna. Jamais. Nunca.

Noah arqueou as sobrancelhas e bocejou.

—É muito divertida, valkyria.

—Claro, gatinho. E quer saber porque não pode controlar uma adaga *Guddine*? —A valkyria cruzou os braços.

— Que merda acontece com esta adaga? — Perguntou Noah sem compreender nada. Nanna disse o mesmo. Moveu o ombro ferido fazendo rotações adiante e atrás.

Róta mordeu o lábio inferior, lutando para recordar onde viu Noah antes.

—Se cale, agora. — Ordenou. — Me confunde... Não consigo te localizar. — Se rendeu ela.

— Não consegue me localizar? Estou aqui. — Noah a olhou como se estivesse louca.

— Onde te vi antes? — Róta continuava pensando em voz alta. Uma mão cheia de tatuagens japonesas se fechou sobre o braço de Rota.

—Vamos, valkyria. O avião vai decolar. — Disse Miya.

Róta olhou a mão que marcava sua pele a fogo. Como podia ser que o simples contato disparasse pulsações daquela maneira tão foga? Vieram as imagens de Miya e ela enredados entre lençóis úmidos, mordendo um ao outro... “Esta vinculação vaniria é doentia”.

Controle seus pensamentos. Ordenou Miya. *Não é o momento de pensar nisso.*

Rota o olhou fixamente, ofendida, desafiando que voltasse a dar uma ordem. Será que ela estava sempre fora dos eixos enquanto ele se aproximava e estava tão fresco como uma alface? A estava deixando furiosa. Colocou uma imagem em sua mente de Noah e ela em pleno coito só para que o samurai aprendesse a deixar de controlá-la. Não podia cortar suas asas, não suportaria. Mas acima de tudo, a incomodava que ele não se sentisse igualmente desprotegido como ela em relação às sensações que despertavam um no outro.

Miya não perdeu seu olhar em nenhum momento, e só o musculo que palpitava em sua mandíbula refletia que o que via não o agradava.

Mas valia deixar as coisas claras, pensou Róta. Soltou-se de seu aperto e encolheu os ombros e disse:

—O que disser, papel alumínio.

Noah segurou a risada, pigarreou e se desculpou com Miya, que o olhava com o capuz da capa prateada acima da cabeça, perdoando sua vida. Ofereceu a mão e o vanirio a apertou com força.



—Ei, tranquilo samurai. É toda sua. — Noah levantou as mãos como se fosse inocente de qualquer coisa que o acusasse injustamente. — Nos vemos. — Se despediu.

Miya girou para fixar o olhar furioso no corpo de Róta, que se afastava com as costas muito retas, ativa e orgulhosa, sabendo que com seu ato o ofendeu.

Ela o olhou por cima do ombro e sorriu com os olhos completamente vermelhos.

Ele mordeu a língua para não soltar milhares de imprecações pela boca.

“Descarada. Insolente”. A seguiu até o castelo.

—Espere. Róta. — A alcançou e a agarrou. — Sua segurança vem em primeiro, assim não vai fazer nada sem minha permissão. — Disse furioso. — Onde estiver, eu estou. Entendido? Antes de entrar no castelo devemos deixar as coisas claras.

Róta deu a volta e o olhou como se fosse um tolo.

—Vamos ver, samurai. — Apertou a ponte do nariz, retirou o braço e se armou de paciência. — Sou sua *Hanbun* ou sua prisioneira? Não gosto que me sigam. Não gosto que me controlem, disse isso no Chinook. E não quero ficar presa. Odeio ficar presa.

—As normas são assim. — Disse ele inflexível. — Somos um grupo de guerreiros e trabalhamos em equipe. Não fará o que tiver vontade e já sabe que meu irmão virá por você. Você, mais que ninguém, deve ser vigiada. Encarregarei-me disso.

Róta franziu os lábios numa fina linha, apertou os punhos de cada lado de seus quadris e soltou faíscas pelos olhos. Logo relaxou e sorriu com falsidade.

—Claro, o que disser, rolinho de primavera.

Acelerou o passo e se afastou do vanirio, deixando Miya minimamente de acordo com suas ordens e pensativo sobre suas duas últimas respostas.

“O que disser” de Róta soava igual a um “Nem sonhe”.



No hidroavião, Noah meditava sobre as palavras de Róta e também algo curioso sobre Caleb. Dedicou ao vanirio um olhar inescrutável.

— Como estão as coisas entre Cahal e mulher da Newscientists? Faz quatro dias que a tem em seu poder e ainda não temos nenhuma informação dela, nem dele.

O vanirio negou com a cabeça.

—A vinculação é complicada. Não é fácil. Sei que fizeram um intercâmbio, mas também sei, pelo que me disse Menw, que ele voltou a tocá-la. A vigia, fica com ela, mas não há... contato.

— Por que não? Está me dizendo que está há quatro dias com essa loira que é uma peça chave para dismantelar a Newscientists e que suas presas não obtiveram o que ele queria? E por que porra, não?

—A está torturando. Suponho que está deixando que arda de desejo por ele, que o necessite como o ar para respirar. A necessidade vaniria é incontrolável. Cahal e sua *cáraid* têm um longo caminho pela frente.



— E quanto tempo Cahal pretende mantê-la nesse estado antes de fazê-la sua? Melhor Cahal fazer o que tem que fazer o mais rápido possível. Além disso — sorriu com malícia, — caso faça algo mal, sempre pode pedir perdão. Funcionou com você, não? Se falta tempo, os escrúpulos não são bons aliados nestes casos. — Caleb grunhiu e mostrou as presas com sutileza.

—Verá, vira-lata. O melhor é não chegar ao ponto de ter que pedir perdão. Ele saberá o que tem que fazer com a garota, suponho que quer arrancar uma admissão desesperada. Não podemos nos meter. É sua *cáraid*.

Noah encolheu os ombros e assentiu. Ainda rondava uma pergunta pela cabeça. Uma muito importante.

—Caleb, como sabia que o menino se chamava Johnson e que tinha seis anos? Ninguém o mencionou.

Caleb sorriu enquanto movia os comandos do avião rumo à Inglaterra.

—Porque ele me disse.

—Esse menino esteve dormindo todo o momento. Não abriu a boca para nada.

—Mas falou comigo.

— Pode falar com você enquanto dorme, enquanto está em estado alfa? —perguntou assombrado. — Vi o estado físico desse pirralho. Caiu desfalecido completamente, era como um peso morto em seus braços.

Caleb encolheu os ombros copiando o gesto recorrente de Noah e centrou seus olhos esmeralda nas nuvens espessas que se divisavam no horizonte.

Também estava assombrado pela comunicação espontânea do pequeno e a grande revelação que aquilo comportava. Notou algo sutilmente diferente na onda mental de Johnson.

Seria possível o que percebeu?



Miya e as Valkyrias se acomodaram nos quartos da ala leste. Não havia empregados, mas estava tudo muito limpo e ordenado. As imediações da propriedade dispunham de uma casa de hóspedes onde pareciam morar os empregados de manutenção, e só vinham no fim de semana, então, agora, não se encontravam lá.

Rota não deixou de bisbilhotar por todo o castelo. O céu estava muito encoberto: a noite chegava com rapidez e as janelas deixavam que a pouca luz da lua iluminasse o interior da mansão.

Johnson e Bryn pegaram o quarto contíguo ao de Rota.

Bryn, que tinha o mesmo instinto maternal dela, decidiu se encarregar do pequeno vanirio. Melhor, porque Rota não foi feita para ser doce nem terna com nenhum mini-homem moreno com olhos azuis. Johnson estaria melhor com Bryn.

Fechou os olhos e inalou profundamente. O melhor em estar debaixo desse teto era sentir que o corpo não doía, que voltava a ser dona de si mesma. Sentir-se limpa, sentir-se minimamente



segura e, sobretudo, livre. Livre de mordaças, correntes, cordas, drogas... Livre de tudo que a subjugou nos dias anteriores.

Tomou banho na suíte e se vestiu com a incrível roupa que estava nos armários. Aileen era uma deusa e por certo tinha sangue de valkyria, pensava enquanto admirava o preço dos objetos que pegava. Vestiu-se com uma calça elástica preta muito apertada, botas de pele marrom e um pulôver negro muito justo que cobria seu traseiro. Deuses, morria de vontade de voltar a fundir o cartão *Black* para comprar todo tipo de quinquilharias vaidosas, mas inclusive isso foi arrebatado pelos desgraçados dos jotuns. E morria para comprar essas coisas, essas que a faziam se sentir tão bem... as mesmas que aborreceriam um iluminado desinteressado como o samurai que a tocava de *einherjars*.

—Tenho fome, Senhor Miyagi... —grunhiu para si mesma. —Ouve-me, japonês? Tenho fome!

Tinha bebido de Miya há várias horas. O sangue vanirio a mudou de alguma forma? Não tinha nem ideia, mas estava morta de sede e só pensava em comer. Em comer e... em *o comer*. Ele devia estar igual. Viu os estragos que provocou o intercâmbio de sangue entre Aileen e Caleb.

Eram *Caraiids*.

Mas Rota e ele também estavam predestinados, portanto, eram um para o outro, pelo menos, segundo suas necessidades físicas.

Porra, os salões, quartos, salas de estar e demais eram tão amplos, tinham tanta luz e tanta classe... Aileen deu uma grande calidez a esse lar. Abajures em pé nos cantos, grandes estantes de livros, sofás confortáveis, chaise longue bem fofas, mobiliário de madeira; remodelou as chaminés e colocou vigas em todos os tetos das salas. Além disso, escureceu o assoalho com parqué escuro de largas tábuas, algumas áreas cobertas por preciosos tapetes abstratos. Rota sabia que no Midgard, essa terra meio infestada com uma humanidade estranha e muito ignorante, houve épocas de barões, condes, duques, marqueses e burgueses. Esse castelo viveu o esplendor dessa época, estava convencida disso, dizia-se enquanto acariciava as paredes do corredor que levava à escada.

Que segredos guardariam os muros do castelo? Haveria passagens secretas que terminavam em áreas proibidas? Túneis iluminados por tochas que levavam a algum tesouro?

O som de seu estômago vazio a tirou de seus pensamentos.

Ali ninguém cozinhava?

Desça ao salão principal, Róta. A General e eu estamos preparando nossa central de comunicações.

—A General e você?

Acelerou o passo e chegou ao salão principal.

Miya e Bryn estavam conectando os computadores sobre a grande mesa de mármore para vinte comensais que ocupava parte da sala.

Bryn tinha os olhos azuis cravados na tela do MAC de mesa e vestia roupa toda escura, igual à dela. Sempre tiveram gostos muito parecidos. Só não se pareciam na escolha de homens. Quando os *einherjars* subiram ao Valhala pela mão de Nanna, as duas sempre repartiam os



guerreiros. Bryn pirava pelos morenos enormes de aspecto selvagem. Ela, pelo contrário, se inclinava pela beleza mais exótica, mais... sutil. Não tão óbvia como a da General.

Se não soubesse que Bryn já estava “Pedida” por seu einhrejar se preocuparia muito. Por que a General era do tipo que atraía, um osso duro de roer que era todo um desafio para o sexo oposto.

Miya usava uma camisa negra meio abotoada que deixava seu musculoso torso descoberto. Torso com tatuagens? Fez água na boca...

Uma cinta de couro marrom atravessava seu peito, e com ela prendia a *chokuto*. Os jeans ficavam tão bem que Róta teve que umedecer os lábios; e além disso usava o cabelo castanho escuro solto, como ela gostava. Seus olhos ligeiramente orientais e um pouco cansados a seguiam desde que entrou na sala. Parecia esgotado, cansado, como se sofresse de uma grande enxaqueca, mas estava tão bonito que teria se conformado em morder um dedo.

Gosta do que vê? Perguntou Miya num leve indício de paquera.

Não havia quimonos nos armários?

É muito engraçada, valkyria.

E você busca elogios impossíveis. Sei perfeitamente que, diferente de mim, ouve o que estou pensando. E não gosto. Vou mudar isso em breve.

Róta cruzou os braços e caminhou para eles. Parou em frente ao computador.

Miya arqueou as perfeitas sobrancelhas castanhas, surpreso pela contundência de sua afirmação.

E como pensa em fazê-lo?

Aperfeiçoando minha técnica. Estou aprendendo muitas coisas no Google, sabia? Estive bisbilhotando no computador do quarto.

Miya se pôs a rir, e o som o surpreendeu tanto que levou uma mão ao pescoço, assombrado pelo que acabava de fazer.

Os olhos celestes de Róta se encheram de diversão e calidez ao vê-lo tão perdido com sua reação. Mas era verdade. Estava aprendendo a controlar esse dom. Conectou-se a Internet e procurou informação como uma possessa sobre telepatia e empatia. O que leu pareceu muito interessante. Mas agora que estava pondo em prática funcionava.

Miya, céu, vou te deixar louco. Agora tem a vantagem, mas espere que eu entenda como funciona a vinculação mental entre vanirios...

Não acredito, valkyria. Aceite que sou mais forte que você nisso e que estou no comando. Não lute contra mim. Escolho o melhor para os dois.

Não dê as coisas por certas. Não há nada certo neste reino.

A única certeza que há é que não vou te perder de vista, Róta.

Claro, claro... Bla, bla, bla...

—Temos um computador para o foro e assim manteremos um feedback atualizado. — Disse Bryn sem olhá-la, alheia à conversa telepática que tinham a valkyria e o samurai. — Outro fica conectado ao sistema de vigilância via satélite — enquanto ela falava Miya tirava uma foto com a câmara do MAC. — Descarreguei o programa de reconhecimento facial do serviço de inteligência



militar, o mesmo que utilizamos em Chicago. Com a foto de Miya poderemos localizar seu irmão gêmeo, se sair à luz...

—Não demorará —disse Miya guardando a foto na mesa do computador. — Não gosta que tirem suas coisas, sobretudo quando são coisas que não lhe pertence, assim cedo ou tarde deverá buscar o que acha que é seu. —Olhou para Róta. — Por certo que passou todo o dia nos buscando.

—Seu irmão precisa de um psiquiatra. — Espetou a valkyria. — Sei que sou irresistível — jogou todo o cabelo vermelho sobre um ombro — mas que compre uma peruca vermelha e bata uma punheta se olhando no espelho. —Olhou ao redor. — Onde está o pequeno com presas?

—Continua dormindo. — Respondeu Bryn a olhando surpreendida.

— Isso é normal? O que acontece? O enxertaram com uma marmota?

—Esse pequeno precisa descansar. — Explicou Miya com paciência. — Já passou por muito.

—Sei. — Disse Rota apertando a mandíbula. Mas alguém devia se assegurar que o pequeno continuava respirando, não? Obviamente não sabia nada de crianças, mas não podia ser que dormisse tanto.

—O portátil — continuou Bryn — servirá para que Isamu e Jamie nos passem em tempo real tudo que estão averiguando sobre o estudo dos esporos. — Continuou a General. — E este outro está conectado ao sistema de denúncia policial da Escócia. Veremos em que áreas brigou e faremos um rastreamento; pode ser que os jotuns sejam os causadores dos alvoroços.

Róta assentiu, concordando.

Não que fosse uma despreocupada, mas tinha uma fome de mil demônios. Era a primeira a querer ir atrás de Seiya, era odiosamente vingativa e tinha muita vontade de guerrear, adorava a ação. Mas não gostava de esperar, a paciência não era seu forte e nesse salão não ia aguentar muito com o aroma de Miya a deixando louca e Bryn rindo de sua situação: porque sabia que a General estava desfrutando disso, ria de sua peculiar necessidade e desespero. Precisava ocupar seu tempo enquanto isso.

—Genial. Pois enquanto ficam aqui brincando de CSI, vou brincar de cozinha. Temos que comer. — Tocou o ventre plano, deu a volta e saiu do salão.



Miya estava muito duro.

Como podia essa valkyria ser tão bonita?

Os anos de disciplina ajudavam muito a não cair rendido aos pés dessa beldade de cabelo vermelho. Via seu cabelo e vinha à sua mente palavras como sexo tórrido, selvagem, furioso, apaixonado... Era fascinante.

Seus olhos, de cor azul tão especial, estavam um pouco dilatados, certamente devido ao cansaço e também ao estresse. Gostaria de tranquilizá-la um pouco, abraçá-la e dar um pouco de segurança, mas Róta estava desgostosa com ele porque não podia ler sua mente.



Decisão inevitável e irreversível. Não ia permitir que entrasse em sua cabeça, pelo menos não até que houvesse uma vinculação plena; não até que ele e Róta não tivessem uma autentica vinculação vaniria e dependessem um do outro para viver ou respirar. Só então Miya se asseguraria que Róta jamais escolhesse o outro lado, com o outro gêmeo.

Tudo dependia dela.

Entretanto, não podia enganar a si mesmo. Gostava muitíssimo. Muito mais do que admitia. Era um ímã para seus sentidos, maravilhosamente magnética, perfeita para ele. Para ser sincero, deveria limar alguns aspectos de sua personalidade que não gostava, mas o tempo e a disciplina a ensinariam a se comportar.

Não seria de Seiya. Não seria dele jamais. E não passaria dessa noite para fazer a segunda troca e fazê-la sua fisicamente. Quanto antes agissem, melhor. Seiya estava bombardeando a mente de Róta desde que desapareceu, e estava fazendo esforços titânicos para manter a valkyria protegida e sem sentir o ataque a que a submetia seu gêmeo, porque Seiya a estava atacando sem compaixão, mas Róta não se dava conta disso porque ele se fazia de escudo. Estava cansado e doía sua cabeça. Precisava se recarregar, e apenas Róta podia dar o que precisava.

—Está há um bom tempo olhando a entrada do salão. — Bryn interrompeu seus pensamentos. — Exatamente desde que Róta saiu para preparar um pouco de comida.

O samurai limpou a garganta. Agora que estava num ambiente mais relaxado com a valkyria loira, aproveitaria o momento e tiraria a informação que pudesse.

—Confia nela, Bryn?

Bryn elevou os olhos cor turquesa e o olhou surpresa:

— Confiar? Em que sentido?

— Confiaria a Rota algo mais valioso em sua vida?

Bryn mordeu o interior da bochecha enquanto pensava na resposta e observou Miya como se medisse as palavras, como se não estivesse segura do que o samurai precisava ouvir ou, em todo caso, o que queria saber de Róta.

—Rota é diferente... —explicou Bryn colocando o cabelo loiro atrás da orelhinha bicuda. — É temperamental e pode ser muito cruel... Mas...

— Acha que há maldade nela? —Perguntou de repente. — Ela a trairia?

Bryn cruzou os braços e apoiou o quadril na mesa.

—Róta e eu estamos zangadas. Não estamos no nosso melhor momento, mas não posso culpá-la. Ambas cometemos enganos... Verá, não é das que dão a outra face. Se a golpear, golpeia. É assim. Ainda estou esperando que me devolva a bofetada que dei, e por que ainda não o fez me incomoda... — Mordeu o lábio inferior e franziu o cenho. — Porque isso quer dizer que não me dá importância... E o pior que Róta pode fazer é ser indiferente, assim me consolo pensando que o que está fazendo na realidade é juntando energia para me dar a mãe de todas as bofetadas. — Disse desgostosa. — Mas não é má. Não faz mal para fazer dano. Sua agressividade é mais um sistema de defesa que outra coisa, compreende? E nunca te atacará se não a atacar primeiro. Maldade? Não, Miya. Não é má. É uma valkyria. Uma muito violenta e temperamental. Mas, sim, respondendo sua pergunta, confiaria nela às cegas.



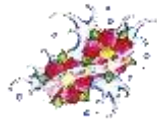
Miya tocou o punho de sua *chokuto*. A General e sua *Hanbun* se conheciam há muito tempo, e pelo visto, Bryn confiava em Róta.

Bryn era direta e honesta, não mentiria jamais em algo assim.

Mas a profecia era muito clara quanto ao papel de Róta, e embora Bryn parecesse convincente em sua resposta, também ele detectou que estava ocultando algo a respeito de sua valkyria. Estavam os dois iguais: guardavam segredos a respeito de Róta.

Porra, tinha um dilema. O melhor era manter Róta na mais absoluta ignorância sobre quem era e sobre o papel que desempenhava no êxito da missão.

Róta era a arma mais perigosa que tinha nas mãos. Mais, muito mais, que os objetos.



Oh, sim. No Google se aprendiam muitas coisas.

As Valkyrias não tinham dons telepáticos e, portanto não sabiam como lutar com eles. Miya não ia explicar como controlar a vinculação já que, ao que parece, o samurai gostava de mantê-la sob controle e na mais absoluta ignorância. Mas não era estúpida.

Enquanto meditava sobre isso preparou muffins, brownies e bolos de maçã. Por certo que Johnson gostava de doces. Ela era viciada nestes. Os descobriu em Chicago e graças aos livros dados por Gabriel também descobriu que adorava cozinhar. E que não era ruim.

Além dos doces, deu tempo de preparar vários pratos de arroz e um creme de verduras espetacular. Miya ia paralisar quando provasse tudo.

Deixou tudo pronto na mesa da cozinha, onde podiam comer sem problemas, porque aquela cozinha era tão grande como um pequeno apartamento de sessenta metros.

Mas não ia jantar. Tinha decidido.

Olhou as mãos que tremiam incontrolavelmente, frias e úmidas de suor. O coração palpitava muito rápido e havia algo que apertava seu peito. Leu no computador de seu quarto que podiam ser sintomas de um estresse pos-traumático, como uma crise de ansiedade.

Mas se negava a acreditar, porque as Valkyrias eram muito fortes, não eram como as humanas, verdade? Como teria um trauma de nada? Se nem sequer se sentia mal, se nem sequer pensava sobre isso... Só tinha essa manifestação física de seu trauma.

Se fosse um trauma tinha que se proteger de Miya como fosse, porque odiava ser fraca e não queria que o samurai acreditasse que era covarde.

O Google dizia que se queria proteger sua mente de outras invasões devia visualizar muros, portas fechadas, labirintos ou névoa... Estava há um bom tempo visualizando isso, e Miya ainda não falou com ela. Portanto, ele não podia perceber como se encontrava nem tampouco o que tramava. Sua tática estava funcionando.

Soprou e abriu a torneira da pia da cozinha.



Sim, sua tática funcionava, mas esse estado de nervos tinha que desaparecer imediatamente, porque estava com muitíssimo medo e não sabia do que. Agora estava a salvo, não se encontrava nas celas... molhou as mãos e umedeceu o rosto.

Precisava sair dali e correr. Soltar um ou dois raios e relaxar.

Sentia-se presa, privada de liberdade. Não só não podia sair do castelo, mas, além disso, tinha um homem a controlando mentalmente.

Seiya era um demônio, de acordo. Mas Miya também podia ser insuportável ao seu modo.

Que diferença havia entre ser confinada por um ou por outro? Por sorte, era muito calculista, e sabia muito bem como tinha que proceder.

No avião, ao beber de Miya viu a sequência completa do interrogatório de Khani. Para isso, além de um soro da verdade usaram uma espécie de caneta que anulava ondas mentais. Miya carregava uma na calça, e ela era uma cleptomaníaca incorrigível, e dois mais dois faziam quatro.

Adorava pegar coisas e tomar emprestadas, embora às vezes não as devolvesse.

Olhou o pequeno dispositivo e pressionou o botão. Sorriu enquanto saía pela ampla janela da cozinha que dava no jardim principal.

Nem pensar. Não ia ficar de braços cruzados enquanto Seiya corria livre por aí, enquanto seu corpo estremecia de raiva e angústia e clamava por uma desumana vingança. Enquanto tinha medo. Era uma guerreira e o melhor modo de lutar contra o medo era o encarando.

Saltou do balcão e correu por sua liberdade e para privar Seiya da dele. O encontraria. Acabaria o encontrando.

Alguém tinha que fazer algo, não?

Na realidade não importava se corria em busca de vingança ou se corria para fugir de seus próprios fantasmas, mas tinha que sair daqui antes que as paredes daquela fortaleza a oprimissem a asfixiassem definitivamente.



Róta teve que correr muito para começar a relaxar, e nem sequer fazendo trabalhar seus músculos pôde se liberar daquela sensação de medo incongruente e irracional.

Não sabia para onde ia. Em sua mente só se refletia a possibilidade de escapar, mas desconhecia do que escapava. Das lembranças? Da sensação de estar presa? De saber que tinha seu *einherjars* controlador sob o mesmo teto? Dela mesma? De sua vontade de matar alguém? Escapava para encontrar Seiya e matá-lo ela mesma?

Perguntava-se todas essas coisas quando chegou a um lindo parque cheio de trailers e casas pré-fabricadas. Havia famílias inteiras caminhando de um lado ao outro; algumas comendo no jardim; outras lavando roupa; alguns meninos brincando com um frisby passaram diante dela com uma exalação e seu cão branco e negro, que os seguia de um lado ao outro, parou diante dela, moveu a cauda e latiu.



Róta levantou uma sobrancelha e meio que sorriu. O cão fugiu correndo com a língua para fora seguindo os dois pirralhos.

Seton Sands Holiday Park era o que dizia um dos pôsteres que rodeava a casa pré-fabricada adiante.

Tratava-se de um parque de camping. Era curioso, muito pouco fashion por certo, mas gostava do ambiente que se respirava ali. Naturalidade, descanso e confiança, isso era o que apregoava aquele lugar. Não era silencioso como o castelo de Seton, não havia tanta tensão como no interior dessa propriedade; ali, nesse parque, não tinha por que evitar ninguém nem ocultar que estava descontrolada. Ali sua debilidade não seria descoberta nem pela General nem por Miya. Só precisava se misturar com as pessoas e ocupar sua mente com tudo que via.

Sentaria nas raízes de uma das árvores que monopolizavam o parque e, simplesmente, deixaria que o medo e o ato reflexo de atacar o que fosse que se movesse desaparecessem como se fossem levados pelo vento.

Olhou a caneta e o girou para um lado e para o outro.

—Não admira que os atlantes adorassem tecnologia. — Sorriu e guardou o anulador de frequências no bolso traseiro da calça.

Estava tranquila. Inalou. Exalou.

Começava a relaxar.

A humanidade procurava esse tipo de lugar para se juntar com a família e crianças, para relaxar do estresse da cidade. Começava a compreender o por que.

E então ficou tensa de repente. Suas orelhinhas bicudas se moveram alertando de algum perigo que ainda não podia ver. Os cabelos da nuca arrepiaram e Róta centrou seus olhos em tudo que a rodeava....

Zas! O primeiro ataque mental que recebeu a deixou esticada no chão.

Algo apertava seu crânio, como mãos torturantes, como um torniquete.

Zas! O segundo ataque provocou câibras no estômago. Agarrou a cabeça com desespero e tentou por todos os meios se proteger e controlar essas dilaceradoras pontadas à altura das têmporas.

Zas! Depois do terceiro arremesso só pôde se enrolar no chão, apertar os joelhos contra o peito e fechar os olhos com força para começar a levantar suas defesas, as poucas que conhecia graças ao Google, as que Miya não ensinou a evocar.



CAPÍTULO SETE

Seton Sands Holiday Park

Mas por acaso essa valkyria estava completamente louca? Miya parou atrás de um trailer e inalou profundamente.

Amora. Amora por todos os lados... Estava louco para encontrá-la.

O que pensava essa mulher? Que podia fugir dele assim? Que não se daria conta que a casa já não cheirava a ela? Só precisava seguir o aroma, o rastro que deixava sua essência pessoal e a encontraria até no fim do mundo.

O caso era que a jovem conseguiu, e ainda não sabia como, o afastar de sua frequência mental enquanto estava no castelo. Mas foi assim porque estava mais centrado em protegê-la dos ataques de Seiya que em saber o que pensava.

Até que, de repente, parou de senti-la. E Seiya também parou de percebê-la, porque tão conectados como estavam os dois, Miya pôde detectar a surpresa de seu gêmeo ao parar de receber o sinal de Róta.

Porra. E então foi tudo um caos. Foi até a cozinha. O balcão central estava cheio de pratos de arroz, saladas e doces variados, mas Rota não estava em nenhum lado. E a janela que dava ao jardim estava totalmente aberta. Um golpe para seu ego: um samurai como ele, ser enganado assim por uma mulher... Que vergonha mais ultrajante.

Nunca, em sua vida imortal, sentiu tal necessidade de torcer o pescoço de uma garota. O desespero, não saber dela por vários minutos, o medo, a perda de controle... Foi um toque de atenção para ele. Merecia por ter demonstrado vaidade e soberba com sua atitude com ela.

Mas Rota era uma imprudente, porra! Seiya e seus jotuns estavam atrás dela, e a guerreira de cabelo vermelho se permitia licença para fugir do castelo, se expor e prescindir de sua proteção? Por que? Porque a valkyria não tinha a menor ideia do determinante que era para o desenvolvimento e a culminação da missão de Seiya. Por isso.

E então, apoiado como estava no trailer, tentando seguir o perfume pessoal de Róta e a localizando naquele grande parque, recebeu a dor por ela. As pontadas na cabeça; a tortura que se supõe outra pessoa forçando suas defesas e atacando de longe, destruindo as defesas que protegem sua intimidade mental. Não era nada agradável e podia te levar à loucura! Pânico. Ela lutava contra isso e parecia admirável.

Miya foi em sua ajuda. Tentou deter o ataque, tentou se conectar com ela, mas a valkyria estava cega pela dor. Falou para tranquilizá-la, mas Róta não escutava a razão.

Preocupado, decidiu rastrear o aroma de amora e achá-la fisicamente antes que seu atacante ou os comparsas de seu atacante o fizessem.

Era Seiya. Seiya queria entrar em sua cabeça e deixá-la aturdida. Seiya sentiu a fissura em seu amparo, produzida por esse lapso de tempo, no qual perderam seu sinal, e agora ia por ela com renovadas forças.

Miya apertou os punhos e de novo se centrou nos caminhos mentais que o levariam até ela enquanto escrutinava cada canto do parque com os olhos. Mas a jovem aprendeu a se proteger e



o distraía com uma grande quantidade de tolices; e não só a ele, também a Seiya; sentiu-se tolamente orgulhoso dela.

Róta podia escrever um manual de absurdos para despistar abusadores mentais: labirintos com ciprestes em forma de anões, muros com grafites de sinais de stop, névoa com imagens de navios piratas fantasmas... Miya soprou. Róta assistiu *The Fog*, com certeza. E continuou o bombardeando com várias imagens mais dignas de menção: um corredor cheio de portas com duas meninas agarradas pela mão e um triciclo pedalando sozinho por aí... *O Resplendor?*; uma vaca que comia grama com grande parcimônia... Uma vaca? Pobrezinha. Suas defesas eram mínimas e não serviriam para afastá-lo durante muito tempo, como tampouco serviriam para afastá-la de seu irmão.

Correu com todas as suas forças, decidido a proteger sua valkyria e encontrá-la antes que alguém mais o fizesse, antes que aqueles que sabia estarem para chegar a encontrassem.

O acampamento de trailers começava a cheirar suspeitosamente a enxofre.

A chuva caiu com acanhamento.

Passou ao longo de vários grupos de trailers: um casal que caminhava de mãos dadas, alheios ao que acontecia: uma praça de cafés e chás; um grupo de jovens sentados em círculo fazendo confidências, com um mini rádio no centro da reunião que entoava uma dilaceradora canção.

*Skies are crying
I'm watching
Catching teardrops in my hands
Only silence, at it's ending like we never had a chance
Do you have to make me feel like there is nothing left of me¹⁵*

Então a viu. Não exatamente ela, mas parte de seu cabelo vermelho brilhante que repousava como um manto sobre as gigantescas raízes de uma árvore. Como um maldito e pequeno novelo, protegida pela mãe natureza. Porra, parecia uma fada escondida da visão dos humanos. Alguém muito belo e irreal para se mostrar diante dos olhos de alguém.

Ao lado de sua cabeça, como um simples objeto abandonado, estava o dispositivo em forma de caneta que Gabriel lhe deu, o qual não tinha bateria.

Miya franziu o cenho. Quando o pegou? Como conseguiu? Chegou até ela, guardou o anulador de frequências no bolso e se agachou.

Róta abriu os olhos. Tinha as pupilas muito dilatadas e, quando centrou seu olhar claro nele, se deixou levar pelo pânico e começou a dar chutes e tapas, querendo o afastar dela.

Miya sabia o que Róta estava vivendo, podia perceber.

— Róta, pare! — Sussurrou com voz hipnotizante. — Sou eu, Miya.

¹⁵ O céu chora e observo enquanto caem as lágrimas em minhas mãos. Apenas silêncio, como o prelúdio de um final, como se nunca houvesse tido uma oportunidade. Tem que me fazer sentir como se não restasse nada em mim?



— Não! —exclamou ela rodeando seus pulsos com seus finos dedos. Estava tremendo. — É ele!

—Relaxe... —Miya estava usando a frequência de voz exata que fazia Róta obedecer compulsivamente. — Sou Miya. O gêmeo bom, lembra? Está sofrendo um ataque de pânico, *bebī*.

Foi a cadência dessa palavra, desse apelido carinhoso que Miya pôs que a fez prestar atenção. Mas Róta engoliu e negou com a cabeça porque se opunha a acreditar que as Valkyrias fossem tão débeis mentalmente como as humanas.

—Não tenho ataque de pânico. Só... — apertou os olhos com força e procurou uma palavra idônea para seu estado —... só estou histérica.

O samurai sorriu e a cicatriz que tinha no queixo se estirou.

—Como quiser chamar. — Retirou o cabelo do rosto. — Me deixe entrar, Róta e afastarei seus fantasmas.

— Não! Ele está lá. Quer entrar também. —Murmurou aturdida. — Diz que sou dele. Que ele e eu estamos predestinados. Que você... você se interpôs entre nós. Tenho-o aqui dentro. — Tocou a têmpora. — Não sei... Não sei como afastá-lo. Quero que se vá. Faça com que se vá!

Miya apertou a mandíbula e rangeram seus dentes. Encostou sua testa na dela. Precisavam se alimentar de novo e fortalecer o vínculo.

—Se aproximam. — Disse ela com o olhar desfocado. — Sabe onde estou.

A vinculação de Seiya com Róta era muito mais fraca que a dele com sua valkyria. Mas Seiya ainda tinha poder sobre ela, porque a submeteu a longas horas de terror e o medo grudava na mente das vítimas de maneiras quase indestrutíveis. Róta podia convocar Seiya inconscientemente ao lembrar do tempo que esteve sequestrada em sua mãos. Só tinha que pensar nele para que seu irmão recebesse o “Convite”. Era como uma puta chamada telefônica.

Miya levantou a cabeça e ficou olhando o céu noturno abafado por nuvens grossas, típico da Escócia. A chuva não caía com força suficiente para ser um aborrecimento e a lua aparecia de vez em quando, lutando para emergir e iluminar a terra com sua luz.

O aroma de enxofre estava cada vez mais forte. Devia agir rápido.

—Venha aqui. — Agarrou Róta nos braços e se escondeu entre as raízes da árvore, com ela sobre seus joelhos.

Róta o olhou com interesse e estudou sua posição: estava sentada em cima dele. Ele recostou as costas na raiz mais grossa, e a segurava contra seu peito.

— Vai cantar uma canção de ninar?

Miya negou com a cabeça enquanto a olhava com solenidade e concentração.

— Tem que fazer de tudo uma piada? Pensei que estava histérica.

—Mas assim, em cima de você — especificou — não vou relaxar.

—Temos que fazer isto rápido, preciso que lute ao meu lado e nesse estado não acredito que adiante muito — retirou o cabelo do pescoço e expôs sua garganta.

Mas Róta não o escutava. Seiya estava torpedeando-a com um monte de imagens deploráveis e destrutivas, e a valkyria tornava a se encerrar em si mesma. Ele a localizou, mas não permitiria que soubesse nada mais.



Miya captou o que estava pensando a jovem guerreira para afastar o ataque de seu irmão, diversas imagens desconexas e fascinantes: Popeye o marinheiro, Pasapalabra, Capitão América...

— Está pirada, valkyria — disse maravilhado, como se fosse um elogio.

— Sei uma piada sobre um par de cabras — soltou trêmula.

O samurai a escutava com atenção enquanto cravava a presa na língua. Estava encantado em escutar Rota falando quando estava tão nervosa e desamparada. Os lábios faziam caretas e os olhos olhavam muito fixamente, totalmente abertos.

— Havia um par de cabras no monte, e uma diz à outra: “Béeeeeeeee” — imitou o som da cabra perfeitamente e Miya apertou os lábios para não tornar a rir. O homem girou a cabeça para ver se os jovens que estavam na praça ao lado a ouviram. Continuavam escutando a canção concentrados. — E a outra responde: “Béeeeeeeee você, que não séeeee onde éeeceeeceee”.

Miya piscou duas vezes e não moveu um só músculo do rosto.

Róta piscou de igual maneira, medindo sua reação, e quando ia abrir a boca para dizer que era um sem graça, Miya a tampou com seus lábios.

*You can take everything I have,
You can take everything I am
Like I'm made of glass,
Like I'm made of paper.
Go on and try to tear me down
I will b rising from the ground
Like a skyscraper
Like a skyscraper!¹⁶*

Róta ficou aturdida. Não era fácil surpreendê-la, nada fácil. Mas Miya fazendo algo espontâneo a desconcertou. Por um momento, pensou que faria um de seus truques para se meter em sua cabeça e anular o problema. Pelo contrário, se decidiu pela ação direta e sem subterfúgios. E, por todos os deuses... Como beijava esse homem!

Sentiu os lábios de Miya se fechando ao redor de sua língua e sugando, fazendo-a dobrar os dedos dos pés. E então, uma de suas masculinas presas se cravou nela e Rota gemeu indefesa em sua boca. Afundou os dedos em seu cabelo e puxou para afastá-lo, mas Miya ganhou em intensidade e a submeteu ao seu beijo.

Um líquido com um sabor narcótico e satisfatório caiu no interior de sua garganta. “Miya mordeu minha língua, mas este beijo tem muito gosto de coco”. Ele também sangrava, compreendeu.

Beba. Compartilha seu sangue comigo. Pediu mentalmente.

Róta assentiu. Não ia pedir duas vezes. Seu sangue dava força, e a orvalhava com uma estranha luz, uma paz que nunca antes sentiu. Não queria perder essa oportunidade de

¹⁶ Pode levar tudo que tenho, pode levar tudo que sou, como se fosse feito de vidro, como se fosse feito de papel. Venha, Tente me afundar, que vou levantar do chão como um arranha-céu. Como um arranha-céu!



compartilhar algo tão especial com seu... “*Vanireinherjar?*”. Tinha que parar de assistir Pasapalabra e de fazer palavras-cruzadas.

Sugaram a língua um do outro.

Róta relaxou contra seu corpo e o ataque mental de Seiya diminuiu pouco a pouco. Bem, porque o psicopata podia ir à merda.

Ela só queria Miya. Que o samurai tomasse o controle de sua mente e de seu corpo.

Que a enchesse em todos os sentidos.

Sentiu-o se fazendo dono e senhor de sua cabeça. Percebeu a luta inicial entre os dois gêmeos e como Miya dava um bom chute no traseiro de Seiya e o afastava dela. O fez de um modo esmagador, mas sem parecer selvagem, sem perder os estribos, com essa frieza cortante que irradiava. Miya cobriu sua mente e a agasalhou com uma manta, cheio de calma e silêncio, afastando os fantasmas.

Miya abraçou Róta enquanto a comia com a boca. Beijar essa valkyria era como uma experiência mística. Ela era a mulher que sua essência de vanirio, sua alma imortal, escolheu como companheira. E embora não pudesse escolher nem controlar o gosto de seus instintos animais, tinha que reconhecer que Róta era a guerreira que procurava em sua companheira. Não gostava das dóceis e submissas, e conhecia homens de caráter forte que preferiam mulheres assim ao seu lado porque já tinham o suficiente com a guerra que viviam nos campos de batalha, para também ter que mantê-la em sua própria casa. Mas gostava de desafios. Dobraram Róta dias atrás, mas não a destruíram. Róta não estava quebrada.

Era tão forte, que embora outros quisessem afundá-la, embora outros quisessem que acreditasse que não valia nada, essa mulher de olhos celestes, um sinal terrivelmente sexy no canto do olho e cabelo cheio de paixão se levantaria e se faria maior que nunca, mais alta que todos os outros, como um arranha-céu. *Skyscraper*.

Ela era uma clara representação do Bushido e por isso a admirava ainda mais. O Bushido compreendia a ética transcendental do samurai: viver inclusive quando já não se sentia desejo de viver. Como ela fez, enjaulada e maltratada nesses dias nas mãos da Newscientists.

Estou aqui. Nada nem ninguém vai te fazer mal enquanto estiver comigo e me obedecer. Te protegerei de todos e de si mesma. Mas nunca, nunca mais, torne a fugir de mim.

As primeiras duas frases da mensagem mental de Miya foram fantásticas, as seguintes criavam um pouco de controvérsia em seu caráter rebelde. Mas, o que fazer? Não podia ser perfeito. Além disso, tinha a língua desse guerreiro que roçava o palato e estava tão bom que pensar em minúcias era quase uma falta de respeito.

Um calor febril e mil línguas de fogo percorriam o corpo de ambos. Róta apertou o peito contra o torso de Miya e este grunhiu de prazer.

Suas línguas se acariciavam e roçavam como gatos ofegantes de carícias e carinho.

Afastaram-se para puxar ar, pois respiravam agitados e excitados, como dois colegiais. Tinham os lábios machados pelo sangue de ambos e os olhos velados pelo ardor e desejo. “Com D: —pensou Róta. — Demolidor”.

Róta acariciou-lhe a cicatriz do queixo e deu outro beijo mais inocente nos lábios.

—Bem...



—Bem. — Repetiu Miya engolindo e dando uma lambida nos lábios.

—Sim —sorriu com alegria e sinceridade e jogou os braços no pescoço dele.

Quando a valkyria se inclinava para beijá-lo de novo, esta olhou para o céu e suas orelhas se agitaram.

Miya levantou com um salto e desencapou a *chokuto* que tinha nas costas. Mostrou as presas às nuvens, como se fossem atacar, e seus olhos cinzas limpavam e se tornaram prata fundida. Colocou Róta atrás dele para protegê-la.

—Te quero atrás de mim — ordenou ele.

Róta abriu as palmas de suas mãos e estas se encheram de fios elétricos de cor azul e vermelha. Seu rosto se iluminou e seus olhos se converteram em rubis. Seu cabelo vermelho ondeou devido à energia eletrostática e sorriu abertamente mostrando as presas.

—Nunca me viu lutar, verdade? —Estalou a língua. — Bonito, se prepare para ter uma enorme ereção.

—Temos que nos afastar daqui. Isto é um maldito camping de trailers, há crianças e famílias inteiras. Os nosferatus vêm aqui.

—Vieram muito rápido. Pensei que essa caneta funcionava.— Recriminou a si mesma.

Miya a fulminou com os olhos.

—Há jotuns por toda parte. Isto é a guerra original, a que existe desde o começo dos tempos, não sabia? E Rota...

— Sim?

—Falaremos mais tarde da “caneta” e sua cleptomania.

—Claro, Samurai... O que disser.

Sem uma palavra e ignorando o comentário mordaz da valkyria, pegou Róta pela cintura e de um salto elevou voo, afastando-se do *Seton Sands Holiday Park*.

Afastaram-se do parque e se dirigiram à praia. Enquanto voavam, Róta olhou por cima do ombro para trás. Um grupo de dez vampiros os seguia atravessando as nuvens.

Róta se recolocou bem entre os braços de Miya. Rodeou sua cintura com as pernas e dirigiu uma palma da mão para o primeiro nosferatu, mas seu cabelo vermelho e solto açoitava seu rosto e não a deixava ver bem.

Miya elevou uma mão e enrolou a longa juba carmesim em seu pulso.

A valkyria piscou um olho. Aquele era um gesto possessivo, característico e muito pessoal para as Valkyrias. Adoravam seu cabelo e sentiam prazer quando o acariciavam. Miya fazia disso algo que a agradava.

Pensa em tudo, samurai.

Sou bom.

Róta lançou o primeiro raio contra o vampiro mais adiantado. O torrou até que carbonizou diante de seus olhos.

— Têm que cortar sua cabeça ou arrancar o coração! —gritou Miya. Róta dirigiu o raio ao peito do segundo vampiro, fez um buraco no peitoral esquerdo e não parou até que o palpitante e escuro órgão explodiu. O vampiro se desintegrou no ar.



—É boa —disse Miya com orgulho. Róta levantou o queixo, agradecida e inchada por esse comentário a respeito de suas aptidões.

— Ali! —Disse Miya assinalando uma praia com enormes rochas. — Isso é Longniddry Bents. Está retirado do centro urbano de atividade, assim ninguém que não esteja envolto nesta guerra sairá ferido.

Desceram com rapidez e assim que seus pés tocaram a úmida e escura areia da praia se posicionaram um ao lado do outro em atitude defensiva.

Em Longniddry Bents, durante a Segunda Guerra Mundial, se construíram fortificações chamadas *Tank Traps* para impedir a invasão de veículos armados por parte dos germanos. Com o passar do tempo algumas dessas fortificações de pedra retangular jaziam sob a areia, mas outras podiam ser vistas.

Parecia um lugar estratégico de guerra entre Marte e a Terra: uma praia plana dessas nas quais podia se caminhar meio quilômetro e a água cobria apenas os joelhos, de areia grossa e escura, e algumas vezes o terreno estava salpicado de imensas rochas. Se ali lutaram os humanos, Longniddry Bents se converteria no centro de uma luta entre raças sobrenaturais.

Os oito vampiros rodearam o casal.

Miya agarrou a *chokuto* pelo punho, acariciou com dois dedos a inscrição em japonês e sorriu para os vampiros.

Róta agitou a *bue* de seu pulso até que se materializou o arco vermelho e negro em sua mão direita e as flechas de raios na esquerda. Esticou a corda com duas flechas, apoiou o queixo sobre a *bue* que se estendeu sobre o antebraço e levantou uma sobrancelha.

— Com quantos pode você? —Perguntou Róta.

—Com todos —respondeu Miya.

—Não seja egoísta, samurai. Na vida têm que compartilhar.

— E me diz isso uma valkyria? Compartilharei a vitória com você... Mais tarde.

Róta revirou os olhos. “Outro igual ao Engel”.

Dispunha-se a lançar a primeira flecha quando chegaram mais cinco vampiros, cada um carregando um par de monstros peludos. Trolls. Róta achou que os trolls eram como cães bípedes muito descompensados, mas os vampiros estavam cada vez mais feios e magros. Não havia nenhum sexy de verdade. O filme de Drácula era uma pantomima, mas claro, até mesmo Bram Stoker, que Nanna chamava “Bran Estaca”, desconhecia que o vampiro era como um viciado, e que o sangue o consumia como a droga. Esses monstros sem alma, pálidos e piorados, com presas afiadas e amareladas e vestidos com roupas escuras pareciam mais como irmãos do *Powder*, afetados por uma estranha enfermidade degenerativa, que bonitos seres sobrenaturais pelos que as mulheres babavam.

Não como Miya. Miya era um Vanirio. Um homem alto, forte, moreno, tatuado e tão exótico e saboroso que só desejava o ter na horizontal e lamber as gotas de chuva por todo o corpo.

O samurai gemeu e a olhou de lado.

—Se concentre, maldição—sussurrou entre dentes. Estava vendo tudo pensava. — Vão nos atacar, porra!



— Mas o que fiz? Estou concentrada, samurai — respondeu fingindo inocência. — Os chupa sangue vêm com trolls. De onde os tira...

Um par de vampiros se jogou contra ela.

Róta dirigiu a primeira flecha ao coração de um deles e agachou para esquivar o golpe do segundo. Miya fez um movimento lateral, levantou a *chokuto* e cortou a cabeça do vampiro.

Róta limpou o sangue que salpicou a bochecha e Miya se posicionou de novo, diante dela, a protegendo.

— Façamos um pacto, mulher — sugeriu olhando-a por cima do ombro. — Você torra e eu corto, de acordo?

Os vampiros olharam uns aos outros, sabendo que eram muitos para só duas pessoas. Acreditavam que iam ganhar.

— Eu sugiro outro pacto — disse o vampiro que olhava Róta lambendo os lábios. — Você vai à merda, irmãozinho, e me devolve o que é meu. A valkyria me pertence. Sabe disso.

Róta arregalou os olhos e Miya ficou olhando fixamente esse não morto que falava como seu irmão.

— Seiya o está usando para se comunicar conosco — explicou Miya. — Estou com você, Rota. Não tema.

Róta fez ranger os dentes.

— Eu não te pertenço, filho da puta sádico! — exclamou a guerreira de Freyja com o olhar vermelho centrado no nosferatu que Seiya falava por sua boca. Milhares de fios eletrostáticos a rodeavam. Os trolls e os vampiros que faltavam chegar se reuniram ao cerco e se uniram à briga.

— Sabe que sim — disse o vampiro. — Sente em seu interior. Anseia o poder, Róta. A necessidade de ganhar e dominar, de fazer sua vontade...

— Se cale! — gritou Miya se adiantando em grande velocidade para parar diante do indivíduo instigador e cortar sua cabeça. Era perito no *lal Jutsu*, que era uma arte em si: desembainhar a espada, cortar ou despedaçar, limpar o sangue e por último, voltar a embainhar a espada, mas sempre deixando a mão no punho, se por acaso tivesse que voltar a liberá-la. Fez tudo em décimos de segundo.

Um quarto vampiro se situou atrás de Rota.

— Sente isso, Róta — sussurrou quase ao seu ouvido. — É quem é. Não pode evitar...

Ela girou, o golpeou com o arco na cara e cravou a flecha na testa, a retorcendo enquanto controlava os gestos de dor com seu olhar vermelho.

— É Seiya quem está aí dentro? — sussurrou furiosa. — Mande este recado da minha parte: *Snakker du Valkyr*.¹⁷ — Pensar que seu torturador podia falar diretamente através da mente desses vampiros a deixava muito doente, mas nem por isso ia se conter. As Valkyrias possuíam a *furie*, uma raiva tão descomunal e visceral que podia provocar diferentes gamas de destruição. Olhou ao céu e sorriu.

— *Asynjur*! — Exclamou convocando os raios. Três fios elétricos surgiram de entre as nuvens. Um foi parar num troll, outro no vampiro que ia atacar Miya e outro mais no que a tinha

¹⁷ Snakker du Valkyr?: Fala valkyrio?



entre as mãos. Miya assentiu assombrado pela habilidade de Róta e se dispôs a defendê-la como só um guerreiro antigo como ele sabia fazer.

—Te perseguirei, Rota. É minha mulher, e juntos conquistaremos o Midgard —dizia o vampiro. — É seu destino. Dentro... dentro de pouco nos veremos cara a cara e não haverá decisão possível para você.

Róta escutava com atenção o chupassangue. “Se esse for meu destino, que alguém me corte a cabeça”. Deixou que a eletricidade do relâmpago a varresse e iluminasse seu corpo. Manipulou o relâmpago como se fosse uma corda e rodeou a garganta pálida com ele, apertando e aproximando sua boca da orelha disforme do vampiro.

Esse homem estava como um dedo-duro e os olhos esbranquiçados e sem vida iam sair das órbitas devido à pressão que ela o submetia.

—Vou te falar em meu idioma —murmurou Róta mostrando as presas.

—Venha a mim, valkyria, aceite o trono que ofereço — continuava Seiya através do nosferatu. — Já tenho tudo. Só falta você. Fomos feitos um para o outro.

—Diz tolices e está perdendo a cabeça. — Puxou o relâmpago e apertou o torniquete no pescoço até que a cabeça do vampiro saiu disparada para o céu.

Depois daquilo, os vampiros e os trolls se lançaram sobre eles, mas Miya não permitiu que tocassem sua valkyria em nenhum momento. Róta ajudava lançando raios e flechas, mas esse guerreiro não precisava de nenhuma ajuda. Uau...! Bonito espetáculo para a vista.

O samurai se movia com elasticidade e dinamismo. Era como um bailarino elegante e preciso, cheio de plasticidade. As bases do *Ken jutsu*, pensou Rota, uma das modalidades de luta genéricas dos samurais: ataques graciosos com a katana, fluidez de movimento, o salto adequado no momento adequado. Não só cortava com a lâmina de sua espada, mas, além disso, golpeava e aturdiu com toques secos e certos. Ele sozinho estava se carregando do maldito quartel de jotuns e sem se despentear. Ainda usava o coque baixo preso à nuca.

Um guerreiro samurai lutando com roupa de um modelo italiano... Podia ser mais sensual?

Um troll se aproximava de Miya pelas costas. Ela sabia que as dentadas dos trolls eram muito daninhas, assim dirigiu a palma da mão para o monstro e o fuzilou com um raio de forma esférica. A bola elétrica atravessou o peito do troll e o matou no ato.

Miya deu um olhar de sobranceiras arqueadas.

—Convencida.

—Convencida eu? Não sou eu quem está exterminando um grupo de jotuns como se estivesse representando *O baile dos Cisnes*...

— Se agache, Rota! —gritou o samurai.

Ela se lançou ao chão, e esquivou das garras de um troll. Este se jogou em cima dela e a agarrou pelo cabelo, puxando a cabeça para trás. Miya voou com as duas pernas adiante para impactar com as plantas dos pés na cara do jotun. Mas este agachou enquanto mordida a nuca de Róta.

— Seu bastardo! —gritou a valkyria dolorida.



O samurai repassou no ar, estendeu o braço direito e enredou os dedos na pelagem negra da cabeça do agressor. O separou dela e o jogou contra o chão, sem soltar o cabelo. Plantou um pé no peito fofo e negro do troll e cortou sua cabeça com a espada.

—Estão chegando mais... Muitos mais —murmurou a valkyria levando a mão à nuca.

Miya limpou o sangue da lâmina e embainhou de novo a espada.

—Me deixe ver — se aproximou preocupado.

—Não! Agora tem que lutar! Nada de mimos —o afastou com um empurrão.

Miya decidiu deixá-la tranquila. Róta não o conhecia. Ele só obedecia seu pai, a ninguém mais. A valkyria não lhe daria ordens, nem ela, nem ninguém. Mas respeitaria sua decisão pelas circunstâncias em que se encontravam.

Porra. Saber que a feriram doía mais nele que nela.

—Se aproxima um enxame de mais vinte vampiros —Miya contou as manchas negras que voavam por entre as nuvens. — O que acha de te levar lá em cima e fazer sua magia?

—Genial, samurai.

Miya a agarrou nos braços e se elevou até se ocultar entre as nuvens espessas.

Os vampiros pararam, levitando e cheirando para detectar seus aromas pessoais.

Olharam abaixo, escrutinando até localizar os corpos dos outros comparsas que começavam a se desintegrar.

—Faça o que tem que fazer, valkyria —murmurou Miya no ouvido de Róta.

—Me vire —disse em voz baixa.

A girou, rodeou sua cintura com um braço e colou seu peito nas costas dela. O interior de uma nuvem podia congelar, mas era o hábitat favorito das Valkyrias e não sentiam frio.

—Estou gelado, porra —grunhiu o vanirio com o rosto úmido.

—Se aproxime de mim —levantou as duas mãos e se concentrou em receber energia dos trovões. Suas mãos pareciam condensadores e ela toda crepitava como se fosse feita de eletricidade.

— Por que não me eletrocuto? —perguntou Miya.

—Porque a valkyria nunca pode fazer mal ao seu *einherjars* enquanto estiver em contato com ele —ela tinha os olhos vermelhos e brilhantes centrados na bola de energia elétrica que ganhava forma e tamanho em suas mãos. — Foram feitos para ser máquinas de matar juntos, por isso seus poderes não podem prejudicar um nem o outro. Só podem curar um ao outro. Curar suas feridas.

—Pois me eletrocutou os testículos no Underground.

Ela encolheu os ombros.

—Suponho que ainda não tinha bebido o suficiente de mim e precisava se vincular desse modo para que o *kompromiss* agisse...

Miya a olhava hipnotizado enquanto falava. Inclusive sua voz era sexy e magnética. Essa mulher era um perigo para sua estabilidade mental e emocional, mas não podia evitar, não podia resistir a esse encanto, embora fizesse seu melhor esforço.

— A valkyria recebe ordens de seu *einherjars*?



—Sim. E ele as recebe dela. Mas em você é inato, acredito que é mandão e autoritário desde que estava no ventre de sua mãe —o imaginava puxando como um louco o cordão umbilical e dando chutes como o samurai que era, dizendo: Mãe, água. Fome. Sono. Água. Mais fome...

Miya recebeu a imagem mental e riu. Jamais se imaginou assim.

—Me obedeça agora, guerreira.

As asas tatuadas de Róta esquentaram e se excitaram pela ordem.

Por certo estavam vermelho vivo. Sentia as costas ardendo como nunca. Permaneceu em silêncio, na expectativa. Miya se inclinou adiante e acariciou sua bochecha com os lábios.

Havia algo muito erótico em estar no céu, no meio de uma luta, e saber que uma mulher explosiva e cheia de poder estava entre seus braços disposta ao que fosse que ordenasse. Preferia acabar as lutas segundo seus métodos, mas havia algo íntimo e gratificante em deixá-la mostrar seu poder, tomando a iniciativa.

—Mate-os todos, Róta —murmurou fascinado pelo poder dessas palavras destrutivas.

A valkyria moveu as orelhinhas em aprovação àquela ordem, suspirou e sorriu cheia de prazer.

A bola de energia elétrica foi dirigida ao grupo de vinte vampiros.

Impactou, rodeou e capturou apenas dez. Róta grunhiu frustrada por não poder reter todos.

— Escaparam! — Gritou.

Miya ficou maravilhado pelo que viam seus olhos. Uma bola de uns quinze metros de diâmetro brilhava com tons azuis entre as nuvens e continha dez vampiros que gritavam enlouquecidos e mortos de dor.

—Logo iremos pelos outros. Acabe com eles, neném.

“Neném? Deixou seus mamilos duros!” pensou excitada.

Róta assentiu, fechou os punhos das mãos que estavam estendidas e no momento que o fez a bola estalou como uma supernova e os dez vampiros deixaram de existir, voando pelo céu em partículas diminutas.

—Maravilhoso —Miya a felicitou cheirando seu pescoço. Lambeu o rio de sangue que provinha de sua nuca e observou a ferida. Passou a língua mais cima, retirando o cabelo com suavidade.

—Miya... —disse com voz débil, gemendo de prazer e surpresa. Porque a tinha bem agarrada, não caiu à terra como uma pomba morta. — Ouça, não ponha a boca aí... O troll me mordeu e... Ouça, Mi... Yaaarrrgh..

O samurai sorriu.

—Está bem. Agora vamos pelo resto, campeã. Pronta?

Róta o olhou com olhos cheios de desejo.

—Nasci pronta.

—Gggrrrr... Começo a acreditar.

Miya e Róta voaram como balas, dirigindo-se contra os outros vampiros. Estes pareciam voar em retirada, mas quando estavam a ponto de alcançá-los, se escutou uma voz doce e clara que gritava:



— Asynjur!

Um martelo voador parecido ao de Thor girava sobre si mesmo e rodeou os vampiros, cortando cinco cabeças de repente. O martelo entrou de novo entre as nuvens.

Róta e Miya pararam em seco.

— Que raios foi isso? — Exclamou aturdida. — Essa voz... — Róta fixou seus olhos na nuvem espessa diante dela e de repente o corpo esbelto, curvilíneo e formoso de sua *nonne* Gúnnr saiu de dentro do cumulonimbus, gritando ao céu de novo:

— Asynjur!

Os trovões crepitaram ao seu redor e sua jovem irmãzinha, extasiada de energia e com um brilho especial ao seu redor, a olhou com um sorriso de orelha a orelha, a franja lisa cor de chocolate e muito longa dançando sobre os olhos cheios de fúria Valkyrica e as asas tribais de energia luminosa da cor vermelha mais bonita que viu na vida. A ordinária estava voando! Gúnnr fez uma volta sobre si mesma e agitou as asas como Sininho, desfrutando e mostrando sua magnificência e seu ar de conto de fadas para sua *nonne*.

Róta soltou uma gargalhada e sentiu um nó no estômago e uma estranha dor na garganta. Isso era angústia. Emocionou-se ao saber que não perdeu Gúnnr, que continuava viva. Sua pequena *nonne*.

— Me leve até ela — pediu Róta ansiosa para tocar Gúnnr.

— Espere que acabe o que começou — sugeriu Miya, contente ao ver que a valkyria estava viva. — Seu *einherjars* deve estar por aqui...

Em seguida, o Engel emergiu de entre as nuvens, com a juba loira recolhida num coque alto e asas tribais azuis com diferentes desenhos das de Gúnnr, mas igualmente espetaculares. Elevou suas duas espadas e se dispôs a atravessar corações e cortar cabeças como o guerreiro frio que era, eliminando os cinco vampiros que tentavam fugir. Róta também se alegrou em voltar a vê-lo, embora jamais admitisse. Quando Gabriel exterminou os bandidos chupassangue, piscou o olho para Gúnnr e centrou seus olhos azuis em Miya e Róta.

— Sentiram saudades?

Róta já não pôde aguentar mais. Impulsionou-se adiante, e se virou com os braços abertos para a valkyria alada.

— Gunny! — Gritou ela rodeando-a com os braços. — Se voltar a morrer, juro que te matarei... perua! — Sussurrou afundando o rosto no pescoço de Gúnnr, feliz por voltar a sentir sua calidez.

Gúnnr engoliu e beijou Róta na bochecha. Acariciou seu cabelo e mordeu o lábio inferior enquanto as lágrimas deslizavam por suas bochechas.

— E você, se... se voltar a deixar que a sequestrem... — Gúnnr tentou repreendê-la, mas sua natureza em momentos como esse a impedia de falar assim com sua querida Róta. — Ao inferno! Abrace-me, idiota — murmurou com carinho. — Te amo muito, *nonne*. Estava tão preocupada...

— Não diga essas idiotices... — respondeu angustiada.

Gúnnr pegou seu rosto nas mãos e observou seu rosto de cima a baixo.



—OH, se cale. Digo se tiver vontade. Por Freyja, Rota, não imagina a vontade de estar com vocês de novo... —Secou as lágrimas com os polegares.

— Que demônios fez com o Mjöltnir?! —Perguntou histérica. — O que...?

—É uma longa história... Contarei mais tarde.

Ambas se olharam nos olhos e se comunicaram como só as irmãs podiam fazer. Esse intercâmbio dizia muitas coisas: “Tenho tantas coisas a contar! Deuses, sofri tanto por você; me conte tudo que aconteceu; Gabriel te deixa feliz? Por que continua viva? É um milagre que esteja aqui...”.

Abraçaram-se de novo e permaneceram assim durante a descida, até que tocaram a areia da praia com seus pés.

Miya e Gabriel se saudaram como dois bons companheiros, oferecendo o antebraço e se abraçaram com o braço contrário.

—Fomos primeiro ao castelo, e Bryn nos disse que Róta escapou — explicou Gabriel.

—É um pouco escorregadia... — Desculpou-a Miya. — Como sabiam onde estávamos?

—Bom, só precisamos seguir os foguetes. Estava tudo controlado — o felicitou Gabriel.

— Eu? Na realidade, foi essa máquina de matar de cabelo vermelho. É um espetáculo como guerreira.

—As Valkyrias são um espetáculo em todos os aspectos — o golpeou nas costas amigavelmente. — Vai descobrir. Vamos ao castelo, ande. Bryn e o menino Johnson estão sozinhos. Temos que falar de muitas coisas...

—Gabriel.

O Engel parou e o olhou por cima do ombro.

—Não posso levar Róta lá de novo até que me assegure de algo. Meu irmão criou uma brecha em sua mente e a ataca constantemente e pode conseguir muita informação através dela. Agora está sob controle, mas preciso me vincular com ela bem... bem. — Concluiu. — Tenho que fazê-lo para protegê-la e nos proteger.

Gabriel estreitou os olhos e o olhou como se quisesse transpassá-lo.

— É sua *cáraid*?

—É minha *Hanbun*.

Gabriel encolheu os ombros.

—Deve ser o mesmo. Fico feliz. Mas, há algo... — assinalou com o indicador, — há algo que não me contou e não sei o que é, posso perceber. Espero que não me oculte segredos importantes, Miya. Estou de segredos até os ovos.

O samurai levantou uma sobrancelha.

—Todos temos segredos.

—Certo. E também ovos. Mas espero que escolha bem o que quer conservar — piscou um olho e deu a volta para avisar Gúnnr. — Vamos, florzinha — entrelaçou os dedos nos dela. — Vamos? —Disse Gúnnr surpresa. — Mas, Gabriel, acabamos de chegar! Róta e eu...

—Vou ganhar a aposta — disse Gabriel com um sorriso safado muito delatador.

Gúnnr abriu os olhos azeviches e ficou de queixo caído.

—Nãooo... —replicou ela incrédula.



—OH, sim. Miya quer falar com Róta sobre... algumas coisas.

Gúnnr olhou sua *nonne* e depois Miya. Durante o voo para a Inglaterra, Gabriel e Gúnnr discutiram sobre a relação de Miya e Rota e como poderia acabar. Gúnnr dizia que Róta tinha muito caráter para ceder ao samurai e se interessar por ele. Gabriel dizia que à mínima oportunidade que os dois tivessem se deitariam. Gúnnr era competitiva e odiava perder as apostas, e Gabriel se sentia o ganhador.

— Ah, sim? —Perguntou Róta elevando uma sobrancelha vermelha e cruzando os braços.

— De verdade quer falar comigo?

—Alegra-me que esteja bem, valkyria —Gabriel falou com sinceridade.

Róta revirou os olhos.

—Chato. E me alegra ver que se entendeu com Gúnnr.

O Engel riu. Róta se incomodava que se preocupassem com ela tão abertamente e ele desfrutava a irritando.

—A deixaremos com seu guerreiro, Róta —sussurrou Gabriel pestanejando como uma garota. —Não demorem muito.

—Depende se ele é ou não impotente como você. — Respondeu a valkyria com um sorriso falso.

Gúnnr ruborizou e puxou a mão de Gabriel.

—Deixe-a em paz, Gaby — a doce Gúnnr olhou para Róta e soletrou a palavra “Sorte” com os lábios, levantando os dedos cruzados.

Róta sorriu e balançou a cabeça.

Ambos se afastaram da cena e desapareceram.

A valkyria fixou os olhos em Miya e o samurai a analisou de cima a baixo. Aproximou-se caminhando com segurança, como um conquistador, até que seus corpos quase se tocaram.

— Te dou medo? —perguntou o samurai.

Róta sorriu com gesto altivo e saboreou com antecipação o sabor de Miya. Iam se deitar e ia ensinar o que era uma mulher valkyria. Engoliu. Deu um passo à frente e levou a mão aberta ao pênis de Miya.

— Parece que me dá medo?

As aletas do nariz de Miya dilataram.

—Sabe o que vai acontecer entre nós, verdade?

—Humm... vamos dar nossa primeira rapidinha?

Um ligeiro indício de fúria se refletiu nos olhos cinza do Vanirio.

—Não gosto dessa língua vulgar que tem.

Róta sorriu de orelha a orelha. Sim, no Valhala também o diziam. Mas Freyja adorava que fosse uma desbocada e ela desfrutava soltando pérolas pela boca, porque gostava de ver a reação dos outros.

—Samurai — acariciou sua ereção com a ponta dos dedos — minha língua e você se darão às maravilhas.

Miya jogou o pescoço para trás e fechou os olhos. Quando os abriu de novo, eram prata pura e as presas explodiam na boca.



—Só uma coisa —objetou Rota.

—É sua primeira vez, já sei. Tomarei cuidado.

Róta sentiu vontade de cair na risada, mas ao ver o rosto tão solene do guerreiro, decidiu pelo menos o respeitar nisso, embora desse na mesma.

—Não. Não quero doçura e cuidado — jogou o cabelo vermelho para trás e olhou ao seu redor. — Só quero que não estejamos num lugar fechado. Não, não me sinto bem estando presa.

Miya a compreendeu perfeitamente. Róta estava traumatizada pela cela que a confinaram e o sequestro lhe dava uma sensação permanente de sufoco e esgotamento. Mas era sua e ia cuidar dela e vigiá-la, embora Róta não gostasse da ideia.

Sem uma palavra e com um grunhido animal, a agarrou nos braços, se impulsionou sobre os calcanhares e voou até desaparecer entre as nuvens.

Com medo ou sem medo, essa noite uma valkyria e um Vanirio iam se deitar pela primeira vez.

CAPÍTULO OITO

Um samurai nunca ficava nervoso.

Um samurai não se deixava levar pelas emoções.

Um samurai não podia ter uma ereção em pleno voo.

Com Róta nos braços, Miya estava se dando conta que ele, um antigo samurai Kofun conhecido por sua disciplina e frieza, estava sendo submetido pelo aroma e suavidade do corpo de uma mulher.

A valkyria rodeou seu pescoço com os braços e apoiou a cabeça em seu largo ombro.

— Está tão excitado quanto eu? —suspirou sonhadora.

Um samurai sempre controlava a situação e não só isso: era imune à provocação verbal. Mais outro credo que Róta jogava por terra sem compaixão.

—Tem que estar porque, menino... sua katana está ameaçando meu traseiro —murmurou sobre a pele de seu pescoço. — Sabe? Acho que gosto de beber seu sangue. Desde esta manhã morro por te enfiar o dente, samurai —suspirou com prazer e deu uma lambida na jugular. Cruzou os tornozelos e se abandonou ao corpo de Miya, como se fosse uma menina feliz e segura.

Porra, ele agradecia muito o vento frio da Escócia que açoitava seu rosto. Precisava se limpar porque temia que Róta pudesse deixá-lo louco, como um estúpido colegial jovem e inseguro.

—Ali. — Disse ele.

Aos seus pés, ainda nos limites de *Longniddry Bents*, havia um parquinho no qual se achava um único utilitário branco. A luz da cabine do motorista estava acesa.

Miya desceu com Róta nos braços e se colocou bem diante do veículo. Havia um casal em seu interior se beijando apaixonadamente, com a música do rádio na máxima potência. Róta sorriu e, enquanto descia de seus braços, olhou para Miya com cara de pôquer.



— É voyeur?

Ele revirou os olhos.

—É incansável.

— O que?! Não estou brincando! —replicou ela. — No Valhala Freyja nos tinha sexualmente a pão e água, e tínhamos que nos entreter com algo, assim que...

Miya pigarreou e emitiu um som de dor. Se ficasse mais duro ia arrebentar a calça.

—... assim que nos manuseávamos um pouquinho, sabe — pôs as mãos nos quadris e apareceu na janela do passageiro. Ei! Vocês! —disse para quem estava dentro, golpeando o vidro com os nódulos. — O vapor vai matá-los!

O cérebro de Miya só trabalhava nos “manusear das Valkyrias”. Parou ao lado da janela do motorista e olhou para Róta por cima da cabine.

—Não pode se manusear só um poquinho. Ou se toca ou não se toca.

—Sei, sei... —Uma sobancelha vermelha levantou pela curiosidade. — Assim que te interessa o que disse. Não sei que fixação têm os homens em ver duas mulheres se esfregando...

— Não pensam em homens se tocando entre eles?

A valkyria o olhou como se fosse verde e tivesse três cabeças.

—Bonito, se penso em dois gostosos se tocando entre eles, entro em depressão. Juro que não fantasio com isso e se tivesse que fazê-lo me asseguraria de estar fazendo o H. Eu no meio deles —pisçou um olho coquete. — No estilo Frankfurt.

O samurai abriu a boca e soltou uma gargalhada.

“Que mulher mais insolente”. Abriu de repente a porta do motorista e encontrou um homem moreno de uns trinta anos com o rosto decomposto e olhando-o horrorizado.

— Que porra faz, cara?!

—Fora —só teve que dizer isso e fazer um leve movimento de cabeça para que o humano e seu par loiro saíssem da caminhonete. — Vá para sua casa e retorne amanhã por seu carro — o humano assentia como um zumbi, submetido ao poder mental do vanirio.

Róta, por sua vez, ajudava a descer a mulher loira com óculos que tinha os lábios inchados, o sutiã erguido quase pela cabeça e o torso nu cheio de chupões.

—Pobre loira... —disse a valkyria ajeitando sua roupa íntima. — Garota, um homem que não se preocupa em tirar seu sutiã não merece nem que o chupe — falava como se fosse uma menina pequena e ela uma eminência no assunto. — O chupou, loira?

— Hein? Bom, eu... — disse a mulher aturdida.

— O chupou. Não pode chupá-lo com os óculos. Não ensinam nada na universidade? Se o fizer, acaba lambendo as lentes e a armação, e sua língua se converte num limpador de pára-brisa involuntário... Não é *Cool*, entende? — Tirou as lentes e as pôs no bolso dianteiro da camisa. Desordenou seu cabelo loiro e desabotoou o primeiro botão para que mostrasse o decote. — Puxa, vão para sua casa e fodam como coelhos.

Miya, que estava se divertindo como nunca, os incitou a obedecer Róta. O casal se afastou do parquinho, agarrados pela mão e com as costas muito retas.

Então ficaram sozinhos e a tensão entre eles disparou. Mediam-se de suas respectivas posições.



A valkyria arqueou as sobrancelhas e o desafiou com o olhar que desse o primeiro passo. Soava a canção *Mistakes* de Brian McFadden e Delta Goodrem.

O samurai se moveu à velocidade do vento e encurralou o corpo de Róta contra a porta do passageiro, mas esta escapou brincalhona de seus braços e com um salto subiu na parte traseira da caminhonete. Sorriu como uma sedutora experiente, embora fosse o primeiro, e agarrou a bainha do pulôver negro para começar a tirar pela cabeça.

Miya não perdia um detalhe dos movimentos de Róta.

Seu sangue deu muita informação adicional. Viu muitas coisas dela no Valhala. Seu modo de deixar loucos os guerreiros, a admiração e empatia que despertava em Freyja, como era sexy e descarada a valkyria por natureza...

Seu comportamento, agora que a via mais de perto, dava muitas mais pistas sobre a autêntica personalidade dessa mulher. Era um bichinho curioso e temerário, disposto a provar tudo que a vida e o Midgard tinham a dar.

Entretanto, seu aroma não só fazia girar sua cabeça, como também demonstrava que, embora ela se sentisse um pouco insegura a respeito do sexo, estava disposta a deixar todos os seus receios atrás. Mas ele sabia que não era uma coisa fácil. Desgraçadamente para Miya, a natureza lhe deu o mesmo rosto que de seu irmão. Como Róta veria isso na mais estrita intimidade? Era um samurai e como tal, muito bom observador, e sabia sem dúvida que a jovem não esquecia esse detalhe, embora tivesse as pupilas dilatadas e o círculo vermelho de desejo as rodeando, a boca meio aberta mostrando suas presas e um olhar que dizia “Vêenha até mim, guerreiro”.

— Sabe me tocar só com a mente? — perguntou ela de repente. Miya levantou o olhar e franziu o cenho.

— Não.

— Então, a não ser que tenha poderes do homem elástico do *Quarteto Fantástico*, suba aqui comigo e me toque de verdade. Ou por acaso tem medo? — Tirou o pulôver pela cabeça e deixou que sua longa juba vermelha caísse como uma cascata por seus ombros e costas. Seus olhos vivazes riam dele.

O samurai engoliu, pegou as mantas do interior do utilitário e com um salto vigoroso se pôs diante dela. Deixou cair as mantas, aproximou-se até que tocarem pernas com pernas e tirou o pulôver das mãos e o jogou no chão.

— Eu tiro sua roupa, não você — disse com voz rouca e autoritária.

Ela umedeceu os lábios com a língua e balançou a cabeça. Uau, Miya era muito alto, verdade? Seiya era dois dedos mais baixinho.

— Não sei se gosto desse tom...

— Não importa, *bebī* — acariciou sua bochecha com o dorso da mão e se zangou quando ela recuou nervosa. — Não pense nele. Sou eu que estou te tocando. Sou eu que vou te comer inteirinha, certo? — Assegurou com os olhos mudando de cinza a prateados, como se fossem bipolares.

— Por que me fala dele? — Estava tremendo sua voz?



—Está pensando nele. Não quero que o faça. — Acariciou sua bochecha com o polegar e passou o dedo pelo lábio inferior, macio e rosado. — Não permitirei que ele te faça mal, Róta. Confie em mim.

—Ouça, não vai ficar muito terno, verdade? — Tentou se afastar. — Estou desejando que me tire o hímen, não que me dê carinho.

Lá estava. Essa era Róta, pensou Miya.

Tinha medo que a tratassem bem, tinha medo de não tomar as rédeas, a assustava relaxar. Desafiava e ordenava, não obedecia, nem se submetia. Mas não era um homem que pudesse deixar de fazer as coisas metodicamente, e menos ainda esse tipo de coisas. Como seria rápido e eficaz com essa beldade de amora diante ele, com um sutiã negro de seda e seios de enfartar? Era um homem, porra!

—Me choca ouvir uma mulher falar desse modo... —assumiu sem complexos.

—Não vou pedir perdão por ser como sou — levantou o queixo. — Se sente intimidado? Sei o que quero, pode com isso? — Miya sorriu como se não tivesse remédio e assentiu com a cabeça.

—Darei o que quer — Assegurou enredando os dedos em sua juba vermelha e a aproximando dele.

— Está puxando meu cabelo? —grunhiu com a cabeça inclinada de lado.

Não, estava a afastando do medo. Só precisava a ter enfurecida, fervente e avivada por ele para que se concentrasse em tudo que ele podia dar.

Miya a levou até a parede traseira do utilitário e Róta gemeu ao notar o frio da placa metálica branca nas costas.

— Está frio? —perguntou Miya inclinando a cabeça e roçando sua boca com a dela.

—S-sim.

—Bem. Deixe-me te dar calor.

Miya comeu sua boca. A engoliu com uma necessidade tão imperiosa que custou para se dar conta que estavam amassando a carroceria.

*You say your sorry but you dom't cry
There you crawl with you head held high
Play the angel with the broken wings
Push my button and pull my strings¹⁸*

Róta abriu a boca e o deixou entrar sem remorsos. Tinha uma língua saborosa e exigente. Ele queria dar o que ela necessitava.

Perfeito, que começasse imediatamente.

Sentia o corpo em chamas. As asas tribais formigavam nas costas e as presas ardiam. Os olhos ardiam e as mãos picavam para tocar todo o corpo de seu *einherjars*. Porque Miya era seu

¹⁸ Diz que sente, mas não chora. Rasteja com a cabeça erguida, banca o anjo de asas quebradas, aperta meus botões e puxa minhas cordas.



einherjars. Não importava que estivesse a uma eternidade o esperando. Nesse momento não importava que Miya não fosse a ela, inclusive depois de se colocar aos seus cuidados. Logo falariam disso, agora só queria sexo. O sexo que viu nos casais vanirios e berserkers e que parecia tão vinculante e definitivo.

Querida Miya se movendo entre suas pernas e fazendo todas essas coisas que... Oh, por Odín! O samurai estava amassando seus seios entre suas mãos e doía uma barbaridade. Miya se afastou de seu corpo e a deixou apoiada na carroceria traseira da cabine. Ambos respiravam agitado, os peitos subindo e descendo no compasso de seus pulmões sobressaltados. Ele estendeu suas mãos tatuadas até o cinturão de couro da calça da valkyria. Olharam-se fixamente enquanto abria a fivela e o deslizava pelos quadris até tirá-lo. Logo, desabotoou o botão da calça e baixou o zíper. Ajoelhou diante dela e fez escorregar pouco a pouco a roupa pelos quadris marcados e as pernas esbeltas de Róta. Ela se agarrou aos seus largos ombros.

Mãe do amor formoso, quanta tensão sexual... Tirou suas botas com cuidado e terminou de tirar as calças.

Róta exalou o ar que não sabia que retinha nos pulmões.

— Serviu bem a roupa da híbrida? — perguntou Miya.

— Ela é um pouco mais alta do que eu... E bom, tenho mais forma em... — por que balbuciava?

— Está nervosa?

— Não! — exclamou indignada. — E... E está excitado? — replicou ela olhando seu pênis.

— Com você ao meu lado? Sempre — não teve nenhum problema em admitir. Sua cicatriz se estirou quando sorriu mostrando as presas. Róta morria de desejo por esse homem. Era tão grande, tão corpulento e tão... tão sensual. Era como uma espécie de lince enorme, tão inteligente e calculista. Igualmente exótico. Seus olhos rasgados e estranhamente claros falavam por si só e a estavam convidando.

Róta aceitou o convite. Ajoelhou diante dele e tirou sua camisa, desabotoando-a pouco a pouco.

Um torso moreno, largo, liso e musculoso apareceu diante dela. Um torso sem um pinga de pele visível, pois estava tatuado dos ombros até o umbigo. Era como se usasse uma camiseta sobre a pele. Um tigre com olhos prateados como os dele que cobria meio peito e parte do estômago estava em posição defensiva, o protegendo de algo... Uma pata com garras expostas cobria meio desenho do que parecia ser um buraco de fechadura.

Protegeria seu coração? O que rodeava o tigre eram flores de cerejeira... Ramificações dessa flor que cobriam as laterais de seu abdômen e se deslocavam inclusive por seus bíceps. Era tão belo que teve uma incompreensível vontade de chorar. Por que homens tão belos deviam usar roupa? — Se perguntou.

Róta passou as mãos pela obra de arte que era seu corpo masculino e viril e inclinou a cabeça olhando-o de lado.

— Em Chicago comprei um livro sobre samurais. Bom, na realidade já li vários, sabia?

— Sei — gemeu quando lhe acariciou um mamilo.



—Tenho curiosidade em saber o que um samurai de verdade pensa sobre a flor de cerejeira. Sei que é um símbolo de sua vida —repassou o abdômen com as unhas. — Mas não compreendo muito bem sua obsessão à respeito. Ah, amigo... Neste abdômen pode se cortar verdura — se aproximou dele até esmagar seus seios contra seu peitoral. Acariciou os ombros com as mãos e passou os dedos pelo cabelo castanho escuro.

Pôs as mãos nos quadris dela e a acariciou acima e abaixo. Não queria ameaçá-la de maneira nenhuma. Róta se sentiria cômoda com ele se a fizesse acreditar que tinha o controle.

O corpo todo dessa mulher reclamava assumir todos os passos e exigia ter a situação sob controle. Obrigou-se a serenar e a deixar que fosse ela quem o buscasse, que se aproximasse.

—A flor de cerejeira é perfeita —explicou ele. — É curta, é impecável e é bela, como a vida. Como nossa vida humana. Os samurais crescem em simbiose com essa flor. Lutamos em muitas guerras, muitas batalhas... Vi muito mundo, quis a quem merecia meu carinho e deixei para trás muitos mais. E depois de tudo, no final, se dá conta que só restou eu. Eu e o resto, eu e todos os que passaram pela minha vida deixando algo em troca... —pôs suas mãos sobre a palma de Róta e a recolocou sobre seu coração para que sentisse o emocionado palpitar que pulsava nesse momento. Poder falar com uma mulher sobre isso era algo estranho e maravilhoso. Saber que o fazia com uma imortal como ela, era fascinante. Mas reconhecer que era sua *Hanbun* porque seus instintos assim o indicaram, era... libertador. Não tinha por que se ocultar dela, pelo menos não de sua autêntica natureza e isso, em alguém que sempre foi reservado e precavido com outros, era uma novidade. — Tudo muda ao meu redor, e a única constante real, o único que permanece sou eu, meu espírito e meu coração. A flor de cerejeira voa um dia e é levada pelo vento a outro lugar no qual pode deixar seus frutos com o único propósito de servir com sua presença, outorgar beleza e simplicidade à vida. Como o samurai — finalizou solenemente.

Róta tinha o olhar fixo em suas mãos entrelaçadas. As mãos de Miya soltavam calor e segurança. Era bonito acreditar que alguém tinha essa função na vida e, além disso, estar tão convencido disso. Em seus grossos dedos tinha tatuadas em japonês as palavras honradez, justiça, valor heróico, compaixão, cortesia, honra, sinceridade absoluta, dever e lealdade. Faculdades e princípios da guia moral do samurai, admiráveis num ser humano, sobretudo, porque escasseavam. O que veio primeiro? As tatuagens ou a guia? Não importava.

Ele já não era humano, e ela tampouco. Engoliu e piscou várias vezes. Não sabia o que dizer.

—Valkyria, me agrada saber que se interessou por mim o suficiente para averiguar coisas sobre minha cultura —continuou Miya em voz baixa. — Estou me atualizando sobre o mundo das Valkyrias. Merece o mesmo interesse.

Róta se incomodou. Miya falava como os antigos guerreiros, educados e honoráveis. Ai, não.

Tudo muito íntimo. Muito pessoal e reverente. Isso não devia ser assim.

— Está se atualizando comigo? —encolheu os ombros sem dar importância às suas palavras. — Sou uma valkyria. Gostamos de brigar, gostamos de diamantes e doces e todo tipo de caprichos banais. Gostamos de sexo e lutar, e também de sexo —enumerou divertida. — Se quiser me contentar, tenha em conta estas coisas —piscou um olho.



Ele pegou seu rosto com ambas as mãos e a olhou com seriedade. A estudou com olhos de fantasia e por um momento pareceu que via através dela.

—Não é suficiente —sentenciou embevecido por seu rosto felino. Róta tinha rosto de tigresa. Linda, inalcançável e de traços sensuais e felinos. O sinal no canto do olho era uma distração. Seus olhos azuis com pintas amarelas, emoldurados com essas pestanas tão longas, eram “boasparanada”. Róta e sua beleza eram muito perigosas. — Mas bastará, por agora.

Ela ia replicar, mas se encontrou com os lábios quentes e a língua de Miya deslizando por cima da dela, imitando o ato sexual, e esqueceu-se de tudo. Esse homem queria deixá-la sem defesas na base das palavras e olhadas penetrantes, mas não acreditava nisso.

Todos sofriam por amor. Todos.

Mortal ou imortal, não importava a natureza que regia sua vida. O amor sempre acabava humilhando suas vítimas.

E passou uma eternidade sofrendo por ele. Pelo amor e por Miya.

Miya era cama, nada mais. Uma relação de necessidade. Eram suficientemente grandes para acreditar que poderiam se amar e respeitar até o final dos tempos, verdade? Não havia duas pessoas mais diferentes em todo o universo. Sim, eram muito grandes para acreditar em contos de fadas e... Se foram os pensamentos quando Miya desabotoou o sutiã e deixou seus seios descobertos para abraçá-la contra ele.

Escapou um gemido. Que bom parecia pele contra pele. Quente e terno... Embora os rodeasse o frio escocês.

—Não posso acreditar... —grunhiu ele a afastando para fixar os olhos em seus mamilos. Tinha uma argolinha dourada com um diamante num mamilo, uma pedra vermelha no umbigo e... sabia que tinha outro piercing no clitóris. Não tinha piercing no mamilo quando a resgatou do helicóptero. — Quando... quando?

— Quando-quando? —Outro como Gúnnr, sorriu revirando os olhos. — No castelo. Peguei emprestado de Aileen. Não acredito que se incomode por... Está me escutando?

Miya estava tão concentrado em seu seio que o mundo ao seu redor desapareceu.

—Sim. Como fez isso?

—É fácil. Atravessa uma agulha e põe o piercing que quiser —levou a mão ao piercing do mamilo e puxou ligeiramente. — Ai, ainda está sensível...

— Fez isso sozinha? —Estava aturdido e excitado.

—Não, fiz isso com Johnson enquanto estava sonâmbulo. Claro que me fiz sozinha! As Valkyrias cicatrizam muito rápido.

—É... Interessante —Seus olhos clarearam repentinamente. — Mas não vejo que tenha cicatrizado — se lançou com a boca aberta pelo mamilo trespassado. Lambeu-o com delicadeza, e o sugou até deixá-lo completamente úmido. Amassou-o com a mão, logo voltou metê-lo na boca para sugar como um possesso, brincando com o adorno metálico entre seus dentes.

Róta afundou os dedos em seu cabelo e sentiu que os joelhos cediam. Estava morrendo de prazer. De repente, ela estava sobre as mantas e Miya em cima dela. Segurava seus pulsos e os imobilizava contra os quadris enquanto se dava um festim. Róta sentia que palpitava o piercing do clitóris e do seio... Se apertasse as pernas e se tocasse, poderia gozar.



Miya parou de lambar o mamilo e soou um suave Plop!

—Nada de atalhos, *bebī* —grunhiu, pondo uma mão no sexo úmido e quente de Róta. Gemeu ao sentir a umidade que passava pelo tecido da calcinha preta. — Está muito molhada, valkyria. Quer gozar? Poderia fazê-lo só porque estou beijando seus seios?

—Sim quero. E sim, poderia gozar só por isso. —Ela tinha os seios sensíveis, porra!

—Fique quieta —ordenou ele de modo dominante. — Te dou tudo o que quiser, mas nada de se tocar.

Róta fechou os olhos com força e umedeceu os lábios. Nem sequer sabia por que o obedecia.

—Então faça você, mas faça já, porque não aguento mais.

—Tudo a seu tempo, valkyria —sorriu maleficamente.

Prendeu seus pulsos com uma só mão e puxou o tecido da calcinha para expor seu sexo completamente liso e brilhante, com a pedra vermelha que se erguia orgulhosa. Miya não pensou duas vezes. Mergulhou seu dedo no interior com lenta intensidade e um cuidado especial.

— Está sensível aqui? —Tocou o piercing do clitóris com um dedo. A pedra nesse lugar estratégico era hipnotizadora.

—Humm... —Moveu os quadris procurando o contato perdido.

—É bonita aqui embaixo, Róta. Tão lisa e rosa... —Deu um beijo sensual no suave púbis enquanto movia o dedo em seu interior e chegava até o hímen. — Não vou te machucar.

Róta abriu os olhos e os fixou no céu nublado. Não estava assustada, não tinha medo, por que dizia essas coisas?

—Nada de ir pouco a pouco —murmurou Róta mordendo o lábio e negando com a cabeça. — Não quero assim. Não tome cuidado comigo, sou forte.

Miya elevou a cabeça, subiu pouco a pouco por seu corpo de mulher e colocou o queixo sobre o mamilo do piercing. Sorriu sobre seu seio e o lambeu com compreensão. Porra, claro que sim. Era um autêntico felino, pensou ela.

—Não te trato assim porque acredito que seja fraca. Trato você assim porque desejo e gosto, e quero que esteja muito pronta para quando...

— Estou pronta!

—Não, *bebī* —colocou um segundo dedo e sentiu como suas paredes se fechavam diante da intrusão.

Mas Róta não estava cômoda com aquilo. O cuidado era um símbolo de debilidade e já demonstrou ativa e passivamente que era forte e que ninguém a dobrava.

—Psiu... — Miya tentou acalmá-la movendo os dedos.

Róta se liberou de sua prisão e a energia elétrica formou redemoinhos ao seu redor. As Valkyrias não podiam fazer mal aos seus *einherjars* com seus raios.

Sua relação e seu compromisso eram de cura e restabelecimento. Mas podiam convocar trovões para dar-lhes uma câibra na bunda.

A juba vermelha de Róta caía sobre Miya como uma cortina que os cobria do exterior isolando-os da realidade. Estava zangada.

—Maldito seja, samurai. *Asynjur*... —murmurou ela em voz baixa.



Um raio emergiu das nuvens em direção ao utilitário branco.

Miya, que nunca estava despreparado, retirou os dedos de seu interior, deu a volta e a levou com agarrando-a pelas nádegas. Agora Róta estava em cima.

Ela elevou as sobrancelhas com surpresa, mas não pôde se afastar a tempo. O raio impactou sobre o traseiro de Róta e esta jogou o pescoço para trás, como se tivesse recebido uma chicotada, expondo toda a garganta, as presas e seus seios cheios de marcas de sucção.

— Pooor-ra! —exclamou a jovem. Abriu os olhos completamente vermelhos e lambeu o lábio superior.

—Nunca me ataque pelas costas —a repreendeu o vanirio, — ou da próxima vez serão minhas mãos que deixarão sua bunda como um tomate.

—Se cale, ditador —grasnou. Tinha a Miya bem onde queria. Desabotoou a calça e a baixou até os joelhos. O que era um hímen quebrado em comparação a tudo que teve que sofrer nas mãos dos psicopatas vampiros e do filho de uma cadela do Seiya? Não significava nada.

E as pobres Liba e Sura... Elas passaram tão mal...

—Estou com você — assegurou Miya retirando o cabelo do rosto, a forçando a prestar atenção. — Não pense nelas agora —ele estava em sua mente, sabia o que pensava.

Algo prendeu seu peito e garganta, mas se obrigou a seguir adiante. Usar o corpo do vanirio poderia fazer que esquecesse a maldita ansiedade que a corroía. E sempre soube que ela nunca ia querer açúcar.

Queria picante.

— Quer que seja um bruto com você em sua primeira vez? — Havia recriminação, mas também um substancial interesse em sua resposta.

Róta não o escutava, e se o fazia, não prestava atenção. Tirou suas calças e a cueca ajustada ao mesmo tempo. E arregalou os olhos ao ver como Miya era bem dotado. Aquele pênis era muito grosso. Estava rodeado de pelo castanho escuro, a pele morena, e a cabeça de cor púrpura aparecia reclamando atenção.

A valkyria agarrou o caule venoso e Miya deu um salto.

—Com cuidado, fera —pediu com voz estrangulada.

—Sei tudo que tenho que saber. A Ethernet nos deu muito — assegurou Róta passando o polegar pela cabeça úmida do pênis. — Sabe de uma coisa?

—O que?

—Acho que esta também vai ser sua primeira vez.

Miya se ergueu sobre os cotovelos e uma mecha de cabelo castanho cobriu seu olho direito.

—Não é minha primeira vez, moça.

—OH, sim, é. É sua primeira vez —arrancou a calcinha e ficou nua diante dele. Sentou aberta sobre ele, tal e como chegou ao mundo. Colocou-se sobre a grande ereção de Miya e posicionou a cabeça do pênis em sua entrada. Fechou os olhos ao sentir a textura e a suavidade do toque. —É sua primeira vez com sua valkyria, a única mulher de verdade que conheceu em sua vida. — Se deixou cair sobre a ereção que a atravessou por completo, até o punho.

Miya enfiou os dedos em suas nádegas e a imobilizou, impressionado.



Róta ficou muito quieta, apoiada com as mãos no peito do vanirio, com a cabeça para frente. O cabelo vermelho cobria o rosto e só se via as orelhinhas bicudas que apareciam entre a cascata rubi.

Isto teve que doer, fera. Miya pôs uma mão na parte baixa das costas e a recolocou para que se recostasse sobre ele. Não queria que ficassem unidos apenas por seus sexos, não queria tanta distância entre eles.

—As Valkyrias são muito selvagens — sussurrou morrendo para penetrar a Róta com o ímpeto que desejava. Mas não podia. Não queria machucá-la mais que o dano que fez ao se cravar assim nele.

Por um momento, Róta ficou estendida sobre ele, como se o guerreiro fosse um colchão cômodo no qual podia descansar. Estava tão bem lá...

Mas durou pouco. Ergueu-se de novo e jogou a cabeça de repente para trás.

Abriu os olhos, lagos insondáveis de água vermelha, e o olhou fixo.

—Merda, isto doeu... —disse entredentes; mas um sorriso de alegria e satisfação se desenhcou em seus lábios.

Miya engoliu, não se atrevia a se mover, mas morria para tocá-la.

—Tranquila, agora não se mova muito... Pela deusa Izanami, mulher... É bonita — passou as mãos pelas suas costas, pelas asas tribais vermelhas tatuadas e pelos seios para tranquilizá-la.

A surpresa e o prazer cruzaram o rosto da jovem. Sua natureza valkyria crescia diante das palavras adadoras de seu *einherjars*, mas se obrigou a afastar essas sensações com rapidez.

Não queria palavras bonitas. Inclinou-se para frente, e rejeitou suas carícias. Esmagou seus seios contra seu torso e o beijou na boca, para murmurar sobre seus lábios:

—Me foda, guerreiro.



Disse a sério? Miya estava metido até o fundo do corpo dessa valkyria, não se moveu nem uma polegada. Porra, Róta estava muito apertada e também tão quente que estava a ponto de ficar louco.

Acabava de perder sua virgindade... Mas essas palavras imperativas, com esse tom rouco e decidido, não podia se dizer a um homem. E se não podia dizer a um homem qualquer, muito menos a um ser imortal, tocado pelos deuses, com instintos animais, muito bem dotado, esfomeado por sua mulher e enterrado profundamente em seu sexo.

Isso era como mostrar um pano vermelho a um touro.

O pior era que sim, as disse para ele. Ele, que tentava por todos os meios ser suave e doce na primeira vez da valkyria; ele, que embora não confiasse nela plenamente, estava disposto a tratá-la com o carinho que uma mulher merecia; ele, que em sua vida nunca perdeu o controle sobre nada nem ninguém.



Mas sim. As disse a ele, que por séculos, se autoconvenceu que a única mulher feita para ele estava morta.

Por isso não sentia necessidade de ter sua *Hanbun*. Pois bem, tudo isso foi enviado ao inferno quando a descarada da Róta apareceu em sua vida e mencionou apenas três palavras: “Me foda, guerreiro”. E não porque gostasse muito desse tipo de vocabulário vulgar, pois não era de seu agrado, mas justamente pelo contrário. Não podia dizer pelo simples fato que ia perder as rédeas de seu corpo e sua serenidade por culpa de uma mulher que não estava valorizando o que iam compartilhar. E, porra... o incomodava. Não sabia por que, mas... o incomodava muitíssimo.

Miya entreceerrou os olhos e se moveu até apoiar as costas na estrutura da caminhonete. Agarrou seus quadris e acariciou as laterais das costelas para logo enredar seus dedos na juba rebelde da mulher.

Puxou sua cabeça para trás e disse:

—Como quiser — deu a volta para mudar de posição, com ela aberta sobre ele, trespassada, e a apoiou contra a caminhonete com um golpe seco e duro.

A valkyria gritou e sorriu pelo desdobramento da fúria contida. O guerreiro parecia decepcionado.

— O que acontece com você, samurai? O ofendi? Deve ser duro para um homem como você estar com uma mulher que não aceita suas normas nem...

Róta se calou e prendeu a respiração ao sentir a primeira estocada rude e profunda de Miya. Agarrou-se à caminhonete.

—Se agarre em mim, não num pedaço de metal —ordenou Miya cada vez mais ofendido, adiantando de novo os quadris e a brocando sem piedade. — Sou eu que está te fodendo, verdade?

Ela gemeu um tanto contrariada, mas gostou. Gostou muito.

Sentia-se cheia dele. Cheia de um homem, de seu guerreiro... Era genial. Mas não ia ceder. Não ia se agarrar a ele. Não... não podia.

Róta sabia que Miya estava zangado. Talvez o samurai pensasse que ia cair rendida aos seus pés e que seria submissa e indefesa em sua primeira vez. Mas é que ela, simplesmente, não era assim. Ou pelo menos, nesse momento e depois do que passou, não gostava de doçura.

Queria... queria guerra. Uma paixão tormentosa, dessas que a giram como uma omelete.

Miya não parou de mover os quadris adiante e atrás, metendo-se dentro dela tão profundamente que os testículos golpeavam as nádegas da jovem. A machucava? Róta não se queixava. Ele estava em sua mente e percebeu o que ela queria. Precisava disso nesse momento. Ele daria... Além disso, estava sendo a rapidinha mais espetacular de toda sua vida, mortal e imortal. A caminhonete bamboleava de um lado ao outro. O vanirio grunhia no ouvido de Róta e lambia sua garganta de cima a baixo.

Róta cruzou os tornozelos nas costas dele e deixou que esse homem que tinha entre as pernas a fizesse esquecer-se de tudo. Estava duro, era grosso, e tão quente que ardia.

—Estou cheirando seu sangue, *bebī*... —murmurou Miya mordendo a orelha bicuda. — Não quero te machucar aí embaixo — rodou os quadris — ... Vou mais lento...

—Não dói, Miya —murmurou quase no limbo do prazer.



—Mas logo doerá se...

— Não! —Róta puxou seu cabelo, abriu a boca e o mordeu no pescoço, tão duro e profundo como suas pequenas presas permitiam.

E então Miya se descontrolou.

Tudo que foi uma vez, tudo que era e poderia chegar a ser foi destruído ao sentir o corpo de Róta ao seu redor, seus lábios sugando e suas presas atravessando a pele para chupar sua garganta com lascívia.

Bebeu dele. De seu sangue. Séculos de treinamento, séculos de aprendizagem e meditação, décadas de auto-observação e horas e horas de aperfeiçoamento: tudo isso foi para o espaço.

Abraçou-a com força e esqueceu-se de quem era, pelo quem era e da profecia que pesava sobre ele, sobre Seiya e sobre ela. De que adiantava? Ia perdê-la para sempre, e um samurai não fazia nada pela metade.

Avassalou-a como um selvagem, como um viking disposto a conquistar tudo que acreditava lhe pertencer. Agarrou-a pelas nádegas e decidiu destruí-la como ela destruiu a ele. Mordeu-a por sua vez no ombro e bebeu dela, enquanto as paredes internas de Róta se contraíam num primeiro orgasmo.

—Por Nerthus... Não pare! Não pare! Miya... Miya! —gritou com o rosto levantado e os lábios manchados de sangue.

Ele bebia dela e não parava, lançando-a num orgasmo descomunal e sem trégua e gozando como nunca fez com ninguém.

Róta sabia o que eram orgasmos. Mas nunca teve um com um homem em seu interior, tão profundamente metido que o sentia até o estômago.

Era intenso.

Doloroso.

Completamente destruidor.

Aterrador.

Mas tão e tão bom... Só pôde gemer e gritar aos céus enquanto gozava nos braços de seu samurai, açoitada pelo vento e pelos raios que desciam sobre o utilitário branco, abraçando-se a ele como nunca fez com ninguém em sua vida imortal.

Passaram minutos até que abriu os olhos vermelhos de novo. Miya estava ainda sepultado em seu interior, grosso e pronto outra vez. Deu-se conta que levitavam e que ele a olhava como se a visse pela primeira vez, com os olhos prateados fixos em toda ela. O parquinho e a caminhonete estavam aos seus pés, e também uma incrível vista da ponte do Forth, que se elevava sobre o rio. Estava construída de ferro e conectava Fife e Edimburgo. Era na atualidade um dos monumentos mais importantes da Escócia.

—*Suteki*¹⁹... Isto é lindo —sussurrou ele. — Tem asas, *bebī*.

¹⁹ Suteki: Significa “maravilhoso” em japonês.



Róta tomou consciencia do que dizia. Quando uma valkyria ficava com seu *einherjars* pela primeira vez, as asas tatuadas nas costas se abriam e estendiam como uma espécie de holograma vermelho e cheio de fantasia. Liba e Sura o experimentaram, e também Gúnnr.

Sorriu e agitou as asas como se sempre o fizesse. Eram as dela. E não estavam quebradas como temia. Envergonhou-se por pensar que pudessem corroer sua tatuagem tão pessoal ao maltratá-la por tantos dias como fizeram.

—São bonitas, não? —disse as olhando de lado. — E se não gostar, aguento. As abri por sua culpa —murmurou movendo os quadris com lentidão, desfrutando da sensação do membro cravado nela.

—Ah... — Como não ia gostar? Eram fantásticas. — Não estão mal.

Róta parou de se mover e o olhou como se não acreditasse no que acabava de ouvir.

—Vê se me entende, Yamaha... Sua cara comendo limão não está mal. Mas isto —moveu as asas convencida, —, bonito, é arte e perfeição.

—Valkyria —afundou o rosto entre seus seios cremosos e voluptuosos — todas são tão soberbas?

Ela soprou.

— Não entende? —Estava disposta a explicar tudo como se fosse uma criança. — Somos as melhores guerreiras dos deuses — é óbvio — o que esperava?

Além de começar a compreender a natureza ególatra e sedutora de sua valkyria, não só descobriu que seu sangue era o melhor que podia ter provado. Por fim entendia tudo.

Seu sangue unido ao seu orgasmo revelou o que sua mente quebrada não explicava: o primeiro momento no qual ambos se viram e ele não lembrava. Ou, melhor dizendo, o primeiro momento no qual ele se encomendou a ela, depois do massacre dos Kofun no Japão.

—Você me escolheu —disse ele retirando o cabelo do rosto. — Você me esperou durante...

Róta apertou a mandíbula e o atravessou com o olhar, que deixou de ser vermelho. Por fim lembrava! Sim, demorou! Pelo visto viu a lembrança nela. Bem, deixaria as coisas claras.

—Não foi assim. Você me escolheu. E por isso te esperei toda a eternidade. São vocês quem nos escolhem.

—Me reconheceu quando me viu, sabia quem eu era.

—Sim. E você não lembrou de mim —Róta movia as asas como uma mariposa.

—Por isso estava tão zangada comigo, *bebī*. Estava ofendida porque depois de me esperar durante tanto tempo no Valhala me encontrou no Midgard e eu não te reconheci como minha valkyria. Enquanto agonizava não fui consciente me encomendar a você... Mas te cheirei quando chegou a Chicago e sabia que era minha *Hanbun* —explicou assombrado.

—E eu te senti inclusive antes de te cheirar ou ver. É óbvio que estava zangada, Miya... Ainda estou —reconheceu levantando o queixo com dignidade. — Por que não subiu? Estava morrendo! —O repreendeu. — Morreu no Midgard e se encomendou a mim. Esperei por você —disse com voz surpreendentemente trêmula. — E nunca... nunca chegou.

A cabeça do vanirio girou.



—Tem a resposta na sua frente, Róta —mostrou as presas e olhou seus corpos entrelaçados. — Não compreendeu ainda? Freyja e Frey nos converteram em vanirios. Por isso nunca cheguei ao Valhala. Deixou-me aqui, trabalhando na Terra.

—Mas não pode ser. Freyja sabia... —comentou contrariada. — Ela sempre sabe quando um guerreiro caído se encomenda a uma valkyria. Ela gosta de mim. Tinha que saber que era meu — murmurou olhando para todos os lados, menos para ele. Parecia que ia ficar calada, emocionalmente tocada pela informação recebida e de repente os olhos ficaram vermelhos de novo e exclamou. — Maldita puta fodida do caralho!

Um monte de furiosos raios a alcançaram e fizeram perder o equilíbrio. Ambos caíram sobre as mantas do utilitário.

Miya caiu em cima de Róta e como ainda continuavam intimamente unidos, isso fez que a penetrasse mais profundamente e que ela se queixasse.

Nesse momento não importavam os deuses, raios e trovões. Não importavam as revelações nem as verdades de Róta. Estava claro que, embora não gostava de ter essa valkyria como companheira de vida, não haveria outra. Fazia tempo que deveriam estar emparelhados, mas os deuses se intrometeram... por que? Não sabia, mas descobriria.

O mais importante era saber que ele e Róta pertenciam desde antes. Ela dizia que ele a escolheu... incompreensível, mas, ao que parece, verdadeiro. Não restava outra opção que aceitá-la e entender o que viu na valkyria de cabelo vermelho e beleza tão fascinante para encomendar sua alma e seu cuidado.

Mas se Róta era dele, também podia ser de Seiya. Faria o possível para que essa mulher ficasse no lugar que pertencia.

— Não importa que se zangue, puta mentirosa! — Gritou Róta, com o olhar no céu nublado e escuro, com as veias do pescoço inchadas e com um vanirio excitado até o extremo em cima dela e metido em seu interior até o punho. — Aí em cima está esaldando! É a tia puta! Sabia! — Assinalou o céu gritando a uma invisível Freyja. — Sabia e o reteve no Midgard! Tomara que Odín coloque sua lança pelo cú!

Dez raios mais caíram sobre eles e isso fez que Miya apertasse as nádegas e empurrasse os quadris para a frente. Essa mulher era uma máquina de dizer palavrões quando se zangava... Mas era tão desejável quando tirava sua fúria. Sem compreender o que acontecia ao seu corpo, endureceu ainda mais, e então sua cabeça deixou de pensar razoavelmente. Começou a fazer amor de modo bestial e desbocado.

Róta abriu a boca impressionada pelas estocadas e os olhos se encheram de lágrimas de dor e prazer enquanto ele se perdia no corpo de sua *Hanbun* estimulados pelo ânimo de Freyja com seus trovões castigantes e também pelos movimentos desesperados e tão sensuais de sua guerreira.

Perdeu-se no corpo da jovem e não importou nada mais que ele e a necessidade repentina que sentia por ela.

Róta despertou seu animal interior e nunca mais o enjaularia de novo. De acordo. Entendido. Róta era dele e ponto. Lutaria com ela. A pior, a de natureza mais maligna, era a que pertencia a ele. Porra, grande brincadeira.



Agora só precisava que essa juvenzinha que tinha submetida sob seu corpo o entendesse e tornasse as coisas mais fáceis.

Primeiro, não indo para o lado escuro; e depois, o obedecendo e não se rebelando a cada coisa que propunha.

No momento, a deixaria extasiada e cansada para que não lutasse muito no dia seguinte e pelo que os esperava.

—Não me dê muita luta, *Heiban*²⁰ —sussurrou, a mordendo na garganta e fazendo que alcançasse outro orgasmo.

CAPÍTULO NOVE

Quantas? Quantas vezes gozou? Tinha o corpo tão satisfeito que não sabia se podia se esticar para caminhar outra vez. O sexo com um vanirio era mais erótico e desinibido que uma mulher jamais poderia chegar a imaginar.

O que foi melhor? Tudo. Embora, para ser sincera, ficava com o momento mais íntimo de todos. Depois do segundo orgasmo, suas pernas ficaram moles e completamente abertas. Perdeu a virgindade e se soltou um pouco por culpa de sua ânsia. A dele. A dela.

Miya deslizou entre suas pernas e limpou com sua língua os fios de sangue que saíam pela ruptura do hímen. Beijou o interior de suas coxas com ternura e reverência. E em seguida, sem motivo, se converteu num selvagem descontrolado. Era um pistão entre suas pernas. E a deixou como um purê.

Róta respirava suarenta, com os olhos celestes fixos nas nuvens do amanhecer. O sol lutava por dar bom dia ao mundo, mas o vanirio precisava se cobrir e, entretanto, a estava vestindo com tranquilidade. Miya sabia que não era uma criança e que sabia se vestir perfeitamente, mas Róta agradeceu o gesto considerado que teve com ela. Doía até piscar.

Pôs as meias, e agora colocava os jeans. Primeiro uma perna e depois a outra. Era como um papai e ela como uma petulante menina obediente. Sem calcinha, por certo, porque já não serviam.

Róta leu muitas coisas em seus intercâmbios. Coisas que Miya não contou e detalhes que ocultava dos olhos de todo o mundo. Era um guerreiro tão introvertido e reservado que a surpreendia que falasse ou que não sofresse um pouco de autismo.

— Por que não me disse que na verdade se chama Kenshin? —Miya subiu as calças até os quadris e a levantou puxando pelo tecido, e Róta ficou sentada com as pernas abertas e com o samurai ajoelhado entre elas, subindo o zíper e fechando o botão. Estava adoravelmente ruborizada, com os lábios inchados e as bochechas vermelhas. Um brilho de satisfação, mas também de curiosidade, iluminava seu olhar.

— Viu isso? —perguntou surpreso.

²⁰ Heiban: Significa “malvada” em japonês.



—Sim. E também vi outras coisas que não quer me contar... mas são como imagens desconexas que, por agora, não fazem nenhum sentido para mim. Tenho que dar importância?

Viu uma impressionante batalha, uma emboscada em que Miya perdeu a vida, uma mulher de traços japoneses muito bonita, um pergaminho antigo emoldurado numa vitrine no meio de uma sala couraçada de meditação, flores de cerejeira balançadas pelo vento e solenes palácios do Japão...

—É mais poderosa do que imaginava. —Era se, apesar de suas barreiras, ela conseguiu ver tudo isso. Ficaria de olho.

—Levarei como um elogio —assegurou deixando que colocasse seu pulôver. Quando tirou a cabeça pela gola, o próprio guerreiro passou os dedos pelo cabelo e a penteou. Se a resistência ao amor era como um iceberg, então seu iceberg pessoal começava a derreter diante de tanto cuidado e carinho. — Kenshin... —sussurrou em japonês contemplando suas leoninas e belas feições. — Kenshin. Coração de espada.

Miya a ajudou a levantar e a inspecionou de cima abaixo.

—Se vestiu muito rápido —murmurou ela o olhando triste. — Não vi. — queria apreciar de novo suas formas esculturais.

—Os vanirios são rápidos e, além disso — assinalou o céu, — o astro rei vai me matar. Não podemos permitir, verdade? —Róta negou com a cabeça. — Vamos — ofereceu a mão. — Nos esperam em Seton.

A valkyria umedeceu os lábios e entrelaçou os dedos com os dele. O vanirio a puxou, abraçou e empreendeu voo com Róta entre seus braços.



— Por que se apresenta como Miya? Sabe que é nome de garota, não?

O vanirio afundou o nariz em sua cabeça. Sorriu e se deixou envolver pelo aroma de amora. Dela e de ninguém mais.

Longniddry despertava. A névoa que vinha do mar cobria ligeiramente suas ruas e casas. Era um lugar de cômodas residências e hospedarias em que se podia passar o tempo para se desconectar do mundo exterior.

Água, rocha, montanha e verde... Escócia. Essa terra vista do céu, parecia muito estranhamente bela e mágica.

Voavam juntos. Abraçou Róta com mais força. Os instintos possessivos dos vanirios vinham de novo, mas lutaria para saber se sobrepor a eles, porque o certo era que eram desconcertantes e muito fortes. Poderiam o desequilibrar. Poderiam o desfocar e não deixar pensar com clareza quando chegasse o momento.

—Apresento-me como Miya porque o sobrenome do meu pai era Miyamoto. Prefiro que me chamem assim que por meu verdadeiro nome.

— Por que?



—Porque Kenshin morreu faz tempo. Kenshin era humano e já não sou.

— Por que?

O samurai não respondeu e fixou a vista à frente. Por que deveria responder todas essas coisas? Róta devia ter pouca informação para que nunca a utilizasse contra ele. Ela, por muito que custasse aceitar, seria capaz de fazê-lo.

—É por seu irmão, verdade? Quer eliminar o passado, quer cortar os laços que o unem a ele. O que aconteceu, Kenshin? —perguntou Róta desfrutando do desconforto do guerreiro.

—Não me chame assim.

—Quando se separaram seus caminhos definitivamente?

— O que te faz pensar que nossos caminhos estão separados? — A acusou. — Você os uniu de novo.

Róta sorriu, mas o gesto não chegou aos enormes olhos. Doía que ele não se abrisse com ela.

—Bom, suponho que ter sexo não nos converte em melhores amigos, verdade?... Kenshin?

Miya apertou os dentes. Isso não foi apenas sexo. Não para ele. E certamente entre casais vanirios não existiam segredos, mas ele devia mantê-los. Pela segurança de ambos.

—Não é informação relevante.

—É. Se não fosse, me deixaria entrar em sua cabeça e ver tudo que quero ver. Acha que não noto que tem defesas? Que se fecha para mim? Sei, percebo. Mas não poderá me negar isso por muito tempo —disse segura de si mesma. — Logo saberei tudo... pequeno Kenshin. E então, nunca mais deverá temer porque afastarei seus demônios.

—Eu não temo nada — isso não era verdade. A quem mais temia era ela, porque dela dependia todo o resto. Era seu demônio particular.

Róta sabia que ele mentia. O vínculo que se criava entre valkyria e *einherjars* ou, na sua falta, entre vanirio e sua companheira, era de uma grande empatia, e podia se perceber quando um ocultava algo do outro.

— E você, Róta? É sincera comigo? Vai me contar tudo?

—Sou um livro aberto —disse sinceramente. — Não tenho defesas contra você, assim pode ler em mim o que tiver vontade. O que vê é o que sou.

A valkyria desconhecia o que Miya pensava a respeito. Ignorava a profecia, ignorava o que sabia sobre sua pessoa.

— Viu algo que não gostou? — Perguntou ela meticulosa. —Sabe o que seu irmão me fez, sabe como me sinto humilhada a respeito e a vontade de vingança que tenho. Sabe o que fiz no Valhala. O do gigante foi só por curiosidade...

— Que gigante?

—E o ogro... foi uma brincadeira que fiz com Bryn.

— O que fez à Bryn? —Morria de vontade de saber. As brincadeiras entre Bryn e Róta deviam ser muito pesadas.

— O que fiz à sua querida General? — Repetiu com tom receoso. — Bem, uma vez adentramos no Jotunheim e lutamos contra alguns ogros. Eu cortei o pau de um deles e guardei.

— Cortou o pênis de um ogro?



—Claro. Essa noite Freyja celebrou um jantar no bosque de Glaser, que rodeia o Valhala com suas árvores cheias de folhas avermelhadas —descreveu melancólica. — Como prato principal, Andrihmnir, que é nosso cozinheiro, fez porco.

—Isso eu vi — a cortou Miya. — Comem porco muito frequentemente. Quantos matam para alimentar tantos guerreiros? Achei que os deuses eram vegetarianos.

—Ah —Róta pôs-se a rir. — São, eles não comem carne. Só a oferecem aos seus guerreiros e suas Valkyrias, que, se por acaso não lembra, são de natureza humana e gostam sim.

—Ser a mulher raio não é ser humana —assinalou ele com um meio sorriso devastador.

Róta o olhou como se estivesse louco e soltou uma gargalhada.

—É engraçado, Kenshin —recostou a cabeça em seu ombro com confiança. — O porco é o mesmo a cada noite. Não matam um porco a cada dia, os deuses respeitam os animais. Chama-se *Saechrinner*, e renasce de suas cinzas.

—É como uma Ave Fênix.

—Ou como um porco zumbi.

Miya sorriu e balançou a cabeça.

—A questão é que cortei o pênis do ogro em rodela e o coloquei no prato de Bryn, temperei com especiarias e os molhos que estavam na mesa e...

—Que nojo. Sério. Que nojo.

Róta teve um ataque de risada e sepultou o rosto no pescoço do vanirio.

—Ela insistia que sua carne estava azeda e cheirava mau. E Gúnnr, tão doce e considerada, jogava molho para que pegasse mais sabor! — Doía o estômago de tanto rir e o abraçou. — E a pobre Nanna dizendo: “Eu não sei você, Bryn, mas isso tem formato de pênis”. E logo Bryn disse que sua carne estava áspera e que tinha pelos...

Miya jogou o pescoço para trás e soltou uma gargalhada limpa e sonora.

—Pobre Bryn.

—Merecia...

— Por isso mexe com ela e diz que gosta de coisas com forma fálica? Imagino como a pobre ficou arrependida por comer...

—Um pênis de ogro —sentenciou ela o olhando por baixo de seus frondosos cílios. — Ouça, samurai, por que a defende tanto? —se queixou.

Ele encolheu os ombros.

—É uma guerreira líder que tem um grande sentido do dever — Miya não tinha uma resposta para explicar para Róta o respeito que Bryn despertava nele. Era uma mulher de honra. — É admirável.

—Para mim não há maior dever que o dever de se divertir terrivelmente.

—São tão diferentes...

—Fique com ela se gosta tanto — espetou, o pondo a prova enquanto fingia indiferença. O ciúme era muito estranho. Sobretudo para uma pessoa tão vaidosa que nunca deveria senti-lo.

—Não. Ela não cheira a amora — devolveu no mesmo tom de Róta. Bem, precisava saber tratá-la. — E você, por que a odeia?



—Não a odeio — replicou ela ofendida. Odiar Bryn? Não. Precisavam esclarecer as coisas. Se a odiava, então, não a odiava mais que a si mesma. — É só que... ela e eu temos uma relação muito atípica. Não compreenderia.

— Está certa?

—Completamente.

—Acredito que precisam resolver suas diferenças.

—Olhe, samurai, posso contar tudo que quiser — prometeu. — E não quero que me esconda nada porque não tenho nada a ocultar. Isso é só o que tem que importar. Um raio alcançou minha mãe enquanto estava grávida de mim e a matou. Freyja e Thor ofereceram um trato: a reviveram tempo suficiente para permitir que eu nascesse no Valhala. Freyja me adotou e me converti em valkyria. Aos vinte anos Idúnn me ofereceu uma maçã da imortalidade, a comi e agora não posso morrer até que me arranquem o coração. Faz uma eternidade que te espero — o olhou fixamente. — Maldito seja, vanirio, faz tanto, tantíssimo tempo que acreditava que ia ficar louca. Encomendou-se a mim, mas, no final, não subiu e tive que descer para te buscar. Agora que o tenho à mão não vai se livrar de mim. — Estalou a língua e deu um beijo na bochecha dele, rápido e extranhamente tímido. — O sexo com você é muito bom.

— É? Só por isso? Não há nada mais a dizer?

—Não há nada mais a dizer —garantiu segura de suas palavras. — Minha vida no Valhala foi monótona. As Valkyrias e os *einherjars* vivem esperando o Ragnarök e, enquanto isso, lutamos, treinamos e passamos o tempo da melhor forma que podemos. Não posso ocultar nada, porque não há nada interessante a ocultar. E como vê, não me envergonho de nada que fiz lá em cima, o deixo ver tudo. Mas, de todo modo, quero deixar algo claro.

— O que?

—Não se coloque entre Bryn e eu. Não se posicione. Ela é meu assunto. É um assunto de *nonnes*. De acordo?

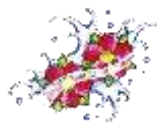
Kenshin acatou a ordem de sua valkyria, não porque fosse assunto de mulheres ou de irmãzinhas, mas sim porque o olhar vermelho de Róta advertia que, se não a obedecesse, teria sérios problemas.

—Bem. Então, antes de chegar ao castelo, deixe eu pôr minhas normas também.

Róta o olhou na expectativa.

—Solte.

—Se voltar a me desobedecer, Róta, se voltar a fugir ou escapar de mim, não vou ter piedade com você. Se fugir de novo, e eu te alcançar como fiz ontem, juro que o castigo que receberá será memorável.





O castelo de Seton permanecia em silêncio, mas ambos sabiam que em seu interior o Engel, como bom estrategista, estava organizando um plano.

Quando entraram no salão, a imagem que encontraram foi fascinante e deu lugar a um jogo de olhares velados e perguntas silenciosas:

Bryn tinha Johnson sobre seus joelhos.

Johnson comia com avareza parte do plumcake que Róta cozinhou na noite anterior, e Bryn, por sua vez, sorvia uma xícara de café e tinha os olhos azuis fixos nos monitores dos computadores.

Gabriel falava através de seu iPhone enquanto acariciava distraidamente o cabelo chocolate de Gúnnr, e esta teclava como uma louca em grande velocidade, comunicando-se com alguém ou procurando algo do outro lado da tela.

Johnson levantou a cabeça e desenhou um pequeno sorriso nos lábios. O menino tinha melhor aspecto que no dia anterior. Desceu das pernas de Bryn e correu para receber o casal. Parou na frente de Róta, apontou o peito e a olhou esperando algo em troca.

Bryn e Gúnnr ficaram olhando sua *nonne*, a repassando de cima a baixo. A filha de Thor deixou de prestar atenção ao teclado e apoiou o queixo em ambas as mãos com aspecto doce e ao mesmo tempo inquisidor.

Bryn, por sua vez, repassou a roupa de Róta e depois a de Miya. Gabriel elevou uma mão para saudá-los enquanto continuava falando. Róta olhou nos olhos de suas *nonne* e logo cravou a vista em Johnson. Este voltou a sorrir.

Ela elevou uma sobrancelha e sorriu por sua vez. Deu-lhe duas palmadinhas carinhosas na cabeça, como se fosse um cão e Miya teve vontade de rir com a pouca prática que aquela mulher tinha com crianças.

—Continua vivo, menino —disse aliviada. — Já te soltaram? Estão te dando comida?

—Não é um animal —murmurou Bryn levantando da cadeira e se aproximando deles. — Demorou muito —a repreendeu.

Johnson pegou a mão de Róta e a puxou para sentá-la à mesa.

Miya, por sua vez, se colocou ao lado de Gabriel e deu uma olhada nas telas dos computadores. Uau, parecia a base central da Nasa.

— Está bem? —Perguntou Gúnnr observando a ruiva. — Hã..., voou? Sabe, suas asas...? — Bateu as mãos como um passarinho.

—Tanto que pensei que nunca voltaria a tocar o chão — piscou um olho. Levantou e se dirigiu para abraçá-la com força. Gúnnr correspondeu à amostra de afeto. — Merda, Gunny... — murmurou sobre sua cabeça. — Senti sua falta.

—E nós de você —respondeu a jovem.

Róta olhou para Bryn de lado. Esperava uma resposta da General negando tal afirmação, mas esta não chegou. Embora tampouco chegassem as alfinetadas que também esperava: “por que desobedeceu as ordens? Por que fugiu? Poderiam te matar! Não faça mais!” Ou sua favorita: “Volte a me sacanear, Róta, e te penduro pelos mamilos”. Mas Bryn não disse nada. A ignorou.

Acaso não era melhor?

— Róta? —Gúnnr afundou o rosto em seu abdômen.



—Fale.

—Thor é meu pai.

—Claro, Gunny, e sou filha de Jesus de Nazaré —respondeu zombando e olhando para Johnson com cara de louca.

—Sério, é verdade —Gúnnr se afastou e elevou o rosto para ela com um sorriso. Mostrou o pendente com a réplica do Mjölñir. — Se ativa com a palavra — pigarreou e se obrigou a pronunciá-la: — “Pai”.

O martelo saiu disparado do pendente que o prendia e com um brilho se materializou num maravilhoso Mjölñir de tamanho original.

—Afasto essa coisa de mim —grunhiu Gabriel, assinalando Gúnnr.

Róta olhou a cena impassível, exceto pelo tic labial que tinha no canto da boca.

—Não compreendo —olhou para Miya, o qual encolheu os ombros. Logo procurou a afirmação de Bryn, que continuava bebendo seu café, concentrada na tela. Gabriel por sua vez, assentiu e encolheu os ombros, com uma sorriso de desculpa. — Você sabia? —perguntou ao samurai.

—Khani revelou no Fermilab que Gúnnr era filha de um deus, porque só os deuses ou semideuses podiam sentir o Mjölñir e também o perceber entre eles — explicou com normalidade.

Gúnnr procedeu a narrar tudo que aconteceu desde que elevou voo em Diabo Canyon e arriscou a vida para salvar não só à humanidade, mas, sobretudo, Gabriel. Contou que quando o martelo abriu um portal e explodiu em suas mãos, Freyja e Thor a receberam no Valhala e ali contaram tudo: de quem era filha, por que ocultaram e o como repentinamente orgulhoso estava Thor dela...

—Me ofereceram para ficar lá até a chegada do Ragnarök, mas declinei a oferta porque preferia lutar aqui com vocês.

—Gúnnr —Róta sacudiu a cabeça incrédula. — Está dizendo que Thor se apresentou diante de você e disse que era seu pai? Ou seja, tipo Darth Vader?: “Luke, sou seu pai?”

Gúnnr soltou uma risadinha e assentiu enquanto entrelaçava os dedos com a mão que Gabriel apoiou em seu ombro.

—Sim, foi assim.

—Freyja sabia —entendeu Róta. Não era uma pergunta.

—Sim —grunhiu Gúnnr. — Estou muito zangada com ela. Não esperava que me ocultasse algo assim.

Róta entendia Gúnnr. Freyja sabia muitas coisas e as manipulava conforme convinha. Ocultou de Gúnnr quem era seu pai e ocultou dela mesma que converteu em seu leito de morte o *einherjars* que se encomendou a ela e que, devido a isso, Kenshin Miyamoto não subiu ao Valhala para se reunir com sua valkyria.

—Porra, Gunny —sentou na mesa com eles e pegou um pedaço de plumcake com os dedos. — Isso entra dentro na categoria Valkyrica: Grande putada.

Johnson se apressou a oferecer um guardanapo.



—Obrigada, mudo —Róta deu-lhe dois tapinhas na cabeça e Johnson revirou os olhos. — Seja como for. Que seja filha do gostosão covarde não muda nada. Não custava nada te reconhecer e não o fez porque estava envergonhado de sua “Suposta” debilidade e falta de fúria, verdade?

—Sim, me disse isso.

—Então, me faça um favor —Róta engoliu o que tinha na boca e apoiou os cotovelos na mesa. — Quando o vir, coloque um raiozinho pelo escroto da minha parte.

Gúnnr começou a rir e Bryn fez um esforço para que não tremessem os cantos dos lábios.

Miya sentou na frente dos computadores e estudou o que refletiam. Mapas via satélites da Escócia, o foro da Black Country aberto: Aileen, Gúnnr, Menw e Isamu estavam conectados... Também se refletiam imagens via satélites direto de zonas importantes e concorridas de Edimburgo.

Ao mesmo tempo, Gabriel se despedia da pessoa com quem falava por telefone.

—De acordo, Ás, assim o faremos, o manteremos informado — guardou seu iPhone e olhou todo o grupo com gesto sério. Examinou Róta e Miya. — Agora que sei que continuam vivos, vamos nos atualizar?

—Estou querendo — respondeu o samurai. — Verificou o sistema de segurança do castelo? Seiya poderia ler a mente de Róta e averiguar onde se encontra.

—O castelo é uma fortaleza. Tem alarmes por todos os lados, um escudo invisível de proteção contra ataques aéreos e anuladores de sinais e localizadores, ambos cortesia do *noaiti* do clã berserker de Black Country —assegurou Gúnnr. Assinalou o monitor. — Aileen está me explicando tudo isso. Tem, além disso, corredores secretos e túneis subterrâneos, e um armazém cheio de armas e veículos de todo tipo... Esta casa é uma joia.

—Bem —Gabriel agachou e pegou uma bolsa cheia de joguinhos pessoais. — Aqui têm um kit de sobrevivência para cada um de vocês: desde anuladores de ondas mentais a estimuladores sanguíneos (se por acaso o drogarem), desodorizantes, microcomunicadores e explosivos programados e seus iPhone com as aplicações e programas que precisaremos completamente atualizados. Agradeça a Isamu e Aiko, que fizeram um trabalho excelente com isto num tempo recorde.

— Duvidava? — Miya levantou uma sobrancelha incrédula. — São samurais.

—Jamie mantém contato com os berserkers de Milwaukee e estão agindo lado a lado com seu clã vanirio, Miya —disse Bryn. — As coisas estão mudando.

—É uma excelente notícia —assegurou o samurai.

—Estive falando com Ás —explicou Gabriel. — Os guerreiros que resgatamos já estão lá com eles; no RAGNARÖK tentarão os ajudar e os recuperar. Ali, infelizmente, há muitos que sofreram os mesmos abusos. Por outro lado, Menw e Isamu tentam averiguar a composição dos esporos que criam os trolls e etones; estão a ponto de encontrar a solução. Descobriram que só nascem em água doce, por isso temos que vigiar as áreas de lagos e pântanos.

—Seiya pode estar criando seu exército aqui mesmo, na Escócia — murmurou Miya. — Quanto mais podem demorar até descobrir a fórmula para eliminá-los?

Gabriel encolheu os ombros.



—O que precisarem.

—Mas não temos tempo —grunhiu Miya. — Além disso, a pressa é recuperar a espada e a lança... E não temos nem ideia de onde estão.

—Exato —confirmou Gabriel cruzando os braços. — Mas, tal e como vejo, os dois objetos têm que estar juntos.

— Por que? — Perguntou Róta, roubando o copo de suco de Gúnnr e bebendo dele. — Não é melhor dividi-los? Ter várias frentes abertas para despistar o rival, sabe... Conversas de estratégia que tanto alardeia, Engel.

—Não —respondeu Gab sinceramente. — Às me abriu os olhos. A espada de Frey é a espada da vitória. Quem a possuir, será invencível. É como uma espécie de Excalibur —murmurou mais para si mesmo, — o que é curioso...

—Gabriel, está divagando —o cortou Gúnnr com voz doce.

—Sim. Perdão. A lança de Odín tem a peculiaridade que se sua ponta tocar o solo pode abrir portais e desencadear o Ragnarök. Se Hummus, Lucius, Seiya e esse tal Cameron as querem em seu poder é porque têm a intenção de provocar o Ragnarök.

—Óbvio. Todos querem que chegue o Ragnarök. Por isso estamos em guerra —acrescentou Róta.

—Sim. Mas com a espada de Frey que luta virtualmente sozinha, ninguém poderia ganhar. Teriam duas armas invencíveis. Não obstante, está acontecendo algo, e não sei o que é: não entendo por que ainda não usaram os totens e provocaram o caos.

Um músculo palpitou na mandíbula de Kenshin. Claro que acontecia algo. A espada estava destinada a um guerreiro. Mas, estranhamente, o guerreiro precisava ter sua *Hanbun*. Enquanto Seiya não tivesse Róta não podia usar a espada de Frey. A profecia Kofun dizia claramente. Por que era assim? Era algo que escapava das mãos. O que Róta tinha para poder desencadear o Armagedón? Fosse o que fosse, não ia permitir. Róta agora era dele, seu sangue era dele e seu corpo também. Só o que precisava para completar o quebra-cabeças e se assegurar que nunca o traía era ganhar também sua vontade.

—É como se faltasse algo para ativar tudo —murmurou Bryn, alheia aos pensamentos de Miya.

—Falta o Mjölñir —respondeu Gúnnr com uma expressão de orgulho em seu rosto.

—É algo mais —declarou Bryn levantando da mesa e limpando os cantos dos lábios com o guardanapo. — Temos que nos mover, Engel, e encontrar qual é a peça que falta. Terá que indagar.

—Me alegra que esteja disposta a isso, Bryn —Gabriel sorriu maleficamente. — Porque, para indagar, precisamos que nos dê uma mão, General.

— Do que fala? —Bryn estreitou os olhos.

—Fácil. Em Chicago tivemos um grande guia —olhou para Miya. — Ele nos pôs a par da cidade e do que se movia nos subúrbios. Graças a ele localizamos Khani...

—Sim —Bryn cravou os dedos na mesa até fazer furos. — E o que?

Johnson levantou e se colocou ao seu lado, disposto a dar seu apoio se precisasse. Ninguém deixou de notar que o pequeno se sentia muito protetor com a valkyria loira.



—Daanna McKenna fez uma bilocação do futuro. Nela encontrou um *einherjars* que vive em Edimburgo.

—É Voldemort, aquele que não se pode nomear —assegurou Róta com uma risadinha, olhando de esguelha para Bryn.

Bryn a fulminou com os olhos.

—Então, nesse futuro alternativo —continuou Gabriel, — o inominável disse que ali existiam Valkyrias e também berserkers, e a avisou que faria uma visita para reunificar os clãs e lutar juntos no Ragnarök. Mas isso aconteceria daqui a várias semanas, posto que era dezembro. Como sabe, este presente é diferente, as coisas se precipitaram e as bilocações de Daanna alteraram as linhas de espaço-tempo.

—O dom dessa mulher é maravilhoso e ao mesmo tempo aterrador —jurou Miya.

—Daanna, tem um dom... intimidante. —O Engel pegou uma folha de cima da mesa e a dobrou pela metade. — Se desejar pode dobrar o espaço sobre si mesmo. Seu corpo é como uma espécie de ponte, de buraco de minhoca... Pode viajar para o passado ou para o futuro.

— De verdade? Não me dei conta —murmurou Gúnnr com sarcasmo.

—A teoria dos universos paralelos —comentou Gab. — Nos assegura que o tempo, ou nossa percepção dele, é como um rio linear que vai do passado até o futuro.

—Mas pode se mudar o curso de um rio —Miya enredou dois dedos no cabelo de Róta.

A valkyria girou para olhá-lo por cima do ombro e arqueou as sobrancelhas com um sorriso de boas-vindas nos olhos. O samurai se surpreendeu ao ver o que estava fazendo de maneira inconsciente e retirou os dedos.

—Galinha —sussurrou ela.

—Quer dizer, caso se atire uma pedra no rio —dissimulou o samurai — pode fluir de outra forma.

—Isso é —aplaudiu Gabriel. — Caso se introduza um acontecimento em qualquer lugar do rio, se produz uma ramificação que continua fluindo para o futuro, mas com outro percurso. Daanna modificou esse futuro. O que poderia ser já não será porque ela o mudou, e nós com nossas ações o verificamos. Assim vamos conhecer esse *einherjars* agora, não em dezembro.

Bryn fechou os olhos momentaneamente. Aquilo não podia estar acontecendo. Os deuses a estavam castigando.

— Quer que te leve até Ardan? —Perguntou vencida. — A Escócia é muito grande e embora Daanna o encontrou em Edimburgo, isso não quer dizer que continue aqui agora. Ele... Ele me contou que vivia numa das ilhas da Escócia, num castelo, não sei se continua vivendo lá, mas...

—Quero sua localização, agora. Bem neste momento —esclareceu Gabriel com voz dura. — Não importa onde vive. Quero saber onde está hoje.

—Isso tem fácil solução —Róta levantou e ficou ao lado de Bryn.

Johnson sorriu com esperança e Bryn engoliu.

—Chegou a hora, General — disse Róta. Não perdia um detalhe da expressão assustada de Bryn—. Faça pela missão, por esses deuses que tanto venera e pelos quais pode sacrificar tudo.

A loira não recebeu isso nada bem. O que fez desde que outorgaram o dom da imortalidade foi por e para os deuses, por e para o Midgard e sempre pelo bem dos outros.



Sempre atendeu suas responsabilidades, nunca fugiu delas, e desgostava que Róta, precisamente ela, dissesse algo assim. Parecia injusto. Se ela soubesse...

— Pode ajudar a localizar Ardan? —perguntou Miya assombrado.

—Sim, pode —Gúnnr estava nervosa, mas ao mesmo tempo, excitada pela nova oportunidade que se apresentava para sua *nonne* Bryn. As segundas oportunidades existiam: pelo menos, assim o via.

— O que tem que fazer? —Gabriel estava emocionado.

As duas Valkyrias se mediram em silêncio. Ali havia muitos segredos e muitas experiências vividas que ninguém, exceto elas, conheciam. “Este é o ponto de inflexão”, pensou Miya analisando as duas guerreiras. “Aqui pode mudar tudo”.

— Continua o carregando? —perguntou Róta sem perder o olhar de Bryn.

— O que acha? —espetou a General com mau humor.

— Quer tirar? —Róta se sentia incômoda. A maldita empatia entre ambas fazia que experimentasse todo o descontrole emocional que fervia no interior de Bryn. “Tem que confrontá-lo, General”.

—Não. Não quero tirar — replicou seca. Nunca o tirou, na verdade.

Róta jogou os ombros para trás. Bryn não o faria, não o tiraria porque assim seria mais doloroso para ela. O dom da psicometría era complicado. Podia tocar um objeto e localizar a pessoa ou saber a quem pertencia. Mas se alguém com um vínculo emocional direto com essa pessoa que estava procurando também tocasse o objeto ao mesmo tempo, então, Róta que era a receptora, podia sentir as emoções e ansiedade dos sentimentos envolvidos; e Bryn podia ver o que ela via. E o certo era que Róta teve o suficiente disso. Sentia-o a cada dia, a cada momento. E odiava Bryn por isso, porque a General era a única culpada da situação que se encontrava.

—Como quiser. Está onde colocou os piercing? — perguntou de maneira impessoal.

Gabriel e Miya abriram as bocas, completamente prostrados.

—Ouça, veja o que vai fazer —murmurou Gabriel nervoso — Se precisar, saímos.

Gúnnr sorriu abertamente e ruborizou.

—Não está acontecendo nada, meu Engel — o tranquilizou. — Bryn carrega uma lembrança de Ardan no corpo e Róta só tem que tocá-lo para que o leve até ele.

— O-onde está essa lembrança?

As três Valkyrias fizeram ouvidos surdos à pergunta do *einherjars*. Róta ficou na frente da General e enfiou uma de suas mãos por baixo da regata ajustada de Bryn. Tocou a lateral das costelas e levou a mão até o sutiã negro. Devia ser dessa cor verde a tonalidade das alças da lingerie.

—Tem as mãos geladas —grunhiu Bryn desgostosa.

Róta mordeu a língua com os dentes e riu em sua cara.

Introduziu a mão por baixo da taça do sutiã e com os dedos mediu o seio.

—E você tem a teta muito quentinha.

Passou o dedo polegar pelo mamilo e prendendo o aro e a pedra com os dedos, a olhou diretamente nos olhos.



—Sim, está com frio — Concordou em voz baixa puxando o piercing com suavidade. Bryn tinha o mamilo duro como pedra. Róta fechou os olhos e colocou a outra mão livre sobre seu ombro.

O samurai não sabia onde se enfiar.

Johnson tinha os olhos arregalados, mas estudava a cena com atenção.

Gabriel tinha uma ereção.

Róta umedeceu os lábios e se concentrou no que o objeto dizia.

Os sentimentos e as lembranças de Bryn foram em turba para sua mente.

Imagens de Ardan e ela juntos e do momento que lhe deu o brinco. A pedra que atravessava o aro era negra. O objeto estava frio ao tato, mas dele saíam pequenas descargas. Era a energia de Bryn. Não queria que ninguém o tocasse, porque isso era muito íntimo e pessoal para ela.

Róta pôde sentir isso bem no momento que colinas intermináveis de cor verde e amarela alaranjada apareceram diante de seus olhos; uma rua muito movimentada com casas térreas de diferentes cores, com muito movimento e comércio, e a rua se curvava de maneira ascendente... O lugar se chamava...

Bryn engoliu e abriu e fechou as mãos em sinal de nervosismo.

—Valkyria, me mostre — grunhiu Róta com os olhos fechados.

— Subo a camiseta? —perguntou Bryn assombrada, já agarrando a barra.

— Não! —gritaram o Engel e o vanirio ao mesmo tempo.

Johnson moveu a cabeça acima e abaixo.

—Psii... —murmurou Róta.

O gigante estava entrando nesse lugar... Ardan. Esse guerreiro era o mais alto e grande que jamais viu, sempre a impressionava vê-lo no Valhala.

—Tenho-o —Róta tirou a mão debaixo da camiseta e pôs as mãos na cintura, segura de si mesma e jogando a juba vermelha sobre um ombro. — Está em Vitória Street, em Edimburgo. Entrou num lugar que se chama ESPIONAGE.

Gabriel e Miya não perderam tempo e acessaram imediatamente os computadores. Entram com o endereço e o encontraram no Google Maps.

—Aqui está —Gabriel pegou sua bolsa pessoal. — Um lugar muito bonito... Andando.

Johnson caminhou arrastando os pés até ficar diante da tela, e para surpresa de todos, tentou falar pela primeira vez.

Assim de repente, sem que ninguém esperasse.

— Johnson? —Gúnnr correu para ajudar— Quer... quer dizer algo?

Johnson se esforçava para pronunciar uma só palavra enquanto, nervoso, tocava a tela do computador com seus dedinhos, deixando-a toda manchada de digitais. Olhava as duas Valkyrias na frente dele, reclamando sua atenção.

Todos, exceto Bryn e Róta, o olharam compungidos.

—Bráthar-thair... A... Athar... Led...

—Mas, Johnson fala? —perguntou Gúnnr emocionada.



A voz de Johnson não era um som, era mais como um escapamento de ar. Só se escutava como um sussurro.

— Tio Led? —repetiu Gabriel. Não compreendia totalmente Johnson.

—Padrinho Led —corrigiu Bryn sem desviar o olhar de Róta. — O menino se refere ao seu padrinho, que parece se chamar Led.

—Esquecia como sabe bem o gaélico —comentou Róta em tom de zombaria.

—Pois, seja quem for seu padrinho, está lá, no mesmo lugar que Ardan. —Gabriel pegou a bolsa e a pendurou num ombro. — Andando. Peguem tudo que precisarem, porque não sei se voltaremos para Seton outra vez. — Miya, Gabriel, Gúnnr e Johnson se afastaram do salão. Bryn passou diante de Róta, a olhando de lado. A loira tinha os olhos vermelhos, não só por sua mudança de humor; mas parecia que estavam vermelhos de umidade. Como se quisesse começar a chorar.

Róta sorriu maliciosa. A empatia transferia sensações e visões na psicometria e a fazia mais potente do que era. E sabia muito bem o que aconteceu: Bryn também viu.

Depois de uma eternidade, Bryn viu Ardan. A coisa ficaria muito interessante.

CAPITULO DEZ

Aileen não brincou a respeito de seu arsenal. O que aquela híbrida reuniu sob seu castelo era o delírio de qualquer mercenário fetichista. Obviamente, foi aconselhada por outro “Senhor da guerra” como era Caleb McKenna.

Entre seus veículos 4x4 totalmente equipados e ajustados com vidros de lâminas anti raios ultravioletas, se encontravam um Tac Stark negro, um Hummer de uso militar, um Nissan Gazana Crossover Concept laranja e um Jipe Wrangler X conversível de cor azul escura. Aileen era refinada em quatro rodas. Tinha um par de esportivos conversíveis também. Róta analisou os carros, mas nenhum a convenceu. Havia um Zenvo ST1 prateado e uma Ferrari vermelha 250 GTO de 1962. Mas à Valkyria faltava algo.

— E meu Tesla? —perguntou admirada. — Não o vejo. O quero.

Gabriel montou no Hummer, e Gúnnr, Bryn e Johnson subiram com ele.

Miya estava babando na frente do Tac Stark.

—Iremos neste —disse Miya a agarrando pelo pulso.

— Nisso? Não. Nem pensar. Vamos neste —assinalou o Nissan Gazana. Se tinha que escolher, pelo menos que fosse todo o vanguardista e fashion que uma Valkyria requeria. — Não sei o que Aileen teve que fazer para conseguir um modelo Concept exclusivo e além disso elétrico, mas na falta do meu Tesla... Quero este, Miya.

O samurai elevou uma sobrancelha escura. Essa garota não conhecia carros.

—O Tac Stark é um modelo brasileiro muito confiável.

—Sim, também o Titanic —replicou ela. — Gosto do Gazana. Com este teremos energia grátis —moveu os dedos da mão direita e deixou que os fios elétricos rodeassem todo seu braço



até chegar a *bue*. Aproximou-se dele e entrelaçou os dedos da mão com os dela. Sorriu contrita, querendo comprá-lo com sua ternura e disse em voz sussurrante: — Kenshin... *Onegai*²¹.

O vanirio sentiu um calor agradável no peito, como se uma chama do lar se acendesse de repente em seu interior. A Valkyria manipulava às mil maravilhas, e ouvi-la falar japonês era como uma carícia na alma. Olhando seu rosto de menina boa, ninguém diria que aquela mulher podia ser a cúmplice perfeita para desencadear o fim do mundo.

—Porra, Róta... —murmurou ele lutando contra sua vontade.

Ela ficou nas pontas dos pés e mordeu o lóbulo de sua orelha disimuladamente.

—Foderemos logo, Kenshin —o beijou na lateral do pescoço e sentiu vontade de mordê-lo de novo para beber dele. Afastou-se, um tanto assustada. — Ouça, isto de eu me alimentar de você está me transtornando um pouco —esfregou a nuca, dando um passo atrás, sem parar de olhar a poderosa garganta do guerreiro, aturdida e surpreendida por seu impulso repentino.

—Genial. Somos dois. —Miya a agarrou pela mão e a ajudou a subir no carro.

O interior do crossover era forrado em couro cinza, mas deixava ver parte da estrutura de carbono. O painel central e o recosto de braço eram inspirados no tanque de gasolina de uma moto esportiva. E no centro do painel estava um incrível touch screen com cores brilhantes e azuladas. Aquele carro parecia uma nave.

—A fome entre casais é bilateral —disse ele. — Você necessita e eu necessito. Preocuparia-me se não tivesse sede de mim. Devo me preocupar, Róta? — A olhou de esguelha enquanto ligava o Nissan apertando só um botão.

Róta franziu o cenho. Não compreendia a pergunta. Ele era um vanirio e por isso tinha que saber perfeitamente os estragos emocionais e físicos que provocavam os companheiros: a necessidade, o constante desejo, a vinculação exigente... A loucura.

— Tá tirando sarro? Estou permanentemente quente —sorriu sedutoramente e moveu os quadris e os ombros seguindo o ritmo de uma música que existia só em sua cabeça. — *Um choque para minha partida, o início de um beijo num salto suicida... Dá-dá-dá! Dá-Oi!* —Deu uma palmada e elevou o punho. — É Dom Omar.

O samurai soprou e deixou cair a testa no volante enquanto abriam as portas do estacionamento subterrâneo.

— Não sabe quem é? —perguntou ela com pena e colocando uma mão sobre o joelho. — Pobre, Kenshin...

—Não me chame mais de Kenshin, estou pedindo —replicou isso terminante.

A Valkyria observava aniquilada o interior do veículo e fazia ouvidos surdos às suas súplicas.

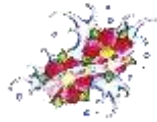
—Vou te ensinar cultura urbana, Kenshin —e dedicou um incrível e sincero sorriso.

Esse gesto iluminou o interior do carro e também o interior do coração de Miya.

Fodida merda.

Estava perdido. E muito, muito assustado.

²¹ Onegai: Significa "Por favor" em Japonês.



No caminho para Edimburgo por uma estrada secundária nada transitada, Róta não deixou de comer o vanirio com os olhos. Pôs a música MP3 do carro e agora soava *My Obsessão* de Sky Ferreira.

— Percebeu se te incomoda a luz solar, Róta? —perguntou Miya com a vista fixa na estrada. Não podia olhá-la, essa guerreira tinha a faculdade deixá-lo duro com apenas uma pequena olhada. Róta prendeu o cabelo num rabo alto. As orelhinhas se moviam estimuladas pelo som e cantarolava a canção com os pés apoiados no painel. As calças jeans escuras se adaptavam perfeitamente às suas pernas, e as colocou dentro das botas Panama Jack marrons claras desabotoadas que seguiam o compasso da música. Agradeceu poder tomar uma ducha rápida e mudar de roupa. OH, sim. Nada melhor que estrear uma roupa nova que lhe caísse espetacularmente bem, isso dava muita segurança a uma Valkyria como ela.

—*This is my confession, this teme, this teme...*²² Não. Não tenho efeitos secundários. Minhas presas estão no lugar e minha pele não chamusca, viu? — esticou o braço pela janela do carro, puxou a manga e o moveu acima e abaixo. — OH, por Odín! Meu braço! —exclamou morta de dor.

Miya pisou no freio de repente, apavorado pela possibilidade que a jovem sofresse alguma dor. Um dos poucos carros que seguiam na mesma estrada buzinou desconcertado e os insultou ao passar ao seu lado.

Róta soltou uma gargalhada e mostrou a pele cremosa e uniforme.

—Era uma brincadeira, Kenshin. Estou bem.

Ele não podia acreditar. Aquela mulher não tinha limite. Não levava nada a sério.

—Não vou me transformar em nada estranho —esclareceu Róta com voz doce. — A natureza da Valkyria é única. Cheguei à conclusão que não pode se alterar.

— Por que está tão segura?

—Porque somos um reflexo do que Freyja quer numa mulher, e Thor também é bastante veemente em suas criações. Viemos de Freyja e Thor, sabe? Ambos são muito independentes e perfeccionistas para que nós, que fomos criadas por eles, sejamos mutáveis por outros seres. Não é possível. Não acredito —negou categoricamente com a cabeça.

—E se fosse possível, e incomodaria não voltar a ver a luz do sol?

Róta pensou alguns segundos.

—Me entristeceria, sim. O sol te dá uma gama de cores que não há à noite.

Miya apertou o volante com força. Não queria arrebatrar nada que aquela mulher gostasse.

—Mas, por outro lado, acredito que a noite, bem acompanhada —o olhou de lado, — é uma boa alternativa, não acha?

²² Esta é minha confissão. Esta vez, esta vez...



Encolheu os ombros mais relaxado. Isso era melhor. Não seria ele quem negaria aquela afirmação.

—Relaxe, samurai. Está muito tenso.

—É impossível. É como uma pedra no rim.

A Valkyria se acomodou de novo no assento e o olhou por baixo de suas pestanas mogno. Dizia umas coisas tão bonitas...

—Você não tem esse tipo de dor. É imortal. Não adoecemos nunca.

—Quando era humano sofri uma vez. E foi o mais incômodo que experimentei em minha mortalidade. Dizem que é mais doloroso que um parto.

—Só um homem pode deixar um comentário assim escapar —replicou surpresa. Sorriu disfarçando. — Chorou? —Logo, como se dissesse uma barbaridade, tampou a boca com a ponta dos dedos e acrescentou: — Deuses, que tolice. Um samurai nunca chora —disse imitando a voz e o gesto severo de Miya.

Róta lhe deu um empurrãozinho mental e velado, mas o vanirio não a deixava ver nada, embora sentisse que cada vez estava mais perto de ficar ancorada em sua cabeça. Sim, se sentia mais forte e poderosa à medida que assimilava o sangue do samurai em seu organismo. Não obstante, embora como bem dizia a canção que estava tocando, não queria seu amor, só queria que a desejasse, tinha a imperiosa necessidade de saber tudo dele, e não queria esperar para averiguar. As Valkyrias não tinham paciência. Queriam tudo já. Se ele sofreu, queria ver. Mas seu cérebro e seus pensamentos estavam selados, pelo menos para ela. Pelo menos por agora.

—A cicatriz no queixo... Quem fez isso? Foi muito profunda, verdade?

Miya ficou nervoso com a pergunta, mas tentou dissimular.

—Não foi nada... Só um golpe mal dado. — O maldito golpe que desencadeou tudo, pensou irritado.

— Com uma espada? Uma katana? Não pode me contar?

—Não é importante.

—Foi sua culpa, certo? —Se Miya não estava disposto a falar com ela do que aconteceu ou quem foi, usaria as mesmas armas que Freyja aplicava para surrupiar informação: a extorsão e a ofensa. Aprendeu da melhor e agora era uma perita em provocar os outros até conseguir o que queria deles. — Posso imaginar isso. Inclusive, por certo mereceu — ocultou a boca na gola alta de pelo da jaqueta de pele marrom que usava e levantou uma sobrancelha vermelha. Miya estava se irritando... Bem, era o que queria.

O vanirio tinha os nódulos brancos de tanto que apertava o volante cinza escuro. Mas seu rosto permanecia impassível.

—Por certo que antes, no Japão, foi muito mau e alguém te deu uma lição —continuou ela passando um dedo pelo queixo. — Essa cicatriz a fizeram quando humano, por isso ainda a mantém. Ou, melhor, é uma dessas feridas vergonhosas que um samurai honorável e orgulhoso como você nunca poderia revelar. De que época foi? Quando se encomendou a mim, se não recordo mal... —Não tinha que fazer esforço algum para lembrar, sabia perfeitamente, mas adorava o teatro. — Era o século cinco no Midgard... Verdade? O que li sobre vocês é que, o



samurai originário é da era Kofun que compreende desde finais do século dois ao seis. Foram aristocratas e...

— Não importa o que eu era antes, Róta.

— ...lam a cavalo, com suas armaduras e...

— Deixe para lá.

— Por certo que mereceu essa cicatriz; ou melhor, se distraiu, o feriram e por sua culpa morreu muitíssimas pessoas...

— Maldita seja, *Heiban*! Não é de sua conta! Está tirando todas essas conclusões equivocadas por uma cicatriz no queixo?! — A encarou. Seus olhos rasgados brilhavam como mercúrio e seus brancos dentes apareciam entre os lábios puxados.

Róta arregalou os olhos. Acertou em cheio.

— Isso foi o que aconteceu? Pessoas morreram por sua culpa? — Perguntou com preocupação sincera. — Cometeu algum engano?

Miya tirou o carro da estrada para estacionar no acostamento. Olhou à Valkyria com olhos furiosos e a assinalou com um dedo.

— Temos que deixar as coisas claras. Não me meto em suas coisas, assim você não se mete nas minhas.

— Como não se mete em minhas coisas? — repetiu ela enervada. — Isto é o cúmulo. Colocou-se entre minhas pernas, e muito bem, por certo! Aí sim pode se colocar? E por que não posso me colocar em todo o resto? Eu deveria saber tudo de você!

Touché.

— Pode falar a sério pelo menos uma vez, Valkyria?

— Estou falando a sério! Colocou-se na minha cabeça e em meu corpo e averigou tudo que quis saber de mim! Não precisaria fazer perguntas se me deixasse ler sua mente com normalidade! Por que não deixa? É mais que natural entre companheiros, não? Tem medo que descubra algo vergonhoso? Não vou te humilhar, Kenshin.

— Não me chame de Kenshin!

Róta se transtornou. Com Miya podia estar bem num instante e no seguinte explodir como uma granada.

— Kenshin! Kenshin! Kenshin! É seu nome e chamo meu *einherjars* como me der vontade! — Apertou os punhos para que os raios de sua energia elétrica não emergissem em qualquer lugar.

— Mas não quero que o faça! — A agarrou pela nuca e a aproximou dele com brutalidade. — Sabe o que é respeito, *Heiban*? Melhor, alguém como você não tem ideia do que seja.

Róta o olhou nos lábios e passou a língua pelos dela. Engoliu com força.

— A que se refere como alguém como eu? Por que sou uma Valkyria? — Apoiou as palmas em seu musculoso peito e tentou afastá-lo com força, mas ele era mais forte que ela e, além disso, desde que trocaram sangue, os raios elétricos não funcionavam contra seu companheiro. — Já me jogou um par de pedras parecidas, e... sabe o que?!

— O que?!

— Não gosto!



Miya contou até três para voltar a recuperar as rédeas da discussão. Exalou o ar e se concentrou em sua respiração.

—Não torne mais difícil. Estou pedindo só que me respeite. Sempre vou te tratar bem, Róta. Mas preciso que respeitemos as distâncias até que passe um pouco de tempo. Até que esteja seguro que...

—E eu... Estou tentando dizer que gostaria que me contasse as coisas. Você viu tudo de mim —se queixou ela. — Está com a vantagem.

Aquela mulher queria saber coisas dele de verdade. Mas Róta não era uma mulher qualquer. E, além disso, não era nenhum jogo.

—Não vi tudo de você. E espero não ver jamais. —Miya apertou os dentes quando viu que o comentário, surpreendentemente, feriu à Valkyria. Que Róta mostrasse sua outra natureza, seria o fim para todos. E não duvidava em acabar com a vida da jovem antes de permitir que ela se fosse para o lado de Seiya. — Por isso é importante que me obedeça. Enquanto o fizer, nos daremos bem. Aprenda a respeitar para que outros a respeitem. É a excelência da humildade. Um código samurai. Entende isso?

Humildade? Do que estava falando agora?!

Róta sabia que os homens eram difíceis e complicados. No Valhala, as Valkyrias brincavam opinando que, na realidade, só tinham um botão de liga e desliga, mas não era verdade. Esse homem zangado diante dela não se ativava e desativava assim. E o que era pior, não podia dar mais poder a esse homem poderoso do que já tinha.

Teria que levar isso em conta.

—Entendido, Miya —disse fria e seca, afastando-se dele e recolocando a jaqueta. Encontraria um modo.

Miya lhe deu um olhar condenatório e ligou o carro de novo.

Um era necessário ao outro. Eram companheiros.

Mas isso não implicava ter que contar todas as confidências

Verdade?

Não. Não mesmo. E com mais razão ainda quando um dos dois sabia das desastrosas consequências que poderia implicar se justificar.

O samurai nunca mostrava os pontos fracos.

A Valkyria sempre avisava os dela.

Duas filosofias muito antagônicas estavam a ponto de colidir.

Imersos os dois em suas próprias reflexões e em seu próprio orgulho, não se deram conta que dois motoristas vestidos com roupa preta de couro sobre duas Cajiva Mito da mesma cor os estavam seguindo. Ficaram um a cada lado do carro.

Róta encostou a testa no frio vidro da janela lateral e fixou seu olhar nas estradas e na paisagem costeira que os levaria até a capital escocesa, mas a grossa roda dianteira de uma moto de corrida preta a distraiu. Fixou o olhar no motorista e este inclinou a cabeça para vislumbrar algo no interior do carro. A Valkyria não gostou desse gesto.

—Ou este carro chama muito atenção —murmurou Róta— ... ou estão nos seguindo, samurai.



—Creio que o segundo. Acredito que temos companhia —anunciou Miya pelo fone enquanto olhava pelo retrovisor.

— Quantos são? —perguntou Gabriel.

—Dois.

O segundo motorista estava localizado na parte traseira do carro e tirou de sua jaqueta de motoqueiro preta uma pistola com um canhão de cinco centímetros de diâmetro. Estava apontando para o vidro traseiro.

— Merda! —gritou Miya acelerando. — Disparam nos vidros!

Róta ficou em guarda. Miya não podia ter contato com a luz do sol, estava protegido dentro do carro; mas se quebravam os vidros, a luz o acertaria em cheio. E não podia pensar em Miya ferido... ou convertido em cinzas.

Quando se dispunha a sair do assento de co-piloto virar e abrir as janelas para começar a soltar raios em qualquer lugar, o samurai freou em seco. Miya acreditou poder ver através da viseira de plástico negra do capacete do motorista enquanto abria os olhos e soletrava com os lábios: “OH, merda”. A moto se chocou contra a parte traseira do Gazana de tal maneira que o pneu dianteiro saiu disparado e o chassi arrebentou. O motorista saiu voando por cima do carro e caiu de costas diante da dianteira do carro, o qual passou por cima do corpo.

Róta ouviu os rangidos dos ossos amassados.

— Quem são?! —Perguntou a Valkyria se agarrando ao painel. — Como sabem que estamos aqui? Pensei que havia protegido meu sinal mental.

—E o fiz —respondeu olhando de esguelha ao outro motorista. — Mas é óbvio que não adiantou. Têm um modo de te encontrar.

Róta empalideceu. Seiya tinha tentáculos muito compridos.

—Maldito seja — sussurrou Miya ao ver sua consternação. — Me olhe, Róta.

A Valkyria o olhou imediatamente. Suas pupilas se dilataram ligeiramente.

—Está a salvo dele —jurou veementemente. — Disse que a protegeria, prometi isso. Se quer ficar afastada dele...

— Claro que quero! —Exclamou sem compreender a acusação. — Só quero ver seu irmão para matá-lo. Preciso me vingar. Mas não o quero para mais nada, é um maldito sádico!

A determinação de Róta aparecia em sua pose e em cada vibração das células de seu corpo.

—Me entregue as rédeas e eu te afastarei do meu irmão — disse Miya em voz baixa e suplicante. — Só tem que confiar em mim.

Ambos ficaram olhando fixamente um ao outro. Para Róta não era fácil entregar nada, e muito menos o poder e independência que sempre teve. Além do mais, acreditava que já o tinha feito, mas, ao que parece, Seiya continuava tendo domínio sobre ela.

—Não sei mais o que posso fazer —sussurrou Róta. — Não noto Seiya em minha cabeça. Não entendo como me encontrou... Eu...

— Estão atacando! —gritou Gabriel pelo fone. — O segundo motorista está ao seu lado, Miya. Faça algo!

Róta piscou e se afastou de seu olhar prateado.



Miya deu uma guinada e foi pela moto, mas o piloto soube esquivar o golpe.

A Valkyria tocou a tela led do carro e abriu o menu. Se Aileen tinha carros desse tipo em sua garagem, não deviam ser carros inofensivos.

Sabendo o muito que gostava das últimas tecnologias...

Bingo! No menu havia um mapa do carro e todas as armas que escondia.

— Encoste nele, Miya! — gritou Róta.

O samurai obedeceu sem pensar duas vezes. Encurralou o motorista bem onde Róta o precisava. O cara tirou uma pistola um pouco parecida a um aplicador laser. E no momento que ia disparar na janela do motorista, Róta pressionou o botão da tela.

Pontas agudas que pareciam sabres emergiram dos pneus do Gazana e destroçaram a roda dianteira da Mito. O piloto tentou manter o equilíbrio apenas com a roda traseira, mas era impossível e acabou fazendo um salto, ficando ferido no meio da estrada.

Miya parou o crossover, e esperou que Gabriel fizesse o mesmo com o Hummer.

Róta o agarrou pelo antebraço.

—A luz... Não saia — pediu. Retirou o braço imediatamente, envergonhada por esse gesto.

—Não. Não posso sair — respondeu sentindo ainda os dedos quentes da Valkyria sobre seu braço.

O vanirio não podia sair do carro devido à luz do sol, mas Gabriel sim o fez. Agarrou o homem, que tinha o capacete destroçado, pela frente da jaqueta de motoqueiro. O sacudiu e golpeou enquanto fazia todo tipo de perguntas. O levantou em expectativa e o jogou contra a parede rochosa da montanha.

Bryn saiu do Hummer e agachou para pegar o que restava do painel da moto. Tinha uma tela GPS, com uma precisa imagem via satélite em tempo real dessa estrada secundária, bem na localização em que se encontravam. Olhou o céu e seus olhos azuis clarearam ao compreender o que acontecia. Havia uma luz piscando de cor verde na tela. Eram eles? Tinham um localizador? Como podia ser?

—Gabriel... Deixe-o, já está morto — ordenou Bryn olhando para o Engel, — se aproxime, tem que ver isto.

O *einherjars* se aproximou da General. Seus cachos longos e loiros estavam alvoroçados ao redor de seu rosto. Parecia uma espécie de castigadora dos céus.

—Engoliu a língua ao golpear contra a parede — disse o Engel. — E o outro morreu quase imediatamente. Não podemos os interrogar — tentou se desculpar.

—Sei. Olhe a tela — ordenou ela com um movimento de seu queixo.

—É um GPS.

Gabriel não demorou para ligar os fios. Se os seguiam pelo GPS era porque havia um localizador, algo a seguir. Era impossível que os chips estivessem nos carros, porque ninguém entrou na garagem do castelo de Aileen e era a primeira vez que os usavam. Olhou à Gazana e fixou a vista na área do co-piloto.

—Seiya a quer. Róta é o localizador — sentenciou.

— Como? Como pode ser ela...?

Gabriel encolheu os ombros e meneou a cabeça com tristeza.



—Róta esteve nas mãos desses filhos de uma cadela vários dias. Podem ter inserido sem que percebesse. O castelo de Aileen está protegido e anula qualquer tipo de sinal. O Chinook também tinha proteção, pois Seiya não queria que ninguém se comunicasse mentalmente para evitar rebeliões. O helicóptero de Caleb e Noah tampouco deixava emitir sinais de nenhum tipo. Quando Róta saiu do castelo na noite passada a encontraram. Não havia proteção ao seu redor. E a caneta anuladora de frequências que tirou de Miya não tinha bateria. Róta tem o localizador. É ela. Não há ninguém mais.

Bryn apertou os dentes e os olhos lutaram para mudar de cor.

—Guarde sua fúria, General. A necessito — pediu Gabriel. — Preciso que quebre o localizador. Que o destróce. Desative.

Bryn girou e fechou os olhos para que Gabriel não visse sua luta interna. Não queria fazer mal a sua Valkyria, a sua *nonne*. E, além disso, Róta não ia deixar.

— O que quer que faça?

—Dê uma de suas descarga furiosas. Pedirei para Gúnnr ajudar.

— As duas? Não, nem pensar. É muito.

—Enquanto você e eu discutimos aqui, Seiya e seus jotuns vêm por nós. Terá que fundir o maldito aparelho, Bryn — a olhou friamente. — É uma ordem. Não sei jogar raios e centelhas como você. Se não, asseguro que me encarregaria.

Bryn apertou os dentes e franziu o cenho. Fechou as mãos e cravou as unhas nas palmas. Róta ia odiá-la eternamente. Nunca poderiam consertar a situação se continuasse a ofendendo desse jeito. “As Valkyrias lutam frontalmente, nunca atacam pelas costas”, essa era a frase que recordava nos campos de treinamento no Valhala.

“Sinto muito, Róta”.

—Diga a Gúnnr que venha —disse finalmente.

Róta olhava com atenção o que acontecia lá fora. Por que Gabriel e Bryn discutiam, e por que parecia ter a ver com algo relacionado com o Gazana no qual, casualmente, ela se encontrava?

Gúnnr também saiu do Hummer e agora negava com a cabeça algo que disse Bryn. Não podia ouvir nada. As portas do Nissan onde estavam anulavam completamente o som.

— Pode ler suas mentes? —perguntou Róta a Miya, cheia de curiosidade.

—Não. As Valkyrias e os *einherjars* têm outros padrões. Posso ler a sua porque é minha *Hanbun* e provei seu sangue, do contrário não poderia fazê-lo. Mas, se servir de consolo, também me interessa o que estão dizendo.

—Vou sair —disse Róta. — Não posso ficar aqui sem saber o que dizem. Se cubra, vanirio.

A Valkyria saiu tão rápido do carro e fechou a porta a tal velocidade que Miya não teve tempo de se cobrir, nem precisou.

— Que demônios acontece? —Perguntou Róta olhando para Gúnnr. — Por que está tão pálida, Gunny? —Logo deu um olhar de cima a baixo em Bryn. — O que disse? E, por que continuamos aqui no meio da estrada? —Fixou a vista em Johnson, que tinha o rostinho pálido grudado no vidro traseiro do Hummer, olhando tudo que acontecia. O menino fazia negações com



a cabeça, como se a estivesse alertando de algo. —Se afaste, Engel —disse Bryn entre dentes, com o rosto inclinado para baixo e meio oculto por seu longo cabelo loiro platino.

Gabriel entrou no carro e passou um braço por cima de Johnson.

Róta olhou para Bryn e Gúnnr e teve vontade de soltar uma gargalhada.

—Que misterioso... —brincou a Valkyria fazendo caretas. — Têm cara de quererem me torrar. De você espero —soltou para Bryn sem olhá-la, — mas da minha Gunny, não. — Entrecerrou os olhos azuis celestes e passou a língua pelos dentes. — Venha, garotinha. O que acontece? Diga-me.

Gúnnr não queria olhá-la e seu rosto refletia muito pesar pelo que ia fazer.

— Agora! —gritou Bryn.

Um muito potente raio vermelho saiu das palmas abertas da General e golpeou Róta em todo o peito, rodeando-a por completo e a elevando do chão. Róta gritou tentando se libertar dos tentáculos elétricos que a agarraram, mas por mais que lutasse contra elas sabia que nunca poderia vencer Bryn.

A loira lançou outro raio mais potente que o anterior, e Róta sentiu que perdia a consciência. Sua General era “A selvagem”, quem podia com ela? Abriu os olhos, e antes de cair na inconsciência cravou o olhar nos olhos vermelhos de Bryn. Mostrou as presas e gritou:

— Puta!

Bryn e Gúnnr viram como o corpo de Róta ficava mole envolto pelos raios. A General a deixou suavemente sobre a estrada. Quando o corpo enfraquecido de sua irmã repousou sobre o cimento, deu a volta, secou as lágrimas e disse para Gúnnr:

—Não me ajudou.

Gúnnr sorriu com tristeza.

—Róta me matou com o que disse. Fui incapaz.

—Traidora.

—Não, Bryn — pôs uma mão sobre o ombro. — Agora têm a desculpa perfeita para fazer as pazes de uma vez por todas.

Bryn retirou o ombro e ordenou:

—Leve-a a Miya. Se o vanirio for metade possessivo do que acredito que é, precisará tê-la com ele.

—E precisará te matar —comentou Gúnnr olhando o Nissan.

—Que entre na fila.

Gúnnr pegou Róta nos braços enquanto olhava como Bryn entrava no Hummer. A jovem se dirigiu ao Nissan no qual se encontrava Miya e abriu a porta do passageiro.

O samurai tinha os olhos mais claros que nunca e a mandíbula dura como pedra. Não havia nada da educação bushido em seu rosto. Nada da fria amabilidade. Deixou que Gúnnr colocasse Róta no assento.

—Não o fez para machucá-la —tentou se desculpar Gúnnr amavelmente.

Miya levantou a mão para fazer Gúnnr se calar.

—Sei que há uma razão para isso.



—Róta tinha um localizador —explicou com tranquilidade. — Os motoristas seguiam um GPS, e Gabriel disse que Róta o tinha e...

— De verdade? —perguntou com voz desafiante. — Porque se a luz piscante os faz acreditar que seguem um localizador, esta continua piscando. Vejo-a daqui.

Gúnnr abriu os olhos e olhou a tela GPS que ainda funcionava no painel da moto maltratada. A luz verde continuava titilando.

—É impossível —Gúnnr olhou para Róta. — A descarga foi muito potente. As descargas de Bryn são...

—Sei o que é Bryn, obrigado. —Miya fazia o possível para não descontar sua raiva e sua impotência em Gúnnr. —Diga à Gabriel que, quando for algo relacionado com minha Valkyria, fale comigo — não se incomodou em mostrar as presas completamente expostas. — Nunca decidi nada sobre você sem antes o consultar. Nunca me atreveria.

—Sinto muito, Miya —disse com pesar. — Sinto, Róta —sussurrou passando a mão pela testa. — De verdade não fez para te machucar.

O samurai viu que o arrependimento de Gúnnr era sincero, mas não podia ser pomenorizado. Porra, sentiu a dor de Róta. Uma dor física e emocional que acabaria com ele, porque seu sofrimento doía mais que nela.

—É Johnson —grunhiu.

— Como? —perguntou Gúnnr compungida.

—O pequeno. É Johnson que tem o localizador. Diga a General que lance uma descarga e derreta seu chip, mas que meça sua força. E diga a Gabriel que fale com o clã de Wolverhamptom e Dudley. Os reféns também devem ter localizadores.

A jovem Valkyria assentiu cheia de remorsos e fechou a porta do carro os deixando sozinhos.

Miya acariciou o rosto de Róta. Parecia tão indefesa e tão doce quando dormia. Deuses... vê-la lá, sofrendo e levitando até ficar inconsciente quase o matou. Sabia que as Valkyrias o fizeram por uma razão.

Ele acreditava que descobriram o que ele temia que acontecesse: que Róta se pôs em contato voluntariamente com Seiya porque era com ele que descobriu que queria ficar; que os traíu por isso os seguiram; que foi para o lado escuro porque era de lá de onde vinha...

Mas não. Não havia traição alguma. Um maldito localizador. Tratava-se disso.

Juntou sua testa à dela.

—Minha *bebī*... Deixa-me completamente aterrorizado, em alerta contínuo. Não sei se posso confiar em você.

Róta continuava com os olhos fechados. As longas pestanas roçavam as maçãs do rosto. Parecia uma ninfa. Uma ninfa das travessuras e eterna adoração. Beijou-a docemente nos lábios e sussurrou:

—Darei uma surra no Engel e outra em Bryn. Palavra de samurai.

Nesse momento, os vidros do Hummer se iluminaram. Miya observou como a pequena cabeça de Johnson caía para trás como peso morto, e Bryn o agarrou nos braços para que descansasse sobre ele. A jovem loira não parecia orgulhosa do que fazia.



Miya olhou o retrovisor do Hummer e encontrou com os olhos azuis de Gabriel que pedia desculpa.

O samurai o ignorou. Arrancou com o carro e passou por cima do GPS do painel da moto, cujo localizador deixou de emitir sinal.

CAPÍTULO ONZE

Edimburgo. Vitória Street

Espionage

No centro do Edimburgo há uma rua curva que une a zona alta com a zona baixa, que é ascendente e vai desde Grassmarkey até uma das ruas principais que vão até a Milla Real. Trata-se da Vitória Street. Se subir a rua, pode se comprovar que do lado esquerdo há dois planos de fachadas diferentes, sobrepostos e a sensação que há uma segunda rua sobre os edifícios de menor altura.

Era uma singularidade que deixou Miya maravilhado. Qual era a essência da rua? A de cima ou a de baixo? Eram duas em uma? Além disso, eram estilos completamente diferentes. As casas de baixo eram comerciais, bares, cafeterias e restaurantes cheios de cor; pelo contrário, as da rua de cima eram todas de janelas brancas e tijolo marrom.

Pensou automaticamente em Róta. Qual sua verdadeira essência? Ela era como essa passagem. Escura ou cheia de cor? Era dupla.

Deixaram os carros diante do local. O ESPIONAGE era um clube-pub muito exclusivo localizado perto de Grassmarkey, vizinho do fantástico castelo de Edimburgo. A essas horas da manhã não havia muito movimento e os locais, embora permanecessem abertos, estavam vazios.

O que fazia um *einherjars* como Ardan num local como esse? — se perguntava o samurai.

Miya se cobriu, pôs o capuz de sua jaqueta de pele por cima da cabeça e óculos pretos e vidros escuros Oakley. A luz do sol o incomodava muito nos olhos e tinha que agir com rapidez.

Pegou Róta nos braços, e saiu a grande velocidade até alcançar a porta do local. A valkyria sofreu uma desumana descarga por parte de Bryn e ainda continuava inconsciente. Quando a olhava tinha vontade de cortar as mãos da General. Vê-la indefesa o fazia se sentir mal.

Soprou. Só foram décimos de segundos que esteve exposto ao sol, mas o calor o debilitava, e embora não tocasse sua pele, ficar sob seu influxo o deixava fisicamente cansado. Apoiou-se na porta de entrada do local. As paredes externas eram pintadas de cinza e terra, e um pôster de letras metálicas prateadas formava a palavra ESPIONAGE no muro lateral.

Miya golpeou a porta com o ombro e a abriu de par em par. Depois dele chegou Gabriel com Johnson nos braços, também completamente coberto com uma capa prateada e as duas Valkyrias que investigavam o interior do recinto com olhos escrutinadores.

Não havia ninguém. Não era boa ideia entrar num estabelecimento público desse modo e com duas pessoas inconscientes nos braços, mas quando um vanirio tão poderoso mentalmente como Miya encabeçava o grupo se conseguiam muitas facilidades. Podia enganar qualquer



humano que encontrasse com eles e podia infundir outras realidades em suas mentes manipuláveis, que não tinham nada a ver com a verdade.

Um jovem muito corpulento, de olhos amarelos, com uma cicatriz na bochecha e um corte vermelho no estilo moicano, vestido com uma camiseta branca justa e calças jeans com correntes nos bolsos emergiu por uma das portas que davam à entrada. Parou bem na frente deles, impedindo o caminho.

Todos ficaram em guarda.

O jovem olhou fixamente Róta e se inclinou para estudá-la mais de perto.

Os olhos de Miya limpavam e seu instinto territorial despertou.

Ocultou Róta girando o torso e afastando sua Valkyria do nariz desse cara. O samurai entrou em sua mente para dobrá-lo e foi impossível ler algo.

Quem era ele? Seus padrões mentais eram ilegíveis. Tinha outro tipo de frequência.

—Não é mortal — disse o vanirio. Não era. Cheirava a berserker.

O cara o olhou diretamente nos olhos.

—Você tampouco — respondeu sem se incomodar em se mostrar surpreso. — Nem ela, o que é? Um duende? — Assinalou Róta com o queixo, a vista fixa em suas orelhas e no cabelo vermelho. — O que fazem aqui? O que querem?

—Não devemos brigar — esclareceu Gabriel. O menino parecia muito agressivo e propenso a soltar os punhos com rapidez.

—Este não é seu território. Fora.

—Sabemos. Mas devemos falar com Ardan — explicou Miya. — Não temos intenção de sair daqui sem antes o encontrar.

O ruivo entrecerrou os olhos. Não confiava neles.

—Ele não está aqui.

—Mente — respondeu Gabriel. — Sou o Engel, o líder dos *einherjars*. Sai do caminho e nos deixe passar. Temos que o encontrar.

Um silêncio cortante rodeou os presentes. Por um momento pareceu que o menino punk ia atacar todos, mas em vez disso, mudou seu discurso.

—Oh, claro. É o Engel — moveu os dedos das mãos como se soltasse pós mágicos invisíveis. — O que tenho que fazer? Ajoelhar-me diante de você? Vá a merda, loiro. Saia daqui.

Gabriel inspirou profundamente para relaxar. Tinha que lembrar que Ardan não sabia quem era ele. O futuro mudou e o *einherjars* não os esperava.

— O que é isso nos seus braços? — Disse o jovem para Gabriel.

—É um menino. Aconteceu-nos algo enquanto viajávamos até aqui, e agora está... — lutou por encontrar a palavra correta — desacordado. É urgente que vejamos seu chefe.

—Ardan não gosta de crianças. Não gostará de ver um em seu lugar.

—Não é verdade — replicou Bryn ofendida. Ardan gostava de crianças. Ela sabia. Muitas vezes falaram sobre isso. Por isso Bryn nunca se atreveu a confessar que as Valkyrias não podiam conceber.

— Ele te conhece? Há alguém aqui em quem se possa confiar?



Bryn deu um passo à frente e todos os conscientes se assombraram por isso. A General estava rodeada de outra luz, cheia de uma determinação admirável.

—Eu o conheço. E sei muito bem que o que diz não é correto.

—Asseguro que é — disse o garoto convencido, focando seus olhos frios nela. Olhou-a como se estivesse saboreando um primoroso bocado de sexo— Você o conhece bem?

—Sim, cabelo de vassoura.

Gúnnr abriu os olhos e tocou as costas de sua General. Bryn perdia a paciência com rapidez e não gostava nem que a rondassem nem que tentassem tomá-la só por um rosto bonito. O punk ia sair torrado.

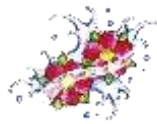
—Muitas mulheres conhecem Ardan, gracinha. Falo de conhecê-lo bem —esclareceu o garoto.

Bryn elevou uma sobrancelha loira e as orelhinhas se moveram ofendidas. Muitas mulheres conheciam Ardan? Óbvio. No Valhala todas estavam loucas por ele.

— Qual é o lema de Ardan? —Estava a pondo a prova. — Diga isso e os deixarei vê-lo. Só os íntimos e próximos sabem.

A valkyria desabotoou a jaqueta preta de couro que usava e o olhou divertida enquanto o jovem seguia seus movimentos. Sorriu e jogou uma mecha loira para trás. Ela sabia muitas coisas do highlander, mais que o punk, certamente.

—*Nemo me impune lacessit* —parafraseou em latim. Oh. Sim. Ardan fez seu o lema da Escócia, e sabia como a fogo gravou essas palavras em sua pele. “Nada me ofende impunemente”.



O cara deu um pulo e empalideceu um pouco. Logo, tentou recuperar o controle da situação e pigarreou para acrescentar:

—Me sigam.

Bem, as coisas mudaram de repente.

Caminhou com passo apressado para uma porta lateral vermelha, a abriu e, com aborrecimento, os convidou a entrar.

Miya foi o primeiro a seguir o punk, e Bryn foi o seguinte a segui-lo, mas antes de entrar por esse corredor que se adivinhava escuro, o samurai parou em seco e disse por cima do ombro:

—Não sei como é Ardan, General. Mas comigo acontece o mesmo que a ele: “Nada me ofende impunemente”.

A valkyria baixou o olhar para observar o rosto de Róta. Ofendeu o samurai ao machucar sua valkyria sem avisar previamente. Bryn também doía por vê-la assim, mas encolheu os ombros e assentiu aceitando o desafio.

O vanirio a admirou ainda mais por isso.



Miya pensou que iam subir, mas se encontraram com escadas descendo, que davam a um corredor vermelho e negro iluminado por abajures fluorescentes. Aí embaixo não fazia nem frio nem calor, mas o ambiente poderia o deixar arrepiado.

Ouviam-se gemidos e gritos de homem e de mulher, uns de dor, outros de prazer, acompanhados de suaves gargalhadas.

Gúnnr e Bryn olharam uma à outra. Que demônios faziam lá? A General acariciou as paredes vermelhas com a ponta dos dedos e apertou os dentes ao ouvir um novo gemido de êxtase feminino.

—O ESPIONAGE tem cinco andares. O adotamos como ponto de reunião clandestino de nossos clãs —disse o punk.

— Clãs? —perguntou Miya interessado.

—Ninguém tem acesso ao piso inferior a não ser que tenha credencial especial — continuou o menino ignorando Miya. — Apenas nós.

— O que é isto? Um bordel? —inquiriu Miya inalando o aroma dos fluxos corporais. — Cheira a sexo.

O punk encolheu os ombros.

—Aqui é.

Uma porta metálica separava o grupo de guerreiros de um *einherjars* chamado Ardan.

O som de uma vara. Um soco. Um novo gemido de prazer.

O punk pressionou o teclado digital da porta e esta se abriu.



A sala que se abriu era mais um tipo de escritório. Parqué, paredes brancas, sofás de pele marrom escuro, estantes negras, uma mesa branca e vários computadores sobre a mesa. Era um escritório simples que quebrava todo o ambiente perigoso do piso inferior. E só o que fazia esse lugar igual de atrevido ao que fosse que fizessem lá embaixo, era a atitude do homem vestido com camisa branca arregaçada até os cotovelos, de costas largas e ombros enormes que estava sentado atrás da mesa. Um homem tão grande atrás de uma mesa era, definitivamente, estranho. Tudo nele desprendia uma aura de perigo, magnetismo sensual e testosterona que inclusive Gabriel e Miya perceberam.

Ardan olhava à frente. Tinha as mãos entrelaçadas e o queixo proeminente e viril apoiado nos nódulos. Um piercing em forma de estaca atravessava a sobrancelha e um brinco rodeava o centro do lábio inferior.

Só um homem muito seguro de sua masculinidade podia usar duas fivelas azeviche no cabelo. Seu olhar negro se fixou na cabeça loira atrás de Miya. No cabelo de Bryn.

Miya examinou o *einherjars* e se fixou em seus olhos. Usava Kohl?

Alguns guerreiros samurais também se pintavam para a guerra. Supôs que para Ardan era seu look natural.



—Não sei quem é, japonês —disse com uma voz rouca parecida com o ronrono profundo de um tigre. Olhou a valkyria e franziu o cenho. — O que porra essa valkyria faz em seus braços? — Levantou da cadeira acolchoada do escritório e apoiou as imensas mãos sobre a mesa, inclinando-se para frente e deixando que a luz da abajur da mesa iluminasse a cicatriz que tinha no canto do lábio e que simulava um sorriso lupino constante. Seus olhos caramelo com pintas amarelas em seu interior brilharam com reconhecimento.

O que fazia uma valkyria em suas terras? Fazia séculos que não via uma, desde que esteve no Asgard. E aquela não era uma valkyria qualquer, mas...

—Porra!! Róta?!!

Era a melindrosa Róta? A bandida de cabelo vermelho?

Miya não baixou os olhos em nenhum momento. Afastou-se ligeiramente e Bryn se adiantou, deixando que a luz da sala a iluminasse por completo.

Todos os ali presentes se deram conta que o robusto highlander prendeu a respiração ao vê-la.

Por um momento, inclusive as partículas de energia invisíveis ao redor também paralisaram, suspensas no espaço e no tempo com esse inesperado reencontro.

Para Ardan, entretanto, pouco importou o receio da valkyria. Não fez esforços para dissimular nem seu desgosto nem sua surpresa. Inspirou profundamente para recuperar o ar perdido. O que estava acontecendo ali?

Porra, essa valkyria era Bryn.

Era ela de verdade?

Bryn baixou o olhar. Não podia continuar olhando seu rosto. Maldito seja, esse homem roubou sua prudência, e quando se foi... também levou com ele todas as suas ilusões. O que pensaria agora dela?

A General, aquela General que uma vez lhe pertenceu orgulhosa, estava no Midgard. Já não lutava no Valhala, agora o fazia em suas terras, no território do highlander.

O *einherjars* rodeou a mesa e se apoiou nela para ficar de frente para ela. Cruzou os braços e desfrutou de sua visão. De seu desconforto.

—Bem, bem... O que temos aqui? —murmurou provocante.

Bryn continuava tão linda e inalcançável como gostava que fosse. Maldita fosse.

Um músculo palpitou em seu queixo. Afastou sua fascinação por essa mulher e voltou à situação. Algo muito grande aconteceu para que as Valkyrias de Freyja descessem à Terra. Chegou o momento que todos temiam?

Bryn, Róta... Estavam aí. Depois de segundos que pareceram eternos, o highlander disse:

—Não posso acreditar —murmurou Ardan com fascinação. — Está tão incrivelmente bonita!

Sua voz desprendia ternura sincera, e encheu Bryn de calor e surpresa. Escutou os passos potentes e decididos de Ardan que se aproximavam dela. Por um momento pensou que ia erguê-la e abraçá-la, mas as pontas metálicas e as botas pretas militares que usava passaram direto. Ela levantou o olhar e encontrou a mesa vazia e que Ardan, às suas costas, estava abraçando Gúnnr



com um carinho e cuidado que a desesperaram por dentro. Seus olhos azuis esfriaram. Seu desdém a gelou.

Miya olhou Bryn e arqueou as sobrancelhas.

A General desviou os olhos para o outro lado.

Gabriel, pelo contrário, não deixava de controlar Ardan com o olhar.

—Olá, gigante —sussurrou Gúnnr completamente sepultada sob o corpo do *einherjars*.

— O que faz aqui também, Gunny?

—Vim com o líder dos *einherjars*.

— Com quem? —repetiu o highlander impressionado. — Temos um líder? Por fim?

—Ela veio comigo —disse Gabriel aparecendo pelo umbral da porta com o pequeno Johnson nos braços. — Sou o Engel, o líder dos *einherjars*.

Ardan era um palmo mais alto que Gabriel, mas o Engel desprendia uma autoridade inapelável.

—Não me sacaneie —o highlander esfregou o queixo enquanto olhava seu líder. — *Aingeal*? O Anjo?

Gabriel assentiu com serenidade.

—Odín e Freyja me mandaram numa missão. E está em minha equipe agora. Tem que nos ajudar. Essas são suas novas diretrizes, *einherjars*. Deixe-nos entrar e te porei à par.

Ardan ficou olhando Gabriel como se fosse um extraterrestre, mas algo na pose desse Engel o advertia que não estava para tolices.

O Engel parecia ser todo um estrategista incompasivo e frio quando tinha que ser. Sentiu respeito por ele, quase imediatamente, não fosse por aquele vulto pequeno que tinha nos braços, coberto por completo como se fosse uma salsicha.

—Bem... O que é isso? — Ficou nervoso só por vê-lo.

—Disse que Ardan não gosta de crianças...

Um olhar gélido de Ardan serviu para que o punk parasse de falar.

—Se cale, Steven.

—O cabelo de vassoura mentiroso tem nome — sussurrou Bryn distraída, estudando a mobília do escritório. Ardan parecia um super-homem de negócios da Terra nesse lugar cheio de computadores, estantes e arquivos. Era engraçado vê-lo lá.

—Me deixe explicar as coisas com calma, *einherjars* —pediu Gabriel com autoridade.

Ardan duvidou alguns segundo, mas ao olhar atrás e localizar Bryn entre seus pertences, se foram as dúvidas.

Deixou que colocasse o pequeno anônimo num sofá e que todos tentassem ficar o mais cômodos possível.

O Aingeal podia entrar em sua vida e contar o que tivesse vontade. Mas não ajudava gratuitamente. Ia cobrar pela ajuda.

E o faria com juros.





Uma hora depois, Ardan passava as mãos pelo cabelo, assombrado e incrédulo por tudo que ouviu. O surpreendia que Gúnnr fosse filha de Thor e que uma vaniria com dom da bilocação se encarregasse de localizar todos os guerreiros epalhados pelo mundo para que comesçassem a se preparar para o Ragnarök; alucinava que essa garota chamada Daanna o conhecesse no futuro e que graças a isso esse grupo de seres imortais estivesse com ele no ESPIONAGE. Parecia incrível que houvesse uma guerreira de almas, um noaiti que recebesse profecias das loucas das *nornas* e que um par de pequenos gêmeos tivessem algo importante a dizer para encontrar Loki e deter o Ragnarök. Era incrível que houvesse um vanirio que caminhasse sob a luz do sol e o fascinava que outros clãs da Inglaterra e Chicago estivessem já em contato, trabalhando lado a lado; que tivessem resgatado membros sequestrados dos clãs; que destruíssem algumas das sedes principais do Newscientists. Esses sacanas também pululavam pela Escócia, mas não acharam ainda sua sede central. Se não, por que desapareciam tantos berserkers? Por que levaram tantas crianças? Ele tomou sérias medidas para que isso não voltasse a acontecer. Agradava que estivessem fazendo avanços para paliar a fome vanirio que ele, graças a Morgana, não sofria, mas que viu e via em alguns de seus amigos; lamentava as mortes de Reso e Clemo, e de Liba e Sura. Os conheceu no pouco tempo que esteve em Vínghol e lembrava deles com carinho; o preocupava o roubo dos totens e faria o possível para ajudar a recuperá-los; o desconcertava ver as Valkyrias no Midgard com ele.

Gabriel falou de sua chegada à Escócia, que se hospedaram no castelo Seton que era propriedade da companheira do líder dos vanirios de Black Country. Aileen, uma híbrida. Outra mais. E que graças ao dom da psicometría de Róta e que a General usava ainda seu brinco o encontraram aqui. Saber que Bryn usava essa lembrança o adoecia e o fazia se sentir ainda mais traído que se sentia. A bendita General era um assunto para mais tarde, que se encarregaria pessoalmente. Mas, primeiro devia ordenar suas ideias em relação ao que Gabriel contava.

—Então, essa vaniria chamada Daanna. Visitará-me em dois de dezembro?

—Não acredito. Agora não. O futuro mudou porque o presente já não é o mesmo. Mas, se o fizer, se Daanna acabar te visitando nessa data é algo que deve acontecer, e acredito que sua situação já não seria a mesma então. E acredito que a mensagem que Daanna poderia te dar seria diferente — Gabriel penteou o cabelo com os dedos. — Não é fácil compreender.

—Se engana, Aingeal. Entendo perfeitamente —sorriu como um demônio. — Sou um *einherjars*. Tão inteligente como você —piscou um olho para Gúnnr e esta se pôs a rir. — De todas as coisas que me contou, acredito que cheguei a várias conclusões.

—Nos ilumine —disse Miya.

—Para começar: a do cabelo vermelho é imprescindível para seu irmão Seiya — disse a Miya. — Sem ela, não pode alcançar seu objetivo. Do contrário, não encontro razão alguma para que não usassem os totens. Um guerreiro só sustenta a espada que luta e com ela se conquista o mundo, e o outro crava a lança na terra e começa o Ragnarök. É assim fácil, não? É o destino de Seiya e Gungnir.

Miya passou os dedos pelo cabelo de Róta. Não. Não era assim fácil.

E não. Ardan não estava errado.



—Suponho que não é tão simples, e tudo depende de fatores alteráveis e imprevisíveis — disse Gabriel pensando em voz alta —... até agora descobrimos que nada é tão fácil como parece e que os deuses são os maiores estrategistas do mundo. O azar parece não existir nesse jogo, mas falta uma peça em todo o esboço, e preciso averiguar qual é. — O Engel deu a volta para fixar o olhar em Miya e Róta. O samurai escutava atentamente suas palavras e Róta continuava inconsciente. — Não quero ter nenhuma surpresa, mas, com os deuses no meio, tudo é possível. Miya, tem ideia de por que Seiya tem fixação com sua valkyria?

— É sua? —perguntou Ardan de repente.

—Sim —assumiu o samurai com naturalidade.

—Pois, que os deuses te ajudem, amigo. Essa mulher é material inflamável.

—Não acredito em ajuda, highlander. Só nos atos. Respondendo sua pergunta Engel, acredito que Róta é muito atraente. Não há razão mais simples para que Seiya a queira para ele.

Gabriel não se conformou com a explicação, mas aceitou. O samurai se mostrava muito introvertido e esquivo. Miya deveria aprender a confiar nele, e se não o fizesse, Gabriel usaria a força sem nenhum pudor.

—A segunda conclusão a que cheguei —continuou Ardan, — é que precisamos localizar a lança e a espada dos deuses. É a prioridade.

—Entre outras coisas, sim —confirmou o Engel brincando com a pluma negra de escrever sobre a mesa, sem deixar de olhar Miya e Róta, tentando averiguar o que o samurai não dizia.

—E estão convencidos que estão aqui. Que Seiya e Cameron as têm. Eles são os objetivos.

—Sim, assim é —afirmou Gabriel.

— Conhece-os pessoalmente? —perguntou Miya enquanto sustentava Róta em cima dele, profundamente adormecida.

—Nunca vi Seiya, mas ouvimos falar dele. E a quem, sim, temos muito presente é Cameron —respondeu com ódio. — Tenho vontade de cortar o pescoço desse mal nascido.

Bryn ficou olhando o highlander, impressionada pelo ódio que destilava.

—Esse vendido torna difícil que na Escócia haja paz. É um sequestrador que colabora com os jotuns. Um puto lobacho. — Gabriel pegou esse detalhe. Cameron era outro lobacho, como Hummus. E Seiya era um vanirio a ponto de se vampirizar.

—Está ligado ao Newcientist. Todos são o mesmo —explicou Bryn sem o olhar.

—Dá na mesma —a cortou sem reparos.— O quero morto seja como for. Como posso ajudar?

Gabriel levantou do sofá e parou diante de Ardan.

— Sabe onde os encontrar? Não podemos perder tempo.

—Se soubesse, teria me encarregado deles, Aingeal. Cameron aparece quando menos se espera. É como o homem invisível. Mas tentamos ir atrás dele.

—O encontraremos. Os totens dos deuses emitem um sinal eletromagnético muito poderoso. Mas descobriram como cobri-los —explicou Gabriel. — Por exemplo, o Mjöltnir o escondiam numa caixa de cristal com pára-raios. Não sei que tipo de sinal emite Seier e Gungnir, e não temos como achá-las, a não ser que saibamos onde estão seus cuidadores. O vampiro que matamos em Chicago, Khani, nos disse que Seiya tinha um castelo por aqui...



Ardan sorriu.

—Com certeza que sim. Estamos na Escócia. Há centenas de castelos. Mas jogaremos a rede para localizá-lo. Já temos seu gêmeo —olhou para Miya fixamente. — Por que estão tão seguros que continua aqui? Podem ter levado os totens para usá-los em outro lado.

—Continuam aqui porque continuam perseguindo Róta —replicou Bryn com evidente agitação. — Não se deterão até consegui-la.

Ardan levou em conta sua afirmação.

—Pode ser... E, Aingeal, diz que esse tal Hummus que roubou os totens desceu com trolls, purs e etones?

—Sim.

—E que os etones e purs se reproduzem na água doce.

—Sim.

—*Laird*, isso poderia explicar os desaparecimentos em Inverness — disse Steven. — E também a aparição dos peixes mortos.

Ardan assentiu com a cabeça e disse para Gab:

—Faz cinco dias que se denunciaram vários desaparecimentos de humanos perto do rio River Ness. Naquela área há dois clubes muito transitados chamados Johnny FOXES e THE NED. Estamos acostumados a ir ali e fazer vigilância noturna porque há muito sangue fresco e é um lugar ideal para os vampiros caçarem. Várias pessoas sumiram em poucas horas. E, mais, apareceram muitos peixes mortos no rio banhados por uma estranha massa gelatinosa que os cientistas estão analisando. Meu clã redobrou a vigilância, mas, cada vez há mais chupassangues e, o que é pior, cada vez há mais humanos se dobrando às suas necessidades. As coisas não estão sendo fáceis por aqui.

—Não são em nenhum lugar —sentenciou Miya.

O samurai escutava com atenção Ardan, enquanto distraído acariciava as costas de Róta com a ponta dos dedos. Tratava-se do mesmo problema em todo mundo. Onde houvessem vampiros não apenas se achavam humanos mortos, mas escravos de sangue dispostos a entregar sua mortalidade para viver a vida eterna, embora fosse como um ser sem alma, como um nosferatu. E aquilo se devia ao medo que os humanos tinham da morte. Fariam o impossível para viver eternamente.

— De quantos guerreiros dispõe? —Quis saber Miya.

—De mim —disse Steven orgulhoso, batendo no peito.

Bryn estudou o jovem. Era um berserker muito seguro de si mesmo, mas o olhava bem a fundo. Seria um bom partido para as Valkyrias mais jovens. Sentia simpatia por ele.

—Somos suficientes. Um grupo de *einherjars* bastante grande, com Steven, que se encarrega de informar os clãs de berserkers localizados no centro da Escócia, e um grupo de vanirios um tanto peculiares.

Peculiares? Miya não entendeu a descrição. Como peculiares?

—Bem, todos misturados —brincou Gabriel. — Por que está aqui, Ardan? Como pode haver *einherjars* no Midgard sem suas Valkyrias? Não compreendo ...

Ardan endureceu o olhar e fixou os olhos na General. Meteu o dedo na ferida.



— Não explicou, iceberg? Não explicou por que eu e alguns quantos *einherjars* descemos a este puto reino?

Bryn fez ouvidos surdos à sua espetada.

Por seu lado, Miya sabia que algo aconteceu entre esses dois, mas esperaria que um deles se animasse a contar.

—Bom, não me interessam seus problemas de casal — o Engel fez um gesto com a mão como se não importasse nada que estava acontecendo ali. — Onde está seu clã?

—Meu clã está localizado em Eilean Arainn. Ali estão meus *einherjars*, eles se encarregam de proteger a fortaleza. Meu lar está lá —respondeu o moreno.

—A Ilha de Arran —traduziu Bryn sem o olhar. — Fica nas Highlands, no North Ayrshire.

Ardan ficou ligeiramente tenso.

— É o Google Maps, valkyria? —perguntou olhando-a de lado. Bryn piscou uma vez e encolheu os ombros.

— E você? O que faz aqui, guerreiro? Está um pouco longe de seu... castelo —os olhos azuis da General brilharam desafiantes.

Outro som de vara e outro gemido cortaram o silêncio frio que se interpôs entre ambos.

Ardan piscou como se não escutasse a pergunta e encolheu os ombros imitando o movimento desafiante de Bryn.

— De verdade quer saber? —se aproximou dela como se estivessem sozinhos, monopolizando seu ar, como se ele fosse o dono do mundo.

—Basta —Gabriel deteve o início de uma provável discussão. — Isto é o que vamos fazer. Ao entardecer iremos para Inverness e daremos uma olhada no rio. Quero que entre em contato com seu clã e que os que puderem venham nos dar uma mão. Preciso de um estudo geral dos lagos e seu equilíbrio. Se estão alterados, certamente os lagos da Escócia estejam infestados de etones e purs. E essa é uma notícia muito má. Os vampiros estarão reforçando seu novo exército e encontraremos dificuldades. O pior é saber que os totens continuam aqui, e não ter nenhuma ideia de onde possam estar. Podemos continuar matando lobachos e vampiros e os que mais chegaram, mas têm em seu poder duas armas que pode enviar tudo a merda. Não estamos numa posição vantajosa...

—Mas estão incompletas —assegurou Ardan. — Não podem usar essas armas ainda. E quando Róta despertar perguntaremos se sabe a razão.

—Róta sofreu muito — a defendeu Gúnnr. — Não vai pressioná-la, e além disso agora está —a olhou contrita e mordeu o lábio inferior—... desconectada.

Ardan a olhou com ternura.

—Não mudou nada, Gunny. Continua sendo de açúcar.

—Não pensará o mesmo quando te jogar seu martelo —assegurou Gabriel com um sorriso.

—Róta está sob meu comando —Bryn também tinha algo a dizer em tudo isso. — Ninguém a vai obrigar a nada, exceto minha mão.

—Aqui ninguém vai fazer nada com minha valkyria. Eu me encarrego de Róta. Ninguém mais —Miya levantou com ela nos braços deixando a situação clara e cortante. Ameaçador,



sombrio e letal. Nunca se sentiu tão protetor com alguém. E o fazia com uma mulher que podia se converter em seu fim. Louco. Isso era louco.

Para os dois *einherjars* pareceu uma reação muito natural, porque se tratava da reação de um homem que cuida de sua mulher. Apenas isso. O Engel acrescentou:

—Então, terá que nos ajudar a averiguar o que Seiya quer de Róta. Ainda temos tempo. Não usaram os objetos e se a chave estiver na valkyria não podemos esperar mais. Enquanto isso, partiremos para River Ness.

—Parece-me correto —confirmou Miya mais relaxado.

Bryn girou para ver se Johnson despertou. Caminhou para o sofá e o tomou entre seus braços.

Ardan não perdia detalhe do que fazia a General. Seus olhos caramelos a olhavam de cima a baixo como se quisesse engoli-la inteira.

—Ardan —Bryn se ergueu com o pequeno vulto apertado contra ela. — Precisamos que ajude a...

—Não aceito suas ordens, valkyria —sua voz era dura e seca como gelo. Como uma bofetada inesperada.

Bryn apertou os dentes, mas fingiu que não a incomodava seu despeito.

— Só obedeço meu general. O *Aingeal*. Sou um *einherjars*, lembra?

A valkyria elevou as duas sobrancelhas loiras, surpresa por aquela necessidade de reafirmação do guerreiro.

O líder dos *einherjars* ficou olhando o pacote envolto que a General mimava e disse:

—Resgatamos este menino do avião de reféns de Seiya. Caleb McKenna, o líder da Black Country, insistiu que devíamos trazê-lo conosco. O pequeno viu uma imagem da ESPIONAGE no monitor do computador, e falou pela primeira vez, dizendo que seu padrinho Led estava aqui. Conhece alguém que se chame assim? É um pequeno um tanto estranho. É um vanirio...

Ardan abriu a boca e ficou petrificado ao escutar essas palavras.

Se a surpresa e o desespero personificassem em alguém, seria no rosto e pose do highlander.

— Como disseram? —repetiu com voz rouca. Bryn se emocionou ao vê-lo tão nervoso. E quando se dirigiu à ela, seu primeiro instinto foi se afastar. Ardan podia intimidar muito: monopolizava todo o espaço e o oxigênio.

As mãos cheias de pequenas cicatrizes desse homem tocaram trêmulas o tecido que cobria o corpo do pequeno.

— O que vai fazer? —Bryn fez o mesmo movimento que fez Miya para proteger Róta do olhar instigador de Steven. Cobriu Johnson com seu corpo.

—Me deixe ver seu rosto —ordenou meio latindo.

—Não lhe fará mal, verdade? —perguntou ela receosa.

O olhar que o highlander devolveu a deixou intumescida. A odiava por ter dito isso. Bryn girou de novo para expor Johnson.

Ardan procedeu com rapidez para descobrir o rosto do pirralho.



Primeiro apareceu o cabelo raspado do pequeno que já estava crescendo, escuro e liso; logo sobrancelhas da mesma cor, finas e bem delineadas: uma boca de lábios muito grossos e gesto mandão: e enormes olhos fechados. No queixo tinha uma pequena covinha.

Ardan caiu de joelhos diante de Bryn e do pequeno. O guerreiro ficou paralisado pela visão. Observou o minúsculo peito do menino e relaxou quando viu que subia e descia.

— *That e tarrain anail.*²³

A General engoliu e perguntou:

— Está vivo, Ardan — tentou o serenar e os dedos formigavam pela necessidade de o consolar. O que acontecia? — O conhece?

— Porra, claro que sim — um gemido saiu de sua garganta. Era um lamento dilacerador que o afogava. Tirou Johnson dos braços de uma surpreendida Bryn e o embalou contra seu peito. — Merda que sim! — Rugiu cheio de fúria. — O levaram faz dois anos.

— Como? — perguntaram todos de uma vez.

Aquele menino era de Ardan? Bryn engoliu e levantou assombrada pela revelação.

— É seu? — perguntou ferida, sentindo-se estupidamente traída.

Ardan nem se incomodou em olhar a dor que refletiam os olhos azuis claros de Bryn.

— É meu afilhado Johnson. O filho dos meus melhores amigos John e Scarlett. E sim — levantou o queixo e a transpassou com seus olhos castanhos. — É meu.

— O pequeno vanirio é seu? — repetiu Gabriel rindo do destino. Malditas *nornas*.

Ardan cheirou o cabelo moreno de Johnson e o acariciou com a bochecha.

— Johnson não é um vanirio. Johnson é um híbrido, como Aileen.

CAPÍTULO DOZE

— Como disse? — Gabriel se aproximou de Johnson e levantou o lábio superior, para verificar o que ouviu antes.

— É o filho de uma berserker chamada Scarlett e de um vanirio chamado John.

— Johnson é o filho de John — murmurou Bryn revirando os olhos. — Os escoceses são muito originais com seus nomes.

— Ambos estão mortos — grunhiu Ardan olhando-a com reprovação. — Morreram faz quatro anos numa briga com os lobachos.

— Cameron teve algo a ver? — perguntou Gabriel adivinhando a resposta.

Ardan apertou a mandíbula e assentiu com pesar.

— Fiquei com Johnson e cuidei dele, até que há dois anos; o levaram de Eilean Arainn enquanto fazíamos vigilância em Edimburgo.

— Mas ele te chama Led... — sussurrou Bryn consternada pela adoração que escutava na voz de Ardan.

²³ Esta respirando em gaélico.



—É porque tem um problema de dicção. Não sabe pronunciar a r e o d juntos... Não sabe dizer Laired. Sempre me chamou de Led quando era menor. Por Morgana, pequeno. —Ardan murmurou sobre a cabecinha. — Não pesa nada... O que te fizeram?

Bryn suspeitava que agora não só tinha um problema de dicção. Um pequeno de três anos e com características híbridas nas mãos do Newscientists podia perder a capacidade para se comunicar. Quando falou em Seton Castle, parecia como estivesse há anos sem usar as cordas vocais.

Sentiu angústia ao pensar.

—Mas este menino tem presas. Eu conheço apenas uma híbrida: Aileen —explicou Gabriel paciente, — e não mostrou sua verdadeira natureza até que há alguns meses completou os vinte e dois anos, idade que a natureza berserker implode e as mudanças se acentuam no sangue e no físico. Mas Johnson já tem presas desenvolvidas. E só tem cinco anos e... porra, tenho que chamar Black Country e avisar Ás e Caleb.

Ardan não o escutava. Fez um gesto para Steven com a cabeça:

—Avisar o clã —sussurrou, oferecendo o pequeno.

O jovem berserker estava pálido e trêmulo e tinha os olhos úmidos pela emoção.

—Não consegui o cheirar, laird —disse aborrecido consigo mesmo. — Lamento. Se soubesse que traziam Johnson com eles...

—É por causa dos desodorizantes que usam no Newscientists —explicou Gabriel os olhando com atenção.

—Está bem, Steven. Se encarregue dele —o tranquilizou Ardan. — Agora precisa ficar conosco.

—Ardan — a voz de Bryn soou como uma reclamação. — Não podem o levar. Johnson tem um chip, um localizador no sangue — Steven parou em seco. — Têm que tirá-lo antes de levá-lo daqui. Lancei uma pequena descarga e o chip se desconectou. Mas temo que possam conectá-lo de novo à distância. Demorariam um tempo para fazê-lo, mas não seria impossível. Só sofreram uma subida de tensão.

O highlander lhe deu um olhar furioso. Parou diante dela, com as pernas separadas e os punhos fechados de cada lado de seus quadris.

—Repita isso de dar uma de suas descargas em meu afilhado?! —seu voz trovejou, mas a valkyria não cedeu diante dele nem um milímetro.

—O fiz porque estavam nos seguindo —respondeu com tranquilidade. — Resgatamos seu afilhado de um helicóptero de reféns, Ardan. Certamente todos têm esse chip. Poderiam nos seguir até aqui se não o desligasse. Fiz o mesmo com minha valkyria.

— E isso tem que me consolar?!

—Não grite.

—General, suas descargas não são como as das demais. As suas sempre tiveram mais voltagem. É um menino, maldita seja! — Caiu sobre ela. — Devo o proteger! Sofreu muito para que agora o frite com seus raios!

Miya e Gabriel olharam um ao outro, pensando se deviam intervir ou não.



—Johnson está bem. Só está dormido —explicou ela com uma paciência que não tinha. — Não tem sentido que fique assim, não quando acabamos de te entregar seu afilhado desaparecido.

— Que se foda, Bryn! —gritou a um palmo de sua cara.

Bryn entendia Ardan. Eram muitos reencontros num só dia. Ela retornou à sua vida. Mas o reencontro que mais o afetou era do pequeno, o que entregou inconsciente porque ela, que era a última mulher no Midgard a quem gostaria de tornar a ver, o fulminou com um raio. Ardan estava tomado pela situação, emocionado e raivoso. E odiava a pose cheia de segurança e altivez da valkyria.

— Ei! —Gúnnr gritou para ambos. — Que tal se relaxarmos um pouco os ânimos?

—Em vez de discutir, deveríamos encontrar o chip e extraí-lo, pois podem o conectar a qualquer momento. Miya era a voz da razão nessa sala. — E depois veremos como proceder. Não penso em continuar com um localizador inserido no corpo de Róta, o qual poderiam conectar a qualquer momento.

Não o faria porque seria fodidamente perigoso.

— Não! Tenho uma ideia. Vamos extrair esses chip —sentenciou Ardan com voz perigosa. — Mas esta fica comigo a partir de agora — disse olhando para a General.

— O que disse? —repetiu ela com a voz quebradiça e indignada.

—Isso não é negociável —esclareceu Gabriel. — Você está às minhas ordens, Ardan, e não pode desobedecer. Preciso de Bryn e preciso que me ajude.

Ardan sorriu e a cicatriz do lábio se estirou malignamente.

—Pode me mandar ao Valhala de novo, mas não poderá submeter meu clã. Eles não o ajudarão se eu ordenar —disse com segurança. Seus olhos caramelo brilharam com soberba. — Me olhe *Aingeal* —abriu os braços. — Estou inteiro de volta. Não importa o que faça. E me acredite que precisa de meus homens. Porra... —grunhiu irritado passando uma mão pela trança direita, se aproximando de Gabriel. A diferença de estatura entre os dois era muito pronunciada. O moreno Ardan passava uma cabeça de Gaby, mas o líder era loiro. — Me dê Bryn e te ajudarei —sussurrou o highlander em voz baixa.

Gabriel olhou Ardan e depois Bryn. Franziu o cenho. Era isso? Uma tática de Ardan para ficar com ela? Tratava-se disso?

—Bryn pode decidir sozinha —disse a aludida, indignada. — Quer algo de mim, highlander? —sorriu vaidosa. —Me peça.

Ali estava o desafio.

Gúnnr se alegrou ao ver de novo essa faceta digna e coquete de sua *nonne*. Tinha as bochechas rosadas e seus olhos estavam iluminados pelo interesse, mas Ardan parecia do tipo “Não me desafie”, e Gúnnr não estava segura que a General estivesse preparada para ele. Bryn comia os homens com seu caráter e o respeito que infundia, mas Ardan a comeria com seu arrojo e determinação. E havia algo muito dominante nele. Gúnnr queria que ambos se reconcilassem e consertassem o que fosse que aconteceu entre eles, mas não a qualquer preço. O orgulho de Bryn estava em jogo e era algo muito importante para ela e, sobretudo, para as Valkyrias.



—Melhor não, Gaby —disse a doce valkyria pondo uma mão no seu braço. — Não é boa ideia que...

—Silêncio, Gunny — ordenou Bryn. Engoliu e olhou de frente para Ardan. — Como sabe, o Engel não manda em mim, mas em você —o recordou sem hesitações. — Representamos duas tropas diferentes dentro do reino do Asgard e tomo minhas próprias decisões. Apenas Odín e Freyja regem sobre mim. É assim fácil. Eu digo. Não ele. Não esqueça.

Ardan a olhou como se não importasse. Mas, maldita fosse, a loira militar tinha razão.

—Não vou me afastar da missão — esclareceu Bryn levantando o queixo e o desafiando — só porque você quer.

Ele sorriu. Já a tinha.

—Não quero que se afaste da missão, iceberg. O que quero é que pague suas ofensas. Não se fere nem golpeia a família de um *laird*. É a lei dos highlander. Ninguém me ofende impunemente, lembra?

A sala ficou tão pequena que parecia que estavam apenas os dois.

Ela abriu a boca indignada. Ardan também tinha razão, maldito fosse.

— É sua maldita lei! Fiz para salvar a vida de todos! O pequeno respira, só está aturdido — se defendeu com o raciocínio mais lógico.

—Não importa. Fez mal à minha família? Pague. É a lei das Terras Altas. As Highlands!

— Faz séculos! Não evolui? —Contra-atacou ela.

—Sou imortal, para mim o tempo não passa —girou o pescoço para um lado até que fez croc. — É covarde para assumir suas responsabilidades e seus erros? Sempre antepõe o dever acima de tudo, Bryn. Fez lá em cima, no Valhala. Faça também aqui embaixo. É obrigação. Ou vai insultar Freyja com seu comportamento pouco responsável? Ela é a primeira que usa o olho por olho.

As orelhas de Bryn tremeram pela ofensa que as palavras de Ardan supunham para ela, e entretanto, não havia nada nelas que pudesse rebater porque eram certas. Mas sempre foi muito observadora.

Ardan não queria que pagasse por ter eletrocutado Johnson. Ardan queria que pagasse pelo que se fizeram no passado.

—A mão direita de Freyja está cagada de medo? —Sua voz penetrou sob a honra e a dignidade da mulher militar que havia nela, a que nunca fugia de uma provocação. Sabia como curvá-la. Bryn não mudou nada.

As pestanas de Bryn revoaram como se fossem mariposas e se aprumou com a elegância e graça que a caracterizava.

—Cuidado, *einherjars* —disse com os dentes apertados. — Não me insulte.

—É covarde e irresponsável.

Os olhos azuis de Bryn mudaram para o vermelho indignado. Sorriu como uma loba elevando impertinentemente um dos cantos de seus rosados lábios.

—Está bem, Ardan. Pagarei. Saldaremos nossas contas para sempre —assegurou em voz baixa.

—Prometa.



Para Bryn uma promessa significava muitíssimo e não as dava gratuitamente. Mas, se Ardan a incomodasse muito, sempre poderia quebrá-la se fizesse algo que atentava contra sua honra ou sua dignidade. Além disso, o que podia fazer? Freyja estaria de seu lado, era sua General. Ardan não podia brincar com fogo, por muito que estivessem emparelhados no Valhala. Isso era passado e estavam no presente. Havia coisas muito mais importantes a solucionar. Assim, para dourar a pílula, respondeu:

—*Jer gir dere mitt ord.*²⁴

—Boa garota —grunhiu ele quase como se fosse uma carícia. A olhou de cima abaixo lambendo o lábio inferior. Girou para encarar o Engel. — Vou levá-la até acabarmos a missão.

—Não sou uma boneca, ilhéu —replicou ela.

—A partir de agora, Bryn e eu somos indivisíveis —continuou ele a ignorando. — Me ofendeu. Ofendeu meu clã, e posso ser um *einherjars*, mas raízes são raízes. Acima de tudo, sou highlander. Não posso tolerar sua ofensa. Ficará comigo até que eu diga. Quando pagar pelo que fez ao Johnson. Então poderá voltar com você.

Gabriel revirou os olhos. Aquilo era surreal. Entendeu o que não podia permitir Ardan era o quão duro estava por trás das calças. Era um *einherjars*, como ele. E não era tolo. Ardan tinha diante dele sua valkyria. A quem pretendia enganar? Gabriel teve vontade de rolar de rir.

Se a história fosse certa, tal e como contou Gúnnr, Ardan e Bryn tinham um *kompromiss*, mas um dos dois ou os dois tinham asas azuis. Quem fez mal a quem? Quem quebrou o compromisso? Por que? Gúnnr não quis explicar nada a respeito por respeito à intimidade de Bryn, e porque, ao que parece, falar das asas de outra Valkyrias a incomodava um pouco. Era algo muito íntimo...

Porra, sua doce Gúnnr era tão adorável.

—Tiremos os chips de Johnson e Róta —ordenou o Engel. — Já tem Bryn, não? —olhou para Ardan, que assentiu com um movimento de queixo. — Me ajudará, então?

—É óbvio —respondeu o orgulhoso líder highlander, sorrindo com ironia e se sabendo ganhador de um prêmio que esperou não receber jamais. A General era dele. Retornou. E que o pendurassem pelas bolas, mas... tinha vontade de brincar com ela. — Sou um *einherjars* e devo ao meu líder. Nunca me atreveria a contradizer —a afirmação era cômica depois do que aconteceu nessa sala. — Podem levar Johnson e Róta à sala contigua. Há um par de macas e um detector de chips RFID. O chip subcutâneo que carregam deve parecer do mesmo material.

— Como sabe?

—Porque é o que usamos em nossos clientes.



²⁴ *Jer gir dere mitt ord*: significa “Te dou minha palavra” em norueguês.



Bryn o olhou com curiosidade e Gabriel arqueou as sobrancelhas com surpresa quando entrou no salão contíguo.

—No meu clube temos rastreamento dos clientes que nos visitam —explicou enquanto entravam numa sala branca com duas macas cobertas com um lençol verde e várias estantes com monitores. — Somos muito restritos com a saúde e com a identificação das pessoas. O chip faz um estudo de tudo que precisamos saber e tem também um localizador GPS. Aqui colocamos os chips.

— Tá brincando? —Miya olhou para Róta. — Podemos extrair aqui? — Deixou a valkyria em cima da maca. Steven fez o mesmo com Johnson.

— Para que porra quer saber tudo isso? —Perguntou Gabriel. — Que tipo de clube é este?

—Porque é meu modo de controlar os servos de sangue. Os clientes, homens e mulheres que vêm aqui, muitos deles foram mordidos e usados por seus amos vampiros. Os servos de sangue não aguentam o abastecimento e precisam do tipo de jogo duro que lhes dão os nosferatus. São... submissos sexuais. Como se fossem emos. Precisam sangrar ou que os açoitem para sentir prazer. Precisam que façam todas essas coisas. É como uma droga para eles. E um clube de Doms e BDSM é o melhor lugar para dar rédea solta à sua ansiedade.

Bryn o olhava aturdida. E também assustada. Um clube de BDSM?

—Estimula seu sangue e sobe a adrenalina, e aqui ninguém pergunta pelas marcas que os vampiros fizeram em seus corpos. — Ardan encolheu os ombros e abriu um armário embutido na parede. Tirou uma espécie de leitor com uma tela vermelha que emitia raios infravermelhos. — Além disso, a adrenalina que desprendem faz que fiquem mais saborosos para seus vampiros.

— Jogo duro? —Miya observou Ardan. — Fala de surras?

—Sim, *hardcore*. Surras sexuais. E só se o submisso precisar, se pedir. Este é um clube subterrâneo para Amos dominantes, japoneses. É secreto. O ESPIONAGE é conhecido como “O mercado da carne”, primeiro pela quantidade de gente que tenta entrar em seus pisos públicos superiores e segundo porque só se conhece o ambiente BDSM pela quantidade de carne que se trabalha abaixo. Entendem? Corpos de submissos que só procuram a dor e prazer de um bom castigo — este último disse olhando para a General de lado, com diversão e desejo. — Vêm aqui com suas marcas de dentadas sob as axilas ou nas virilhas, é fácil detectar. Se sentem cômodos entre estas paredes, não fazemos perguntas — encolheu os ombros. — Estando com os escravos de sangue submissos e implantando o chip, estudamos todos os seus movimentos e vemos onde estão, por onde se movem e a quem obedecem ou deixam de obedecer.

— Não sabem quem são? Não se dão conta do que são? —Bryn esfregou os braços. Tinha a pele arrepiada.

—Não podem saber. Os escravos de sangue não têm olfato desenvolvido nem tampouco a intuição dos vampiros. Não nos sentem como deveriam. Através do BDSM é o único modo de averiguar como procedem e onde estão os quartéis. Quando coincidem dois ou mais escravos de sangue num mesmo lugar, sabemos que ali há uma zona quente de vampiros.

—Arriscam-se muito — valorou Gabriel enquanto Ardan passava o leitor de chip pelo corpinho de Johnson. O leitor começou a emitir um assobio repetitivo quando passou pela parte traseira do joelho do pequeno.



—Temos tudo sob controle, *Aingeal*. O colocaram aqui —Ardan pressionou um botão da pistola leitora e esta fez uma exploração do lugar exato no qual se encontrava o chip. Uma vez localizado, pegou um pequeno bisturi e fez uma diminuta incisão horizontal na carne de Johnson. Com pinças penetrou o metal em sua carne e extraiu o pequeno chip prateado de um milímetro de largura e de comprimento. Deixou-o numa bacia metálica com água, limpou o corte de Johnson e limpou as mãos numa toalhinha branca. — O limparei e o recortaremos. O chip tem que emitir sinal e informação para algum computador. Pode ser que quando averiguarmos saibamos onde se encontram exatamente Cameron, Seiya e todos os outros...

Gabriel sorriu. Ardan pensava rápido e bem. Era muito eficiente.

—Vamos examinar Róta —o highlander se colocou na frente do corpo adormecido de valkyria. Seu cabelo vermelho caía pelas laterais da maca e sua boca voluptuosa estava semi aberta. Seus dentes brancos apareciam esperando que alguém penetrasse o dedo aí. — Continua tão linda como sempre.

Bryn ficou tensa e cruzou os braços, abraçando-se a si mesma. Miya, em movimento, o empurrou com o ombro e tirou o leitor.

—Mostre outra sala onde colocar Róta. Se não se importar, eu me ocupo dela — o samurai deu um olhar prateado desafiador e ameaçador. — Preciso que todos saiam. Deixem-me sozinho.

Ardan levantou as mãos de acordo e teve a decência de se afastar do vanirio. Levou-o a outra salinha escura e com uma cama acolchoada vermelha no centro.

—Esta sala é para voyeurs —assinalou as janelas opacas na parede frontal e laterais. — Agora não há ninguém nas salas contíguas, mas podem entrar a qualquer momento. Pense que estamos abertos todo o dia.

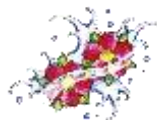
Miya só precisava de cinco minutos. Gabriel apareceu à porta e disse:

—Esperamos lá fora. Aja rápido.

Miya assentiu e não começou com a exploração de Róta até que saíram todos. Necessitava, precisava de privacidade. Não ia despir nenhuma parte do corpo da valkyria diante de um Amo que exsudava sexo por todos os seus poros. Porque Ardan era um Amo. Podia captar em sua essência e na presença dominante que irradiava.

Esse *einherjars* era perigoso e sombrio.

Mas Róta também era. Agarrou o bisturi com dedos seguros. E ele não ficava atrás. Estava se descobrindo como alguém ciumento e possessivo.



Gúnnr e Bryn falavam uma de frente para a outra no corredor enquanto esperavam que Miya tirasse o chip de Róta. E por seu lado, Ardan e Gabriel discutiam sem afastar o olhar da General.

—Ardan é ameaçador, verdade? —perguntou Gúnnr olhando-a com interesse.

—*Humph*.

A valkyria de cabelo chocolate sorriu e entrecerrou os olhos.



— Por que tenho a sensação que não te dá medo? Que não a surpreendeu nada do que disse?

Bryn apoiou o ombro na parede e olhou a ponta de suas botas.

— Não te assusta estar à sua mercê? —Gúnnr sofria mais por Bryn que o fazia ela mesma.

— Bryn, por que cedeu? Sabe perfeitamente que o que Ardan disse era tolice.

—Se negaria a nos ajudar —replicou ela a olhando fugazmente.

—Sabe tão bem como eu que não faria isso. Tem honra.

—Faria, Gúnnr. É inflexível e autoritário quando está zangado. E Ardan está...

—Ui, sim. Está muito irritado, isso é óbvio. Com você —penteou a franja com os dedos e seus olhos azuis escuros descobriram o que agitava sua irmã. — Dá no mesmo, verdade? Pôs-se nas mãos de Ardan por que é o que deseja. É um jogo para você? Quer provar algo?

—Não diga tolices — Bryn recostou a cabeça na parede e olhou o teto. — Concordei porque pôs em dúvida minha responsabilidade e compromisso com Freyja. E porque não estou para tolices, Gúnnr. Preciso recuperar os totens. Que fique em dúvida minha honra é... Não suporto — deixou cair a cabeça de um lado e fixou seus olhos turquesa em Gunny. — Não aguento que ponha em dúvida tão levemente.

—Mentirosa — soltou uma risadinha e olhou por cima do ombro para Ardan. Bryn não agia assim por sua honra. — Esse homem passaria por cima de mim como um trator. Não poderia controlá-lo e chegaria a me intimidar muitíssimo.

—Ninguém pode passar por cima de você —respondeu Bryn horrorizada. — É filha de Thor e tem muitíssimo poder.

—Não nesse sentido, em outro — levantou uma sobrancelha e esperou que Bryn entendesse o sentido metafórico de suas palavras. — Um corpo a corpo, sabe? —Gúnnr sorriu quando Bryn ruborizou. — Ora, ora... Agora está tímida?

—Você é a especialista, doce —respondeu Bryn continuando a brincadeira. Neste passo, era a única virgem das Valkyrias que desceram à terra.

—Ele parece exigente. Era antes? Melhor não me dizer. Enfim, que o que digo é que... você é feita de outra massa. É mais forte. Pode com ele. Tem a mesma energia, mas feminina.

Quando Bryn ia replicar e dizer que não sabia do que estava falando — embora soubesse bem — Ardan passou ao seu lado como um vendaval, agarrou Bryn pelo pulso e a puxou.

—Venha —disse em voz baixa, a arrastando ao escritório — quero deixar claras as bases de sua... dívida comigo.

Ardan empurrou Bryn ao interior de uma sala iluminada com luz vermelha e paredes negras e cinzas. O chão era de cerâmica escura. Fechou a porta atrás dele e se apoiou nela para observar atentamente a valkyria. Bryn olhava tudo com curiosidade e incerteza. Não estava nada relaxada e ele gostou, porque significava que não era indiferente a ele.

A valkyria fixou os olhos nos colares de couro e prata e nas algemas que penduravam da parede. Havia muitas cordas presas ao teto e um expositor de varas e chicotes de várias caudas. A jovem estremeceu, mas se esmerou em dissimular. Para um caçador como Ardem era fácil adverti-lo.

A sala cheirava a metal e madeira e, com menos intensidade, a algo com especiarias.



Bryn passou a ponta do dedo por um cavalo de metal e couro negro que estava no centro da sala.

Plas. Escutou outro gemido de mulher e logo um soluço de homem. Nessa sala havia música. *I hate everything about you* do Three Days Grace. Uma canção muito propícia para um salão de BDSM.

— É uma humana que está na sala contigo? Pedem música enquanto as açoitam? —Bryn deu a volta, cruzou os braços e o encarou, se apoiando no potro e o olhando fixamente.

—Silêncio.

A valkyria pôs-se a rir e o olhou como se estivesse louco.

— Acha que vou seguir seu jogo? Não seja estúpido. Acha que isto me impressiona? O que vai fazer? Deixar meu traseiro como um tomate? Vai me algemar? Continuo sendo a General. Não se atreveria...

Ardan continuava a estudando da porta. Maldita fosse essa mulher.

Passou tanto tempo sem vê-la, sem saber dela... E mesmo assim, a líder das Valkyrias continuava o enchendo de desejo. Como fez no Valhala.

—Olá, Bryn —disse com voz calma e um pingo de arrogância. — Não mudou nada.

—Olá Ar...

—Silêncio —repetiu se afastando da porta e caminhando com passo seguro para ela.

Bryn engoliu e apoiou as mãos no potro, até cravar as unhas. Ardan sempre a deixou muito nervosa, a fazia se sentir muito pequena e também... adorada. Era pelo modo que tinha de olhá-la, com esses olhos marrons tão incríveis tatuados como se tivessem uma linha de Kohl permanente; como se gritassem ao mundo que ela era a mais valiosa que viu.

—Não pode me fazer calar —levantou o queixo e soube que era um grande engano o desafiar ao ver que Ardan apertava a mandíbula.

O highlander agarrou uma mecha de cabelo loiro e puxou até puxar o pescoço atrás. Bryn tinha uma pele cremosa e preciosa para ele, seu pescoço era fodidamente elegante e tinha vontade de fazer tudo que não pode fazer no Asgard.

—Solte meu cabelo — ordenou enquanto seus olhos se tornavam vermelhos. — Não sou uma dessas mulheres que desejam que as...

Ardan gemeu e apertou o nariz em sua bochecha enquanto a sustentava com mais força. Pôs uma mão na sua boca.

Bryn entrecerrou os olhos e ele segurou a risada como pôde. Estava seguro que aquela mulher queria fundi-lo com raios.

—Psiu, iceberg. Vai se calar.

Ela negou com a cabeça, tentou se mover, mas Ardan a tinha bem presa. As palmas de suas mãos se iluminaram, mas o guerreiro notou rapidamente.

—Antes que faça algo indevido, me deixe dizer por que vai se calar: conheço o pacto que tem com Freyja — Bryn lutava para se liberar, mas assim que escutou essas últimas palavras parou em seco. — Ah, agora me escuta? — Os olhos marrons de Ardan a abrasaram por completo. — Sempre soube, Bryn. Sei que se der sua palavra em vão posso tirar seus poderes com apenas duas palavras — os olhos da garota se encheram de temor e ficaram azuis. — Freyja me disse quais são.



“Freyja disse a Ardan? Por que?”

—No Valhala quando foi minha Valkyria, me deu esse poder por ser seu *einherjars*, mas quando retornei ao Midgard, continuei sabendo essas palavras. Continuo tendo esse poder. Rompa sua palavra agora, Bryn e arrancarei seus poderes pela raiz. Os arrebatarei e tirarei essa sua suficiência e presunções que se dá — tirou a mão da boca e acrescentou: — Agora pode falar.

Ela puxou ar. Não podia ser. Aquilo não podia estar acontecendo.

Freyja não podia fazer isso.

—O que quer de mim, Ardan?

—Vamos pensar... O que quero de você, Bryn? —Ardan soltou seu cabelo e o acariciou com os dedos. — O que parece sua obediência?

— Para que?

—Para tudo que desejar —lançou um olhar descarado ao seu decote.

— Por que? Continua ofendido pelo que fiz? — Disse irritada. — Quer me fazer pagar por isso? Claro que sim —sorriu com desdém. — Seu ego não pôde suportar, verdade? O grande Ardan das Highlands, banido.

—Uma palavra mais, e tiro tudo.

Ela enrijeceu e apertou os dentes.

—Isto é muito injusto e sabe. O fato que conheça essas palavras não te dá direito de usá-las como tem vontade. Não pode me arrebatrar o poder, Ardan. Precisam de mim!

—Vai me encantar te ensinar obediência, iceberg.

— Ardan, me escute! —Se moveu contra ele como uma cobra, tentando recusar o contato físico. — Por certo que nem sequer as sabe. Está me enganando!

—*Bruk...*—Ardan começou a dizer as palavras em norueguês e Bryn empalideceu. — Não minto, nem digo as coisas em vão.

A General ficou tremendo e apertou os olhos com força. Seu temperamento de valkyria queria estalar e fazer voar o maldito local em pedaços. O *einherjars* conhecia essa debilidade dela. Com duas palavras toda a fúria e poder desapareceriam de sua pessoa.

Não, isso não podia ser tirado. Já perdeu muito por querer manter seus dons.

Ardan a analisava atentamente. A valkyria tentava compreender por que ele sabia seu segredo. Sentia-se traída por Freyja, e com total segurança, odiaria que ele pudesse a despojar de seus orgulhosos poderes. Bryn sentia-se traída. Podia escutar como engolia o orgulho, e o fazia com muita dificuldade.

—Bem. Compreendeu agora? Não sei por que as *nornas* a trouxeram aqui, Bryn. Mas seja pelo motivo que for, agradeço, porque tinha muita vontade de arrancar o espinho que me cravou. Freyja e Odín têm que estar caindo na risada.

Bryn elevou o olhar de novo. Suas pestanas loiras bateram em desafio, e seus lábios desenharam uma fina linha de desacordo. Não pareceu nenhum espinho. Pareceu a si mesmo.

—Bem. Agora me diga que entendeu a situação.

Bryn não podia ficar em suas mãos. Devia recuperar o controle, mas Ardan a tinha bem presa. Ele não podia se atrever a fazer isso. Ou estava tão ressentido com ela para fazê-lo?

—Diga-me isso — a ordem soou brusca e autoritária.



—Sim — disse baixo. — Sim, Ardan. Entendi.

Os traços masculinos e marcados do highlander suavizaram e recompensou essa afirmação com uma carícia do dedo polegar na bochecha de Bryn.

—Vai ficar comigo e vai fazer tudo que eu disser. De acordo?

—Sim... —“Acabarei com todos os deuses”.

O highlander a rodeou com seu corpo e apoiou a outra mão em sua bochecha. Elevou seu rosto e repassou as feições femininas daquela mulher formosa que era só para ele. Bryn era uma delícia.

—Fique muito quieta, agora —murmurou.

— Tudo será uma ordem, Ardan?

—É óbvio. O que acha?

—Péssimo.

—Alegra-me ouvir isso, valkyria — deslizou as palmas das mãos pela garganta e pelos ombros. — Faz tanto tempo... Há algo que tenha a me dizer? Algo que deva me importar? Algo que tenha e me pertença?

Bryn ficou fria com essas palavras. Referia-se à sua virgindade? Ardan a queria tirar? Ele ainda não podia saber que as Valkyrias e os *einherjars* que chegassem à terra poderiam se entregar um ao outro. Isso não era bom para nenhum dos dois. Sobretudo para ela, que era a que podia sair mais prejudicada. E, não obstante, se entregar a Ardan foi seu sonho desde que se encomendou a ela. Seu desejo e vontade mais profunda.

Só Róta sabia o muito que ansiou para ficar com o highlander e o rancor por Freyja por não permitir que nenhuma de suas Valkyrias consumasse a união.

Mas acatou como acatou e aceitou cada ordem que saiu dos lábios da deusa. Por esse motivo, a deusa Vanir confiava tanto nela.

—Não sei a que se refere.

—Eu sei —Ardan deslizou uma mão por suas costelas até a quadril e a enfiou por baixo da camiseta.

—Espere, o que...?!

—Silêncio, Bryn.

— Ardan?! Mas o que...?! — Agarrou seu grosso pulso e tentou retirar sua mão que deslizava por seu estômago, a caminho do norte.

— Não! Para!

—Psiu... —se inclinou para sua orelha bicuda e disse ao ouvido: — *Brük*...!

Bryn paralisou e o olhou horrorizada. Assim ia usar sua vantagem sobre ela para fazer o que tivesse vontade? Como aconteceu tudo isso? Quando deixou de ser proprietária de si mesma?

—É cruel —espetou, cheia de ira.

— Eu? Só quero o que é meu. Dê-me isso

— E acha que meu corpo te pertence? Quer que eu desça a calcinha, Ardan? Isso te excita? Pois não vou deixar isso fácil.



Ardan levantou a cabeça e a olhou com frieza. Agarrou seu queixo com uma mão a imobilizando. Com a outra pescou por baixo da camiseta e penetrou por baixo do sutiã até cobrir um seio.

Ela afogou uma exclamação. E agarrou sua mão para que não continuasse fazendo nada mais.

—Me afaste, diga uma palavra mais e vai com sua deusa, Bryn.

“Bastardo”, pensou.

Os olhos marrons do highlander se tornaram negros. Era uma resposta ao desejo e ao desafio. Mas acima de tudo, era a excitação por tocar Bryn de novo. Seu calor, sua textura, o peso de seu seio na mão...

Perfeita para ele. Sempre foi.

Deslizou o polegar pelo mamilo e encontrou o que procurava.

Bryn ficou muito quieta negando com a cabeça.

Ardan se colocou entre suas pernas e com a outra mão, a agarrou por uma nádega e a levantou até sentá-la no potro. Aproximou sua pélvis da dela, e se roçou com descaramento contra sua virilha.

Bryn gemeu e baixou os olhos. Não podia o olhar, não podia continuar vendo a diversão e o domínio na pose daquele guerreiro. Estava rindo dela.

Ardan tirou a jaqueta de couro e a deixou no chão. Não perdeu muito tempo em baixar a alça da camiseta e do sutiã e deixar descoberto seu seio nu com o piercing que atravessava o mamilo.

Bryn tinha uma pele branca que marcava com rapidez, um brinco prateado, com um ônix negro pendurado, titilava trespasado em seu mamilo.

Sua joia.

Puxou uma inspiração e o tocou com o indicador. O mamilo ficou duro.

—Noto como arde entre as pernas, Bryn. — Fazia tanto tempo que não a via assim com as mãos e joelhos tremendo. — Está quente e molhada, verdade? Ainda responde a mim.

E ele também respondia a ela. Ardan estava incrivelmente duro e notava como seu pênis investia contra ela. Sentia que ardia sua pele em todo lugar, não só abaixo.

—Isto que tem aqui —agarrou o mamilo entre o dedo e o polegar e apertou forte. O brinco se agitou — ...é meu.

Baixou a cabeça e abriu a boca sem deixar de olhá-la nos olhos.

—Me olhe —ordenou.

Bryn apoiou as mãos sobre o potro e obedeceu. Tinha as bochechas rosadas. A cabeça morena de Ardan estava à altura de seu seio e a boca a escassos milímetros de seu mamilo. O *einherjars* lambeu os lábios, e ela engoliu.

O que ia fazer?

Ardan estendeu a língua e deu uma lambida. Ela não teve tempo de desfrutar da carícia porque, imediatamente, o abrangeu com uma mão e levou o seio inteiro à boca, chupando e esmagando-o até que o mamilo tocou seu palato.

Bryn gritou e agarrou uma trança negra, para não cair do potro.



Ardan sugava primeiro muito forte e logo doce e suave. A estava deixando louca. Por que fazia isso? Pelo menos, não a machucava...

Mas, de repente, sentiu um pequeno puxão mais doloroso que o anterior na ponta do mamilo.

Ela gemeu e negou com a cabeça. Atreveria-se a fazê-lo?

Outro puxão mais, delicado e cruel ao mesmo tempo. Ela enrolou sua trança negra num punho e puxou com força para que a soltasse. Estava a machucando, mas Ardan não cedia.

— Não! Ardan! Não faça! — Isso era seu. Não podia tirar.

Adorava esse brinco.

Ele grunhiu como um selvagem e deu um último puxão. Separou-se de seu seio e ela gritou pela dor e como estava sensibilizada.

Ardan tinha o lábio inferior manchado de sangue. Levou a mão aos lábios e tirou um brinco de sua boca. Bryn deu uma olhada em seu seio e descobriu que já não tinha o piercing. Em seu lugar, havia uma gotinha de sangue.

O arrancou!

A indignação fez que uma onda de fúria sacudisse seu corpo e a fizesse tremer de impotência. Soltou sua trança, apertou os punhos e negou com a cabeça.

— Isto me pertence. Isto é o que quero. Não tem direito a usá-lo — ele sorriu observando o brinco. Logo passou o polegar para limpar a gota de sangue no seio de Bryn. Olhou-a, desafiando-a que o afastasse, mas ela não o fez. Porra, desejava-a com um desejo reprimido, feroz, embora suas próximas palavras dissessem justamente o contrário: — E, Bryn, quando tiver vontade de te foder, simplesmente o farei. Porque isso também é meu.

— Não se atreverá. Não deixarei que me toque! — gritou a um palmo de sua cara.

Ardan encolheu os ombros e deu as costas.

— Recoloque sua roupa. Espero você lá fora. Pode ir com quem veio, mas virá para mim quando eu ordenar isso. Enquanto isso, escrava, não preciso de você.

Uma corrente de indignação percorreu o corpo enrijecido da valkyria.

— Sabe? Alegro-me — disse num sussurro raivoso. Ele parou diante da porta, com a mão na maçaneta.

— Do que?

— Me alegre de tomar a decisão que tomei. Não valia a pena. Não está à minha altura, Ardan. Odeio você.

Ele recebeu essa acusação como uma carícia.

— Mente. As submissas amam seu Amo. Mas te castigarei por tê-lo dito — sorriu por cima do ombro, guardou o brinco em seu bolso traseiro e piscou um olho.

— Vá se danar!



CAPÍTULO TREZE

Róta abriu os olhos, piscou e tentou se orientar. Onde estava? Encontrava-se numa sala escura, iluminada com luz vermelha.

Estirada numa cama... Redonda? Seu torso nu.

Piscou de novo. A boca secou. O coração disparou. Cheirou ferro. Assim cheiravam as celas de Chicago. O sangue, as feridas, esse medo era seu perfume. A essência da dor.

Merda. Seiya estava em seu campo periférico de visão, com um bisturi na mão manchado de sangue e com a outra pinçava em seu peito e extraía algo diminuto e virtualmente invisível para o olho humano. "Não. Não! Não! Outra vez não!" Quando a pegaram de novo?

O que Seiya queria dela? Não suportaria que voltasse a pôr suas mãos nela. Não o queria em sua cabeça escavando, a encontrando, dizendo todas essas tolices que já disse da outra vez.

A adrenalina a deixou frenética. Nem sequer se deu conta que saltou da maca e correu na direção da primeira porta que encontrou naquela sala.

Braços a rodearam pelas costas e ela gritou.

Seiya encostou seus lábios em seu ouvido. Estava falando em voz sussurrante e teve vontade de vomitar.

—Róta, *bebī*... Pssiu. Tranquila. Sou eu.

— Me solte! — Ordenou histérica dando chutes no ar. Seiya a ergueu do chão e ela não podia se liberar de seus braços. — Não! Deixe-me! Não me toque!

—Me escute, está a salvo.

Mas Róta não escutava. Tremia como se ninguém pudesse acalmá-la.

Miya se indignou ao ver que uma valkyria tão forte como ela fosse maltratada até provocar ataques de pânico como esse, e desejou cortar a garganta de Seiya por quebrar um espírito tão atrevido e temerário como o dessa mulher. Mas, o que esperava? Para piorar a situação, seu irmão e ele tinham a mesma cara, porra. Era normal que ela ficasse assim.

—Pssiu... —A abraçou com mais força e colou seus lábios em seu ombro nu, dando ligeiros e suaves beijos enquanto a prendia com força. Esperava que o cérebro da valkyria processasse esse contato. O cabelo vermelho de Róta cobria seu rosto e se agitava de um lado ao outro, fora de si. — Pssiu... *Lie, Lie... Anata wa koko nem iru eu, watashi to issho...*²⁵ Está aqui comigo, preciosa.

Róta ficou muito quieta ao ouvir o tom tranquilizador e cheio de calor desse homem. Uma voz diferente. Um toque diferente.

Seiya não era assim. Seiya era frio e mentiroso. Seiya cheirava diferente de fruta fina, e suas palavras nunca chegavam ao coração, não como nesse momento...

—Sou Kenshin, guerreira de cabelo vermelho —sussurrou, roçando a lateral do pescoço com o nariz, captando com pesar a linha de pensamento negativa de sua valkyria.

Kenshin.

Respirando agitado e ainda tremendo, começou a relaxar nos braços do vanirio. Cobriu o rosto com as mãos e todo o terror se dissipou pouco a pouco. Que vergonha perder os

²⁵ Lie, Lie... Anata wa koko nem iru eu, watashi to issho: Significa "Não, não... está aqui comigo, preciosa" em japonês.



nervos desse modo. De verdade estava tão mal? Não podia compreender que acontecesse isso com ela.

— Kenshin?

—*Hai*. Sim.

—*Kenshin wa kaka nem iru eu...*²⁶ —murmurou com a voz quebrada e afetada.

Ora, pensou Miya. As Valkyrias e seu dom da xenoglossia o maravilhavam.

—Sim —Miya lamentou a insegurança daquela garota. Tocava seu coração de um modo muito estranho. Girou-a entre seus braços e deixou que seus pés tocassem o chão. Retirou o cabelo com suavidade. Parecia perdida. Nem sequer queria o olhar nos olhos. — Ficar bem, Róta. Está passando por um processo pós-traumático. Isso é tudo.

Róta engoliu e apertou os dentes, que batiam sem controle.

Assentiu sem estar muito segura disso, olhou abaixo e viu o filete de sangue que percorria seu peito para o estômago. Levantou o olhar interrogativo e disse:

— Por que fez isto?

—Você e Johnson tinham chips localizadores em seus corpos. Johnson tinha atrás de seu joelho e você sob o seio. Por isso nos encontraram e atacaram —Miya lambeu os lábios quando centrou sua atenção no líquido escarlate que deslizava pelo estômago da valkyria. — Bryn tinha que desconectá-los para que não nos seguissem até aqui e lançou uma descarga tanto em você como no menino.

Róta enrijeceu ao recordar da dolorosa descarga da General. A bastarda nem sequer a avisou. Embora, se pensasse bem, se era para pegá-la de surpresa, não havia razão para fazê-lo, não?

Róta e qualquer valkyria que se apreciasse tinha pavor da força de Bryn. Sua fúria não tinha comparação. Não era a líder das Valkyrias por puro capricho. Era a líder porque, sem lugar a dúvidas, era a mais forte e selvagem de todas. Quando as Valkyrias lutavam entre elas para treinar no Asgard, os raios machucavam, não ia negar. Mas um só de Bryn a deixava dormindo rapidamente.

Até e por isso, a loira não deu oportunidade de se defender por uns minutos. Foi indigno. Em vez disso, Bryn a fritou em décimos de segundo até deixá-la inconsciente.

— Estamos no ESPIONAGE? —olhou a sala, ainda aturdida e tremendo. — Já chegamos?

—Sim.

—Já me tirou essa coisa? —Assinalou a bacia manchada de sangue.

—Sim —disse com voz rouca.

— E ao anão também?

— Anão? —Miya jogou o cabelo atrás e franziu o cenho.

—Johnson.

O samurai sorriu.

—Ah... sim —colocou uma mecha de cabelo atrás da orelhinha, e ao tocar com os dedos, os mamilos de Róta endureceram e a pele arrepiou. Seu aroma começava a enlouquecê-lo, mas não

²⁶ *Kenshin wa kaka nem iru eu*: Significa “Aqui está, Kenshin...” em japonês.



era só isso. Seus instintos vanirios ficaram tocados ao vê-la sofrer e ficar inconsciente. E era algo ridículo porque a garota só esteve assim uma hora e meia aproximadamente. Não obstante, todo seu corpo despertava quando via que sua *Hanbun* tinha os olhos abertos, conscientes, e estava disposta a receber seus cuidados. Sua metade estava a salvo e isso, como bom vanirio que se aprecie, devolvia sua vida.

— Ardan está aqui? — perguntou ela ainda com voz rouca.

— Ocupou-se de Johnson e o levou — evitou o assunto que o menino era afilhado do highlander. Contaria mais tarde, agora precisava tocá-la. — E acredito que agora está se encarregando de Bryn. E me alegra que o faça — afirmou abertamente apertando a mandíbula.

A valkyria se esticou com preocupação e olhou em direção à porta.

Ardan e Bryn juntos de novo. Por fim, isto seria um caos. E, por fim, alguém daria uma lição de humildade à General. Mas pensar assim não fez sua expressão relaxar.

Um som excitante a afastou de seus pensamentos. Não podia acreditar.

— Kenshin... Está ronronando? — murmurou divertida. Quando olhava Miya e esses focos prateados tão exóticos que tinha por olhos sempre vinham imagens de felinos enjaulados. Estufou o peito, orgulhosa por sua nudez e cômoda com isso.

Ele não prestou atenção ao que dizia. A pegou pelas axilas e, sem esforço algum, a sentou sobre a cama. Seu cabelo estava inclusive de uma cor vermelha mais viva que a pele sintética que cobria a cama. Seus formosos seios bambolearam acima e abaixo e o piercing vermelho o deixou absorto em seu próprio mundo luxurioso. Um mundo que um samurai como ele não devia prestar atenção. Um mundo que...

— Adora minhas tetas?

O sério rosto de Miya ruborizou, mas não afastou a vista. Pelo menos, era honesto, e Róta achou adorável. Terno como ele só. Ainda continuava um pouco nervosa por seu despertar um pouco traumático, e, estranhamente, precisava que ele a abraçasse.

“Abraços? Não quero abraços!”, repreendeu a si mesma. Era uma valkyria, uma guerreira, não uma Teletubbie. Uma mulher como ela não precisava que ninguém...

— Gostaria que te abraçasse? — perguntou ele surpreso.

Róta olhou para o outro lado e Miya sorriu. Estava com as bochechas vermelhas, como uma menina envergonhada que pegaram roubando uma bala. Mas levantou o queixo e sorriu cheia de vaidade. Encolheu os ombros.

— Quer chupar meus seios. O seu é mais vergonhoso, samurai. — Uma sobrancelha vermelha se arqueou, mas o sangue não saiu do rosto.

Miya tampouco perdeu o rubor.

Estavam sendo sinceros. Nenhum dos dois negava o que acontecia.

Ele precisava tocá-la e curá-la. Ela necessitava que a tocasse, algum tipo de contato tranquilizador.

Miya fez que se deitasse atravessada na cama e se colocou entre suas pernas. Pôs uma mão de cada lado de sua cabeça, fazendo-a sua prisioneira.

— Já se encontra melhor? O choque irá pouco a pouco... — Não gostava nem da compaixão nem da preocupação de Miya. Além disso, ela não tinha nenhum trauma nem nenhum choque.



—É tão sexy —passou os dedos pelos lábios, detendo suas palavras.

—Ficará bem, Róta —a olhou de cima abaixo. Seu escultural corpo era como um *haiku*, pura poesia japonesa em movimento. — O medo que sente desaparecerá com o tempo.

—Não tenho medo de nada.

—Sim, tem. Não é mau, é natural que...

—Psiiu... —Róta negou com a cabeça e levantou as mãos até afundar os dedos em seu cabelo castanho que caía como uma cortina lisa de cada lado de seu rosto. O puxou, insistindo que se aproximasse de seu rosto, de sua boca. Dela. Não queria um psicólogo. Queria que desse o que desejava, essa conexão tão sublime que se criava entre eles quando seus corpos se tocavam.

Miya queria que dsabafasse, que soubesse que podia se apoiar nele. E sabia que estava sendo egoísta porque essa era a confiança que não podia depositar nela. Mas precisava. Precisava que Róta o levasse em conta. Precisava ser imprescindível para ela.

— Tem sede, samurai? —Baixou a cabeça até a colocar sobre a incisão do seio. — Me cortou.

—Sim a ambas as coisas —respondeu solene.

—Então bebe e fecha a ferida.

Miya apertou os punhos e enrugou o lençol branco que cobria a cama. Claro que tinha sede. O sangue de Róta era um elixir único para ele. Mas também começava a ser seu bem-estar emocional. Não queria solucionar seus medos com rapidinhas. Queria escutá-la falar e tocá-la enquanto o fazia. Queria que se abrisse. Queria saber por que era má e por que poderia ser a mulher que desencadearia o fim do mundo, caso decidisse ficar com Seiya.

—Faça, Kenshin —murmurou puxando seu cabelo até que os lábios dele roçaram sua ferida. — Me cure.

Assim que sua boca se tingiu de vermelho, já não pôde se conter. Deu uma lambida no seio e abriu os lábios para sugar a ferida, a sangue rico de sua companheira enchendo sua garganta e seu aroma o intoxicando.

Róta jogou o pescoço para trás e rodeou-lhe os quadris com as pernas, esfregando-se contra ele como se fosse uma lâmpada mágica. Perfeito, para ver se o gênio saía.

Miya cobriu seus seios com as palmas das mãos e os massageou enquanto lambia o fio de sangue que corria pelo estômago da jovem. Ela mordeu o lábio inferior e puxou ar profundamente pelo nariz.

Quando deixou sua pele limpa e viu que o corte cicatrizava, se ergueu sobre ela a contra gosto e se esfregou rítmica e lentamente contra seu sexo.

Róta o observava entre suas longas pestanas. Quando viu como lambia o sangue de seus lábios, sentiu um espasmo no útero. “Não pode ser tão bom”, pensou.

Miya começou a rir e a cobriu com todo seu tronco superior, a esmagando contra a maca.

—Te ouço. — Beijou a bochecha da jovem. Sentiu como o piercing de Róta cravava através do tecido da camiseta em seu peito e pensou que era endemoniadamente sexy, toda curvas e suavidade. Esfregou-se contra ela com mais força e afundou os dedos em seu cabelo vermelho.

Ela abriu a boca para puxar ar e soltou o cabelo para agarrá-lo pelas nádegas. Caso se afastasse, o mataria. A maca ia de um lado ao outro devido à força das sacudidas.



—Tire as calças —pediu ela.

Miya ia fazer, mas percebeu que a parede da frente da sala tinha duas janelas opacas. Ardan o avisou sobre isso. Parou e negou com a cabeça.

—Não é um bom lugar para...

— O que? Então tire as minhas —rogou sem ar enquanto lambia sua orelha e puxava seu lóbulo.

—Não. —Não pensava em fazê-lo. Se esse era um local de BDSM, por certo haviam olheiros por todos os lados, e antes o matarem a deixar que alguém visse como Róta se entregava a ele.

—Pois... desce o zíper e tira.

Miya levantou a cabeça e juntou sua testa à dela.

—Psiiiiu —pôs a mão na boca. — É uma mandona — disse brandamente, sem parar seus quadris.

Róta sacudiu a cabeça para se livrar de seu aperto.

—Kenshin, maldita seja, preciso... — Era patética, quase choramingando. Suplicando. As Valkyrias não suplicavam.

—*Bebi*, fique quieta e darei o que pede. Mas faremos assim.

Róta se indignou. De todos os vanirios, bersekers e *einherjars* que conhecia não havia nenhum que pudesse parar numa situação assim com seu verdadeiro companheiro de vida.

O sexo era energia e alimento para eles, e queria fazê-lo com ele. Precisava senti-lo dentro, necessitava que a deixasse esgotada e cheia para exterminar os fantasmas de sua cabeça. E esse ninja fodidamente bonito estava dizendo que não.

NÃO. A palavra a golpeou totalmente.

Ninguém dizia não. E menos a algo tão importante. Muito menos ele.

Não obstante, o que mais a afetava era tê-lo em cima a obrigando a receber algo que não queria receber desse modo. Parecia com...

—Nem pense em me comparar com ele, Róta —a fulminou com o olhar.

Parou os quadris.

—Então, me dê o que quero.

As Valkyrias não faziam nada pela metade, e esse homem queria fazer um semicoito quando ela precisava de um completo. Não entendia que precisava dessa proximidade? Queria... queria que ele... Apenas uma foda. Agora.

E ele negava.

— O que gostaria? —Perguntou ele dando um chupão na garganta. — Farei tudo que queira. Mas não agora, *bebi*.

—Quero agora. — A pouco seu corpo tremia de medo e pânico, agora o fazia pela necessidade de ficar com ele. Tão juntos como um homem e uma mulher podiam ficar.

—Não. Há janelas e vigias. Este é um local de bondage e sadomasoquismo. Pode ter gente olhando. Olhando-nos. E não gosto que ninguém veja isto. — Porra! Não só gente. Se haviam escravos de sangue, teriam um vínculo mental com seus Amos. Se vissem como ele bebia sangue de Róta, então o disfarce iria à merda. Se Róta gozasse, o que aconteceria com suas asas?



— Do que fala? E daí se nos olharem?! Kenshin — choramingou se movendo contra ele — ...tenho que suplicar? — perguntou ofendida, girando a cabeça, quase a ponto de começar a chorar.

Miya grunhiu. Nem pensar. Ela não tinha que suplicar por algo que estava mais que desejoso de dar. Começou a desabotoar o cinturão da calça, mas o fez pouco a pouco.

Róta apertou os dentes. Estava a ponto de gozar. Odiava que fosse assim responsável e inflexível. Não se deixava levar, e ela se sentia tão quente e desamparada...

Seiya não perderia tempo.

Esses irmãos gêmeos eram o sol e a lua. O que um tinha de maligno, temerário e selvagem, o outro tinha de benevolente, precavido e comedido. A imperecível história do bem e do mal.

Miya deteve seus quadris e saiu de cima dela com um salto, como se o contato de seu corpo o queimasse.

— Não! — gritou ela tentando alcançá-lo em vão, estremecendo de prazer insatisfeito.

O samurai encostou na parede. Tinha as presas expostas, uma barraca nas calças, os olhos brilhavam como mercúrio e o cabelo caía desordenado por seu rosto. Tinha a parte superior das bochechas ruborizada. Estava rígido, como se alguém o tivesse açoitado. Olhava-a desconfiado e parecia... decepcionado.

— Por que se afastou? — Gritou ela se retorcendo na maca, dolorida. Precisava se liberar.

— Porque pensou nele... — disse com tranquilidade, sem elevar a voz. — Me comparou a esse monstro. E acredito que nessa comparação, eu perdi.

Róta apertou os dentes. Maldita telepatia.

— Quer outro entre suas pernas, valkyria. Prefere que seja ele quem acabe a tarefa? Aqui mesmo? Não sei por que me surpreende. — Por que se surpreendia? Róta tinha maldade em seu interior. Claro que a seu modo também procurava a escuridão de seu irmão. Estava escrito. Era sua companheira, mas também podia ser de Seiya, porque tinha a dualidade.

De repente, sentiu que uma frente fria emergia do corpo da jovem. E soube que algo não ia bem ao ver seus olhos completamente vermelhos.

— Não importa que se zangue — grunhiu fechando o cinturão de novo. — Ele não te terá. Não pode ser dele.

Miya e sua maneira de bisbilhotar em sua cabeça a estavam deixando muito nervosa. Embora se sentisse exposta diante dele, nua não só de corpo, mas também de mente, não pensava em se cobrir.

Assim era ela. Esse era seu corpo. Esses eram seus desejos. Não desejava ficar com Seiya, mas devia reconhecer que sim, que os comparou. Não ia se desculpar por isso, nem tinha por que se envergonhar da excitação de seu corpo, nem permitir que Miya controlasse seus impulsos. Passou uma eternidade no Valhala gozando levianamente, para que agora, tendo seu *einherjars* diante dela, tivesse que fazer o mesmo. Nem pensar. O irritaria.

— Não sou dele — disse horrorizada e ofendida por ver como a acusava com tanta serenidade, e pior, com tanta segurança. — Tenho que recordar o que seu irmão me fez, Kawasaki? — Tinha retornado às marcas japonesas. — Podemos estar num clube sadomasoquista — olhou ao redor estranhando. — Mas eu não sou.



—Acredito, Róta, que nem você sabe o que é — espetou Miya fazendo um coque alto, como se há um momento não estivesse a ponto de fazer amor com a valkyria nessa sala.

Aquela afirmação fez que ela franzisse o cenho. Muitas vezes Miya sinalizou veladamente que ela não era o que era, ou que não era de confiança.

— O que quer dizer com isso, samurai?

—O que digo.

Róta deu um empurrão mental. Fez o movimento pela fúria e ressentimento. Queria compreender o que pensava dela. Eram companheiros. Era impossível que um *einherjars* desconfiasse ou se envergonhasse de sua valkyria. Estava determinada a averiguar. Conseguiu entrar em sua cabeça e ver a surpresa no rosto do samurai, mas Miya fechou a porta tão logo a percebeu em sua mente. Róta se sentiu como uma intrusa e recebeu a rejeição como uma bofetada.

Seus olhos vermelhos perderam toda a expressão, recuperaram sua cor azul esverdeada e o olharam sem brilho algum, embora seu rosto sorrisse com frieza, como se nada disso a ofendesse. Nunca admitiria que a machucou e que tinha o poder de fazê-la se sentir mal. Miya jamais saberia ou do contrário poderia destruí-la.

—Tem um trauma com seu irmão — disse pegando o sutiã e dando as costas, mostrando a majestade de suas asas vermelhas. — Você, não eu. Foi ele quem comeu a sua moral. — Pegou o pulôver com movimentos bruscos e cheios de ira. Deu meia volta e com as mãos tirou a juba vermelha que ficou dentro do pulôver. Levantou o queixo como uma rainha. — Ele provoca sua insegurança, verdade? Parece que duvida de mim com respeito a ele. Está equivocado.

Claro que estava, mas não podia demonstrar ainda. Róta estava perto de conseguir algo grande e deixar um pasmado Miya prostrado aos seus pés. Sabia pelo poder que pouco a pouco despertava em seu interior graças ao sangue do samurai. Precisava beber mais para pôr em prática o que planejava. Precisava beber dele mais frequentemente e então todos os segredos seriam revelados e entenderia muitas coisas. E, acima de tudo, teria a vingança que tanto desejava, mas isso era algo que Miya não podia adivinhar. Seria isso que o vanirio captava? Que tinha um ás na manga? Não, não podia ser...

Estava se concentrando muito em cobrir essa parte de sua mente. Por isso era tão permeável nas outras, e por isso Kenshin podia ler suas lembranças com tanta facilidade. Se deixasse de se esforçar em ocultar essa informação, não poderia ler seus pensamentos se ela não quisesse. Até então, enquanto não conseguisse o que planejava, tinha que assumir que o samurai podia passear por sua cabeça como e quando quisesse. Estava disposta a aguentar se com isso conseguisse seu objetivo.

—Seiya me fez coisas aberrantes —continuou. — Pode ser que tenha algum problema por isso. Mas sei com segurança que não quero voltar a ficar em suas mãos, jamais. Quero matá-lo, Miya. Mas está há séculos traumatizado por sua culpa. E sabe o que descobri também?

— O que? —Miya agia como se tivesse a situação controlada. Mas não era assim. Estava assustado e raivoso.

—Duas coisas.

—Me ilumine.



—A primeira é que teme seu irmão gêmeo. Tem medo dele.

O samurai não moveu um músculo do rosto. Mas recebeu essas palavras e as absorveu como uma ofensa pessoal.

—Como disser, *Heiban*. E a segunda?

O ar estava gelado. A situação era tensa. Róta se dirigiu a ele e parou a escassos centímetros de seu corpo. Sorriu ladinamente, o pegou pelo queixo e o inclinou para ela. Com quem acreditava que estava jogando esse homem? OH, caramba, adorava seu olhar e esse rosto exótico, bronzeado e sensual.

—A segunda é que, a quem mais teme, é a mim. —ficou nas pontas do pé e deu um beijo cheio de intensidade e ternura que os pegou a ambos de surpresa. Mordeu-lhe o lábio inferior e puxou com força, zangada com ela mesma e com ele. — Não sei por que. Sei que sou poderosa, mas, tanto? —arqueou as sobrancelhas e sorriu. — Enfim, faz bem em me temer, porque sou uma mulher muito avara, e pode ser que fique com tudo que é, com tudo que tem. Dê-me tempo e o deixarei louco, Kenshin.

Ele não se afastou da parede e apertou os punhos de ambos os lados de seus quadris. Que uma mulher como essa tivesse o poder de dobrá-lo com apenas um beijo, era muito preocupante. Tempo? Mas se em alguns dias já virou sua cabeça... Róta seria sua perdição se não já não fosse, porque se sentia como um completo desequilibrado. Por um lado queria afastá-la de sua vida. Pelo outro não queria que se separasse dele nem um segundo. Passava de querer protegê-la e desejar acreditar nela, a desconfiar e ter a necessidade de controlá-la para que nunca soubesse além da conta.

Claro que a temia. Podia acabar com ele e com o mundo em geral, e então sua missão e a de todos os *einherjars*, vanirios, sacerdotisas e bersekers, assim como humanos que sabiam dessa outra realidade e que os ajudavam, tudo, iria a merda.

Tudo por uma valkyria tão bonita como ela.

—Nos esperam —Miya se afastou da parede e se separou dela. Sentiu o olhar de Róta cravado em suas costas enquanto recolhia sua *chokuto* e a pendurava no ombro. Logo colocou a jaqueta de couro e a ignorou ao passar do seu lado.

—Tenho sede, Miya. Não vai me alimentar? —O olhou de lado. — É falta de educação o que fez. Não é um cavalheiro. Bebe de mim num local de sado e ainda por cima me deixa pela metade. Pelo menos, me alimente, *Hanii* —cantarolou zombeteira. Disse “querido” em japonês. — Gosto de te beber e agora preciso. Minha General me deixou no pó e você não me deu nada — sorriu com descaramento. — Pelo menos?

Miya parou. Continuava ofendido com ela. Continuava irritado com sua atitude. E continuava odiando seu irmão. Mas não podia deixá-la faminta. Precisava de seu sangue e o daria.

Arregaçou o braço direito e o levantou até oferecer seu antebraço musculoso e salpicado de pêlo castanho. Inclinou a cabeça e sorriu com frieza.

—Tome.

Róta pegou o pulso e arqueou as sobrancelhas.

Nunca viu os casais vanirios se alimentar assim, como se oferecessem uma cerveja. Sentiu-o frio e inadequado entre eles, como uma ofensa pessoal ou como um desprezo à sua pessoa.



Aquela atitude a rasgou. A ela, que era a valkyria “toda dona de si” e que nunca deixava que nada a afetasse. Pois esse braço levantado com apatia e tédio a machucou mais do que imaginava.

Ainda assim, fingiu que não a incomodava e que tanto fazia oito como oitenta.

Teve a consideração de lamber a área que ia morder. Passou a língua pelas veias e o grosso pulso como se a saliva agisse como álcool antes de uma espetada.

Miya não quis olhar. Abaixou a cabeça e fechou os olhos.

Cravou as diminutas presas em sua pele, perfurou-a e começou a beber dele como se seu sangue fosse sua droga. O sabor de coco girou seu cérebro a ponto de ter um orgasmo por isso.

Miya se agarrou à sua vontade e disciplina para não ceder aí mesmo e montá-la com ferocidade, contra a parede ou contra o que fosse.

Ela cravou as unhas no braço e começou a gemer e fazer ruídos adoráveis que o deixaram louco. Aproximou-se da guerreira, até quase cobri-la com seu corpo e sua altura, e a encurralou contra a parede, com lentidão, como se fosse um tango. Apoiou a palma aberta por cima de sua cabeça de cabelo vermelho, e grunhiu ao ver como desencravava as presas.

Róta tinha os olhos vermelhos e cheios de satisfação.

Miya ficou hipnotizado por uma gota vermelha que deslizava pelo canto de sua sensual boca. Levantou a mão para retirá-la com o polegar, mas Róta afastou o rosto e o afastou de repente dando um empurrão no ombro. Secou o sangue com o dorso da mão e abriu a porta sem nem sequer agradecer.

Miya passou sua língua pelos orifícios que tinha a Valkyria deixou na pele e que não se incomodou de fechar, enquanto mantinha a vista fixa na porta que acabava de fechar.

CAPÍTULO QUATORZE

—Bem vindos à minha humilde morada — disse Ardan descendo do Jeep Wrangler cinza escuro com o pequeno Johnson nos braços. O protegia com o corpo, como um lobo que cuida de seu filhotinho.

—Bonita mansão — assobiou Gabriel ao chegar numa das casas de propriedade de Ardan. Entrelaçou os dedos com Gúnnr e caminhou para a entrada.

Bryn se aproximou do pequeno e, esquivando do olhar do highlander, pôs a manta na cabeça.

—A luz do sol não o afeta. É um híbrido, General — explicou Ardan com desdém.

—Mas a luz do sol o despertará. Precisa descansar.

Ardan a olhou fixamente enquanto a sobancelha negra atravessada com uma estaca metálica tremia com um pequeno tic de incredulidade pelo que ouvia.

—Johnson não está adormecido. Está frito. Inconsciente por culpa de sua esplêndida descarga —grunhiu, dando as costas.



Miya deixou o carro sob o alpendre externo desse pequeno semi-castelo moderno —ainda conservava a torre, mas o resto era uma casa de vanguarda que faria as delícias de qualquer desenhista— e olhou o terreno e a paisagem à frente dele.

Estavam nas Terras Altas, numa residência sem vizinhos ao redor e com uma vista panorâmica espetacular em que se apreciava parte da borda do River Ness, cheia de pedras escuras de todos os tamanhos; as incríveis montanhas salpicadas de verde e pedra calcária escocesa, e um jardim que cercava a mansão com gigantes abetos.

Róta olhava com curiosidade e receio a cena entre Bryn e Ardan. Estava tensa, como se estivesse se preparando para sair disparada a qualquer momento e distribuir golpes.

“Que curiosa atitude”, pensou Miya.

Saiu do ESPIONAGE porque precisava se acomodar e agir com rapidez. Ardan sugeriu que se mudassem para sua casa, que ninguém conhecia sua localização real e, além disso, estava perto dos lagos, com o qual poderiam estudar a possível localização dos etones e purs.

Durante o trajeto, Róta não disse nenhuma só palavra desde que saíram do clube. Miya já sentia saudades de sua voz cantante e sexy, mas preferia que não abrisse a boca se o fizesse para insultá-lo.

A única coisa que mencionou ao entrar na Gazana foi:

—Ponha música, Toyota.

Ele optou por não tomar conhecimento, mas esteve a ponto de escapar uma gargalhada. Que mulher mais temerária. Esgotaria todas as marcas japonesas em apenas alguns dias juntos.

Miya decidiu explicar o vínculo entre Johnson e Ardan e a história que os precedia. Também contou que o ruivo de topete era um berserker, e que Ardan liderava um clã de vanirios, berserkers e *einherjars*... Todos juntos.

Róta escutava com a vista fixa no painel lateral. Apenas não falava porque estivesse zangada com ele. A valkyria estava muito pensativa e não parava de olhar pelo retrovisor para controlar o Hummer no qual viajavam suas irmãs e Gabriel.

Agora, a jovem valkyria estudava como Bryn revirava os olhos após o comentário de Ardan e o modo que a General girou para olhá-la por cima do ombro.

Aquilo era uma espécie de batalha telepática.

Bryn girou e cruzou os braços, a encarando completamente sem nenhuma vergonha.

Róta não sorriu nem fez nenhum gesto obsceno com a mão, coisa que Miya esperava e Bryn certamente também. Caminhou para ela com toda a tranquilidade do mundo e parou a escassos centímetros da loira.

—Vão te pôr em seu lugar, valkyria —disse Róta.

— Já está acordada? Boa soneca a que tirou —sorriu sem vontade, mas com ironia.

Os olhos de ambas ficaram vermelhos e a energia elétrica entre elas disparou. Gúnnr correu e se interpôs entre elas antes que começassem a lutar.

—Chega. É suficiente —as afastou com os braços. — Não me encham o saco ou começo a soltar marteladas.

As duas Valkyrias serenaram de repente. Gúnnr ainda não controlava bem esse martelo.



Mas para Róta não era suficiente incomodar sua superiora. Precisava dizer a Bryn quatro coisas bem ditas. E precisava brigar.

—Vou fazer o Clube de Fãs de Ardan, General — disse por cima do ombro de Gúnnr. — Vou animar e aplaudir tudo que ele faça com você.

— Está do lado dele? —grunhiu a loira.

—Sempre estive — se afastou delas e seguiu o highlander.

—Não sei por que ainda me surpreendo quando diz coisas assim, Róta. Nunca estive ao meu lado! Afastou-se! — Gritou perdendo pela primeira vez parte da fachada de controle e suficiência que carregava consigo. — Além disso, você e eu já não somos *nonnes*, verdade?

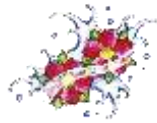
Gúnnr abriu os olhos e a olhou com pena; Róta ficou imóvel por segundos para logo continuar caminhando até se colocar atrás de Ardan.

— Tenho uma aliada? —O *einherjars* sorriu olhando para Róta com interesse enquanto abria a porta de sua casa e a deixava passar.

Róta levantou a manta para ver o rosto de Johnson. Sorriu um pouco mais tranquila ao ver o pequeno respirar e encolheu os ombros.

—Digamos que... agora mesmo você me cai melhor que ela.

Miya ficou atrás de Róta e escutou a conversa entre ambos. Ardan e Róta contra Bryn. Não duvidava que a General podia com os dois mas, na dúvida, igualaria forças se unindo à loira valkyria, porque ela tinha todo seu respeito.



A casa do highlander era moderna. Protegida também contra todo tipo de sinais internos e externos. Revestida com pedra cinza no interior, parqué claro, mobiliário branco e grandes espaços. Tinha muita luz e muita vida, e devido às suas imensas janelas parecia que a natureza estava dentro da casa ou que a casa formava parte da natureza. Tinha amplos banheiros e uma cozinha com balcão de uns quarenta metros quadrados.

Ardan os colocou por casais em cada uma das suítes. Por sorte para Miya, a casa estava equipada com vidros e janelas especiais que não deixavam passar os raios solares, mas sim que deixavam entrar a claridade do dia. Não podia esquecer que Ardan era líder de um clã onde também estavam vanirios como ele, e estava desejoso de conhecê-los.

Dependendo de que clã pertencesse, notavam-se diferenças de atitudes muito pronunciadas.

Miya estudava a vista de seu quarto. A cama era enorme, o banheiro tinha jacuzzi e o quarto estava equipado com as últimas tecnologias.

Róta saiu do banheiro com uma nécessaire, o cabelo solto e brilhante e maquiagem muito discreta, mas ao mesmo tempo muito sensual. Pôs sombra verde sobre os olhos turquesa e delineou melhor a linha dos olhos com Kohl. Um pouco de rímel e blush, e *voilà!* Trocou de roupa. Agora usava um pulôver muito decotado azul escuro de meia manga e uma espécie de colete



muito peludo e de visom que cobria o pescoço e parte do queixo. Suas intermináveis pernas estavam embainhadas em jeans muito justos que se prendiam em seu traseiro, coxas e quadris como uma segunda pele, e como calçado usava... Merda!

— Não pode sair assim — a censurou Miya. — É impossível que possa lutar com isso.

As botas de cor uísque de cano alto cobriam até o joelho e tinham um salto muito pronunciado. Já tinha o samurai em alerta.

Quando Gabriel disse que levassem o que precisassem do castelo, todas as Valkyrias, inclusive Bryn, carregaram malas cheias de roupa e roupas. As Valkyrias eram criaturas cheias de futilidade e vaidade. Sempre precisavam parecer bem. Como se não fossem lindas por si.

Girou para observá-la com prazer e entrou em sua cabeça. Estava recordando e visualizando a batalha do Abismo de Helm do Senhor dos Anéis. Fazia isso não só para ficar controlada e preparar-se para o que viesse nesse dia, mas para afastá-lo de seus verdadeiros pensamentos e inquietações. Róta não queria que lesse sua mente.

O vanirio se apoiou com um ombro na janela, inclinou a cabeça e a estudou enquanto se movia pelo quarto.

— Gosta de Tolkien?

Ela guardou a nécessaire na bolsa preta que trazia consigo. Nem sequer o olhou enquanto fechava o zíper.

Que soberba era a garota.

— Tolkien é meu pai — respondeu levantando o queixo, como se desafiando que negasse uma afirmação tão terminante. — E o Légolas meu amante. — Miya nunca a entenderia até que não explicasse o jogo que jogavam no Valhala. Genial, nunca explicaria.

Miya levantou tanto as sobrancelhas que quase grudaram na raiz do cabelo. Estava respondendo a sério?

— Me perdoe?

Róta soprou perdendo a paciência.

— Depois de ver O Senhor dos Anéis no Valhala...

— Veem filmes lá em cima? — perguntou cada vez mais atônito. Afastou-se da janela e caminhou para ela.

— Claro — o olhou como se fosse um tolo. — Nanna traz sempre bons filmes cada vez que recolhe um guerreiro caído do Midgard. — Além disso, temos a Ethernet e Freyja sempre faz boas sessões de cinema — “Entre outras coisas, claro”.

— Bem, vá com os deuses...

— Sim. Imagino que com a mente tão rígida e restrita que tem, não imagina que seres superiores a você desfrutam com algo que considera tão banal.

— Não disse nada. Achei engraçado.

— Para isso teria que ter senso de humor, Mitsubishi... E você não tem. Além disso, me deixe em paz, não tenho vontade de falar com você.

Miya apagou o sorriso de seu rosto bonito.

— Pare de me chamar por nomes de marcas japonesas.



—Deixe-me de entender o que pensa de mim —soltou de repente, irritada como uma menina. — Acha que vou esquecer do ESPIONAGE com o passar das horas? Deixe-me ver o que teme. Sou valkyria. Rancorosa e nada estúpida — assegurou com olhos inteligentes, o perfurando com o olhar. — Me esconde algo, Kenshin. E está relacionado comigo... Diga isso antes que descubra por mim mesma.

O homem detectou nessas palavras uma ameaça velada. “Diga-me isso ou agunte as consequências”. O samurai só ficou mais receoso. O vanirio estava morto de sede.

—Faço-o para te proteger, Róta. É melhor que fique afastada da minha cabeça.

— Melhor para quem? Para você? Está me irritando, samurai. As relações de casal não são assim.

—Não tem nem ideia de como são. É individualista, valkyria.

— E você não?

—Você e eu temos um trato, lembra? Não vamos estabelecer vínculos, verdade? Por muito que os deseje, Róta, por muito que esta natureza quase animal que me outorgaram os deuses faça que te reclame como minha e de ninguém mais, não posso nem devo te vincular a mim de nenhum outro modo além do que já pactuamos. É meu dever manter o nosso assim. Corremos sério risco se abrir as portas de meu templo.

“Não acredito nisso, nem você”. Róta sentiu uma pontada de decepção ao ouvi-lo falar assim. E se sentiu muito ofendida. Miya estava dizendo na sua cara e sem disfarce que não era de confiança. E não sabia por que.

— E se não for sua natureza que pede isso? —Sorriu com tristeza. Nunca se sentiu tão frágil. Por que diabos se sentia assim? — Você e eu temos um vínculo marcado pelos deuses e o destino, embora não aceite. Me escolheu quando o mataram. E o fez porque sou sua metade, sua companheira e a única que pode te complementar. Pode acreditar que é a natureza que faz que sinta todas essas coisas caóticas por mim. Eu sinto o mesmo —levou a mão ao coração — e não é o fim do mundo.

—Vê tudo como um jogo, Róta.

—Não vou negar —se justificou. — As Valkyrias gostam de jogos. Mas, para mim, isto... — moveu a mão assinalando o espaço invisível que havia entre os dois — não é um jogo. Não o aprecio, precisamente. Miya... E se não forem apenas instintos? E se for seu coração quem exige? Não poria a mão no fogo por sua valkyria? Não apostaria tudo por mim?

Um músculo palpitou na mandíbula do samurai.

—Eu só posso apostar em mim mesmo, *Heiban* —nunca mais voltaria a confiar em ninguém, aprendeu muito bem a lição. — Pode dizer o mesmo?

Os olhos de Róta umedeceram e teve repentina vontade de chorar de tristeza. Doía seu peito... Patética era seu segundo nome. Tinha que se repor dessas palavras e conseguiu ao engolir e sorrir coquetamente.

—Até agora sempre o fiz. Eu e ninguém mais — o olhou pelo canto do olho e jogou os ombros para trás, mostrando uma têmpera que não sentia. — Está bem, samurai. São suas regras, mas não as minhas.

— A que se refere? —Não gostava nada da segurança dessa mulher. O que ia fazer?



—Tenho lido O livro do Samurai por você e comprei O Bushido. Conheço seus códigos e adoro sua cultura. Sim, sim... Sei que é mais antigo que o Bushido, bla, bla, bla...

—Nós, minha geração, inspiramos o Bushido — assinalou com orgulho. — Fomos os originários. Os primeiros —remarcou pedante.

—Sei —recalcou ela igualmente. — Para que veja. Sei mais de você que você de mim. Não fechei minha mente à sua intrusão porque a verdade é que não sabia como fazê-lo, mas, embora soubesse não o faria — negou com a cabeça e abriu os braços. — Sou transparente. Sou assim. Posso parecer insuportável, mas não vou fingir ser o que não sou. Não oculte nada até agora, Kenshin. Você, pelo contrário, sim. Entretanto, agora não só sei como fechar minha mente — tocou a fronte com o índice. — Também sei como ler você —estalou a língua.

Miya levantou o canto do lábio esquerdo e sorriu indolente.

—Tentou no ESPIONAGE e não se saiu bem.

—Ah, mas é que me faltava gasolina... —ronronou como uma gatinha. — Graças aos últimos golinhos de seu sangue, vi a luz. As Valkyrias são muito inteligentes e permanecemos na música certa, não sabia? — Abriu seus olhos celestes e salpicados de âmbar e saboreou a surpresa que brilhava nos olhos rasgados do vanirio. “Aguenta essa, bonito!”

—Não tem nem ideia do que penso. Não pode entrar na minha cabeça. Já falamos. Não insista.

—Pensa que sou vaidosa e uma convencida. Mas gosta de meu senso de humor e que seja tão descarada. Cheiro e tenho gosto de amora para você. O deixa louco que mova minhas orelhas assim — retirou o cabelo e mostrou como se agitavam suas orelhas bicudas, — e adora que te mostre minhas presas. Acha que o sinal que tenho aqui — tocou a sarda que tinha no canto do olho direito. — faz o diabo para te enlouquecer. Sente-se protetor com Aiko, a irmã de Ren, porque embora seja imortal, continuará tendo sempre dezoito anos para você. Chora a morte de seu melhor amigo e o fará eternamente.

—Róta... —sussurrou ele abrindo os olhos estupefato. Não podia ser.

— Se cale! Respeita Bryn e gostaria que eu fosse como ela. Não entende por que gosta, mas o faz e foda-se. —Cada vez estava mais furiosa. Sua mente se abria a ela e apenas queria saquear o samurai e lhe dar uma lição. Penetrar onde não a convidaram. Esse sentimento profundo não era bom para ninguém, mas era seu obstáculo, e no Valhala já a conheciam por isso. Adorava ter esse poder. Gostava de poder chegar a ele como ele chegou a ela. — Ficou surpreso pela repentina inclinação sexual de Isamu, mas a aceita e aprova. Vi que era algo muito típico entre mestres e aprendizes samurais que a relação de admiração se convertesse em algo mais íntimo e sexual. Havia certo erotismo nisso.

—Nunca vi essas relações homossexuais em meu clã...

—Sei. Mas eram comuns. Embora na realidade, não a aceita de Isamu por esse motivo. Aceita porque o respeita e gosta de Isamu como um irmão e nunca viraria as costas porque é um vanirio gay.

—Feche a boca, valkyria —bramou feito um feixe de nervos.

—Consigo ler todos esses detalhes que dizem muito de você, mas continua guardando o prato principal. O faz porque está... cagado de medo. E envergonhado — era incrível como se



estabelecia essa comunicação. Podia notar como Miya fechava todas as portas de sua cabeça; mas ela abria novas e ele estava desesperado para não deixá-la entrar. — Está envergonhado pelo que aconteceu. Morreu gente por sua culpa — a assombrou ver que os vaticínios que fez no carro antes que os atacassem eram corretos — e se atribui todas as responsabilidades. Havia alguém a quem queria muito e... não sei quem é, mas morreu. E há um papiro, algo numa vitrine, num... É um templo? E... —Não pôde dizer mais. Sentiu milhares de alfinetes brocando seu crânio e começou a doer tanto sua cabeça que levou as mãos às têmporas. — Kenshin! Pára!

O samurai tinha os olhos prateados cheios de ira e se aproximava dela feito um animal, disposto a exterminar.

—Sou um dos melhores vanirios telepatas que Freyja criou. Se não, o melhor.

— O melhor era Ren! —gritou ela se encolhendo de dor no chão.

—Não brinque comigo, Róta. Ou serei eu quem decide seu fim. Seria muito mais fácil que não existisse, sabe? —Se matasse Róta, a possibilidade que seu irmão usasse a Seier seria nula. Só um dos dois podia elevá-la. E sem Róta nenhum o faria. Continuariam lutando a cada dia, a guerra continuaria aberta, mas a espada não poderia ser utilizada. Não obstante, ela era sua companheira de vida... Acabaria enlouquecendo se desaparecesse. Embora, com as pastilhas de Menw, o curador de Black Country, a abstinência seria mais suportável, não? “Mas, que merda estou pensando?” repreendeu-se por isso. Sua mente estava trabalhando para demonstrar que qualquer opção era melhor que se entregar a essa valkyria. — Não... Não posso fazê-lo.

—Minha cabeça, Miya... —murmurou apertando os dentes com força.

— Entende onde não pode penetrar, *Heiban*? —Disse com voz rouca. — É minha intimidade.

—*Hai!*

—Bom —cessou o ataque mental e seu corpo musculoso relaxou. Em seguida ofereceu a mão para que levantasse.

Róta elevou a cabeça. Estava no chão, apoiada sobre sua palmas e joelhos, o olhando nas alturas.

Miya era muito poderoso. Mais do que imaginava. Retirou a mão que oferecia cavalheirescamente com uma bofetada e desfrutou ao ver a aflição de Miya.

O samurai mostrava suas cartas. Ela também tinha as suas.

Levantou pouco a pouco, e passou os dedos pelo cabelo, sem deixar de olhá-lo no rosto. Esse ataque foi incrível e desfrutava das brigas. A deixavam a mil.

—Não teve problema em se colocar na minha intimidade —o acusou. — Não me deixa entrar em seu templo, mas bem que está morto de vontade de se colocar entre minhas pernas.

Miya recuou. Por todos os deuses, essa mulher era insolente e impertinente até dizer chega.

—Mete-se em minha cabeça como e quando quer — recalcou ela.

—O fiz porque tinha que afastar Seiya de seus neurônios. Ainda devo ficar aí, compreende? Quando achar que o perigo desapareceu, saio.



—Não será quando quiser ou achar —enfatizou Róta lambendo o canto do lábio. O mordeu sem querer ao sofrer o ataque mental de Miya e sangou. — Tampouco poderá ler minha cabeça, vanirio. Ficará fechada a chave até novo aviso — tremia sua voz.

Merda, sentia-se derrotada.

Miya estava muito nervoso para acreditar nessa sentença, mas assentiu e encolheu os ombros.

Róta saiu do quarto com uma portada, como nos melhores filmes.

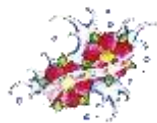
Miya disse algo horrível. Queria que desaparecesse? “Seria muito mais fácil se não existisse”, tinha cuspidido. Tinha tanta vontade de chorar que não podia acreditar. Quando se converteu numa chorona?

O que ele não sabia, nem sequer ela até esse momento, era que podia copiar habilidades mentais e que estava a ponto de descobrir o segredo melhor guardado de Miyamoto Kenshin. Só faltava fazê-lo no momento adequado e o faria, porque não estava em sua natureza ser considerada.

E quando descobrisse, jogaria em sua cara, assim estariam brigando e se reconciliando por toda a vida. Porque ele não ia tirar sua vida, nem ela a dele tampouco. Ela, pelo menos, valorizava tê-lo encontrado.

E Kenshin pagaria o desprezar desse presente das *nornas*.

Palavra de valkyria.



— Veem? Aqui —Ardan assinalou um ponto no mapa que aparecia na tela do computador MAC.

Estavam em seu subterrâneo. Pediram comida japonesa em honra a Miya e estudavam tudo que Ardan controlava ou aprendeu a controlar em seu país.

Na casa do highlander havia um impressionante búnker que se converteu em sua central de operações. Colecionava carros e motos e tinha interessantes computadores inteligentes e autônomos criados por ele mesmo! A Miya recordava o Robert Downey Jr. em Iron Man, Sim, Ardan era desse tipo.

Gabriel estava encantado com ele porque era um louco apaixonado pelas últimas tecnologias e um Hacker consumado. “Seria algo natural?”, pensou. Que quando um homem botasse na cabeça de fazer e desfazer a seu desejo, o primeiro que fizesse fosse se formar para violar a lei se convertendo em Hacker? Os *einherjars* e os vanirios como Caleb McKenna, seguiam esses roteiros, que curioso. Por que leis e limites quando pode viver num mundo ilimitado?

Imagens por satélite, câmaras de vídeo vigilância por toda a cidade de Edimburgo, controle de chips subcutâneos dos escravos de sangue através de um monitor especial... Isso sem nomear os pequenos dispositivos explosivos que colecionava, assim como milhares de substâncias nocivas



que podiam deixar inconsciente um lobacho ou um vampiro em décimos de segundo. Aileen e Ardan poderiam se gabar, com razão, de búnkeres e armazéns.

—Porra... —Murmurou Miya atualizando os programas de informática de seu iPhone no MAC central. Tinha que atualizar suas aplicações com mapas GPS de toda a cidade, áreas quentes, subterrâneos e todo tipo de saídas de emergência. Ardan passou tudo com uma facilidade pasmosa. — Não falta nada —assegurou.

Ardan sorriu com orgulho e o brinco do lábio e o piercing da sobrancelha refulgiram ao mesmo tempo.

—Temos que estar prontos. Não imaginam o bem que são as pastilhas Aodhan que nos deu, *Aingeal* —afirmou agradecido. — Poderemos fazer réplicas delas.

— Seus vanirios estão se desesperando? — Perguntou Gabriel interessado por sua resposta.

— Meus vanirios, como os chama, *Aingeal*, precisam de ajuda. São highlanders como eu. E pertenceram a um dos clãs mais importantes da Escócia. Dois deles perderam suas *caraid*s faz um mês... Buchanan e Anderson. Freyja os transformou para mim, e sempre me demonstraram uma absoluta lealdade, mas... A sede de sangue está acabando com eles. Preciso deles; e se as pastilhas conseguem suprir essa necessidade, será perfeito. Rastrearíamos toda a informação dos localizadores. Os outros três são um tanto estranhos. Os berserkers daqui os chamam de tridente.

— Por que? —Perguntou Gúnnr entretida.

—Porque são tão feios que quando aparecem todos partem.

As Valkyrias riram pela ocorrência.

—Digo a sério —Ardan perdeu o semblante circunspeto e severo. — São mais feios que bater no pai. E são trigêmeos. Não têm companheiras e acredito que não vão encontrá-las, a não ser que Freyja transforme em vaniria à noiva do Shrek e a clone.

—Não podem ser tão feios —murmurou Miya com um sorriso dissimulado nos lábios.

— Inferno que são! Verão.

—Isso é impossível —disse Bryn. — Freyja, Frey e Njörd mudam geneticamente todos os guerreiros convertidos e outorgam várias virtudes, entre elas a de atrair fisicamente às pessoas, quer dizer, dá-lhes beleza.

—Bom, estes três atraem muito, não vou dizer que não —esclareceu ele dando um gole em sua cerveja. — Mas são... porra, são feios e ponto.

Depois de compartilhar novas revelações sobre a fealdade desses peculiares vanirios e de soltar alguma outra gargalhada, Róta, que estava pensativa sobre a situação de Buchanan e Anderson, perguntou:

— Podem sobreviver sem suas companheiras quando já se vincularam? — Engoliu com dificuldade uma bola de arroz com abacate. Podia um vanirio sobreviver à morte de sua companheira? Se ela morresse, Miya não ficaria dolorido? “Pois vá à merda”.

—Não duram muito —respondeu Ardan. — Ficam loucos; é como se fossem drogados sem sua heroína, e, infelizmente, não podem se desintoxicar. Não acredito que seja fácil aguentar todo esse desespero. A sede os mata e acabam caindo, se entregando a Loki.

Róta sorriu mais tranquila.



—Perdi meu melhor amigo recentemente —assentiu com tristeza Miya, compreendendo as palavras de Ardan. — Não quis as pastilhas. Sacrificou-se porque já não tinha vontade de viver sem sua Sharon. Mas aguentou muito porque... Ren era... — olhou de lado para Róta — muito poderoso de mente e vontade. Infiltrou-se nas filas dos vampiros de Chicago e era nosso informante. Mas sabia que não ia aguentar muito mais. Bebia sangue e...—apertou os dentes ao recordar de seu amigo de cabelo espetado e mechas loiras. — Graças a ele descobrimos Khani e o paradeiro dos totens e dos reféns. Ren tinha duas opções; estava a um passo de ir para a escuridão. Ou morria ou se convertia num puto vampiro. Sua honra decidiu. Assim que se sacrificou.

—Sinto sua perda, Miya. —Ardan disse com sinceridade e reverência. — Não quero perder meus companheiros. Estão comigo desde que me devolveram ao Midgard.

Róta escutou com atenção o relato de Miya. Oxalá um dia ele pudesse falar assim dela. Embora o samurai não acreditasse, também tinha honra e dignidade. E era fiel aos seus.

Bryn e Gúnnr lustravam suas *bue*, as pulseiras que usavam nos pulsos e que se convertiam em arcos precisos com flechas mortais feitas da essência dos trovões. Bryn levantou o olhar azul e estremeceu quando sentiu os olhos de Ardan fixos nela. Sempre que ele dizia que “O devolveram ao Midgard”, ela gelava.

— Veem o que estou mostrando? —Continuou Ardan. Na tela saía uma imagem completa do River Ness e do lago. Engoliu um pedaço de frango teriyaki. — Essas luzes verdes de alerta são os clientes do BDSM do ESPIONAGE.

— Os humanos que gostam que os açoitem? —Róta saboreou o Yakisoba, um macarrão delicioso que tinha couve, cominho, cenoura, bambu, sementes de sésamo e um monte de coisas ricas. Sorriu se deleitando no sabor e pigarreou para acrescentar: — Samurai, você é muito insípido— disse diante de todos, — mas este macarrão japonês tem o molho da vida.

—Coloque isto—Miya ofereceu molho tonkatsu, e ela o aceitou sem se olharem nenhuma só vez, sob a atenta supervisão da General, que se sentia igualmente incômoda com Ardan como seu amo e senhor.

—Exato —respondeu Ardan à pergunta que a Valkyria fez. — Os verdes são humanos e os vermelhos os escravos de sangue que nos visitam. Todos têm um número identificador, e estudamos seu comportamento repetitivo. Recentemente pusemos em prática esta ideia e esperamos logo ter resultados que nos facilitem a busca dos vampiros líderes e seus conclaves.

—Há muitos vermelhos—observou Gúnnr acariciando o pendente de Mjölnir.

—Sim, mas todos dispersos.

— Quando poderemos seguir o rastro dos chips que extraíram de Johnson e Róta? — Perguntou Miya.

—Espero que logo —Ardan reafirmou as pulseiras que usava como munhequeiras. — Nos facilitaria muito o trabalho para encontrar os computadores centrais que os controlam, e isso implica localizar suas sedes. Cairia como uma maravilha.

Steven, o berserker, entrou no búnker com um sorriso de orelha a orelha, o topete impertinente muito rígido e os olhos amarelos cheios de alegria.

—*Laird*, olhe o que trouxe —disse triunfante.



Atrás dele, Johnson caminhava arrastando os pés, ainda morto de sono e com cara de cansado. Usava uma camiseta de manga longa dos Glasgow, que era de Ardan e cobria todo o seu corpo. Esfregou os olhos e elevou a cabeça para olhar todos ali presentes.

Primeiro sorriu fracamente para Gúnnr e Gabriel e deslizou com precaução até Róta. A Valkyria também sorriu e ele esperou que ela fizesse alguma bajulação. Sofreu uma descarga da poderosa Bryn! Pelo menos que reconhecesse sua coragem!

Miya observava com assombro a cena. Johnson era um híbrido e não temia Róta; criou-se uma forte empatia entre eles. Era uma imagem muito terna e também muito contraditória para ele.

—Sei que agora se sente como este frango — mostrou a tigela cheia de teriyaki, — bem frito, verdade? —Johnson riu e pegou um pedaço do que Róta oferecia. Esta lhe pôs a mão sobre a cabeça e acariciou o cabelo raspado com o gesto cheio de admiração do pequeno. — Entendo, me sinto igual. Nos foderam por todos os lados, né, mudo —Sua voz soou terna e pormenorizada.

O pequeno assentiu e olhou ao seu redor. Saudou Miya com um assentimento de sua cabecinha. Este respondeu chocando o punho na palma de sua mão e se inclinando com uma reverência samurai.

—Sensei — o saudou em tom de brincadeira.

O híbrido pôs uma mão sobre o joelho de Róta, coçando a panturilha com o dorso do pé esquerdo e procurando contato visual com Bryn. Ruborizou por completo quando a viu. Envergonhado, cobriu timidamente o corpo no cabelo vermelho.

—Traumatizou o filhotinho —grunhiu Róta a olhando furiosa. — Foge, Johnson, foge — disse baixinho. — É um dragão e come meninos como você!

Bryn limpou a garganta. Sabia que tinha que fazer algo para que o menino não tivesse medo dela.

—Johnson gosta de Bryn. Além disso, o menino parece orgulhoso de ter recebido uma de suas descargas.

Bryn aceitava tal afirmação e se vangloriava disso, e Róta sabia que era verdade. O pequeno sentia uma estranha predileção pela loira.

—Eu disse que não era frouxo. Só foi como um beliscão em você, verdade? —Perguntou Bryn procurando cumplicidade.

Johnson encolheu os ombros num gesto que devia dizer “Sempre poderá fazer o que quiser, princesa loira”.

—Halo, Johnson²⁷.

O menino deu a volta e levantou a cabeça tudo que pôde para localizar o rosto daquele gigante moreno com piercing no rosto e duas tranças escocesas. Sim, sabia quem era. E sim, passou dois anos esperando que o resgatasse. Engoliu o que tinha na boca e deu um sorriso de autêntica alegria.

—Cíamar a tha thu?²⁸ —perguntou Ardan com voz rouca pela emoção e os olhos marrons úmidos.

²⁷ Halo: Significa “Olá em gaélico”.



—Leee...d —enrouqueceu. Johnson abriu os braços para receber o abraço de urso de Ardan.

O Highlander cravou um joelho no chão e abraçou o pequeno com todo carinho e felicidade que sentia nesse momento. O absorveu como uma esponja seca que precisasse de água.

— *Tha mi duilich*²⁹ —grunhiu Ardan acariciando a cabeça do menino. — *Tha meu duilich, mo Johnson...* Não pude te proteger. Perdoe-me.

Róta olhou para o outro lado. Aquela mulher era um esboço.

Sim. Róta tinha razão. Já não podia entrar em sua cabeça porque ela não permitia. Era muito poderosa e aprendeu a ler sua mente com muita rapidez e efetividade. Entretanto, sim que podia sentir suas emoções, e Miya captava que a garota estava enternecida pela cena. Talvez sua presença pudesse acalmá-la. Onde estava a maldade da Róta aqui?

A maldade que viu no quarto, quando ela se colocou em sua cabeça e virtualmente o enlouqueceu com seu pouco respeito e sua ira. Lá notou o caráter e a coragem, a vontade de vencer. Mas, isso era maldade?

Não obstante, agora estava afetada por ver Ardan chorando com Johnson nos braços. E Miya se sentia mal por julgá-la.

Porra, queria se ajoelhar e abraçá-la. Dizer que se quisesse chorar, podia fazê-lo em seu ombro e ninguém a veria derramando lágrimas que causavam vergonha.

Nesse momento tão íntimo entre um tio e seu sobrinho, a tela com a imagem GPS dos escravos começou a emitir um alarme.

Steven se aproximou do computador e arregalou os olhos.

—Laird, há cinco escravos de sangue juntos —murmurou o jovem berserker enquanto aproximava o zoom da imagem.

Ardan tomou Johnson nos braços enquanto este secava as lágrimas com o antebraço e afundava o rosto no pescoço de seu tio. Aproximou-se para revisar o programa.

—Porra, é verdade... Onde é?

—Entre o Fort William e Inverness —Miya parou na frente da tela.

—Perto de Drumnadrochit —inquiriu Steven assombrado.

—Isso é no Lago Ness —Ardan arranhou o queixo enquanto misturava as possibilidades e as probabilidades diante deles.

Róta secou a boca com um guardanapo e acariciou sua *bue* direita.

—Quando vínhamos nos carros para cá, vi um par de pôsteres anunciando um evento noturno desse Dumbledor.

—Drumnadrochit —a corrigiu Bryn. — Dumbledor é o professor de Harry Potter.

—Sim, o que quiser. O que vi no pôster é algo relacionado com uma espécie de autocine.

— Isso! —Exclamou Steven. — Estão no descampado do castelo Urquhart! Esta noite passam temática escocesa para os turistas. Passarão *Braveheart*.

²⁸ Ciamar a tha thu: Significa “Como está?” em gaélico.

²⁹ Tha meu duilich: Significa “Sinto” em gaélico.



As três Valkyrias suspiraram ao ouvir esse nome. E três homens entortaram os olhos.

—Esta noite toca épica —murmurou Miya para Ardan. O highlander assentiu divertido.

Gabriel pegou todos os pertecens. Colocou a bolsa com todos os seus dispositivos e terapias de choque e disse:

—O entardecer está perto. Se preparem. Vamos por William Wallace.

CAPÍTULO QUINZE

Urquhart Castle

Havia uma grande multidão de carros reunidos naquele lugar contíguo às bordas do Lago Ness. O entardecer deu lugar a uma noite aberta e estrelada. A lua em quarto minguante estava sobre o lago, iluminando suas águas e refletindo-se nelas, dando-lhe a magia da qual essas terras escocesas se vangloriavam.

Estacionaram seus carros e se misturaram com a multidão. Uma tela monumental era o alvo do projetor que colocaram sobre uma plataforma móvel. As pessoas aclamavam Mel Gibson que interpretava o inesquecível William Wallace, o rebelde escocês líder da revolta popular contra o rei Eduardo I. Estavam no momento no qual o clã Wallace mostrava as nádegas brancas aos ingleses que queriam se apoderar da Escócia, já que o último rei não teve herdeiros que o sucedessem ao trono.

Posto que o Gazana chamava muita atenção e já foram perseguidos e reconhecidos por ele, Miya e Róta decidiram ir com o Jipe Wrangler de Ardan. Gabriel estava em outra área do descampado junto com Bryn e Gúnnr no interior do Hummer, controlando com o computador do SUV os sinais dos localizadores dos escravos. Pela quantidade de pontos vermelhos, estavam rodeados, não havia dúvida. Por que estavam alí? O que ia acontecer?

Steven e Johnson ficaram no búnker. Steven não queria se fazer de babá, mas sabia que para Ardan era muito importante que alguém de confiança ficasse com seu afilhado e se orgulhava que o laird o escolhesse. Seria sua missão mais importante.

O samurai fazia uma varredura do lugar enquanto, sentado junto à Róta sobre o capô do Jipe, escutava Ardan falar desse lugar.

—Antigamente —explicava o *einherjars*— esta área era conhecida como *As terras de Airchartdan*, um conclave originário dos pictos do norte. Erigiu-se uma fortificação sobre o século IV que logo foi moldada como castelo pela família Durward, e daí passou às mãos de Eduardo I, membros do clã Chisholm, o Conde do Ross, os Grant, os MacDonald, os *covenanters*... No século XVI foi destruído pelos ingleses, e desde então está em ruínas.

Róta olhou os pedaços do que restava do Urquhart. As ruínas e as coisas velhas a deprimiam. Ela preferia o novo e o moderno, mas não podia negar que a torre da comemoração banhada pela luz da lua, acompanhada pelo aroma de grama úmida e a água doce a deixavam tola e melancólica, e a faziam pensar em histórias de princesas, dessas das que ela tanto ria.



Grande plano. Encontrar seu *einherjars* no Midgard tinha encolhido seu estômago. Deitar-se com ele foi um crasso engano. Mas sentir coisas pelo samurai, coisas que não entendia nem controlava até sabendo que ele não pensava bem dela, era o pior que podia acontecer.

Ouviu que as mulheres humanas quando estavam menstruadas, sensibilizavam-se muito, e que quando estavam grávidas, os hormônios tornavam-nas bipolares. Ela não teria nenhuma coisa nem outra, mas Miya era como um sofrimento de ambas e alterou a química de seu corpo.

Ardan colocou o comunicador com toda a dissimulação que foi capaz.

—Meninos, coloquem o fone de ouvido —disse em voz baixa, pressionando-o contra o tímpano.

Miya e Róta já o tinham colocado desde que saíram do Jipe. Tinham que fazer algo durante o trajeto para não ter que se falar nem dirigir a palavra. Revisaram suas armas, seus iPhone, suas *bue* e suas katanas... Tinham no cinturão uma bolsa com terapias de choque se por acaso os vampiros decidissem jogar sujo e paralisá-los de algum modo com outro tipo de estratégia de baixos recursos, e verificaram mais de dez vezes.

—Fiquem nesta área — “Esta zona”, conforme Ardan, era a área dos fundos mais retirada da tela— Daqui poderão ver todos os movimentos estranhos e nos alertarão. O *Aingeal* e Gúnnr ficarão no centro e se moverão para onde eu disser.

— Avisou os vanirios de seu clã? —Miya olhou ao redor com interesse. Era muito importante que estivessem aí, preparados para enganar às mentes dos humanos e preparados para modificar a realidade do que ali pudesse acontecer. Ele não podia fazer tudo enquanto lutava e defendia Róta.

—Claro. Observem. —Levantou seu braço com o iPhone na mão, o dirigiu para a outra borda e ativou repetitivamente o flash da câmara. Do outro lado, entre as espessas árvores que delineavam o perímetro do lago, outra luz branca também piscou— Dois deles estão ocupados com os localizadores e também se puseram em contato com Isamu e Aiko, tal e como sugeriram, para averiguar como destruir os esporos que criam os purs e os etones —inspirou profundamente— Veremos se esta noite vemos algum. Minha gente do *Eilean Arainn* está em contato com o foro que acontece em Black Country. Se estivermos todos informados sobre tudo, temos mais possibilidades de sair vitoriosos.

—E Bryn? —perguntou Róta tocando o fone de ouvido— Ela estará com você?

Ardan assentiu com contundência e isso a tranquilizou.

Não era que estivesse preocupada com ela, mas se sentiu bem ao saber que o highlander ia brigar ao lado da General.

Ele era uma ameaça por si só. Nas vezes que o viu lutar no Valhala a deixou boquiaberta. Ardan elevava a expressão “torturar a todos” a outros níveis. Róta sempre pensou que, se o líder dos *einherjars* não chegasse, Ardan seria o perfeito comandante. E teria tido a companheira ideal com ele: a General.

Mas Bryn fodeu tudo, sobretudo com ele.

—Cuide dela. — ordenou Róta em voz baixa, para surpresa de Miya.

—Pensava que a odiava —disse o samurái, aturdido.



—Se Róta a odiasse, já tinha acabado com ela —assegurou Ardan dando meia volta para ir até Bryn— você já estaria morto, colega. Não sabia disso, samurái? Com Róta não há meias palavras. Ou a agrada e vive, ou não gosta de você e morre.

Róta ignorou esses comentários e destacou:

—Cuide dela Ardan. Não estarei ao seu lado brigando e é uma temerária e uma selvagem que se cega e não vigia suas costas. Tem que fazer isso por ela.

— A quem me recorda? —Ardan sorriu e piscou um olho para ela.

A valkyria fixou a vista nas largas costas do guerreiro enquanto desaparecia entre a multidão. Ambos ficaram em silêncio um bom momento.

Ela olhando para um lado e Miya esquadrinhando a multidão. William continuava fazendo das suas na grande tela, mas se aproximava o final pelas mãos de seu verdugo.

— Agrado você? Por isso continuo respirando? —Miya colou sua coxa à dela. Cheirá-la era como uma experiência religiosa.

Silêncio.

Róta, que não podia deixar de se emocionar quando Wallace gritava “Liberdade!” em meio da agônica morte que sofreu, esfregou o queixo na gola de pele do colete e deu de ombros.

—Da cintura para baixo me agrada.

Miya se pôs a rir, mas o dissimulou desviando os olhos à tela.

—Não é boa ideia que se feche, Róta —o samurái se aproximou mais dela até que as extremidades de seus corpos colaram como ímãs. Sua valkyria se emocionava por um filme? Mas, que diabos estava acontecendo?— Se me separar de sua cabeça, não só se colocará em perigo, mas porá em perigo os demais.

—Se Seiya quer me usar para algo, que venha. Agora já estou preparada e não vai poder brincar com minha cabeça.

Sem que ela esperasse, Miya a agarrou pelo queixo e a obrigou a olhar seu rosto. Apertou tanto suas bochechas que seus lábios se moveram como os de um peixe.

—Esta manhã se assustou quando recuperou a consciência e me viu com o bisturi. Continua tendo fobias. Continua estando indefesa! — Espetou furioso— Não enche minha paciência, mulher. Não tenho tempo para te perseguir!

Róta não sabia se o beijava ao ver sua sincera preocupação ou se o matava por ter toda essa precaução e esse receio por ela.

Não quero que me persiga, veja se isso entra nessa cabeça com ascendência japonesa que tem. Quero que me deixe agir ao meu modo. Quero que seja sincero comigo.

Miya abriu os olhos e suas pupilas se dilataram. A voz da Róta estava em sua mente. Falava com ele mentalmente e o sentia como uma carícia íntima e pessoal. Essa valkyria era muito inteligente e surpreendente. Encontrou o canal de comunicação telepática entre eles sem dificuldade alguma.

Os cílios mogno de Róta bateram como asas e seus olhos se encheram de consciência ao sentir seu *einherjars* tão perto, ao se tocar mente com mente e cheirar o coco em sua pele, em seu fôlego. As presas arderam, e umedeceu os lábios.



Miya ficou absorto nela. Com o cabelo solto, os olhos tão grandes e felinos, aquele rosto tão sexy, e o colete de visom parecia uma viking.

Viu a ponta rosada da língua de sua mulher que passava por seu carnudo lábio inferior, e abaixou para capturá-la com os dentes.

—Róta, eu queria poder explic...

Nesse momento, Gabriel falou pelo comunicador:

—Meninos, os escravos se reagrupam.

Ambos olharam seus respectivos iPhone e observaram o radar. Se dividiram em dois grupos. Uns se dirigiam às barracas brancas que atrás das telas, e os outros se aproximavam das bordas do lago. Quando acabasse o filme, seria celebrada uma festa exterior com música. As tendas eram para servir bebidas aos assistentes.

Róta se elevou apoiando-se em suas palmas e localizou os escravos que se uniam numa colina na borda do Lago. Eram pessoas normais. Não havia nada estranho neles: só suas roupas escuras, sua tez um pouco pálida e sua atitude um tanto sinistra, mas fisicamente, passavam inadvertidos. Mordeu o lábio e tentou entrar na mente de um deles.

—Não o faça —a advertiu Miya ao se dar conta de sua concentração.

— Por que? Assim saberíamos o que tramam.

—Os escravos estão ancorados à mente de seus doadores. Se o vampiro for muito poderoso, nota qualquer intrusão na cabeça de sua marionete. Existe a vinculação, entende? Em Chicago pudemos mudar os padrões mentais dos escravos porque ali todos bebiam de todos, e o mais poderoso era Khani. Além disso, tinha Ren comigo, e Ren nos deixava ver muitas coisas. Mas, se vasculhar na mente destes, pode interferir numa comunicação com seu amo vampiro. E o vampiro pode se dar conta que estão sendo vigiados. Jogaríamos por terra todo o plano.

Róta assentiu pouco a pouco.

—É como você e eu. Notou quando Seiya queria me usar e me deixar paranoica e o afastou.

—Isso.

—De acordo. Não o farei, então.

Miya respirou mais tranquilo. Era primordial que Róta o obedecesse e jogassem em equipe.

—Os vampiros sim podem ter comunicação direta com o líder de seu *aquelarre*. Recorda que Seiya falou pela boca dos nosferatus em Longniddry?

—Sim —recordou amargamente. — Mas Seiya não é um vampiro ainda.

—Não é. Entretanto, sua habilidade mental é muito eficiente. Ainda e assim não entendo como conseguiu... Certamente, fez algum intercâmbio de sangue com eles e por isso tem todos os nosferatus controlados.

Cada vez que ouvia o nome de Seiya, a percorria uma rajada de indignação e fúria difícil de controlar.

Miya saltou do capô e levantou o rosto para cheirar o que trazia o vento.

Esticou as costas e levou a mão para trás. Acariciou o cabo de sua chokuto e disse:

—Cheiro ovos podres.

Róta moveu as orelhas e alongou o pescoço até quase apoiar o queixo no ombro de seu *einherjars*.



—Vampiros.

—Prepare-se, valky —ordenou num tom tão carinhoso que por pouco a calcinha dela não caiu.

Róta balançou a cabeça. *“Este homem é tão inconsciente... Não sabe que, embora esteja zangada, quando me fala posso violá-lo”*. Sacudiu essas ideias de sua mente e deu um salto até cair no chão, ao lado de Miya.

Ambos fixaram o olhar no descampado atrás da tela gigante. O vento trazia o aroma dali.

Cinco homens e uma mulher vestidos com roupas muito elegantes se aproximavam do auto cine. Sim, eram vampiros. E sim, estavam procurando novas presas. Eram morenos, pálidos, esbeltos e tinham olhos muito claros, sem alma.

Não eram decrépitos como alguns vampiros com quem se encontraram. Se Khani tinha classe, estes também.

A mulher usava um coque alto muito apertado. Seu rosto de porcelana olhava o interior dos carros como se fossem um balcão com carnes de todo tipo. Dirigiu-se para as tendas, junto à um grupo de seguidores que estava lá. Miya e Róta viram como ela fornecia pequenos frascos. Quando todos os receberam, então se separaram e entraram entre os carros com a graciosidade de serpentes traiçoeiras. Outros ficaram no lugar, muito perto dos barmans.

— O que fazem? —sussurrou Róta.

Os outros cinco vampiros foram à borda, onde estava outro grupo de escravos. Se aproximaram deles com lascívia e cheiraram os pescoços com ferocidade. Os humanos consentiram, agradecidos por essa mostra de desejo primitivo.

Um dos vampiros se afastou do grupo.

—Estão vendo? —perguntou Ardam pelo comunicador.

—Sim —respondeu Miya— O que se afastou do grupo... O que faz? Está tocando a água?

Róta continuava com os olhos nos escravos que pululavam entre os carros.

Estavam esvaziando os frascos no interior de alguns veículos.

—Merda, Miya. Os estão drogando... Deixando inconscientes ...

— O que é o que tem na mão? —disse Miya muito tenso.

— Quem?

—Esse vampiro —a agarrou do braço e fez que olhasse o que ele estava vendo— Está jogando...

—Está jogando algo na água — concluiu Róta engolindo. —Miya, os ovos de purs e etones estão na água doce e...

Subitamente, a água que rodeava as terras de Urquhart e vários metros mais ao redor entrou em erupção. Como se houvesse um vulcão submarino que estivesse despertando. Borbulhas de grande tamanho saíam à superfície, e explodiam pela pressão.

—Engel —Miya agarrou o comunicador e o pressionou contra o ouvido.

—Estão jogando algo nas bebidas. —advertiu Bryn.

Havia muitas áreas em aberto. Róta deu uma olhada nas barracas e viu o que a General via.

—Merda, mas, o que pretendem? Querem comer todos que estão aqui?



O filme acabou e as pessoas começaram a fazer soar as buzinas dos carros e ligar e desligar as luzes altas e baixas. Aclamavam o filme, mas ignoravam a realidade que os rodeava. Enquanto saíam os créditos na tela, a música ensurdecadora do tema *We found love* de Rihanna esteve a ponto de arrebentar os tímpanos dos presentes, mas em vez de os intimidar, incentivou as pessoas a saírem de seus carros aplaudindo e se dirigindo às barracas.

— Bryn e eu vamos às barracas! — comunicou Ardam.

— Outros à borda, agora! — gritou Gabriel pelo comunicador.

Mas nada seria tão simples.

A imagem dos devoradores puros e etones saindo da água, viscosos, gelatinosos, terríveis e sedentos de violência, nunca seria apagada da mente de Róta. Os etones eram como gatos negros sem cabelo. Tinham olhos amarelados e presas brancas que apareciam entre o que parecia uma boca. Eram do tipo reptelóide, mas de pele negra e gosmenta, com uma língua viperina repugnante.

Os puros tinham a pele clara e mucosa e olhos muito negros. E saíram em massa com um rebanho.

Miya soube que tinham um problema quando viu que o Lago Ness estava infestado de ovos e de esporos de...

— Devoradores! — Gritou Róta com os olhos vermelhos, subindo ao teto do Hummer — Os etones controlam as mentes, Miya — disse preocupada. — Tem que tirar as pessoas daqui.

— Liguem os dispositivos de frequência inversa. Estão nas pochetes. — Ordenou Gabriel com tranquilidade pelo intercomunicador.

A valkyria e o samurái o fizeram ao mesmo tempo.

Os homens que olhavam o Hummer com interesse começaram a animá-la e a dizer todo tipo de obscenidades.

— Ei, bonita, suba aqui! — Gritou um destacando a virilha. — Dança para mim, neném!

Róta o ignorou, pois estava concentrada no que se aproximava pelo lago. Entretanto, Miya agarrou o indivíduo pelo peito da camisa e o empurrou até que tropeçou e caiu ao chão.

— Suba aqui você — respondeu, levando a mão à virilha, perdendo toda a lenda e elegância samurai. Porra, não suportava que os babentos a olhassem.

Então, de longe, ouviu a tímida e serena voz de Gúnnr gritar:

— Pai!

Quando Róta viu a réplica do Mjölfnir voar pelos ares até impactar duas cabeças de etones, seus olhos mudaram da cor celeste ao vermelho.

A guerra começava.

Que incrível era ver Gúnnr saltando pelos ares e lançando o mesmo martelo que o deus do trovão. Uau, era alucinante.

— Tem que tirar as pessoas daqui! Que peguem seus carros e partam! — gritou Gabriel.

— Róta! A tela! — exclamou Bryn.

A valkyria olhou à frente, elevou a mão e despertou sua fúria interior.

De sua palma emergiu um raio vermelho que impactou no cinema, provocando milhares de chispas que fizeram arder o imenso biombo.



As pessoas, ao verem o espetáculo, gritaram assustadas. Muitos se meteram em seus veículos a tropeções, com choques descontrolados em qualquer parte, saíram das cercanias do castelo e pegaram a estrada.

Mas sabia que havia gente que não poderia fugir porque os vampiros já os drogaram.

— As bebidas, Bryn! Que ninguém beba delas!

— Estou nisso, valkyria! — respondeu a General.

As barracas foram misteriosamente eletrocutadas. Os barmans fugiram sobressaltados e as garrafas cheias de bebida explodiram. Os vidros voaram por todos lados, o álcool manchou a roupa e rostos dos humanos; e aí estava Bryn, com esse halo de autoridade ao seu redor, lançando raios pelas mãos. As pessoas fugiam dali cheias de pavor.

Róta sorriu e lambeu os lábios. Adorava o caos. E aquilo era o caos.

Desceu do Hummer dando uma cambalhota no ar e, quando tocou os pés no chão, encontrou com a vampira elegante e outro que tinha aspecto de mordomo. A vampira mostrou as presas e se lançou com as garras para ela.

Róta esquivou do primeiro golpe, mas não do chute nas costelas dado pelo mordomo. Não obstante, este ficou imóvel ao sentir a lâmina afiada do samurái atravessar seu coração com agilidade.

— Isso é tão selvagem. — Sussurrou Róta feliz, segurando o lado. Adorou essa amostra de poderio e violência.

A vampira a impactou contra o Hummer com uma força brutal, Róta soltou uma gargalhada e, quando a nosferatu se aproximava para arrancar sua jugular, a valkyria lançou um raio em toda a cabeça.

— Vou te fazer uma cirurgia, sacana. — Murmurou raivosa.

Torrou sua cabeça e os gritos da vítima soaram como música celestial para ela. Logo, numa velocidade supersônica, afundou os dedos no peito e esmagou seu coração.

Miya só pôde admirar a agressividade na batalha dessa mulher.

Não hesitava. Não titubeava, e pior, desfrutava matando.

Seus olhos vermelhos se fixaram nele. Ela tinha uma salpicadura de sangue no queixo, a secou sem mostrar nenhum indício de repugnância.

Miya, por sua vez, elevou a espada e com os dedos limpou o sangue do vampiro da lâmina.

Ambos sorriram e assentiram. Juntos formavam uma boa equipe na guerra. Sua matéria pendente era o amor.

— Vamos cortar cabeças, *Heiban* — disse, colocando-se ao seu lado.

Róta e Miya correram até a borda enquanto esquivavam dos carros que se afastavam dali como almas perseguidas pelo diabo. Corriam com os corpos inclinados para a frente, saltavam por cima dos capôs ou rodavam sobre eles com as costas até cair em pé. Os faróis os iluminavam e ninguém pôde apreciar nem a beleza de seus movimentos nem sua estranha natureza. Os humanos só queriam fugir dali e salvar suas vidas.

Ao contrário, esses guerreiros que vinham dos deuses ficariam para lutar em seu nome.

As flechas de Bryn atravessaram o coração de dois etones.



Ardan cruzava suas espadas e os decapitava. Era tão forte e lutava com tanta raiva que parecia enlouquecer. Suas tranças negras davam inclinações bruscas para todo lado e gritava cada vez que uma de suas espadas cortava uma extremidade de um devorador.

— Asynjur! — gritou Róta olhando o céu. Um raio rodeou seu pulso e a elevou pelos ares a vários metros de distância da grama.

Miya empreendeu voo e a seguiu. Maldita Valkyria que era sempre independente.

— Juntos, Róta! — pediu Miya exasperado.

Ela sorriu enquanto deixava ir o raio e caía, apoiando as mãos no chão, entre dois purs. Agitou a *bue* do pulso esquerdo e materializou o arco Valkyr. Golpeou um purs num olho com o extremo, e o arrebentou.

Gritou e pôs a palma da mão a poucos centímetros de seu peito para lançar uma descarga elétrica que o lançou pelos ares, bem onde estava Miya a controlando, o qual agarrou o purs no voo e fez uma chave de *pressing catch*, partindo sua coluna imediatamente para logo lançá-lo enfraquecido no chão.

Róta sorriu abertamente e moveu as orelhinhas, contente pela cooperação que faziam. Agachou para não receber o golpe que queria dar no outro purs com sua espada, e quando ia levantar para esmagar o crânio e degolá-lo, um braço gelatinoso emergiu da água e a agarrou pelo pescoço.

A baba que expectoravam os purs era como ácido que queimava a pele. Róta sentiu como atravessava os músculos do seu ombro, queimava e rasgava a pele do pescoço. Gritou, compungida pela dor.

Miya caiu sobre o purs que a sujeitava. Afundou-o na água e atravessou sua cabeça com sua chokuto até arrancá-la do corpo. O samurái a abrigou contra seu peito, agachado sobre ela e lançando olhadas assassinas a quem se aproximasse um palmo do corpo da valkyria.

Manteve-a agachada quando viu que a Mjöltnir cruzava o ar dando voltas como um bumerangue e fritava três etones de repente.

Gabriel e Gúnnr abriram suas asas e levitaram no céu. Um tinha asas azuis, a outra vermelhas. Eram lindos os dois, e muito especiais. Um espetáculo de cores de fantasia só apto para a visão dos não temerosos.

A Mjöltnir retornou à mão de Gúnnr e esta encarou dois vampiros que voavam para onde se encontrava. Lançou o martelo de novo, que acertou totalmente na cabeça de um deles. Gabriel fez chocar suas espadas de *einherjars*, como se comprovasse que funcionassem bem e que o som das lâminas era adequado, e cortou a cabeça do vampiro que nocauteou Gúnnr. Entre os dois se encarregaram do outro nosferatu.

Na água, Miya ajudou Róta a levantar.

— Acima — ordenou ele.

Róta agitou a outra *bue*, e amarrou três flechas iridescentes.

— Abaixo — replicou ela ainda dolorida pelo ácido do purs.

O samurai obedeceu, e pôde escutar como essas flechas cortavam o vento e impactavam no corpo de um purs que corria para Miya articulando sons aberrantes pela boca.

Miya olhou por cima do ombro e logo levantou. As Valkyrias eram arqueiras impecáveis.



Os etones e purs não paravam de sair da água.

— São muitos! — gritou Ardan, quebrando o pescoço de um eton que tentava morder Bryn— Maldição, Bryn! — gritou nervoso— Nunca olha atrás de você!

A General girou com olhos vermelhos, mostrando os brancos dentes e cheia de fúria valkyria.

— Não tenho olhos na nuca, ilhéu! — agachou para que não impactasse com um dos raios que Róta lançou. Adorava chamá-lo assim, era como menosprezar o significado do highlander.

— No chão! — Ardan a abraçou pela cintura com as pernas, antes que um purs quisesse dar um abraço de urso na valkyria.

O poderoso corpo do *einherjars* a agasalhou e ficou sepultada sob quilos e quilos de músculos. O golpe a machucou na nádega direita; uma das pedras escuras que havia nas bordas do Lago Ness cravou-se nela. As lágrimas foram aos seus olhos. Lágrimas de raiva e também de dor física.

Gemeu e apertou os dentes.

— É um animal! Afaste-se!

Ardan se separou dela de um salto e lançou um olhar caramelo furioso. Não ia se separar dela até que acabasse a fodida briga.

No céu, o Engel deu-se conta de algo importante.

— A água. A água! — gritou Gabriel descendo à borda ao mesmo tempo que atravessava o peito de um eton de repente.

Era impossível acabar com eles. Os etones e os purs se multiplicavam.

Róta estendeu as asas e agitou sua vermelha cabeleira enquanto lançava seus raios, que eletrocutavam cabeças que tentavam sair à superfície.

— Vamos, Róta!

A Valkyria olhou Gabriel e franziu o cenho. O que dizia?

— Vamos! — repetiu o Engel com o cabelo loiro e comprido úmido, cortando cabeças em qualquer parte e assinalando o céu.

Róta agitou as asas e empreendeu voo até colocar-se vários metros por cima do lago, dos purs e dos etones. De repente entendeu o que Gabriel pedia. Mas teria mais efeito se Gúnnr e Bryn a ajudassem.

— Gunny! Sobe!

A filha de Thor levantou a vista, martelo na mão, e sem pensar duas vezes empreendeu voo até se colocar-se ao lado de sua *nonne*.

— Bryn! — Gúnnr a chamou para que também fosse.

Os olhos da General clarearam quando viu suas irmãs juntas, a esperando. Jogou o pescoço atrás e gritou movendo suas orelhas bicudas:

— Asynjur!

Um raio que emergia das profundidades do Universo se enredou em seu pulso como uma língua elétrica e a lançou pelos ares até levá-la até Gúnnr e Róta.

As três Valkyrias esquadrinharam a área pela qual saíam os jotuns.



Os purs e etones emergiam do mesmo lugar. Não abrangiam muitos metros, e as borbulhas só apareciam pela borda.

Bryn se segurou à linha elétrica. Seu cabelo loiro se agitava movido pela energia eletrostática e também agitava o cabelo moreno de Gúnnr e o vermelho de Róta. Ela não tinha asas, assim para evitar somente usava os trovões.

Miya, Gabriel e Ardan as olhavam aniquilados entre o respeito por ver as três guerreiras tão poderosas juntas, e a responsabilidade que suportava o poder de tê-las como companheiras.

Havia homens que se assustavam diante do poderio feminino, homens que nunca se atreveriam a lutar com mulheres fortes, bonitas e cheias de dons, por medo de não estar à altura. Por sorte, o samurai, o Engel e o highlander tampouco eram homens comuns.

—São um espetáculo, verdade? —disse Gabriel estufando o peito por sua Gúnnr.

Miya e Ardan se olharam com cara de poucos amigos e de “Pouco de acordo” também.

— Frite-os! Carreguem a água de eletricidade! —ordenou Gabriel. Com as pontas das espadas arrastando, escavando entre as pedras e seu porte de guerreiro alto e musculoso, observou a borda por onde emergiam os refugos de Loki.

A eletricidade que se serviam as Valkyrias também agitava seu cabelo loiro. Se as Valkyrias descarregavam sua fúria na água, isso faria que os esporos perdessem ar e que os ovos se abrissem e queimassem antes do tempo.

As três garotas olharam uma para outra. A *furie* das Valkyrias se manifestou em seus corpos. Pequenos raios percorreram suas pernas, torso e braços.

— No três! —ordenou Bryn se divertindo para valer.

—Um...

—Dois...

— Três!

Três raios de uma potência extrema e incomensurável brotaram das palmas das mãos das Valkyrias, zumbindo como um enxame de abelhas.

Era o som típico das torres de alta tensão, mas, desta vez, nascia dos poderosos dons das filhas da deusa Freyja. Impactaram no lago, fazendo os corpos dos devoradores recém-nascidos se torrar até se converter em cinzas. Permaneceram emanando raios vários minutos seguidos até que Gabriel levantou a mão e disse:

— Já chega!

A água do lago se movia como uma pequena maré, até que pouco a pouco recuperou sua serenidade e sua calma.

As três Valkyrias agarravam ar, um pouco cansadas pela liberação de energia.

—Bom trabalho —reconheceu Bryn as olhando com regozijo. Até que cravou a vista no pescoço e ombro de Róta, e ao ver as queimaduras e rasgões a alegria desapareceu.— Tenha mais cuidado, maldição! Olhe o que fez!

Róta agitou as asas e a olhou sem compreender sua atitude. Nem Bryn nem Gúnnr estavam em melhores condições. A guerra tinha essas consequências.

Todos receberam feridas. Inclusive os três homens que estavam abaixo também tinham seus arranhões.



Gúnnr, que estava no meio das duas, pendurou de novo o pingente de Mjölñir, agitou suas *bue* e olhou para ambas.

—Róta, Miya tem que te curar— disse com suavidade e tato. — Não gosto que a machuquem. Isso é o que queria dizer, Bryn? — girou para a General com inocência e compreensão.

Róta continuava sem replicar.

Bryn apertou os dentes e Róta também.

A General afastou o olhar de ambas e deslizou pelo fio elétrico até chegar à borda, onde Ardan a recebeu, o qual ficou em alerta quanto viu os cortes e golpes em seu corpo.

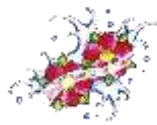
A de cabelo vermelho a seguiu com os olhos rubis. Duvidava que isso fosse o que Bryn queria dizer. Queria brigar com ela outra vez, fazê-la se zangar de novo... Mesmo assim, Róta sentia o mesmo que Bryn. A empatia não deixava que se afastassem uma da outra e sabia o que provocou nela ao levá-la até Ardan.

Que o highlander e Bryn estivessem juntos era um pouco de justiça para Róta e para qualquer valkyria ou *einherjars* que os conheceu no Valhala. Assim deviam ser as coisas. Bryn tinha a oportunidade de reclamar seu guerreiro.

Entretanto, Bryn não estava levando bem. À margem de sua raiva e ressentimento, Róta quis fazer Bryn pagar por tudo que fizeram uma a outra no passado e, entretanto, saber que a loira sentia-se tão mal não a fez se sentir melhor.

Genial. Estavam as duas exaustas. Róta não podia perdoar quando Bryn decidiu abandonar Ardan, não só estava quebrando o coração de ambos. Ela, como ser empático, também sofreria toda a angústia e dor de sua *nonne*. É o que fazem os empáticos. Sentem as emoções dos outros como delas: a alegria, a tristeza, a dor... E agora, depois de tudo, só conseguiam machucar uma à outra, como se não fosse suficiente a batalha contra os jotuns, como se tivessem contas pendentes.

E tinham.



Miya voou ansioso para ficar com Róta no céu.

Sua valkyria era um espetáculo tirado dos filmes de fantasia. Nem as feridas, nem o cansaço diminuíam sua disposição e atitude, e ela tinha muita. E, embora Róta fosse muito intensa em tudo, havia algo que não podia negar: nunca fazia nada pela metade.

—O feriram —disse ela agitando as asas e se aproximando dele. Cheirava seu sangue e a chamava como a luz às traças.

O samurái engoliu e seus olhos cinzas se tornaram prata.

—Você também. —Sentia suas feridas como dele e queria cuidá-las. Ardan e outros estavam preparados para ir ao búnker— Já vão para a casa do highlander. Temos os números dos localizadores dos escravos que estiveram hoje na festa.



—Fugiram todos. Por que não os capturamos?

—Porque não precisava. Acredito que os vampiros que liquidamos eram seus amos. Uma vez mortos, as mentes dos escravos se liberam de seu controle e ficam acessíveis para nós.

—Gosto quando são tão calculistas. Suponho que agora os procurará e tentará averiguar se algum deles está em contato com Seiya ou com Cameron.

—Sim, farei isso. Mas não agora mesmo. — A olhou de cima abaixo com cara de desejo.

Isso era o que ela queria. Róta precisava agir rápido. Se queria pôr em marcha seu plano, e agora que Miya parecia estar receptivo e tinha fome, tinha que usar todas as armas disponíveis sem permitir em nenhum momento que adivinhasse suas intenções, ou do contrário, negaria seu sangue. E sem seu alimento não poderia conseguir nada.

—Miya...

—Róta — a fez calar— Necessito que me cure, necessito do *helbredelse* das Valkyrias. Tem isso? —estendeu a mão direita e acariciou as asas tribais. Fascinante. Tocava-as e sentia um comichão parecido à carícia de uma pluma. “Filha do céu”, pensou com ternura.

Ela arqueou uma sobrancelha vermelha e abriu os lábios como se não soubesse o que dizer. Miya estava flertando com ela sobre a água doce do Lago Ness?

Isso sim era inesperado.

Alguém pigarreou:

—Ei, até mais tarde. —disse Gúnnr. Não lembravam que estava lá. Mordeu os lábios para não começar a rir e bateu as asas até chegar à borda, lançando olhares divertidos.

—Consegui a garrafa que carregava o líquido que provocou essa reação na água. Ainda há um pouco e teremos que... — as palavras se foram ao sentir que Róta se aproximava dele como uma fada, pressionava seus seios em seu torso e cheirava seu pescoço com um abandono fascinante— ... estu...dá-la. Os três vanirios do outro lado arrumarão tudo isto... —E faziam um favor tremendo, porque ele não serviria para nada, pois estaria pensando toda a noite na sede que sua valkyria despertava nele.

Róta não queria escutar nenhuma palavra mais. Três vanirios? Não os viu, nem sequer vieram dar uma mão! Ficaram do outro lado com seus jogos mentais... Se fosse por ela, que apodrecessem!

Tocou a pele da garganta de Miya com o nariz. Estaria mal se o mordesse ali mesmo e o mordesse? Era melhor controlar suas emoções ou Miya poderia chegar a descobrir o plano. Embora não fosse fácil, porque Miya era sinônimo de emoções desatadas para ela. Perceber o desespero de Bryn a fez se dar conta de quão afortunada era nesse momento ao estar tão perto de Miya. Poder dispor dele. Poder acalmar seu desejo era todo um luxo, e ela, tal e como mencionou Ardan, não tinha meias palavras: o que queria tomava. E ponto.

—Ouça, samurai. As batalhas não disparam sua adrenalina? — Ronronou desenhando um sorriso mortal de Mata Hari.

Miya a olhou com intensidade. As aletas de seu nariz se abriram e suas pupilas dilataram. Grunhiu, e como um viking meio desvairado, a agarrou pelos braços, e a levou dali.

Sim, estava louco. Róta definitivamente o deixou louco.



CAPÍTULO DEZESSEIS

— O que vai fazer comigo? —perguntou frivolamente.

Miya a abraçou contra seu corpo e a presenteou com uma dessas olhadas que faziam com que uma mulher ficasse toda arrepiada.

O samurai gostava de carregá-la nos braços. Ela podia voar, era algo que os dois sabiam, mas Miya considerava que não era boa ideia que alguém visse uma mulher de asas vermelhas e luminosas cruzando o céu noturno. O que era tolice, não? Como se os humanos alguma vez levantassem a cabeça para ver o lindo teto estelar que tinham.

—Primeiro, curar essas feridas, *bebī*.

Deuses, essa voz cheia de preocupação a desfazia.

— Onde me leva? —Róta acariciou o pulôver elástico negro que cobria seu torso. Sob esse tecido havia músculos cem por cento tonificados e um peitoral com um lindo felino tatuado que, todavia, protegia seu coração. Talvez, embora jamais tivesse perguntado, ele um dia poderia amá-la o suficiente para entregá-lo. O que sentiria ao saber-se tão valorizada e amada por outro?

O desespero de Miya raiava limites insuspeitos. Era por culpa dessa mulher. Saber que estava ferida, que a cheirava e a tocava nesse momento, que devia cuidar dela, que era tão poderosa e ao mesmo tempo tão perigosa para ele, fazia que estivesse todo o dia em alerta, com a adrenalina disparada.

Sua adrenalina não subia pelas batalhas. Sua adrenalina subia por Róta.

Quinze séculos sozinho.

Quinze séculos preso à sua disciplina e honra, com o único objetivo de ajudar os humanos e acabar com Seiya.

Quinze séculos esperando não encontrar sua companheira para que a profecia não desse lugar à reação de seu gêmeo pela segunda vez. Porque não queria voltar a sofrer e ter o coração quebrado como aconteceu no passado.

Quinze séculos de merda devido à aparição da valkyria, uma guerreira que, em apenas alguns dias, sobreviveu aos maus tratos do Newscientists, ao poder telepático de Seiya e a duas brigas. Mas mais importante ainda, sobrevivia a ele, ao seu caráter arisco e reservado.

Não estava sendo especialmente considerado com ela, reconhecia.

Mas até que não houvesse uma vinculação completa entre eles, não podia confiar em sua *Hanbun*. A quem queria enganar? Não confiaria nela até que Seiya morresse sob sua espada.

Róta dizia ser transparente. Ele tinha suas reservas a respeito, embora estava resultando ser uma companheira divertida e muito ativa e, além disso, tinha pontos ternos que nem ela reconhecia. Mas a realidade era que Seier e o Midgard estavam em jogo e não valiam os pontos fracos nem simpáticos.

Ele tinha Róta, Seiya tinha Seier. Estavam numa espécie de empate técnico. E ganharia um dos dois.



Se essa maldade que assegurava a profecia sobre Róta despertasse e fizesse que ela se decidisse a ir com seu gêmeo mau, Seiya ganharia. Se, pelo contrário, ele e Róta encontrassem a espada antes, ganharia o gêmeo bom. Ele.

E assim poderia matar Seiya e se abrir completamente à sua valkyria, pois já não havia risco de que escolhesse o mal. Com o mal exterminado, não havia motivo para que ela escolhesse.

Inclinou a cabeça e apoiou os lábios no cabelo da jovem. Cheirava a amanhecer, algo tão bom e único para ele que era pecado. Como o sol, mortal para sua natureza, mas ansiado. Sua amora.

Não ia permitir que acontecesse nada mal, isso jamais. Se encarregaria dela e a cuidaria. Mas se confiasse em Róta e ela o traísse não poderia superar isso jamais. Poderia tentar confiar nela. Poderia se deixar levar essa noite e dar uma parte dele que não deu a ninguém antes.

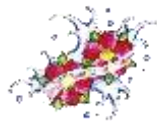
Nem sequer a Naomi. Poderia fazê-lo porque seus instintos exigiam. Mas... Se Róta menosprezava o que ia dar vendendo-o logo ao seu irmão, o arrasaria. Sabia porque antes de samurai e vanirio, era um homem. Um homem que quebraram; já feriram antes. E não hesitava em desconfiar.

Para começar, nessa mesma manhã, em meio a uma cena íntima entre eles, Róta o comparou com Seiya. Insinuou que não tinha a coragem nem a insolência que tinha seu irmão. Que faltava jogo para lutar com ela. Assim ele entendeu. E para cúmulo, depois de beber seu sangue, a habilidosa valkyria aprendeu a se fechar mentalmente.

—Kenshin... —sussurrou Róta acariciando o queixo com os dedos— Me leve para a cama. —Tinha as bochechas vermelhas pelo vento e pelo quente que se sentia. Não precisava se esforçar para seduzi-lo, saía naturalmente. Não fingia nada.

Miya sofreu uma tontura ao ouvir essas palavras tão sensuais e ao mesmo tempo tão simples. Que a levasse para cama, dizia a mulher. Ia leva-la, sem dúvida. E vendo o estado de excitação no qual se encontravam os dois, não seria nem terno, nem controlado. Porque quando uma garota o olhava como ela, com esses olhos felinos cheios de desejo e adoração, um samurai antigo como ele, seria capaz de dar o que pedisse. Quem ia dizer não a essa descarada beldade?

Ele? Impossível.



Chegaram à mansão de Ardan e entraram diretamente pelo balcão que Róta deixou aberto. Por sorte, a casa do *einherjars* era inteligente e possuía segurança de reconhecimento facial. Antes de descer ao *búnker* fizeram as fotos tridimensionais correspondentes pertinentes e por isso não soaram alarmes ao entrar em seu perímetro.

Assim que os pés de Miya tocaram as placas de madeira do amplo terraço, Róta girou em seus braços, rodeou seu pescoço com as mãos, e envolveu os quadris do vanirio para pressionar sua virilha contra sua ereção. A grande malvada sorriu e empurrou com força contra ele.

Miya mordeu o lábio inferior.



“OH, isso Deuses foi muito sexy”, pensou ela.

Segurou-a pelas nádegas e a massageou com as palmas, os dedos, caminhando com ela até chegar à cama.

Não acenderam as luzes. O vanirio levantou uma mão, as portas do balcão se fecharam. Róta esqueceu que sua raça tinha poderes telecinéticos, embora nunca fizessem ostentação disso. Preferiam o corpo a corpo, a honra.

Olharam-se fixamente e Miya deu um passo adiante até que a deixou cair em pé no colchão. Despiu-a pouco a pouco. As botas, o colete de amazona e o pulôver decotado caíram no chão. Os jeans e a pochete com as terapias de choque ficaram num canto daquela incrível cama King size. Tirou suas meias, enquanto beijava suas pernas com agonia... até que a deixou somente com um conjunto de roupa íntima arroxado com nós negro. O piercing do umbigo cintilava. Róta o tocou com os dedos esperando que o samurai começasse a se despir.

Como não o fazia e estava abobalhado a admirando, a valkyria pôs as mãos sobre suas bochechas e o aproximou dela para dar um beijo. Estendeu a língua e lambeu sua boca, ao que o samurai respondeu caçando-a entre os dentes e sugando com força. Ele a beijou, sem tocá-la ainda; beijou-a, saboreou e roçou o palato com a ponta de sua língua. Róta o acariciava com a dela, como se ambos quisessem se impregnar do sabor e da essência do outro.

—Embora seja mau comigo e duvide tanto de mim... Gosto muito de te beijar — sussurrou Róta sobre seus lábios. Passou os dedos pelo cabelo e o segurou pela nuca. Beijou-o de novo, pendurando-se nele como um coala.

Por todos os deuses do Japão! Os joelhos de Miya estavam se dobrando e seu pênis ia sair em disparada como um projétil. Era extraordinário sentir as mãos da valkyria sobre ele. Sua boca, seu corpo... Esse corpo que a deusa Freyja e a genética lhe deram. Gracioso, elegante, sensual. Os seios de Róta eram voluptuosos, mas sem serem exagerados; não obstante, de todas as Valkyrias que conhecia, era a que tinha mais. E tinha quadris e nádegas que pareciam ser moldadas por um escultor. Simplesmente sublimes. Vieram à sua mente as quarenta e oito posições do *Shijuhatte*, o Kama Sutra do Japão, e para tudo que queria fazer com ela inclusive faltava pouco.

A jovem deslizou os lábios por sua mandíbula, até chegar a maçã do rosto e logo ao lóbulo de sua orelha.

—Kenshin... Ouça, não vai me tocar? — murmurou com suavidade. Lambeu o lóbulo e logo o sugou com delicadeza— Quer que eu tome a iniciativa?

Miya tremia pela vontade de envolvê-la Mas temia por ela. Sim, era uma valkyria imortal, mas se sentia desenfreado por ela. Desenfreado como um cavalo selvagem que precisa correr sem saber para onde ir. Só correr.

Liberar-se.

—Tento manter o controle, *bebī* — tinha as maçãs do rosto tensas e as presas há pouco explodiram na boca. O coração estava disparado.

A valkyria acariciou seu pescoço com uma mão e a deslizou até seu peito.

—O coração do seu tigre está batendo rápido demais. — Disse divertida — Me deixe vê-lo.

Miya retirou suas mãos com menos tato do que pretendia. Tirou a jaqueta, lançou a chokuto no chão, logo tirou o pulôver elástico e depois o cinturão, botas e calças militares negras. Só ficou



com a cueca cinza ajustada, com a ereção que forçava contra o tecido e com o esplêndido tigre que, ciumento, resguardava seu coração.

Róta salivou e sentiu vontade de gritar. O corpo desse guerreiro recortado à luz da lua era como um sonho feito realidade. Tudo nele se encaixava com o que Miya era. Era ágil, esquivo, exótico e sensual; sombrio, de caráter pronunciado e cortante como seus músculos definidos; tinha costas muito largas e ombros muito desenvolvidos, perfeitos para ela, para se apoiar se precisasse; era belo.

Sim. Sua beleza a deixava sem respiração. Engoliu com dificuldade e passou a mão pela sua coxa esmigalhada pelo ácido do purs. Uma luz tênue e luminosa saiu de seus dedos e cicatrizou sua ferida. Afastou-se e exalou, rendida pela sensação que, depois dessa noite, ia se estragar para o resto dos mortais e imortais.

—Me abrace —ordenou ela apertando-se contra ele e sepultando seu rosto no espaço entre o ombro e o pescoço de Miya. Soaria ridícula? Já era duas vezes que pedia o mesmo.

Miya fechou os olhos e pouco a pouco levantou as mãos. Deu-lhe de presente uma terna carícia sobre o pescoço e ombro, e seu *helbredelse*, a cura dos companheiros que têm um *kompromiss*, agiu sobre a pele de Róta, fechando as feridas e queimaduras.

Ele desejou levar o controle durante toda a noite, queria demonstrar a Róta que era muito mais homem que Seiya jamais seria. Queria colocá-la a perder para o resto dos machos do Midgard e do Asgard. Mas, seus sentimentos eram muito avassaladores. Muito para ele.

E de repente, se encontrou rodeando com seus braços e cobrindo-a com seu corpo, sepultando-a em sua pele, gravando-a em sua alma.

“Isto está sendo muito intenso”, pensou ela estremecida, inalando o aroma de coco de seu cabelo.

“Isto vai acabar comigo”, pensou ele, afundando uma mão na juba dela. Fez que o olhasse e quando a beijou com todo seu coração — sim, seu coração, — o mundo desapareceu ao seu redor.



Miya a esmagou contra o colchão e se colocou entre suas pernas, para se esfregar contra ela. Ainda vestiam a roupa íntima e era muito excitante notar como se esquentavam.

Ele se apoiou sobre os cotovelos e a beijou, adorava saber-se bem recebido.

Merda, como beijava aquela garota. Colocava toda a alma nisso. Sua língua acariciava-o por todos os lados, seus lábios o sugavam no momento adequado e seus dentes o mordiam brincalhões.

Tocou-a por cada lugar e mais. Sua pele suave ardia contra seus dedos. Ele desabotoou o sutiã, mas não se desfez dele quando, com a boca e dentes, sugou o mamilo do piercing. Chupava, mordida, lambia... E fazia tudo minuciosamente. Não ia perder nada dela.

— Doe da primeira vez que puseram o brinco, *bebí*? —ele perguntou enquanto levantava a cabeça e movia seus quadris contra ela.



Róta o segurava pelo cabelo. Assentiu com a boca aberta. As presas apareceram entre seu lábio superior o avisando que, quando tivesse oportunidade, iriam se cravar nele.

— Sim, mas foi rápido. Logo eu mesma pude fazer isso no Seton e...

— Quanto doeu? — Olhou o mamilo com atenção e tocou o brinco e o rubi com a ponta da língua, umedecendo-o e estimulando-o — O que sentiu?

O que sentiu? De verdade queria saber?

— Uma espetada. Você... De verdade quer sabê-lo?

— *Hai*.

— Colocam algo muito frio em toda a aréola, seguram o mamilo com umas pinças e o atravessam com um alfinete. A mulher, Margarida, foi muito cuidadosa. E...

— Uma espetada como isto? — O samurái abriu a boca e capturou o mamilo com os dentes. Pressionou cada vez mais forte, controlando o limite da dor de Róta.

A valkyria puxou ar e fechou os olhos.

— Ai, deuses!

Estava a mordendo e de vez em quando dava leves toquezinhos com a língua. Quando acabou com o piercing, tinha o seio cheio de chupões e o mamilo inchado e avermelhado. Ele se balançou de novo contra ela e introduziu uma mão tatuada entre seus corpos enquanto lambia e brincava com o outro seio.

Róta estava tão excitada que, se a tocasse tal como ia fazer, gozaria como uma louca. Notou que puxava o piercing de seu umbigo. Certo, o samurái gostava desses adornos.

— Estas coisas me deixam louco, *bebī*. — ronronou, morto de prazer, penetrando o dedo indicador no umbigo. Parou de chupar seu seio e se ergueu para olhá-la nos olhos — Você me deixa nervoso. Com este corpo, estas curvas, estes olhos... — A beijou nas pálpebras e logo na boca, introduzindo sua língua até onde ela o deixasse — E isto... Isto que tem aqui. — Abrangeu seu sexo com toda a mão — *Hoseki*³⁰.

Os olhos do guerreiro brilharam na escuridão e se converteram em prata fundida. Rugiu e retirou o tecido da calcinha de lado, para medi-la e acariciá-la com os dedos.

— Tão perversamente suave, Róta — murmurou, deslizando os dedos acima e abaixo por sua intimidade. Sabia que Seiya a depilou, mas não importava. Agora ela era dele.

Róta cravou os olhos rubis no teto. Sim, deixava-os vermelhos. Vermelhos de atração, paixão e sexo. Abriu as pernas e deixou que a acariciasse. Miya fez escorregar o dedo indicador até o clitóris e pressionou o outro piercing que estava ali. — *Hoseki*. Minha joia — a tocou com os dedos e a agarrou com o polegar e o indicador, esfregando brandamente — Dói se eu puxar?

Róta negou com a cabeça. Nunca esteve tão molhada como nesse momento e importava bem pouco que Miya se desse conta disso. Sua voz tinha sumido. Se tocasse seu clitóris outra vez, acabaria no teto com as asas abertas.

— Não? — puxou com mais força até que ela enrijeceu e apertou com mais força seu cabelo castanho que ainda não tinha soltado — Sim? — perguntou ele contrito.

³⁰ *Hoseki*: joia em japonês.



— *Baka*³¹! Com cuidado —disse ela com os dentes apertados e os frágeis olhos vermelhos.

—Está a ponto, verdade? —o grande descarado teve o atrevimento de levantar uma sobancelha.

—Sim, Kenshin —assentiu com honestidade.

—Está muito excitada.

Ela tentou sorrir, mas o prazer que sentia entre as pernas a fez esquecer como se fazia.

—Os samurais falam muito.

—Não todos. Só eu. Estou te descobrindo. —Deu de ombros e a beijou na bochecha com doçura ao mesmo tempo que introduzia por completo o dedo do meio, comprido e grosso, em seus interior—Deuses... Isto é incrível. Está tão úmida e apertada.

Róta se apoiou nos tornozelos e levantou os quadris enquanto agarrava seu pulso com uma mão.

— Ai, por favor! —gritou, aceitando a intrusão e desfrutando dela.

Miya colocou o dedo indicador também. Dois. Dois dedos que a estavam alargando.

—Goze. —Ordenou.

E ela o fez. Agarrou-se ao travesseiro da cama enquanto os espasmos se sucediam um após o outro, como ondas de uma maré. Quando o prazer foi abrandando, Miya introduziu mais os dedos, até os nódulos, e logo os dobrou como um gancho em seu interior. Queria meter-se em seu corpo, mas desfrutava mais a torturando com o prazer e fazendo que se desesperasse e chorasse por ele, como seu corpo fazia nesse momento.

Róta tentou puxar ar e sentou no colchão, com os dedos de Miya brincando em seu interior, então a valkyria o agarrou pela nuca e juntou sua testa à dele. Queria dizer que não parasse de mover os dedos, queria dizer que os tirasse, que a estava enlouquecendo... Mas não podia articular uma palavra.

Miya curvou mais os dedos e com o polegar acariciou o clitóris. Então sua mão se converteu numa espécie de vibrador, tremendo e movendo os dedos a uma velocidade brutal. Róta o beijou e gritou em sua boca bem no momento que outro orgasmo a fazia voar em pedaços. As sensações a percorreram até a ponta dos pés, até que o êxtase foi se atenuando.

Apoiou a cabeça em seu peito, rendida a ele.

— Onde... Onde aprendeu a fazer isso? —Perguntou lambendo uma gota de suor do peito do samurai— Não, melhor que não me diga isso.

Ele se pôs a rir. Empurrou-a suavemente pelo ombro com uma mão enquanto com a outra seguia pinçando em seu interior.

Róta apoiou a cabeça no travesseiro e se acariciou nos seios.

—Isto não é curar. —Murmurou maravilhada.

Miya retirou os dedos de seu sexo e, para estupefação da jovem, os levou à boca, saboreando-os e lambendo como se fossem um sorvete.

—Não posso acreditar que está fazendo isso. —sussurrou excitando-se de novo e sentindo falta de sua invasão.

³¹ Baka: Tolo, em japonês.



—É saborosa —respondeu ele puxando suas calcinhas para baixo e deixando-a completamente nua.

—Tire a cueca, Kenshin. Quero vê-lo. —pediu ela se erguendo nos cotovelos, com a juba vermelha caindo por suas costas e os olhos da mesma cor cheios de interesse. — Quero te tocar.

Miya tirou a bóxer ajustada e deixou livre sua ereção. Tinha os testículos inchados e o caule venoso e ameaçador. A ereção chegava ao umbigo e estava muito grossa.

—Abre mais as pernas —disse enquanto acariciava a si mesmo.

Róta as abriu e estendeu uma mão até abranger seu pênis. Miya afastou a sua e ficou de joelhos vendo como a valkyria o masturbava. Sua mão não podia abranger a grossura da sua ereção. Sua pele estava quente e era aveludada. Como algo tão agressivo fisicamente era tão doce ao tato? O sacudiu com cuidado acima e abaixo, mais forte na base, mais suave na cabeça.

—Por Freyja, samurai —disse Róta fascinada por seu tamanho— É tão suave e tão duro.

— Gosta do que vê?

—Gosto.

— O quer?

Róta se deteve e assentiu.

Miya retirou sua mão e se colocou em cima dela. Pegou sua perna direita, mantendo-a aberta contra o colchão e levou a ponta vermelha de seu pênis à estreita entrada da jovem. Introduziu-se pouco a pouco, a estirando, alargando, queimando com sua grossura e seu comprimento.

Róta deixou cair o pescoço atrás e choramingou pela penetração. Podia estar úmida, mas seu corpo ainda não estava acostumado a esse tipo de invasão; e embora doesse menos que no dia anterior, deu a mesma impressão e sentiu um leve desconforto. Quando expôs sua garganta, Miya aproveitou para colocar a outra mão debaixo de sua nádega e apertá-la contra ele enquanto abria a boca e a mordida no jugular. Bebia dela sem controle nenhum, sem pensar se ultrapassava ou não. O corpo da valkyria anulava sua razão e o transtornava até o ponto de querer morrer sepultado nela.

E vieram suas lembranças.

O sangue de Róta falava de quatro Valkyrias que se amavam muito. Eram Bryn, Gúnnr, uma mais que subia os mortos do Midgard, supôs que era Nanna, e ela; falava de um vínculo mais especial com Bryn. Chegavam imagens de ambas caçando e brigando juntas, falando de *einherjars* à luz das três luas do Asgard, de fazer complicadas tranças para a guerra e de contar intimidades; e falava das longas esperas por ele. Seu sangue mostrava a simpatia que Freyja sentia por ela e a proteção e vigilância a que a submetiam os deuses. Seu sangue cantava uma canção que falava de Róta durante suas longas noites sem dormir, sonhando com ele; de Róta e sua falta de apetite pela tristeza de comprovar que ele não ia para ela; da valkyria decepcionada e triste, porque sua *nonne* Bryn tinha Ardan, e embora estivesse feliz por ela, uma parte egoísta de sua natureza sentia inveja por não poder ter o mesmo, porque o guerreiro que reivindicou seus cuidados não ia ao seu encontro.

Róta gemeu e arranhou suas costas, afastando-o inconscientemente, das visões de seu sangue.



Quando Miya esteve todo dentro, e só os testículos permaneciam fora dela, começou a fazer um movimento de vaivém interminável e enlouquecedor. Metia-se tão dentro que Róta pensava que ia parti-la em duas.

Mas ela estava bem. Seu *einherjars* samurai estava ao seu lado, em cima dela, em seu interior. E estava dando tudo. Fechou os olhos e soltou um grito quando mordeu um seio e o espremeu com uma mão. Estava bebendo seu sangue do mamilo, ali encaixado, com o cabelo que cobria o rosto e seu pênis fazendo destroços em seu corpo.

Depois dessa noite não poderia ser a mesma de novo. Era impossível. A posse era indubitável.

—Kenshin... Kenshin... Não pare. —repetia ela abraçando-se a ele, procurando toda sua energia e todo o calor de seu corpo. — Mais. Assim. Assim.

Miya se sentiu reconhecido em sua voz. Pela primeira vez depois de muito tempo, reconheceu-se como Kenshin. O que estava compartilhando com Róta era de verdade. Não era fictício. Era tudo verdadeiro. Em sua voz acreditou reconhecer a honestidade acompanhada de uma escolha: escolhia a ele. Estava com ele, não?

—Róta... —sussurrou levantando-se e apoiando os antebraços de cada lado da cabeça da ruiva. —Me beije —pediu solícito e cheio de vulnerabilidade.

A valkyria acariciou as costas com uma mão, e com a outra agarrou seu cabelo que caía sobre eles. Capturou-lhe os lábios e o beijou com uma paixão avassaladora.

Miya desfrutou dessa união e se deixou ir, penetrando-a com mais força e intensidade. Os dois gemiam e aos dois custava respirar.

—Róta, *Onegai. Onegai...* —suplicou ele mordendo-a e beijando-a como um desesperado— Por favor... Não me engane jamais. Fica comigo — não se importou em perder a compostura nem o orgulho nessas palavras. Então, naquele momento, achou correto. Era justo para ambos que rogasse, que ela lutasse contra sua natureza e escolhesse ficar ao seu lado.

A valkyria teve vontade de começar a chorar ao ouvir seu rogo. Não ia enganá-lo jamais. Tinha pedido que não entrasse em sua mente. Perfeito, isso não ia fazer. Só ia omitir um fato, e omitir não era enganar, não é mesmo?

Róta negou com a cabeça, com os olhos úmidos pela emoção. Seria incapaz de ferir esse homem. Era dela.

Seu *einherjars*. Seu vanirio. Seu samurai.

—Me diga, me diga que nunca me trairá.

—Não, Kenshin... —o abraçou, e desfrutou ao notar como seu membro aumentava e soltava o sêmen em seu interior. Estava gozando. E pensar nisso fez que ela gozasse nesse instante, outra vez. Três vezes. “Bom para mim” felicitou-se.

Miya jogou o pescoço atrás, e Róta não pôde esperar mais para saboreá-lo. Mordeu-o na garganta e começou a beber dele.

O samurai não se sentiu alarmado por isso. Róta bebia dele, ficaria mais forte; possivelmente poderia se meter em sua mente e em sua cabeça, mas a jovem deu sua palavra que não o faria, não mentiria, nem o enganaria.



E decidiu confiar nela. Embora fosse uma loucura, decidiu dar esse voto de confiança. Ele queria acreditar.

Róta lambia e sugava com tanta força que desencadeou um novo orgasmo em seu interior.

Miya ficou de joelhos sobre o colchão e ficaram trespassados, desfrutando do êxtase. Ele a abraçava e rodeava a cintura, e ela se apoiava em seus ombros. Róta abriu as asas vermelhas como uma explosão de foguetes brilhantes e as agitou, mas com cuidado de não sair voando. Não era fácil controlá-las.

Desencravou as presas e jogou o pescoço atrás com os olhos fechados, lambendo os lábios com a língua e sua longa cabeleira caindo como uma cascata por suas costas, sobre suas asas.

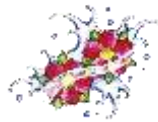
Foi então que Miya pensou que Amaterasu, a deusa japonesa do sol e da luz que deu origem ao Japão, também criou Róta.

Róta era um mundo à parte.

Dia e noite.

Luz e escuridão.

E por fim, Miya aceitou que era dele. Rezou para que ela também aceitasse seu destino e não cravasse uma punhalada em traição.



Por um momento, pensou que estava no Valhala. Imaginou que estavam ambos num quarto de Víngrólfr desfrutando um do outro. A salvo de tudo e de todos.

A salvo dos receios e segredos dele. A salvo das ânsias de vingança e destruição dela.

Enquanto permanecia com ele em seu interior, com as pernas rodeando sua cintura e costas, acariciando-o no cabelo e deslizando seus lábios por seu ombro, sonhou que era seu primeiro encontro, bem depois que se entregasse aos seus cuidados. Róta não se considerava romântica, mas sentia tanta paz que desejou estar resguardada e desfrutar dessa intimidade para sempre, sem travas nem muros.

Miya estava beijando sua garganta e deslizava a língua por sua clavícula.

Sim. Desejou que nada estragasse esse instante de entrega no qual tudo se encaixava, no qual ambos se encaixavam como um quebra-cabeça. Criaram seu próprio mundo: um mundo no qual um samurai sério e disciplinado podia sentir desejo por uma valkyria vaidosa e temperamental.

Róta se retirou e pôs as mãos sobre os ombros dele. Ele afastou o cabelo do seu rosto e a estudou com uma expressão de admiração que fez que sentisse uma absurda vontade de fazer biquinho. Por que a olhava assim? Por que colocar tão difícil?

—*Anata wa suki desu*³². —murmurou Miya absorto nos olhos agora celestes da jovem. E o dizia de verdade. Embora não houvesse nenhum intercâmbio mental durante sua relação sexual

³²

Anata wa suki desu: eu gosto de você em japonês



porque a jovem não deixou, tampouco se importou. Queria desfrutar das sensações. Do tato e da iniciativa dessa mulher alada que tinha sobre ele.

Róta deu um pequeno salto, um provocado pela surpresa e sinceridade dessas palavras. Ela era engenhosa e descarada, mas não sabia lutar com declarações desse estilo por muito que desejasse escutá-las.

Eu gosto de você, havia dito. Assim assentiu e desenhou um sorriso satisfeito. Empurrou-o pelos ombros e fez que se estendesse na cama.

Ele se deixou, entregue às suas carícias, e a segurou pelos quadris. Miya parecia menos cauteloso que de costume, mais relaxado e confiante.

Ela mordeu o lábio inferior e afastou as mãos de seus quadris, para estirá-las por cima de sua cabeça.

—Feche os olhos, samurai, e mantenha as mãos aí.

— Não posso tocar? —perguntou fechando os olhos e sorrindo excitado.

—*Lie* —sussurrou sobre seus lábios. Agradecida por esse gesto de confiança, admirou suas belas e masculinas feições agora que não a deixava nervosa com esse olhar prateado. Seu cabelo castanho e liso com alguns reflexos um pouco mais claros, seu rosto moreno e exótico, seus espessos cílios escuros, os olhos amendoados, uma boca muito sensual e delineada... Suas maçãs do rosto altas e aquela mandíbula quadrada e partida... imperfeita pela cicatriz. “*É meu. Meu. Meu*”.

Estirou-se por cima dele, roçando o pescoço, queixo, boca, maçãs do rosto e a testa com o nariz e os lábios. E segurando seus pulsos com uma mão se levantou até pôr o mamilo do *piercing* na boca dele, e acariciando seus lábios com ele.

Miya grunhiu morto de desejo, cravou os calcanhares no colchão e abriu a boca tirando a língua, ao mesmo tempo que o investia para dentro para que Róta não saísse.

Ela gemeu pelas sensações. Deuses... Margarida, a dos *piercing* de Chicago, tinha muita razão. Tudo se sensibiliza muito mais com um brinco atravessando os lugares adequados.

Miya fechou as mãos e apertou os punhos. Qualquer parte do corpo de Róta era um manjar para ele. E esses seios suculentos iam se converter em sua obsessão.

Nunca se sentiu tão indefeso como nesse momento. Róta continuava a mantê-lo preso com uma mão; não era de verdade, mas a sensação de exposição era igualmente intensa. Não obstante, era ela, sua *valkyria*, e não se importou em se render.

Róta desceu de novo e escutou um *plop!* quando retirou o seio de sua boca. Com os olhos fechados, notou que acariciava o rosto com uma mão, e contornava os lábios com o dedo indicador. Ele tirou a língua e o lambeu como um cachorrinho.

Róta se acomodou sobre ele e sussurrou:

—Abre a boca, guerreiro.

Ele engoliu saliva e não hesitou em abri-la. Róta fez descer sua cabeça e o invadiu com a língua e com os lábios. Foi um beijo desses que alimentam e ao mesmo tempo deixam sem respiração.

E bem no momento que ele notou que algo deslizava pela garganta, abriu os olhos arregalados e soltou um olhar cheio de recriminações. Mas não teve tempo nem sequer para tirá-



la de cima, porque o que sentiu em seguida foi uma espetada no pescoço e a enjoativa sensação que uma substância líquida alheia ao seu sistema percorria seu sangue.

— O que fez? — perguntou assombrado pela ação da valkyria.

Os olhos turquesas de Róta se encheram de arrependimento e também de determinação.

— Sinto muito. — Murmurou levantando e mostrando a pequena seringa de injeção. A tirou da pochete com as terapias de choque que ele mesmo deixou num canto da cama ao despi-la. — De verdade que sinto — repetiu nervosa, nua e com os lábios inchados pelos beijos. — Nas pochetes não dispõem de pentotal sódico, isso te obriga a dizer a verdade. Gostaria de te cravar com isso para que me explicasse tudo que não quer me contar, mas é muito forte e não poderia dominá-lo.

— O que me deu,... brrrrr... bruxa? — abriu e fechou a boca, que começava a notar pastosa e dormente.

— Um paralisante e um relaxante muscular. Menw o preparou e é muito potente. Não se assuste se não puder pensar — falava com doçura, como se fosse uma criança. Beijou-o na bochecha, — é efeito do relaxante. Embotoará um pouco sua cabeça e dormirá profundamente. O efeito do paralisante é mais longo. — Desculpou-se colando sua testa à dele — Eu... Preciso fazer isto.

— Não... Rrr... óta... *lie!* — queria gritar, mas as cordas vocais deixaram de obedecer seu cérebro. E de sua língua não precisava dizer nada.

la sozinha. Quis se liberar de sua amarração, mas o certo era que a valkyria já não o prendia. O paralisante o deixou nocauteado, nu, com os braços estendidos acima de sua cabeça e com uma ereção que começava a atenuar no interior do corpo de Róta. Puta. Traidora. Aonde ia? Por que fez isso com ele?

— Preciso ir atrás dele, Kenshin — explicou, saindo pouco a pouco dele. Desceu da cama enorme e desapareceu atrás da porta do banheiro. Limpou-se e prendeu o cabelo num coque alto, para passear pelo quarto, gloriosamente nua. O olhou de esguelha, envergonhada, mas ao mesmo tempo muito segura do que fazia. — Acredito que pode entender como me sinto, é um guerreiro como eu. Quero acabar com esta sensação que me corrói, que não me deixa dormir, que me curva. — Enumerou desesperada, abrindo a mala cheia de roupa que trouxe. Escolheu calças stretch negras de cintura baixa, uma camiseta de alça borgonha e a jaqueta de pele que tanto gostava. Calçou botas e parou diante dele. O guerreiro estava atravessado na cama, com a cabeça onde deveriam estar os pés. Moveu os olhos com dificuldade e a atravessou com a íris escurecida pela raiva. — Sei que está zangado.

Ele não podia nem piscar. Apenas a olhava nos olhos.

Róta engoliu e desviou a vista, pois não aguentava que a julgasse. Se inclinou para a frente, beijou sua testa, e escutou um suave rugido da garganta do vanirio em resposta. Precisava fugir dali imediatamente.

Abriu as portas do balcão e, quando se ergueu ao corrimão de madeira dirigiu um olhar de pesar para o vanirio que derrubou em sua batalha pessoal. Na cama. Impulsionou-se sobre seus calcanhares e deixou que a noite a abraçasse.

la atrás de Seiya.



Se encontrasse Seier pelo caminho, genial. Mas se não, não importava. Seu objetivo principal era o sádico irmão gêmeo de Kenshin. Ia encontra-lo, ia surrupiar todos os segredos sobre os objetos, fazê-lo pagar pela tortura física e psicológica a que a submeteu e matá-lo.

Ou o matava ou o ódio e o rancor da humilhação acabariam com ela.

CAPÍTULO XVII

O DNA. Essa macromolécula que forma parte de todas as células... esse mistério que ainda faltava desvendar por completo... o grande nucleotídeo... era um delator, e era algo que a valkyria aprendeu a vislumbrar na primeira tomada de sangue com Miya em Chinook.

Tinha intuído, o expôs; os livros de genética que leu na casa de Jamie em Chicago a ajudaram a compreender... mas, nunca pensou que toda essa informação se abria diante dela desse modo tão inegável e claro.

Enquanto esteve sequestrada, sempre teve a esperança que suas amigas a encontrassem, não só para salvar sua vida, não. Sempre teve o irrefreável desejo de encontrar a maneira de se libertar para acabar com Seiya pessoalmente. Era uma valkyria; e às Valkyrias, ou as matava quando torturava ou elas te perseguiam durante toda a eternidade até acabar com você. E Rota era a mais vingativa de todas.

Quando Miya e Bryn a resgataram, sabia que seria difícil encontrar o paradeiro de seu torturante e procurou o modo de achar um atalho por outro caminho.

Esse caminho se chamava Miya.

Miya era dela. Era seu *einherjars* vanirio. Alimentavam um ao outro e, embora tivesse receio ao pensar nas consequências ou mudanças físicas afinal, que podiam acontecer em seu corpo devido a essas trocas, também pensou no que podia conseguir de seu sangue com isso; assim decidiu que o aproveitaria, acontecesse o que acontecesse.

Ela unicamente queria a cabeça de Seiya numa bandeja. Queria-a pelo que fez a ela, pelo que fez a Sura e Liba, pelos abusos a que submeteu todos os outros.

Rota era belicosa e visceral e nunca negava sua natureza. Nunca ia fingir ser algo que não era. Na Terra existiam ditos de perdão com os que não combinava em nada. Ouviu que se alguém se vingava, se igualava ao seu inimigo. E se o perdoava, se mostrava superior a ele.

Porra, nem pensar. Róta nunca perdoaria um assassino violador e psicopata como Seiya. Nunca. Continuava com suas próprias feridas abertas porque continuava viva, mas suas irmãs Valkyrias, que morreram pelas mãos de Seiya, não podiam dizer o mesmo.

Nunca o perdoaria por tê-las matado.

Nunca o perdoaria por que a torturou durante horas.

Nunca daria as costas, nunca esqueceria o que aconteceu e sabia que só descansaria quando tivesse os testículos de Seiya em suas mãos.

Assim era ela. Para ela, a vingança podia ser saborosa, como um manjar dos infernos. E ia comer Seiya.



O dom de Róta era a psicomетria. De todas as Valkyrias, ela podia encontrar as pessoas mediante o tato de seus objetos pessoais.

No Chinook se iluminou, e no intercâmbio de sangue sobre o utilitário branco compreendeu que podia conseguir, que não estava enganada.

Só precisava de um pouco de paciência.

Usaria o vínculo extremamente sensível e pessoal que havia entre Miya e ela para encontrar Seiya. Como? Tratando o sangue de seu vanirio como objeto.

Miya e Seiya eram gêmeos univitelinos. Seus códigos genéticos eram exatos. Ela tinha que saborear o sangue de Miya com a ponta da língua, não se deixar levar por seu sabor nem pelo que aquele líquido avermelhado provocava em seu corpo e em seu coração. E devia se esforçar para manter essa parte oculta em sua mente para que nem Seiya nem Miya conseguissem adivinhar suas intenções.

Róta não queria que a acompanhasse; queria liberar suas próprias batalhas sozinhas. Graças ao sangue do samurai ficou mais forte e aprendeu a lutar com os dons telepáticos que o vínculo entre vanirios abria. Aprendeu a se defender da intrusão mental de ambos os irmãos e se centrou em sua missão.

Demorou um pouco, porque a cadeia de DNA dos gêmeos variou desde seu nascimento. Eram fisicamente iguais mas, algo neles mudou. Entretanto, o código inicial continuava impresso no sangue como um fantasma e o rastreou até chegar a Seiya.

Sim, encontrou o grande filho da puta que ela mesma ia se carregar e esperava lhe dar uma morte lenta e dolorosa. Restavam algumas horas para o amanhecer e ela o visualizou numa lancha negra, coberta com uma capa negra, sentado ao volante e controlando uma espécie de monitor. Viu que estava perto de Forth Rail Bridge, assim sobrevoou Edimburgo até chegar em suas áreas contíguas para acabar perto de onde perdeu a virgindade com Miya. Era a mesma área, mas de outra posição.

A névoa noturna cobria o rio e nuvens espessas se abatiam sobre o norte da Escócia, anunciando que o dia que chegava não seria ensolarado.

O que fazia Seiya nesse lugar? Certamente, o programa de reconhecimento facial não funcionou, porque Seiya cobria seu rosto com sua indumentária.

Localizada sobre a ponte avermelhada, com suas asas recolhidas e o vento agitando sua juba, vigiava a lancha que permanecia flutuando na superfície e cravou seus olhos vermelhos nas largas costas do homem que manipulava a pequena e potente embarcação marrom e negra.

Seiya. O ar frio da Escócia levava até ela aquele estranho aroma de fruta decomposta. Teve muito asco ao cheirá-lo nele da primeira vez que se viram: era como coco banhado em enxofre e limão. Algo muito tóxico para os pulmões.

As lembranças, aquelas instigadoras emocionais, retornaram para incomodá-la. Quando esteve sequestrada, a tinha drogado no princípio e, entorpecida como estava, a açoitaram e golpearam. A tinham despido e sentiu seus asquerosos dedos enquanto Seiya a raspava, preparando-a para ele. E quando Khani e Seiya tentaram abusar dela e ambos beberam de seu corpo... o instinto de defesa das Valkyrias, uma cúpula de proteção que a obrigava a permanecer



como num casulo permanente, manifestou-se para resguardá-la e preservar seu corpo dos golpes e da violência física que a submetiam.

Ninguém podia tocá-la sem acabar eletrocutado. Essa era a função da cúpula.

Róta imaginou seu inexpressivo rosto estudando a cúpula; esses olhos frios e gelados que em Miya pareciam excitantes e cheios de calor, em Seiya eram como a sala de espera da morte. Tão iguais... tão diferentes.

Não sabia que ela estava ali e se preparou mentalmente para seu encontro. Borrifou-se com o desodorante e fechou sua mente a qualquer intrusão mental. Além disso, carregava essas canetas que emitiam luz diurna e anuladores de frequência, no caso de precisar. Embora já soubesse se proteger muito bem. Nem Kenshin nem Seiya entrariam em sua cabeça se não permitisse.

Seu Miyamoto Kenshin...

Tinha vontade de vê-lo de novo. Se alegraria quando soubesse o que fez e como eliminou seu malvado irmão. Ele agradeceria. Bom, no princípio esse orgulhoso samurai não ia reconhecer, mas essa noite se conectaram.

Ainda sentia suas mãos por seu corpo, seu olhar cheio de aceitação, e sua voz...

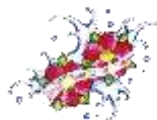
Não obstante, não podia chegar a encaixar plenamente com ele se antes não eliminasse Seiya e se não descobrisse o que Miya temia dela.

Ansiava saber da verdade e todos os detalhes sobre o samurai, e ele tinha tanto receio em explicar... bom, ia matar dois pássaros com um tiro. Descobriria a verdade e os segredos de Miya mediante Seiya, e averiguaria onde estavam os totens e depois mataria o gêmeo mau.

Todos se sentiriam orgulhosos.

Tiraria o rancor de Miya transando.

Assunto resolvido.



O samurai soube que o efeito do paralisante e da droga regredia quando pôde mover as pálpebras como um *tic* nervoso. Suas pupilas negras se dilataram em reconhecimento da recuperação da consciência e do funcionamento correto de seu cérebro.

Algo em seu peito encolheu ao compreender que Róta o enganou. Aproveitou-se de sua debilidade, de seu desejo e de sua confiança para drogá-lo e ir em busca de seu irmão. O sabor amargo da traição foi às suas papilas gustativas.

Bem, podia começar a mover a língua.

Para o olho de qualquer pessoa permaneceria imóvel, como se estivesse morto. Mas seu corpo, seu sistema nervoso, despertava cheio de fúria e raiva. Róta o deixou como um vegetal momentâneo ao combinar duas drogas tão potentes. Nem sequer pôde gritar nem usar seus dons telecinéticos para lançar algo contra a parede e fazer ruído. Seu sistema neurológico não respondia porque estava obstruído pelos narcóticos líquidos e entorpecentes.



“Vagabunda! Puta! Ama! Ama³³!”

Ela fez. Fez de verdade. Rogou a Róta que não o traísse e a valkyria demorou alguns minutos para fazer justamente isso. Descobriu a verdade e ele não se deu conta?

Róta não podia saber nada do que ele sabia sem entrar em sua cabeça, e era impossível que ela o fizesse. Não era tão forte. Então, o que pretendia?

Engoliu saliva e sentiu que os pulmões absorviam oxigênio de novo. O coração bombeava e o sangue circulava por suas veias outra vez.

A cama cheirava a sexo, o que os dois fizeram horas antes.

Teria passado umas cinco horas após e logo amanheceria. E ela continuava sem retornar.

Cinco horas em que deslizou no meio da inconsciência. Imóvel e jogado como uma merda. Tinha que agir rápido para que todos os membros que estavam nessa casa soubessem o que aconteceu. Demoraria a recuperar o movimento, mas sua mente trabalhava com confiança outra vez.

Só precisava de sangue em movimento regando seu cérebro e seus órgãos, e oxigênio para despertar seu poder mental.

A casa de Ardan estava muito bem protegida. Ele explicou que os vidros da janela tinham três centímetros de espessura, e se quebrassem, os alarmes disparavam. Faria justamente isso para que subissem e o encontrassem na cama. Teria que fazê-los reagir com algo, porque queria ir pessoalmente em busca da puta da Róta.

Não tinha tempo a perder.

Concentrou-se na janela do balcão e visualizou na altura do sobrecenho o que queria conseguir, a finalidade de sua ação.

Não demoraria muito a arreventá-la. E quando o fizesse, tampouco demoraria muito a encontrar a valkyria traiçoeira.



Róta não pensou duas vezes. Seiya estava sozinho, não tinha ninguém ao seu redor e essa era sua oportunidade.

Lançou-se no vazio e desdobrou suas asas.

Ela era veloz e decidida. Não temia nada nem ninguém, e odiava Seiya por tê-la feito temer. Por deixar essas sensações de ansiedade e pânico que ainda não desapareceram, mas que, graças a Miya, já não a assustavam tanto.

Odiava-o por deixá-la fraca.

Suas mãos se iluminaram com um fulgor avermelhado e desprenderam dois raios grossos nada discretos que teriam chateado e irritado Bryn por havê-los visto contra o céu escuro. A

³³ Ama: cadela em japonês.



General a teria repreendido por isso. Bryn era mais fria e precisa. Justamente o contrário de Róta, que era puro fogo e fúria.

Róta voou a um palmo do rio e gritou vitoriosa quando a lancha explodiu pelos ares. Localizou o corpo menos imaculado que antes de Seiya, que dava estranhas voltas sobre si mesmo e se dirigiu para ele disposta a fazê-lo em migalhas; porém o vanirio girou a cabeça com surpresa e quando se deu conta que era ela quem o atacava, sorriu ao vê-la. Ela sentiu que gelava.

Levitou para ele agitando as asas com fúria e o agarrou pelo cabelo antes que o corpo caísse na água. O vanirio lançou um punho muito forte contra o estômago da jovem guerreira e esta ficou sem respiração, mas não o soltou. Afastou-se do leito do rio como uma águia com sua presa e o lançou contra o chão com dureza.

Seiya caiu em pé com habilidade e a olhou dividido entre a diversão e a surpresa.

— Veio atrás de mim? —perguntou abrindo os braços, ensopado— Por fim se deu conta a quem pertence, verdade?

Róta sacudiu as palmas das mãos e duas bolas avermelhadas carregadas de eletricidade se materializaram sobre seus dedos. Não era Miya. Era Seiya, tinha que recordar. A valkyria arqueou as sobrancelhas.

— Já se cansou do meu irmãozinho?

Róta grunhiu, deu um salto para a frente e o golpeou repetidas vezes com força, mas seus punhos pareciam não fazer efeito no rosto, nem no corpo de Seiya. Continuou golpeando. Um murro no queixo, um chute nas costelas, um golpe seco na ponte do nariz...

Seiya começava a rir a gargalhadas e ela parou frustrada. Continuava fresco como uma rosa e Róta pelo contrário suava pelo esforço.

A eletricidade lambeu sua pele e os dedos e lançou as bolas elétricas que impactaram no peito do vanirio. Mas, surpreendentemente, deixaram de ter força progressivamente até desaparecer por completo.

— O que...? O que acontece? —perguntou a si mesma, observando suas mãos como se não fossem suas. — Por que? Por que não...?

— Por que não me feriu? Por que acha? —se aproximou dela, mas ela tomou distância prudentemente.

O capuz deslizou pela cabeça. O cabelo de Seiya estava colado ao crânio e ao pescoço. Suas presas expostas e sorria como um predador ousado.

— Por que acha que isso acontece, Róta? —repetiu seguro de si mesmo.

Os olhos celestes da valkyria refulgiram de novo e tentaram mudar para vermelho para adquirir a *furie*, mas nada disso aconteceu.

—Sou seu companheiro.

—Não é verdade! —gritou ela com os punhos fechados. Começando a tremer consideravelmente.

Estavam numa pequena ilha ao lado do rio. Não havia ninguém ao redor e a madrugada caía espessa e fria sobre eles.

Róta teve medo de novo. Não podia machucá-lo.



Simples assim. Não podia machucá-lo porque era como Miya. O *kompromiss* das Valkyrias fazia que nunca pudesse usar sua força contra seu *einherjars* porque a relação que se estabelecia entre eles era sempre de cura e cuidados, nunca de violência nem agressividade, nunca de abuso de poder um sobre o outro.

Seiya não era seu *einherjars*, ela sabia, mas seu DNA e sua imagem eram iguais aos de seu samurai. Tinha que ser essa a razão... inconscientemente, o associava a Miya, e por isso não podia atacar.

Merda. Estava fodida.

—Não pode me atacar porque sou seu, Róta. Por que não aceita? —Levantou uma mão e a colocou solícita diante dela com a palma levantada—Retorne ao meu lado. Onde pertence. Nosso destino nos espera.

Róta sacudiu a cabeça. Por que essas palavras soavam tão verdadeiras? Por que havia uma parte dela que podia acreditar nele?

— Não! —exclamou encarando-o— Você e eu não temos nada a ver!

—Tem duas opções, Róta. A correta sou eu —explicou Seiya frustrando-se e abatendo-se sobre ela— Você e eu podemos controlar o mundo.

— Merda nenhuma! — Do que falava? Estava louco? — Venho salvá-lo de pessoas como você, não me unir a você para ser a concubina do demônio.

—Ah, querida... —sussurrou. Afundou os dedos em sua juba e puxou sua cabeça com força. — Você e eu somos iguais. Queremos o mesmo. O carrega em seu sangue.

O couro cabeludo de Róta doía onde ele a segurava. Abriu os olhos e lançou um olhar incrédulo.

—Sei coisas de você, Róta. —Continuou ele roçando sua bochecha com o nariz. Rota cheirou de novo esse fedor de fruta podre e sentiu irreprimíveis enjoos. — Sei o que pode conseguir. E sei qual é o lado que deve escolher. Loki espera por você, deseja que se una a ele. Que se una... a mim.

Loki? Loki? O sangue congelou e ficou petrificada. Esse homem tentava manipulá-la com suas mentiras. Que Loki a esperava?

—O que Loki está esperando é que se meta em seu traseiro, sacana — grunhiu ela cuspidando na sua cara. Deu-lhe uma cotovelada na boca, ainda sabendo que não faria nada, não o feriria nem o aturdiria.

Seiya lambeu os lábios e dedicou um sinistro sorriso.

—Pequena vagabunda. Cometeu o grande engano de vir me matar, mas as Valkyrias não podem matar seus companheiros de vida. Por isso vou fodê-la tantas vezes e tão duro que não poderá caminhar em uma semana. E vai recordar de quem é. —Lambeu seu pescoço. — Você gostará.

Rota sentiu vertigem. Isso não podia estar acontecendo. Ela tinha muito claro o que foi fazer aí. Ter Seiya para ela. O esquartejar lentamente, queimá-lo com seus raios... mas sua fúria valkyria não funcionava com ele. E não queria acreditar que eram compatíveis também desse modo.

Não! Odiava Seiya. Merda, estava mais confusa e indefesa que nunca!



Tinha duas opções. Ou tentava criar uma cúpula ao seu redor e permanecer lá até que suas forças se fossem ou tentava fugir, porque lutar contra ele não daria resultados.

—Fez-se uma forte *chijo*³⁴... e cheira a sexo.

—Seu irmão me deixa muito satisfeita *Okama*³⁵ —respondeu com toda zombaria que foi capaz.

Seiya puxou mais forte seu cabelo.

—Pois não o fez bem, porque meu irmão e você não se pertencem. Não estão vinculados ainda.

Ah, não? Róta não imaginava que mais poderiam fazer para se vincular. Deitavam e bebiam um do outro.

Nos rituais de união e vinculação dos casais vanirios saía um selo tatuado em suas peles, um nó perene, nos dois no mesmo lugar. Talvez estivesse falando sobre isso.

Nem ela nem Miya tinham um, ainda. E se não saísse dali, se não fugisse, a este passo nunca o teriam. E queria um, porque parecia uma tatuagem muito bonita e especial!

—Não me deixa entrar em sua cabeça, mas isso vamos solucionar rápido —Seiya jogou a garganta atrás e abriu a boca para que suas presas saíssem em sua totalidade.

A cabeça da Róta funcionou com suma rapidez e o fez de modo seletivo. Recordou que Gúnnr explicou que para que Gabriel soltasse a Mjölnir no céu teve que cravar uma flecha de suas *bue*, porque não era feita da energia que saía das Valkyria, mas sim surgia da mesma energia de Thor, dos Deuses.

As presas de Seiya rasgaram sua pele, mas antes que pudesse sugar, Róta fez uma chave de Aikido. Empurrou o peito com as palmas das duas mãos e estirou uma perna atrás dele para dar uma rasteira. Seiya abriu os olhos e caiu atrás emitindo uma gargalhada, puxando-a e fazendo-a cair sobre ele. O que para a Valkyria seria uma medida ofensiva, para ele parecia uma piada.

Róta agitou a *bue* e uma flecha dos trovões tomou forma em sua mão. A valkyria levantou o braço, pegou a flecha com força entre seus dedos e antes que Seiya pudesse reagir, a cravou na garganta, atravessando-a e cravando o extremo luminescente no chão.

O vanirio tentou gritar. Arregalando os olhos enquanto borbulhas de saliva emergiam de sua boca. Róta agiu com rapidez e cravou outra flecha num de seus pulsos e outra mais na palma da outra mão. Seiya jazia com os braços abertos, como se estivesse crucificado, e com o rosto transtornado pela surpresa.

—Pode ser que eu não possa feri-lo. Mas estas flechas não são minhas —sorriu com malícia, não sabia de quanto tempo dispunha antes que viesse o séquito de Seiya em sua busca, portanto, devia agir com eficiência e com diligência. Não pensou duas vezes. Se bebesse de Seiya poderia descobrir toda a verdade, mas só se pudesse ler em sangue vivo e não morto.

“O matarei depois”, pensou com segurança.

Róta engoliu e optou por tampar o nariz; daria muito nojo.

³⁴ Chijo: Significa “ninfomaníaca” em japonês

³⁵ Okama: Significa “puto” em japonês

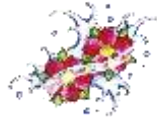


Tudo que não fosse beber o sangue de Miya a repugnava. E agora ia beber de seu irmão podre.

Fez uma careta e inclinou a boca para o pescoço do vanirio assassino.

Mas quando ia fazê-lo, viu que estava mal em todo lugar. Essa área não era boa, era inadequada. Essa área era somente de Miya. Fechou os olhos com força e mudando seu itinerário mordeu o bíceps de Seiya e começou a beber.

Seiya não se fechou a ela, por isso as origens, os fatos, as ações, as misérias e os segredos dos gêmeos, da perspectiva e experiência do gêmeo mau invadiram a alma de Róta e assim, absorveu a história dos Futago.



Século V, Japão

Corte de Yamato

Antes da aparição do budismo existia uma cultura chamada Kofun, cujos membros, os antecessores dos samurais, serviam aos governantes que afirmavam descender da Deusa do Sol, e com essa desculpa submetiam as tribos existentes. Eram guerreiros que andavam a cavalo, e dominavam a arte do arco, da espada e da lança.

Um dos caciques tribais da sociedade Yamato era Miyamoto Boidarushi, o grande Daño, ou grande Rei. Boidarushi teve um casamento arranjado — para manter a divindade neles não podiam mesclar seus sangues com não escolhidos, — com a estranha filha de outro dos latifundiários de Yamato. Himiko era uma mulher estranha aos olhos dos guerreiros japoneses: seus olhos eram grandes e prateados, nada amendoados numa sociedade que preponderavam os olhos apertados e negros; sua tez era morena, onde a maioria das mulheres tinham rostos pálidos e impolutos. Seu cabelo liso e escuro como a noite tinha estranhas nuances cor de mel. Os Kofun afirmavam que a avó de Himiko não era japonesa. Isso poderia ser uma espécie de desacato, mas na sociedade Yamato o rosto e a virtude de Himiko eram considerados como exceções e excentricidades próprias de uma divindade. A isso se acrescentou a lenda de que os sábios anciões do Yamato afirmavam que a jovem era a viva reencarnação da Kushinada-Hime, a esposa do Deus Susanoo e Himiko se converteu em lenda.

O enlace entre o Boidarushi e Himiko adquiriu características místicas, e de sua união nasceram Seiya e Kenshin, levando com eles a vida de sua mãe que não pôde sobreviver ao parto.

No parto, May, uma das *Itako* dos Yamato — chamanes cegas originárias do Japão — predisse uma terrível profecia sobre os gêmeos recém-nascidos e a chamou *A Profecia dos Futago*. Essa profecia se guardava zelosamente numa câmara oculta em Osaka, sob a tumba de Daño Boidarushi, que se achava num túmulo que tinha forma de olho de fechadura, como a tatuagem que exibia Kenshin à altura do coração e que resguardava o tigre com suas garras.

A profecia deixou estupefata a valkyria, que não deixava de saborear e ler o sangue de Seiya. Falava dela?



Essa profecia de séculos atrás falava de sua relação com Seiya e Kenshin? Dizia assim:

予言

Profecia dos Futago
(Ano 496, era Kofun)

*Os Futago compartilharão uma chokuto com corpo de mulher.
A mulher dupla dos Futago decidirá se chegarão os dias de luz
Ou os dias de escuridão.
A que homem escolherá?
As espadas dos deuses se elevarão,
Os mares se agitarão.
E só um elevará a voz como o herdeiro do
Raio, da Terra e do Mar.*

Itako May

A rivalidade entre irmãos, por parte de Seiya, era evidente desde que os pequenos adquiriram consciência de quem eram e do que eram.

Kenshin tinha o que não imaginou conseguir jamais: a aprovação e a fidelidade do clã. E o mais importante, Seiya queria tudo que Kenshin não desejava. Seiya queria o poder que para seu irmão não era importante. Seu irmão ria da profecia que recaía sobre eles, e Seiya pelo contrário, levava muito a sério.

O clã Kofun de Osaka escolheu Kenshin como seu líder. Seiya ficou furioso por isso e tomou sua própria vingança, traindo-os do modo mais vil e cruel que Róta jamais viu.

Na mesma noite que se celebrava a nomeação de Kenshin como Daño, Seiya encheu os copos de Saquê com essência de Lycoris Radiata, uma planta japonesa altamente tóxica, e deixou os Kofun aturdidos.

Aproveitando seu estado de desconcerto geral, abriu as portas do templo para que entrassem os membros ressentidos do povo de Izumo que há pouco se submeteu às mãos do exército de Yamato, liderados por Boidarushi e Kenshin. Seiya cobriu o rosto com uma máscara dourada e negra que simulava o rosto de um Shinigami, o Deus da morte, e participou ativamente na ofensiva ao mais puro estilo cavalo de Tróia.

Aquilo se converteu numa matança.

No clã Kofun também se encontravam Ren e duas mulheres mais. Uma delas era Aiko, a quem Róta conheceu em Chicago; e a outra era alguém que imediatamente percebeu como uma ameaça para ela. Sentiu sua essência e sua lembrança no sangue de Kenshin, agora a via pela primeira vez em Seiya, tratava-se de Naomi.

Não gostava nem um pouco dessa Naomi... Naomi não se encontrava essa noite no templo e só Aiko caiu sob as espadas dos membros rebeldes de Izumo, mas não morreu. Nem Ren, nem Kenshin, nem Aiko, nem outros membros mais de confiança do clã. Nenhum deles sofreu feridas



mortais porque Seiya não queria que morressem, já que desejava que Kenshin sofresse em suas própria carne a desonra e vergonha de ter fracassado. O objetivo daquela traição era que o clã Kofun ficasse do seu lado e aceitasse que o gêmeo forte não era Kenshin, mas sim ele. Não obstante, matou seu pai, Boidarushi, já que como antigo Daio respeitado seria o único que poria objeções à mudança de líder, e isso não ia permitir.

Oh, sim. Seiya não sentiu nada ao acabar com sua vida. Nada em absoluto. Era um desalmado.

Róta viu o momento exato no qual Seiya agarra a armadura de seu irmão e o atingia com uma facada seca e direta no queixo, o deixando imóvel, mas consciente para que visse com impotência como acabava com a vida de seu pai.

“Claro, essa é a cicatriz que tem no queixo”, pensou ela.

Aquele sangue era ácido e mau para seu espírito: notava-o na raiva e na essência de Seiya. Beber dele não era bom, mas tinha que averiguar o que aconteceu.

Aparentemente, ninguém soube que foi uma emboscada maquinada pelo samurai maligno, já que nunca mostrou sua verdadeira identidade. “*Covarde traidor*”.

Fazendo um último esforço, dispôs-se a dar os últimos goles.

Seiya fugiu, arrancou a máscara às escondidas e a colocou à força num membro do clã rebelde. Cortou o pescoço com seu sabre e ele mesmo se auto infligiu algumas feridas para parecer que lutou; que, ao contrário de Kenshin, embora também o ferissem, pode matar o assassino de seu pai.

Mas de repente, uma luz que caiu do céu provocando ondas expansivas a seu redor o deixou virtualmente cego. A luz se materializou em três corpos esbeltos e gráteis. Dois homens e uma mulher, loiros, exceto um que era um pouco mais castanho, muito alto e com o cabelo comprido.

Eram Freyja, Frey e Njörd. E vinham reclamá-lo em suas filas e dar uma nova missão na terra.

Os deuses Vanir outorgaram os dons que aceitou de olhos fechados e um sorriso de satisfação. Seria mais poderoso que nunca, poderia lutar contra quem desejasse e sair sempre vitorioso.

Agora só faltava encontrar essa mulher que cumprisse a profecia.

“Mas, em que demônios pensavam, Deuses?” Por que o transformaram?! Róta disse a si mesma.

Essa mulher que segundo Seiya cumpriria a profecia dos Futago era Naomi.

Naomi estava apaixonada pelos dois irmãos, essa era a realidade. E, aparentemente, Kenshin a tinha em alta estima e gostava muito dela. Pelo contrário, se a Seiya o interessava, era mais para chatear seu irmão que por um motivo realmente emocional.

Quando os transformaram, Seiya viu a possibilidade de cumprir a profecia. Os vanirios podiam transformar suas companheiras de vida e isso outorgava mais dons; e sabendo que ambos compartilhariam sua alma gêmea, ou sua companheira eterna, e que Kenshin gostava muito de Naomi, então a japonesa seria a *chokuto* da profecia.

Róta cravou as unhas na areia e se sentiu muito ofendida ao entender isso no sangue putrefato de Seiya. Queria dizer que ao chegar, voltou a repetir a mesma história? O que fazia Kenshin com ela, então? Somente evitar que Seiya não a levasse? Os olhos se encheram de



lágrimas de frustração e a percorreu a irascibilidade nascida da impotência de não poder acabar com a vida do assassino do qual bebia. E chorou por ter que saber tudo isso mediante o corpo do gêmeo que não desejava.

Miya foi o primeiro que tentou transformar Naomi e o fez com desespero, para que Seiya nunca pudesse fazê-lo em seu lugar. Seiya viu esse momento oculto atrás de uma árvore, nas cercanias do templo de Osaka e desfrutou de sua rejeição. A jovem fugiu, o rejeitou vilmente e partiu o coração.

Leu no sangue de Seiya o momento no qual Naomi o encontrava e explicava com regozijo o que disse seu irmão.

“Ora, ora... a mosquito morta tem um agulhão venenoso”, essa Naomi não era tão boa.

Seiya não teve compaixão e, feliz por saber que Naomi o escolhia, se aproveitou do amor que sentia por ele e a enganou mentalmente para que acreditasse que o sentimento era recíproco. A jovem amava mais o gêmeo falso e hipócrita que o respeitável e responsável. Róta sentiu o prazer de Seiya ao ferir seu irmão desse modo e o odiou mais por isso.

E também se sentiu ciumenta e deprimida ao saber que Miya desejou outra mulher enquanto ela o esperava no Valhala. Era muito injusto. Parou de beber de repente e sentiu arcadas descomunais.

Fechou os olhos e se obrigou a se esforçar uma vez mais.

—Um gole mais —se repetiu, agitando a *bue* e cravando no vanirio outra flecha iridescente no estômago— Quietinho, traidor —sussurrou raivosa enquanto o mordida de novo.

—Gosto. Continua... Continua, por favor.

“Filho da puta”. O sádico estava excitado por ela beber dele.

Com o tempo, Seiya se deu conta que Naomi não contribuía em nenhum dom excepcional e a abandonou. Não eram companheiros autênticos e ele era forte mentalmente para sobreviver sem ela, mas Naomi não podia respirar sem ele.

Seiya matou a japonesa porque se tornou obsessiva e insuportável. A drogou e a deixou jogada num campo para que a luz do sol acabasse com ela.

Enviou as cinzas do que restava do corpo de Naomi para seu irmão junto com uma nota em que dizia: *“Era melhor você a ter tratado bem. Talvez fosse sua Hanbun”*.

A indignação se assentou em Róta.

Como Seiya se dava bem fazendo o mal e fodendo as pessoas e não lutando em nome dos humanos, Loki foi ao seu encontro num sonho.

Róta ficou tensa. Estava vendo Loki, o Transformista, o Traidor. Era um homem muito sexy e bonito, com camadas de cores que caíam pela nuca, alto e esbelto e com olhos claros e mutantes que a fazia estremecer.

Loki disse:

—Conheço seu futuro, Miyamoto Seiya. Estamos preparando a vingança contra os Deuses, mas o tempo ainda não chegou. Entretanto, minha ordem para você é que não me entregue sua alma. Permaneça ao meu lado, mas continue mantendo seu espírito. É essencial para que jogue bem nossas cartas. Colabore comigo, submeta os humanos, mas não beba sangue. Recorde que os vampiros não têm caráids. E sua companheira está para vir à terra. É a escolhida.



— Quando ela chegará? — perguntou Seiya frustrado pela espera.

— *Temo que já deveria ter chegado* — o deus jotuns sorriu e olhou para o céu — *Mas talvez o Papai tenha se envolvido. Apenas espere. Ela bem merece sua paciência. É minha e seu dom me pertence.*

Dele? Ela não era dele! Ela não tinha nada a ver com Loki. Era uma valkyria de Freyja.

O sangue deslizava por sua garganta até seu estômago. Era má? Era malvada como dizia a profecia? Estava na equipe errada? Kenshin também acreditava? De repente, um monte de informação se gravou em sua mente, e o impacto que isso causou fez que vomitasse o sangue, tudo que pôde.

Saiu de cima de Seiya e engatinhou tossindo e gritando pela dor de cabeça que tinha. Meteu os dedos até o fundo da garganta, mas parte dessa hemoglobina estava se aderindo ao seu corpo e muito dela já não podia expulsar. Se gravavam as lembranças de Seiya, todas as coisas aberrantes e dementes que fez, informação pela qual os clãs de vanirios e bersekers matariam... estava absorvendo parte dessa vontade de aniquilar e ferir que o vanirio tinha gravada a fogo. Os impulsos sádicos, a ira, a inveja, o ciúmes... não queria continuar vendo mais coisas. Não queria sentir.

Não queria se inteirar de tudo assim. Foi Miya quem a obrigou a isso! Seu hermetismo e sua falta de transparência para ela provocaram que bebesse muito desse corpo cheio de ódio.

Odiava-o. Odiava-o por fazer isso! Deveria ter acreditado nela!

— Me faça uma mamada agora, Róta — pediu Seiya, com os olhos brilhantes de desejo, em pé diante dela, — e me fará o homem mais feliz do mundo.

Seiya se libertou das flechas e estava se aproveitando desse momento indefeso e da loucura de Róta. Ela se dobrou sobre si mesma e apertou o estômago com os braços. Doía horrores. O sangue a fazia se sentir mal.

— Não se preocupe, bonita — disse Seiya a agarrando pelo cabelo e levantando a dois palmos do chão — Com o tempo, meu sangue te fará bem. Agora entende porque é minha? Há tanta maldade em você quanto em mim. Somos iguais.

“Não! Não entendo”, deu um chute nas costelas, que não teve nenhum efeito. Por que era má? Como ia compreender isso? Loki dizia que era dele, mas continuava sem entender a razão. Sabia que tinha muito caráter, que era desafiante e atrevida, que era contestadora e cínica, que a encantava brigar e torturar, mas daí a ser malvada... Não! Não entendia! Não era verdade!

— Não lute contra sua verdadeira natureza, Róta — Seiya a observava como se fosse fascinante — Essa cor de cabelo fica tão bem... é puro fogo dos infernos.

Olhou ao seu redor e descobriu que vários vampiros os cercavam. Alguns acabavam de chegar e outros estavam molhados dos pés à cabeça, como se saíssem do interior do rio. Todos a olhavam sem nenhum tipo de expressão nos olhos mortícios.

— Uma ova!

— Sabe que sim.

— Não... — choramingou ela, assustada pela segurança com que Seiya afirmava isso.

— Será muito mais fácil quando admitir. Se libertará e se expressará como realmente é.

Ela começou a tremer e a negar com a cabeça.



E de repente, Seiya a abraçou com ternura e roçou sua garganta com o nariz. E o pior era que nem sequer podia lutar contra ele para afastá-lo.

—Estou em você. Me conhece —sussurrou.

Róta sentiu verdadeira repugnância. Esse homem querendo ser terno era o mesmo que uma mulher de manequim cinquenta vestindo um manequim trinta e oito... muito forçado.

— Me solte, porco! —agitou as *bue*, mas Seiya deu uma joelhada no seu ventre e a jogou no chão de má forma.

—Não se atreva a me golpear nunca mais, putinha —a agarrou pela cintura e colou sua virilha nas suas nádegas ao mesmo tempo que colocava os dedos ao redor do pescoço e a puxava para trás.

la mordê-la. la trocar seu sangue com ela. Não! Não!

Seiya abriu a boca e...

Zas! Um raio azulado que não vinha de Rota passou roçando sua têmpora.

Seiya levantou a cabeça e viu duas Valkyrias muito irritadas; uma delas lançou um martelo que alcançou dois de seus vampiros.

A outra loira tinha uma pontaria deliciosa com seus raios elétricos. Sim, eram as Valkyrias que Khani falou.

Merda. Tinha que escapar dali. Seiya tentou arrastar Róta consigo, mas se agachou para que o martelo não cortasse sua cabeça, movimento que Róta aproveitou para colocar as palmas de suas mãos a poucos centímetros da areia úmida do rio e se impulsionar com a energia elétrica de seus raios para voar pelos ares.

Seiya foi em sua busca enquanto os vampiros esquivavam do martelo da de cabelo castanho escuro. E justo quando estava a ponto de agarrar o pé de Rota, Bryn o torrou com um raio e o fez cair no rio, onde desapareceu e não voltou a emergir.

Estava a ponto de amanhecer, os vampiros fugiam em retirada e Róta tremia devido ao choque recebido por toda a informação que guardava o sangue do vanirio traidor.

Como a encontraram suas *nonnes*? Já não permitia que ninguém lesse sua mente. Miya não podia encontrá-la, estava muito longe de onde se encontrava para que a localizasse através do olfato, não? Bryn não podia achá-la através da empatia... Como a encontraram?

Não importava. Seja como fosse, se alegrava em vê-las. Se alegrava de ver Bryn e se alegrava de ver Gúnnr.

Quando estava a ponto de ir para elas e abrir suas asas, Bryn e Gúnnr lhe deram um olhar de advertência que não soube interpretar até que um braço musculoso e salpicado de sangue rodeou sua cintura pelas costas e a colou ao seu torso. Róta deu uma olhada por cima do ombro; o sangue também salpicava esse belo rosto. A seus pés, os vampiros estavam abertos de cima abaixo e mortos sob a raiva de uma espada samurai. A espada de Miya.

E pensou, com uma mistura de ânsia e aceitação, que também ia sofrer as consequências da raiva em seus olhos prateados.

— Me solte! Me solte! —gritou ela ofendida por tantos segredos que a interessavam. — Quando pensava em me dizer isso? Pensava em fazer alguma vez?!



Miya nem sequer a olhou, apenas a segurou e ergueu a viking. Com a mandíbula tão apertada que ia partir.

— Todos os outros sabem?! Disse a eles?! Responda-me, maldição!

As duas Valkyrias a estudavam. Gúnnr com preocupação e Bryn com uma promessa de “Logo falaremos e vai se informar”, enquanto os precediam no voo.

Pelo menos havia um desassossego sincero neles por tê-la encontrado. Se outros podiam chegar a se angustiar por ela, isso queria dizer que não era tão má, não?

Embora, infelizmente, sabia que Kenshin estava convencido que sim, era.

CAPÍTULO DEZOITO

—Ardan, preciso de um quarto para ela, onde esteja segura e onde só eu possa entrar. — Miya segurava Róta, que se movia como uma cobra entre seus braços, tentando se libertar de seu duro aperto. Ia interrogá-la e fazê-la esquecer Seiya, custasse o que custasse.

Gabriel e Ardan afastaram a vista dos monitores e o olharam visivelmente descansados. Estiveram muito nervosos pelo desaparecimento da valkyria. O nubloso amanhecer aparecia no horizonte e as montanhas começavam a adquirir cor. A paisagem que se via através das janelas do salão de Ardan era comovente.

— Onde estava? —perguntou Gabriel com voz monótona.

—Em Forth Rail Bridge, com Seiya —respondeu Miya indiferente.

O caráter de Róta explodiu fazia pouco e só sabia o insultar e comparar com ogros, trolls e anões... além de dedicar outras delicadezas aos demais presentes, que nesse momento não vinha ao caso.

—Não estava tomando hidromel com ele e falando do clima, *Baka yaro*³⁶. —Recalcou com voz assassina, o empurrando com o ombro para se libertar.

Mas as mãos de Miya queimavam e apertavam sem gentileza. Miya pensava que foi conversar com seu irmão. Embora vendo o que dizia a profecia, também imaginava que esteve fazendo algo pior. — Tenho informações muito importante para nós, assim, se quiserem que os ajude, é melhor que não me deixem nas mãos de... deste —o olhou com desdém. — Porque aqui, o senhor Obi Wan Kenobi pensa que sou uma versão de Anakin Skywalker e que cedo ou tarde vou para o lado escuro da força!

Gúnnr e Bryn soltaram uma exclamação de surpresa, a de cabelo chocolate tampou a boca imediatamente para não soltar uma gargalhada. Bryn a olhou de esguelha e a censurou levemente, embora também parecesse divertida.

Gabriel se aproximou de Róta e pegou seu queixo com o indicador e o polegar.

— De que fala a valkyria, Miya? —perguntou Gabriel examinando o rosto de Róta.

³⁶ Significa “bastardo estúpido” em japonês.



—Me permitam um tempo a sós com ela, e quando acabar explicarei tudo —respondeu ele tenso.

— Róta esteve com Seiya e ele continua solto? —O semblante de Gabriel se tornou sombrio. — Se tiver informação, Róta, queira ou não, me dará.

—Atingi Seiya com um raio e ele caiu na água —explicou Bryn com voz autoritária. — Queríamos ir atrás dele, mas os vampiros nos impediram e...

—Têm que priorizar as missões, General —cortou sem delicadeza. — Seiya é nosso objetivo principal. Ele tem o que queremos.

—Não é verdade —o interrompeu Róta com voz cantante. — O que ele quer sou eu. Me quer. Verdade, samurai? —inquiriu com voz venenosa.

Miya a olhou inexpressivo, mas seus olhos cinzas flamejaram presos pela provocação.

—Então, guardava segredos, não é, Miya? —A voz do Engel era perigosa e desafiante. — Segredos que nos interessam. Disse a você, vanirio, que queria que me contasse tudo.

— Se guarda segredos?! Há! —Róta cravou o salto no pé do samurai e este mostrou as presas em resposta. —Ele é como um segredo enorme com patas! —Tentou retirar o queixo dos incômodos dedos de Gabriel, mas o loiro não permitiu. — Por que não conta para eles a verdade, Miya? Me solte, Engel!

—A valkyria foi mordida por Seiya —comentou o samurai como se dissesse a hora, fazendo ouvidos surdos aos sarcasmos da jovem. — Se seguir seu rastro, saberá em que área nos encontrar. Preciso levá-la para baixo imediatamente.

Róta pensou que estava bem que pensasse que seu irmãozinho querido também a provou. Merecia. Merecia sofrer por tê-la mantido na mais absoluta ignorância, jogando com ela e com seus recentemente despertados sentimentos. Não ia dizer que Seiya não bebeu dela. Nem pensar. Que fervesse de raiva o japonêsinho.

Gabriel cravou os olhos azuis escuros no pescoço esmigalhado de Róta.

—De acordo, Miya. Se apresse para fazer o que tenha que fazer. Estamos localizando os escravos de sangue que assistiram ontem à sessão de cinema. Vamos atrás deles e obter toda a informação que necessitamos. Falaremos mais tarde — seus olhos azuis escuros olharam a valkyria com curiosidade. — Róta, tem os olhos negros —soltou-a e sentou de novo diante do monitor enquanto gravava novos dados no iPhone.

Ela ficou paralisada e franziu o cenho. Fez-se silêncio na casa. Tinha os olhos negros... Como assim, tinha olhos negros?!

—Um espelho. Agora! —gritou histérica.

Sentiu uma espetada leve no pescoço e tudo ficou escuro. Os joelhos deixaram de sustentá-la, mas o guerreiro a agarrou nos braços antes que batesse contra o chão.

Bryn e Gúnnr viram como Miya carregava o corpo inerte de sua amiga, e ambas fecharam seu caminho ao mesmo tempo.

— O que vai fazer? —perguntou Bryn ameaçadora.

—É minha companheira, General. Sei como tratá-la e ela nos traiu.

—É sua companheira e seu dever é cuidá-la, não esqueça, samurai. Não sei o que acha que fez, mas não pode machucá-la. Róta é das minhas e se...

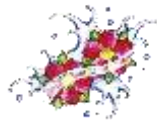


— Não! —exclamou imperioso. — Róta já não é sua. Agora é minha responsabilidade. Não vou machucá-la. É minha *Hanbun*, apesar de tudo! — Rugiu ofendido. — O que quero é que não esqueça jamais.

Gúnnr e Bryn viram algo nas profundezas prateadas do vanirio que as fizeram se afastar e deixar o caminho livre. Bryn foi um pouco mais reticente que a filha de Thor, mas finalmente deixou que tomasse as escadas que levavam ao porão enquanto cravava a vista nas costas do guerreiro.

No rosto de Miya havia determinação e também orgulho ferido de um homem imortal apaixonado e ofendido.

Só por isso, Bryn lhe daria uma oportunidade.



O quarto não tinha boa iluminação, era um tanto escuro.

Era a prova de som. Não tinha janelas, só uma porta de entrada e saída. Os ladrilhos do chão eram negros e as paredes de uma cor um pouco mais clara.

Havia correntes penduradas do teto e outros instrumentos de tortura que se sustentavam através de ganchos presos em painéis de madeira.

Instrumentos que Kenshin não via nenhuma utilidade, mesmo sendo um guerreiro versado em armas e métodos de interrogatório. A quem Ardan torturava nessas dependências?

Tirou a jaqueta e a deixou no respaldo da cadeira metálica prateada, em que agora estava sentado, com as pernas abertas e os cotovelos apoiados nos joelhos e com uma seringa de injeção estimulante vazia na mão. Olhou a agulha e atirou no chão a seringa recém usada.

Levantou para se aproximar dela, a valkyria que despertou o animal furioso que habitava em sua alma. O monstro despeitado de todo homem possessivo e ciumento. Miya estava descobrindo que, por muito samurai e budista que fosse, os instintos de posse nele eram igualmente humilhantes que do resto dos guerreiros, fossem vanirios, berserkers ou *einherjars*.

Olhá-la o deixava doente.

Essa mulher o enganou e ridicularizou.

Essa guerreira foi até Seiya depois de deixá-lo nu em pelo na cama, vulnerável e sem opções de protegê-la. Temendo por ela e a imaginando de todas as maneiras possíveis com seu pior inimigo.

Mas o pior que fez essa traidora foi beber de outro homem. Provar outro sangue, outro alimento que não fosse o que lhe dava prazerosamente mediante seu corpo.

Nem sequer o rechaço de Naomi doeu tanto como o que fazia Róta. Por que as mulheres de sua vida sempre preferiam Seiya?

Tinha que enviar seu sentido de moralidade e dever à merda? Devia se converter num psicopata homicida como seu irmão para que as mulheres o escolhessem? Gostavam mais dos maus?



A alcançou pelas costas e se aproximou de seu corpo até quase se tocarem.

Ela permanecia com os braços acima da cabeça, com os pulsos presos a grossas correntes. Tinha tirado sua roupa e a deixou vestida só com a roupa íntima negra. Precisava ver se havia mais dentadas ou restos de fluidos de Seiya. Se Róta se deitou com ele... Não queria nem pensar.

Quando Miya viu o que aconteceu às suas asas vermelhas, um nó de angústia e ressentimento se fez na garganta. Suas asas agora nasciam em suas omoplatas, como antes, mas percorriam os braços até rodear os cotovelos como se fossem dedos, garras infernais que a pegaram num estado cheio de desvario e despeito.

E eram negras. Negras como seus olhos. Negras como a escuridão.

Nem Bryn nem Gúnnr sabiam ainda o que aconteceu com suas asas, mas comentaram a mudança da cor em seus olhos.

Gúnnr mencionou que Róta estava num estado de fúria permanente, que parecia lutar com algo em seu interior e que a fazia estar em conflito consigo mesma.

Bryn optou por um misterioso silêncio. Afligida pela proximidade de sua irmã, porque sintonizava com seu estado interior e não queria mencionar nada a respeito.

Kenshin pensava outra coisa: o sangue de Seiya fez isso?

Cheirou seu cabelo vermelho e teve o impulso de afundar seu rosto em sua nuca e abraçá-la, uni-la tão definidamente a ele que nada nem ninguém pudesse arrebatá-la jamais.

Mas, como conseguiria isso? Róta escolhia por si mesma, e por muito que fosse o primeiro em fazer amor ou o primeiro em oferecer seu sangue, ela não o amava. Não. Não o amava.

Por que ia amá-lo em tão pouco tempo? Tinha razões para amá-lo? Deu motivos para isso? Se o amasse nunca teria bebido de outro homem. O *kompromiss* forçava muitas coisas, mas estava o amor entre elas? Além disso, não sabia do que estava se queixando quando ele mesmo tampouco quis uma relação mais emocional com ela. E, entretanto, essa necessidade o estava matando por dentro.

A noite anterior suplicou em seus braços. Se entregou e se rendeu pela primeira vez a uma mulher. Queria acreditar nela. Queria confiar seus medos e suas reservas. Tinha rogado que não o traísse. E assim que ela pagou.

Se o amasse, nunca teria ido até Seiya e nunca o teria exposto à vergonha que passou quando Arden abriu o quarto e o encontrou nu em pelo. Vencido por uma valkyria.

Tudo se limitava a isso. Ao amor ou à ausência dele.

Ele acreditava ter amado Naomi e ela o rejeitou.

O que sentia por Róta era doentio. Obsessivo e subjugante. Era isso amor? O que sentia pela do cabelo ruiva era algo mais profundo que o que sentiu por Naomi? Sim. Tudo indicava que sim, e estava incrédulo.

Mas devia aceitar e obrigá-la que ficasse com ele ou tudo estaria perdido. Lhe dar uma lição que não esqueceria jamais.

—Acorde, *Heiban* —murmurou acariciando com seus olhos as suaves nádegas da jovem. O estimulante corria por seu sangue e fazia que retomasse à consciência.

Ela cheirava tão bem. Persistia sua essência de amora com algo mais intrínseco e perigoso em seu perfume. Algo que não estava antes.



Os ombros e pernas de Róta tremeram. Tinha o estômago duro como uma pedra, como se doesse e fizesse forças para protegê-lo.

Abriu os olhos escuros e olhou à frente. Miya sabia que seus olhos encontrariam uma sala escura e uma cadeira metálica vazia.

Ela se agitou e lutou para se libertar das correntes, mas parou ao sentir o aroma e a respiração de Kenshin às suas costas. O calor de seu corpo alcançava sua pele nua. Por que tirou sua roupa?

— Kenshin? — Disse com voz rouca — Me drogou?!

—Você fez o mesmo comigo — respondeu apertando os punhos para não contornar com os dedos cada um dos tribais negros que percorriam suas costas e braços. Não! Não a tocaria! A cadela bebeu de Seiya! O traíu e feriu mais do que acreditava que podia suportar. Seu coração sangrava.

— Como me encontrou? Me encarreguei de fechar todas as minhas portas mentais a qualquer intrusão.

O samurai deu de ombros.

—Inseri em você um chip localizador do ESPIONAGE enquanto extraía o que puseram no Newscientists. Estava inconsciente e não se deu conta. Quando escapou faz umas horas, não ligou o anulador de frequências. —Estava a censurando por essa distração. — Ardan ativou o chip e nos deu sua posição exata. Mas, já o tirei. Fique tranquila.

Ela abriu a boca decepcionada. Miya temia que fizesse justamente o que fez, por essa razão inseriu um desses rastreadores: porque não confiava no que ela pudesse fazer, porque queria mantê-la controlada.

—Sempre duvidou mim, verdade? —perguntou com o orgulho ferido.

—Não me equivoquei. Riu muito de mim, Róta?

—Não ri de você...

— Riu de mim enquanto fazíamos amor e me rendia a você? Pensa em Seiya enquanto está comigo? —Miya não precisava elevar a voz para intimidar ninguém— Não pode jogar assim comigo.

Ela tentou se virar para encará-lo, mas estava pendurada como um pedaço de carne e teve que rebolar como uma serpente para confrontá-lo.

—Não jogo com você, nem rio de você. Mas pelo visto contava que eu o traísse, não? Como podia se deitar comigo acreditando que desejava outro? Tão pouco se valoriza? *Okama!* — exclamou ofendida e contrariada pelo que descobriu e pelas abertas acusações de Miya.

Kenshin enrijeceu e pensou em lavar sua boca com sabão. *Okama?* O chamou de puto em sua cara... A muito atrevida! Só Róta podia continuar soltando barbaridades em inferioridade de condições.

— Eu sim que estou zangada com você! Riu de mim! — continuou ela — Me fez acreditar que estava comigo porque gostava de mim, quando na realidade aceitou se unir a mim para que não fosse Seiya quem o fizesse! — Tremia sua voz. — Sei tudo! Sei tudo o que aconteceu! Acha que sou má, que vou te trair e que me converterei na *chokuto* de seu irmão em vez da sua! Sei que, por alguma razão, tenho algo a ver com que ele possa manipular Seier. — Desfrutou ao ver que seu



rosto se tornava azulado. Essa era uma grande verdade. — Amarro pontas soltas, samurai. Não continuará jogando comigo. Agora sei a verdade.

Ele deu um passo atrás inconscientemente. “Garota inteligente”. Róta já sabia tudo.

Seu plano mudou. Agora apenas tinha que vigiá-la, controlá-la e impedir que se movesse do seu lado. Impedir que voltasse a beber de Seiya e fazer que bebesse dele de novo. E para isso queria torná-la sedenta, desesperada e faminta por ele. Claro que, se os sentimentos e instintos não nasciam naturalmente, sempre se podia lançar mão da química. Com essa determinação colocou as mãos nos quadris e se colou a ela.

— Não me toque! — gritou ela tentando se afastar.

— Me diga uma coisa: prefere a ele? — grunhiu em seu ouvido.

— *Achike*³⁷! — Que se fodesse! Por que continuava com isso?

— Foi até ele esta noite — a sacudiu. — Depois que te roguei... Foi até ele!

— Queria saber o que não me contou! E queria matá-lo Kenshin! Tentei.

— E por isso bebeu dele? — Colocou-se diante dela e afundou as mãos no cabelo. — Por isso, Róta?! Queria matá-lo e decidiu matá-lo de prazer trocando seu sangue com o dele?! Vagabunda!

Merecia essa reação de sua parte? Tanto o assustou? Os olhos belicosos de Miya a atacavam com violência, mas a umidade neles encolheu seu coração. O samurai se via muito afetado pelo que fez.

Ela apenas queria saber a verdade e ajudar a resolver tudo. Queria acabar com Seiya e compilar toda a informação possível sobre os totens e o que faziam com eles. Não pensou em nenhum momento que sua decisão ia feri-lo tanto, mas entendia por que estava tão apavorado.

— Ele não bebeu de mim — destacou dignamente, tentando tranquilizá-lo.

Kenshin jogou o pescoço atrás, como um lobo reclamando vingança e deixou sair um grito dilacerador. Puxou seu cabelo e inclinou a cabeça de lado para expor sua garganta.

— Não minta! — as incisões estavam avermelhadas e inflamadas. Como se atrevia a negar? — Sua mordida está aqui e cheira a ele. E você... Você o mordeu! Sinto o cheiro! — Colou seu nariz no dela — Seus olhos, suas asas... mudaram desde que bebeu seu sangue putrefato.

— Minhas asas?

— São negras! Parece uma picta vingadora!

Os antigos pictos tinham tatuagens tribais por todo o corpo, inclusive no rosto. E eram símbolos intrincados azuis escuros em vez de negros que significavam em muitos casos batalhas ganhas, em outras, vidas perdidas e, em alguns poucos, promessas eternas.

Ela tentou abrir suas apreciadas asas para se afastar dele e de seus ataques, mas estas não obedeciam.

— Me machucou — não ia ficar histérica nem pela mudança de suas asas, nem porque não podiam abrir, nem pela mutação de seus olhos. Voltariam à normalidade. Tudo devia voltar para a normalidade! Ela não mudou, continuava sendo a mesma. Ou isso esperava.

— E você a mim! Também me machucou! E a odeio! — Kenshin a soltou e se afastou dela. — Me dá asco — disse abruptamente, com os olhos prateados frios como o aço. — E me odeio por

³⁷ Foda-se, me japonês.



sentir coisas por você. Me envergonho de mim mesmo. Sou fraco por querer que me queira, por desejá-la... as mulheres como você só sabem trair, e sou estúpido por pretender algo mais de sua parte. Tentei acreditar em você e me vendeu.

Os olhos de Róta se encheram de lágrimas. Nem o corte mais profundo, nem as garras mais afiadas, nem a dentada mais venenosa a feriram tanto quanto essas palavras. O queixo começou a tremer e soube que estava fazendo biquinhos humilhantes. Elevou o rosto e jogou a cabeça atrás mediante um movimento seco para que seu cabelo vermelho não cobrisse seu olhar.

Não ia se envergonhar. Talvez tenha agido mal, mas não fez com má intenção. Isso tinha que contar.

Durante sua longa vida fez muitas coisas só para aborrecer os outros, porque a divertia ver o desconcerto naqueles seres que a sacaneavam frequentemente, ou nas Valkyrias que, como Prúdr — a quem a chamavam “Senhorita Apodrecida” — tentavam fazer mal às pessoas que eram boas e sem sinal de malícia, como era Gunny.

E porque adorava o caos, óbvio, e como boa valkyria que era, a encantavam as confusões.

Mas o que fez essa noite tinha a ver com uma vingança pessoal, não com a vontade de incomodar Miya ou instigá-lo. E o último que queria era que seu *einherjars* a olhasse desse modo, como a olhava nesse momento. Como se não valesse nada.

—Sei tudo que aconteceu com você, Kenshin. Sei que a tal Naomi escolheu seu irmão...

— Não fale dela! — gritou.

A valkyria apertou os dentes com frustração e algo em seu coração se esmigalhou quando escutou nessa ordem um respeito pela outra mulher que não lhe dedicava. Falaria baixo e com diplomacia, e talvez assim, um samurai rigoroso, sereno e diplomático como ele, a escutaria.

—Sei que acha que sou capaz de pertencer aos dois —continuou Róta, — mas isso não é possível, sabe por que?

—Não me importa. Sei o que fez e isso me basta...

—Porque quem se encomendou para mim foi você, não Seiya —grunhiu apaixonada. — O que se entregou aos meus cuidados foi você, e não Seiya. A quem esperei durante milhares de anos foi você, e não Seiya. O primeiro que fez amor comigo foi você e não Seiya. E o primeiro que está partindo meu coração, vanirio odioso, é você e não Seiya...

O samurai tremeu pela indignação e a soltou.

—*Ama*, não me engana. Você não tem coração.

— Sim, tenho! —exclamou magoada. — Você me insultou com seus segredos, com seus preconceitos, com suas misteriosas profecias, com seus temores e com sua inflexibilidade. Foi você e não Seiya que me prendeu aqui! —Róta limpou as lágrimas ocultando o rosto em seus braços e esfregando as bochechas em sua pele. — Pode beber de mim se quer saber como me sinto. Só entendendo o mal que está me fazendo saberá que digo a verdade. E não sei por que me dói! Não merece que eu sinta dor por você! Porque não é bom comigo, não me agrada. Nem sequer me mima!

—Se mima às pessoas que amamos—sabia que esse golpe ia rasgá-la.

A ela cortou a respiração.



— Kenshin, maldito seja! —A diplomacia desapareceu. — Bebe de mim e saberá que não minto!

—Não, obrigado. Cheira a ele. Não gosto de comer as sobras que outro deixou. Agora mesmo, sou incapaz de te cravar as presas.

Os olhos de Róta se tornaram vermelhos e seu caráter emergiu.

—Adora me dar bofetadas gratuitas.

—Bom, compreenderá minha reação, não é?

—O que compreendo é que não quer me escutar. Vou dizer isso só uma vez: não me interessa Seiya para nada. Não sei por que essa profecia fala de mim nesse plano, mas juro que não tenho intenção de destruir o mundo, embora agora mesmo tenho muita vontade de fazer voar tudo pelos ares e te moer a pauladas. Dói-me muito o estômago porque o sangue de seu irmão não me fez bem... Não bebi com prazer —levantou a queixo e assegurou: — E se não se der conta de quão genial sou, é por que é muito lerdo, e ... está me irritando com isso. Deixarei de lutar por você e romperei nosso *kompromiss* se for isso que quer — de repente ela sacudiu a cabeça. “Romper o *kompromiss*? Eu? Jamais”. Mas ia castigá-lo. Miya lhe pertencia e não queria deixar de sentir com ele o que sentiu nesses dias juntos. Queria experimentá-lo todos os dias, embora fosse num mundo rodeado de sangue e violência.

Daria-lhe a luz e ele o amor que pedia em troca. Mas tinha que confiar nela. Tinha que acreditar.

Miya entreteceu os olhos e se aproximou dela novamente. Essa mulher não tinha tolices quando tinha que dar sua opinião.

— Pode fazê-lo? — Perguntou intrigado. — Pode romper o vínculo que existe entre nós?

Ai, deuses... Esse homem falava a sério! Seria incapaz de rompê-lo, porque era egoísta e queria o samurai em todas as horas apenas para ela.

Porque adorava tudo que Kenshin era, inclusive começava a gostar desse temperamento silencioso e empertigado que fazia dele o que era, um homem excepcional.

— Posso. Mas não vou fazer isso.

— E se eu quiser que faça?

— Não fala a sério.

— Faz tempo que não brinco, Róta.

Ela negou categoricamente, como uma menina pequena quando está em desacordo com algo ou negam algo que quer desesperadamente com seu coração caprichoso. Exalou afligida e acrescentou com uma choramingação:

—*Onegai*, Kenshin... Me escute. Bebe de mim, por favor — rogou Róta balançando para ele — Se beber de mim, saberá toda a verdade. Me morda. —Estava o desejando. Seu sangue fervia, e sua virilha ardia uma barbaridade. Tinha fogo em seu interior e as chamas arrasavam todo seu autocontrole. O que era essa sensação tão insuportável? — Deuses... —suspirou deixando cair o pescoço atrás. — Me queima todo o corpo.

Miya olhou a seringa de injeção que jogou no chão, e sorriu malignamente.

— É o estimulante.

— O que me fez?



— Acredito que tem afrodisíaco... E vou te dar uma lição. Menw prepara a fórmula. É muito potente, não é? — Ele passou uma mão sobre o seio dela.

— Quando disse que ia te deixar ofegante por ele, dizia com conhecimento de causa.

— Como o quê? —abrangeu todo o seio com a mão e o apertou brandamente.

Ela gemeu e mordeu o lábio inferior. Apertou as pernas para deixar de sentir esse formigamento desconcertante em seu sexo. Não queria que a tocasse no meio dessa discussão, apesar de amar qualquer tipo de contato físico entre eles, mas não nesse momento.

—Como se quisesse rir de mim e da minha debilidade. Como se quisesse me castigar.

—Toco você como me dá vontade, valkyria. E tenho que te castigar. Me ofendeu gravemente. Tem ideia do que significa para um vanirio que sua companheira tenha bebido de outro por vontade própria? E não outro qualquer. Trata-se do meu pior inimigo! Maldita seja, está me deixando louco, Róta...

Ela fechou os olhos com força. Não podia rebatê-lo.

— Não gostei de beber dele! — Defendeu-se de suas acusações — Sinto-me suja e enojada! E me encontro mau! Mas não me arrependo! Agora sei tudo que precisamos saber sobre os totens, sobre o que pretendem fazer, sobre mim e sobre você, coisas que nunca teria me dito porque é um covarde! Porque tem medo de me querer e que possa o trair como fez...!

O vanirio apertou a mandíbula e mordeu o queixo. Ela emitiu um gemido e abriu a boca para beijá-lo, para provar seus lábios, mas ele se afastou de seu corpo como se tivesse lepra.

—Não fale dela — soletrou cada palavra com voz assassina. — Nunca. Não permito isso.

O ciúme da valkyria ferveu como água quente em seu sangue. Esse homem não tinha nem ideia do que ela viu nas lembranças de Seiya. E até que não bebesse dela não poderia averiguar o que seu irmão traidor mostrou: um mundo negro cheio de depravação, malícia, ódio e despeito, mas com uma quantidade de informação que serviria muitíssimo aos clãs; e se o vanirio também queria aceitá-lo, também faria bem a ele. Se perdoaria por muitas coisas do passado, esse espírito que nunca abandona à consciência. Mas, para isso, tinha que mordê-la, deixar de insultar e provocar, e ceder à demanda do sangue dos companheiros. Ela mesma precisava beber dele porque a quantidade que bebeu de Seiya estava provocando arcadas e queimação no corpo. Era nociva. E sabia por que. Porque Seiya não era seu companheiro.

Não era seu companheiro. Ponto final.

Seu sangue a tornaria má, como ele. Já tomou muito de sua essência e não queria experimentar de novo porque foi muito traumático.

—Não me faça isto, por favor — pediu ela cansada e resignada. — Me deixe beber de você, Kenshin. Me dói o estômago. O sangue de seu irmão é maligno...

—Não. O único modo que esse sangue não a afete é não bebê-lo. Fez o que temia que fizesse.

— Kenshin, por favor! —chorou. Nunca antes suplicou. Em sua vida nunca sentiu uma necessidade tão forte de algo como o impulso de morder ou ser mordida, como o desejo de aceitar e ser aceita. Disso se tratavam as mordidas entre vanirios. Não só eram necessidade e submissão de um ao outro. Era, acima de tudo, aceitação. O ser querido com defeitos e virtudes, mas ser querido apesar de tudo.



—As Valkyrias nunca rogam. Suponho que você sim —poderia ser um elogio se não houvesse esse tom de ironia em suas palavras. — Já tenho o que necessito. — Mostrou uma garrafa pequena de vidro com sangue.

Seu sangue.

Róta se indignou e deixou cair a cabeça adiante. Não podia fazer isso. Então localizou em sua virilha uma cicatriz avermelhada e inflamada feita com um fio de espada. “Não pode fazê-lo assim”. O grande safado a cortou e ia usá-la como se fosse uma fonte de hidromel, mas sem abraçá-la, sem tocá-la, sem mordê-la. Sem nada que faziam os verdadeiros companheiros.

—Deixou de ser minha pessoa favorita —sussurrou fazendo negações com a cabeça. — Não pode beber de mim como se fosse uma Red Bull, por mais que meu sangue te dê asas —inquiriu de forma venenosa. — Está sendo injusto, Kenshin.

—Bom, não será para tanto. E se acha que estou me comportando mal, sempre pode escolher meu clone — deu meia volta e abriu a porta do quarto— Mas isso você já fez.

— *Onara atama*³⁸!—gritou ficando rouca. A xenoglossia nas Valkyrias era algo maravilhoso, porque recebiam a tradução das palavras imediatamente. O chamou cabeça de pum, porque era um insulto japonês bastante humilhante. O japonês... Que maravilhoso idioma! Inclusive o mais absurdo tinha sentido nessa língua. — Me ouviu, Kenshin?! É um galinha! Farei isso! Farei isso, juro! Se tanto deseja, ficarei com Seiya só para te chatear! Já bebi dele e voltarei a fazê-lo! Irei até ele na primeira oportunidade! E todos iremos tomar no cu! Os deuses, os humanos! Todos! E será sua culpa! — Um raio vermelho saiu de seu peito e ricocheteou por todo o quarto, alcançando as correntes e removendo os instrumentos de tortura. — Kenshin! Não pode me deixar aqui! Assim não! — Engoliu e apertou as pernas com força. Não podia deixá-la com o afrodisíaco acampando livremente por sua circulação, deixando-a ofegante por um contato que não aconteceria. — Precisam de mim! Você... Você precisa de mim.

—Não preciso de você. Disto sim — balançou o frasco para provocá-la. — E em seu estado pode fazer mal a alguém, ou inclusive nos trair outra vez. Enquanto meu irmão continuar vivo e tiver a espada de Frey em suas mãos, não sairá daqui. Porque é perigosa e não é de confiança.

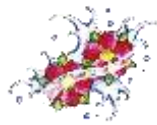
— Nunca vou perdoá-lo por isso! *Kuso a taberu na!* —Gritou Róta como um tomate com as veias do pescoço inchadas.

O samurái parou antes de fechar a porta atrás dele e tirou a tampa de rosca prateada da garrafa cheia do sangue de Róta. A valkyria o chamou de “come merda”. Caralho, tinha uma língua capaz de despertar os mortos e muito rica quanto a insultos. Girou, elevou a sobrancelha castanha e a olhou elevando a bebida e brindando à sua saúde.

—Vendo o que como, está correta.

Ela abriu os olhos surpresa por esse golpe baixo e ficou pendurando das correntes, balançando levemente, com o coração ferido, o corpo cruelmente excitado e esfomeado e a alma nos pés.

³⁸ Cabeça de pum, em japonês.



Ardan e Gabriel estavam sentados no sofá de couro vermelho no salão. Ambos olhavam espectadores o samurai que, recostado na frente deles numa poltrona de braço, contou tudo relacionado à profecia, com Róta, Seiya e a espada de Frey.

Gabriel levantou agitado e caminhou para a janela exterior que dava a uma parte pequena do lago.

—Incrível —disse o líder dos *einherjars*.— Tenho uma valkyria que pode se converter quase no próprio Satanás se descuidarmos dela, que tem todos os números para se unir a Seiya e que, se sua vinculação se completar, fará que possam usar a Seier.

—Basicamente, sim — respondeu o samurai sem se arrepender por seu prolongado silêncio.

—Me ilumine, então. Sabendo como Róta é importante para os jotuns, manteve isso em segredo por... ? — A voz de Engel destilava raiva e incredulidade.

—Porque para mim era extremamente importante que Róta não soubesse de sua importância em relação à profecia dos gêmeos. Porque a profecia deixa claro que ela pode ser nossa perdição, e não queria lhe dar essa força. Enquanto Róta estivesse comigo e se vinculasse, tudo estaria controlado. Mas não contava que a sequestrassem nem que Seiya tivesse a Seier, e muito menos contava que pudesse me trair, como fez ontem a noite —explicou amargamente.

— Sabe desde Chicago?

Por muito que negasse, sabia desde que desceu à Windy City. Um vanirio sempre reconhecia o aroma de sua verdadeira companheira. Quando a mordeu no Underground, tudo se confirmou. Era ela. Róta era sua *chokuto*.

—Sim. Sei desde que chegaram.

Os olhos de Gabriel se tornaram negros pela raiva e frustração. Um estrategista como ele não suportava surpresas, porém, bem podia utilizá-las mais tarde.

—Ela não está vinculada ainda —esclareceu Gabriel. — Não tem o *Comharradah*³⁹ em nenhum lugar.

—Visível, pelo menos —especificou um Ardan pensativo passando os dedos pelo extremo da trança da cor de carvão.

— Por que não estão vinculados? —Gabriel deu a volta e sentou de novo ao lado do highlander e diante do samurai. — Já tiveram as três trocas absolutas?

Miya deu de ombros e olhou para o chão, preocupado.

—Sim.

— Sabe que a vinculação se apoia na confiança e aceitação?

Ardan levantou uma sobrancelha insidiosa.

³⁹ Selos dos deuses que sai tatuado nas peles dos companheiros vanirios que se vinculam eternamente. É um nó perene com uma gema da cor dos olhos do casal no centro.



—Isto parece uma conversa de mulheres. Trago chá com bolinhos?

—Traga saquê —sugeriu Miya.

—Isto é sério —Gabriel soprou. — Acha que não se vincularam porque ela não é sua companheira? Isso é o que pensa?

O samurai levantou e colocou as mãos nos bolsos dianteiros de sua calça.

—Pode ser —respondeu com sinceridade.

— O que ela diz a respeito?

—Que é minha companheira, não a de meu irmão. Eu a solicitei, e se agarra a essa desculpa constantemente.

—Não é uma desculpa —replicou Gabriel. — O *kompromiss* é um vínculo sagrado. Se a escolheu, é porque é a mulher de sua vida mortal e imortal. Não há outro motivo possível. Como vanirio sua *cáraid* é única. Só há uma.

—Mas não lembro; pelo contrário, apenas vi em suas lembranças, vi o momento que me encomendei... E é tão estranho esquecer. Sei quem é Róta para mim e sei também quem é meu irmão, por isso tenho muitos receios a respeito de sua natureza.

—Tampouco recordei ter visto o rosto de Gúnnr no momento da minha morte antes de me encomendar aos seus cuidados eternos. Mas ela afirma que, enquanto escapava meu último sopro de vida, olhei o céu, a busquei e vi. E te asseguro que vivo por ela e que não há ninguém mais adequado nem perfeito para mim. O *kompromiss* não falha.

—Me deixe colocar em dúvida, Gabriel. —Ardan o contradizia abertamente. Tanto palavreado romântico o deixava doente. — E justo quando morria Freyja te transformou? — Perguntou Ardan com aversão. — Ela tinha que saber que pertencia a uma valkyria. Essa mulher adora suas filhas e não faz nada à toa. Nunca prejudicaria suas Valkyrias a não ser que...

—Que fosse necessário —concluiu Gabriel. Olhou o objeto que o samurai segurava entre seus dedos. — Espero tudo dessa deusa, por isso não podemos nos precipitar. O que acha que vai tirar desse frasco de sangue que tem entre as mãos?

—Poderei ver o que aconteceu e receberei tudo que Róta leu em Seiya. Ela terá adotado suas lembranças e experiências como dela.

— Por que não a mordeu? —Gabriel levantou uma sobrancelha loira e cruzou os braços.

Miya estremeceu e a raiva fez que visse tudo negro.

—Porque não suporto cheirar Seiya nela. Me traiu. Essa mulher me traiu.

Ardan e Gabriel simpatizaram com ele. Eram homens e não gostavam que outras mulheres os golpeasse. O Engel assentiu e disse:

—Então, não vamos perder mais tempo. Faz um Sant Hilari. —Gabriel tinha sangue catalão. Essa expressão vinha do ditado: “São Hilari, São Hilari filho da puta o que não o acabe”.





Miya bebia o último gole da garrafa cheia de sangue.

Fechou os olhos e recostou a cabeça no enlavadado apoio da poltrona.

Os fardos que conduzia consigo mesmo iam afundá-lo uma vez que visse todas essas lembranças. Acabariam com ele, mas nada o surpreenderia. Sabia o que ia encontrar: a traição e a falta de responsabilidade de Róta. Como sempre.

Tinha que se concentrar no sangue da valkyria. Continuava igualmente deliciosa, maldita fosse, mas agora havia algo mais intoxicante e aditivo, se era possível. Algo que o advertia sobre o potencial oculto dessa mulher. Cravou os dedos na poltrona estofada, grunhiu pela impressão. Recebia muita informação que o atacava em forma de flashes que o deixavam cego.

A primeira imagem o desarmou: Seiya tentou mordê-la, mas ela não o permitiu.

O primeiro fardo caiu de repente e inadvertidamente, acertou em toda sua soberba. Sua valkyria lutou para que Seiya não a provasse.

Sentiu todos os impulsos e instintos que levaram a valkyria a fazer o que fez. Viu o ódio e repulsão enquanto mordia Seiya no braço e pôde perceber a raiva e a necessidade de o destruir que arrasavam as vísceras da jovem. A raiva tinha um sabor especial no sangue. Só podia sentir o fluxo da fúria valkyria, pois as emoções estavam entrelaçadas umas com as outras e, sem manter o vínculo mental com ela, não podia as decodificar. Mas sim, leu o impulso principal que teve para fazer o que fez: a vingança estava lá. A jovem de cabelo vermelho e orelhinhas bicudas queria esquartejar Seiya e vender suas extremidades como lembranças. Isso o fez sorrir e também o serenou.

O segundo fardo caía e esbofeteava sua arrogância por acreditar que tinha razão: Róta não gostou de beber de seu irmão e o mordeu no braço porque não queria cravar as presas no pescoço.

O rosto do samurai adquiriu tranquilidade e quietude ao longo dos minutos.

Tudo indicava que Róta não queria trai-lo, apenas se encarregar pessoalmente de Seiya e receber toda a informação pertinente sobre ela e sobre ele. E a garota conseguiu.

Como não? Uma mulher tão sagaz e avassaladora sempre conseguiria seus propósitos.

Por esse motivo, nesse momento, Róta já sabia tudo.

A garota viu toda sua história desde seu nascimento, conhecia a profecia e além disso descobriu uma verdade que o paralisou: Seiya preparou o ataque ao clã Kofun Yamato. Usava a maldita máscara de demônio, e ele... era o traidor.

Seiya sempre foi mau. Sempre. Mas não foi até que o transformaram e levou consigo alguns membros do clã, que Miya descobriu sua verdadeira natureza. Sentiu pesar por essa revelação que implicava no assassinato de seu pai e na definitiva morte de Naomi. Seu irmão arrebatou tudo porque se acreditava com direito de fazê-lo. Seiya matou ambos. E agora, queria levar Róta.

Ver Naomi através do sangue de Róta o aturdiu. Fazia tanto que não a via... e sua lembrança estava um tanto apagada pelo tempo. Mas, embora a japonesa fosse uma mulher muito bela, agora que a equiparava com a valkyria não havia nem ponto de comparação. A imagem que via através do sangue de sua guerreira de cabelo vermelho provinha das lembranças de Seiya, e através delas viu a verdadeira Naomi. Uma japonesa do clã Yamato, bela e dócil, mas que não era



a que aparentava ser. Naomi desfrutou o rejeitando e Seiya esteve presente nesse momento. Logo a japonesa procurou Seiya para que a transformasse.

Miya chorou essa traição porque acreditava que a amava, e chorou sua morte porque sempre acreditou que se pertenciam.

Responsabilizou-se por tudo que sofreram os Kofun: pela morte de seu pai, de Naomi, da deserção de alguns membros do clã... Inclusive, inconscientemente jogava a culpa pela morte de sua mãe ao nascer, pois foi o último a sair. Lamentou muitas coisas e gastou muito tempo chorando e se culpando por elas, quando não mereciam suas lágrimas. E a garrafa de vidro, esse objeto ofensivo para a valkyria, estava dando todas as respostas e o liberava das correntes do passado.

Através das lembranças aderidas ao sangue também podia visualizar o momento que Loki visitou seu irmão em sonhos e o proibiu de beber o sangue de nenhum humano. Sem alma, os vanirios não podiam se emparelhar, e a profecia falava alto e claro a respeito. A *chokuto* era a alma do samurái e Róta, por uma razão que escapava, embora tudo apontasse que tinha a ver com sua suposta maldade e com seu dom, estava em jogo. O dom de Róta era importante para Loki, o qual a queria entre seu exército e a esperava há um longo tempo.

Depois dessa última revelação, vieram lembranças e imagens relacionadas com Seiya e o Newscientists, e já não pôde permanecer em silêncio por mais tempo.

Abriu os olhos e passou as mãos pelo rosto. Precisava reagir rápido e explicar tudo que viu.

—Ardan tinha razão. A espada e a lança permanecem juntas numa câmara de cristal — apertou a ponte do nariz. — Mas parece haver água ao redor. Há caixas ao redor... E... Um momento — inclinou a cabeça com os olhos fechados. — Fez algo com os esporos. Os estão tratando lá e vão acelerar. Há muitos esporos crescendo no rio Forth. Os mais avançadas estão sob a ponte Kincardine.

—Delimita a borda interior do Forth. —Ardan entrelaçou os dedos e apoiou o queixo entre eles.

O samurái tentava pôr em ordem tudo que viu.

—Não estão à vista... Estão escondidos. Não são edifícios físicos como os de Chicago ou de Londres. Há um lugar muito escuro, é como um bosque, e há uma comporta metálica no chão que dá a entrada ao seu... Merda! —grunhiu enojado pelo que via. — Fazem de tudo. Estão fazendo experimentos com clones e outras barbaridades.

—Preciso que me diga onde é isso. E quantas sedes há mais do Newscientists espalhadas? Temos que chamar aos gritos e as destruir.

—Lamento, Engel —respondeu Miya saboreando o sangue na ponta da língua. — Não é fácil... Seiya tem ordens diretas de Hummus. Sabem que temos diminuído seu exército e que têm que acelerar seus planos. Mas não sei o que estou vendo. Não compreendo. Há cientistas que trabalham medindo a atividade geológica e há outros que controlam os astros.

— Que fazia Seiya em Forth Bridge?

—Não sei com certeza.... devido a termos detido os devoradores e vampiros ontem à noite, houve uma mudança de planos. Aparentemente, esperava alguém com seus resultados. Não sei o que, nem tampouco a quem esperava, mas estando no rio, certamente tem a ver com os esporos.



— Poderia ser Cameron?

— Poderia ser. Há algo mais — franziu o cenho e engoliu. — Seiya guardou um par de ampolas com sangue de Róta. A extraíram quando foi sequestrada em Chicago. Ele precisa de seu sangue... Precisa para algo. É como um ativador para utilizar a Seier.

— Um ativador? Acha que Róta poderia saber mais coisas?

Miya negou categoricamente e, pela primeira vez, se sentiu envergonhado pelo que disse à temperamental valkyria. Sua valkyria.

— Róta nem sequer sabe por que motivo é importante. Não sabe para que a querem. Ela está tão perdida quanto nós. Mas é importante, não resta nenhuma dúvida. E é poderosa. Se Loki a quer é por algo.

— Então houve traição ou não? — disse Ardan rindo do oriental. — Pergunto isso porque, se quer castigá-la pelo que fez, está numa boa sala de.... castigo — os olhos caramelo do highlander brilharam com interesse.

Miya arqueou as sobrancelhas pela insinuação. Não, não ia castigar Róta de nenhuma maneira. Queria brigar com ela por desobedecê-lo; já a advertiu sobre o que aconteceria se o desafiasse de novo. E ela, sendo tão temerária como era, o fez. Pagaria as consequências, porque do contrário essa mulher sempre pegaria no seu pé e conseguiria o que queria. No entanto, o embargava uma estranha alegria. Não que agora confiasse nela cem por cento, mas sim que duvidava muito menos.

Se a valkyria não sabia por que era importante, se não era má e se não gostava de Seiya absolutamente, então devia ajudá-la a compreender seu papel e protegê-la dos que queriam abusar dela.

Segurou a garrafa de vidro com força.

Merda, queria marcá-la para sempre, isso sim, sabia que tinha dado muito estimulante e que ele tampouco estava em melhores condições. E queria se vincular porque, se a Valkyria o desejava de verdade e igualava todo o desejo que sentia por ela, então, se entregaria por completo. E que as *nornas* decidissem. Estava farto de si mesmo e de suas reservas.

Gabriel levantou do sofá e golpeou amigavelmente o ombro do samurai.

Avaliou a situação. A informação era válida até certo ponto porque sendo um estrategista militar, como era, sabia que quando um plano era descoberto devia se riscar outro de reserva. Seiya sabia o que implicava que Róta bebesse dele, mas o vanirio esperava que ela o aceitasse e no final não foi assim. Não pensou que Róta não ia querê-lo, nem tampouco pensou que poderia submetê-lo com as flechas da *bue*. Não avaliou todas as possibilidades nem seu campo de ação. Era o que acontecia com os arrogantes: todo potencial que tinham desaparecia quando acreditavam mais em hipóteses que nas verdadeiras probabilidades.

Certamente o vanirio já teria informado sobre o que Róta fez e as mudanças de planos por parte de toda a organização estariam para chegar.

— Temos três notícias — disse Gabriel. — A primeira é que Aiko saiu ontem à noite de Chicago e vem para cá. Traz consigo a fórmula de choque contra o crescimento dos esporos. Menw ajudou na hora de procurar o bloqueador e entre Isamu e ela fizeram um grande trabalho. Chegará esta tarde. — Olhou o relógio digital do pulso. — Restam algumas horas. A segunda



notícia é que localizamos os escravos e estão todos num mesmo distrito. Isso não é muito normal, porque pensávamos que matamos seus amos traficantes na noite anterior no lago, mas, se agem todos segundo o mesmo padrão, é porque têm que haver um par de amos mais ou mesmo obedecem uma comunicação em cadeia que não tem por que ser mental. Pode ser que tenham chamado todos num mesmo lugar — refletiu esfregando a testa, intrigado por aquele movimento. — Temos que ver onde vão e a quem obedecem, e talvez nos levem até o paradeiro de Seiya. São como pequenos computadores sujeitos a um computador central, não são organismos independentes. Teremos que encontrar esse computador central.

—E a terceira notícia? —perguntou Miya.

Gabriel sorriu e girou o monitor Apple para mostrar um mapa da Escócia.

—Buchanan e Anderson não puderam extrair nenhuma informação dos chips que implantaram em Róta e em Johnson —explicou o Engel. — Estavam muito chamuscados. Não obstante, Caleb e Noah extraíram os chips dos corpos do resto dos reféns e acharam duas localizações. A primeira é Wheaton, o lugar no qual estava localizado o Newscientists em Chicago. E a segunda localização marca aqui —assinalou uma zona ao sudoeste do país. — Dumbfries and Galloway.

Miya se aproximou do monitor e assinalou todas as luzes vermelhas que se aglutinavam nos arredores dessa zona.

—Não é uma casualidade que os escravos de sangue estejam lá —assegurou Gabriel.

—Dumbfries and Galloway —repetiu Ardan abrindo e fechando as mãos, perdido em suas reflexões— Um momento.

Miya e Gabriel o contemplaram com interesse.

—O samurai diz que viu um bosque muito escuro, verdade? E que suas instalações se encontravam escondidas.

—Sim —apoiou o vanirio.

—Nessa zona fica o bosque negro de Galloway —narrou Ardan. — O mais escuro de toda a Europa. Há inclusive um observatório porque daí se pode ver a via Láctea como em nenhum outro lugar.

Os três se olharam e chegaram à mesma conclusão.

—Então, os escravos vão para lá. Nos preparemos — urgiu Gabriel agarrando todas as tralhas e aparelhos de informática e militares que precisavam.

—Deveríamos nos dividir —sugeriu Ardan. —As garotas...

—As garotas não vão deixar Róta aqui sozinha. Ficaremos com Steven e com Johnson — interveio Bryn aparecendo sob o umbral da porta do salão com Johnson agarrado em sua camiseta. — Enquanto isso, falaremos com Black Country. Abriremos uma videoconferência para que Johnson conheça as crianças do RAGNARÖK. Será bom para ele ver que há mais crianças como ele. Seguiremos seus avanços via satélite e estaremos aqui se por acaso precisarem de reforços.

Ardan assobiou e assentiu de acordo com o que a General disse.

— Sabe fazer tudo isso Bryn? —o sarcasmo da pergunta estava implícito.

Ardan abriu os braços quando Johnson caminhou para ele arrastando os pés. Abraçou o menino com cuidado, pois sabia que o pequeno não estava muito familiarizado com o contato



físico carinhoso e se mostrava muito rígido e desconfiado quando o tocavam. Mas Johnson fazia esforços para aparentar normalidade. Era um menino muito especial que ganhou o carinho e a admiração de todos. Era difícil para o pequeno retomar o vínculo com seu padrinho; além disso, o gigante parecia ter muito boa mão com o menino. Johnson dormia muito e tinha horários muito trocados. O estresse, as experiências e as drogas que subministraram durante tanto tempo estavam mostrando as consequências. E Ardan não suportava pensar no que aquele pequeno viveu.

A General ficou em silêncio e o olhou fixamente.

—Se pudesse matar alguém com o olhar, estaria morto, homem das ilhas — deu de presente um sorriso incrivelmente falso.

O highlander desfrutava incomodando Bryn. Deixou Johnson ir, que vigiava todos os movimentos do samurai. Ardan se apoiou no sofá como um marajá e cruzou um pé sobre o joelho. Olhava-a de cima abaixo com uma intensidade que ninguém deixou de notar.

—Miya? O que devemos fazer com Róta? —Gabriel sabia que a valkyria pertencia ao vanirio e ele saberia o que era melhor.

Miya levantou do sofá e caminhou até a janela. Cruzou as mãos nas suas costas e estudou a paisagem enquanto meditava sobre o que acontecia.

—Está muito alterada, sob os efeitos do sangue de Seiya e poderia ser imprudente levá-la conosco.

—Mas podemos confiar nela?

—É obvio que sim —grasnou Bryn indignada. — Miya, sabe que sim. Diga.

—Róta é volúvel e antes tem que se tranquilizar — ele se encarregaria de acalmar o temperamento da guerreira, faria o impossível para fazer as pazes. Róta dispôs de uma grande oportunidade para dar a estocada final e ir para o lado de Seiya, mas não o fez. Embora continuasse o ofendendo em excesso que mordesse seu gêmeo. Entretanto, esse sentimento era mais pelo seu instinto vanirio de posse e domínio que pelo motivo de traição real. Cobraria isso mais tarde. — Mas sim, podemos confiar nela. É das nossas.

Os sentimentos desordenavam tudo. Mas, quem podia controlá-los?

Sentiu uma mão pequena que penetrava na dele. Olhou abaixo e encontrou a cabeça raspada escura de Johnson. Juntos viram como o sol se ocultava refletindo uma intensa cor fogo no horizonte.

—Sol... mau —disse Johnson forçando suas cordas vocais enquanto o olhava fixamente, entendendo a debilidade do vanirio.

Miya sorriu e apertou sua mão. O pequeno se fixou na *chokuto* que pendurava de suas costas e tocou a capa de borracha negra com os dedos.

Sorriu com acanhamento e seus olhos azuis claros se iluminaram com uma inteligência que ia muito além de um menino de cinco anos.

—Garota... Raios... Boa.

O samurai assentiu e fez uma reverência como se o pequeno fosse um recém achado sensei. Se um menino de cinco anos sabia a verdade sobre Róta muito antes dele, era porque esteve muito cego ou por que o pequeno era muito sábio.



Ambos olharam como o sol se ocultava e dava lugar à noite.

Ninguém mandaria sobre o coração de Róta, e muito menos uma profecia nem tampouco uma versão gêmea do bem e do mal.

Essa missiva era algo que ele e Seiya acabavam de saborear como fato.

Seiya era o rejeitado.

Miya era o desejado ou, pelo menos, foi, porque segundo as palavras de Róta já não era sua pessoa favorita do mundo. Apertou os dentes ao recordar o que disse. Foi um estúpido. Como bom homem que era não podia acreditar que aquela mulher o escolheu, e por isso duvidou de Róta até o último momento.

Se arrependia de tudo que disse, mas continuava zangado com ela por deixar seus nervos destroçados. Porque doía. Doía o peito ver Róta beber do braço de seu irmão. Merda, não aguentava o ciúme!

Mas ela não era tão má.

E agora tinha uma valkyria furiosa, protagonista de uma profecia e desejada por Loki, acorrentada no porão e com estimulante até as sobrancelhas.

E ele não estava muito melhor.

Morria de vontade de ir até ela e deixar as coisas claras entre os dois, mas deveria ser mais tarde; primeiro tinham trabalho a fazer.

CAPÍTULO DEZENOVE

Bosque do Galloway

A umidade era muito alta e a geada noturna que caía sobre aquele bosque cheio de coníferas e espessa vegetação era extraordinária.

O parque de Galloway, localizado em Edimburgo, dava a possibilidade de desfrutar das estrelas como em nenhuma outra parte do país devido à sua escassa captação luminosa. Era um incrível pulmão no Reino Unido e conhecido como o parque do céu escuro. O terreno ocupava uma extensão total de 777 quilômetros, e quando o sol se ocultava atrás das montanhas, o bosque se convertia num cenário próprio dos filmes de terror e uma fonte de inspiração para as lendas sombrias. Um lugar ideal para românticos temerários a quem não importava escutar sons estranhos nem inquietantes sussurros, se com isso podiam ver as estrelas em seu máximo esplendor.

Deixaram o Hummer no estacionamento do Glen Trool, e nesse momento estavam ocultos entre as copas das árvores que davam à desolada e ruinosa cabana de Culsharg, aos pés da colina mais alta da Escócia: Merrick, que formava parte da cordilheira Awful Hand.

No Merrick teve lugar o assassinato dos *covenanters* e a batalha de Steps of Trool. Era uma dessas montanhas de aspecto bastante arisco e seco que continha granito de não se sabia onde, pois ainda não haviam averiguado a procedência do mineral.



Nesse lugar escuro e ameaçador, encontravam-se mais de vinte escravos de sangue.

—Juro —disse Ardan a Gabriel em voz baixa, — que nunca teria imaginado que houvesse nada secreto nesta área. Sabe? Até alguns meses não sabia nem o que era a organização Newscientists. Sempre soubemos que os vampiros e lobachos eram nossos máximos inimigos e que eram filhos de Loki. Quando Freyja e Odín me enviaram aqui para proteger as Terras Altas, sempre me perguntei por que motivo estávamos sozinhos. Somos muito poucos, Gabriel — enfatizou em desacordo. — Começaram a desaparecer berserkers, e sobretudo, queriam sequestrar as ninhadas dos berserkers.

— Há muitas crianças berserkers?

—Sim. Mas estão protegidos —não queria falar do assunto e prosseguiu com sua narração. — Mataram John e Scarlett e levaram Johnson. Investigando as mortes das companheiras de Buchannan e Anderson, descobrimos que havia uma organização humana por trás. Foi então que comecei a acreditar que talvez Johnson continuasse vivo, que o levaram para fazer experimentos com ele devido a ser híbrido. Do contrário, nunca adivinharia que os próprios humanos que defendemos estavam envolvidos nos projetos genéticos conosco.

Gabriel o escutava com atenção.

—Temos que pensar que nem todos os humanos agem como eles— esclareceu Gabriel. — Ou no final não teremos vontade de salvá-los.

—Suponho que não. Mas, se não o fazem é porque estão perdidos na ignorância e desconhecem esta realidade; e além disso, já têm suficiente merda no mundo no qual vivem para acreditar ou não acreditar em deuses.

— Como soube do Newscientists?

—Para nos caçar utilizavam potentes anestésicos. Em uma das brigas pudemos encontrar um frasco diminuto com sonífero. Analisamos a etiqueta e achamos a origem de onde procediam. Averiguamos que, casualmente, as sedes de onde saíam estes produtos desapareceram, vítimas de explosões estranhas... Em Barcelona, em Londres... e faz poucos dias em Chicago... Mas não encontramos nenhum lugar físico aqui na Escócia. É óbvio que sabemos que nos pegam e fazem experimentos conosco, não obstante, não foi fácil os achar. Após, nosso afã foi encontrar a sede aqui e destruí-la. Tinha a esperança de encontrar Johnson num dos edifícios —confessou com humildade. — Não queria acreditar que morreu, mas são malditamente esquivos —apertou a mandíbula. — Foi Cameron quem o levou, e foi ele quem matou seus pais. A sangue frio. Recentemente descobrimos que muitos escravos se refugiavam no BDSM e foi quando nos ocorreu os localizadores — olhou a tela cheia de pontos vermelhos de seu iPhone no mapa cartográfico de Merrick. — Me alegra saber que funcionou e que podemos jogar uma mão de verdade.

—É um *einherjars* valeroso, Ardan —comentou Gabriel. —Nenhum dos esforços que fez para preservar a humanidade foi em vão.

—Suponho que não —fez uma careta de conformidade, — mas estou há séculos aqui lutando contra vampiros, enfrentando os comparsas de Loki e protegendo uma humanidade ignorante. E me irrita não ter me dado conta de tudo isto antes. Há muitos séculos estou vendo



vanirios e berserkers, inimizados, mas o idílio entre meu amigo John e Scarlett aproximou as ideias. E o nascimento de Johnson foi um ponto culminante para que ambos os clãs conversassem.

Gabriel sorriu. Sim, isso também aconteceu entre o clã de Caleb e Ás.

—Também acreditavam que ambas as raças eram incompatíveis, verdade? — perguntou o loiro recordando toda a história que o líder berserker de Wolverhampton contou.

—Sim, *Aingeal*, com isto quero dizer que sei quem são meus inimigos e sempre pensei que devia lutar contra eles. Meu inimigo direto é Cameron, e acreditei que defender esta parcela de Terra que habito de todas suas maquinacões era minha missão mais direta. Pensei que essa era nossa função. Os deuses nos enviam à Terra e nos dizem que não devemos permitir que os jotuns manipulem o mundo e se façam conhecer. Por isso estamos aqui. Pensei que essa era nossa função.

—E era —assegurou Gabriel. — O que acontece é que agora sabemos de verdade contra quem lutamos. Não são individualidades. É um grupo que trabalha muito bem juntos e que estão unidos por um objetivo comum: acabar com todos nós. Nós não estivemos unidos porque aos deuses interessou e porque, estou convencido, conhecendo as *nornas* e entendo que, para Odín e Freyja, possivelmente, não era o momento. As coisas acontecem quando têm que acontecer. Por exemplo: berserkers e vanirios sempre se deram muito mal e quase sempre jogavam a culpa do que acontecia uns nos outros. Assim aconteceu em Black Country na Inglaterra. Também acreditaram que estavam sozinhos na luta e recentemente descobriram o que era a Newscientists e todo o resto. Em Chicago só havia vanirios; os berserkers se achavam em Milwaukee pelas mesmas razões: diferenças que se acreditavam irreconciliáveis até que tiveram que se unir para nos ajudar a impedir que usassem o martelo de Thor no acelerador de partículas de Geneva. Na Inglaterra, os deuses ditaram as diretrizes de proteger os humanos e que os dois clãs trabalhassem separados em sua proteção. Berserkers por um lado e vanirios por outro. Mas Caleb McKenna decidiu investigar o Newscientists como resultado da morte de seu melhor amigo Thor e assim chegou até Mikhail Ernepo, e até Aileen. Ela revolucionou tudo quando Caleb descobriu que era sua *cáraid*. Uma híbrida foi o detonante para que agora nos conheçamos, dispostos a lutar vanirios, berserkers, *einherjars*, Valkyrias e humanos juntos para impedir que chegue o Ragnarök. Porque, se há uma realidade neste jogo dos deuses é que o dia do final dos tempos está a ponto de chegar, mas o que acontecerá nele dependerá de nós.

—A isso me refiro. É realmente agora, depois de tanto tempo, quando vejo que posso ajudar de verdade.

—Então ajudemos, Ardan.

—Isso faremos, *Aingeal*.

Só se ouviam os ruídos ocasionais dos esquilos vermelhos se metendo em suas tocas, ou de alguns cervos fugindo espantados pelos ruídos que faziam os silenciosos passos dos humanos lá embaixo.

—Tenho curiosidade... O que veio primeiro, Ardan? Os escravos do BDSM?

Ardan o olhou de esguelha. Seu olhar caramelo se tornou audaz e sorriu enigmaticamente.

—Sou um amo desde que nasci —respondeu sinceramente, esperando ser concludente com essa resposta. Mas nunca explicaria por que desenvolveu essa natureza agressiva e dominante no



sexo, principalmente porque, depois de descer do Valhala, se fixou como entretenimento e objetivo se especializar no assunto. — Não me cai bem o “baunilha”.

Fez silêncio de novo. Gabriel sabia em termos sexuais o que era baunilha.

— Porra, cara. Também sou amo — respondeu ele muito sério. — Sou monógamo — brincou com um sorriso, estufando o peito. — Escravo e senhor de uma valkyria filha de Thor. E orgulhoso de ser.

Ardan assentiu e sorriu seguindo a piada. O líder dos *einherjars* tinha um senso cômico muito estranho.

— Ouça, a respeito de Bryn...

— Assunto proibido — o highlander o cortou severamente enquanto olhava os humanos reunidos na cabana, perdidos e deslocados, sem saber muito bem o que faziam ali. — Bryn é como Voldemort: “Aquele que não se pode nomear” — acrescentou depois de um momento de silêncio.

— Curioso — respondeu com humor. — Os ex gostam de se chamar assim. Róta fala de você para Bryn sob os mesmos termos.

— Suponho que o afeto é mútuo — soprou, apertou o comunicador e olhou o céu estrelado. — Como vai por aí, japonês?

Uma sombra negra permanecia imóvel sobre a colina de Merrick.

— Há movimento sob a montanha. Não ouvem? — perguntou Miya.

— Sim, ouvimos — assistiu Gabriel. — É como o som de um gerador. E se for assim é porque lá há instalações elétricas escondidas.

— Exato — confirmou a voz de uma garota pelo comunicador de Miya.

— Aiko?! — Gabriel sorriu abertamente e olhou o céu. — Alegra-me que esteja conosco e tenha chegado a tempo.

— Miya me forneceu sua posição e vim o mais rápido que pude.

— Perfeito. Precisamos de você. Galloway tem um grande lago e numerosas quedas d’água. Talvez tenham deixado cair os esporos dos etones e purs e haja ovos crescendo na água doce.

— É fácil ver se há ovos, Engel — explicou Aiko. — Na borda do água do lago se cria uma espécie de limo espumoso transparente parecido com o que deixam as ondas na borda do mar. Os ovos dos purs criam uma membrana gosmenta ao seu redor que se desprende à medida que o ovo vai crescendo. É transparente e não se distingue a simples vista, mas se observar bem pode ser vista.

— Incrível... — murmurou Gabriel. — Pode começar a jogar o bloqueante?

— Vim para isso — respondeu a vaniria.

— Engel, deixemos que Aiko se encarregue de jogar o tratamento nesta área enquanto nos colocamos aonde seja que vão os escravos — sugeriu Miya.

— Adiante, então — confirmou Gabriel.

— Vá com cuidado, Aiko — escutou Miya dizer através do comunicador.

Depois dessas palavras, o som de uma porta metálica se abrindo e deslizando por trilhos centrou toda a atenção dos três guerreiros.

Miya desceu pouco a pouco, levitando sobre a montanha até chegar à árvore onde se resguardavam Ardan e Gabriel.



—Quando der a ordem, Engel —o convidou o samurai.

—Esperemos que entrem todos e travaremos os trilhos —sussurrou Gabriel em voz baixa, vendo como a porta abria no chão que simulava a própria pedra da montanha.

—Esses safados sabem como se camuflar. —Ardan amarrou o cabo de suas espadas e deixou que a luz da lua iluminasse suas afiadas lâminas. — Morro de vontade de fazer um massacre.

—Os do Newscientists saberão contar e o mais seguro é que tenham controlador de calor humano para contabilizar os escravos que entram nas instalações. Nós sobramos, obviamente. Devemos agir rápido. — Gabriel deslizou as lâminas de suas espadas uma sobre a outra, como se ambas se acariciassem e dessem ânimo para a guerra. — Entraremos por último. Mas, uma vez dentro, devemos desconectar todas as câmaras que vemos em nosso caminho. Entendido?

—Acredito que, com as Valkyrias do nosso lado, isto seria mais fácil —grunhiu Ardan jogando as tranças atrás das costas. — Elas teriam fundido os chumbos, e pronto.

—Mas não estão —disse Miya segurando o elástico negro do cabelo entre seus lábios e fazendo um rabo de cavalo com as mãos. — Nos encarregaremos disso. —Assumiu sem complexos. — Além disso, depois do que aconteceu em Chicago, já devem saber que as mulheres dos trovões nos acompanham. Se reforçaram contra elas e, se não o fizeram, é por que são muito estúpidos.

—Não são, e não devemos subestimá-los —aconselhou Gabriel.

—Como diria o mestre Mushashi —Miya sorriu friamente: — “É essencial reforçar firmemente o ataque no momento de qualquer perda de posição ou controle por parte de um adversário, para impedir que se recupere” —olhou à frente e deu um salto da árvore. — Estes não se recuperarão.



Steven passava a mão pelo cabelo com visível frustração. Ser guardião de Johnson era uma honra, mas além disso, se encarregar de ficar atento aos computadores era muito. O jovem berserker se sentia explorado.

Era um guerreiro, jovem, mas guerreiro no fim das contas. As duas Valkyrias pediram que se conectasse em tempo real com a câmara do MAC porque veriam as instalações do RAGNARÖK de Black Country. Esse local subterrâneo era uma espécie de clube social para os clãs, segundo comentou Gúnnr. Para lá levaram os membros resgatados do Chinnok onde viajavam Róta e Johnson, e ali tentavam recuperá-los mental e fisicamente.

Através de uma câmara do computador podia vislumbrar suas paredes de rocha natural, jacuzzis ao fundo, e uma multidão de quartos no andar superior cujas paredes eram vidros opacos que davam no salão central.

O RAGNARÖK era um lugar único, aberto e de grandes espaços, e com um ambiente muito especial. No fundo havia um balcão onde quatro mulheres conversavam entretidas enquanto olhavam o computador portátil. Olhavam uma para a outra e sorriam. Seriam as humanas sobre as



quais falou Gúnnr? Aparentemente, o clã de Black Country estava fazendo algo diferente aceitando humanos com aptidões especiais entre seu exército e não era mau.

Steven sorriu e pensou no grupo de *frikis* intelectuais que se reuniam no JOHNNIE FOXES e falavam sobre suas teorias sobre o Asgard. Se dissesse a verdade, como agiriam? Estariam dispostos a ajudá-los ou partiriam como animais selvagens?

Johnson estava sentado ao seu lado e apalpava as teclas do computador enquanto prestava atenção na tela.

—Já sei, guri —disse Steven — Isto é um tédio. Quando alguém vier falar conosco, já teremos cabelos brancos. — Pôs o Itunes no computador, pelo menos poderia escutar música enquanto permanecia à espera. A canção *When we stand together* de Nickelback arrebentou os alto-falantes sem fio.

Johnson golpeava a perna da cadeira com o pé, seguindo o ritmo da música.

—Venha, guri —o animou o jovem berserker, olhando-o divertido— bata forte, isto é música de verdade e não aquilo gótico que o laird escuta.

Johnson sorriu e balançou a cabeça ao compasso que marcava a bateria da canção. Steven sacudia os ombros e movia a cabeça para a frente e atrás, e o pequeno híbrido o imitava.

—*We must stand together* —cantorolou o de cabelo arrepiado — *There's no giving in*⁴⁰...

— Olá? —disse uma voz doce um pouco rouca do outro lado da tela.

Steven parou imediatamente e fixou seus olhos dourados na janela da câmara. Um rosto de garota, de incríveis e lindos olhos tristes, lábios grossos e cílios insultantemente curvados apareceu do outro lado do monitor. Era muito loira, embora tivesse o cabelo bem rente, e mesmo assim era embriagadoramente feminina. Usava uma camiseta negra de alças e parecia vulnerável e ao mesmo tempo possuidora de uma força estremecedora, uma força que não residia no físico, pois era muito pequena e magra, mas sim no aspecto espiritual.

Como a força da Fênix, que renasce de suas cinzas. Essa garota estava nisso, notava-se nas olheiras que tinha, que pronunciavam mais a cor de seu olhar. Steven sentiu um murro no estômago quando a jovem cravou seus olhos tão azuis e claros na câmara.

— Olá?—repetiu ela tentando averiguar quem estava conectado. — Ouço a música que colocaram... Estão aí?

O berserker inclinou a cabeça de lado e sorriu ao ver que ela franzira o cenho contrariada. Estendeu a mão e acariciou a bochecha e os lábios com os dedos. Desejou que não estivesse a milhares de quilômetros de distância e imaginou que o vidro do computador era na realidade a fria e suave pele da jovem.

—Caramba... Que coisa mais bonita... —murmurou o berserker.

— O que? Não tem a câmara ligada —disse a garota— Sei que estão conectados da Escócia. Aileen e Daanna nos disseram que são Valkyrias e eu... —mordeu o lábio e sorriu envergonhada, —nunca vi uma. Tem a voz muito grave.

Johnson deu uma cotovelada em Steven, e este reagiu. Acreditava que era uma valkyria?

⁴⁰ Devemos permanecer juntos, não há nada certo...



—Sei que o Engel está com vocês e que tentam recuperar os totens —afirmou ela olhando à câmara de frente. — Aqui também estamos todos ocupados —endireitou os ombros com segurança. — Estamos ocupados tentando nos recuperar para servir de ajuda —reconheceu com humildade.

Steven ligou a câmara com mão tremente. Essa garota tentava se recuperar? Do que? Sentiu frio na alma ao pensar que algo tão bonito podia ter sofrido nas mãos dos homens do Newscientists. O coração disparou e parecia querer sair do peito.

No momento que ele apareceu na janela ela empalideceu e se jogou atrás como se a golpeassem. Levantou disposta a abandonar o homem do outro lado.

—Não, não... espere — rogou Steven colando o rosto na tela. Não se vá, por favor— Não vá.

— E as Valkyrias? —perguntou nervosa.

—Estão lá embaixo com Róta. Estão...

—Quero falar com elas.

A garota deu meia volta disposta a ir definitivamente.

—Não, espere, por favor... Há um menino que precisa vê-la...se... se chama Johnson — agarrou o pirralho nos braços e o sentou sobre seus joelhos— E esteve sequestrado como...

A jovem de cabelo rente ao couro cabeludo girou sua cabeça arredondada e o olhou por cima do ombro. Só podia ver o crânio raspado do mencionado e os suplicantes olhos dourados do punk. *Que cor mais estranha*, pensou.

— Como eu? Esteve sequestrado como eu, ia dizer? — esclareceu a garota tentando aparentar a força que ainda não albergava. Se sentou pouco a pouco, reunindo coragem para encarar esse desconhecido.

Steven engoliu.

—Não me olhe assim —pediu ela ao ver a compaixão naquele olhar de cor amarela. — Quem é você?

Em seus olhos pôde ver o medo refletido e a desconfiança de falar com ele.

—Steven —disse sem ainda saber como reagir. — Sou Steven. Me encarrego de Johnson e faço parte do clã de laird Ardan.

—Ah... Johnson é essa cabeça que está aparecendo aí embaixo? — perguntou mais interessada no pequeno do que nele.

Steven olhou Johnson, que brincava com o mouse do computador, alheio ao que ambos falavam e se sentiu ciumento do menino. O agarrou nos braços e o obrigou a saudar a câmara.

—Este homenzarrão é Johnson, o Terrível. Recentemente retornou a nós, não foi, campeão?

Johnson assistiu e olhou a garota com serenidade e firmeza. Ela o olhou por sua vez e Steven sentiu que ambos podiam se comunicar só com essa troca. Possivelmente ambos sofreram o mesmo.

—Olá — saudou ela. — Caleb McKenna nos disse que havia um menino com vocês, um menino especial. Um híbrido. É você, verdade?

Johnson deu de ombros e assentiu envergonhado.

— Como Caleb sabia que era um híbrido? —perguntou Steven franzindo o cenho. Se sabia, por que Gabriel e os demais não sabiam?



Ela se incomodou e hesitou entre contar ou não. Esse menino era um desconhecido, mas se estava ali era porque estavam do mesmo lado, não?

—Porque Johnson disse mentalmente. Isso ele nos disse. Que o menino pediu que o deixasse com as Valkyrias, que com elas estaria bem. Explicou que Johnson era especial, como Aileen. E graças a ele estar vinculado com uma híbrida e beber de seu sangue o pequeno pôde se comunicar mentalmente com ele, porque tinha a mesma frequência e ele a sentiu. Que não sabia como, mas o fez.

Steven arqueou as sobrancelhas vermelhas e olhou Johnson com cara de malandro. Não entendia nada.

— Fez isso, cara? —perguntou assombrado.

A garota estudava o modo de falar de Steven e a maneira de tratar Johnson, analisando se o ruivo era ou não uma boa pessoa.

— Pode falar com o líder dos vanirios mentalmente? Certo, é um fenômeno —as palavras de Steven estavam cheias de admiração.

—Dentro de um momento chegarão outras crianças —disse ela. — Agora estão na escola com Aileen e Ruth, não demorarão —mordeu o lábio. — Devo ir com Daanna McKenna.

— Daanna, a Escolhida? Têm nomes de título de livro —brincou, esperando ver um sorriso nesse rosto de anjo machucado. Mas a garota desconfiada não se divertiu com a observação. — Aileen, a híbrida, Ruth, a Guerreira, Daanna, a Escolhida...

Ela não se dignou nem a avaliar o comentário.

—Vou indo —se apressou a despedir. Estava claro que não se sentia confortável falando com ele.

—Espere, o que vai fazer? O que é tão importante para que vá com Daanna?

—Aprender a me defender —um brilho de coragem percorreu seus olhos, — ela me ajuda. Me deu de presente uma espada samurai e me ensina a usá-la. Tenho que ir.

—Não vá —disse assombrado por seu pedido e pelo desespero de não poder ver seu rosto de novo. Ai, não. Não queria que fosse!

Ela arqueou as sobrancelhas loiras, como se não entendesse sua ordem.

—Johnson não quer que vá —Steven decidiu que era melhor mentir a dizer abertamente que, se fosse, ele não poderia dormir nunca mais até vê-la de novo.

—Agora virão outras crianças—assegurou ela olhando o híbrido. — Ouça, têm que alimentar Johnson com as doses de ferro vitamínicas que o curador prepara. Se tiver sangue vanirio, precisará. A nós está fazendo muito bem. Cinco envelopes de um grama por dia. Ajudará a se recuperar mais rapidamente. Até mais tarde Johnson, o Terrível... —olhou Steven de soslaio. Deu meia volta e levantou uma trêmula mão para se despedir.

— Ei! Espere, como se chama? —perguntou Steven desesperado, levantando e agarrando o monitor entre as mãos, esperando assim reter a imagem que o nocauteou. — Me diga, como se chama?

Ela parou. Devia dizer como se chamava? Isso era uma conversa entre um garoto e uma garota? Assim era? A vaniria meditou na resposta alguns segundos.

Steven prendeu a respiração e esperou que ela o iluminasse.



—Sou Daimhin, filha de Beatha e Gwyn.

Steven exalou o ar imediatamente sentir milhares de alfinetes atravessando o coração. Doía-lhe o peito e sentia uma bola de nervos no plexo solar.

—Daimhin —repetiu ele, sorrindo com a ponte do nariz e as bochechas um pouco vermelhas. Era um nome gaélico de menino. Desconhecia por que colocaram nome de menino numa beldade como aquela. Significava bardo, a pessoa encarregada de recitar lendas, histórias ou poemas através do canto. Steven sorriu com os olhos sonhadores: — Daimhin a quebradora de corações barda —levou a mão ao peito e se deixou cair de repente na cadeira, como se um raio o tivesse fulminado.

A filha de Beatha piscou lentamente como se não entendesse a insinuação. Deu meia volta e desapareceu do campo visual da câmara enquanto pendurava uma espada samurai nas costas.

—*Hand in hand forever, that's when we all win* —sussurrou Steven cantando o último verso da canção, com os olhos desfocados— *Se unirmos nossas mãos para sempre, ganharemos.*



Os pulsos de Róta doíam.

Tentou lançar raios por toda parte e se libertar, mas as correntes eram de irídio. Extremamente grossas e quase inquebráveis. As Valkyrias eram fortes, mas não o suficiente para arrebentar correntes.

Eram rápidas, velozes e ágeis e além disso tinham a peculiaridade de lançar raios, mas a força bruta não estava entre suas habilidades.

Não parou de se mover. Seu corpo não parava, necessitava expulsar todo o estimulante em seu sangue, por isso precisava suar e se mover, mas, sobretudo, precisava gozar, porque essa dor entre suas pernas e em seus seios era insuportável. Custava até respirar e se sentia bêbada.

Maldito Kenshin. Como se atreveu a deixá-la assim? Não entendia o muito que a fazia sofrer?! Claro que sim, pensou com amargura. Por isso o fez. Era seu modo de se vingar por ter mordido Seiya.

“Vanirios loucos e orgulhosos”.

A porta do porão abriu e Róta girou seu corpo até encarar os intrusos. Bryn e Gúnnr pararam na soleira da porta, impactadas ao vê-la pendurada no teto.

A loira entrou rapidamente e cravou os olhos nela até parar na sua frente, Gúnnr a secundava enquanto olhava com interesse todos os objetos pendurados nos painéis de madeira.

— Vai me libertar? —Perguntou lutando para enterrar o tom de desejo e desespero de sua voz. — Você, Bryn? —zombou incrédula.

A General ignorou o sarcasmo e analisou a situação.

—Ouça, Bryn —continuou Róta ofensiva. — Ardan a desceu até aqui? Açoitou você? Aposto que a colocaria em seu lugar por se comportar mal.



— Como Miya fez com você? —Atacou Bryn arqueando as sobrancelhas. — Uma picadinha no pescoço e desmaiou diante de todos. As Valkyrias apresentam mais guerra —cantarolou divertida. — Não fui eu que ficou em evidência.

Róta sorriu sem vontade e a ignorou.

Pararam uma diante dela e outra atrás e estudaram as correntes e também suas costas.

—Seus asinhas, Róta... —sussurrou Gúnnr penalizada. —Por que estão assim? Estão negras, Bryn —disse para a General.

A loira engoliu, angustiada e centrou seus olhos azuis nos olhos negros de Róta, que continuava a olhando com interesse.

Gúnnr colocou uma mão na corrente de sua *nonne* e outra por cima de suas mãos, que se agarravam à fixação para que esta não acabasse ferindo os pulsos. Ao sentir o tato da mão de sua irmã no corpo, Róta gemeu e tentou se afastar.

— O que acontece? —perguntou Bryn preocupada. —Por que tem o corpo tão sensível? — murmurou estremeando ao sentir o desconforto da jovem.

Róta negou com a cabeça e evitou a pergunta. “Maldita empatia”. Não pensava em falar disso para Bryn.

A General grunhiu e a puxou pelo queixo. Estava farta disso. Farta de não poder falar com ela e não poder expressar o que sentia.

—Róta, me responda ou não poderei ajudar...

—Não importa.

—Estou aqui! O que acha que significa isso, cabeça dura!? Claro que me importa! Responda, Valkyria!

—Estou excitada, General —respondeu com brutalidade. — Isso é o que queria saber? Miya me deu um estimulante e quis me castigar por ter bebido de seu irmão Seiya, e agora estou ... — suspirou e tentou procurar as palavras adequadas, mas não vinham à sua boca. Pensou que nessa situação pouco importava o recato e não deu importância. — Tem um pepino?

Gúnnr moveu as orelhinhas e olhou para Róta com cara interrogativa.

— Um pepino?

Bryn levantou uma sobrancelha loira e esperou qualquer barbaridade de Róta.

—Um pepino —mordeu o lábio inferior e apertou as pernas emitindo um suave gemido.

—Não, não tenho um pepino —respondeu Bryn girando os olhos.

—Pois se não tem um pepino ou um vibrador, nenhuma das duas pode me ajudar —Róta negou com a cabeça e acrescentou: — Morro de dor e tenho os mamilos tão duros que poderia apunhalar alguém com eles. Me arde a pele e se me tocar ou roçar me incomoda.

— Como podemos ajudar? —perguntou Gunny olhando com tristeza suas asas negras.

—Sei o que meu corpo quer, mas o japonês com ares de profeta foi embora e me deixou assim, e agora, por alguma razão, meu corpo não se tranquilizará até que coloque suas mãos em mim, ou, na falta, eu coloque as minhas nele.

—Vamos soltá-la —assegurou Gúnnr com doçura. — Pelo menos podemos te dar algo para ficar mais relaxada.



—Não pode me soltar, Gunny —Róta soltou uma gargalhada sem humor. — Não sabem? Acontece que sou má e posso inclinar a balança entre o bem e o mal.

— Você não é má! —Exclamaram as duas ao mesmo tempo.

—É o que dizem. Se fosse vocês não me tiraria daqui. Enquanto estiver presa e sob supervisão, estão a salvo.

—Ouvimos tudo que Miya explicou — confessou Bryn com pesar. — Entendo que possa pensar isso, mas sei que não é má.

Róta estudou a expressão da General. Estavam juntas há muito tempo e se conheciam tão bem que soube imediatamente que a loira ocultava algo.

Quando Bryn piscava repetidamente e baixava o olhar era sinal que escondia algo.

— Como sabe que não sou má?

Bryn deu de ombros.

—Simplesmente sei.

— Sabe? Assim sem mais? E o que mais sabe, Bryn? Está me ocultando informação — sacudiu as correntes das mãos e seu corpo se moveu no ar, mas Bryn a parou pelas correntes.

—Se acalme.

— Não quero me acalmar! Estou furiosa! Quero ser tão má quanto pensam que sou! —Seus olhos encheram de lágrimas e gritou de raiva: — Quero dar todas essas razões que as fazem pensar que vou traí-las!

—Não acredito que seja má e ninguém pensa que vai nos trair— assegurou Gúnnr tirando o colar e tomando-o entre os dedos: — Miya está confuso, isso é tudo.

—Róta, vamos te tirar daqui, e vamos ter uma conversa— Bryn tomou seu rosto entre as mãos. — Preciso te falar algo. Gúnnr, quebre esta coisa.

A valkyria de cabelo chocolate e olhos azuis escuros pegou o pingente de Mjölnir entre os dedos e sussurrou sem vontade:

—Pai.

Imediatamente, uma réplica do Mjölnir se materializou em tamanho original na mão direita de Gúnnr. Afastou a franja dos olhos com um sopro e moveu o martelo em círculos por cima de sua cabeça.

—Espero que aponte bem com isso, Gunny —Róta observava o totem com muito respeito.

Lançou-o com força e a corrente cedeu no instante que o Mjölnir tocou o irídio. Partiu-se pela metade e os pés da Róta tocaram o chão. Esteve a ponto de perder o equilíbrio, mas Bryn a segurou antes que isso acontecesse.

Ambas se olharam fixamente e Bryn disse:

—Estou muito zangada com você, Róta. Tanto que tenho vontade de te bater.

—E eu em você. Por muitas razões; e também gostaria de te dar uma boa sova e te fazer engolir esse sorriso presunçoso que tem.

—Merecemos a *Konfrontasjon*⁴¹—admitiu a General.

⁴¹ Duelo entre valkyrias.



Os olhos de Róta refulgiram perigosamente. Um confronto. Duas Valkyrias se medindo e brigando sem poder utilizar raios. Punho com punho, golpe a golpe. No Valhala, quando havia brigas entre Valkyrias, sempre solucionavam assim. Bryn e ela nunca chegaram a disputar; se respeitavam e se amavam muito para isso. Não obstante, precisavam dessa briga. Precisavam dizer a golpes o que não sabiam expressar com palavras.

—Não podem brigar. Não entre vocês. Estão começando a me cansar —disse Gúnnr colocando de novo o martelo. — É odioso as ver discutindo tão frequentemente. Mas se a *Konfrontasjon* vai fazer que limem suas asperezas, então não serei eu quem as proibirá de se esbofetearem.

Bryn sorriu para Róta e inclinou a cabeça de lado.

— O que diz, valkyria? Também quer me bater?

—Não sabe o quanto —apertou os punhos ao lado de seus quadris.

—De acordo —assentiu Bryn. — Mas antes tem que ouvir algumas palavras.

Róta a olhou intrigada e girou a cabeça para Gúnnr.

—Não olhe para mim —disse a filha de Thor. — Não sei do que fala.

CAPÍTULO VINTE

Saíram ao jardim. Steven e Johnson permaneciam dentro da casa.

Gúnnr deu roupa nova para Róta se vestir: um jeans elástico negro, botas de cano alto marrons e um pulôver grosso violeta com gola tão alta que cobria seu queixo. Róta disse que ela não vestia nada grosso e de lã, mas Gunny se negou a voltar para seu quarto para trazer algo com que acalmar sua vaidade.

—Não vai morrer se vestir por um momento —respondeu sorrindo abertamente. — É de lã virgem.

—Pior eu ter vestido. A lã virgem vem das ovelhas feias —apontou Róta estirando a gola do pulôver. — Vou ter brotoejas.

Agora as três Valkyrias olhavam umas às outras, com os olhos cheios de perguntas e inquietações. Embora fosse agradável estar sob o céu escocês, num jardim tão bem cuidado como aquele, que parecia uma cena muito caseira, precisavam de respostas:

— Vai nos dizer o que fazemos aqui? —Róta estremeceu pela desagradável sensação da lã em seu corpo sensível. — O que tenho que escutar, valkyria? —perguntou a Bryn enquanto esfregava os braços.

Bryn levantou o rosto ao céu e cravou a vista na tapeçaria estrelada.

Fechou os olhos, levantou as mãos por cima da cabeça e as bateu, agitando-as de um lado ao outro.

— Possuíu um espírito dos Hopi, Bryn? — zombou Róta a olhando de soslaio com seus olhos negros.

—Cale-se —respondeu a General. — Faça o mesmo que eu.



*Jeg innakelles gudinne av Valkyr. Jeg innakelles fra behovet for mirr hjertet*⁴²!

Gúnnr agitou as mãos por cima de sua cabeça, copiando o movimento de Bryn e Róta fez o mesmo. As três em uníssono repetiram a oração.

—*Jag valger na for henne, for min soster. Ikke for neg*⁴³—gritou Bryn ao céu com os olhos úmidos de emoção. Era seu dever, era o que devia fazer. Nunca se arrependeria dessa decisão.

Róta abriu os olhos e deixou cair os braços ao escutar a paixão nas palavras de Bryn. O que era Bryn escolhendo para ela? Deixava de fazer algo por ela? O que?

Um brilho azulado emergiu entre as árvores que limitavam o perímetro do jardim. Entre a névoa escocesa que acariciava a grama e através deste brilho, apareceu um corpo de mulher esbelto e sensual com uma túnica negra, vaporosa e larga até os tornozelos, que deixava um ombro descoberto e se atava sob o peito mediante uma faixa de seda vermelha. O cabelo loiro e encaracolado com cachos estava recolhido num penteado helênico. Os olhos cinzas da mulher se centraram nas três Valkyrias, em especial em Róta. Sorriu até que a olhou de cima abaixo e pareceu ofendida ao analisá-la. Se aproximou dela fazendo negações com a cabeça.

— Quem te vestiu assim? —Perguntou Freyja antes de sequer a saudar—O avô Heidi?

Róta grunhiu e girou os olhos. Muito típico de Freyja. Não perder tempo em saudações vãs, melhor ir direto na jugular.

—Olá, Freyja. —Sorriu Gúnnr com carinho.

—Olá, neném. Odeio o de cachos loiros— assinalou com um dedo. — Será seu *einherjars* e tudo que você quiser, mas merece que o pendurem pelas bolas por destruir o vestido que te dei de presente na noite que desceu ao Midgard para ficar com ele. Embora —particularizou, — o perdão por te dar de presente tantos orgasmos —piscou um olho cúmplice e depois disso olhou para Bryn e Róta. — Vamos, vamos... General, não me surpreendeu nada com sua decisão. É tão nobre que sinto vontade de vomitar —entrecerrou os olhos, pôs a mão com a palma para cima, na frente de Bryn— Nunca mais poderá me convocar, sabe? Só podia utilizar sua invocação uma só vez, e a gastando agora acabaram as oportunidades. Já não poderei te ajudar diretamente.

Bryn piscou sem se alterar.

—Não importa —disse com segurança colocando sua mão sobre a palma da deusa. Uma luz percorreu o braço de Bryn como um bracelete do ombro até se depositar no pulso de Freyja, como uma pulseira iridescente. — Isto é mais importante.

A deusa fez uma careta com os lábios e acrescentou:

—Sei —assegurou Freyja com um movimento de queixo. — Por isso é minha General, Bryn. Porque escolhe sempre a melhor opção.

— Querem me dizer o que está acontecendo? —perguntou Róta frustrada. — Está fazendo as pausas mais longas que no filme *Conhece Joe Black?*

A deusa Vanir centrou seu olhar prateado na valkyria de cabelo vermelho e tomou seu queixo entre as mãos.

⁴² Eu te convoco deusa das Valkyrias. Eu te convoco da necessidade de meu coração.

⁴³ A escolho agora para minha irmã. Não por mim!



— Não vai me saudar, querida? Perdeu a educação — Freyja se inclinou e a beijou os lábios de sua valkyria com autoridade e poderio.

— Educação? — Róta cruzou os braços, sem esquivar do beijo. — A mesma que teve ao transformar o guerreiro que se destinou a mim.

Gúnnr abriu a boca surpresa e Bryn ficou olhando um ponto fixo no horizonte.

— Sim, Miyamoto Kenshin é seu *einherjars*. É fascinante, não é assim? Tão exótico e sério. Com esse senso de responsabilidade e dever... inflexível e duro. Adoro homens assim — sussurrou sonhadora. — E acredito que você também, equivoco-me?

— Freyja, responde minha pergunta — os olhos negros de Róta tentaram ficar vermelhos, mas não funcionou. O que acontecia com seu corpo?

— De acordo. Descobriu sobre a profecia pelo que vejo — afirmou Freyja.

— O que acha? Li no sangue do irmão gêmeo do meu companheiro, maldição! Mas, nem sequer isso é o pior! O pior é que meu *einherjars* estava na terra enquanto eu o esperava durante toda uma eternidade no Valhalla! Você sabia e nunca me disse nada! Transformou-o em vanirio antes que morresse!

Freyja não mostrou nem um indício de arrependimento em seu belo rosto. Os deuses tomavam decisões diariamente e sempre havia danos colaterais por isso.

— Não grite comigo. Vai me escutar ou tenho que te dominar, valkyria?

— Me dominar? Domine-me com um corte em seu peito, porca! — gritou Róta sem nenhum respeito, olhando-a desafiante. — Te odeio, Freyja! Me traiu! Pensava que me amava!

Freyja não gostava de usar seu poder contra suas guerreiras, mas Róta estava muito fora de si e precisava segurá-la para que a escutasse.

Estalou os dedos e uma corda élfica de cor dourada rodeou o corpo de Róta como se fosse um enrolado de frango.

— E a amo, porque é minha, Róta. As Valkyrias são parte de mim e isso não muda nada. Mas, às vezes, só posso escolher o melhor para o resto. E privá-la nesse momento era o melhor que podia acontecer. Bryn desperdiçou um maravilhoso dom de invocação em seu benefício, o dei antes de descerem ao Midgard. Com minha invocação poderia ressuscitar alguém derrotado, poderia revelar um grande segredo, devolver a saúde a quem quisesse ou inclusive fazer que o homem por quem está apaixonada caia aos seus pés sem rancores de nenhum tipo. Entretanto, me fez descer para que explicasse quem é e o que acontece com você. Vai jogar isso fora?

Róta ficou muito quieta. Quem era? O que acontecia com ela? Olhou para Bryn, que se negava a lhe dirigir o olhar. Nada podia surpreendê-la mais, portanto, que explicassem o que fosse que tinham a explicar.

— Quero que me explique isso, deusa — disse Róta com voz baixa.

Argh, como odiava ter que ceder e engolir o orgulho.

Freyja assentiu, contente em poder ser o centro da atenção.

— Faz muito tempo no Midgard, quando a magia Seidr e a escuridão povoavam este reino, Loki esteve a um passo de destruí-lo. Os nigromantes, os xamãs e as bruxas e bruxos escuros da terra se uniram para encontrar, através da linhagem de sangue, o responsável que pudesse abrir a porta entre os mundos e provocar a guerra definitiva. O líder dos nigromantes, um bruxo chamado



Nig, procurava um corpo puro, em que pudesse deixar sua semente e mediante um ritual de invocação dos mortos fazer que seu filho pudesse ficar sob as ordens de Loki. Nig encontrou essa caverna sagrada em que deixar sua semente no corpo da sibila original, Talía, a mãe de todas as profetisas, uma iniciada por minha mãe Nerthus. Nerthus teve muitas profetisas em suas filhas. As sibilas de Cumas, a sibila de Somos, Herófila de Troya... Todas eram sacerdotisas proféticas e todas aprenderam com minha mãe.

— Que merda está me contando, Freyja? Por que me explica tudo isto?! —removia-se contra as cordas élficas, mas nada podia fazer para se liberar de sua amarração. — Quero que me explique que influência tenho na profecia dos gêmeos odiosos, não em histórias passadas de sibilas e feiticeiros!

—Estou explicando isso, Valkyria. Para compreender a situação na qual está, tenho que ir à origem de tudo. Posso continuar? —Perguntou elevando suas perfeitas sobrancelhas platinadas.

—Por favor —pediu Bryn matando Róta com os olhos, obrigando-a a se calar.

—As sibilas tinham uma peculiaridade: eram filhas de humanos e semideuses. Talía era filha de pai humano e de uma ninfa imortal e, além disso, controlava perfeitamente a magia vermelha. Nerthus, conhecedora de todo ser com dons divinos pisando neste reino, as instruía e fazia trabalhar em seu nome. Mas Nig, através do *Seirdr*⁴⁴, da magia *Nig*⁴⁵ e ajudado por Loki, encontrou em Talía a possibilidade de fazer chegar ao Midgard a chave que abriria os portais dos universos. Talía foi sequestrada por Nig, a violentou e a deixou grávida.

Róta não piscava. As orelhas bicudas tremiam. Respirava agitadamente, escutando cada uma das palavras que dizia a deusa Vanir.

Não gostava nada do rumo que esta história estava tomando.

—Nerthus alertou Odín sobre o que aconteceu e, como sabia que não podia interceder diretamente em nada que acontecia na terra, falou com Thor e pediu que agisse e fizesse algo a respeito. Loki queria esse bebê. A escuridão o queria. Mas os deuses do Asgard não podiam permitir que Loki controlasse e manipulasse o Midgard a seu desejo. Thor desceu à terra e achou Talía confinada numa caverna úmida e imunda — Freyja olhava fixamente Róta com uma expressão conciliadora, mas firme ao mesmo tempo. — Talía não queria que acabassem com a vida de seu bebê, sempre acreditou em sua bondade, embora tivesse um pai maligno e embora todos esperassem que se convertesse numa chave para abrir esse prezado portal entre mundos. Talía dizia: “Como algo que me enche tanto de amor pode ser mau? Esta menina será tão boa como boas sejam as pessoas que a rodeiam”.

Os olhos de Róta se avermelharam, e apertou a mandíbula com força.

—Thor sabia que se tratava de uma menina —continuou Freyja, — por isso decidiu não violar o pacto de não intervenção dos deuses. Não ia matá-la, pelo contrário, pensou outra coisa muito melhor. Os trovões que alcançavam às mulheres grávidas da terra chegam ao azar, mas desta vez, se o trovão não a escolhesse, o deus do trovão seria quem o faria. Explicou à sibila o que ia acontecer. Talía morreria depois de dar a luz, e em troca, os deuses do Asgard ficariam com

⁴⁴ Magia negra que utiliza Loki. É, em realidade, originária dos deuses Vanir, em particular de Freyja.

⁴⁵ Magia negra dos nigromantes.



a pequena e se assegurariam que não fizesse nada mau. A bebê de Talía e Nig formaria parte do exército das Valkyrias — levantou o queixo orgulhoso.

A terra se moveu sob os pés de Róta. Um punho oprimiu a garganta e se viu incapaz de falar.

— Nasceu com tanta energia, Róta. Quando a pusemos na velge não parava de sorrir e bater as mãos ao escutar a canção. — A deusa estava emocionada e a olhava com orgulho. — Desde menina foi divertida e revoltosa, bem como agora. Mas também tinha um caráter irascível, desafiante e maligno que a mim, pessoalmente, adoro, mas também proporcionou algumas topadas com seus superiores. Como mulher, acredito que é única. Nem boa nem má. Diferente. É minha valkyria e isto não muda nada.

Róta parou de lutar com as cordas élficas e caiu de joelhos sobre a grama. Bryn se emocionou ao ver que sua irmã ficava tão impactada e Gúnnr correu ao seu lado para acariciar o cabelo. Ficaram em silêncio durante segundos intermináveis, até que Róta perguntou com voz quebrada:

— Thor foi quem me alcançou com seus raios?

— Sim, lançou um raio com o Mjölñir. Deixou a sibila em estado catatônico. Subiu-a ao Valhala e ali a fiz reviver para completar os meses de gestação e dar à luz.

Róta assentiu lentamente. Seu pai era Nig, o Nigromante e sua mãe Talía, uma sibila perita em magia vermelha, filha de uma ninfa imortal. Genial. Simplesmente genial.

— Devo supor que conhecia perfeitamente meu papel na profecia dos gêmeos, não é assim?

— Sim.

— Quando Miya se destinou para mim, o transformou imediatamente, a ele e o resto dos Kofun de seu clã — utilizaria tudo que aprendeu em *Mentes Criminosas*.

— Sim.

— Por que não o deixou subir até mim? Ele estaria melhor no Valhala, ao meu lado — enfatizou com voz cortante.

— Os deuses conhecem o funcionamento do tempo e as *nornas* nos alertaram sobre o que poderia acontecer num futuro, uma cadeia de acontecimentos forçados por Loki que desencadearia o Ragnarök... tentamos controlá-lo, Róta. Apenas isso. Não permitimos que Miya subisse ao Valhala porque sua profecia se cumpre no Midgard, justo no momento que deve ser. Agora, Miya tinha uma missão a realizar na Terra e não podia evitá-la. Devia proteger os humanos e rebater todo o dano que Seiya pudesse fazer.

Os cantos dos lábios de Róta tremeram e seu olhar escuro se encheu de decepção.

— Não minta para mim. Não tente disfarçar. A verdade é que não me queria no Midgard nem antes nem agora. Não queria que me encontrasse na via crúcis de escolher porque continuam acreditando que poderia ter dúvidas devido à minha natureza — sussurrou com asco — maligna. Meu pai Nig deve ser um grande filho da puta para o temer tanto.

— Era — sentenciou a deusa. — Criou um caos inigualável na terra.

— Certo... Mas também sou filha de uma sibila chamada Talía.

— Não uma qualquer. É filha da originária, a primeira sibila cujos dons se ampliavam mediante seu alto conhecimento da hematomania. Seu componente básico para realizar suas



cabalas e suas adivinhações era seu próprio sangue. Quando mais beber do sangue de Miya, mais forte e poderosa ficará.

Róta endireitou os ombros. Estava indignada.

Não podia permitir que jogassem com ela. Os deuses sempre faziam o que tinham vontade. Fizeram com Gúnnr, com a Escolhida, com a Guerreira... Faziam com os humanos ao permitir que acreditassem que sua realidade não era mais do que seus próprios olhos podiam abranger. Ela sabia que teve uma mãe e um pai, mas nunca imaginou que viesse do maior Nigromante de todos os tempos e da sibila originária. Freyja, Odín e Thor não a escolheram por acaso. A escolheram porque temiam o que era capaz de fazer. E agora, depois de uma eternidade juntos, ainda continuavam a temendo?

—Loki quer meu dom —assumiu com um rictus pétreo. — Li no sangue de Seiya. O transformista o visitou em sonhos e disse que meu dom é importante para eles.

—Seu dom é a psicometria, Róta. Encontra pessoas através do sangue, é o dom da hematomania. Assim encontrou Seiya.

Não ia negar. Assim localizou Seiya. E poderia localizá-lo de novo se quisesse. Seu sangue circulava livremente por sua corrente sanguínea, seu sangue estava nela. Ficou arrepiada. Que asco.

—Mas Loki não te quer só por isso —ênfatisou Freyja. — A espada de Frey, como todos os totens mágicos e divinos, só pode ser tocada por seres descendentes de deuses. Sua verdadeira avó era uma ninfa, uma divindade feminina menor da natureza. De certo modo, as ninfas eram criações da deusa mãe, minha mãe Nerthus. Portanto, tem sangue de *disir*, das deusas menores reais. Seu sangue e sua decisão farão que Seiya possa tomar Seier entre suas mãos e utilizá-la a seu desejo. Por isso não pode beber de você nunca mais.

O cérebro de Róta trabalhava a toda velocidade, criando um *rummikub* de ideias e hipóteses. Ela tampouco queria beber desse feto do demônio. Queria que Miya a alimentasse e que entendesse que nunca o trairia.

— A quem Loki está procurando? Se sou importante para ele, é porque quer que mostre algo.

—Só ele sabe. Nós intervimos quando podemos —se desculpou a loira muito alta.

Róta entreteceu os olhos e desafiou a deusa abertamente. Freyja esperava utilizá-la para poder descobrir.

Em meia hora tudo mudou para ela.

—Depois de tudo que me contou, só entendo uma coisa: agora, quando me necessitarem de verdade e quando esses acontecimentos que falaram as *nornas* estão se cumprindo, é neste momento que decidem se arriscar comigo, verdade? E vai e me lança de cabeça no Midgard para que encontre de frente com os dois gêmeos que podem mudar o rumo das coisas... Sabe o que está se arriscando? — espetou com voz perigosa.

—Sei, Róta —assumiu Freyja. — É imortal, é das minhas, mas não posso te arrebatá-lo o único presente original que teve sendo humana: o livre arbítrio. Tem que escolher, pequena. Ou Miya ou Seiya. Loki tentou te moldar desde sua gestação, tentou que a natureza genética de seu pai despertasse em você. Nós não permitimos esse tipo de manipulação do destino; não podemos



interceder desse modo e tentamos sempre retificar aquilo que Loki tentou deturpar em seu benefício. Por isso intervimos, Róta, e demos a oportunidade de escolher.

— Ser má ou ser boa? Essa é minha escolha? — A irritação fez que se removesse de novo contra as cordas. — Me olhe, maldita manipuladora! — Gritou histérica sobre a grama verde. — O que acha que sou agora?! Tenho olhos negros como a noite e minhas asas escureceram, nem sequer as posso abrir...

— É o modo que tem seu corpo de dizer que o sangue de Seiya não te faz bem — comentou Freyja com tranquilidade.

— Se cale! Bebi sangue dos dois Vanirios e, pelo que dizem, tenho a disponibilidade e a compatibilidade para ficar com qualquer dos dois, como se não importasse oito ou oitenta! Tenho cérebro e também um pouco de coração! Não posso servir aos dois! Não entende?!

— E qual é sua decisão depois de tudo? — perguntou uma impertérrita Freyja.

Qual era sua decisão depois de tudo? Que a matassem, se ia responder! Nunca duvidou a respeito. Eles sim. As pessoas em que confiava sim o fizeram e isso a machucava mais do que podia suportar. Girou para Bryn e Gúnnr, que a olhavam sem sair de seu assombro.

— Sabiam? Sabiam?! — explodiu como um vendaval.

Gúnnr negou com a cabeça, pálida e triste pelo desespero de sua amiga.

— Não, *nonne*. Não sabia. Juro isso.

Gúnnr não precisava perguntar as coisas duas vezes. Ela nunca mentia. Róta deixou cair seus olhos acusadores em Bryn e esta não baixou o olhar azulado.

— Sabia, General? — Temia escutar sua resposta.

Bryn tinha o rosto abatido e triste. As bochechas perderam a cor e tinha os olhos azuis vermelhos pelas lágrimas que queria derramar.

— Minha General se encarregou de você todo o tempo. — Foi Freyja que respondeu com uma nota de orgulho e admiração em suas palavras. — E por isso sofreu e deixou muitas coisas atrás. Coisas que lhe pertenciam por direito.

Bryn deu um salto ao escutar aquelas palavras da Freyja, que a deusa prometeu esconder sempre. Não podia quebrar suas promessas assim sem mais!

— Se cale, Freyja! — gritou assustada. — Prometeu isso!

A deusa deu de ombros e dirigiu um sorriso deslumbrante.

— Querida, se temos que fazer que isto exploda, que exploda de verdade.

— Não! — As palmas de Bryn se iluminaram com sua energia elétrica e dirigiu uma delas ao peito de Freyja.

Freyja sussurrou umas palavras e dirigiu os olhos às botas militares de Bryn.

— *Vakne natur*⁴⁶.

A terra do jardim se abriu e raízes grossas com vida própria subiram pelo corpo da General; primeiro pelos tornozelos, logo pelas panturrilhas, joelhos e coxas; imobilizaram seus braços e mais tarde a rodearam no pescoço.

⁴⁶ Acorda natureza, em norueguês.



Bryn não tinha medo de nada, mas esperaria pacientemente que aquele pesadelo passasse longe; e quando acabasse arrancaria a pele em tiras da deusa Vanir.

— Não o faça, Freyja. Deixe as coisas tal e como estão, rogo isso...

A voz de Bryn saía abafada e seca devido à constrição das raízes em sua garganta.

— Bryn e você são empáticas — Freyja se aproximou da General e passou uma unha prateada pelo queixo. — Não é casualidade que a valkyria mais leal e responsável pelo Valhala esteja emocionalmente vinculada a mais imprevisível e temperamental de todas. Quando nasceu, Róta — explicou Freyja sem afastar os olhos cinzas do rosto de Bryn, — me encantou. Quis acreditar em você com todas as minhas forças, mas também tinha minhas reservas sobre sua natureza. Ia te amar, suas irmãs iam te amar, mas precisava de alguém forte ao seu lado que pudesse te controlar e amar também, acima de tudo.

Um pequeno músculo palpitava no queixo de Róta. Sentou sobre seus calcanhares e deixou que a deusa falasse de seu nascimento.

— Bryn é a encarregada de saber quando algo vai mal em você. Sente, percebe aqui dentro — pôs a mão no estômago e a fez subir até o peito, no lugar no qual se ocultava seu coração. — Por isso as vinculei desse modo. Bryn seria minha mediadora, ela diria se a maldade em você despertava. Hoje viu a mudança em seus olhos e em suas asas, e assim que viu que foi visitar Seiya por vontade própria e se sentia tão perdida e ofuscada, não hesitou em me chamar. Talvez, agora, ao saber da verdade, possa focar seus objetivos. E talvez Bryn possa se liberar também desse vínculo que tem com você. Seria o melhor para ambas, não?

Róta deixou cair a cabeça e cobriu o rosto com a juba vermelha.

— Sei que tiveram muitíssimas diferenças desde que Bryn fez o que fez com Ardan — Freyja lamentou dizer essas palavras em voz alta, mas eram necessárias. — Depois, você começou a sentir muita necessidade de ver que Miya não sabia de você, mas nunca disse nada a respeito... Não o mencionou a nenhuma de suas irmãs porque sentia vergonha — olhou para Róta por cima do ombro. — Sei que as duas sofreram e não sei muito bem como estão as coisas entre vocês agora. Mas talvez tudo mude quando compreenderem a verdade. Podem se escutar, podem se justificar, ainda há tempo para isso. Entenda-me, Róta — girou para a valkyria abatida. — Necessitava de tudo que pudesse estar do meu lado para poder te controlar. Não podia me arriscar a jogar com você sabendo que podia descer ao Midgard e sua fúria podia ser aproveitada para outros benefícios. Por isso, ao beber de Seiya, seus poderes se bloquearam e sua fúria não pôde explodir como deveria. Eu decidi assim. E por essa mesma razão Bryn gastou seu desejo. Quer te ajudar.

— E eu — sussurrou Gúnnr olhando Freyja de soslaio. A valkyria limpou as lágrimas dos olhos.

Róta recebeu as palavras da deusa como um murro; com surpresa e contrariedade.

— Sabia que ia beber de Seiya?

— Era uma possibilidade.

— Fez algo ao meu corpo para que seu sangue não... não me afetasse?

— Bom, é evidente que te afetou — moveu a mão como se aquele detalhe não tivesse importância—. Seus olhos se tornaram negros e insondáveis e suas asas mudaram e se tornaram da cor do carvão. É óbvio que o sangue do vanirio equivocado te fez mal; mas se beber de seu



sangue não te faz sentir desejo de mais, talvez não esteja tão perdida como aparenta. Estou aqui para explicar o que está acontecendo e para te alertar de quão importantes são suas decisões para mim e para todos.

Róta levantou a cabeça e sorriu sem nenhum tipo de calor nesse gesto.

—Se tanto me teme, Freyja, por que não me mata?

A deusa teve um sobressalto. Seu rosto se encheu de pequenas veiazinhas azuis e seus olhos se tornaram negros e aterradores. Mostrou as presas à Valkyria e três relâmpagos a rodearam fazendo ondear seu vestido.

—Não entendeu nada?!

—Duvida de mim. Portanto, me teme. Está me advertindo que siga o caminho correto. Me pôs uma babá — fez um gesto depreciativo para Bryn com o queixo — para que estivesse permanentemente vigiada. Mas agora estou no Midgard. E sabe o que?

—Me diga.

—O que na realidade eu gostaria — Róta apoiou um pé na grama fofa e levantou pouco a pouco — é beber de Seiya só para foder você e todos os emperdigados do panteão nórdico que estão cheios de preconceitos e ideias pré-concebidas — se levantou por completo, inclusive parecia mais alta que de costume. — Adoraria me converter naquilo que temem só para lhes dar uma lição e demonstrar com feitos que seus segredos e as mãos de pôquer que jogam com o destino, às vezes, só às vezes — enfatizou com severidade, — saem mau. Agora deveria ser uma dessas vezes. E deveria te dar um bom chute nesse traseiro moldado que tem.

Freyja jogou o pescoço atrás e soltou uma gargalhada, mostrando as presas.

—Essa é minha Róta.

—Que se foda —espetou raivosa tentando se liberar da corda élfica. — Os deuses estão equivocados em algo. O Midgard e os reinos do universo não estão em perigo porque há más pessoas. Os humanos e esta terra que querem proteger estão em perigo pelas pessoas que permitem a maldade. Elas são as responsáveis. Vocês são os responsáveis — exclamou com a segurança de uma sábia, — por permitir tudo isto. E nunca deixei que me sacaneassem, nem a mim nem a ninguém que me importe. Supõe que luto no nome dos bons! Talvez desfrute castigando, talvez adore incomodar e seja insidiosa, mas nem Loki, nem Nig, nem Seiya, nem Miya, nem tampouco vocês vão me convencer de algo que não sou. Assim, me diga, Freyja, como faço para recuperar a cor dos meus olhos e asas? Diga isso ou vá embora de uma puta vez!

Gúnnr mordeu o lábio inferior e disse:

—Gente, me apaixonou as Valkyrias que dizem “que se foda” na cara dos deuses.

— O que disse, menina? —Freyja a olhou com desdém.

—É um novo grupo do Facebook. Eu mesma vou criar —informou Gúnnr acariciando o pingente com petulância.

—Nos liberte, Freyja. — Pediu Bryn sorrindo ao escutar sua *nonne* falar com tanta segurança. Róta era boa de briga e seria sempre. Essa energia intimidava muitos, mas não suas irmãs Valkyrias. Por essa mesma razão, Bryn a amava tanto. Porque nunca teria respeito suficiente para falar com frieza e diplomacia. Róta era assim. Sangue e coração. A mente deixava para os políticos.



—Róta, tem a decisão em suas mãos —disse Freyja. — Se beber de Seiya outra vez, tudo terá sido inútil. Se aceitar Miya e o escolher quando beber de seu sangue e, se sua união for sincera, recuperará seus olhos celestes e suas asas tribais vermelhas. Não estrague o esforço dos deuses com você, o sacrifício de Bryn por te escolher, a espera por seu *einherjars* e o fato que sabe agora quem é. Se o fizer, não terá servido de nada. Pode utilizá-lo para o bem ou para o mal. Mas se escolher o mau, então querida menina, acertaremos as contas no Ragnarök.

—Freyja, vou desfrutar em deixar todos os deuses em brasas — sorriu falsamente. — A vingança é um prato saboroso e odeio ser a última a saber das coisas.

—Bem-vinda ao clube —murmurou Gúnnr aborrecida.

A deusa elevou o canto de sua perfilada boca com um sorriso impertinente, e com um estalo de dedos liberou Róta da corda élfica e Bryn da amarração de raízes.

Ambas as Valkyrias se mediram uma à outra, sem saber muito bem o que fazer e como agir.

—São livres para que se golpeiem por um momento. Sei que estão desejando. —Freyja pôs as mãos nos quadris e mediu a *furie* das duas Valkyrias. Bryn era a mais forte de todas, mas Róta batia muito forte. Seria um confronto interessante, e mais agora, sabendo da vinculação que existia entre ambas.

—Segue em pé nosso confronto, General —esclareceu Róta recolhendo o cabelo com as duas mãos e fazendo um coque bem alto, que estirou seus traços de sereia e descobriu suas orelhas bicudas.

—Estou desejando —assegurou Bryn estalando os dedos das mãos.

Gúnnr girou os olhos.

—Aqui não fica bem o “Até a rapidinha da reconciliação?”

—Minha mãe —escutou Steven dizer, correndo com o portátil aberto na mão, mas com seus olhos amarelos fixos em Freyja. — Me dá algo... É Charlize Theron! —gritou como um possesso.

O jovem e seu ímpeto romperam o clima de batalha que envolvia o jardim.

A deusa levantou uma sobrancelha loira e o olhou como se fosse uma penugem inoportuna.

— E este que tem uma escova de dentes enorme na cabeça, quem é? —perguntou às suas Valkyrias.

—Meu nome é Steven, meu bem —disse o jovem que media dois dedos mais que a deusa. — Acredita em amor à primeira vista ou tenho que voltar a passar na sua frente? — Soltou inchando o peito como um galo.

— Meu bem? —Repetiu Bryn impressionada ao ver que o jovem e amalucado berserker era capaz de falar assim à deusa Vanir— Steven, feche a boca.

Freyja permanecia imperturbável, sem pestanejar, com os olhos prateados cravados no rosto impressionado do rapaz.

—Porra, é você, não é? —continuou ele—Te adorei em *Hancock*. Sempre acreditei que as deusas deviam se parecer com você, embora sou dos que pensa que deveria ter ficado com o Will Smith. As Valkyrias dizem que a empertigada da Freyja é muito bonita e que é a deusa da beleza e tudo isso..., mas, o que saberá essa mulher sobre beleza se está apaixonada por um caolho? — Steven se pôs a rir de sua própria piada.



Gúnnr ficou boquiaberta e balançou a cabeça fazendo gestos por trás de Freyja para que parasse sua eloquência congênita.

Róta assentiu pela ocorrência. Era verdade. Freyja estava apaixonada por um caolho, estava, e isso era algo que ninguém podia negar. A valkyria juntou o indicador e o polegar e os deslizou de um extremo ao outro por seus lábios fechados, o fazendo entender com esse gesto que era melhor se calar.

—Sou Freyja —disse a deusa toda estoica.

Steven entortou os olhos e se pôs a rir.

A deusa continuava sem piscar e o olhou como se a cada segundo que passasse o jovem descesse posições na cadeia hierárquica dos insetos.

— O que faz uma deusa em meu jardim? —Perguntou sedutor. — Competindo com minhas rosas?

—Steven —Freyja o cortou com elegância, — diga às minhas Valkyrias o que descobriu no radar do computador....

Steven se calou de repente e franziu o cenho.

— Como sabe que...?

—Veio por isso, não? —inquiriu a deusa com um olhar cheio de inteligência.

—O que descobriu? —perguntou Róta interessada nas novas notícias.

O jovem berserker abriu e fechou a boca, ainda surpreso pelo aspecto daquela beleza loira que tanto parecia saber e que tanto se parecia com a popular atriz sul africana.

—Bom... o laird e os outros estão no bosque de Gallaway porque a informação satélite nos indica que os escravos de sangue se reuniram ali para algo. Não obstante, há uma nova congregação de escravos bem aqui — assinalou a tela do computador que localizava os pontos vermelhos e intermitentes no Inverness. — Estão na mesma posição que The Den, no Bank Street. É um *pub* público e às vezes fazem alguns jantares privados ou eventos particulares. Há muitos escravos... não sabia que tínhamos localizados tantos.

—Se formos, poderíamos localizar Seiya? Ele é o que Khani era em Chicago —perguntou Gúnnr. — Um líder.

—Seiya é diferente de Khani. Khani era arrogante e adorava se mostrar em público. Seiya é mais de se mover entre os bastidores, não se expor desse modo.

—Não entendo —Róta passou a mão pela testa suarenta. Maldito estimulante. — Por que houve esta divisão? Uns foram ao bosque de Galloway e outros para Inverness? —Inspirou, sopesando todas as opções. — Vamos descobrir.

—Mas Róta, não pode sair daqui —apontou Steven.

Freyja arqueou as sobancelhas pela sugestão do jovem.

—Róta vai onde eu disser, pois sou sua superiora —Bryn sabia que esse último comentário irritaria a valkyria e sorriu ao saber que assim foi. — Avisaremos aos rapazes que fomos ao THE DEN e diremos que nos encontrem lá. Talvez precisemos de reforços.

—Nem pensar — o jovem se plantou diante da valkyria e grunhiu como um berserker. — Disse que não. Róta não vai se mover de...



Freyja tocou sua nuca com a ponta dos dedos e Steven desabou como se sofresse uma descarga.

— Não o matou?! — exclamou Gúnnr afligida e ajoelhando ao lado do berserker.

— Não. Onde devem ir? — perguntou a deusa esfregando as pontas dos dedos, como se tivesse poeira nelas.

— Para Bank Street — informou Bryn. — Steven não pode ficar aqui. Johnson precisa dele lá dentro.

— Despertarei esse cabelo arrepiado em alguns minutos. — Freyja estalou os dedos e as três Valkyrias mudaram sua roupa de repente. — As levarei — anunciou Freyja, — mas não vão comigo com essa aparência, parece que quem desenhou suas roupas foi Laura Inglés.

— Sim... — Bryn entrecerrou os olhos. — Laura Inglés Brasileira. Está te afetando passar muito tempo com Nanna.

— Ingalls. Laura Ingalls — a corrigiu Róta admirando a roupa ajustada e elástica que agora vestia.

Minha mãe, esse mini vestido ajustado dourado de alcinhas elegantes, com um decote até o meio do estômago ficava simplesmente espetacular. Se viam as tatuagens pelos braços e costas e era algo condenadamente sexy e perigoso. Freyja soltou o cabelo e em Róta colocou um fino diadema dourado que segurava sua indomável juba. Acrescentou um casaco ajustado de couro preto do tipo toureira, para que não fossem com ombros e costas descobertas em pleno outono. Chegava até os joelhos, o sapato de plataforma de salto da mesma cor, mas com um pequeno rebordo dourado no peito do pé. Isso significava ir matar com estilo.

Bryn e Gúnnr tinham vestidos diferentes, mas igualmente curtos, a primeira de vermelho e a segunda arroxeadas e sapatos combinando, isso sim, tão espetaculares como os seus e com saltos curvos. “Os saltos” — pensou Róta em meio a um suspiro de gozo — “esses maravilhosos acessórios inventados por uma mulher a quem beijavam muito na testa”.

— Isso é que chamo de roupa... — resmungou Freyja. — Depois de hoje não sei quando poderemos voltar a nos ver — a tristeza sincera se refletia em seu rosto. — Só espero que ajam bem e que, no pior dos casos, nos vejamos todos juntos no Ragnarök. Mas lutando do mesmo lado — enfatizou a deusa olhando para Róta, embora esta a ignorasse. — Segurem em mim, vamos fazer uma viagemzinha.

As três Valkyrias, cheias de dúvidas e com vontade de descobrir o que acontecia no THE DEN, puseram as mãos sobre o corpo de Freyja. Não havia nada melhor que ser valkyria, ou sim; ser valkyria e sair na moda.

Róta estava decidida a chegar até o final de toda sua situação e ia fazê-lo. Mas, sobretudo, morria de vontade de voltar a ver Miya.

Não sabia o que ele faria, se a beijaria ou mataria. Se gritaria ou sussurraria palavras de amor ou desejo, mas não podia deixar as coisas assim. O maldito excitante estava acabando com sua capacidade de raciocinar.

Sabia que estava violando as normas de novo. A proibiu de sair de casa; de fato a deixou acorrentada, para que sofresse a sós e pagasse por seus pecados. A amarrou no escuro.



Começou a rir, e quando as quatro desapareceram por arte de magia do jardim, só escutou a musical gargalhada da valkyria.

Pelo menos, fugiu acompanhada da deusa mais poderosa dos Vanir.

Miya não podia reclamar de nada, não?

CAPÍTULO VINTE E UM

Miya foi o último a entrar no edifício subterrâneo da Newscientists. Os trilhos chiaram levemente ao sentir a folha afiada da katana empurrando a plataforma de entrada. A porta se fechou bruscamente quando por fim extraiu a espada.

Precisava desafogar sua fúria e mal-estar em alguma coisa, em alguém. O esconderijo da Newscientists ia sentir seu caráter mal-humorado, um que distanciava muito de sua habitual calma e racionalidade.

A valkyria o tinha posto em xeque. Tinha-o despido, como se seu corpo e sua alma se tratassem de um mapa, marcou a fogo com uma cruz todos os pontos fracos que tinha. E não precisou mostrar a ninguém porque ele mesmo se encarregou disso.

Róta era, definitivamente, uma ignorante de sua própria condição e natureza. E se era assim, tinha que deixar de pensar nela como uma rival e reconhecê-la como sua companheira. Ele lutaria cada minuto do tempo que estivessem juntos para que ela acabasse escolhendo-o, para que nunca desejasse abandoná-lo. Só tinha que deixar seu escudo pessoal e enfrentá-la de igual para igual. Expressar sua alegria real por tê-la encontrado e mostrar-lhe suas esperanças e seus sonhos em relação ao que ambos poderiam chegar a ser: um casal. Uma companheira... "*Vankyria*". Pôs-se a rir ao recordar a ideia de Róta. Que estranho sentir-se assim...

Naomi nunca o fez rir. Sempre lhe falava com respeito e com uma doçura que depois de beber o sangue de Róta ela parecia fictícia, hipócrita. Naomi não tinha sido autêntica com ele. Sua natureza, essa personalidade que não soube ver, estava feita para Seiya. Mas doía igualmente. Doía saber que, durante séculos, esteve preso à lembrança de uma mulher que não se aproximava da realidade.

Sempre pensou que Seiya tinha arruinado sua possibilidade de ser feliz com Naomi. E quando ela morreu e ele se sentiu tão mal, marcou como seu objetivo que seu irmão nunca encontrasse sua companheira real, não só pelo que dizia a profecia, mas sim por vingança.

Quando Róta pisou em Midgard, a garota voou tudo pelos ares. Mas ele viu em seu caráter alguma coisa escura e desafiante, eram tão diferentes... Não obstante, a atração e o desejo fulminou ambos. Ele pensava que era normal, primeiro por sua nova natureza vaniria e depois porque era lógico que essa jovem o atraísse, já que, se seu irmão Seiya foi atrás dela, queria dizer que a valkyria podia ser de ambos.

Que grande engano. Acreditava que Róta era a verdadeira companheira de seu irmão gêmeo e pensou em devolver-lhe com a mesma moeda ficando com ela e o privando da possibilidade de cumprir a profecia.



Seiya tinha lhe tirado Naomi. Ele tiraria Róta, a mulher que pertencia a ele e que completava a profecia dos Futago. Olho por olho.

Entretanto, nunca foi Naomi; ambos se equivocaram com isso. Sempre foi Róta. Sempre se tratou da valkyria. As profecias eram atemporais.

Naomi não era sua *Hanbun*. Era Róta.

E agora tinha a mulher de cabelo vermelho encadeada no porão, superexcitada e com vontade de surrá-lo pelo que fez com ela.

Quando se vissem de novo, ambos diriam um ao outro algumas coisas face a face. Ela queria arrancar-lhe os olhos e ele arrancaria sua roupa íntima que o esteve matando desde que saiu do bunker de Ardan.

Com esse pensamento em mente, Miya deu um salto e ficou escondido no teto, como um leopardo receoso. Era um falso teto e tinha uma grade retangular alargada que fazia parte de uma das saídas dos condutos do sistema de ventilação. Era o suficientemente grande para que os três pudessem circular através dos canais localizados por toda a instalação. Desse modo poderiam chegar à sala de controle e fundir os fusíveis. Se os enfrentassem frontalmente, o ato poderia não sair bem já que não conheciam a infraestrutura daquele lugar nem as saídas de emergência e, muito menos, os seres que ali trabalhavam.

O samurai inseriu os dedos entre as grades e a puxou com força até extraí-las por completo. Fez um movimento com a cabeça para que o seguissem.

—Nos arriscamos a sermos localizados pelas câmaras. Não parecemos fazer parte deste grupo de emos. —O samurai desprezou os escravos com um gesto de asco— Chamamos a atenção. É melhor que nos metamos em suas entranhas sem que saibam que estamos aqui.

Ardan e Gabriel assentiram. Era a melhor opção.

Os três enormes corpos dos guerreiros ingressaram atrás dele e foi Ardan quem com sua força bruta encaixou a grade de novo. À força.

—Devem ter uma onda de frequência inversa porque não percebo nenhuma conexão mental. Não leio nada —murmurou Miya.

—Em Cappel-le-Ferne, na Inglaterra, tinham o mesmo que Newscientists —contou Gabriel— Por esse motivo os clãs não podiam encontrar a seus membros desaparecidos. Tinha sequestrado Cahal McCloud, e seu irmão Menw, que tinha uma forte conexão com ele, não pôde localizá-lo. Descobriram sobre as ondas de frequência inversa, e agora as utilizamos nestes mini dispositivos — ele mostrou-lhes aquele aparelho que parecia uma caneta.

—Esse cara..., Cahal —disse Miya— deve ter sofrido muitíssimo.

—Pelo que sei, a pessoa que o sequestrou era sua *cáraid*, uma humana chamada Mizar. Acredito que é sobrinha de Patrick Cerril, um dos humanos que fazem parte da cúpula econômica da Newscientists.

—Merda, que sacanagem —se lamentou o samurái— Como está ele agora?

Gabriel deu de ombros e balançou a cabeça.

—Conforme me contaram, quando o libertaram, ele levou a sua torturadora e agora passa alguns dias desaparecido. Não tenho nem ideia de como a estará tratando, nem tampouco se ela continua viva...



—Se for sua *cáraid*, continua viva. É impossível matá-la —assegurou Miya em voz baixa— Impossível — e dizia com conhecimento de causa. Teve muitas oportunidades de matar Róta, e sabendo que a jovem poderia converter-se em sua perdição, a fascinação que sentia por ela e esse desejo de lhe pertencer fizeram com que fosse incapaz de machucá-la. Embora ela não hesitou nem um segundo em feri-lo mordendo Seiya. Rugiu internamente. Essa ofensa ardia e não sabia como tirar o sabor amargo da traição. As presas da valkyria tinham atravessado outra pele que não era a sua. Podia imaginar a ereção que provocou em Seiya, o muito desgraçado.

—Eles os sequestram, colocam desodorizantes —enumerou Gabriel—, fazem centenas de experimentos com eles, os dominam, anulam sua capacidade de comunicar-se... Estão isolados. Não deve ser agradável estar nas mãos desta gente. Róta sabe como as utilizam e você deve saber por ela tudo o que são capazes de fazer. Tudo o que sei é que, se Cahal conseguiu perdoar Mizar por ter-lhe feito todas estas coisas, então o vanirio merece ser beatificado.

Caminhavam agachados, deslizando-se tão suavemente como suas musculosas pernas permitiam. Chegaram a uma intercessão no qual o canal se dividia em quatro caminhos.

—Meninos, nos dividamos —ordenou Gabriel— Estejam atentos aos comunicadores. E coloquem os micro explosivos sobre cada sala que encontrarem. Vamos fazer com que as chamas arrasem este inferno. Vemo-nos lá fora —fez uma saudação militar e desapareceu pelo canal esquerdo.

Ardan escolheu o segundo e Miya escolheu o do extremo direito.

O vanirio procedeu com tato e calma. A seu caminho via estruturas independentes para intervenções cirúrgicas. Nesses salas de cirurgia fariam todo tipo de experimentos e operações; ali criariam seus próprios Frankenstein.

O que fazia com que os humanos quisessem fazer parte de tudo aquilo? O que tinha de interessante em fazer sofrer seres imortais que estavam ali para fazer o bem? A natureza humana era um mistério.

Nesses compartimentos tinham também seus equipamentos de reanimação, bancos de sangue, esterilização, laboratórios... Estavam muito bem preparados.

Miya colocou o dispositivo detonante. Imantou-o ao chão metálico do conduto de ventilação.

—Um *boom* por todos aqueles que foram destroçados. —sussurrou.

Seguiu caminhando engatinhando com a agilidade de um felino e o silêncio de uma serpente. Seus olhos cinzas olharam através da outra grade.

A sala que se apresentava diante dele tinha um grupo de cientistas de jaleco branco com as siglas NS gravadas em suas costas, que manipulava provetas. Dois deles olhavam através de um microscópio e um par de vampiros controlavam seus movimentos. Um dos cientistas se dirigiu à vitrine de vidro em que havia muitos frascos transparentes com etiquetas nas quais se divisava as palavras *Stem cells*. Células tronco.

Na parte superior da vitrine havia outros frascos com embriões de não mais de quatro a cinco dias de idade. O samurai sentiu que a bÍlis subia-lhe pela garganta.

Esses embriões eram de berserkers? De vanirios? Híbridos?



Que merda eram? O computador principal estava conectado a um disco rígido de um Terabite; devia fazer o possível para obtê-lo e decifrar toda a informação que tinha guardada ali. Mas se descesse, dariam o sinal de alarme e não poderiam surpreendê-los como eles queriam.

—Este *boom* vai por todos os monstros que querem criar —imantou o explosivo no chão e seguiu no seu caminho.

O canal se estreitava e depois se dividia em dois. Miya fechou os olhos e tentou escutar os sons que saíam do interior daqueles túneis de ventilação. Inalou para reconhecer os aromas, mas a verdade era que os desodorizantes que utilizavam faziam um muito bom trabalho.

Então, seu sentido auditivo se aguçou e chegaram as palavras: “Respira. Siga o lápis. Isso”.

Intrigado, seguiu o som da voz e se foi pelo canal da direita. Inclinou-se para baixo e desceu até outro andar. Deixou-se cair e permitiu que seu corpo descesse pouco a pouco como se tratasse de um tobogã.

A voz de um homem sussurrava coisas ininteligíveis, coisas que o outro respondia “Não tente falar número vinte e um. Tem o tubo na traqueia e o líquido amniótico ainda nos pulmões”.

Miya chegou à grade seguinte. Aproximou o rosto e olhou no interior da sala. No chão havia várias câmaras circulares cobertas por uma porta redonda de vidro. As câmaras continham um líquido espesso transparente e borbulhante, e a elas se conectavam vários cabos e tubos metálicos acoplados a monitores informáticos.

Um desses estranhos ninhos estava aberto. O líquido seguia borbulhando. Um dos tubos com uma máscara em seu extremo permanecia flutuando na superfície.

O homem de jaleco branco era loiro, tinha pouco cabelo e usava óculos metálicos. Estava checando alguém. Agora lhe passava uma luz de reflexos sobre os olhos.

—Bem. Reage aos estímulos. Vamos te tirar isto. —O braço do homem subiu e puxou alguma coisa que parecia incomodar a verificação médica tanto quanto ao paciente. Atraiu o braço para si e extraiu um tubo de plástico do interior do corpo desse paciente. Da garganta?

O homem se dobrou e vomitou uma substância pegajosa e transparente parecida com a clara de ovo. Miya ainda não podia ver seu rosto, pois o cientista se interpunha em seu campo de visão.

—Isso. Respira. Respira. Bem —repetia o de jaleco branco.

Um telefone negro sem fio começou a soar na mesinha localizada ao lado da maca. O cientista estendeu o braço para agarrá-lo sem deixar de inspecionar o paciente e se esticou ao escutar a voz que falava do outro lado da linha.

—Sim, senhor —respondeu— Não, já mobilizamos os reféns ontem mesmo. Sim, os dirigimos onde você disse. Sim, já estão lá... Os projetos? Estão preparados, mas necessitam de um pouco de instrução, como os anteriores. Pelo menos os fundamentos básicos de guerra... são muito fortes, mas tem suas debilidades genéticas, será melhor atacar de noite... Para quando?! É muito precipitado, senhor... —passou a mão pelo cabelo com frustração— Entendo, não há tempo. De acordo. A primeira remessa foi enviada... Sim, senhor. A seguinte remessa? —O cientista de cabelo loiro suspirou e olhou o relógio de seu pulso. Virou-se e olhou as câmaras uma a uma— Dê-me algumas horas... Senhor, sei que não dispomos de tempo, mas a clonagem requer seus passos. É como tirar um bebê de cinco meses da barriga de sua mãe, passariam mal... Sinto



muito... Sim, perdão... Minhas desculpas, senhor... Tirarei-os imediatamente e os enviarei. Sim, senhor. Ade...

O cientista ficou olhando o telefone. Seja quem fosse que esteve falando com ele desligou sem preâmbulos. A contra gosto deixou o aparelho sobre a mesa e colocou as mãos na cintura, analisando o paciente que tinha diante.

—O chefe tem pressa, garoto —murmurou— Ele necessita de vocês urgentemente, algo saiu muito mal. Acredito que vai ter uma vida muito curta —assegurou com pesar— Vou injetar isto para que estejam um pouco mais motivados. —Segurou uma seringa de injeção entre os dedos e cravou a agulha no pescoço do indivíduo.

Miya colocou os dedos na grade e esperou que o homem de jaleco branco se afastasse para que mostrasse quem estava ocultando.

Quando o loiro deu a volta e se dirigiu a uma das câmaras, Miya centrou-se no macho que havia na maca. Tinha o cabelo castanho e liso e a cabeça encurvada. O homem se estremeceu, levantou o rosto e ficou iluminado por um dos abajures focais que havia nesse laboratório.

O samurai se inclinou para trás quando viu seu rosto, engoliu em seco e o coração disparou.

Por todos os deuses. Era seu clone. Era ele.

Que merda era isso?

Miya pressionou o fone ao ouvido e se afastou para falar em voz baixa.

—Gabriel.

— Sim?

—Terá que fazer voar este lugar agora mesmo.

—Nisso estamos. O que viu?

—Estão fazendo clones. Clones...

—Sim, já sabemos que fazem clonagem. Tentam hibridar raças, mas até agora não se saiu bem. Por isso queriam o sangue de Aileen, e certamente, por essa razão também queriam o pequeno Johnson... a eles interessam os híbridos naturais.

—Mas isto é diferente —murmurou preocupado.

— A que se refere?

—Estão fazendo meus clones.

—Não brinque.

—Sim.

Fez-se silêncio na linha.

—Acabam de colocar os escravos em uma sala contigua —anunciou Ardan— Cara, parece-me que vão... Acredito que têm intenção de convertê-los. Há um cara muito pálido e mortiço, com o cabelo negro colado ao crânio e os olhos muito brancos. É um nosferatu. Tem cabos enganchados por todo o corpo conectados a uma máquina. Estão conectando aos escravos a esse aparelho e estão se retroalimentando uns dos outros... Que me fodam se depois disto, estes esbirros de Loki não saem sem alma deste buraco. O que fazemos? Agimos? Merda, estão gritando pela dor... A peçonha do vampiro está entrando em seus sistemas e acredito que... Acredito que estão morrendo. Os estão matando. Quando voltarem a abrir os olhos serão animais, Engel.



—Estou sobre a sala de controle deste edifício —disse Gabriel em voz baixa— Faremos o seguinte: descerei, fundirei os fusíveis e desaparecerei de novo pelos sistemas de ventilação. Assim que a luz se apagar, voltaremos por onde viemos e ativaremos os explosivos. Teremos dois minutos de tempo a partir do momento que tudo ficar às escuras, entendido?

—Entendido —responderam ambos.

Miya colocou dois dispositivos sobre a câmara de clonagem com força para assegurar-se de que esse, em especial, ficasse bem ligado ao tubos.

Grande merda. Tinham-no clonado. Ou, melhor dizendo, tinham clonado seu irmão, porque não tiveram modo de extrair células mãe dele, mas Seiya sim teria se prestado para isso. Por que? O que pretendiam com aquela estratégia? Acabava-se o tempo? O tempo para quê?

Zum.

As luzes se apagaram, a energia elétrica do lugar se fundiu e todos os aparelhos deixaram de funcionar. O alarme disparou.

O cientista ficou às escuras olhando a seu redor.

— O que aconteceu? —disse a si mesmo nervoso— Maldição! As câmaras...

Aqueles berços que serviam como ovos para os clones tinham deixado de borbulhar e ficaram às escuras.

Miya sorriu e seus olhos prateados brilharam na escuridão como os de um animal.

Correu através dos tubos da sala de clonagem e passou por cima da sala de laboratório. Deteve-se e se regozijou no desconcerto dos vampiros e dos humanos que trabalhavam com as provetas.

Restava tempo ainda.

Deu um chute na grade e saltou no interior do laboratório.

Os dois vampiros gritaram ao vê-lo porque também se desenvolviam bem na escuridão. Um deles avançou contra ele, mas Miya se agachou e se virou para aproveitar-se de seu impulso e cortar em dois o tronco daquele nosferatu. Seu companheiro lhe deu um chute no peito e Miya caiu contra os frascos cheios de embriões. Muitos deles desceram ao chão e se romperam. O vampiro ia rasgar sua garganta, mas o samurai o esquivou, agarrou-o pelo braço e partiu-lhe o pulso e o cotovelo em um só movimento. Agarrou-o pelo pescoço e bateu sua cara contra a vitrine, deixando-a encaixotada entre as estantes. Miya elevou sua chokuto e com um movimento de *kiritsuke* lhe cortou o pescoço como se fosse uma guilhotina.

Os humanos gritavam sobressaltados, assustados ao não poder ver com claridade o que estava acontecendo em seu laboratório.

Miya os olhou com desprezo um a um.

Havia homens que usavam sua inteligência para a criação e outros que utilizavam-na para a destruição. Alguns que faziam para o bem da humanidade e outros em benefício de seu bolso. Eles eram do segundo tipo.

Miya não teve piedade deles e não esperou que o explosivo acabasse com suas vidas. Moveu-se como o vento e atravessou o coração de todos com sua espada.

Embainhou a *katana* e se dirigiu ao disco rígido branco que havia conectado ao lado do monitor central. Desconectou-o, o levou com ele e saltou até ingressar de novo pelo tubos.



Levitou até passar ao longo das salas de cirurgia vazias e emergiu até a entrada principal. Gabriel e Ardan o precederam.

Os três se deixaram cair ao chão e cravaram a vista na entrada de rocha sustentada por uma estrutura de metal.

Havia uma alavanca manual, embutida na parede, que se utilizava em casos de emergência como esses.

Ardan a tomou entre suas mãos e a puxou com tanta força como pôde.

A comporta se abriu e os três guerreiros saíram por ela com tanta urgência como foi possível.

Miya agarrou o highlander pela jaqueta de pele e voou com ele para afastá-lo da explosão. Gabriel abriu suas asas azuis e empreendeu o voo.

Uma vez que estavam sobre aquele buraco de ciência e morte, Engel apertou o dispositivo e a explosão fez tremer a colina Merrick de tal modo que a cabana de Culsharg se fez em mais pedacinhos do que já estava.

Os três guerreiros ficaram flutuando no céu, observando a onda expansiva que criou a explosão e que açoitou as árvores do bosque de Galloway.

Os três se olharam medindo a repercussão do que aconteceu e assentiram de acordo com o que tinham feito.

—Vamos até Aiko —sugeriu Miya, dando meia volta segurando Ardan por debaixo de suas axilas.

—Está de sacanagem comigo —grunhiu o highlander— Me desça agora mesmo e me reúno com vocês onde me disserem. Prefiro o Hummer do que me levar do modo Lois Lane —soltou com zombaria.

Miya arqueou as sobrancelhas e acrescentou com malícia:

—Como quiser —o deixou cair de uma altura considerável e enquanto iam em busca da vaniria escutou um longo e ressonante:

— Filho da puta!



Inverness

THE DEN

Freyja deixou às Valkyrias no terraço do THE DEN, o clube noturno no qual localizaram o resto dos escravos de sangue. A música estava em um nível muito alto, enquanto as paredes e o teto local tremiam sob os pés das guerreiras de Asgard.

—Aí ficam —disse a deusa lançando-lhes um beijo no ar e jogando umas bolsinhas douradas que podiam levar penduradas atravessadas no peito— Essas pochetes são as coisas mais feias que vi em toda minha vida — comentou melodramática— Aqui lhes deixo Cartier. Dentro têm todos



esses joguinhos que precisam. Amo vocês, pequenas. Cuidem-se muito. Por certo, Róta —disse com voz enigmática—, volte para junto do seu guerreiro Kofun. A chave é literal e não figurada. Temo que há uma surpresa final em tudo isto e Miya só descobrirá se você ficar a seu lado. Todos temos um Ás na manga.

—E outras têm um Ás caolho na calcinha —atacou Róta jogando com o nome que também dava aos Aesir: Ás— Não farei porque seja o melhor para vocês —mentiu Róta para deixar Freyja nervosa — Não vou lhe dar esse gosto. Brincou com meus sentimentos. Com meu *einherjars*. Eu te amo, Freyja, mas é uma víbora. Penso deixá-los histéricos antes de tomar uma decisão.

—Não me provoque, pequena harpia —a desafiou a deusa. Agarrou a valkyria contestadora pelo cabelo e a beijou na bochecha— Acha que pode resistir ao desejo? Acha que pode resistir ao verdadeiro amor? —colou seu nariz à sua face— Não pode lutar contra isto. Contra o calor, contra a necessidade de tê-lo entre suas pernas. Tem uma oportunidade, você pelo menos tem isso. Não a desperdice.

Róta estremeceu e colocou suas mãos sobre o ventre.

— O que me fez? —Murmurou irritada e vermelha como um tomate.

—Te dei uma lição. Às vezes esquece quem sou, e me deve respeito — replicou soltando-a e jogando o cabelo loiro por cima de um ombro— Não tente negar o que sente pelo vanirio. Queria seu *einherjars*? É todo seu. Com o estimulante e o beijo afrodisíaco que acabo de te dar vai ser impossível não o comer assim que o vir. Me faça um favor e faça justamente isso. Preciso de você em plenas condições.

— Cale-se, Barbie psicopata —se queixou ela ao sentir as línguas de fogo que percorriam seus mamilos— É odiosa.

—Sim, sou uma deusa —riu petulantemente. Elevou a mão e se despediu delas como o que era, uma mulher poderosa a que ninguém desafiava.

Bryn se aproximou de sua *nonne*, que estava dobrada sobre si mesma, com as pernas fechadas e as bochechas vermelhas como um tomate. Grande cena.

— Róta? —Perguntou Gúnnr consternada.

—Piorou. A vagabunda da Freyja teve a coragem de deixar pior do que estava —Bryn tinha vontade de rir, mas, por outro lado, não suportava sentir o desejo agonizante de Róta. E como o sentia. — Vamos. — Agarrou-a pelo braço, puxando-a com garbo e saltou do terraço para cair na parte traseira do local— Concentre-se na missão, valkyria. Não pode expulsar raios, mas tem a *bue* e também sua força e velocidade —abriu a bolsa e tirou os desodorizantes e o ativador de frequência inversa— Liguem os aparelhos e se pulverizem com o spray —ordenou com eficácia— Devemos ir preparadas para o que ocorrer.

—Tenho que partir sua cara, Bryn —a interrompeu ela olhando-a de soslaio, respirando com dificuldade— Não me esqueci de nada, loira.

—Muito bem —respondeu Bryn sem lhe dar importância. Girou-se para Gúnnr e lhe passou o cabelo meio preso por cima de suas orelhas— escondam-as.

—Digo-o a sério, Bryn. Preciso bater em você —continuava Róta imitando suas irmãs e ocultando a parte superior de suas orelhinhas.



—Faça logo —Bryn as analisou uma a uma e quando viu que estavam apresentáveis acrescentou—: Há montões de servos de sangue aqui dentro. Se tivermos sorte, haverá confusão. Desabafe com eles.

Róta bufou como um cavalo e se obrigou a respirar calmamente.

—Eu controlo meu corpo. Eu controlo meu corpo — repetiu como um mantra.

—Sim. Você controla seu corpo. —Repetiu Gúnnr lhe dando a razão como os loucos.

No THE DEN se celebrava uma festa privada, uma prova de vinhos exclusiva. Os carros que tinham estacionados ao redor eram muito caros e precisavam de convite para assistir. Por sorte, já não havia quase ninguém nos arredores do edifício, sinal de que todos estavam dentro. A entrada estava coberta com um tapete vermelho que chegava até o *JOHNNIE FOXES*, o clube contíguo. Uma corda dourada delimitava uma fila que fazia pouco tempo que havia se dissipado.

As Valkyrias não tinham convite, mas sim gozavam de um encanto elétrico único. Desceram as escadas que davam ao clube e caminharam pelo tapete vermelho, sapateando com desenvoltura; Gúnnr saltitando divertida, Róta aguentando como podia o roce da tanga entre suas pernas —sim, Freyja tinha posto uma corda entre suas nádegas—, e Bryn meneando os quadris como nunca.

A loira se aproximou do homem da segurança elegantemente vestido que franqueava a entrada, que a comeu com os olhos assim que a viu.

—Olá, mulher de vermelho.

—Olá, grandalhão —sorriu docemente a General.

— Têm a entrada?

Bryn sorriu com sensualidade e assentiu. Ficou nas pontas dos pés e com os dedos puxou-lhe a orelha para sussurrar em seu ouvido:

— Como se diz trovão em alemão?

O homem franziu o cenho e a olhou de esguelha.

— Como?

—*Nubescrujen*.

Deu-lhe uma descarga na orelha e deixou o guarda-costas inconsciente.

Bryn soltou uma gargalhada e Gúnnr e Róta se olharam como se tivesse ficado louca. Pigarreou e recuperou a compostura.

—Entremos —ordenou a General.

As garotas passaram por cima do corpo inconsciente do segurança e ingressaram no clube noturno. As portas de vidro automáticas, com a serigrafia de um logotipo branco que se parecia com a cauda de um dragão, abriram-se e elas entraram com a máxima discrição possível.

O THE DEN era um lugar bastante seletivo. Muito bem iluminado, com cores chamativas, paredes de pedra rústica com vários ambientes e muito boa música. As pessoas vestiam roupa de grife. Algumas pessoas tinham mesa, mas todos os outros ficavam em pé com taças Oenologie transparentes e incolores para apreciar a cor do vinho tinto. Nessa prova não se faziam anotações, simplesmente desfrutavam da experiência.

—Como verão —dizia o sumiller—, eu sempre digo a meus compradores que antes devem apreciar o produto.



Róta, Bryn e Gúnnr escutaram com atenção as palavras desse estranho sumiller. Havia algo na atitude desse homem que a deixava com a pele arrepiada. Os escravos de sangue estavam ali, misturado com essa gente. O que faziam os servos dos vampiros em uma prova de vinho com tanto glamour?

— Notam o sabor? — dizia o sumiller vestido com roupa escura e justa. Introduziu o nariz e a boca na taça larga do tipo balão— Notam o saciante? É uma substância nova que detém o envelhecimento progressivo de nossos corpos.

Róta abriu os olhos ao escutar o comentário. Em que tipo de prova estavam? Varreu a área com seus olhos negros e se fixou em todos os assistentes.

—Veias — sussurrou tremendo pelo absoluto despertar de seu corpo— Olhem sua pele, é quase translúcida. Não estamos somente entre servos de sangue, estamos também entre vampiros. Por isso faz frio.

Gúnnr passou os dedos pela franja e cravou o olhar índigo no homem que falava dos vinhos naquele pequeno altar. Tinha os lábios e os dentes vermelhos e não roxos, como seria a cor que deixaria atrás de si o vinho tinto.

—É sangue — inalou, e seu narizinho se torceu como a Sabrina de A Feiticeira— Não estão provando vinhos, estão provando sangue.

O sumiller de cabelo loiro arrepiado e pálido como todos os de sua espécie, girou-se e cravou os olhos claros nas cortinas negras que havia atrás do palco. Estas se abriram e exibiram o corpo nu de um humano jovem com somente uma cueca de couro e um monte de marcas de presas por sua pele. Por seu aspecto, qualquer um poderia dizer que era um deus do heavy. Tinha piercing no rosto e a pele esbranquiçada, mas lisa e uniforme como a de um bebê.

—Este é Nathaniel — disse o sumiller— Faz duas semanas, o subministramos Stem cells, a terapia celular para prevenir a oxidação das células e sua posterior degeneração —o sumiller se aproximou do corpo do tal Nathaniel— Cameron e Anderson nos ofereceram uma ajuda inestimável com seus conhecimentos sobre tratamento regenerativo. Ele nos falou das células mãe pluripotentes, as que trabalham as linhagens embrionárias, entre as quais está a endoderme, e nos sugeriram que começássemos a tratar nossos doadores com esta terapia. O resultado é muito positivo —o sumiller era soberbo de caráter e muito metódico.

Bryn retirou as Valkyrias e as afastou do centro. Embora tivessem desodorizantes e anuladores de frequência, não podiam provocar uma horda de vampiros. Olhou seu telefone e enviou uma mensagem a Ardan e a Gabriel.

Bryn:

THE DEN. Prova de sangue com vampiros e servos. Estão fazendo coisas muito interessantes. Venham o quanto antes.

Nem sinal de Seiya. Seler e Gungnir desaparecidos.

—Estamos conseguindo uma normalização em nosso estado — prosseguiu o sumiller— Os vampiros com sede de sangue, sobretudo os novíços, tendem a abusar de sua sede e entram no vício, que é o que acaba nos consumindo. Mediante a terapia celular podemos beber de quem



desejarmos, tomar quantos humanos queiramos. —Puxou o cabelo do servo e inclinou a cabeça para lhe morder um mamilo. Estava bebendo direto desse homem. Na sala se escutou uma exclamação de excitação e desejo geral. O sumiller secou os cantos dos lábios com recato— Vício? É óbvio. Mas não acabará conosco. A evolução é nossa —elevou a taça cheia de sangue e sorriu com orgulho— *Bjarkan er laufgrenstr lima; Loki bar fleroa frauda*. Por Loki!

Róta tentou recordar a origem dessas palavras. “A bétula tem ramos de verdes folhas; Loki leva ao tempo do engano”. Claro. Era a oração que rezava o lema dos membros da seita Lokasenna, uma seita de humanos que oferecia sua inteligência ao serviço do mal, como todos os membros da Newscientists. Gente sobretudo de muitíssimo dinheiro, personalidades do mundo versadas no mundo da genética e da física quântica. Os servos não eram nada do outro mundo; alguns eram escolhidos pelos vampiros para ser um deles; outros, como esse pobre diabo vindo de roqueiros acabado, eram somente alimento. Mas todos os congregados no THE DEN tinham perdido a humanidade fazia tempo e todos tinham a runa Bjarkan de Loki tatuada em alguma parte do corpo, pequena e discreta, não tão visível como a dos servos de Chicago.

A sala prorrompeu em aplausos e ovações. Depois disso, apareceram dez humanos e humanas vestidos com somente uma bata de seda negra e brilhante. Olhavam à multidão com uma ânsia inegável, seus olhos cintilavam como se estivessem sob o efeito de alguma droga.

— Que comece a prova geral! —Clamou o provador principal abrindo os braços como se fosse uma estrela do rock—Bebam!

As três Valkyrias olharam a cena com horror.

Quantos vampiros avançaram contra os servos? Pareciam animais. Que contraditório era tudo. Supunha-se que tinham classe, vestidos com roupas muito caras e com sofisticação, mas, na hora da verdade, eram o que eram: monstros sangrentos.

Como as Valkyrias iriam desfrutar exterminando o pessoal!

Bryn olhou a Róta por cima do ombro e levantou uma sobrancelha loira cheia de expectativa.

—Só precisamos de um vivo. Só um. Quero o sumiller —esclareceu a General agachando-se até colocar a palma sobre o chão.

Róta assentiu e entendeu a ordem implícita nessas palavras. Começava a festa.

Sacudiu a *bue* direita e esta se materializou em uma pulseira de titânio negro com incrustações vermelhas. Da palma de sua mão emergiu um arco estilizado da mesma cor com formas élficas, mas de aspecto mais agressivo. Sacudiu a *bue* da outra mão e abriu bem os dedos até que na palma apareceram as flechas de energia luminosa. Subiu-se de um salto ao lustre pendurado no teto, cruzou as pernas para segurar-se e deixou-se cair para baixo. Seu cabelo vermelho ficou como uma cascata de sangue que levitava no espaço. O vestido escorregaria cedo ou tarde e deixaria seu traseiro e sua tanga descoberto, mas não importava.

Gúnnr sorriu, esfregou as mãos, logo acariciou o pingente do Mjölnir e murmurou:

—Pai.

Os vampiros não viam as Valkyrias. O sangue os cegava e tudo o que queriam era cravar o dente nos humanos.



— Ei, você! —O guarda de segurança que Bryn deixou nocauteado entrou no clube furiosamente. Sua cara e seus ossos se contorcionaram, suas mãos se converteram em garras e nasceu uma pelagem por todo o corpo. Os ossos rangeram, estalo após estalo, até que se converteu em um fodido e enorme lobacho com os olhos completamente brancos.

Os vampiros, imersos em beber até a última gota de vida dos servos, elevaram a cabeça ao escutar o rugido de jotuns. Todos tinham as presas sanguinolentas expostas e os olhos injetados em sangue.

Róta lançou três flechas seguidas ao lobacho que dava um salto para enfrentar Bryn. As flechas se inseriram em suas costas e o monstro caiu contra as mesas cheias de taças de sangue vazias.

Os vampiros se tornaram loucos. Mostraram suas garras e suas presas às Valkyrias e se arremeteram contra elas.

—Agora! —gritou Bryn.

Sua mão rodeada pela *bue* se iluminou como se fosse um farol na escuridão, e então, lançou uma onda elétrica que atravessou todo o chão do local, cobrindo tudo como uma fina camada de fogo azulado. Os vampiros que não tiveram tempo de elevar o voo ficaram presos na onda elétrica, caindo como peso morto sobre o chão, com os olhos entreabertos para cima e espuma na boca sangrenta.

Mas os que se livraram correram em direção a Róta, que era a mais exposta das Valkyrias. Ela colocou três flechas na corda de seu arco, as esticou e atravessou o coração de três vampiras que queriam lhe arrancar os olhos.

— Se mova, Róta! —ordenou Gunny lançando seu Mjölñir.

A valkyria de cabelo vermelho curvou suas costas para que o martelo passasse por detrás dela e cortasse a cabeça de outro lobacho que saía da sala contígua à da prova principal.

Róta sorriu a Gúnnr e esta lhe piscou um olho.

Deixou-se cair do lustre e caiu de quatro, sem dar-se conta de que atrás dela, por trás depois de uma mesa, um vampiro a observava decidido a acabar com sua vida. O vampiro mais deteriorado que o resto, esquelético e com os ossos das maçãs do rosto muito marcados, arremeteu contra ela com força, e Róta caiu batendo o rosto contra a quina de uma mesa.

Fez-se um corte sobre o maçã do rosto e olhou ao vampiro com o rosto mudado pela fúria. Irritou-se porque não podia torrá-lo com seus raios, mas sim podia lhe dar uma lição com suas flechas e seu arco. Enquanto se levantava para responder ao vampiro traidor que a atacou pelas costas, uns braços peludos e fortes a imobilizaram. Tinha o corpo tão sensível que doía se a tocassem, mas se esqueceu da sensação ao sentir as presas alargadas e grossas de um lobacho que atravessavam a pele do seu ombro e lhe chegavam até a clavícula. A dor foi cegadora e o grito que deu se escutou em toda Inverness.

— Filho da grande...!

A dor cessou repentinamente. Ela foi liberada e caiu de joelhos ao chão. Olhou por cima do ombro para ver o que acontecia e se encontrou com três tipos que pareciam sair do *Pressing Catch* americano, e que tinham um ar *The Rock*. Um deles tinha a cabeça esquartejada do lobacho na



mão e a atirou ao outro extremo da sala para golpear com ela um vampiro que tentava fugir do local.

Os três eram morenos, pareciam-se muitíssimo uns aos outros, seriam irmãos... Trigêmeos. As cicatrizes em seus rostos lhes tiravam a beleza que poderiam ter tido, mas lhes outorgavam outro tipo de atrativo mais agressivo e perigoso, muito mais masculino e ameaçador. Tinham um olho de cada cor. Um marrom e outro verde. Vestiam muito parecido, ao estilo militar, e tinham umas adagas incríveis presas às coxas e braços e com inscrições gaélicas em suas mãos.

Róta os reconheceu imediatamente. Eram o Tridente de Ardan. Deviam ser eles. Três caras enormes, que não eram bonitos ao mais puro estilo vanirio e que tinham adagas com inscrições gaélicas... Eram eles, ou se não, que a partisse um raio. Não os tinha visto no castelo Urquhart, assim era a primeira vez que se encontrava de frente com esses vanirios.

Um deles lhe ofereceu a mão para que se levantasse e ela a aceitou sem hesitar.

—Deixem um vivo. O sumiller... —ela explicou afastando a mão rapidamente. Tudo o que cheirasse a testosterona viva e tivesse “três pernas” a deixava quente como nada. Sentia-se humilhada por desejar sexo desse modo. Ia matar Freyja. Algum dia o faria—Pegaremos o sumiller. Busquem-no.

Sem lhe dizer uma palavra, os três guerreiros tiraram suas adagas com o único objetivo de começar a arrancar cabeças e corações em qualquer parte. Falavam em gaélico entre eles e o faziam a grito descascado, como selvagens.

“Nossa, estes não falam, ladram”, disse Róta a si mesma, procurando entre a multidão o vampiro que a atirou ao chão.

Encontrou-o olhando-a com ódio e lambendo os lábios ressecados com o olhar no sangue que caía por seus ombros. Róta se impulsionou sobre seus pés e deu um salto à distância com os pés por diante, digno do melhor atleta. Os saltos impactaram no peito do vampiro, que não a viu vir e abriu os olhos ante o proceder tão veloz da jovem. Seu corpo saiu propulsado para trás e impactou contra a mesa de misturas que havia em um canto, ativando o reproduzidor automático localizado no módulo independente.

O hit *Let the Rain Over Me* do Pit Bull e Marc Anthony acompanhou aquela briga. Róta amarrou uma das flechas que emergiam da *bue* e sentando-se em cima do peito do vampiro a cravou na testa. O nosferatu ficou preso em sucessivas convulsões e Róta aproveitou para lhe colocar a mão no peito e arrancar o negro e putrefato coração.

Seus olhos se escureceram mais e sentiu o prazer de exterminar todos os que se cruzassem em seu caminho. Levantou-se pouco a pouco e olhou a seu redor procurando novas vítimas. Aquilo era uma batalha campal. Desordem, confusão, anarquia... Adorava a anarquia! Materializou uma flecha em cada mão, saltou sobre os ombros de um vampiro e lhe atravessou a garganta com ambas as flechas.

Bryn, que tinha visto o movimento de Róta, aproveitou para colocar-se diante ela e arrancar o coração do vampiro, que cravou os joelhos no chão e desabou para frente. Róta saltou antes de cair com ele.

“Essa era Bryn”, disse a si mesma. Silenciosa e contundente.



A General deu meia volta para procurar o sumiller e Róta a seguiu à medida que ia chutando o pessoal vampírico, agachando-se quando o martelo de Gúnnr voava pelos ares em busca de novos objetivos, ou saltando por cima dos corpos sem vida que foram caindo ao chão.

Seguiu a General, que passou debaixo de um arco de pedra que dava a outra saída contígua, rústica e iluminada com cores fúcsias e verdes. O sumiller, escoltado por dois lobachos que exerciam a função de guarda-costas, tentava fugir por uma das portas do THE DEN, mas nem Bryn nem ela iriam permitir.

A loira levantou a palma da mão por cima de sua cabeça e invocou uma esfera elétrica de cor azulada. Róta tirou seu arco Valkyrico e colocou duas flechas na corda. Esticou-a tudo o que pôde. Colocou as flechas de modo que saíssem ambas em duas direções opostas.

As duas agiram completamente sincronizadas, como sempre haviam feito. O que pudesse acontecer entre elas a nível pessoal não tinha importância na guerra. As Valkyrias eram umas sádicas inclementes; mas quando Bryn e ela lutavam juntas, a inclemência se convertia em uma arte exponencial.

Bryn lançou a bola contra o covarde sumiller, que discava um número através de seu celular prateado. Ele caiu ao chão ao receber o impacto da bola elétrica e mordeu a língua ao ser eletrocutado por Bryn.

Róta aproveitou então para soltar as flechas e atravessar as testas dos lobachos com elas, que adotaram seu estado humano ao perder o ar. Eram homens musculosos, nus e trêmulos.

O vampiro estava entorpecido no chão; os raios ainda percorriam seu corpo, e sua pele se transparecia pelas descargas.

A guerra no THE DEN tinha acabado. Não havia nenhum vivo, a exceção do especialista em provar sangue. O levariam para lhe tirar informação.

O Tridente apareceu na sala. Os três guerreiros limparam o rosto salpicado de vermelho e caminharam para o vampiro caído. Olharam para Bryn e Róta, e o que tinha um L tatuado na garganta perguntou:

— Este é o sumiller?

—Sim. Você deve ser Logan —disse Bryn assentindo. Os três eram virtualmente iguais, mas se diferenciavam porque tinham as iniciais de seus nomes marcadas no pescoço.

Logan baixou o olhar como se o envergonhasse que Bryn pronunciasse seu nome.

—Sim. E você é Bryn —replicou ele— Ardan nos falou muito de você. —disse sem olhá-la nos olhos.

As orelhas de Bryn se moveram com interesse. Em que termos os teria falado?

—E me falou que vocês.

—Claro que nos falou de vocês. Disse-nos que eram mais feios que mandar à avó atrás de drogas —espetou Róta. Agachou-se para ver com diversão como os lobachos se estremeciam pelas flechas incrustadas em seu lóbulo frontal. Seus corpos estavam se queimando e desprendiam fumaça, que subiu até o teto e ativou o sistema anti-incêndios. Os aspersores se abriram e a água caiu sobre os guerreiros. Róta permaneceu imperturbável e alcançou o telefone que o vampiro tinha deixado cair— O telefone ainda funciona. Há um número marcado na tela.

—Guarde-o, Róta —ordenou Bryn— O utilizaremos mais tarde.



— Sou feio para você, valkyria? —disse um deles a Róta agachando-se junto a ela. Tinha a letra M tatuada no robusto pescoço. Róta perdeu interesse pelo vampiro e o celular e pelo contrário cheirou o interesse do vanirio por ela como mulher. Viva os hormônios! Ambos se levantaram pouco a pouco e ela sentiu os bicolores olhos de M em todo seu corpo. Freyja e seu beijo a tinham convertido em uma indecente libidinosa.

—Não é feio, M, é interessante —respondeu ela com voz sexy e ronronante.

—Mervin —apresentou o vanirio com voz muito rouca.

Bryn girou os olhos e se desculpou com Logan:

—Asseguro que Ardan não disse isso exatamente.

—Disse —assegurou Róta meticulosa— Também disse que eram tão feios que quando pequenos os acariciavam com um galho e que os lobos fazem fogueiras nos bosques para que não se aproximem.

—Basta, Róta —ordenou a General.

—Mas não importa, meninos —Ela deu-lhes de presente um sorriso deslumbrante— Ardan é um homem, e não reconheceria que outro é bonito embora lhe cravassem as unhas nos testículo.

— Somos bonitos, então? —O outro do Tridente, K, carregou o corpo do sumiller e a olhou ofendido— Kendrick. Meu nome é Kendrick.

—São... diferentes, Kendrick —Róta abraçou a si mesma. Minha mãe, poderia fazer uma orgia e cantar: Me dê um L! Me dê um M! Me dê um K!”, E seria a mulher mais feliz do mundo.

E por que se sentia tão mal por pensar assim? Seu corpo reagia doendo mais ante esses pensamentos, como se o estivesse traindo. Ela sabia por que, por muito que odiasse a resposta, sabia o porquê. Só um homem poderia tocá-la e lhe dar prazer. Só um.

Mas esse samurai a enganou e ainda por cima a tinha castigado deixando-a presa porque não confiava nela. Pois ia dar razões para não confiar! Mas desta vez de verdade! Aproximou-se de Mervin e sorriu como uma gatinha.

—Vamos sair daqui, Bryn —sugeriu Gunny nervosa pela volubilidade de sua *nonne* de cabelo vermelho. Ia arrumar confusão das boas se Róta continuasse assim—Está descontrolada. Retornemos ao búnker.

Sim. Já tinham o que queriam. Jogaram por terra a prova dos vampiros, inteiraram-se de coisas importantes e tinham o sumiller da prova que estava muito informado sobre a terapia do *Stem cells*. Com sorte, ele poderia saber alguma coisa sobre Seier e Gungnir. O que urgia agora era que Róta estivesse bem, que não tivesse mais problemas com Miya e que o efeito afrodisíaco de Freyja não trapaceasse ou aprontasse com alguém.

—É um prazer os conhecer, guerreiros. Obrigada por sua ajuda — Bryn adotava um tom de mulher no comando difícil de ignorar— Como sabia que estávamos aqui?

—Steven entrou em contato conosco —respondeu Logan confuso— Disse algo sobre a Charlize Theron e mencionou que os escravos de sangue estavam aqui e que se dirigiam ao THE DEN. E também mencionou que a de cabelo vermelho não podia sair —acrescentou com o semblante sério— Valkyria, nós carregaremos o sumiller —anunciou— Mas acredito que



cometeram uma temeridade ao vir sozinhas até aqui. O *laird* sabe? —Havia uma nota de preocupação em sua voz.

—Sim, enviei-lhes uma mensagem. Eles já sabem —replicou com seriedade. Pouco importava a ela se Ardan se zangava ou não. Faziam o que deviam fazer.

Logan assentiu com tristeza e passou a mão pela nuca, esfregando-a, preocupado.

— Está bem? Aconteceu alguma coisa errada? —Bryn ficou tensa ao perceber a intranquilidade e a pouca quietude do vanirio.

—Sim —grunhiu com olhos lacrimosos— Aconteceu... algo.

A música do Mohombi Coconut Tree soava ininterrompidamente na sala cheia dos corpos dos vampiros que estavam se desintegrando e o resto de corpos de lobachos que tinham talhado ou chamuscado a seu caminho.

—Venha aqui —disse Róta agarrando Mervin pela cintura da calça militar.

—Ai, deuses, Róta, não faça isso... —Gúnnr tentou detê-la, mas Bryn se interpôs em seu caminho.

—Não, Gunny. Deixa-a. Ela sabe o que faz.

—Mas Miya...

—Miya também merece um castigo. —Os olhos turquesas de Bryn brilharam com inteligência.

Róta subiu a uma mesa e dançava sensualmente meneando os quadris ao ritmo da música. Dançava imaginando que quem a observava esfomeado não era Mervin, mas sim Miya.

Que paradoxo. Gostava dos M's.

A canção falava de um casal que se amava e permanecia sob um coqueiro. *Coco*. Como a essência de seu samurai.

Ele dizia a ela enquanto permaneciam abraçados que lhe dava alegria e que fazia com que quisesse trocar o rumo de sua vida. Dizia-lhe que não havia lugar no qual preferiria estar, que não queria ninguém mais. “Por favor, tenho você e você tem o melhor de mim”. Mas Miya não a tinha, não a queria ter. Estúpido! Estúpido!

Os olhos bicolores de Mervin seguiam o corpo curvilíneo e esbelto daquela criatura dos deuses e a olhava com uma fome que desejava saciar com todas suas forças.

Mas Róta não o via. Embora fosse seu único espectador e aquele parecia ser uma dança particular, aquela beleza furiosa não dançava para ele.



As portas de vidro do THE DEN se abriram automaticamente e Gabriel, Ardan, Aiko e o samurai entraram como um vendaval.

Kenshin não podia imaginar que Róta estivesse com elas. Ela não devia sair do búnker. A proibiu. Mas, assim que inalou o aroma de amora, seu cérebro deixou de funcionar. Apertou os



dentes ao ver aquela ninfa de cabelo vermelho e vestido dourado deixar louco com seus meneios um guerreiro que não era ele.

Parecia uma diaba saída dos sonhos úmidos de um homem; uma diaba que queimaria qualquer macho que posasse seus olhos nela.

Ardan pôs a mão sobre seu ombro, mas o samurai o afastou, não queria que ninguém o acalmasse. Tinha a adrenalina disparada devido à incursão na Newscientists e às brigas que tiveram contra os purs e os etones que tinham saído do lago de Galloway.

Alguns ovos, ao perceber o bloqueante que lançava Aiko, haviam-se resistido a morrer e nasceram antes do tempo. Não tinha sido uma luta muito digna, porque nem etones nem purs estavam o suficientemente feitos para enfrentar a batalha. Tinham acabado com todos os que necessitavam essa área.

—Ela está bem. Estão todas bem —explicou Gabriel tentando apaziguá-lo—, não faça nada do que possa se arrepender.

Kenshin não ouvia ninguém. Unicamente via Róta mover-se, agitar seu cabelo vermelho úmido pelos aspersores, seus quadris e coxas tão bem moldados...

O vestido se colava a seu corpo como uma segunda pele.

Estava cansado. Precisava encontrar-se com ela, inclusive queria se desculpar. Toda a noite esteve pensando nas coisas que ia lhe fazer, em tudo o que ia dizer... E agora a via sobre essa mesa, dançando para um dos trigêmeos. Mas o que acreditava essa garota?!

*Heey-ey-ey
Usually I'll b gone before
The Morning lights
Ooh-OH-OH!
But you eyes keer telling me
It's not the case tonight
You gon'make me stay
Gon'make me stay
Forever⁴⁷*

Róta inspirou e seus pulmões se encheram do aroma de coco característico de seu vanirio. Inclinou a cabeça de um lado e cravou seus olhos escurecidos no samurai que havia justo a dois metros dela, enquanto girava os quadris ao ritmo da música.

De repente os olhos se encheram de lágrimas pela raiva e a impotência de saber que Kenshin queria atravessar seu coração com uma espada. Que ele estava apertando os dentes pela cólera de vê-la livre, irritado com ela, zangado por ser quem era, porque havia tocado a Valkyria má. *Heiban*, a chamava.

Isso acreditava? Pois o vanirio não tinha nem ideia de quão má poderia chega a ser.

⁴⁷ Normalmente vou embora antes das luzes da manhã/Mas seus olhos me seguem dizendo: Não é o caso hoje a noite/Vai fazer com que eu fique/Que eu fique para sempre.



Não era justo. Ela não fez outra coisa que desejá-lo, querê-lo. Não havia razões para que pensasse mal dela. Será que não via que estava morrendo literal, física e emocionalmente por ele? Que seu corpo clamava por suas carícias, por seus beijos, por sua aceitação, por tudo de bom que ele pudesse lhe dar?

Cega pelo ressentimento e a aversão, inclinou-se sem deixar de olhar para Miya, o provocando e desafiando-o para que a detivesse; agarrou Mervin pelo pescoço de sua jaqueta militar negra e o aproximou dela, enquanto rebojava contra ele como uma cobra.

As aletas do nariz de Miya se dilataram e seus olhos se converteram em chumbo, sombrios e perigosos. Não podia deixar de olhá-la, e ao mesmo tempo não se atrevia a dar um passo para ela porque não confiava em si mesmo.

Seu autocontrole tinha desaparecido.

Mervin, que não era tolo, olhou a Miya de soslaio e entendeu que estava em terreno perigoso, mas veria quem estava pronto para afastar as mãos dessa preciosidade atrevida e descarada! Ele não. E essa sarda que ela tinha sob o olho direito? Era uma maldita distração divina!

Róta colocou suas mãos sobre as robustas bochechas do guerreiro e lhe disse com um sussurro sedutor:

—Ele diz que sou má. O que você acha? —E então, beijou-o.

Beijou-o para machucar Kenshin.

Beijou-o porque o afrodisíaco doía.

E também o beijou para machucar a si mesma.

Aiko abriu os olhos alterada e tentou deter Miya agarrando-o pelo antebraço, mas ele a estava arrastando com ele.

Róta não tinha nem ideia do que acabava de fazer, do furor que acabava de despertar em Kenshin. A japonesa tentou frear seu amigo, o guerreiro descontrolado, mas seus pés se deslizavam pelo chão como se estivesse patinando. Era inútil. Róta acabava de provocar à besta. O que acontecesse depois disso estava somente nas mãos dos deuses.

Ardan o abraçou pelas costas como um urso, mas Miya tinha uma força descomunal. Arrastava a tudo o que ficasse diante dele.

Róta soltou Mervin e limpou a boca com o antebraço.

O havia provocado bem. Girou-se para enfrentar o vanirio que vinha para ela como um animal sem capacidade de raciocinar. Nem Ardan, nem Aiko, nem tampouco agora Gabriel podiam fazer nada para parar seus avanços para ela. Kenshin era um furacão.

—Vá, Mervin! —Gritou Ardan, fazendo força e agarrando Miya pelo pescoço para que não matasse seu amigo— Vá embora!

Mervin sorriu a Róta agradecido e se desculpou com Miya ao passar por seu lado.

O samurái tinha as pupilas dilatadas e seguia Mervin como um predador.

—Matarei você—sentenciou cuspiendo as palavras e retraindo os lábios para lhe mostrar as presas.

—Bryn! Gúnnr! —Gabriel chamava a General e a sua companheira—Tirem-na daqui!

Bryn negou com a cabeça. Seus olhos turquesas tinham uma decisão inalterável.



— Ele a machucará! —enfatizou Gabriel.

—Ele saberá o que faz —Bryn cruzou os braços, concentrada em Róta— É o que ela quer, não é , Róta? Está tudo em suas mãos, *nonne*.

A provocadora não afastava seus olhos do samurai. Nem sequer ousava mover-se. Tinha levado sua vingança até as últimas consequências.

—Veremos se Miya aceita o desafio. O soltem —ordenou Bryn, olhando unicamente para Ardan.

O einherjars se confiou no que fosse que viu no olhar de Bryn. Afrouxou o aperto e os outros, contrariados, copiaram seu gesto.

Não precisou nada mais.

Miya se lançou até Róta e com uma postura agressiva e descontrolada, subiu à mesa.

A Valkyria, que estava afetada por tudo o que aconteceu, tentou afastar-se, mas o vanirio a agarrou pelo braço com força e de um salto a arrastou com ele para fora do pub.

— Isto é o que quer?! —Perguntou Kenshin gritando à seu rosto. Não havia nem uma alma ao redor do pub. O frio fazia com que saísse fumaça da furiosa boca do guerreiro.

Róta não respondeu, mas tampouco esquivou seu olhar enquanto a sacudia. Ele estava amaldiçoando como um caminhoneiro. Era fascinante vê-lo nesse estado.

—Se tiver que me queimar por isso, queimarei-me, *Heiban*. Mas que me enforcem se permitirei que me ofenda outra vez, *ama*.

Agarrou-a nos braços a contra gosto e elevou voo com ela.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Quando chegaram à casa de Ardan, nem ele nem ela haviam trocado nenhuma só palavra. Steven os recebeu na sala de jantar, mas, quando viu o humor que reinava no ambiente, preferiu não meter-se onde não o chamavam.

Miya levava Róta pelo braço, puxando-a sem nenhuma delicadeza. O jovem berserker levantou os braços e se afastou de seu caminho.

O samurai desceu as escadas em direção ao porão.

Não importava onde a levasse. Provavelmente ganhou sua ira, mas no fundo sabia que, por mais zangado que estivesse o guerreiro, nunca lhe faria mal de propósito.

Miya abriu a porta da sala em que ela esteve encadeada, e a porta se fechou atrás dele. Uma das correntes pendurada do teto estava partida pela metade, como se algo a tivesse cortado. Por isso ela havia sido libertada, pensou.



Empurrou-a e Róta avançou a tropicões até que se chocou contra uma espécie de potro* . Deixou escapar o ar e o olhou por cima do ombro, assombrada e ao mesmo tempo excitada pela situação.

Esse era Kenshin. Um homem de instintos e paixões muito marcadas que sempre queria se manter sob controle. Mas ela tinha feito estalar esse controle.

Agora, ambos nadavam em águas turbulentas e desconhecidas. Seus papéis sumiram, desapareceram. Nem ele era o vanirio samurai disciplinado e rigoroso, nem ela a valkyria amalucada e temerária. Agora eram um homem e uma mulher transbordados pelas emoções.

Ela, cheia de desejo e ofegante do amor e do carinho que Kenshin pudesse dar, embora fosse de um modo brusco. Não importava. Somente o queria.

Ele, ferido pela atitude de sua companheira, morto de ciúmes e também cheio de culpa por como a julgou. Mas morto de ciúmes e ofendido, sobretudo.

Tudo muito contraditório e incômodo. Sentimentos excessivos que convertiam o búnker em uma panela a pressão.

— Quem a tirou daqui?

—Gúnnr e Bryn —disse sem querer se virar.

— Acaso estão loucas?

—Não. São minhas irmãs, imbecil. Sempre olharão por mim.

Esse músculo tão familiar nele palpitou compulsivamente em sua face.

—Tire a roupa —uma ordem fria e impessoal.

Róta se girou pouco a pouco e se apoiou no potro. Tremia por dentro e por fora. Ela tinha que vê-lo.

—Não.

— você tem vergonha?! —Avançou contra ela e encurralou-a contra o instrumento de tortura, colando todo seu corpo ao dela— Agora?! Não tinha pouco tempo atrás com M!

—Mervin, chama-se Mervin. —Corrigiu ela, o incitando para que se tornasse louco de amarrar— E não me envergonho de nada.

Os olhos prateados do samurai refulgiram como duas estrelas e então, levou as mãos a sua jaqueta toureira e a tirou bruscamente.

—Claro, esquecia que não se importa com quem está. Pode estar com Seiya e beber seu sangue. Pode foder comigo e pode beijar Mervin... É uma cadela. *Ama!*

Róta apertou os dentes e lhe deu uma bofetada que girou sua cabeça e ressoou por toda a sala. Como podia continuar pensando isso? Se ela houvesse querido Seiya, agora estaria com ele. Se desejasse Mervin, nunca haveria separado de sua boca, nem tampouco teria limpado seus lábios depois do beijo que tinha lhe dado.

— *Urusai, kono baka yaro*⁴⁸! —Gritou enquanto golpeava-lhe o peito e tentava tirá-lo de cima dela— Não volte a me insultar nunca mais! Ouviu-me? Nunca mais! Está cego!

* O potro foi um antigo instrumento. Era uma espécie de cavalo de madeira em cima do qual o torturado era colocado, sendo os seus membros atados a um torno, que uma vez accionado, retesava as cordas e deslocava os membros da vítima.



Miya afundou a mão em seu cabelo e lhe jogou a cabeça para trás.

—Você tem muito atrevimento valkyria. Sei muito bem o que vi! Vi você beijando outro homem! Vi você mordendo outro homem! —Exclamou, tomado pelo ressentimento— Como acha que me sinto com tudo isso?!

— Pois não tenho nem ideia, Kenshin! —replicou ela— Como se sente?! Sente-se mau? —perguntou irritada— Sei o que pensa de mim, sei tudo o que pensa de mim desde o momento em que me viu. Não importa que tenha feito amor comigo, não importa que eu não esconda nada de você! Sempre seguirá acreditando que vou te trair!

— Beijou e mordeu outro homem! —Bramou ele com as veias do pescoço inchadas— Isso é traição, maldição! —imobilizou-a rodeando-a com um braço. Olhou outro dos pares de correntes presas ao teto mediante trilhos e com seus dons telecinéticos as moveu até as colocar sobre o potro.

Róta mordeu os lábios e suspirou ao cheirar o coco na pele de Miya. Deuses, como desejava que a tocasse. E ao mesmo tempo, não queria que o fizesse se continuava pensando coisas dela que não eram justas.

Miya elevou seus braços por cima da cabeça e fez descer as correntes até que os braceletes metálicos se fecharam em torno das mãos de Róta. Ela levantou o rosto assombrada e franziu o cenho. O cretino a estava encadeando outra vez!

— Encadeia-me porque não pode comigo?! Nem pense me tocar —grunhiu puxando as correntes— É mau e não confio em você! — soltou, tentando que o lábio inferior não tremesse.

O samurái jogou o cabelo castanho para trás e sorriu sem rastro de amabilidade enquanto passava a língua pela presa direita.

— Mau? Não sou eu o que consta em uma profecia que...

— Não me importa! É irmão de Seiya, tem seu mesmo sangue, é malvado como ele. — Acaso não era por isso que a julgava tão livremente? Foi uma criança gerada para o uso do mal, mas ela não era má. Não haviam lhe ensinando a ser. E que carregasse sangue de Nig, o Nigromante, não significava que também gostasse das artes escuras e que fosse trabalhar para Loki— Não é o que significa tudo isto? Acaso não sou má por isso mesmo?!

—O que diz é absurdo.

Ela riu dele com todo o descaramento de que foi capaz, incrédula pelo que ouvia.

— Quer me castigar pelo que fiz, Kenshin? —Voltou a puxar as correntes— Faça! Tudo é sua culpa! Colocou-me afrodisíaco no corpo, e logo... —Logo Freyja a beijou e se desatou o inferno— Mas quando beber de mim e souber a verdade, vou me divertir vendo sua consternação. E te juro... Te juro que não permitirei que me toque de novo até que não se arraste como os vermes me rogando perdão!

— Típico de você! Culpar os outros de todos seus enganos! É como uma menina pequena e irresponsável.

— E você um covarde que está morto de medo! Tem medo de querer à vilã do filme? —perguntou com malícia.

⁴⁸ Cale-se, ruidoso idiota, em japonês.



O samurái arqueou as sobrancelhas. Essa garota estava louca. De verdade pensava que ele ia se arrastar ante ela? Ela o desobedeceu e ofendeu como nunca se devia ofender a um vanirio. Provocou-o, e riu dele diante de todos. Tinha vontades de fazê-la pagar e queria lhe demonstrar uma verdade que ela ainda parecia ignorar: ele ia ser o único em sua vida. Ninguém mais. Embora passassem a eternidade inimizados.

Levou as mãos ao botão da calça e desabotoou. Empurrou as botas com os calcanhares, tirou as meias e também as calças. Jogou a jaqueta, a katana, a pochete e a camiseta de um lado da sala e ficou somente com a cueca negra ajustada.

Róta engoliu em seco ao admirar sua beleza selvagem. O peito com aquele felino cobrindo a fechadura de seu coração a comovia. Começava a duvidar de que alguma vez ela seria capaz de entrar aí dentro e de que Kenshin fizesse uma cópia da chave para ela.

Ele a puxou pela cintura e a virou. Elevou-a e a colocou de joelhos sobre o potro. Suas nádegas ficavam à altura perfeita de sua virilha.

Maravilhosa. Uma imagem maravilhosa, pensou o samurai. O cabelo vermelho chegava até a metade das costas. De onde tirou essas roupas? Elevou o vestido até arregaçá-lo sobre os quadris e ficou atônito ao ver a corda dourada que atravessava suas nádegas. Uma tanga. Aquela garota dançou somente com uma tanga com o tal Mervin. Ai, maldição. Ficou furioso ao recordar a dança que ela dedicou ao amigo de Ardan. E logo o beijo... O maldito beijo.

— O que faz?! —perguntou ela incômoda sobre o potro. As correntes a incomodavam e os joelhos doíam— Não se atreva a me machucar, Kenshin. Desça-me daqui.

—Você gostará. Gostará disso. Como vai o estimulante? —Acariciou-lhe as nádegas nuas. Ela deu um salto— Vejo que bem —penetrou a mão entre suas pernas e encharcou os dedos com sua nata. Essa mulher estava muito molhada— Droga, melhor que bem... Está jorrando.

—Kenshin... —gemeu. Como não ia estar se o que mais desejava era o contato de seu *einanderjars*? Não importava como o conseguisse. O importante era que ele a tocasse.

—Nunca mais volte a me chamar assim —grunhiu sobre seu ouvido enquanto colava-se às suas costas e a inclinava para frente.

Ela riu sem vontade. Sempre o chamaria Kenshin, não importava que ele não desejasse ouvir esse nome de seus lábios.

—Recorda bem quem te faz isto, valkyria. Nem Seiya, nem Mervin —arrancou a tanga de um puxão e meteu a mão na cueca para tirar a quente ereção. Acariciou-a acima e abaixo com o prepúcio e colocou a ponta em sua entrada enquanto levava a outra mão a seus clitoris— Vou te foder, Róta. Nada de beijos nem carícias que não merece. Só eu entre suas pernas.

Ela ficou tensa, mas não negou que não o desejasse. Por Freyja, necessitava disso. Mas queria amor e carinho também. Queria o respeito e a admiração que tinha visto nos olhos de Kenshin a noite anterior. Agora nem sequer podia olhá-lo nos olhos, ele a utilizaria como se fosse uma égua.

Estava suspensa pelas correntes, e ante ela somente se divisava o chão de cimento daquele salão de tortura. Os joelhos doíam e o corpo sacudia-se de desejo. Mas não era assim como queria isso. Se depois disso ele a deixasse ali, só e abandonada, então não teria mais remédio que matá-lo.



Kenshin não a avisou. Penetrou-a de uma investida profunda e dura que deixou-a sem respiração e com lágrimas nos olhos, presa de um orgasmo demolidor. Veio sem prepará-la sequer. Estava gozando e ele nem sequer tinha-lhe feito nada.

—Por Amaterasu... —disse tomando-a pelos quadris e segurando-a ao mesmo tempo que ela seguia estremeando— Está gozando assim? Já? Tão rápido?

Róta gemia e sacudia a cabeça de um lado a outro. Como não ia fazê-lo se o beijo de Freyja a deixou presa do desejo e da insatisfação?

Kenshin dobrou um pouco os joelhos e empurrou para cima até encaixar a cabeça no seu útero. Ela gemeu e choramingou. Seu corpo gozava de novo.

— Vê o que te faço? —encostou seu torso às costas dela— Quer que diga a Seiya e ao outro que venham vê-la? Você gostaria que a vissem assim?! —Seus quadris começaram a mover-se como um pistão, com dureza, sem um pinga de ternura. Só procuravam o castigo e outro orgasmo fulminante dela— Comigo tão dentro de você que nunca nos saberiam diferenciar? Sei que gostaria... Ou melhor, diria a eles que se unissem à festa. Não posso confiar em você.

—Não... Não diga isso —choramingou ela— diria...diria a eles que acabassem o trabalho os dois somente. Você sobraria, Kenshin. Você nunca voltaria a me tocar. Não iria te querer! —Sabia o que conseguia com suas respostas, e isso era justamente o que necessitava.

— Não? —puxou-lhe o cabelo e estimulou o piercing do clitóris com um dedo— Não?! Não voltaria a tocá-la? Está segura?!

— Não! —gritou lutando contra as correntes e contra o orgasmo que de novo queria açoitá-la.

—Mentirosa.

Quando Róta sentiu que o membro de Kenshin esfregava em pontos que ela desconhecia que tivesse e sentiu seus dedos esfregando sobre aquele botão do prazer, tentou fazer o possível por não deixar-se levar. Lutou contra a onda que chegava como um tsunami a todas suas terminações nervosas e, se prometeu que não gozaria.

—Não tente lutar contra isto —cantarolou ele puxando o piercing— Vai ter que se acostumar a mim porque é o único que vai ter. E sou muito dominante, assim quando digo que goze, estou dizendo para gozar já. —Mordeu-lhe o lóbulo da orelha e o puxou sem gentileza.

—Não... —Se Miya queria que ela gozasse teria que mordê-la e não demoraria muito. Não suportaria que ele voltasse a beber dela em uma maldita garrafa. Não permitiria— É como ele! —Gritou impotente— Tem seu mesmo sangue, seu mesmo físico e se comporta igual! Os dois querem conseguir seus objetivos custe o que custar!

Kenshin se deteve bruscamente. O que havia dito a valkyria? Seu membro palpitava no interior da apertada capa da jovem; estavam tão intimamente unidos como dois corpos podiam estar, mas se sentia a anos luz dela. Falava a verdade? Róta pensava que ele e Seiya eram iguais?

Rugiu como um animal selvagem e afastou seu cabelo do pescoço para expor sua jugular, indignado pela comparação.

—Seiya a rasga quando te morde —disse em um tom rouco— Quer que eu seja igual? Gostaria disso? Você gosta que a machuquem? — inclinou o pescoço de Róta para um lado, abriu a boca e cravou suas presas com ferocidade.



Ela abriu os olhos e os fixou no teto e em suas mãos acorrentadas.

Kenshin estava se comportando como um bruto desconsiderado. Não lhe dava medo o sexo duro, não se sentia humilhada com isso, gostava muito para pensar que a rebaixavam por isso, mas a verdade era que não quis levá-lo tão longe, tão ao limite. Estava machucando-a com essa dentada selvagem; entretanto, o prazer e a dor se misturavam para criar um orgasmo que adquiria a força de uma supernova. E ela se sentia incapaz de detê-lo.

No momento em que Róta começou a gozar, Kenshin decidiu derrubar seus muros mentais, arrasou-a e bebeu dela para compreender o que aconteceu até então. Róta nunca poderia jogá-lo dali enquanto estivesse concentrada no êxtase sensual de seu corpo. Miya sabia que tinha se equivocado com ela e que precisavam falar, mas ao vê-la com Mervin, o beijando, todas suas novas intenções se foram ao lixo e o converteram em um sacana egoísta.

O sangue de sua garota má se deslizou por sua garganta e, quando provou a amora, ele mesmo convulsionou no interior da valkyria.

Pôde lêr tudo. A aparição de Freyja no jardim; as revelações sobre seu nascimento; o por que se dizia que podia ser má... Kenshin soltou o cabelo de Róta pouco a pouco e deslizou a mão sobre seu quadril.

Seguiu vendo o beijo de Freyja e a desordem que tinha criado no corpo da valkyria. O beijo de Mervin que ela repudiou. Não o tinha desfrutado: tinha-o feito somente para provocá-lo.

Era ele quem ela queria. Não Mervin nem Seiya. Ele.

Depois viu a briga no pub e como ela, sem dispor de seus raios, enfrentou toda essa horda de vampiros e lobachos no THE DEN.

Maldição, nem sequer se ocupou do corte de sua bochecha nem do rasgão de seu ombro. Que ruim e desconsiderado por sua parte.

Kenshin deixou de esfregá-la entre as pernas e cobriu essa área com toda a palma de sua mão, como se quisesse protegê-la ou cobri-la, lhe dar calor.

O orgasmo da valkyria era muito longo e ele podia sentir e entender muitas coisas que o comoveram e o cativaram. Detalhe que Róta não explicava sobre ela e seus sentimentos. Desfrutou da conexão com ela a esses níveis, mas não era uma união completa e o atemorizou pensar que depois disso que fez, não pudesse tê-la nunca. Sangue e mente não era o mesmo que compartilhar sangue, mente, corpo e coração.

Desencravou as presas com lentidão e fechou os olhos envergonhado com ele mesmo, com seu comportamento.

Róta não era má. Não era. Nem tampouco era culpada de ser filha do maior nigromante de toda a história, um que trabalhava para Loki. Também era filha da sibila originária, perita em magia vermelha, que esteve sob as ordens de Nerthus. Portanto, a balança estava igualada.

Kenshin deteve seus quadris e baixou o olhar para o rosto voltado para cima da jovem. Tinha os olhos fechados e as lágrimas se deslizavam por suas bochechas. Ver isso partiu seu coração e fez com que os joelhos se debilitassem.

Elevou a mão até as correntes e as abriu. Os braços de Róta caíram como peso morto a cada lado de seu corpo e seus dedos se cravaram no couro negro que cobria o potro. Respirava com rapidez, e o centro de suas pernas ainda ardia e tremia pelo prazer.



Kenshin estava em sua cabeça. Sentia-o caminhando entre suas lembranças, entre seus pensamentos, e o fazia com discrição. Tentando não incomodá-la. Sentia que o vanirio estava sentado em uma poltrona esperando que ela se aproximasse e conversassem sobre a vida, essa era sua ridícula sensação.

Mas ela não tinha muita vontade de falar. Não podia ser bom ter três orgasmos quase seguidos. Certamente isso provocava danos cerebrais irreparáveis. Tinha o corpo feito gelatina e a mente cansada de lutar e brigar contra o coração.

O guerreiro vanirio já devia saber tudo à essa altura.

Se continuava acreditando o pior dela, então já não teria nenhuma possibilidade de ser feliz com ele. Róta nunca poderia ser ela mesma com um samurai tosco e friamente rude que não confiasse em sua pessoa.

Passou o dorso da mão pelas faces, secando as lágrimas, consciente do que tinha feito ao beber de Seiya e ao beijar Mervin. Sentiu a dor que sentiu Kenshin e chorava por isso. Sorveu pelo nariz incapaz de olhar o homem que havia atrás de suas costas e que estava em seu interior. Se tivesse sido ele quem a desafiou assim, como se comportaria ela? Certamente não teria tido nem a metade da paciência que mostrou o samurai. Não podia imaginar seu vanirio nem mordendo nem beijando outra que não fosse ela.

Ela era assim, impulsiva. E sentia muito. Mas se a machucassem ou se alguém a incomodava, precisava atacar. Olho por olho. Era uma valkyria, droga. Não era Madre Teresa da Calcutá.

Miya era um vanirio. E o magoou com sua atitude. Mas o samurai também a feriu com seus segredos e seus preconceitos.

Esticou-se ao sentir as poderosas mãos de Kenshin sobre seus quadris nus. A vulnerabilidade e Róta não eram muito compatíveis porque não se conheciam muito. Não obstante, agora se sentia vulnerável e não sabia ocultar nem aguentar.

Miya saiu de seu interior, lentamente e com suavidade. Sua valkyria parecia derrotada, mas o que não sabia era que o derrotado era ele. Baixou-lhe o vestido até cobrir suas nádegas e a segurou nos braços.

—Vamos sair daqui. —surpreendeu-se pelo nó de angústia que sentia na garganta e que não o deixava falar bem. A jovem estava tensa como uma corda. Tensa por seu contato. Miya encostou sua bochecha na cabeça de Róta e agradeceu que ela não se afastasse.

Agachou-se para pegar sua roupa e sua espada com um braço e abriu a porta. Voou como um relâmpago até o quarto que Ardan destinou para eles. No caso de que os outros já tivessem chegado, ninguém os veria subir de tão rápido ia.

Fechou a porta atrás dele e girou o ferrolho. Tinham arrumado a janela do quarto que fez explodir na madrugada que passou ali. Ardan era muito eficiente, pensou agradecido. A cama estava recém feita e os portáteis estavam abertos e conectados, recebendo todo tipo de informação via satélites que eles necessitassem.

Tudo estava em ordem. Tudo exceto seu coração. Aquele estranho coração era um gêiser a ponto de explodir.

Dirigiu-se com Róta nos braços até o banheiro. Acendeu a luz e olhou ao redor. Havia dois roupões pendurados detrás da porta, um conjunto de toalhas penduradas no toalheiro e bem



dobradas. O chão de mármore escuro contrastava com as paredes de mosaicos brancos e cinzas e com os móveis brancos e negros. Em um lado se achava uma cabine de hidromassagem que devia medir uns dois metros de comprimento por um e meio de largura. E no chão, havia uma *jacuzzi*.

O silêncio reinava entre os dois. Sentia a vergonha e a repentina fragilidade de Róta e não suportava que ela se sentisse assim por sua culpa.

Deixou-a sobre o chão. Os saltos ressoaram sobre o mármore. Ela seguia sem olhar seu rosto e isso fez com que ele se sentisse como uma merda, como um verme.

Quando se ajoelhou no chão, captou o interesse da valkyria, que tinha manchas no rosto pelo rímel e a maquiagem borrada. Ele pegou um pé, tirou-lhe o sapato e logo deslizou a meia. Fez o mesmo ritual com a outra perna.

Sem sapatos, Róta era dez centímetros mais baixa que o habitual. Ele ajoelhado, chegava-lhe quase à altura dos peitos.

Kenshin olhou o vestido que a deusa a vestiu e teve vontade de rasgá-lo e fazê-lo migalhas. Freyja sabia o que uma mulher como Róta podia provocar com uma roupa como essa beijando sua pele. Grunhiu e tirou-lhe o vestido pouco a pouco, descobrindo seu corpo centímetro a centímetro.

Quando chegou à virilha, viu o pequeno corte que lhe fez aquela manhã para beber dela e descobri-lo foi como um chute nos ovos.

Era um fodido miserável, não tinha fechado a ferida e ainda por cima... Merda, como se sentia mau. Continuou subindo o vestido até seu sexo nu e desprovido de pelo, seu umbigo com um piercing, seu mamilo com um piercing...

Passou-lhe a roupa pela cabeça, e esperou que Róta levantasse os braços e colaborasse. Ela o fez e ele mesmo a liberou daquele tecido atirando-o ao chão.

Queria pisá-lo e queimá-lo e que nunca mais o exibisse, e se fizesse, que fosse só para ele. Vestido do demônio... Mas não faria isso. Se Róta gostava desses trapinhos, ele teria que engolir e matar todo aquele que a olhasse. Seu esbelto e suave ombro exibia uma chamativa dentada de lobacho e sua maçã do rosto tinha um corte.

Seus braços ainda exibiam as tatuagens negras até o cotovelo, extensões de suas novas asas que eram a resposta de seu corpo a ingestão de sangue que não ia bem. Ele leu em suas lembranças e em seu sangue que, quando voltasse a beber dele retomariam seu estado natural. Isso havia dito Freyja, não?

Levantou-se pouco a pouco, gritando interiormente por sua dor e por sua cegueira. Os samurais eram observadores peritos e ele foi pior que uma toupeira.

Róta era sua metade e ele, sabendo disso, foi incapaz de aceitá-la.

Abriu a porta da cabine e entrou arrastando a jovem com ele.

Róta não mostrou muita resistência. Estava abatida.

Ele girou a torneira de água quente e vários jatos emergiram do chuveiro da ducha. Tocou a água com seus dedos para comprovar que não estivesse muito quente e se meteu sob o jato de água, colando-a a ele e abraçando-a pela cintura.

Passou-lhe as mãos pelo cabelo e o jogou para trás, ante o incrédulo olhar da guerreira de Freyja.



Ele estava lavando-a? Pensou Róta. O que acontecia? Miya já sabia toda a verdade e agora se sentia mau. Era isso, verdade? Bom, ela não estava melhor.

Observou atônita como ele se girava e dava o dispensador de sabão corporal. Encheu as mãos com ele e começou a lavá-la com delicadeza. Massageou todo seu corpo com as palmas e dedos, com tanta dedicação que as lágrimas saltaram de seus olhos. Brandamente, quase como um rogo, Miya tentou virá-la, mas não o deixava.

—Só quero te lavar —murmurou ele com voz rouca e afligida.

— Por que? Por acaso estou suja? —replicou ela tirando seu orgulho.

—Não. Não está suja —respondeu arrependido—Deixe-me fazer isso.

Não sem dificuldade, conseguiu girá-la para apreciar suas formosas costas. Era a primeira vez que se detinha para olhar as asas negras com atenção. Eram bonitas, mas muito desafiantes, muito mais agressivas e cortantes que os anteriores tribais. Passou as mãos cheias de sabão por suas costas, desenhou cada risco das asas e repassou sua coluna vertebral com os dedos até que deslizou as mãos até suas nádegas, onde se demorou mais da conta e seus dedos se deslizaram por passagens proibidas.

Ela se enrijeceu e agarrou seu pulso tentando detê-lo.

—Ouça, o que está fazendo?

—Me deixe fazer isto —se colou a seu corpo de modo que sua ereção ficou pressionada na parte baixa de suas costas—Deixe-me cuidar de você.

— O quê? —quis virar-se, mas ele a impediu quando a rodeou com seus braços, apertando-a com força como se tivesse medo de que escapasse. Afundou seu rosto em seu pescoço— Agora quer cuidar de mim? Vou romper o *kompromiss* —espetou tentando afastar-se.

—*Chist*.

Ambos ficaram sob o jorro de água quente, tão quietos como seus corpos o permitiam. No banheiro se ouvia unicamente o repicar da água sobre o chão da ducha e suas respirações aceleradas.

—Róta, *gomen nasai*. Sinto muito.

Ela levou instintivamente as mãos sobre os antebraços de Miya, querendo afastá-los, querendo sair daquele cárcere de coco quente. Negou com a cabeça, presa pelo pânico, e seu temperamento de repente explodiu.

— Por que se desculpa?! Sou muito má, Miya, não sabia? Tenho tanto afrodisíaco no corpo que seria capaz de me jogar a toda uma equipe de rugby. Que esteja agora aqui contigo não quer dizer que não possa fazer isto com outro.

—Eu não gosto que fale assim.

—Mas é a verdade! —rebateu ela.

—Não é.

— Você mesmo me viu sobre a mesa! Poderia fazê-lo com quem me desse o verdadeiro desejo! Estou tão quente que não me importa sair com quem for, enquanto tiver algo bom entre as pernas! Você acreditou nisso e insinuou muitas vezes! Posso ir com seu irmão quando menos o esperar!



— Deixe de dizer isso! —Deu-lhe a volta e a obrigou a ficar na ponta dos pés— Você diz apenas para me incomodar! Mas não fala a sério!

— Verdade?! E o que ganho eu tirando do sério um homem tão frio como você?! O que ganho em troca de incomodá-lo?! Nada! O que me importa para mim querer deixá-lo com ciúmes ou tentar te ajudar se sempre vai ter a mesma opinião sobre mim?! Diga-me! —Seus olhos se umedeceram pelas lágrimas— Acha que quero que me acorrente e me foda como os cavalos?! Que por isso faço o que faço e sou como sou?!

Kenshin a abandonou contra a úmida parede da cabine e imobilizou suas mãos por cima de sua cabeça. Beijou-a nos lábios com toda a força e a raiva que Róta cuspiu por sua maravilhosa boca. Obrigou-a a separar os dentes e penetrou sua língua dentro para acariciá-la com a ânsia que sentia. Mas ela, em um arrebatamento o mordeu querendo feri-lo e ele se afastou bruscamente.

Ambos ficaram se olhando fixamente. Miya tinha a boca manchada de sangue e a olhava através de seus grossos cílios. Seus olhos cinzas a desafiaram para que voltasse fazê-lo. Era uma maldita batalha.

Róta apertou os punhos imóveis contra a parede. Seus seios subiam e desciam, seu piercing cintilava, Kenshin introduziu um joelho entre suas pernas e pressionou sua musculosa coxa peluda contra o sexo de Róta.

—Tem os dentes muito compridos. Vamos, *Heiban*, sei o quanto necessita —instigou-a com descaramento— Monte-me; o estimulante e isso que Freyja te deu é muito. Essa ira e essa dor têm que sair por algum lugar. Venha, desabafe comigo.

A valkyria não hesitou nem um segundo. Começou a fazer um movimento de vaivém com seus quadris e a esfregar-se contra o corpo do vanirio. Miya sentia o piercing arranhando sua pele e a umidade deslizando-se por sua perna.

Essa mulher o deixava a mil em décimos de segundo, como tinha podido lutar contra isso durante tanto dias? Era impossível resistir a ela.

Enquanto ela seguia lutando para encontrar sua própria liberação, Miya liberou seus pulsos e puxou seu rosto com suavidade. Elevou-a para ele e se inclinou para lambar seu rosto ferido.

Ela colocou as mãos sobre seu peito para segurar-se em algo. Miya a levantou com a perna e agora ela não tocava o chão com seus pés. Ficou muito quieta ao sentir a ternura nesse espontâneo gesto e desfrutou disso embora não sem receios.

— Acha que não consegue nada me esporeando desse modo, valkyria? Acha que não me machuca? —murmurou sobre sua bochecha já curada.

Róta engoliu em seco e negou com a cabeça, aturdida pela situação.

Aquilo era novo.

—Disse que sinto muito —repetiu ele— Sinto ter me deixado levar pela profecia dos Futago. Não sabia por que tinha sido infundada sua suposta maldade, mas agora me arrependo de ter acreditado nela. Fui um tolo e te julguei muito mal —ele a beijou na bochecha— Hoje já tinha-me dado conta de que não era tão má como eu acreditava. Mas me magoou muito, Róta. Mordeu Seiya, maldição. Beijou Mervin...— inclinou-se sobre seu ombro e o passou a língua pela carne aberta pelas garras— Que mais pensou me fazer antes que me converta em um maldito saco de nervos? Quer me converter em um monstro filho da puta?



Ela fechou os olhos angustiada. Sim, sabia que o havia machucado, esse foi seu objetivo, ao menos, com Mervin. Mas não. Não, não queria convertê-lo em um monstro, só queria que se interessasse por ela, que a quisesse de verdade.

—Sou um vanirio, *Hanbun*. Não há nada mais doloroso para os de minha raça que saber que sua metade mordeu ou beijou a outro macho por iniciativa própria. Eu sempre acreditei que ao ser samurai e não ter apegos não sentiria as coisas igual. Que essa febre vaniria da que falavam não me alcançaria. Meu ego e minha vaidade me jogaram uma armadilha e você me deu uma escolha. Me mata quando se comporta assim. E me machuca aqui—tomou uma de suas mãos e a colocou sobre a tatuagem de seu coração.

Ela deixou de esfregar-se contra ele e o olhou assombrada.

—Eu vou acreditar em você. Acreditarei em você às cegas, Róta —continuou. Ele passou os lábios pelo seu ombro e a clavícula— Mas tem que deixar de tentar me destruir. Tem que me respeitar —esfregou o rosto contra os seios da valkyria, o estômago, o ventre e o umbigo daquela mulher tão sedutora— Já sei quem você é, sei o temperamento que tem, sei que é vingativa e desafiante. Tem uma herança muito poderosa correndo por suas veias e isso me atemoriza, me enche de orgulho. Mas é minha companheira e há coisas que não pode me fazer. Antes me disse que era um puto covarde. Talvez o seja porque você me aterra. —deixou-se cair de joelhos na placa de madeira da ducha e pôs as mãos nos seus quadris para imobilizá-la— Como posso entregar meu coração a alguém que pode me pisotear a qualquer momento? —ele passou a língua lentamente pelo corte da virilha.

Ela mordeu o lábio inferior, sem perdê-lo com o olhar em nenhum momento.

—*Gommen ne* —sussurro contrito sobre sua virilha, sobre a incisão que acabava de fechar com a lambida — Não farei isso nunca mais.

—Não —repetiu ela sem palavras, sobressaltada— Não pode me fazer isso mais.

—Não —repetiu ele beijando o corte.

—Você também tem que deixar de me machucar, Kenshin. Porque, embora não o pareça, as coisas me magoam.

—Prometi-lhe isso —passou as mãos sobre o ventre e logo as deixou a cada lado de seu púbis— Nunca mais. Não sei o que tenho para te oferecer, não acredito ser um bom partido, não sou perfeito. Mas aqui estou, te pedindo perdão, me rendendo diante de você, me arrastando como um verme —sorriu sincero — e reclamando em troca sua rendição —a beijou por cima **do púbis** e foi abrindo a boca e deslizando o lábio inferior sobre o início da fenda de seu sexo. Levantou o olhar e viu que ela não afastava a vista, enfeitiçada por sua boca. Ele aproveitou e deslizou a língua para baixo, até abrir os lábios exteriores e lhe tocar a parte suave e sedosa do interior. Róta era puro creme de amora. Decidiu saboreá-la e passar a língua por todos os cantos e curvas da intimidade da valkyria. Penetrou-a com ela, lambeu-a como um caramelo e se entreteve tanto quanto pôde com seus clitóris, e seu piercing. O sorveu, sugou-o e o puxou com os dentes, beijou-o... As pernas de sua guerreira tremiam descontroladamente, estava a ponto de gozar de novo. Róta ia entrar no livro dos recordes— *Bebi*, sabe o que vou te fazer?



—Não... —soluçou tentando agarrar ar. Enredou seus dedos em seu cabelo e agarrou-se com força. Kenshin dizia que ela tinha que deixar de tentar destruí-lo, e isso era justamente o que ele estava fazendo com ela.

— Tem medo do que vai te acontecer? Esteve vendo nessa Ethernet pervertida que Freyja lhes passa... Não?

OH, deuses. Por todos os deuses existentes e por existir! Se Miya a mordia aí, ela simplesmente ia morrer de prazer.

—Faça—pediu passando os dedos por seu cabelo castanho— *Onegai...* Faça.

Ele sorriu e seus preciosos olhos exóticos riram triunfantes. Abriu a boca, inclinou a cabeça a para um lado, como se estivesse beijando uma boca, lábios contra lábios, e então a mordeu. Suas presas atravessaram sua sensível carne e ela apoiou a cabeça na parede. As pernas deixaram de sustentá-la.

Graças aos deuses, Kenshin percebeu e, sem pensar duas vezes, colocou suas coxas sobre os ombros, colocou as mãos sobre suas nádegas para sustentá-la e, sem deixar de beber, levantou-se com ela sobre os ombros com seu púbis em seu rosto e saiu do banheiro, direção: à cama mais próxima.

Seus corpos molhados pela água brilhavam na tênue escuridão. Róta gemia presa em um quarto orgasmo que a aniquilava e a revivia por partes iguais.

Ele a deixou sobre o leito e se ajoelhou enquanto elevava seus quadris e continuava bebendo dela. Róta lhe cravava os calcanhares nas costas e lutava por escapar de sua torturante língua, amassando a colcha com os dedos, tentando arrastar-se pela cama, longe dele. Mas não era uma possibilidade.

Fugir nunca tinha sido. Os olhos se encheram de lágrimas e definitivamente ficou em suas mãos. Que ele fizesse o que desse vontade com ela: rendeu-se a seu *einherjars* há séculos.

Kenshin desencravou as presas e se apoiou na colcha com as mãos a cada lado do rosto de Róta.

—*Gommen nasai* —disse Róta de repente. Ou dizia agora ou perderia a coragem— Sinto tê-lo ferido também. Eu... quando mordi Seiya juro que não senti nenhum prazer, deu-me muito asco e só o fiz para obter informação. Eu... estou arrependida —limpou uma lágrima rebelde que se deslizava por sua têmpora— E esta noite beijei Mervin, e tampouco queria te machucar. —Apertou os dentes e girou os olhos— Bom, não é verdade. Sim que queria te ferir porque me dava raiva o que me fez e o que pensasse de mim, inclusive antes de me conhecer, que era a filha do maligno. Queria deixá-lo ciumento e te fazer raiva como um cão que...

Os traços do samurái se suavizaram, pôs um dedo sobre os lábios dela para calá-la. Estava esplêndido. Seu sangue o tinha revitalizado, mas sua declaração, as palavras dessa garota que estava deitada na cama, havia lhe devolvido a esperança que perdeu fazia séculos.

— O que vou fazer com você, Róta?— Perguntou lambendo os lábios, com o cabelo que lhe caía para testa como um dossel. Baixou as pernas da Valkyria de seus ombros e as abriu fazendo com que seus joelhos tocassem o colchão, expondo-a diante dele. A puxou para baixo, para aproximar suas nádegas a seu membro.

Ela se armou de coragem e jogou fora sua soberba e sua suposta arrogância pelo muro.



—Faça amor comigo —sussurrou em um momento cheio de magia— Somente faça amor comigo de verdade, não necessito de nada mais.

—Bebĩ...

Kenshin a cobriu com seu corpo e a penetrou profundamente ao mesmo tempo que a beijava com toda a alma. Suas línguas e corpo dançaram a dança mais antiga e juntos arderam pela primeira vez, reconhecendo-se nesse íntimo ato, através dele.

—Me jure que não se comportará assim nunca mais —murmurou sobre seus lábios sem deter seus movimentos pélvicos— Nem beijos nem mordidas em outros que não tenham ascendência japonesa, olhos cinzas, uma tatuagem de tigre no peito e se chame Miyamoto Kenshin.

—Prometido, *Hanii*⁴⁹ —deslizou o indicador por seu queixo e o beijou com doçura. Que terno era ver Miya nessa posição tão arrogantemente mandona e insegura.

—E me jure que não irá ao lado escuro da força. —deteve-se depois de uma penetração que fez retumbar toda a cama.

—Já... Já estou no lado escuro da força. Estou contigo, não? — Respondeu abrindo a boca e acariciando sua língua com a dele— Não há outro lado no qual queira estar.

—Oh, droga... —Sorriu lisonjeado— *Kimi wa totemo kawaii*. É muito linda, Róta.

Ela o abraçou e ronronou ao sentir seu membro roçando toda aquela parte hipersensibilizada. Não soube quando nem como, mas as posições se inverteram. Ela estava em cima e Kenshin estava sentado apoiado no respaldo de madeira da cama. Róta subia e descia, rodava os quadris, e o beijava com uma paixão desenfreada a que Kenshin respondia sem pudor.

Ela afundou a cabeça no pescoço do vanirio e este deixou cair a sua para trás expondo sua garganta.

—Me morda e beba tudo o que quiser. Toma tudo o que lhe pertence.

Ela obedeceu imediatamente. Cravou suas presas em sua carne e bebeu dele.

Seu sangue era purificador e estava cheio de luz.

Ambos chegaram ao orgasmo ao mesmo tempo.

Suas asas foram clareando e pouco a pouco, os tribais que lhe cobriam os braços retrocederam e se recolheram. Suas extensões tribais se reordenavam em suas costas e ela as podia sentir movendo-se. Doíam. Doíam muito. Abraçou-se a Miya com mais força para resistir e em nenhum momento deixou de beber.

Mas sentiu alguma coisa mais.

Não só paz. Não só bem-estar e satisfação. Sentiu uma marca de fogo justo na garganta, na jugular. Gemeu e levou a mão ao pescoço, mas a mão da Miya se entrelaçou com a dela e a segurou sobre seu coração.

—Chist, *bebĩ*... Não o toque. São seus deuses que estão nos selando.

O selo dos deuses que outorgavam aos casais vanirios. Róta se emocionou ao poder recebê-lo. Os vanirios keltoi o chamavam o *Comharradah*, um nó perene com uma gema no centro da cor exata dos olhos do casal.

⁴⁹ Querido, em japonês.



Ela piscou e relaxou. Desencravou as presas e recostou a cabeça sobre o peito largo do samurai.

—Arde —ela se queixou, lambendo as incisões que tinha deixado.

—Sim —confirmou ele.

— E se o toco, o que aconteceria? Sairia um dedo tatuado no meio do nó perene?

Miya riu.

—Claro. E debaixo umas letras que diriam: “A que fode?”.

Róta soltou uma gargalhada e se surpreendeu de que ele pudesse ter esse tipo de ideias.

Quando o processo do selo finalizou, Róta e Miya se olharam fixamente um ao outro.

—Me alegro... —Moveu a cabeça procurando mais carícias desses dedos. Removeu-se inquieta.

—Nem pense em se levantar para vê-lo —Levantou uma sobrancelha castanha escura— Ainda estou duro.

Os lábios de Róta tremeram: a risada lhe escapava pelos cantos e não podia fazer nada por detê-la.

—Róta, não...—Ele a advertiu também entretido com a expressão marota da jovem— Róta...

Ela arqueou as sobrancelhas vermelhas. Os deuses acabavam de enlaçá-la definitivamente ao Kenshin, e esse homem estava louco se pensava que ia estar um segundo mais sem ver sua marca. Puxou-o pelo queixo e girou o rosto de um lado para ver seu selo.

—Não pode ser... Freyja é uma vagabunda!

— O quê?! O que acontece?! —Exclamou ele alterado.

— Essa mulher te tatuou seu rosto piscando um olho! A odeio! A odeio! A odeio!

— O quê?! —Gritou Miya colocando uma mão no pescoço. Levantou-se com ela nos braços e correu até o banheiro.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

—Gosto muito do seu senso de humor —dizia Miya enquanto analisava seu nó perene no espelho do banheiro. Um nó perene típico, com uma gema da cor dos olhos de Róta no centro.

Róta sorria travessa de orelha a orelha. Tinha sido muito divertido ver Kenshin histérico por levar Freyja tatuada em seu corpo.

Ela estava de costas ao espelho, olhando as asas por cima do ombro.

—Olhe, como são bonitas —suspirou encantada por tê-las de novo— E o que acha do meu nó perene do pescoço? —olhou-o enquanto torcia a cabeça de um lado para exibi-lo — A gema do centro é de cor prata —ronronou, à vontade com ele pela primeira vez desde que se haviam conhecido.

Miya prendeu sua meia juba com sua inseparável borracha negra e encostou Róta contra o lavabo branco do conjunto de torneiras cromado. Seu olhar refletia uma aberta sensualidade. Seu



torso tatuado, suas mãos tatuadas, seu pescoço tatuado... E esse rosto tão especial e exótico... Róta pensava que ia hiperventilar se continuasse olhando-a desse modo.

— Estão as coisas claras entre nós, *bebī*?

— Sim — assentiu ela sentindo-se pequenina ao lado de sua estatura e seus músculos — Sim, Kenshin. E você confia em mim?

Ele franziu os lábios e os moveu de um lado ao outro enquanto fingia que pensava na resposta.

— Suponho que como não está com meu irmão e que tenha esta marca no pescoço — roçou o nó com os dedos —, que te assinala como minha, é uma garantia, não?

— É? — Perguntou ela dando de ombros — Suponho que algo tem que significar, não acha? Mas é suficiente?

Miya sorriu e entrecerrou os olhos.

— Você adora me manter em alerta, *Heiban*.

— Todos os homens devem se manter em alerta; Porque se ficam confiantes e a tem por segura, começam a deixar de cuidar e de te mimar como deveriam. Não devem perder o ritmo com seu companheiro.

— Interessante reflexão, Miyamoto Mushashi?

— Exato, pequeno gafanhoto. — Acariciou seu peito com as mãos e beijou o seu tigre com carinho — Ele disse: “Em qualquer arte e em qualquer ciência não deve ignorar o ritmo”. E amar, meu Kenshin, é uma arte.

Miya lhe acariciou o cabelo e observou o reflexo de ambos no espelho.

Amar. Seria o suficientemente valente para dizer? Ela seria?

Estavam nus e se sentiu estranho ao agir com tanta naturalidade. Tinha deixado de estar muito furioso a sentir-se cheio de júbilo por tê-la com ele. Róta tinha um cabelo vermelho tão vivo e surpreendente... Tal e como ela era. Suas asas eram agora da mesma cor, embora começavam a adquirir um tom dourado muito suave. Era única.

— Suas asas já não estão tão vermelhas — sussurrou sobre o topo de sua cabeça.

— Nossas asas mudam de cor. Quando estão douradas é porque estamos tranquilas e relaxadas. Quando estão vermelhas é porque estamos furiosas, vamos lutar ou estamos muito, muito excitadas. A cor azul gelo vem quando nos partem o coração, assim procura não fazê-lo, certo, Kenshin? — Beijou seu mamilo e lhe rodeou a cintura com os braços — E logo vem a cor negra, um novo estado chamado: “Não-toque-me-nariz-ou-ficarei-malvada”

O samurái riu, era fácil fazê-lo com ela a seu lado.

— Sabe o quê?

Os olhos do samurai se encheram de calor e ternura. Róta adorava fazer essa pergunta, como se fosse uma menina preguiçosa e coquete.

— O quê?

— Seu tigre me disse que morre de fome — murmurou com os lábios colados a seu peitoral — O alimentamos?



— Tem fome minha *Oni*⁵⁰?

— Sou seu demônio? Sim... —disse agradecida por esse apelido— Eu gosto. Tenho fome. Muita.

—Então, vamos comer.

Deixou-a na cama e a beijou emitindo um suave grunhido:

—Descansa um momento, *bebī*.

Miya saiu do quarto para arrasar com o que houvesse na geladeira. Na cozinha inteligente de Ardan encontrou fruta, queijo, leite e cereais. Tomou uns ovos e fez um par de omeletes com queijo e verduras.

Eram quatro da madrugada e logo sairia o sol. A jornada tinha acabado e, embora tivessem destruído a sede da Newscientists em Galloway, trouxeram alguns vampiros lobachos do THE DEN e tinham o sumiller psicopata como refém, não tinham os objetos sagrados.

Agora já não era tão importante Seier, ao menos não para ele, porque Seiya nunca poderia conseguir Róta, já que ela era dele. Era sua *Hanbun*.

Marcada pelos deuses. Se havia alguém que podia tocar Seier, esse seria ele.

Depois de uma noite muito complicada, por fim se deu conta do destino inevitável que os unia. Mas, igualmente, deviam recuperar a espada porque um instrumento como esse nunca devia estar nas mãos de gente malvada como seu irmão.

Subiu um par de bandejas com a comida, e quando saía da cozinha, se encontrou com Gabriel de braços cruzados sob o arco da porta trilha.

O Engel parecia divertido vendo-o.

—Ora, ora, Miya... —murmurou brincalhão— Estamos famintos? Houve farra? Reconciliação?

O samurai soprou, mas seu rosto permaneceu impávido, embora tivesse vontade de gritar e saltar em cima da mesa para dizer: *Sim, sim, sim!*

—Um cavalheiro não fala dessas coisas —respondeu tentando lhe dar uma lição de maneiras.

—Ah, claro. Um cavalheiro não fala dessas coisas: mas você é um vanirio e não há nada mais politicamente incorreto que um de vocês. Os vanirios passam longe de serem príncipes encantados, não sabia?

—Claro —respondeu Miya— Eu também passo de ser príncipe. Eu sou um samurái, que é muito melhor.

Gabriel girou os olhos e entrou na cozinha para abrir o freezer, tal e como tinha feito Miya uns minutos atrás.

—Seja como for, alegre-me que as coisas entre você e Róta se solucionaram. Gosto muito dessa garota, embora seja um pouco... sacana.

—De agora em diante usará outro tom para falar dela.

Gabriel tomou uma garrafa de cerveja e a abriu com os dentes, esforçando-se por não começar a rir em sua cara.

⁵⁰ Demônio, em japonês.



—O que você disser, Miya. Não sei se sabe, mas Ardan parece arrasado.

— Que não sei o quê? —perguntou interessado.

—Mataram Buchannan, um dos vanirios que esteve em contato com Aiko e Isamu sobre os esporos. Era um grande amigo de Ardan. Lembra-se? Explicou-nos que Buchannan e Anderson tinham perdido suas companheiras por volta de um mês e que estavam muito descontrolados. Esperava que as pastilhas Aodhan paliassem sua fome.

—Sim, recordo. Droga, não sabia. Onde está ele agora?

—Bryn se foi com ele. Estava muito alterado... Veja, na prova de sangue, o sumiller mencionou um tal Anderson como um dos caras junto com Cameron que os ajudou a desenvolver as *Stem Cells*. Ardan foi averiguar se trata-se de seu Anderson, o outro vanirio que trabalhava com Buchannan. Se tratar-se dele, é possível que Anderson tenha ver com a morte de Buchannan e Ardan terá um traidor real em seu clã. O problema é que não sabe desde quando o tem, e desconhece a informação que tenha podido desviar ou compartilhar com os inimigos... — Fez uma pausa para acrescentar—: Sabe qual é nossa missão, a das Valkyrias e a minha, não é?

Miya assentiu com seriedade.

—Também é a minha agora. É desde que chegaram a meu território.

—Sei —afirmou Gabriel— Necessito de um favor, deveria ser uma ordem, mas lhe peço isso como favor porque sei o que custa expor sua companheira a algo parecido.

—Não precisa que me peça nada, Gabriel —o cortou o solene samurái, inspirando lentamente— Sou um guerreiro vinculado, mas sigo sendo um guerreiro, igual a ela. Temos uma missão e não perdemos nossos objetivos por descobrir nossos companheiros. Eu também pensei nisso desde que compreendi que Róta tinha esse dom. Deixe em minhas mãos e hoje mesmo te darei uma resposta.

—De acordo. Alegra-me que facilite isso para mim. —O Engel lhe golpeou o ombro com camaradagem— Agora vá e alimente essa valkyria mau falada ou esfriará o jantar.

Miya o olhou de esguelha.

—E é melhor você se contentar com Gunny ou seu sogro tornará seus dias ensolarados em outros muito, muito nublados.

Afastou-se da cozinha e nenhum dos dois viu o sorriso do outro.



Róta olhava o teto do quarto. Seu corpo satisfeito ainda tremia por tudo o que Kenshin fez com ela.

Seu Kenshin. Deuses... Como gostava desse nome... Suspirou como se estivesse em uma nuvem em que todos os sonhos se convertiam em realidade, e jogou uma olhada a sua espada que estava apoiada nos pés da cama. Róta lambeu os lábios e passou o cabelo atrás das orelhas.

la manejá-la. Queria admirar essa arma. Sabia que o aço da espada era o mesmo aço que forjava a alma de seu guerreiro, e queria acreditar que podia tocá-la com os dedos.



Aproximou-se do equipamento ofimático⁵¹ de música que havia na parede, em cima da mesinha de noite. Escolheu a canção de t.A.T.u. *Gomenasai*. Em Valhalla passavam o dia escutando música enquanto brigavam, enquanto comiam, quando dançavam... Inclusive para dormir.

Levantou-se da cama e tomou a espada entre suas mãos. Abriu-a e a desembainhou pouco a pouco, sentindo um estranho prazer por isso.

Movendo-se até o centro do quarto, completamente nua, desfrutava fazendo movimentos copiados dos que tinha visto em Kenshin.

Ele se movia tão bem, com tanta graça e elegância...

Kenshin. Seu Kenshin.

O samurái a queria para ele. O tinha demonstrado com seu corpo, com suas palavras. Ela lamentava ter sido tão temperamental e não ter pensado na dor de Kenshin como vanirio. Eles entendiam a fidelidade e a possessividade como algo sagrado e único no casal e não concebiam nenhum tipo de engano ou de ação que se considerasse traição em suas mulheres. Ela era sua mulher, sua metade, sua valkyria, e o machucou. Sentia muitíssimo.

Mas ele também se desculpou com ela por duvidar, por seus julgamentos gratuitos, por não ver uma possibilidade real em que ela fosse completamente inocente. Podia entendê-lo pelo que tinha acontecido em Yamato séculos atrás, mas nem todas as mulheres eram iguais. Ela não era Naomi.

Zás! Zás! Moveu a espada de um lado ao outro.

Miya entrou no quarto, fechou a porta com o calcanhar e ela se virou de repente. Ele tinha descido à cozinha só com um lençol negro que cobria sua cintura... E era tão sexy que doía vê-lo. Róta elevou a espada com lentidão e apontou para ele.

—Vai se machucar, valkyria —disse Kenshin com os olhos brilhantes e prateados.

—Me ensine —pediu a jovem movendo a ponta da espada em círculos— Quero fazer o que faz você.

Kenshin deixou as bandejas sobre a cama e se aproximou de sua guerreira até que a ponta de sua espada se localizou sobre seu peito. Os pés do samurai apareciam pela barra do lençol e Rota pensou que eram os pés mais sensuais de toda a história da anatomia.

— Quer que te instrua?

A jovem assentiu, desfrutando da tensão sexual que havia entre eles.

Kenshin girou seu torso e esquivou a lâmina cortante. Estendeu uma mão que rodeou os dois pulsos da valkyria e se localizou atrás dela, colando seu torso às suas costas.

—Tem as costas quente —disse com voz sedutora, roçando sua orelha com os lábios e rodeando as mãos femininas que empunhavam a espada com sua mão livre.

—E você os mamilos muito duros —murmurou com uma risadinha nervosa.

⁵¹ Chama-se ofimática ao equipamento hardware e software usado para criar, colecionar, armazenar, manipular e transmitir digitalmente a informação necessária.



—Ggrrrrrr... —ronronou beijando a ponta de sua orelha bicuda— Colocou música... —a balançou ligeiramente de um lado ao outro, encantado por seu aroma e por sua poderosa presença.

—Sim —respondeu ela, embora não foi uma pergunta.

—Há sete fases —fez que baixasse a espada até que a ponta tocou o chão— *Zanshin* —murmurou pondo sua mão ardente sobre o plexo solar, sob seus seios.

— *Zanshin* é igual a meter a mão?

Miya sorriu e a castigou mordendo sua orelha suavemente.

—Presta atenção. Valkyria. Sou seu professor.

Ai, deuses, isso soava tão pervertido, tão *hentai*...

—*Zanshin* —repetiu ele lhe acariciando a parte baixa dos seios com o polegar— É um estado de calma, embora, na realidade, está alerta. Inspira — ela o fez— Lentamente, Róta, assim. Com o abdômen. Retém o ar... Muito bem —passou uma mão descarada por seus mamilos— Boa garota. *Nukitsuke* —Levantou suas mãos e colocou a espada sobre o quadril de Róta — Isto é desembainhar. Expire, pouco a pouco ao princípio —com a mão notou como seu diafragma descia— Sim... E ao final solta o ar com força. Minha valkyria é uma boa aluna... —acariciou-lhe o ventre com as mãos, colou-se às suas costas por completo— *Seme*.

— Sêmen? Pois grande sujeira —O olhou por cima do ombro— Que tipo de movimento é esse? Masturba e deixa cego seu oponente?

— Chist! —Miya apoiou a testa no ombro de Róta, rachando de rir, mas fazendo esforços por não perder o respeito de sua guerreira —Outra interrupção e... Olhe à frente.

—*Hai* —estava zombando dele.

—*Seme* é o desequilíbrio *Kiai*. Expire o resto de ar —Fez rodar um mamilo entre seus dedos, e Róta exalou de repente.

— Ouça...!

—À frente, Róta. Muito bem. *Furikabute*! —Ergueu as mãos de Róta e a espada ficou sustentada diante deles, com a ponta olhando a frente— Arme o sabre, *bebī*. Isso é... Inspira —pressionou seu abdômen com a mão— Me agrada te ensinar, Róta.

—E a mim que me...

—Silêncio. À frente.

—*Hai*...—girou os olhos, surpreendida pela facilidade que tinha *Kenshin* em deixá-la louca. Era muito mandão e rigoroso, mas o que havia dito soava tão terno.

—*Kiritsuke* —*Kenshin* deu um passo à frente e forçou que a perna direita de Róta se movesse para frente. Moveu as mãos de baixo acima— Expire. Cortar. *Kiai*! Cortar. *Kiai*! —repetiu o movimento várias vezes.

Os cabelos de Róta lhe cobriram o rosto e bufou para afastá-los de seus olhos já que tinha as mãos ocupadas com a espada.

—*Chiburu* —sussurrou deslizando os lábios por seu pescoço.

— O quê? —perguntou com a pele arrepiada.

—*Chiburu*, Róta —passou uma mão pela folha de aço—Limpe o sabre. Expira... Faça lentamente. E agora... *Nototsuke*. Embainha... Lentamente. Quando colocar a ponta da espada na



saia, faz-o pouco a pouco. Sim... Isso isso, neném. Expira —colocou a espada de repente, com um movimento seco dentro da bacia.

— Já terminou? —perguntou decepcionada, com as bochechas vermelhas e o corpo tão estimulado que lhe parecia mentira.

— A aula de *kata*?

—Sim.

—Sim. Mas agora quero que suba à cama.

Não demorou para obedecer. Sentou-se apoiando as costas no respaldo da cama. Algumas mechas de seu cabelo vermelho caíam sobre seus olhos azuis, e seus lábios grossos desenhavam um sorriso cheio de pecado.

Quando a viu, Kenshin pensou que todas as mulheres tinham uma magia especial que as fazia bonitas, mas havia outras que, inclusive, sem esforçar-se para isso, eram arrebatadoras e podiam virar do avesso o universo mental de um homem. Róta era dessas mulheres. Tão indomável, tão inatamente sensual que não importava o que fizesse, porque um homem sempre acabaria desejando ser seu companheiro em todos os aspectos. E ele era o afortunado.

Ou o desgraçado, porque essa garota ia desequilibrá-lo, se não já tivesse conseguido.

Deteve-se frente à cama e tomou as bandejas cheias de comida em cada mão.

Ela arqueou uma sobrancelha e o devorou de cima a baixo.

— O que é isso que soa?

— Meu estômago?

—Não. A mulher que canta.

—*Promise This* de Adele —respondeu colocando uma mão no centro do peito— *In my beginning, theres was nothiiiiing, sou empty in the space betweennnnn...*

O samurai a olhou deslumbrado. As Valkyrias eram todas assim musicais? Ou era somente ela? Gostava.

—Bonita voz. Trouxe algo que você vai gostar, *Suteki*.

—Sei —pisco um olho— Tire o lençol —sussurrou engatinhando pela cama até chegar frente a ele e ficar de joelhos. Puxou seus quadris e o aproximou dela— Depois dessa aula de *kata*, eu também quero te “provar”.

Deuses, Róta não tinha nem ideia do que fazia a seu organismo quando olhava-o daquele modo, como se fosse o único importante em seu mundo.

—Preparei um manjar para que ganhe forças —murmurou deixando-se acariciar por ela. Suas mãos o esculpam e o sossegavam. O estimulavam e o adoravam. Era algo maravilhoso.

—Já vejo —Ela passou as mãos pelas nádegas duras e bem formadas e deixou-lhe cair o lençol pelos quadris até que se converteu em uma confusão de tecido a seus pés.

Miya deixou as bandejas em um canto da cama.

—Entendo que não quer comer? —Perguntou afundando as mãos em sua rica cabeleira. Gemeu quando Róta deslizou os lábios abertos pela sua clavícula e a garganta, e afirmou em silêncio com a cabeça. Ele deixou cair a cabeça para trás.

—Kenshin... Quero comer você. Cheira tão bem para mim —a jovem lambeu o mamilo e o puxou com doçura e ao mesmo tempo com intensidade.



— Sim?

—Deusa, sim... —Apoiou a testa em seu peito e fixou seu olhar azul sobre o membro do samurái. Agarrou-o pelos ombros e o arrastou com ela sobre a cama, movendo-se tão habilmente e com tanta rapidez que acabou sentada em cima dele.

Kenshin sorriu, colocou uma almofada atrás dele para apoiar as costas enquanto brincava com seus seios e fazia rodar seu piercing vermelho.

—Quando descermos, é possível que comecemos a procurar Seiya, *bebê* —mediu a reação da valkyria, mas não encontrou nenhum receio nela.

—Buscarei-o agora se você me pedir isso.

—Não. Quero desfrutar de você um pouco mais, só um pouco. Não quero que tenha nada mais a ver com ele.

—Quero matá-lo, Kenshin. Quis matá-lo, estive a ponto, mas...

—Calma, guerreira. —O samurái a acariciou e a beijou, demonstrando que não necessitava mais explicações, que as entendia— Isso já passou. Eu o matarei por você. Não há nada que gostaria mais.

— Não sentirá nenhum remorso? É seu irmão.

—Nenhum. Há séculos que ele perdeu a humanidade, Róta. É um demônio de verdade e tentou te afastar de mim de todos os modos possíveis. Não o perdoarei. Isso não.

Róta estendeu o braço e aproximou as duas bandejas de comida. Passou-se o cabelo sobre um ombro e deixou seu nó perene descoberto. Miya o viu e seu membro excitado se elevou entre os dois.

—O *Comharradah* é tão primitivo... —murmurou emocionado— Essa necessidade de marcar e ser marcado parece obsoleta na atualidade — se levantou levemente e roçou o selo dos deuses com seu nariz.

— Por que diz? —perguntou ela pegando uma fatia de pão e colocando a omelete de queijo e verduras em cima. Mordeu-a e a saboreou com prazer— Mmm... Que delícia. Toma, esta é para você. —A ofereceu e preparou uma para ela.

—Porque as pessoas não marcam as outras para demonstrar que se pertencem. — Não sabia o que lhe dava mais prazer: se o sabor que estava a simples omelete ou o quanto que desfrutava sua companhia do sabor da comida.

—Claro —Róta entreabriu os olhos ao descobrir uma pequena cesta de vime com um guardanapo colorido que a cobria por cima— Por isso, muitos casais fazem os disparates de tatuar frases como *Wynona forever...* O que há aí?

—Não toque —ordenou ele levando sua mão aos lábios e metendo um de seus magros dedos na boca— É uma surpresa para depois. Geléia de amora e bebida de coco.

—Ah... —Ela piscou e rodou seus quadris até acariciar com sua virilha o pênis dele. Fingiu que o fez sem querer, coisa que nenhum dos dois acreditou. A boca de Miya estava quente e úmida— Sigo acreditando que os humanos sempre procuram alguma coisa a qual pertencer, tentam envolver-se e identificar-se com algo; e todos, sem exceção, procuram um amor eterno, um que os equilibre e os faça sentir que são imprescindíveis para o outro —assegurou comendo sua omelete— O fazem porque se sentem incompletos.



—Mas eu não sou incompleto —disse Kenshin, admirando sua cintura e seus quadris.

—Nem eu. Não se trata de completar, trata-se de complementar.

— Você me complementa, valkyria?

—Se não fosse uma pergunta, teria sido muito romântico —girou os olhos levando uma maçã à boca e recostando-se sobre ele. Olhou-o divertida— O *combarradh* é o símbolo que faz com que nunca ande nu. O amor de sua parceira, o respeito e a fidelidade de sua metade farão que se sinta sempre protegido. Nela encontrará uma alma que sempre te acompanhará, um corpo que te proverá do que necessita, e um amor que nunca perecerá, embora encontre dificuldades no caminho. Não se trata de um amor perfeito, não é. Mas é especial. Acha que na atualidade é obsoleto? Proponha aos humanos e seriam capazes de te dar o que pedisse em troca de uma entrega incondicional desse tipo. E o assinariam a cegas porque é algo que não encontram. Em seu mundo nada é para sempre: as pessoas vêm e vão, não permanecem, não se mantêm ao lado de alguém até que a morte os separe. Juram uns votos diante de seu Deus e depois de alguns anos, rompem-nos com mentiras, maus comportamentos, falta de respeito por suas famílias e muitas coisas mais... Alguns nem sequer juram esses votos por medo a rompê-los e se desculpam dizendo que não acreditam neles. Nada tem valor aqui. Quando algo se complica, em vez de lutar por isso, abandonam. E não entendem que comportando-se assim deixam de dar valor às coisas, inclusive a si mesmos. Já se esqueceram de cumprir suas promessas.

Kenshin a escutava com tanta atenção que bebia dela. Suas palavras estavam cheias de coerência e também de uma paixão digna de invejar.

*And you came in,
Turned the lights on
And created
What's came to be*

—O *Comharradah* te ensina a amar não porque essa pessoa seja perfeita. O nó perene te marca o caminho a seguir para acreditar na perfeição dessa pessoa imperfeita que há exclusivamente para você — resumiu ele.

—Sim —acrescentou a valkyria apoiando o queixo no peito dele— Disso se trata. Talvez eu seja o pior negócio que você carrega entre as mãos, Kenshin. Mas sou seu negócio. E você é o meu —alisou com um dedo a garra do leopardo que cobria a fechadura de seu coração— E exijo as chaves de meu negócio.

Kenshin suspirou e recolheu sua longa juba vermelha entre as mãos. Com o cabelo no alto da cabeça sua orelhinhas bicudas apareciam com rebeldia.

Ela as moveu e ambos sorriram.

— Sabe o que significa *Kofun*?

—Tumba antiga —respondeu ela.

—Sim. Tumba antiga. Os Kofun nos enterravam em túmulos megalíticos em forma de olho de fechadura. Tatuei o olho de fechadura em meu coração porque era um modo de esconder e proteger a profecia. Por isso está oculta em uma câmara sob o templo de Osaka...



—Sei onde está. Enterrou seu pai lá e todos os membros mortos de seu clã. Vi-o no sangue de seu irmão.

Ele apertou os lábios e se zangou; seu rosto relaxado trocou para uma máscara de tensão e desconforto.

—Me perdoe, Kenshin —murmurou ela arrependida sobre seu peito. Anotação mental: “Não mencionar esse desgraçado incidente nunca mais” — Não voltarei a fazer, prometi-lhe isso.

—É óbvio que não o fará mais —grunhiu tentando controlar seu gênio— Eu entendo, compreendo por que o fez, mas não me recorde isso. Não vai ser simples para mim esquecê-lo.

Róta subiu por seu corpo, agarrou-lhe o rosto com ambas as mãos e o beijou nos lábios. Estirou-se sobre ele e se encaixou a seu corpo tanto quanto pôde para fazê-lo sentir que ela estava aí com ele, que Seiya ali não tinha influência em nada.

—Chist, guerreiro —murmurou beijando o canto de sua boca— Não se zangue outra vez, *Onegai*. Beije-me.

Kenshin abriu a boca e lhe introduziu a língua enquanto a virava e a colocava sob seu corpo. Nessa posição ele tinha mais poder, ele controlava.

—Nenhuma palavra mais —grunhiu sepultando a boca em seu pescoço.

Promise this...

If I die before I wake.

OH, promise this...

Take a time to say your Grace.

On your knees you pray for me.

Promise this...

Be the last to kiss my lips.

Mas tinham que falar disso, pensou Róta.

—Entendo que ficou insatisfeito, mas seu sangue me ajudou a entender muitas coisas, e você saberá quais, não? As mesmas que me ocultou. Não falamos sobre isso. Nem sobre Naomi, nem sobre o assassinato de seu pai, nem sobre a profecia... E quero fazê-lo. Kenshin... Argh! —Ele a estava mordendo e bebendo sorvos de seu sangue com parcimônia.

— Que mais quer saber? Naomi me enganou durante muito tempo —lambeu o sangue que tinha manchado seus lábios— Acreditei que ela me amava, acreditei que poderíamos estar juntos e não foi assim. Ela escolheu meu irmão e ele a converteu em sua companheira pensando que era a mulher da profecia. Mas não entendemos que as profecias eram atemporais e não tinham por que referir-se ao momento de então. Ele se equivocou e a matou. Decidiu afastá-la de si ao ver que não havia sinais de nenhuma espada dos deuses. E como não eram um casal autêntico, ele pôde sobreviver a sua perda.

—Mas você não sobreviveu bem —destacou Róta tentando lhe dar consolo, acariciando sua nuca e seu cabelo— Você se culpava e se enganava acreditando que ela era sua verdadeira mulher, sua companheira. E se culpava de não ter sabido detê-la. Estúpido, você não podia ser dela —o recriminou ofendida— Nunca.



—Agora sei. —Mordeu-a de novo e desfrutou do tremor que percorria o corpo da valkyria— Me culpei de tudo, é um defeito de minha herança japonesa. Eu adoro me atormentar.

—Mmm... Também se culpou pela morte dos Kofun, pela morte de seu pai. Boidarushi... inclusive pela de sua mãe, Himiko. Culpa-se também pelo buraco da camada de ozônio, tolo?

Kenshin lhe cobriu os seios com as palmas quentes de suas mãos e passou a língua pelos lábios ao admirar os globos tão deliciosos.

—Tenho que reconhecer que libertou muitas coisas em mim, Róta. Meus ombros e minha consciência aguentaram muitas recriminações que não tinham nada a ver comigo.

— Vê como não foi tão mau? —Cravou-lhe as unhas nas costas quando lhe atravessou um peito com suas presas— Kenshin!

Não foi mau saber que meu pai não morreu por minha culpa, mas sim pela traição de Seiya. E foi libertador exorcizar a imagem de Naomi da minha mente. Ela não era como eu a tinha idealizado e me impressionou e alegrou me dar conta de qual era sua verdadeira natureza. Por isso te agradeço.

Róta fechou os olhos e desfrutou daquela experiência maravilhosa que supunha ser mordida por seu vanirio e falar mentalmente com ele.

Mas também verei sempre o momento em que o mordeu. Também recordarei seus lábios sobre os de Mervin, e te asseguro que meu instinto vanirio não quer ser razoável com você. Excedeu-se, valkyria.

— Sêrio? —adorava o Kenshin descontrolado e não ia desperdiçar outra oportunidade de vê-lo em ação— Não tenho medo do seu instinto, Kenshin. Deixa-o sair para que brinque comigo — gemeu consternada pela força de seu desejo e de sua raiva.

—Já está fazendo, *Oni* —a virou e a colocou de barriga para baixo sobre o colchão. Rapidamente se colocou entre suas pernas e as abriu com as delas. Deslizou a mão por seu ventre e penetrou seus dedos no centro de suas pernas. A esfregou com o indicador e o coração através de seus lábios e sobre o clitóris. Posicionou sua ereção em sua entrada— Tome, valkyria.

Kenshin se meteu em seu interior e a sacudiu com seus movimentos pélvicos. Possuiu-a tudo o que pôde e mais. Queria conhecer todos seus limites, provocá-la e que ela ganhasse todos os orgasmos que lhe queria dar. Róta estava inchada e muito sensível e as penetrações custavam cada vez mais.

Rodaram pela cama como animais selvagens, como se brigassem pelo controle, mas ele não saiu de seu interior em nenhum momento, nem tampouco permitiu que ela se virasse. Experimentaram uma cadeia de orgasmos intermináveis que os deixaram um em cima do outro, tal e como haviam começado.

Só se ouviam seus suspiros e seus acelerados gemidos. Tentavam recuperar o oxigênio perdido em sua maratona sexual.

Lay me down now...

Teme for sleeping...

But before that...

Would you restore me?

Before I... pluck your wings,



Cover me, please.
Spread your wings... cover me and...
Promise this...

—Por Freyja... Kenshin, afaste-se —ordenou Róta agarrando-se ao travesseiro da cama.

Ele a obedeceu, apoiou-se nos braços, mas não saiu de seu interior. As asas vermelhas de Róta se abriram e iluminaram o quarto e um sem-fim de raios e trovões percorreram as paredes e lambeiram seus corpos como gigantescas línguas elétricas.

O samurái as acariciou com seus dedos, perdido em seu mundo de fantasia, de fadas e seres alados, e estas se agitaram com vida própria, como as asas de uma mariposa.

—Adoro suas asas —sussurrou maravilhado.

—E eu amo o seu “instinto”. —Grunhiu com o rosto enterrado na colcha— Já se sente melhor?

—OH, sim. —deixou-se cair sobre suas costas e esperou que a valkyria voltasse a retrain as asas. Quando o fez, retirou seu cabelo da nuca e lhe deixou um beijo úmido— É maravilhosa e me deixa louco.

Róta sorriu e suas bochechas se ruborizaram.

Kenshin saiu de seu interior e se estirou a seu lado, levando-a com ele. Apoiou-se com o cotovelo no travesseiro e cobriu sua garota com seu braço e sua perna direita. Róta introduziu uma de suas pernas mais pálidas entre as suas e esfregou seu rosto em seu ombro e em seu peito, deixando-se abraçar e mimar por ele.

Permaneceram em um cômodo silêncio durante longos instantes.

Seguiram comendo, trocando pensamentos e ideias e rindo de tolices que um e outro diziam. Haviã-se sentido tão bem antes? Não. Jamais.

Kenshin afastou uma mecha de cabelo do rosto dela e a colocou detrás da orelha.

—Não sabia sobre seus pais, não era?

—Não —respondeu ela colocando na boca os cereais de estrelinhas com mel um a um.

—Se importou saber?

A valkyria deu de ombros e tomou seu tempo para responder.

—As Valkyrias não conhecem seus pais. Não temos nenhum vínculo com eles, exceto Gunny, claro. Que um cara chamado Nig, que era adorador de Loki, violentou uma sibila de Nerthus, perita em magia vermelha, e que desse ato aborrecível eu nasci... Me converte em malvada? Somos herdeiros dos genes de nossos pais? Que levemos seu próprio sangue, converte-nos em possíveis clones de seu comportamento? Se minha mãe tivesse sido uma vagabunda, eu o seria também?

Kenshin enrolou uma mecha vermelha entre seus dedos. Adorava tocá-lo. Envergonhou-se ao entender a teoria tão natural e lógica de Róta.

—Não. Não deveria.

—Acredito firmemente que somos herdeiros de nosso ambiente, da gente que nos rodeia e de nossas próprias experiências —sussurrou abraçando-se a ele, procurando o calor de seus braços e a compreensão de seu espírito— Sou uma valkyria, filha de Freyja. Tenho um dom muito



prezado, o dom da psicometría, e ainda não sei por que, mas que o jotuns o queira não significa que eu vá dar. Sou proprietária de meus atos, Kenshin. Não vou trair jamais as minhas *nonnes*. Nunca darei as costas aos meus —jurou fechando os olhos cheia de confiança. Nunca se venderia.

Ele cobriu a ambos com a colcha e entesourou esse momento como o mais mágico de toda sua existência. Não sabia o que ia proporcionar o futuro, mas precisava acreditar que viveria mais momentos como esse.

—Sei que está assustado sobre seus clones —Róta estava ficando adormecida— O vi em seu sangue... É aterrador, a verdade.

Ele levou a mecha de cabelo a seu nariz e o inalou. Aquilo era louco. Cheirá-la era como ver sair o sol.

— O que acha que farão?

—Não sei. Há muitos cabos soltos ainda, mas seja o que for... A mim não poderão enganar, Kenshin. Freyja me disse que a chave está na profecia. Que é muito literal —bocejou e se relaxou por completo— Talvez... possamos descobrir... algo... coco.

O vanirio Kofun riu pela enésima vez durante essas horas que estiveram juntos e em harmonia.

—Dorme, minha pequena diaba —sussurrou afundando-se em um apazível estado de semi-inconsciência. Que a profecia era muito literal, havia dito a deusa. Se era tão literal queria dizer que o confronto ia acontecer, sim ou sim.

Ao fechar os olhos não pôde deixar de pensar em todos esses pontos sem resolver. Sim, havia muitos cabos soltos.

Seier e Gungnir seguiam perdidos.

Seiya continuava vivo e em poder da espada.

A Newscientists criou clones dele.

Loki queria Róta por seu dom.

Seiya tinha sangue de Róta em garrafas.

Buchannan tinha morrido.

Anderson podia ser um traidor.

E tudo o que era real em toda aquela loucura era que Róta e ele se vincularam. Que ela era sua *Hanbun*, e que não permitiria que ninguém a tocasse.



Toc. Toc. Toc.

Alguém impaciente dando golpes na porta os despertaram.

Róta e Miya abriram os olhos e ele jogou uma olhada a seu relógio. Não havia passado nem uma hora?

— Estão aí? Saiam imediatamente! Precisamos de vocês —era a voz de Ardan— Em cinco minutos lá embaixo!



A valkyria e o samurai se olharam um ao outro e não demoraram para levantar-se da cama e vestir-se com a máxima celeridade possível.

Kenshin vestiu calças militares negras, uma camiseta térmica branca ajustada de manga longa e sua inseparável jaqueta.

Róta optou por uns jeans justos da mesma cor, uma camiseta vermelha muito ajustada e o colete de visom que a fazia parecer uma viking. Calçou botas de cano alto e verificou que as *bue* estivessem bem ajustadas. Escovou seu cabelo e se fez duas tranças.

Kenshin se aproximou dela e lhe disse:

—Falta algo, *bebī*.

Ela se olhou com olhos críticos e passou a mão pelo peito e a cintura.

—Ouça, aqui não cabe nada mais, assim...

Kenshin a pegou pelos quadris e estava dando um beijo desses que a deixam desorientada e com pequenas lacunas. Róta se agarrou a seu pescoço e ficou nas pontas dos pés, beijando-o por sua vez com todo o coração.

Quando a soltou, suas testas se uniram e se agarraram um ao outro para não perder o equilíbrio. Ambos tinham os olhos fechados e ainda saboreavam esse beijo mortal.

—Faltava meu bom dia —murmurou o vanirio.

Certo. Só era isso. Róta se sentia tão eufórica que tinha vontade de gritar: “Eu acredito nas fadas! Eu acredito! Sim acredito!”, e no Peter Pan. Mas ao final pigarreou e acrescentou:

—Bom dia para você também —entrelaçou os dedos com os dele e desceram as escadas de mãos dadas.

Juntos saíram do quarto em que se vingaram um do outro, tinham compartilhado confidências, risadas e comida. Um lugar que seria uma lembrança de seu paraíso particular e ao qual não sabiam se poderiam voltar.

Quando chegaram ao salão, encontraram-se com o acampamento desmontado, os computadores guardados e tudo meio vazio. As cadeiras estavam ocupadas por todos os guerreiros que ambos conheciam.

Logan. Mervin. Kendrick, Gúnnr, Gabriel, Steven, o pequeno Johnson, Aiko, Ardan e Bryn estavam sentados ao redor da mesa. Faltavam eles dois nessa reunião.

Kenshin e Róta se sentaram nas duas cadeiras vazias ao lado do highlander e a General.

Róta tomou assento e olhou a sua General. Ela não tinha uma cara boa. Como se tivesse estado chorando. Isso a incomodou e sentiu vontade de perguntar o que aconteceu. Kenshin disse que Bryn tinha acompanhado Ardan toda a noite, que tinham ido em busca de Anderson para assegurar-se de que o vanirio não os tinha traído.

O highlander não se via em melhor estado. Fosse o que fosse que estava acontecendo entre eles era coisa dos dois. Ela não deveria meter-se. Não?

—Esta noite —disse Ardan—, não esperei para interrogar o sumiller e o obriguei a que reconhecesse esse tal Anderson em umas imagens que passei. É nosso Anderson —a voz soava pastosa, rouca—, é... É nosso traidor —só os deuses sabiam o que custava esse homem admitir que um de seus amigos o tinha traído— Fui à sua casa, esperando pegá-lo de surpresa, mas... ele não estava ali —o corpo do guerreiro mostrava sinais de fadiga e de frustração— A revistamos de



cima a baixo e encontrei isto —atirou um USB sobre a mesa e este começou a dar voltas sobre si mesmo, como se tratasse de um pião, até que se deteve— Está toda a informação sobre a terapia *Stem Cells* que ele compilou para Cameron e a Newscientists. Todos os dados estão obtidos do IP de Anderson e tudo tem origem de seu portátil. É ele. Ele foi quem ajudou Cameron com a terapia celular.

— Desde quando Anderson esta com eles? —perguntou Kenshin sobressaltado pela dor que havia nos olhos caramelo de Ardan.

—Não sei. É por esse motivo que preciso encontrá-lo. Quero lhe perguntar muitas coisas... antes de matá-lo.

Steven passou as mãos pelo rosto. Estava tão afetado por essa notícia como estava o Tridente. Eles conheciam Anderson e não podiam acreditar que o vanirio grandalhão os traiu desse modo. —Isto estava em uma das gavetas. —Deixou uma aliança dourada em cima da mesa. Dentro da aliança estavam gravadas as palavras *go síoraí*. Eternamente— Esse anel ele deu de presente a sua cáraid. Levou-o com ele até que a mataram.

— Como pode acreditar que Anderson esteja confabulado com o cara que matou sua companheira? —Perguntou Steven furioso com o *laird* — É impossível, Ardan!

— Não há nada impossível! —replicou o highlander lhe dirigindo uma olhar frio e intimidatório— Nada. É jovem e não o compreende, mas, às vezes as pessoas o traem.

Gúnnr detectou o sobressalto de Bryn ante essa aberta afirmação.

Róta ficou olhando o anel e sentiu uma profunda pena pelo homem e a mulher que havia atrás desse objeto.

—Fale valkyria —ordenou Ardan a Bryn.

—Ardan se esqueceu de acrescentar por favor —murmurou Gúnnr com os olhos ligeiramente vermelhos. Ninguém falava assim com Bryn.

O highlander soprou e Gabriel observou a malcriação, divertido.

—Preciso que encontre o Anderson, Róta —soltou a General olhando seu rosto— Nos diga onde está para que possamos ir em sua busca. Agora estamos todos em perigo. Esta casa está em perigo. Anderson conhecia muitas coisas sobre Ardan e sabia onde ele podiam se ocultar e o resto de seu clã.

Róta se girou para ficar cara a cara com a General. Olhou seus traços de porcelana, seu rosto pálido, seus olhos turquesas tão grandes, os belos lábios, os maçãs do rosto levantadas e aquele narizinho insolente. Bryn era muita valkyria para sabê-la enfrentar e Róta estava muito seguro de que Ardan estava se dando conta disso. A General e o highlander haviam começado a dar-se muita pressa e o refletiam seus rostos. Foi consciente de que não queria vê-la assim. Não Bryn. Bryn preferia que a vissem forte e inquebrável, não assustada como estava nesse momento.

—Deem-me isso —ordenou abrindo a palma— Ardan, eu obedeço à General, não a um einherjars —acrescentou olhando a Ardan desafiante— Você necessita que encontre Anderson? Esse é seu desejo? —perguntou a Bryn, deixando claro a todos ali presente que a loira era a líder das Valkyrias e que merecia respeito, e se Ardan não se lembrava, ela se encarregaria de fazê-lo.

A General meio sorriu agradecida por esse detalhe.

—Sim. Faça isso, por favor.



Róta segurou o anel dourado entre seus dedos e deixou que as pálpebras se fechassem por si só.

Imediatamente, viu imagens que o situavam sob a água. Havia água ao redor, um mundo azul infinito, e era algo estranho porque ela tinha visto esse lugar antes. Sim, quando provou o sangue de Seiya. Tinha localizado uma câmara de cristal onde guardava os objetos, e embora se tratava de outro tipo de passagem, era o mesmo lugar. Anderson estava lá, caminhando por um ponte transparente e... Merda! Isso eram tubarões? Havia tubarões por cima dele. O traidor entrava em uma câmara à parte em que se localizavam duas caixas de vidro fechadas hermeticamente e depois... Róta ficou sem respiração ao ver quem mais havia nessa câmara marinha. Seiya. Seiya, um cara com moicano e outro muito pálido com o cabelo comprido e moreno... Estavam falando os três sobre alguma coisa. A visão se foi com a mesma rapidez como chegou. Tão rápido...

Róta abriu os olhos e ficou olhando o anel.

—Esse cara está sob uma ponte de vidro que tem muita água ao redor. Há tubarões, acredito que é como um aquário... tornei a ver a câmara em que se encontram as caixas herméticas com os totens dos deuses. E...

— E? —animou-a o Engel.

—Seiya está nessa câmara com um cara com moicano e cara de poucos amigos...

—Cameron —grunhiu Ardan.

—E outro com cabelo negro e grisalho, longo e liso, muito magro...

— Lucius? —perguntou-se Gabriel.

— Diz que havia tubarões? —Ardan se levantou da mesa e olhou ao Tridente— O *Deep Sea World*! Está perto da ponte Forth Rail. Não foi por ali onde encontrou Seiya a outra noite? —olhou para Róta e esta assentiu— Merda! —gritou exasperado por sua própria cegueira.

— É a mesma imagem que viu no sangue de meu irmão, Róta? —perguntou Kenshin com serenidade.

—Parecida, mas não exata —respondeu— Mas sim, acredito que se trata do mesmo lugar sem dúvida nenhuma. A outra vez vi algo relacionado com um ecossistema marinho, as instalações eram muito parecidas...

—É para o estudo de endemias que nasce perto de Longniddry Bents. Analisam-nas no *Deep Sea World* —explicou Logan com sua voz calma.

— E estão lá agora? Em tempo real? —inquiriu Ardan olhando seu relógio.

—Sim. Estão lá —respondeu Róta.

—Então devemos ir ao North Ferry, é a ponte transparente do *Deep Sea World* —urgiu Ardan— Steven, você e Johnson devem ir às ilhas, a Eilean Arainn. Eles já estão avisados para que reforcem a segurança. Nestes instantes estamos todos em alerta. Nós iremos para lá assim que encontrarmos Seiya e os totens. Ali estarão a salvo. —aproximava-se uma guerra mais aberta e exposta que nunca. Se Anderson os tinha traído, o faria com todas as consequências. Ao menos, a fortaleza da Ilha de Arran era inexpugnável, e era fácil controlar e detectar as visitas inesperadas— Têm que ir já!



O jovem berserker assentiu e levou Johnson pela mão, mas o pequeno escapou dele e correu para abraçar seu padrinho.

—Calma, campeão —murmurou Ardan sobre sua cabecinha— Deixa que o *laird* se encarregue de tudo. Steven te protegerá.

Johnson assentiu. O lábio inferior tremia descontroladamente. Separou-se de seu padrinho e logo abraçou Bryn com tanto desespero que todos se comoveram no ato.

A valkyria elevou os braços e lhe acariciou o diminuto pescoço.

—Voltaremos a nos ver —prometeu ela. Levantou o dedo indicador e disse—: Trato feito, guerreiro?

Johnson levantou sua mão e dirigiu seu dedo indicador, menor, ao de Bryn. Assim que as pontas se tocaram, saltou uma chispinha elétrica entre elas, e isso fez que o híbrido sorrisse orgulhoso.

—Eu... fiz —respondeu.

O menino se despediu de todos e se agarrou à mão de Steven. Olhou por em cima do ombro para seus amigos e sorriu com um até mais tarde. O berserker fez o mesmo e ambos desapareceram pela porta.

Bryn se levantou da cadeira e a afastou com força. Uma lágrima se deslizava por sua bochecha. Os sentimentos a transbordavam e faziam tudo mais complicado. Em Valhalla não tinha sido assim. A secou imediatamente.

—Vamos até os tubarões —ordenou às suas Valkyrias— Vamos subir e vestir nossas roupas de guerra. Agora começa a sério.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

As três Valkyrias estavam se trocando. Não haviam voltado a vestir seus uniformes de guerra desde a luta contra os Kachinas nas Quatro Esquinas, mas a General havia ordenado que se preparassem, já que, se era verdade que Seier e Gungnir se achavam naquela ponte sob a água e havia uma só oportunidade para recuperá-los, não iam se apresentar ante Freyja e Odín com essas roupas de Midgard, isso seria uma falta de respeito.

Gúnnr se ajustava as botas negras, Róta se recolocava a pequenas ombreiras de titânio e Bryn se deslizava as calças negras ajustadas pelas coxas e as subia até os quadris, onde se agarravam à pele como ventosas. O material especial do qual eram feitos os uniformes das Valkyrias eram tirados do tear das nornas, por isso era tão elástico e indestrutível. Não sentiam que usassem roupa e isso as ajudava a realizar toda uma série de livres movimentos que com outro tipo de vestimenta ou de proteção não poderiam executar.

— Róta, pode me ajudar? — solicitou a General.

Róta e Gúnnr se olharam uma à outra.

A filha de Thor lhe fez um gesto com a cabeça para que se animasse a entrar no banheiro. Bryn estava se trocando ali e elas sabiam por que, sempre o fazia a sós. A General sempre pedia



intimidade para fazer suas coisas e suas *nonnes* não pretendiam fingir que desconheciam o motivo, nunca tinham fingido nada e não iriam fazer agora.

Se Bryn estava fazendo este sacrifício e queria que Róta estivesse com ela, a valkyria de cabelo vermelho ia aceitar o desafio porque, simplesmente, estava assombrada pelo detalhe mas, acima de tudo, estava muito cansada de mostrar desdém para sua General porque, na realidade, ela não sentia essa displicência. O que sentia? Talvez algum dia fosse o suficientemente valente para descobri-lo, e talvez esse dia chegasse antes do que pensavam.

Róta entrou no banheiro com passo lento e inseguro. O coração lhe pulsava acelerado, e reconheceu imediatamente aquela sensação de padecer os sentimentos de outro; como sempre, os de Bryn.

Ela e Bryn.

Bryn e ela.

Às vezes sentia que eram uma mesma pessoa.

Entrou no amplo banheiro e descobriu a valkyria, que olhava diretamente seu reflexo no espelho. Tinha o cabelo loiro e brilhante recolhido em um coque alto, igual a ela. Róta engoliu saliva e foi incapaz de deter seus olhos azuis, que se desviaram sem perda de tempo às suas costas.

Apertou os dentes. Seus lábios tremeram. Bryn tinha o tribal alado mais belo de todos, ela era como uma borboleta monarca entre as Valkyrias e, entretanto, aquele formoso traçado em suas costas estava tão azul e pálido que doía vê-lo. Doía-lhe descobri-lo.

A qualquer valkyria com um pingo de coração teria feito mal ver que uma de suas *nonnes* tinha as asas azuis.

Deu um passo e logo outro mais, embora ela não tivesse dada ordem alguma para que suas pernas se movessem. Mas o fizeram e quis acreditar que não era o cérebro quem o prescrevia, mas sim os invisíveis que as uniam, que sempre estiveram aí por muito que ambas tivessem tentado autodestruir-se.

— Ajuda-me com o espartilho?— perguntou a loira, olhando-a através do espelho.

Róta exalou. Ela nunca precisou de ajuda, não com o espartilho nem com nada. A Valkyrias vestiam um espartilho de fivelas de titânio nas costas, e era fácil colocá-lo, mas, pelo visto aquele dia não.

— O que lhe parecem?

Róta se colocou às suas costas e olhou seus seios, sabendo que não perguntava por eles.

— Muito bonitos. Mas eu tenho mais— Respondeu estendendo o braço até pegar a roupa negra que tinha que lhe pôr.

Bryn ficou em silêncio. Seu gesto não mostrava nem decepção nem aborrecimento. Estava tão serena que dava medo.

— Perguntei sobre minhas asas, Róta.

Ela assentiu tentando não perder o controle. É óbvio que havia perguntado por suas asas, mas como ia falar delas se até sua língua doía por culpa da bola de tristeza que tinha na garganta?

— Não foram sempre assim, recorda?

Róta apertou a ponte do nariz e assentiu nervosa.



— Sim? Pois eu não— afirmou Bryn sem lhe dar importância. —Faz tanto tempo disso que já não recordo se alguma vez foram douradas ou vermelhas. Jogue uma olhada valkyria. Não se acovarde— Bryn estava a par de cada gesto, cada tic, cada movimento nos olhos de sua amiga.

— Já as vi.

— Tem certeza?— inquiriu ela com o gesto cada vez mais duro.

—Sim.

— As olhe.

Róta resfolegou e passou seus braços por diante dela para lhe colocar o espartilho com coragem.

— Não sei se está tentando me fustigar, mas te aconselho que não tente—, mas sim sabia. Tinha tanta vontade de chorar que sua tristeza e seu rancor tinham criado um círculo fechado entre ela e uma se retroalimentava da outra. Isso era a empatia.

— Te fustigar, você diz?— Suas sobrancelhas loiras se elevaram assombradas. — O que quero é que reaja!

— Você mesma me chamou para que te ajudasse a pôr isto. — Os olhos de Róta se tornaram vermelhos. Grampeou-lhe as fivelas de titânio às costas e cobriu suas asas e sua vergonha. O que estava acontecendo ali? Por que se sentia vulnerável frente a Bryn? Era sua vulnerabilidade ou se tratava da fragilidade da loira?

— Faz umas horas queria uma *Konfrontasjon* comigo— grunhiu a General levando-a ao limite.

— Ainda a quer?

Róta levantou o lábio com desdém.

— Não temos tempo. Esperam-nos lá embaixo.

— Isso dito eu, valkyria.

— Mas se o tivesse— contínuo ela ignorando-a, —diria-te que já não. Minhas asas se abrem e as suas não. Não vou fazer lenha da árvore ca...

Bryn se girou e a encarou. Como odiava essa língua daninha e destrutiva de Róta! E, às vezes..., como a admirava por isso. Mas não nesse momento. Nesse momento o que sua *nonne* tinha que fazer era calar e escutar.

O ambiente entre elas se tornou espesso e elétrico, com sombras circunspectas e cheio de reservas e omissões.

— Sabe por que não se abrem? Sabe por que estão azuis?

Tinha chegado o momento de dizer a verdade. A decisão que Bryn tomou em Valhalla machucou e rachou a relação tão vinculante que havia entre ambas. Agora só podia dar os motivos, mas o que uma conhecia como razões reais eram diferentes da outra.

— Claro que sei. Eu melhor que ninguém, sei! Por sua culpa —espetou Róta. Se Bryn queria as razões de sua desgraça ela ia dar. — Sempre foi sua culpa. Rechaçou Ardan, não partiu com ele e o relegou ao Midgard. Freyja te deu a escolha no Vingólf ante os deuses Vanir; tinha a possibilidade de descer com o highlander e lutar a seu lado em sua missão, mas decidiu ficar ali, cumprindo sua função como General em vez de ir com seu einherjars. Você rompeu suas próprias



asas. Bryn a responsável— teatralizou ela. — Não teve em conta seus sentimentos, nem os deus, nem... nem os meus!

— Arranque. Não se corte— a esporeou de maneira impassível.

— Não o faço. Isso foi assim! Você adora ser a líder, você adora ir atrás dos deuses; não sei que esperas que lhe concedam, não sei se tem expectativas de se converter em alguém mais importante. É uma disir, uma valkyria e teve a oportunidade de ser feliz... E pelo contrário a estragou!

— A estraguei!— Bryn a empurrou e a pressionou contra a parede. Seus olhos turquesas jogavam faíscas. Tomou seu queixo com autoridade e a obrigou a olhá-la.

— Sim, fez isso! Destruiu-se, Bryn! Vendeu-se! Para você era mais importante ser a General em Valhalla que descer antes de tempo à terra e lutar como uma guerreira ao lado de Ardan! Que perda de categoria, não?!

— Maldição, Róta! Escutou o que disse Freyja?!

— Claro que sim! Tinha segredinhos guardados, como por exemplo um dom de invocação secreto, não é? Não ia nos dizer isso nunca! Sabia algo sobre mim e nunca me disse. Isso não vou perdoar Bryn. Senti vontade de vomitar quando Freyja te chamou de nobre.

— Fecha a boca! Quer ouvir a verdade?!— Sacudiu-a com os olhos cheios de lágrimas. Vê-la assim fez que Róta tornar-se tensa e se calasse de uma vez —Freyja sabia sobre seu nascimento, o que tinha tentado fazer Loki através de Nig... Não acreditavam que fosse má, mas necessitavam de alguém que modulasse essa possível maldade ou sua conversão ao lado escuro, algo que avisasse-os de um possível despertar tenebroso em você. Já tinham tido suficiente com a rebelião de Loki para ter que suportar outra traição. Decidiram que o melhor modo para te controlar era te vincular emocionalmente a alguém, de maneira que a outra pessoa pudesse sentir quando algo começava a ir mal em você e pudesse dar a voz de alerta. Eu então ainda era pequena, tinha somente quatro anos. Freyja me perguntou se queria cuidar de você— A sacudiu de novo. — Perguntou-me: “Pequena General: Quer alguém especial para você?”... Que se queria cuidar de você...— Repetiu fazendo caretas com os lábios. — E eu a vi na velge, uma arbusto de cabelo vermelho na cabeça, com esses olhos azuis tão grandes e batendo as mãos com tanta energia que pensei que seria divertido ter alguém especial como você... E aceitei às cegas. Maldição! Aceitei às cegas!— exclamou surpreendida por aquela decisão. — Colocou-me com você no berço e me obrigou a lhe prometer que nunca te daria as costas e que sempre estaria a seu lado. Eu te segurei nos braços e nos vinculei criando um laço empático entre nós.

Róta franziu o cenho, mas não ousou interromper o discurso de Bryn.

— Eu te amava com todo meu coração, Róta. Nunca pensei em machucá-la, mas...— Agachou a cabeça enquanto continuava a pressionando à parede. —Às vezes, as coisas escapam de nosso controle, sabe? Ardan se destinou para mim e eu estava tão... tão apaixonada... tanto— sussurrou negando com a cabeça.

Róta se estremeceu. Claro que esteve apaixonada. Ela havia sentido esse amor, a luz, a alegria de Bryn em cada célula de seu corpo. Por isso foi tão destrutivo o que fez.

— Mas Freyja tinha que enviar Ardan à terra e localizá-lo na Escócia para combater as incursões dos jotuns. Eu devia ir com ele— se lamentou— porque era sua valkyria. Mas não o fiz. E



não porque queria manter meu posto como General, nem tampouco porque não queria decepcionar Freyja. A verdade é que não fui com Ardan porque descendo ao Midgard, perderia meu vínculo com Valhalla, perderia meu laço com você e não podia deixá-la sozinha— revelou abatida. Róta piscou um par de vezes assimilando essa informação. — Se descesse à Terra, quem ia controlar seu temperamento? Quem ia saber se, na realidade, era má como Loki e Nig queriam que fosse? Sim, tinha uma maneira especial, uma fúria muito volúvel e foi muito rebelde, mas ninguém te conhecia como eu. E eu... — Bryn levantou a cabeça e a olhou nos olhos, que tinham deixado de estar furiosos e agora se mostravam brilhantes e úmidos, azuis e belos. — Eu...Róta, eu sempre acreditei nessa bondade travessa que tanto me fez rir. Nunca, nem por um momento, duvidei de você.

A valkyria do cabelo vermelho perdeu todo o porte desafiante e descarado que a caracterizava, e ficou em choque. Obviamente, nunca imaginou nada disso. As Valkyrias eram sentimentais e emocionais; o diálogo servia bem para explorar ou atacar, mas não para justificar-se desse modo, expondo essas razões tão transparentes e honestas como as que Bryn acabava de revelar.

— Mente. — disse Róta numa tentativa vã de recuperar todo esse despeito e rancor que tinha sentido por Bryn durante tanto tempo, quis negar tudo o que a General havia dito. Começava a se sentir mau. O estômago se contraiu e seu coração se encolheu. Se o que sua irmã valkyria dizia era verdade, então, ela tinha sido a pior *nonne* de toda a história do Asgard.

— Você está...— engoliu em seco, tentando tirar o medo e a estupefação de si. Empurrou-a, mas Bryn não se afastou. — Me solte! Mente!

— Não o faço!

— Sim!— Queria sair dali e aspirar ar, mas algo em seu interior, algo no olhar da loira lhe dizia que desta vez não ia fugir. — É impossível que escolhesse se romper em mil pedaços ao deixar Ardan somente para manter sua promessa de cuidar de mim! Bryn, eu senti tudo o que você sentiu! Vivi-o cada um de meus dias e te odiei por isso! Odiei você por ter escolhido sofrer! Odiei você por ser tão fria e continuar treinando em Valhalla como se não tivesse o coração quebrado! Odiava todas essas coisas que fazia e que eu era incapaz de fazer porque parecia que o que tinha feito me doía mais que a você!

— Róta...— Bryn se angustiou e com toda a coragem que só as grandes líderes monopolizam, abraçou-a com todas suas forças. Os grandes gestos sempre vêm de grandes pessoas cheias de valentia. Sabia que Róta lutaria contra isso, que não se relaxaria, que até que não cessasse a tormenta sua *nonne* não ia se acalmar, mas igualmente a abraçou, porque a amava e estava muito cansada de feri-la com seu comportamento, e esperava com humildade, que a de cabelo vermelho também se esgotasse de feri-la. — Róta por favor...

— Te odiei, Bryn! Por que pensava que não entendia o vínculo que nos unia! Acreditei que não se importava que me doesse o que fazia! Mas, sabe porque te odiei mais, nazista manipuladora?!

— Por que?— A Bryn não importava chorar. Fazia séculos que não o fazia. A última vez que fez foi quando disse um frio adeus fingido a Ardan. Nunca havia tornado a chorar copiosamente como nesse momento e alegrou-se de fazê-lo com Róta.



— Por que odiava não vê-la feliz! Queria que tudo entre nós fosse igual a sempre, mas... É que era impossível!— Sem saber como, as pernas de Róta cederam e acabou no chão de mármore escuro, afastando Bryn umas vezes e agarrando-se nela em outras. — Tinha umas feridas muito abertas e me ardiam tanto...! Me incomodava pensar que você havia escolhido isso! E decidi que nunca mais voltaria a te tratar igual a antes. Distanciei-me para não sofrer!

— Chist— Bryn lhe acariciava o rabo de cavalo e lhe dava todo o consolo que sua irmã podia necessitar. — Possivelmente eu necessitava mais do que pensava. Possivelmente... Eu somente queria que estivesse a meu lado e me fizesse rir, isso teria feito tudo um pouco mais suportável.

Róta afundou o rosto no ombro de Bryn e se deixou balançar por ela.

— Nunca te expliquei sobre Miya. Nunca lhes falei dele, de que tinha visto meu guerreiro destinado a mim e que levava uma eternidade esperando-o. Aprendi a mantê-lo em segredo, mas, em certo modo, sempre esperei que você me perguntasse. Deve ter sentido minha agonia!— a recriminou golpeando-a no peito. — E não o fez!

— Sim a senti. Sinto tudo, Róta. Mas eu relatei seu mal estar com o meu. Não sabia que você já tinha visto seu einherjars. Eu nunca deixei de te sentir. Senti o quanto estava zangada comigo lá em cima, senti o quanto sofreu quando a sequestraram aqui embaixo, e nem imagina o que doía-me pensar que estavam lhe fazendo mal. Por isso não me detive até te encontrar.

— Me deixe em paz— protestou sem forças.

Bryn fechou os olhos e a abraçou perto. Os deuses caprichosos jogavam com elas, não havia a menor dúvida. Se o faziam com razão ou não, já não importava. Nesse momento, ela e Róta avaliavam os danos colaterais que tinham afetado a sua relação, a suas vidas.

— E agora... Agora o quê? Agora me sinto como uma merda!— gritou Róta afastando-a e olhando seu rosto.

— E eu, *nonne*— reconheceu apoiado suas costas na parede e sentando-se no frio chão, sem deixar de envolvê-la com seu carinho. Claro que sentia-se como uma merda. Por tantas coisas...

Permaneceram em silêncio, caladas, deixando que as lágrimas limpassem todas suas ofensas passadas ou, ao menos, tentando-o.

— Digo-o a sério— Róta soluçou como uma menina, olhando a todos os lados menos a ela. — Sinto-me como se tivesse sido ma-malvada de verdade. Essa é a herança de Nig...

— Não é má— Bryn secou as lágrimas com o antebraço. —Não mais que eu por ter permitido tudo isto.

— Não— Róta copiou o gesto da General e se obrigou a serenar-se. — Você não tinha escolha. Freyja consegue com que todos façam o que ela quer de um modo ou outro. Fez isso contigo, está fazendo comigo... Me dá raiva não ter sabido antes.

Bryn a escutou com atenção e lhe passou os polegares pelas bochechas para secar as lágrimas que seguiam caindo.

— Não podia mencionar isso, Freyja me proibiu de falar disto contigo, porque não queria que soubesse nada sobre o motivo de nossa vinculação, não queria que sua decisão fosse influenciada por nada. Ela me dizia que cuidasse de seu temperamento e nunca permitisse que sua fúria se convertesse em algo destrutivo. Limitei-me a estar com você e a permanecer perto— deu



de ombros e sorriu com tristeza —sem saber quando se supunha que ia chegar o momento no qual eu devesse decidir.

Róta sacudiu a cabeça. Agora entendia tudo, mas não deixaria de sentir-se mal por isso. Só o tempo poderia curar a ambas.

— Por todos os deuses, Bryn...— murmurou tomando seu rosto entre as mãos. — Estragamos bem. E sou a pior! Agora Ardan a tem e não compreenderá uma merda!

Bryn não lhe tirou nenhuma pinga de razão. Era verdade.

— Ardan e eu temos muitas contas pendentes e... ele é um homem rechaçado. Comportei-me muito mal com ele, Róta. Tive que machucá-lo para que se fosse sem para olhar trás e ele agora se está ressarcindo. Talvez mereça o que está acontecendo—esfregou os olhos.

— O que diz? Nem pensar! Isto é minha culpa! Vou pedir uma ordem de afastamento, Bryn!

— Já não quer que Ardan me ponha em meu lugar?

Róta deixou cair os olhos com arrependimento.

A General sorriu e juntou sua testa à dela.

— Nada disto é sua culpa. Eu tomo minhas próprias decisões e sou responsável por elas, valkyria.

— Tem que me perdoar por tudo, Bryn —disse Róta atropeladamente. — Tem que fazê-lo ou...

— Ou o quê?— encontrava-se muito melhor ao ver que sua *nonne* a tinha compreendido.

— Ou te prometo que peço a Loki uma camiseta de sua equipe com o número 666 à costas. Serei sua contratação de inverno— decidiu com o queixo trêmulo. —Juro-lhe isso Bryn. Perdoe-me, porque se me torno má por sua culpa, Freyja sofrerá um ataque, Odín perderá seu olho bom e escreverá o Ragnarök em braile e as nornas irão a uma oficina de costura na China para fiar cachecóis.

Bryn começou a rir e aquela cena se converteu em muita risadas e lágrimas.

— Não te dá medo? Não?— perguntou Róta. — Pois acrescente a isso que Nanna seja a concursante estrela do Passapalavra.

— Para— pediu Bryn sufocada de risada.

— Que para ela seria Passalacabra— acrescentou Gúnnr apoiada na porta, emocionada como elas.

— Sim, exato— acrescentou Róta com uma gargalhada. —E que Gúnnr acabe vendendo bagatelas do Mjöltnir no Bronx. Isso não podemos permitir, General! Essa valkyria não ganharia um dólar, acabaria dando de presente de tão boa que é!

—Não— Bryn sorveu pelo nariz, cobrindo suas mãos com as dela. —Não, por todos os deuses, isso não podemos permitir.

Róta negou com a cabeça e sua expressão se tornou terna e exigente, absolutamente honesta. Agarrou ar e o expulsou lentamente.

— Mas não me perdoe por isso, *soster*. Faça por que quero te recuperar, porque não posso ser plenamente feliz se não te sentir aqui—levou uma de suas mãos e a colocou em seu coração. — Me perdoe porque amo Bryn, e estou terrivelmente arrependida por tudo o que te fiz e disse



todo este tempo. Perdoe-me porque quero estar de novo em seu coração e, se me deixar, cuidarei do seu e não irei nunca mais. *Jeg I hjertet, meu nonne, Jeg I hjertet*⁵².

— *Jeg I hjertet*, Róta— exclamou com um soluço — Me perdoe você . Venha aqui, tola.

Fundiram-se em um abraço de urso, um que eliminou o frio. Beijaram-se com a naturalidade de duas mulheres que se amavam e respeitavam, e esse beijo suprimiu a tristeza.

E juraram fidelidade e a irmandade que proclamavam as Valkyrias e esse juramento anulou qualquer indício de solidão.

Gúnnr correu a abraçá-las também e sua ação foi recebida com mais risadas e lágrimas.

— Já deixamos Gunny excitada. — sussurrou a do cabelo vermelho sobre o ombro da filha de Thor.

— O que você acha, fresca?— Resmungou a morena. — Que podem ficar se tocando, menos eu? Grande astúcia!

— Mmm... entre tanta teta me veio a inspiração— Róta levantou uma mão e recitou: — Nem Freyja, nem Armani, nem Dolce&Gabbana são capazes de fazer um traje mais perfeito e que se amolde melhor a meu corpo que um abraço de minhas irmãs!— proclamou Róta. — Chupe essa, Bragi!— exclamou rindo do deus poeta. — E agora que nos demos beijos e toques de paz... se lembram disto?— perguntou animada: — *When you fell your heart's guarded, and you see the break's started, and whe ths clouds have all departed*— se levantou e ofereceu ambas as mãos às suas irmãs que as aceitaram com prazer. — *You'll b right fere whit me*⁵³.

Aquela era a canção que tanto cantavam desde a primeira vez que a tinham escutado. Falava de apoiar-se nas pessoas que alguém amava, falava de não render-se e de saber que, que alguém podia passar muito mal em sua vida mas, ao final, o céu se abria para todos.

— Esse é nosso hino!— Bryn soltou uma gargalhada. — Agora eu! *And when your tears are dry from crying... When the world há turned silent, and when the clouds have all departed*⁵⁴...

— O que acontecerá, General, quando acontecer tudo isso?— animou-a Róta cantando com ela.

— *You'll b right fere whit me*⁵⁵!!

— O que acontecerá Gunny?

— *Ill'b right fere whit you, you'llbe right fere with me*⁵⁶— Gúnnr começou a mover os quadris e a bater palmas.

Enquanto cantavam o Right Fere (Departed) das Valkyrias— com permissão de Brandy—, um hino à amizade, ao companheirismo e um ode à sobrevivência, Róta acabou de pôr as ombreiras de titânio de Bryn, e entre as três revisaram que tudo estivesse bem e em seu lugar.

⁵² Significa “eu em seu coração, minha irmãzinha” em norueguês.

⁵³ Quando sentir que seu coração está escondido e ver que começa a romper-se, quando as nuvens tiverem ido, estará bem aqui comigo.

⁵⁴ Quando suas lágrimas se secarem de tanto chorar e quando o mundo se tornou silencioso... Quando as nuvens tiverem ido, estará bem aqui comigo.

⁵⁵ Estará bem aqui comigo!

⁵⁶ Eu estarei bem aqui comigo, você estará bem aqui comigo.



As filhas das tormentas tinham experimentado uma tormenta perfeita, dessas das que podiam sair vivas para contá-la. As verdades saíram à luz e a maré trouxe a calma que necessitavam.

Saíram do quarto com os ânimos renovados, como se tivessem tomado um banho purificador e reluzente.

As Valkyrias iam à guerra, atrás de Seier e Gungnir, atrás de Seiya, desfazer Loki... E nessa guerra, tudo o que importava era que todos retornassem sãos e salvo.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Deep Sea World

North Queensferry

Haviam decidido atacar com todas as consequências. Ardan entrou em contato com os berserkers da Escócia para que vertessem os bloqueantes dos esporos na área da ponte de Kincardine e Forth, já que tinham a informação de que aí era onde os ovos podiam estar mais avançados. Precisavam reduzir todas as frentes de ataque dos jotuns.

Steven e Johnson tinham partido para Eilean Arainn; e, se tudo saísse bem, poderiam reunir todos juntos nesse conclave uma vez finalizada a ofensiva.

Ainda não amanhecia.

O *Deep Sea World* não abria até as dez da manhã e mal eram seis da madrugada. A previsão meteorológica que o Engel havia consultado indicava que esse dia seria tormentoso, e de acordo com as espessas e escuras nuvens que cobriam o céu, as previsões não estavam nada equivocadas.

As Valkyrias estavam excitadas ante a proximidade dos raios e as centelhas, seu meio mais natural.

Reuniram-se ao redor do Jipe Wrangler de Ardan, no estacionamento gratuito do parque aquático. Todos sabiam o que tinham que fazer, mas Gabriel queria assegurar-se pela segunda vez que todos tinham entendido seu comentário.

—O Tridente se localizará no interior das instalações do aquário. Haverá humanos trabalhando e precisamos que os deixem nocauteados, que os controlem mentalmente — ordenou Gabriel — Aiko espera no rio para comprovar se alguém tenta escapar por alguma outra via e detê-los daí.

—Aproveitaram a construção do túnel para utilizar uma câmara selada —disse Ardan mostrando-lhes o mapa via satélite das instalações do aquário em seu portátil militar— O túnel mede uns cento e vinte metros de comprimento na planta inferior. A câmara onde se acham os totens deve estar localizada ao final. Foram muito inteligentes misturando-os em um lugar público. Além disso, sob o mar e a tanta profundidade, o sol não é tão daninho para trabalhar. Seiya pode mover-se mais amplamente.



Kenshin escutava as ordens um pouco mais retirado que o resto. Não queria estar perto de Mervin para evitar cortar o pescoço dele.

Limpava e tirava brilho da lâmina de sua espada com o papel *hoshoshi*. Sustentava-o entre o polegar e o indicador e o deslizava da parte do punho até a ponta.

Desta vez, sua chokuto tinha que executar o corte mais preciso, o mais doloroso. Devia acabar com aquele que se supunha devia ser seu melhor amigo, seu confidente, seu irmão... E em vez disso, tudo o que tinha recebido de Seiya foram invejas, ciúmes, enganos, traições e tortura... Muita tortura.

Se hoje se enfrentassem e se vissem cara a cara, o final ia chegar para um dos dois.

Acrescentou um pouco de pó de pedra de amolar, *uchiko*, e golpeou com ele a espada fazendo o mesmo caminho. Limpando sua chokuto tinham chegado suas maiores revelações; para ele era como um processo meditativo.

Seiya tinha sido a antítese do que ele era. Entretanto, seus atos violentos fazia com que valorasse ainda mais o presente de encontrar a sua *Hanbun*⁵⁷, de querê-la, de compartilhar o tempo que pudesse ficar com ela.

Róta, que estava sentada a seu lado, passou um braço pelos seus ombros, tão espontânea como ela era e lhe deu um beijo no rosto.

—Eu adoro como pensa —disse a Valkyria, hipnotizada pelos movimentos da mão de Kenshin— Eu também estou feliz por tê-lo encontrado.

Miya a olhou por cima do ombro e sorriu.

— Não se concentra para o que vem aí abaixo, guerreira?

— Concentração? —repetiu sem compreender— As Valkyrias nascem preparadas, bonito.

— Não teme voltar a se encontrar com ele?— Dirigiu seus olhos prateados à lâmina de sua espada que emitia brilhos lisos e reluzentes.

Essa mulher era incrível. Depois de tudo o que sofreu pelas mãos de Seiya não tinha nenhum medo dele, e havia se recuperado muito rápido das fobias que indubitavelmente deveriam tê-la envenenado.

—Sabe que não —respondeu ela recolocando as proteções de titânio híbrido dos joelhos— Sei que ainda não entende, mas as Valkyrias não são humanas.

— Jura-me isso? —brincou ele.

—Sim, pequeno gafanhoto. Não temos os mesmos padrões que as mulheres da Terra porque não vivemos essa realidade. Somos feitas de outro modo, pensamos de outro modo. O que para uma mulher do Midgard seria uma experiência traumática que lhe custaria anos e anos de terapia, para nós não é assim. Doem-nos outras coisas, é óbvio, somos muito emotivas, sentimentais, temperamentais... Mas essas coisas nada têm a ver com a violência, com a guerra, ou com o abuso de poder. Isso não nos aterra e não nos traumatiza porque compreendemos essa realidade, vivemos nela e nos educaram para enfrentá-la. Os deuses são mais bélicos do que a gente pensa, e te asseguro que você não gostaria de ver Freyja irritada. São uns sádicos entre eles —Róta lhe deu um empurrãozinho, ombro com ombro. Miya estava tão preocupado por ela, e fazia tantos

⁵⁷ Metade.



esforços por dissimulá-lo, que apaixonou-se ainda mais do que já estava— Seu irmão não me dá medo, Kenshin. Superei o que me fez. Mas, sabe de uma coisa?

Aí estava. Essa maravilhosa pergunta inocente que a Miya fazia que desse um tombo no coração e a queria abraçar e entesourar em um caixote pequeno só para ele.

—Diga-me, *Oni*.

—Nunca temi nada. Mas... Agora sei que me dá medo deixar de te ver —Róta tomou o rosto do samurai entre as mãos, girou-o para ela e o beijou com tanta doçura que o deixou sem palavras— Te esperei durante tanto tempo que não posso deixar que ninguém o afaste de meu lado, Kenshin, assim que é melhor se cuidar.

O samurai sentiu uma ardência nos olhos e uma mão que lhe oprimia o coração, no centro do peito. Sem ter palavras para expressar a valkyria o tesouro que lhe tinha dado, embainhou sua espada a qual considerava que já estava muito limpa, agarrou Róta pela cintura e a sentou sobre suas pernas.

Devolveu-lhe o beijo com tanta dedicação que os membros do Tridente tiveram que pigarrear.

Merda, como gostava dessa garota. E parecia incrível, porque ambos eram pessoas de personalidades muito opostas e era estranho que algo tão potente e belo pudesse nascer entre personalidades tão antagônicas.

Ela era tão extrovertida... e ele tão introvertido.

Róta era muito risonha. Ele era bem mais sério.

Róta sofria vômito de palavra. Ele era bem moderado na conversa.

A valkyria tinha um temperamento explosivo. Ele se fazia a fogo lento. Ela podia amar muitíssimo e ele estava se dando conta de que nunca tinha amado alguém de verdade.

Mas, se amar era sentir que seu mundo dava voltas quando essa pessoa especial te olhava; se amar era aceitar e querer mais essa pessoa por seus defeitos... Se amar era experimentar a união espiritual e entregar sua vida a uma pessoa para que ela te entregue a dela em troca, então, entendia o *combarradh* a níveis mais profundos do que nunca ninguém o havia valorado. O selo dos deuses estava lhe demonstrando que amava Róta inclusive antes de dizer que se amavam ou não queria fazê-lo. Então, amava sua *Hanbun* com toda sua alma e o sentia tão veraz quanto podia olhar sua valkyria toda a vida e não cansar-se disso.

Tinha sido fulminante, como um meteorito. Uns dias com ela e *zás!* O samurai soltava espuma pela boca, enfeitiçado pelos olhos azuis e alegres de uma valkyria tão bela e cheia de vida que inclusive o deus da morte adorava.

Grande surpresa.

—*Anta wa suki desu*. Gosto de você. Eu sempre pensei que não precisava de nada, Róta — disse ele recuperando o fôlego— Agora sei que nunca deixarei de precisar de você, *Heiban*⁵⁸.

Um sorriso cheia de ilusão e de alegria se plantou no belo rosto da guerreira. Ela queria essa dedicação, queria que a cuidasse e necessitasse dela, tal como ela necessitava dele. Queria

⁵⁸ Má.



palavras de amor. E, embora ainda fosse cedo, essas se pareciam o bastante. Rota o abraçou com força e respondeu:

—Idem, samurai.



Tinham entrado nas instalações do aquário graças ao rastreamento dos servidores principais que Aiko estava manipulando de seu portátil.

A japonesa seria sua melhor carta. Afastada do conflito poderia atuar e alertar a todos com calma.

O *Deep Sea World* era um lugar único e espetacular. Exteriormente não era grande coisa. Revelando um edifício de três andares de cimento cinzento que bordeava o rio. Mas, se entrasse, comprovava que o edifício continuava sob a água e que aí era onde radicava sua magia.

Construído nas cercanias de North Ferry, constava de atrações aquáticas, pequenos lagos para todo tipo de fauna marinha e entretenimento, como o controle remoto de mini botes aquáticos; tinha uma área única para as piranhas do Amazonas e seu elemento estrela: um dos maiores túneis submarinos da Europa.

No aquário só estavam os trabalhadores que alimentavam às focas, os peixes e os tubarões, alheios a tudo o que realizava ali a Newscientists, ignorantes dos dois poderosos objetos que ocultavam suas câmaras submarinas.

O Tridente controlou as mentes dos humanos e os obrigaram a retornarem às suas casas e não que ficasse nenhum no edifício. Foram saindo um a um, com plena normalidade, sob a supervisão de Merrick e Logan.

—Aiko —ordenou Kenshin através do comunicador, dirigindo-se com Róta à rampa que levava a passagem submarina. As paredes estavam pintadas de azul e tinham pequenas janelas circulares nas laterais; e em cada parede, uma longa corda com nós de marinheiros que fazia a função de corrimão— Apaga as luzes de todos os andares e deixa somente em ativo o módulo do túnel sub-aquático.

—Sim —respondeu a vaniria do outro lado da linha.

—Começa a cheirar mal —murmurou Bryn colocando-se ao lado de seus irmãos. O enxofre dos vampiros era um perfume realmente incômodo.

Com precaução, todos chegaram à entrada do tubo marítimo. Eles ficavam cento e treze metros de itinerário até chegar ao outro extremo no que se supunha que, através de algumas de suas portas, chegava-se a essa câmara em que estavam os totens e os jotuns. Com sorte, Kenshin poderia pegar Seiya e terminar com esses séculos de brigas.

—Não percamos tempo —pediu Ardan com seu intimidante uniforme de einherjars, negro e prateado, e as duas espadas em mãos.



Gabriel e Kenshin assentiram de acordo com o highlander. Não havia nada que esperar: a única opção viável era os atacar de surpresa, já que não imaginavam que pudessem saber onde se encontravam.

Kenshin roçou o cabo de sua espada com os dedos e a desembainhou. Ele era um guerreiro, um Kofun de Yamato, um originário. Todos os que vieram depois, todas as eras —a Asuka, a Heian, a Genpei... —, todos tinham nascido do clã de seu pai, tinham nascido dele, e todos os guerreiros haviam se aperfeiçoado até chamar-se samurais. O tinham marcado com a cruz da imortalidade, e tinha tirado proveito convertendo-se no maior de todos eles, e também, no mais desconhecido.

Hoje ia ser um dia especial. Levava o *Daisho* com ele; a *katana* e a *chokuto*. E também o *Tanto*, uma adaga muito fina oculta em suas costas. Hoje a alma de sua espada exigiria sangue em troca de despertá-la, uma vítima por tê-la incomodado em seu descanso. Kenshin ia cobrar algumas.

Começaram a correr através do túnel.

Os tubarões tigre nadavam por cima e por debaixo do conduto e observavam-nos esfomeados, porque seus tratadores tinham deixado de lhes dar comida, os advertindo do que poderia acontecer se destruíssem algumas das placas de vidro que formavam o conduto. As arraias passeavam com sua majestosidade e contornavam a galeria com suas caudas, sabedoras de que, provavelmente, esses seres que caminhavam pelo túnel eram, alguns, quase tão antigos quanto elas. Centenas de peixes de cores e tipos muito variados se moviam em grupos formando abstratas e bonitas formas.

O mar, em horas ainda noturnas, era um lugar intimidante e escuro. Miya e o Tridente se elevaram sobre seus pés, e Róta, que não ia permitir que o samurai lutasse sozinho sem ela, abriu suas asas vermelhas e o seguiu: com as mãos cheias de raios que se unificavam em consideráveis esferas elétricas.

Tal e como imaginavam, os jotuns não demoraram para aparecer. Um grupo de vampiros e lobachos vinham correndo do outro extremo do túnel. Ambos os bandos iam colidir como um norte e sul, uns contra os outros.

Róta lançou as duas bolas ao lobacho de incriveis maxilares amarelos que lançava-se sobre Miya. O samurai não demorou para reagir. Lançou-se sobre o monstro eletrocutado e esperou que seus companheiros lhe cobrissem as costas. Elevou a *chokuto* preparado para lhe cortar a cabeça, mas o jotuns agarraram seu pulso e lhe deu um chute no estômago para tirá-lo de cima.

Kenshin impactou contra o vidro, mas antes de que o lobacho voltasse a atacar, içou sua *katana* de baixo a cima com um movimento veloz, e lhe cortou o torso de cima a baixo... O lobacho olhou seu estômago com assombro, estavam lhe saindo as vísceras. Kenshin aproveitou e cortou-lhe a cabeça.

Róta eletrocutou um vampiro que se dirigia para suas amigas Valkyrias.

Kenshin gritou ao sentir uma punhalada na coxa.

Gúnnr tirou seu arco Valkyrico e começou a trespassar os que vinham. Dobravam-os em número!



Um dos vampiros tirou uma pistola e se dedicou a dar tiros. Ardan se centrou nele e, enquanto desviava as balas com as lâminas metálicas de suas espadas, caminhava com o rosto virado para o nosferatu.

Havia vampiros que não sabiam lutar, e outros que não tinham poderes. Dependendo do vampiro que os transformasse. Este não sabia fazer nenhuma coisa nem outra.

Uma bala alcançou o highlander no estômago e se dobrou sobre si mesmo, mas, dando um salto para diante, cravou-lhe o ombro no esterno e o atirou ao chão. Sentou-se sobre ele, colocou os cantos de suas espadas em sua garganta e fez um movimento de tesouras que arrancou pela raiz o pescoço de seu corpo. Um a menos.

Os lobachos eram melhores lutadores que os vampiros neófitos como esses. Eram mais agressivos, tinham mais raiva e gozavam de mais corpulência.

O tridente estava atrás deles, com as palmas para frente como se a qualquer momento fossem expulsar raios de suas mãos. O que haviam feito era controlar as balas que tinha disparado o vampiro para que não ricocheteassem nos vidro e perfurassem a paisagem. Agora, o chumbo levitava como neve suspensa diante deles, dirigiram as balas aos sobrelenhos dos lobachos, e os atingiram, perfurando o crânio e causando-lhes dor e confusão.

Gabriel e Gúnnr aproveitaram esse momento para derrotá-los. Gabriel cortava tudo o que encontrava em seu caminho, e Gúnnr os trespassava com suas flechas de trovão.

Kenshin ficou olhando o final do túnel, alertado pelo ruído de um motor. Seiya e quem fosse que estivessem com ele tentavam fugir, os grandes covardes.

Bryn se agachou para esquivar o chute de um vampiro e se colocou ao lado de Ardan. Ardan deu uma cabeçada no vampiro, levantou-o como se fosse um tronco, e o fez cair sobre seu joelho para partir sua coluna. Logo arrancou seu coração e o atirou ao chão.

— Segure-se em mim, Ardan! — O highlander pôs a mão em seu ombro — Acima, todos! — exclamou Bryn.

Gabriel e o Tridente se penduraram no teto do túnel de vidro tão rápido como puderam.

Róta e Kenshin eram os que estavam mais adiantados. Róta entrelaçou os dedos com ele para que o samurai não se electrocutasse. As Valkyrias eram para seus einherjars como pára-choque elétricos, sempre e quando estivessem em contato com eles quando se emitisse a descarga.

Bryn deixou ir suas ondas elétricas pelo chão com tanta potência que inclusive o vidro que cobria o aquário retumbou. O cabelo da valkyria e de Ardan ondeava pela emissão de energia eletrostática. Os vampiros e lobachos que restavam em pé se electrocutaram e foram caindo um a um.

— Continue você, Miya! — Gritou Gabriel fazendo rodar suas espadas por cima de sua cabeça — Nós acabamos com isto!

Kenshin e Róta assentiram e chegaram ao final do túnel. Havia várias portas, mas Róta recordava qual era a que levava a câmara.

— Por ali! — assinalou a porta azul escuro que havia ao lado da sala de motores.

Quando abriram a porta encontraram uma câmara sub-aquática cheia de caixas e arcas pequenas com material para os mergulhadores do aquário. Havia botijões de oxigênio, trajes de



neopreno e as varas que utilizam os alimentadores de tubarões para poder alimentá-los. Uma comporta circular permanecia aberta no chão e a água do mar se agitava e salpicava no interior da câmara, independente do lago no qual se achavam os tubarões e toda a fauna do aquário.

Já não havia ninguém, nem sinal das duas caixas nas quais se achavam os totens.

Róta apareceu na comporta para ver o interior da água. Havia um rastro de diesel na superfície. Olhou para Kenshin com cara de aborrecimento.

—Fugiram pelo a... Arg!—uns braços de etones, negros, esbeltos e escorregadios a agarraram pela nuca e a meteram no mar.

— Róta! —gritou Kenshin. Atirou-se de cabeça para ir em sua busca.

Abriu os olhos sob a água e a viu. Três etones a arrastavam e a afastavam dele.

A estavam levando, maldição!

Mergulhou e esperneou como pôde, tinha que alcançá-la, mas algo rodeou seus tornozelos. Purs! Puta que pariu! De onde saíam?!

Kenshin chutou a cara de um ao mesmo tempo que dava braçadas largas para avançar. Começavam a lhe arder os pulmões. Estava perdendo tempo! Já não via o cabelo vermelho da valkyria.

Outro purs impactou contra suas costelas atordoando-o imediatamente, isso fez com que sua espada se escorregasse de seus dedos e caísse ao fundo do rio.

Miya expulsou o ar pela dor. Tentou recuperar a espada, mas não podia perder mais tempo. Levaram sua mulher. Róta estava em perigo! Tirou o *Tanto* das costas, a pequena adaga que carregavam todos os samurais, agarrou a cabeça do purs que o privava de seguir avançando e estrangulou-o com o braço esquerdo. Com a adaga na mão direita dirigiu a ponta ao pescoço do devorador e o cortou. O corpo degolado e sem vida do jotuns se afundou pouco a pouco.

Miya deu a volta e encarou ao último purs que o impedia de se mover como ele queria. Levantou a adaga e a cravou no crânio. O purs o soltou e lutou por tirar a adaga da cabeça. Miya desembainhou sua chokuto e atravessou seu coração com ela.

Nadou como pôde com a chokuto em uma mão e o *Tanto* na outra. A ansiedade o estava matando. Sua valkyria... A tinham levado.

A Róta não podia acontecer nada. Se alguma lhe acontecesse, ele... ele morreria de tristeza. Ele não queria viver.

Não permitiria, recuperaria-a. Saiu à superfície e se encontrou no meio do Rio Forth. O Forth Bridge ficava sobre ele, rindo de seu desgraça, tão grande e inabalável que, pela primeira vez, o vanirio se sentiu muito pouca coisa.

Ainda era cedo, não eram mais das sete da manhã e o céu estava tão encoberto como a alma de Kenshin. Deu várias voltas sobre si mesmo, olhando de um lado ao outro, esperando encontrar algo que indicasse por onde se foram.

Inalou esperando receber o aroma de amora de Róta, mas só cheirava a água e a umidade. Pressionou o comunicador, mas não funcionava depois molhado.

Deixou cair a cabeça para trás e se encheu os pulmões de ar:

— Róta! —saiu da água e se elevou sobre a superfície.

— Miya! —era a voz de Aiko.



O samurai deu a volta. A água jorrava de sua cabeça aos pés, e em seu pálido semblante só se viam seus olhos cinzas assustados e cheios também de determinação. Sua irmã do clã se aproximava dele sobre uma lancha Lancia negra.

— E seus comunicadores? Os estive avisando! —disse a jovem vaniria preocupada com ele. Seus olhos tão grandes e negros refletiam a mesma ansiedade que Miya.

— De onde tirou isto? —assinalou a lancha.

—Ardan me forneceu—respondeu com a serenidade e a têmpera que sempre a caracterizavam. Embora tivesse aspecto de adolescente, era toda uma mulher— Tem muitas alternativas.

—Certo.... Eles seguem dentro, Aiko. Levam... levaram Róta. Viu-os sair?

—Não. Mas esta lancha tem um radar via satélite que faz uma varredura geral do entorno de sessenta graus. Sabia que se os esperasse em céu aberto e pretendiam sair por debaixo da água, não os poderia localizar. Pelo contrário, o sistema da lancha tem um radar que detecta ameaças sub-aquáticas.

Kenshin subiu à lancha e se aproximou do monitor LCD retrátil que havia no console da embarcação.

— Vê? Aqui —assinalou o radar de ondas eletromagnéticas— Olhe, há dois objetos vermelhos em movimento e nós estamos aqui.

—Não estão muito longe —disse Kenshin secando a água dos olhos— Por que não os vemos?

—Por que estão sob a água. Têm muita velocidade de deslocamento. Mas se dermos velocidade a este traste, podemos alcançá-los. Corre muito.

—Fique aqui, Aiko. —Ele iria atrás de Róta. Abaixo ainda haviam guerreiros lutando e não podia perder mais tempo— E avise aos outros para que me deem uma mão. Ficaram no túnel, mas há purs e etones e não sei se os seguem incomodando. A comporta da câmara em que estavam os totens estava aberta. Por aí eles saíram eles e um par de etones levaram Róta. Avise-os. Os devoradores podem entrar por ali.

—De acordo —respondeu ansiosa— Quando os encontrar, Kenshin, pegue o rojão de luzes da luz vermelha e lance-o. Nós a divisaremos e iremos para lá.

— Kenshin? —o samurai ficou perplexo. A última vez que o tinha chamado Kenshin, era humano— Me chamou de Kenshin? Fazia séculos que não me chamava assim.

Aiko sorriu timidamente e duas covinhas se marcaram em seu queixo.

—Fazia séculos que não era você. Encontre-a, Kenshin. Ela é para você, não permita que lhe arrebatem isso.

Kenshin assentiu e apertou a mandíbula quando viu a jovem levitar sobre a lancha e o animar com o olhar enquanto dava a volta e se dirigia ao *Deep Sea World*. Aiko sempre seria uma menina para ele, mas era a guerreira mais fiel que tinha conhecido. Era como seu irmão Ren, tinha o mesmo espírito e a mesma honradez.

Kenshin se lembrou de seu amigo e jurou que recuperaria Róta, não só por ele mesmo, mas sim porque, se não o fizesse, a imolação de Ren não haveria servido de nada.



Pôs a velocidade de cruzeiro a cinquenta nós e apertou o botão na alavanca do acelerador. A lancha modificou a inclinação do eixo de transmissão para aumentar a rapidez e saiu disparada.

Kenshin navegou pelo fiorde de Forth como o diabo levado pelo vento. Transpassou o rio Forth e chegou à desembocadura do mar do Norte. O mar estava bravo e agitado. O clima nublado e os relâmpagos que apareciam no céu ameaçavam com uma tormenta, tal e como haviam dito as previsões meteorológicas.

Seguia os objetos em movimento e não tinha nem ideia de onde se dirigiam. Sua pobre valkyria teria os pulmões encharcados de água e estaria inconsciente. Não importava com o que estavam se movendo; o importante era alcançá-los, chegar até eles.

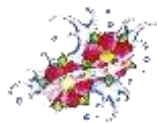
Imprimiu mais velocidade e o nariz da lancha se elevou outro par de mãos mais sobre a água.

De repente, os dois objetos se detiveram em um ponto no mar. Havia algo muito grande parado no meio do oceano, algo que era vinte vezes mais extenso que o tamanho dos objetos que perseguia.

No Led havia um computador de bordo com conexão a internet.

Procurou informação sobre algo que pudesse haver por essa área. Poderia tratar-se de um casco de navio militar ou algo submarino... Todos os alarmes dispararam quando através do Google Maps identificou o que se localizava nessa área.

Tratava-se da plataforma petrolífera Gannet Alpha.



Alguma coisa dura a golpeou no peito. Róta abriu os olhos desorientada.

Tentou agarrar ar, mas uma avalanche de água saiu de sua boca e a fez tossir durante um minuto interminável. Doía-lhe a garganta e se sentia enjoada.

Não sabia onde estava, mas a tinham amarrado a uma espécie de tubo metálico bastante grosso que estava ancorado em uma plataforma sobre o mar.

Cheirava muito estranho; era um fedor forte que se pegava às fossas nasais e intoxicava os pulmões. Franziu o cenho e tentou abrir e fechar os dedos das mãos, mas as tinha atadas completamente, como se tivesse cotos.

Seus olhos azuis se abriram de par em par e suas pupilas se dilataram. O que via não podia ser verdade. Diante dela havia dez homens igual a Seiya. Dez clones vestidos com roupa de neopreno negra. Dez machos que a olhavam sem nenhum tipo de alma nos olhos, justo como fazia o gêmeo mau.

Estremeceu ao ver-se rodeada por eles. Antes havia dito que já não temia a nada. Pois bem, essa imagem era demais, embora não pensava intimidar.

Escutou o som de uma hélice e elevou a cabeça. Do lado direito, em uma área mais alta em que havia um heliporto, Seiya, Seiya o original, estava se despedindo de um cara que se parecia



com o Marilyn Manson, o mesmo homem magro e moreno que tinha visto em sua última visão psicométrica.

O tipo estava se metendo no helicóptero com uma das caixas dos totens.

E era a lança. Não havia dúvida alguma porque o que Seiya tinha em mãos era a espada de Frey, Seier.

Rota sentiu uma ligeira satisfação ao estar tão perto dela; se tão somente pudesse pegá-la...

O helicóptero elevou o voo e ao mesmo tempo duas lanchas de alta velocidade se afastaram da base daquela construção, afastando-se do Reino Unido.

Seiya deu a volta e a olhou com um de seus sorrisos sem vida.

Róta engoliu em seco, mas não se desviou do seu rosto.

O traidor tinha mau aspecto, não parecia que a espada lhe fizesse bem.

Róta sorriu por esse fato, desfrutando de seu mal-estar. Estava com olheiras, tinha os lábios pálidos e a pele azulada.

Seiya se impulsionou nos calcanhares, saltou do heliporto e caiu de quatro na torre em que se achava Róta. Caminhou para ela arrastando a ponta da espada, com as pupilas dilatadas e uma expressão de loucura no olhar.

Róta sabia. Sabia que ia sofrer até que Kenshin não chegasse e a resgatasse, e mentalizou para suportar o que Seiya tinha preparado para ela.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Seiya se aproximou da Valkyria e jogou seu fôlego fétido na cara.

A jovem sentiu uma repulsão instantânea. Estava nas mãos daquele bagulho que a havia espancado, maltratado, humilhado e manipulado mentalmente, e entretanto, longe de sentir medo, só sentia asco e uma profunda indiferença. Nem sequer rancor.

Só indiferença amadurecida com um pouco de ódio.

Loki, Nig e todo aquele que tivesse participado para tentar criá-la para que pudesse pertencer a esse gêmeo malvado se inspirou em teorias errôneas e foi baseado em coisas boas. Ela jamais, jamais poderia amar a um cara como Seiya. Nunca se entregaria a ele por própria vontade.

E ninguém deveria se achar com a liberdade para manipular o coração e os sentimentos de nenhuma pessoa.

Nem a magia, nem as profecias, nem o impulso psicopata do Vigarista iam fazer com que ela, Róta, deixasse de amar Kenshin como o amava. Dele era seu coração e, se perecia nesse lugar nas mãos de seu irmão, morreria tendo entregue toda sua melhor vontade e tendo aberto suas asas, suas asas valkyricas, só com ele.

Seu amor a tinha renovado e a feito sentir que sim, podia amar alguém incondicionalmente, que sim, que podia acreditar no amor e que a espera, embora tivesse sido longa, havia valido a pena.



—Olá, amor —grunhiu o vanirio afundando seus dedos sem nenhuma delicadeza no cabelo de Róta— Se alegra de... nos ver? —assinalou a todos os clone que havia na frente dela.

—Tanto que tenho vontades de vomitar —respondeu desdenhosa olhando à frente. Nublava-se e sentia a língua seca. O que tinha lhe dado?

Seiya sorriu com frieza.

— Sabe o quê? Poderia ter sido minha. Você... foi feita para mim, não para o imbecil do Kenshin. Seus genes... — deslizou os dedos pelo decote, cravou as unhas e a arranhou, desfrutando da dor que escurecia o rosto da jovem—... A escuridão desse nigromante, o momento em que a conceberam, as premissas de Loki...Tinha tudo, maldição. Pensava brandir esta espada contigo a meu lado no Ragnarök. O que falhou? —se perguntou lambendo as unhas cheias do sangue da valkyria.

—Vejamos... Recito toda a lista?

Seiya a esbofeteou e lhe mostrou as presas.

— Estragou todo meu plano, puta! Melhor que guarde essa língua. Estragou o plano com os servos no Urquhart; estragou-me o controle dos ovos dos Purs e etones faz duas noites no Forthrail Bridge, quando bebeu de mim. Acreditava que voltaria por mais, que vinha por mim porque me reconhecia como seu verdadeiro companheiro —murmurou contrariado—, mas não o fez. E não falharia se dissesse que, por beber de meu sangue, sabia sobre o túnel aquático e também sobre nossos laboratórios sob o bosque de Galloway. Estou errado? —Róta sorriu sabendo que isso o incomodaria— Ontem de noite se meteram na prova de sangue e explodiram o laboratório subterrâneo... Surpreendente, verdade? Não negará que a prova é algo fascinante. Tinha-lhes ocorrido alguma vez? —Inquiriu, pedante— Tudo o que estamos conseguindo é maravilhoso. Dentro de pouco os humanos não encontrarão evidentes diferenças entre eles e os vampiros.

—Ah, mas há... Vocês fedem a ovos podres.

—Se cale, vagabunda. E sim, conforme-se com isso —lhe deu um puxão no cabelo que a obrigou a torcer o pescoço para um lado—, depois de me atrapalhar uma vez depois de outra, hoje mesmo, que tinha decidido acabar com os planos do Reino Unido enquanto tivesse Seier comigo, sem importar se sua energia me deixava exaurido ou não, vão e se adiantam, apresentando-se justo no momento em que ia me realizar com ela e empenhá-la. Menos mal, pequena putinha, que às vezes as coisas não saem tão mal como parecem... Os ovos de purs que mais cresceram no rio do Forth se abriram bem a tempo e me trouxeram um formoso presente. Você... —soltou uma gargalhada— Sabe o que vou fazer contigo? —Róta lambeu o sangue que tinha no comissura do lábio— Vou fazer com que pague por tudo o que me fez.

Oh, sim. Seiya a mataria. Estava convencida disso. Já não poderia vincular-se com ela pois Kenshin e ela tinha o *Comharradah*. Por mais que bebesse seu sangue nunca poderia obter seu sangue, e esse detalhe era básico para que se cumprisse a profecia. Róta nunca seria a *chokuto* de Seiya. Por isso, que o gêmeo conduzindo o Seier estava prejudicando desse modo.

— Acha que meu irmãozinho se tornará louco quando te ver morrer?



—Ele virá por mim —o assegurou— E quando... quando o fizer, palhaço, vai te partir ao meio. Você já não pode cumprir a profecia. Seier o... está consumindo. É o que acontece quando manipulam os totens aqueles que não —ênfaticamente malignamente—, são escolhidos para isso.

O vanirio desalmado começou a rir.

—Ao menos terei acabado com vocês e de passagem terei ajudado Loki. Serei recordado. Não duvido. Sabe, valkyria? Kenshin sempre acaba perseguindo as mulheres e todas lhe escapam das mãos, não sabia? —As ondas arremetiam contra a plataforma, e o vento se levantou com mais fúria que antes— Mas você já estará morta quando ele vier, e eu me encarregarei de que te veja sofrer. Possuo a espada de Seier, ninguém pode ganhar; se me consumir ou não, não me importa. Uma vez que a tenha matado e tenha obtido o que quero de você, não perderei tempo. Vou provocar o caos na Terra e acabar com todos até que Seier —observou a espada com regozijo—, leve meu último fôlego. Os samurais morrem com honra.

—Sim, eles o fazem. Mas eu aqui não vejo nenhum samurai.

— E acha que Kenshin é?! Esse maricas. Vencerei-o, Róta, e não precisarei lhe cravar nenhuma espada para isso. Conformarei-me com que te veja morrer e deixarei que sua dor acabe com ele. Verá —murmurou sobre seu ouvido—, isto já não é mais sobre ter ou não ter a espada, de ser ou não ser o escolhido. Isto vai fazer parte da história de Midgard, de constar nela como um grande.

—Como um grande da destruição, como um genocida, a isso se refere?

—Prefiro ser recordado como o que for a ser esquecido como se nunca tivesse vivido uma eternidade entre seres inferiores a mim. Sabe? Estão desenhando uma luva para que o efeito da espada se rebata e meu corpo o possa assumir, mas sei que não vai funcionar. Seu sangue me serve para fazer as provas; pensei que com os dois frascos que enchi de você em Chicago, estudei-os para averiguar o que havia nela que fizesse que eu pudesse sustentar a espada sem que me machucasse. Mas não encontrei esse elemento que possa me fazer imune ao Seier.

“Claro que não”, pensou Róta. “Porque a chave não está no sangue. A chave está nos sentimentos, no coração”. Sorriu e se lembrou do olho da fechadura que tinha Kenshin tatuado no peito.

A espada de Seier tinha uma lenda relacionada com a luta pelo companheiro que se amava. Uma vez, Frey entregou a espada da vitória a Skírnir, um dos serventes preferidos de seu pai Njörd, comtanto que em troca comunicasse a Gerda, a linda dama das luzes do norte, que queria casar-se com ela. Frey, por amor, desentendeu-se da espada, sacrificando assim sua alma para que Gerda o aceitasse em matrimônio. E assim foi. Frey ganhou a bela Gerda e agora viviam juntos no Álfheim. Além disso, com o tempo, recuperou a Seier porque os elfos a requeriam em seu templo dos totens e a arrebataram de Skírnir porque não aceitavam que essa arma tão apreciada fosse tocada por alguém que não fosse seu venerado deus Frey.

E na atualidade, um transformista tinha roubado o Seier e agora a espada estava nas mãos de um desalmado.

—É certo que é filha de uma semideusa, filha por sua vez de uma ninfa. Os totens só podem ser tocados por semideuses, mas este em concreto somente responde àquele que se vinculou —deu de ombros— Eu já não sou esse homem — fingia uma tristeza que não sentia— e seu sangue



tampouco me serve muito. Assim, Róta querida, importa-me pouco que seja ou não seja minha *partenaire* neste enterro. Não obstante, não fingirei que não sofri uma grande decepção. Esperei muito tempo por você, suportei a sede de sangue porque acreditava que viria para mim. Agora não me importa manter minha alma.

—Vendeu-a faz séculos.

—Sim—sorriu abertamente— Muito certo.

— Por que clonou a si mesmo, Seiya? Não me diga isso, já sei —sorriu para provocá-lo—, você adora formar orgias e dar o traseiro.

Desta vez foi um murro no estômago o que chegou com força e a deixou sem respiração.

—Não... Hipótese errônea —suspirou ele— Eles continuarão até onde eu não possa chegar. Tenho um pouco de resistência com o Seier, por isso meu corpo era compatível, como o do Kenshin. Meus clones farão o trabalho que eu não puder fazer. Aguentam mais em contato com a espada que um vampiro, um lobacho ou um eton... porque têm minha mesma genética.

—E são igualmente lerdos como você. Um deles inclusive baba. Vi-o com meus próprios olhos.

Seiya arqueou a sobancelha, perdendo a paciência.

—Vejamos —desatou suas mãos e agarrou uma delas entre a sua maior— Sei que está enjoada pelas drogas. Não quero que lance raios com suas mãos e agora é virtualmente incapaz de fazê-lo... Mas, sabe o que quero de você? Quero somente que responda algo.

—Vá à merda —Seiya retorceu a pulso e ela gritou ao sentir os ossos e os músculos cedendo à força.

—Valkyria má, vai morrer de todos os modos. Posso fazer com que morra rápido ou lentamente. Com dor ou —lhe retorceu mais o pulso— com menos dor. Loki a quer por seu dom. E eu quero que me ajude a obter essa informação tão apreciada que ele e Hummus necessitam, assim que —lhe abriu os dedos da mão e pôs uma corda com um pedaço de marfim atravessado nela— Tocar isto e me dizer o que vê.

Róta fechou os olhos com força. Se ia matá-la de todos os modos, e além disso Kenshin não tinha nenhuma possibilidade de ganhar de seu irmão enquanto tivesse o Seier com ele, que merda tinha que lhe dizer? Não pensava ajudá-lo em nada. E o que era esse pingente de marfim?

—Não.

—Róta —Seiya lhe partiu a pulso e Róta sofreu uma vertigem por causa da dor— Acha que estou brincando? Dê-me a informação que necessito!

A valkyria se negou fracamente. Não pensava se deixar utilizar para o benefício de Loki. Não iam obter nada dela, não lhes daria esse gosto.

— Faça, maldita! —Seiya a golpeou de novo.

A cabeça da valkyria se torceu para um lado e o cabelo vermelho e úmido ocultou-lhe o rosto. Tossiu e mordeu o lábio com raiva. Com lentidão, medindo cada um de seus movimentos, elevou seu rosto com dignidade e o olhou entre seus grossos cílios mogno. Os olhos tinham avermelhado. A fúria queria estalar, mas a droga a aturdiu.



Disso se tratava? De resistir? Pois se esse era o papel que ela ia jogar, o gêmeo mau aprenderia que estava diante de um osso duro de roer. Não pensava ceder. Não ia se render. Não a dobrariam.

Não o faria porque todos seus amigos confiavam nela. Não o faria por Bryn e seus sacrifícios por ela, por sua fé cega. Não o faria por Gúnnr, pelo muito que a apoiava sem condições. Nem sequer por Engel, não o decepcionaria. E acima de tudo, não o faria por Kenshin. E, se alguns tinham suas reservas, então ela ia lhes dar uma razão de peso para que deixassem de tê-las. Seu silêncio. Sua lealdade. Não tinha nada melhor a lhes oferecer.

Agarrou ar. “Toma ar... com o diafragma”, recordou as palavras de seu bondoso guerreiro aquela madrugada. Memorizou seu rosto e evocou o calor de suas mãos enquanto a tocava. Seu samurai único e amoroso tinha descoberto, talvez muito tarde, que estavam feitos um para o outro. Mas isso não importava. O importante era que haviam se conhecido, reconhecido e se entregado um ao outro sem reservas. Não haviam dito que se amavam, mas precisa?... Sim. Ela queria ouvi-lo, mas se o destino não queria que ela escutasse essas palavras, então se conformaria com tudo o que havia dito e feito. Por ele, por não decepcionar seu guerreiro com coração de espada, lutaria até o último fôlego de sua vida imortal.

Com a decisão e a segurança das guerreiras de Freyja, levantou a queixo e declarou abrindo caminho entre a droga:

—Sou Róta, sacana filho da puta. Sou filha de Freyja e dos trovões de Asgard, *nonne* de minhas *nonnes*, a Valkyria que tudo vê, e tenho muita resistência. Dou minha vida aqui e agora por todos aqueles que amo e que respeito, assim me golpeie quanto quiser. Não o temo, perdedor, porque — elevou o queixo — você nunca poderá me pôr de joelhos.

Seiya abriu os olhos e empalideceu pela raiva que lhe inspirou o descaramento daquela mulher. Não tinha respeito por ele. Com um tic do lábio fechou os dedos de sua mão maltratada com os dele e os apertou para que sentisse o calor daquela peça de marfim até que cravou em sua palma e se introduziu em seu sangue.

—Vai ver o que quero que veja, bruxa —grunhiu puxando seu pescoço para um lado e expondo sua nítida garganta— Nem sequer precisa que me diga por sua boca. Verei em seu sangue. Com o marfim no interior de seu corpo, vamos ver se é capaz de me negar isso. — a mordeu rasgando a pele e começou a beber como um ávaro.

Róta fechou os olhos e duas lágrimas imensas se deslizaram por seus bochechas.

Havia algo mal nesse momento, algo errado; e sem saber muito bem porquê se lembrou da canção de *9 Creme*. Tinha-a escutada centenas de vezes, outorgava-lhe dramatismo a seus pensamentos no Valhalla. Mas agora, como faziam as séries norte-americanas, imaginava o momento em que Kenshin a resgatasse, correndo para ela em câmara lenta, esquivando clones e gritando seu nome. E de fundo, no estrondo da batalha, ouviria-se essa triste canção. Porque, contrário a todos os finais felizes que ela havia imaginado, desta vez, ela teria morrido.





Kenshin tentava comunicar-se mentalmente com Róta, mas a mente da Valkyria parecia perdida entre brumas e uma espessa névoa. Isso acontecia quando estava sob o efeito de alguma droga. Malditos sacanas!

Rezava. Rezava às sete deidades da boa sorte para que Róta resistisse.

Já chego, querida. Aguenta, aguenta, bebê!

Mais à frente do horizonte, entre as ondas que alcançavam alturas consideráveis, divisava-se uma plataforma amarela de metal fixa com várias planta interconectadas por tubos. A estrutura estava fixa afiançada no fundo do oceano, tinha um heliporto e uma pequena torre de comunicação.

Era um risco ter uma briga ali mesmo e Kenshin pensou que não o teriam pego ao azar. Se a planta fosse destruída, a evacuação do petróleo provocaria uma das catástrofes naturais mais importantes da história.

Não obstante, também poderiam utilizá-la porque contava com um heliporto, com o qual poderiam ter levado algo ou alguém daí.

Agitou a cabeça nervoso. E se tornaram a levar Róta?

Este pensamento sumiu de sua mente quando viu uma mulher de cabelo vermelho atada a um desses tubos, inconsciente e com o rosto cheio de sangue, e Seiya desatando-a rapidamente. A seu redor, dez guerreiros igual a ele estavam preparados para apresentar batalha.

Kenshin deixou de respirar. Entrou em uma borbulha de silêncio e introspecção em que via em câmara lenta, o que seu irmão fazia com sua mulher, com o amor de sua vida, sua *Hanbun*. Via em velocidade super lenta, como Seiya se girava para ele com Róta inerte entre seus braços. Tinha-a segura pelo cabelo e a sustentava assim. Róta se mantinha em pé, tinha todo seu corpo cheio de sangue... Seiya elevou a espada de Frey, dourada com incrustações preciosas e resplandecentes, e o assinalou com ela. Sua boca se moveu emitindo uma ordem a alguém.

Mas Kenshin não escutou o que disse. Vinham por ele? Suas clones vinham a ele? Tinha posto a Lancha à máxima potência e estava a ponto de se chocar contra a base da plataforma e ainda assim, não prestava atenção porque seus olhos prateados somente estavam fixos nos olhos fechados e fundos de sua valkyria. Os seus se encheram de lágrimas ao ver o mau trato que a tinham submetido.

Seiya a sacudiu de um lado a outro e gritou alguma coisa ao ouvido enquanto o olhava.

Kenshin tinha toda sua atenção na valkyria, dela e de ninguém mais.

Seu irmão miserável ia matá-la.

Com um grito esmigalhado e cheio de dor e desespero, impulsionou-se e saltou da lancha, deixando que esta colidisse na base da plataforma.

Voou com os olhos úmidos de pranto e angústia, e chegou à planta em que se encontrava Róta.

Kenshin levou uma mão ao *Comharradah*, formigava-lhe e o ardia o pescoço.

Correndo para ela com impaciência e o rosto compungido pela aflição de sentir a dor de sua mulher, não esquivou o primeiro golpe.



Dois clones avançaram sobre ele, um nos joelhos e o outro, no peito. Kenshin escutou seu joelho ceder pelo golpe e romper-se. A rótula fraturou. Mas não podia defender-se, fazê-lo não era importante. O importante era chegar até ela. Róta seguia viva?

Deu uma cotovelada no septo nasal do clone que tinha uma réplica de Seier entre suas mãos e que tinha cortado seu tórax com ela. Ao fazê-lo, enquanto seguia coxeando sem perder seu objetivo, partiu o pulso do clone e agarrou sua espada.

Seiya sorria. Estava rindo dele, e tentava ferir seu orgulho como se isso importasse. Que pouco sabia seu irmão dele.

Não. Ele somente valorizava a vida. A vida de sua *Oni*.

Por isso, quando estava a só dois metros deles, tampouco viu vir o clone que tinha atrás dele e que lhe atravessou as costas com sua espada, fazendo com que Kenshin grunhisse, dobrasse sobre si mesmo e se prostrasse diante de Seiya jogando sangue pela boca.

Seu irmão levantou a mão com calma, como se fosse um rei, para que os clones deixassem de atacar. E todos obedeceram.

—Se olhe —os cantos de seus lábios se elevaram com rabugice— Dá pena, Kenshin.

Kenshin rodeou a lâmina da espada que tinha atravessada em seu estômago e a deslizou para trás até tirá-la de seu corpo. A espada tilintou no chão.

—Dou minha vida pela dela. Solte-a, Seiya. Isto é entre você e eu...

O aludido zombou e riu.

—Tão bichinha como sempre.

—Seiya —Kenshin estava rogando, fazendo algo que sempre prometeu que nunca faria— Rogo-lhe isso... rogo isso... Me tem ! —gritou desesperado levantando-se e aproximando-se deles.

Seiya levantou uma sobrancelha e seus olhos se encheram de malícia e frieza. Deu de ombros e estirou o braço para ele, aproximando-lhe o corpo de Róta com esse movimento. Kenshin odiava o modo em que tinha agarrado o cabelo de Róta; sustentava-a como se tratasse de um coelho morto.

—Se tanto a quer —grunhiu Seiya com prazer— Toma-a!

Seiya atravessou Róta com a espada, à altura do peito. Esta, ao sentir que lhe escapava a pouca vida que ficava abriu os olhos. A ponta de Seier emergiu por onde devia ir o coração e ela olhou para baixo enquanto lutava para agarrar ar, piscando incrédula.

E logo, não contente com isso, o traidor girou a espada para romper com segurança o que fosse que tivesse atravessado. Róta girou os olhos e sua cabeça caiu de forma incômoda para trás.

— Não! —O grito de Kenshin se escutou em todo o mar do Norte— Não! Não! Róta!

Seiya lançou com força o corpo da Valkyria ao mar.

Kenshin correu como pôde, saltou pela plataforma e a alcançou no ar.

Os dois caíam no mar.

O samurai a abraçou contra ele, querendo lhe insuflar vida com esse gesto. Passou-lhe as mãos pelo corpo, tentando que o *helbredelse* dos casais com *kompromiss* a sanasse... Mas Róta não reagia.

Não podia ser. Não podia ser, repetia-se.

Encerrou-a entre seus braços e deixou que ambos se abandonassem ao mar de cabeça.



Enquanto a tinha abraçada olhou seu rosto. Estava inchado pelos golpes, e tinha cortes por todos os lados... A última vez que a tinha tido assim, ela estava relaxada entre seus braços, faziam amor e seu rosto estava ruborizado pelo esforço físico.

A última vez que ele a teve assim, havia dito que sabia que estava assustada por seus clones. Não, ele não estava assustado por isso. Ele temia por ela.

Quando seus corpos se inundaram, Kenshin não lutou por espernear e emergir à superfície. Desejou que a água lhe enchesse os pulmões e que isso deixasse-o inconsciente, abraçado a Róta, acreditando que seu aroma de amora permanecia e que Seier não a tinha prejudicado. Mas sim o tinha feito.

Preferia a inconsciência e o esquecimento sob o mar a despertar e saber que Róta tinha morrido. Porque viver sem Róta era morrer em vida.

A última vez tinham rido e brincado, descobrindo um ao outro como o que eram. Autênticos companheiros.

A última vez lhe tinha afirmado com segurança que a ela não poderiam enganar. E era verdade. A ela não a tinham enganado, não tinha se deixado enganar como ele.

O que importava Midgard se não tinha o que mais amava com ele? O que importavam-lhe os humanos se perdia sua humanidade com a morte de sua companheira?

A última vez que a tinha abraçado, Róta o tinha chamado “coco” justo depois de lhe dizer que Freyja afirmava que a profecia era mais literal do que acreditavam.

A água salgada do mar apagou suas lágrimas e pouco a pouco se deslizou pelo interior de seu nariz e sua garganta.

Freyja, a deusa Vanir, havia dito que a chave estava na profecia.

Que a profecia era literal.

Kenshin recordou as palavras que tinha gravadas a fogo em sua alma.

Os Futago compartilharão uma chokuto com corpo de mulher.

Essa chokuto era Róta.

A mulher dupla dos Futago decidirá se chegarão os dias de luz ou de escuridão.

Róta tinha o poder de inclinar a balança dependendo a quem escolhia. Mas foi ele o escolhido. Portanto, os dias de escuridão não podiam chegar. Entretanto, se ela morresse, chegariam com certeza.

As espadas dos deuses se elevarão, os mares se agitarão.

As espadas dos deuses se elevarão. Seier estava nas mãos de Seiya e tudo estava ocorrendo no mar do Norte.

E sob a tormenta só um elevará a voz como o herdeiro do raio, da terra e do mar.

Sem dúvida, a tormenta tinha enraizado fortemente sobre o mar.

Seiya tinha elevado a voz? Era uma profecia literal, não?

Sua mente, que começava a trabalhar entorpecida pela inconsciência, se obcecou com uma frase: *As espadas dos deuses se elevarão...*

As espadas dos deuses se elevarão ... Kenshin abraçou Róta com mais força, resistindo os espasmos de seu estômago e seus pulmões.



Espadas? Espadas era plural. Só se conhecia a Seier. Seier era a espada de rei, não era uma espada que pertencesse a ninguém mais.

Por que a profecia não dizia *“Se elevará a espada do deus”*?

Kenshin abriu os olhos sob a água. O cabelo vermelho da Róta ondeava a seu redor. Ele a olhou e lhe acariciou o rosto com mão trêmula. O silêncio do mar era intimidante.

Seria possível que...?

E sob a tormenta só um elevará a voz como o herdeiro do raio, da terra e do mar. Raio, Terra e Mar.

O herdeiro do raio só devia ser o gêmeo que pertencesse à Valkyria, as guerreiras dos raios, os trovões e os relâmpagos. Quem se não ele ia ser o herdeiro do raio? Só ele. Porque ele era o herdeiro do coração de Róta.

Os pés do vanirio se sacudiram por si só e começaram a espernear para sair à superfície. Era uma loucura, mas, o que podia perder?

Freyja dizia *“Literal”*. E se a deusa Vanir falava de literalismos, ele não podia evitar. A chave estava na profecia.

Kenshin saiu à superfície com sua Valkyria sem vida nos braços. A chuva e os relâmpagos sobressaltavam o mar com força e as ondas o engoliam.

Olhou ao céu com os olhos cheios de lágrimas e pôs todo o coração e sua fé nas palavras que saíram de seus lábios.

— Não tenho pais, o céu e a terra são meus pais! — uma onda meio o inundou, mas ele saiu flutuando — Não tenho lar, a consciência é meu lar! Não tenho, a compreensão é minha riqueza! Não tenho segredos mágicos, o caráter é meu segredo mágico! — Beijou a testa de Róta com paixão — Não tenho corpo, a resistência é meu corpo... Tenho... Tenho que resistir — disse, e agarrou ar para prosseguir — A lucidez é minha estratégia! Agarrar cada ocasião ao voo será meu projeto! Meu desapego pela vida é minha coragem! — Outra onda maior que a anterior o inundou de novo. Kenshin cuspiu a água salgada que tinha engolido e continuou seu oração. Ren a tinha ensinado no século quatorze e todos os samurais a tinham adotado como própria. Ren estaria com ele sempre — A acuidade é meu talento e o descuido meu inimigo! Não tenho amigos, mas aqueles a quem ajudo são meus amigos! Não tenho milagres, a ação correta no momento oportuno será meu milagre, merda! Não tenho armadura — grunhiu com voz rouca —, a benevolência será minha armadura! E, não tenho espada, maldição, mas meu desinteresse por mim mesmo será minha espada! Eu sou — exclamou enfrentando o céu e seus próprios demônios — Miyamoto Kenshin! Filho de Himiko e do grande Daïo Miyamoto Boidarushi! Eu, só eu — enfatizou com ênfase —, sou coração de espada! O autêntico herdeiro do raio — juntou sua testa à de Róta e a beijou nos lábios com força para acrescentar logo —, a terra e o mar! — Deixou ir todo o ar de seus pulmões nessa última reivindicação.

As ondas deixaram de o atacar e de empreendê-la com ele. A água em um raio de dez metros foi se acalmando gradualmente enquanto, a seu redor, as ondas seguiam reanimando com energia.

Kenshin centrou seus olhos prateados e ficou em choque quando, depois de um penetrante silêncio, justo em frente, emergiu uma rocha do tamanho de um trailer, e, sobre ela, uma espada



de um metro de comprimento cravado na pedra. Diante ela havia um homem japonês de cabelo muito comprido e negro e barba igualmente longa e da mesma cor, com uma túnica dourada, tão seca como estava ele. Tinha uma diminuta tiara na testa e o olhava com a serenidade e a compaixão que os Mestres dedicavam aos discípulos.

Kenshin sacudiu a cabeça e abriu e fechou os olhos repetidamente. Um homem acabava de sair do fundo do mar sobre uma rocha gigante com uma espada cravada nela? Morreu e estava em uma espécie de limbo psicótico?

—Miyamoto Kenshin —disse o homem com uma pronúncia perfeita, assentindo com felicidade—Sou Susanoo.

Kenshin se viu elevado sobre o mar, e depois sentado sobre a rocha, com Róta em seus braços e sem vida.

Susanoo?

— Sabe quem sou?

—*Hai*—disse consternado—, Susanoo, o deus do mar, das tormentas e das batalhas.

—*Hai*. Irmão de Amaterasu, a deusa do sol e do Tsukuyomi, o deus da Lua. Você elevou a voz como herdeiro do raio, da terra e do mar?

—Sim, fui eu.

Susanoo assentiu e olhou ao céu com aborrecimento.

—Esses deuses nórdicos vão acabar com minha paciência —clamou fechando o punho e elevando-o torpemente— Freyja é uma intrometida. A encantam os jogos e as surpresas.

Kenshin não podia rebater tal afirmação, mas em defesa de Freyja, somente podia lhe agradecer. Tinha lhe dado a chave. Desviou o olhar para a plataforma, mas esta já não estava.

—Sei que você está agradecido com ela —assinalou Susanoo, aborrecido— Mas a iluminação devia nascer de você. Ela fez isso ficar muito fácil—grunhiu, cruzando as pernas e sentando-se na rocha— Esta profecia fala de nós, do Japão, não dos povos nórdicos, nem de Odín nem seus tolos Vanir...

Kenshin levantou uma sobrancelha. Odín e seus tolos Vanir?

—Eu sou vanirio. —Olhou a seu redor. A plataforma de petróleo tinha desaparecido. O mar estava em calma e o céu tinha uma das maiores luas que jamais tinha visto. Um impressionante dragão azul bordeava a rocha e de vez em quando aparecia a cabeça. O samurai não podia acreditar no que estava vendo.

—Antes de vanirio, é filho do Japão. É neto de Kushinada e meu.

Kenshin engoliu em seco e olhou fixamente ao deus. Como disse?

—Isso é impossível —respondeu o samurai.

— Não é! —espetou o deus elevando a voz. Um trovão caiu justo sobre a espada e Kenshin abraçou Róta, protegendo-a das faíscas que tinha levantado— Não é por acaso que no Yamato asseguurassem que sua mãe Himiko era a viva imagem de Kushinada-Hime, minha mulher. Himiko era uma de nossas filhas.

— Que fazia a filha de um Deus na Terra?! —Perguntou sem compreender nada.

— O que faz a filha do deus maricas dos trovões na Terra? — Replicou Susanoo— Lutar, não? Cumprem seu papel. Himiko também fazia. Ela devia concebê-lo. O problema é que nunca



pensamos que ficaria grávida de gêmeos — cruzou os braços e olhou a ambos de cima a baixo— A dualidade no Japão é divina. Compreende? Uma vez que concebeu, morreu para que voltasse conosco, mas não podia matar nenhum dos dois. Compartilhavam o mesmo sangue e o mesmo corpo... E decidimos deixar os dois na Terra, e que o verdadeiro herdeiro da espada *Kusanagi* —a assinalou em frente dele. A espada era mais parecida com o estilo da idade de bronze que a uma katana. Era de aço negro, reta, de duplo fio e estava feita para ser empunhada com ambas as mãos—, erigisse-se como tal por si só. Por um momento, acreditamos que seria Seiya. Ele os havia traído, jogava sujo, mas tinha iniciativa suficiente para erigir-se líder. A minha irmã Amaterasu não gostou da alma nem do sangue-frio de Seiya; além disso, tinha utilizado o meu povo, o povo de Izumo para que acabassem com os Kofun —disse ofendido— Então, decidimos pactuar com Freyja que, por favor, o transformasse antes que morresse, senão, Seiya teria tarde ou cedo a Kusanagi, e a terra desapareceria na escuridão. Todos os deuses conhecemos o final dos tempos e ninguém quer que chegue o ranaroc.

—Ragnarök.

—É o que disse: Ranaroc —sorriu sabendo que não o dizia bem.

— Está-me dizendo que a deusa Vanir me transformou por vocês? Que vocês mediram isso?

—*Hai*. Isso mesmo. Então, ela os transformou em vainillos.

—Vanirios.

—Foi isso que disse: Vainillos —entrecerrou os olhos esperando outra insultante retificação que não chegou— Como disse, não podíamos matar Seiya e eliminá-lo da equação, mas não podíamos permitir que não tivesse alguém que pudesse pará-lo. Freyja te salvou imediatamente depois de sua última exalação.

Kenshin acariciou o rosto de Róta. Que a deusa o salvasse nesse momento, proibiu-o de reunir-se no Valhalla com sua Valkyria e rompeu o coração da jovem.

—Isto é incrível.

—A vida é incrível —replicou Susano—, e quem não se deu conta da mágica e o quão imprevisível é, é que está morto em vida.

— Eu sim estou morto em vida! —Exclamou levantando-se furioso com Róta nos braços— Não queriam que Seiya me matasse? Pois matou a minha companheira e eu não posso viver sem ela!

Susano acariciou suas longas barbas e inspecionou o corpo cheio de feridas de Róta.

—Tem má aparência —murmurou preocupado— Me esqueci que os vainillos morriam se matavam a suas mulheres... Que fracos —acrescentou para si mesmo— Mas nem tudo está perdido, Kenshin. Ela tem um fio de vida que ainda está latente.

O vanirio negou com a cabeça.

—Pode ir o mundo à merda, Susano.

—Susano. Tem que estender o *O* —retificou ele movendo os dedos com nervosismo.

—Não me importa. Essa é minha espada?

—*Hai*. É a Kusanagi. Pertence a você, é seu herdeiro.



—Não penso tocar essa puta espada —disse lhe mostrando as presas— se não me prometer que Róta viverá.

O deus levou as mãos à costas e refletiu sobre isso:

— Está me ameaçando?

—Tome-o como quiser. Róta é minha vida, meu coração. Se meu coração não pulsa, não me moverei daqui.

—É samurai. Precisa de vida e de coração.

—Não preciso nem de uma coisa nem da outra —disse enfrentando seu avô— Meu nome é Kenshin, coração de espada. Róta é meu raio, Susanoo. Não posso ser o herdeiro de algo que não tenho.

Susanoo cravou seus olhos negros na espada Kusanagi.

—Não posso garantir que a Valkyria viva. Atravessaram-lhe o coração —disse o deus—, mais só viverá se ela tiver vontade de viver junto a você. Será sua decisão. Terá que fazer tudo o que estiver em sua mão para trazê-la do limbo no qual está.

Kenshin olhou a Róta emocionado. Ela queria voltar com ele? Ele falhou por não salvá-la a tempo? A Valkyria o amava? Faria o que fosse por ela, maldição. O que fosse para que voltasse a sorrir novamente e que deixasse cair os olhos daquele modo que o deixava atordoado.

—Eu o farei —assegurou o samurái

—Esta é sua espada, Kenshin —Susanoo se aproximou dele e lhe tocou o ombro— Arranque-a da pedra. Também é uma espada que fala de amor —murmurou meio envergonhado— Perto de Izumo, quando vagava pela Terra, uma serpente enorme chamada...

—Yamata-no-Orochi, a serpente de oito cabeças —o cortou Kenshin— Conheço a história, meu pai a contava antes de ir dormir. A serpente de oito cabeças tinha consumido a vida de sete irmãs de uma família de oito. A oitava era Kushinada-Hime.

—Sua avó —acrescentou o deus com prazer.

—Você a salvou e se casou com ela. Transformou-a momentaneamente em um pente de prender cabelo para que te acompanhasse na batalha contra Yamata-no-Orochi. Supõe-se que encontrou a Kusanagi: Espada da serpente.

—Maravilhoso —exclamou Susanoo, extasiado pelo conhecimento de seu neto— Então, Miyamoto Kenshin, pegue esta espada que te pertence.

Kenshin sustentava o corpo da Valkyria com um braço e com o outro agarrou o punho negro da Kusanagi.

—Esta é a espada que sempre te pertenceu, é seu coração, Kenshin. É o herdeiro do raio, da terra e do mar. Luta em nome de todos os deuses, os que lhe conceberam e os que o transformaram, e vence Seiya. Não sei se Seier é invencível, mas, não há batalha que perca o guerreiro que luta com seu coração em uma mão —olhou Róta—, e sua espada na outra. Recorde-se: que deseja tirar a espada é um principiante. Que é a própria espada—lhe piscou o olho—é um Mestre. Já é hora de que demonstre a Seiya, que ele seguirá sendo sempre um aprendiz. Agora comprovaremos que deuses fabricam melhores espadas. Nos veremos, vainillo — assegurou Susanoo lhe piscando um olho e desaparecendo no ato.



CAPÍTULO VINTE E SETE

Kenshin se encontrou levitando sobre o mar. A tormenta continuava arremetendo com força. As ondas cada vez eram maiores e não havia nem rastro da rocha, do dragão nem de Susanoo. Aquilo era real. Tinha sido uma autêntica experiência?

Devia ser, porque seguia tendo a espada na mão.

Girou sobre si mesmo, desorientado.

Olhou Róta que tinha o pescoço voltado para trás, com os olhos fechados, tão pálida que doía vê-la. Jogou uma olhada à espada. Era bela e escura, e a sentia cheia de poder. *Kusanagi*.

Kenshin localizou a plataforma petrolífera, tinha-a justo em frente. A lancha tinha impactado em uma das estruturas da base e havia explodido. Saía fumaça e as chamas alcançavam altas cotas.

Com seus olhos prateados se centrou na plataforma superior. Ia até eles, mas antes, deixaria Róta em um lugar coberto. Não permitiria que voltassem a machucá-la.

Deixou-a na planta inferior. Custava-lhe horrores abandoná-la nesse estado, brigando por sua vida; mas ele primeiro devia matar Seiya se queria ter alguma possibilidade com Róta depois.

Acariciou-lhe a face e beijou seus lábios roxos.

— *Kimi no koto istumademo watashi no no kokoro kinen*. Está em meu coração, valkyria.

Armando-se de vontade, voou para a planta superior com a espada de Susanoo em mãos e chamou Seiya, que não se deu conta de nada do que tinha acontecido no mar. Ninguém tinha visto seu intercâmbio com o deus porque esteve em uma espécie de dimensão diferente.

O traidor estava fugindo enquanto os clones colocavam explosivos nos tubos da torre de controle e das chaminés. Fariam voar a central de petróleo.

O vento impetuoso, a chuva e os relâmpagos açoitavam o corpo de Kenshin e a espada de Kusanagi. O vanirio estava suspenso no ar, de braços e pernas abertas e era a viva imagem de um vingador.

E era sem sombras de dúvidas. Ia vingar sua valkyria.

— Seiya! — gritou com todas suas forças.

Seu gêmeo se girou assombrado e sorriu quando o viu com uma espada nova. Cheio de vaidade caminhou para ele com a Seier na mão.

— Irmãozinho? Quer morrer? — Brandiu a espada diante dele—. Prefiro que morra de dor por perder de novo a sua companheira.

— Naomi não era minha companheira — esclareceu agarrando a Kusanagi com as duas mãos e colocando-se de perfil para enfrentá-lo, como se fosse um rebatedor de beisebol. Outro raio alcançou a ponta da espada e Kenshin se encheu de energia. Tinha a rótula quebrada e uma ferida profunda que ia das costas ao estômago, mas as lesões não lhe doíam. Só o coração— Você nunca foi meu irmão. E eu te matarei pelo que fez a Róta.

— Ouviu como soou o coração? Boom! Partiu-se — assegurou rindo dele e imitando o movimento que tinha feito com a espada. Seu cabelo estavam saindo fios brancos prematuros e seu rosto estava envelhecendo. Seier lhe comia a energia vital—. Além disso, deu-me uma informação muito valiosa: bebi dela até me faltar, Kenshin. Estava tão deliciosa. — passou a língua



pelo lábio superior. —Loki a queria para que localizasse o Heimdal, o guardião de Asgard, através de seu dom psicométrico —ele riu— Aparentemente, Loki tinha tentado sequestrá-lo quando roubou os totens, mas o cara fugiu através de um portal... E agora se desconhece seu paradeiro. Com Heimdal de nosso lado poderemos abrir as portas de todos os reinos uma vez estejam aí em cima — assinalou o céu com um dedo manchado do sangue de Róta— Seu sangue me disse tudo o que tentava me ocultar. Pobrezinha, devia ver como chorava...

Kenshin apertou os dentes e pensou em processar essa informação mais tarde. Naquele momento não teria piedade com ele. Seu irmão havia tentado feri-lo com tudo o que fez em sua vida.

Seiya matou seu pai.

Tinha matado Naomi.

E Róta estava a ponto de morrer por sua culpa. De todas, essa ofensa era a que mais pesava.

Desceu até tocar com os pés a plataforma metálica.

Seiya ficou em posição de ataque.

Dois irmãos iguais cara a cara. A vida ou morte.

Esse era o destino com o que os tinham marcado e tinha chegado o momento de encará-lo.

Seiya correu para diante com o punho de Seier bem preso e com a lâmina para trás, paralela ao mesmo braço. Moveu a espada da direita a esquerda, horizontalmente.

Kenshin deu um passo para trás e se afastou.

Seiya atacou de novo e fez o mesmo movimento, mas desta vez de esquerda a direita. Kenshin deu outro passo para trás e o esquivou.

O gêmeo mau sorriu com diversão. Moveu a espada de cima a baixo com força e rapidez e a ponta da lâmina cortou o queixo de Kenshin, mas o vanirio deu uma volta sobre si mesmo e se colocou detrás de Seiya.

Sim, a Kusanagi era poderosa. Sentia em cada poro de sua pele. Deu-lhe um chute na parte baixa das costas e seu irmão saiu ricocheteando para diante.

Seiya o olhou por cima do ombro, assombrado por seus rápidos reflexos. Em outro tempo, Kenshin teria se entretido tocando a ferida do queixo. Desta vez não foi assim.

Seiya o atacou com todas suas forças e Kenshin levantou a espada com as duas mãos e deteve o golpe lâmina com lâmina. Realizando uma série de trocas que ressoaram na plataforma, enquanto os trovões retumbavam e iluminavam o mar bravo, o céu escuro e seus rostos.

Um cheio de ira, o outro preso na serenidade.

Seiya e Kenshin, duas caras de uma mesma moeda.

Com cada golpe da Kusanagi sobre a Seier, Seiya saiu jogado de um lado a outro, mas não soltava a espada.

— Que merda...? —Se perguntou Seiya olhando interessado a espada de Kenshin— Essa espada teria que estar quebrada! Seier as parte assim que as toca!

—Sou Miyamoto Kenshin. Filho de Boidarushi e Himiko. Neto de Susanoo e Kushinada-Hime. Eu sou coração de espada! —Deu-lhe um chute voador que impactou em seu rosto— Eu sou o autêntico herdeiro do raio, da terra e do mar!

Aquelas palavras pronunciadas com tanta energia fizeram que Seiya diminuísse.



Kenshin atacou seu irmão de frente, e lhe fez um corte horizontal em ambos os joelhos, cortando os tendões e fazendo com que se prostrasse diante dele.

Seiya decidiu que não gostava de estar de joelhos e elevou voo. Algo ia mau. Kenshin era muito forte e aquela espada que levava com ele também era poderosa. De onde a tinha tirado?

— Não pode fugir de mim! — gritou Kenshin deixando cair o pescoço para atrás e gritando ao céu. Perseguiu seu irmão pelo céu tormentoso e dirigiu sua mão aberta para uma das tubulações soltas que havia no chão da plataforma superior. Com a telecinética fez com que o tubo golpeasse a cabeça de Seiya e este caiu sobre o heliporto.

Kenshin o alcançou e caminhou lentamente para ele. Seiya levantou a espada disposto a defender-se, mas também segurava a cabeça, aturdido.

As duas espadas voltaram a impactar e delas saiu um raio azul para o céu, que formou um estranho buraco entre as negras nuvens.

Os Futago mediram suas forças.

Kusanagi e Seier estavam em meio de um duelo. Mas ambas as espadas respondiam à paixão e ao coração e, deles dois, só Kenshin tinha ambas coisas.

Os raios azuis se sucederam até que na abóbada celeste se abriu um redemoinho que aspirava tudo o que encontrava a seu caminho. Era um redemoinho para dentro, inverso.

— Eu sou Miyamoto Kenshin! Filho de Boidarushi e Himiko! Neto de Susanoo e Kushinada-Hime!

— Deixa de dizer essa estupidez! É ridículo. Eu tenho a espada! Eu sou o rei!

Mas Kenshin o ignorava e o intimidava com sua presença.

— Eu sou coração de espada! Eu sou — repetiu elevando a espada, esquivando o ataque de Seiya dando um de volta, e com a mesma inércia cortando um braço de seu irmão — o autêntico herdeiro do raio, da terra e do mar!

Seiya elevou o coto ensanguentado, estupefato. Seu rosto perdeu cor.

Seus olhos se tornaram frágeis. O que estava acontecendo ali? Isso não devia acontecer desse modo. Ele devia matar seu irmão, não ao contrário.

— Sou Miyamoto Kenshin, Kofun do clã Yamato! Samurai em mente e coração! Sou o companheiro de vida de Róta! — Assinalou-o aproximando a ponta da Kusanagi ao coração — E hoje, jotuns de merda, é seu último dia em Midgard! — Com a imagem gravada na retina de Róta sendo trespassada por sua espada Kenshin pensou em fazer o mesmo.

— Não vai obter nada — assegurou com voz trêmula — Levamos séculos de vantagem. Não têm nada a fazer, nem imaginam a que temos preparado! São muitas frentes abertas e não poderão com todos!

— Acredito que sim — assegurou Kenshin.

— Está acabado — disse-lhe com desprezo.

— Não, Seiya. Você sim está. Isto é por Róta! — De um golpe certo as duas lâminas chocaram uma contra a outra, mas a força de Kenshin era muito mais potente e fez com que o pulso de Seiya se deslocasse e Seier saísse voando, dando voltas sobre si mesma para o céu.



Aproveitando a surpresa de Seiya, Kenshin deu um passo para diante e atravessou o coração de seu irmão com a Kusanagi, para depois girá-la como se abrisse uma porta e lhe arrebentar o coração tal como tinha feito ele com sua valkyria.

Retirou a espada do peito de seu irmão, deu uma volta sobre si mesmo e o decapitou. Aquela, seria a última vez que olharia o rosto de seu maldito irmão, que, definitivamente, tinha perdido a cabeça.

Seier estava voando em direção àquele redemoinho do céu, parecido ao que se fez no Diabo Canyon quando Gúnnr recuperou o Mjöltnir e foi absorvida para o Valhalla. Uma vez saiu do redemoinho e abduziu a espada, fazendo-a levitar e ascender lentamente. A lâmina emitiu raios de cores como se fosse uma aurora boreal. Quando entrou no olho do redemoinho, este se fechou e as nuvens o cobriram.

Sem perder tempo, o samurái localizou os clones e analisou o que faziam. Estavam conectando explosivos em zonas estratégicas da plataforma.

Um a um, foi matando-os com a espada, sem sentir nada, sem olhar seus rostos iguais ao dele. Esses fetos, estavam ocultos, tão ocultos como podia estar um vampiro. Ou tão ocultos como esteve sua fonte: Seiya.

Tentou desconectar os explosivos enganchados em algumas tubulações, embora talvez não teria tempo suficiente antes de desarmar as bombas.

Quando olhou à frente, encontrou Gabriel e Aiko tentando desconectar as outras munições que ficavam soltas.

Ambos o olhavam e sorriam com orgulho.

—Chegamos tarde —se desculpou Gabriel que tinha o rosto todo cheio de cortes e golpes— Mas o suficientemente a tempo para ver como matou Seiya e devolveu Seier para o Valhalla. Foi incrível, Miyamoto Kenshin —agachou a cabeça em sinal de respeito— Finalmente, havia uma surpresa.

Kenshin assentiu e deu de ombros, admirando por sua vez, a bela inscrição de sua nova espada.

—Sempre há. A vida é imprevisível —repetiu as palavras de Susanoo.

Aiko estava tão mal quanto Gabriel, mas a jovem não perdeu o sorriso quando o olhou.

— Não disparou o rojão de luzes! —repreendeu-o— Mas o encontramos pela fumaça que levantou a lancha de Ardan. Não vai gostar nem um pouco do que fez —negou com a cabeça, com uma sombra de prazer nos olhos cor carvão.

Kenshin se sentiu estranhamento agasalhado por seus companheiros.

“Não tenho amigos—se repetiu—, mas aqueles aos que ajudo serão meus amigos.”

A chuva caía com mais força. O Tridente surgiu entre a fumaça que tinha levantado os restos que restaram da lancha e levaram os explosivos para fazê-los detonar no ar.

Se as bombas explodissem na plataforma, todo o óleo se verteria no oceano. A flora e fauna do mar do Norte e arredores morreriam. Não podiam permitir um desastre natural como esse. O Midgard devia manter-se.

Kenshin seguia vendo tudo em câmara lenta. Tinha conseguido. Seier tinha voltado para seu lugar, os deuses a tinham recuperado; mas algo, definitivamente, não ia bem.



Seu *Comharradah* começou a arder e pensou que estava desaparecendo, que se apagava de sua pele como se nunca tivesse existido. Assustado, afastou-se da plataforma superior e foi procurar Róta.

Bryn e Gúnnr agarravam o corpo sem vida de sua valkyria e gritavam com olhos exagerados. Ambas as Valkyrias não apresentavam melhor aspecto que Gabriel e Aiko. Kenshin saiu de seu choque e prestou atenção ao que diziam.

— Miya! Morre! Seu coração... —gritou Bryn debulhando-se em lágrimas e agarrando Róta nos braços para levá-la até ele—, morre! Miya, precisa de você!

Gúnnr chorava em prantos e acariciava o cabelo de Róta, desesperada por ajudá-la.

— Ardan vem em uma lancha como a que bateu! Leva-a até ali e a cure. Alcançará-a em cinco minutos e Róta não tem tanto tempo! —Urgiu-o Bryn passando o dorso da mão pelas bochechas— É minha *Nonne*, samurai! Cuide dela! —esporeou-o o desafiando com o olhar ao mesmo tempo que se ouvia uma explosão na parte superior do oleoduto.

Kenshin não necessitava de todas essas palavras. Outros cuidariam da situação, mas só ele poderia cuidar de sua valkyria. Róta era dele e ia lutar por sua vida, mas não ali. Pendurou a Kusanagi nas costas e tirou Róta dos braços dela. Agasalhou-a com seu corpo e se lançou a percorrer o mar até encontrar a lancha de Ardan que avançava a toda velocidade através do agitado mar.

O highlander se afastou assim que o viu chegar e o deixou entrar no camarim inferior.

—Maldição... está todo sujo. E ela... Ela não está bem não é? —disse Ardan vendo a incisão grossa que tinha à altura do coração— Posso te ajudar em alguma coisa?

—Não —cortou Kenshin secamente—Me deixe a sós com ela.

—Vá para baixo, ali estarão mais cômodos —abriu a porta do camarote— Se necessitar alguma coisa... As janelas têm proteção contra os raios solares, assim não se preocupe, pode permanecer lá tanto quanto quiser.

—Obrigado, Ardan.

—De nada, cara. Procure que abra os olhos —Parecia uma ameaça mais que um desafio— Nos dirigimos a Eilean Arainn, faça o que puder para mantê-la com vida. Ali poderá cuidar dela melhor.

Foi curioso que ninguém perguntasse pela Seier. Supunha-se que sua missão era recuperar o totens roubados dos deuses e, entretanto, todos estavam preocupados com Róta, era por ela por quem se interessavam. Era ela quem importava.

—Vá —pediu antes de começar a despi-la.

Ardan aceitou a ordem e os deixou sozinhos no camarote inferior.





Kenshin não perdeu tempo.

Deitou Róta sobre a ampla cama negra que havia no compartimento para duas pessoas. Tiro-lhe as ombreiras de titânio e desabotoou o espartilho. O corte no peito tinha sido limpo até que o sádico de Seiya girou a lâmina da espada para lhe provocar danos irreversíveis.

Kenshin morria de medo. Medo por não poder saber curá-la, por não poder revivê-la. Medo por não ver de novo esses olhos azuis, peraltas e sensuais. Morria de medo ao pensar que não poderia escutá-la falar e que não desfrutaria da atenção da mulher mais valente e poderosa que conheceu em sua longa imortalidade. Desprende a espada das costas e tirou a camiseta escura e elástica pela cabeça, ficando com seu torso tatuado ao descoberto.

Não a tinha enganado em nenhum momento. Havia dito a verdade ao reconhecer que sempre tinha acreditado que não temia nada; mas desta vez estava aterrorizado. Tinha medo de perdê-la.

Juntou as palmas de suas mãos e as esfregou com força. Os músculos de seus braços e suas costas se moveram em uníssono. Com as mãos ardendo a colocou na incômoda ferida aberta da valkyria.

Derrubou-se nela com corpo, mente e coração. Afastou as costelas, partindo-as para poder chegar ao órgão motor de seu corpo, maltratado e devastado pela espada de seu irmão.

Fechou os olhos ao avaliar o padecimento de sua mulher. Tinha um ventrículo talhado pela metade e as artérias estavam parcialmente enviesadas.

As Valkyrias só morriam se lhes extraíam o coração. Destroçá-lo, como faziam com o seu, também concluía na mesma fatalidade?

Odeou seu coração não só com as mãos. Envolveu-o com toda sua alma, e decidiu lhe transmitir toda sua energia e todo o *Helbredelse* de que gozavam os casais como eles. Suas mãos irradiaram energia dourada e sua luz saiu em pequenos raios através do peito de Róta. Pensou nela, na guerreira que tinha descoberto o verdadeiro caminho do samurai.

Ninguém, ninguém melhor que Róta tinha encontrado o caminho. Dizia que no seio de um espírito aonde a perversidade e a maldade não encontram seu lugar, está o caminho. Róta tinha sido concebida para o mal, essa foi sua razão para nascer; mas ela tinha esse caminho mais presente que nenhum outro. Alheia a sua escuridão, alheia a sua ascendência maligna, essa garota de caráter irascível e língua viperina era bondosa. Sua pureza a tinha conseguido com esforço, porque ninguém melhor que ela poderia haver-se deixado levar por Loki e, em vez disso, manteve-se reta e com os pés de chumbo respeitou a sua decisão de fazer o bem. Ao lado dessa via mágica qualquer princípio carece de sentido e importância.

Já poderia Loki dizer que ela se converteria no maligno; já poderia Seiya mordê-la e lhe dar seu sangue para convertê-la em sua mulher..., nem sequer Nig e seus feitiços tinham escurecido a vontade da jovem.

Ele tinha acreditado nessas influências malignas e esteve convencido da culpa de Róta, mas a verdade, essa única verdade que vale para todos, só sabia a valkyria, e ela teve a coragem de descobri-la.



Agora se sentia envergonhado e humilhado por havê-la julgado. Ele, um guerreiro imperfeito, um homem imortal e preconceituoso, teve a coragem de dar conselhos e de julgá-la abertamente. Quem era ele? Quais eram os demais? Com que direito se atreveram a fazê-lo?

Não era bom ter convicções dadas por seguras, tão fortes.

Porque logo podia aparecer uma guerreira de Freyja com o cabelo vermelho, orelhas bicudas e um sorriso desafiante e jogar suas convicções por terra.

Róta tinha dado uma lição a todos e Kenshin não queria que ela se fosse sem que o ouvisse dizer. O samurai, o homem, o vanirio... Estaria a seus pés durante todo o tempo que ela o permitisse. A única coisa que tinha que fazer ela em troca? Viver. Viver por ele.

Estava cicatrizando seu coração, lhe dando forma, esperando que sua cura fosse frutífera. A imagem subjugante. Ele, grande e corpulento, com suas duas mãos no interior do peito do pequeno corpo da valkyria.

As duas mãos emitiam uma luz tão potente que iluminavam todo o camarote; e estava seguro que essa luz se projetava através das janelas e irradiavam o interior do mar.

Quando considerou que já tinha restaurado seu coração, passou seus dedos pelas costelas e o esterno e removeu as fissuras para deixar tudo em seu lugar, sem lascas. Continuando, como um perito cirurgião, procedeu a recompor a carne de seu peito. As cicatrizes se fecharam e os músculos se uniram com os músculos através de fios brilhantes e mágicos que fixavam aquilo que foi quebrado.

Kenshin a agarrou nos braços e se estirou com ela na cama. Passou seus mãos por seu corpo, como se a estivesse moldando. Tirou-lhe os calças e as botas para assegurar-se de que não tinha nenhuma outra ferida nas pernas.

Depois a cobriu com seu corpo e se estirou sobre ela como um cobertor humano. Retirou-lhe o cabelo do pescoço e gritou interiormente ao ver o rasgão da dentada de Seiya sobre seu nó perene. O grande cretino a tinha mordido em mais lugares, mas esse era o pior. Acariciou sua pele, e suas mãos se iluminaram de novo para cicatrizar sua garganta. O nó perene apareceu em sua pele, transparente, quase sem vida. Como ela.

Tal e como se sentia ele.

Abriu-lhe a palma da mão esquerda e notou uma corda de couro e algo encravado entre seus metacarpos. Kenshin o tirou com cuidado e lhe cicatrizou a ferida. Observou a corda e o pedaço de marfim cheio de sangue. Queriam Róta por seu dom e Loki a necessitava urgentemente para que lhe dissesse onde estava o proprietário desse objeto. Ele o pendurou ao pescoço.

Ela aguentou como uma campeã e não lhe disse nada, por isso Seiya a tinha mordido. Para ler em seu sangue o que ela viu.

Soluçou e encostou seu rosto em sua garganta. Sabia que não era momento de derrubar-se, mas a emoção tomava conta dele.

Havia devolvido a espada de Frey, erigiu-se como o herdeiro do raio, da terra e do mar, era neto do deus Susano e tinha a espada Kusanagi em seu poder; E ainda assim se sentia como um fracassado.

—Róta... me escute, pequena valkyria. Demonstrou-me que tem a força de um titã. Agora não pode ir... —Engoliu em seco e levou uma de suas frias mãos aos lábios. Rodeou-lhe o pulso



com os dedos e escutou como a cura restabelecia a fratura do osso. O derrame desaparecia progressivamente de sua pele— Se o fizer, eu irei contigo porque nada me importará. Mas acredito que há uma última batalha por liberar —juntou sua testa com a dela—Não fuja de mim, valkyria. Enfrentou a todos e lutou contra aqueles que esperaram coisas de você que não estava disposta a dar. Teve coragem até o final. Tenha também para ficar a meu lado. *Onegai, bebi*⁵⁹ ... —sussurrou beijando seus lábios e lambendo suas feridas. Entrelaçou os dedos com os dela e recostou a bochecha sobre seu coração. *Onegai, teni hanasanaide kudasai-Róta*... Por favor, não solte minha mão.

Ficou sobre ela, disposto a passar assim toda a eternidade até que a jovem despertasse. Porque, para um vanirio como ele, nada era mais importante que ver sua *Hanbun* com vida.

—Não tenho esperança pela vida, um batimento de coração de Róta será minha esperança — recitou, abriu o outro pulso com as presas, e o deixou virado para baixo sobre seus lábios abertos, esperando que seu sangue também a revitalizasse. Fechou os olhos e pensou em acrescentar a frase na oração do Samurai.

Embora fosse um vanirio, sem a *helbredelse* de Róta, suas feridas permaneciam abertas, e sentia que também se debilitava sobre o corpo da guerreira.

CAPÍTULO VINTE E OITO

A valkyria despertou em um bosque iluminado pela luz azulada da lua. As árvores criavam impressionantes sombras e a natureza desaparecia em um halo de mistério e encanto em partes iguais.

Sob seus pés nus emergiam pequenas plantas com brotos de flores lilás que se abriam e fechavam como se tentassem falar com ela, e salpicadas ao redor havia plantas bulbosas de cor amarela que desprendiam um embriagante aroma.

Vestia uma túnica branca transparente, não tinha nem frio nem calor. Que estranho, sua alma estava sossegada como nunca.

À sua direita, comendo grama com toda a parcimônia do mundo, havia duas vacas imensas, com os olhos vermelhos e os chifres dourados. Puxavam um brilhante carro de marfim, vazio. Róta franziu o cenho. O que faziam essas vacas no bosque?

Seguiu avançando e encontrou um banco de pedra no qual havia uma mulher sentada com um vestido vermelho que não deixava nada à imaginação e o cabelo encaracolado alvoroçado da mesma cor, olhando para ela com olhos cinzentos, esperando-a.

Por todos os deuses! Era Nerthus, a mãe de Freya! A deusa da Terra!

A mulher indicou com o dedo que se aproximasse, e lhe dirigiu um sorriso sábio ao mesmo tempo que apoiava o braço no respaldo do banco.

— Vem para me ver? —Perguntou a bela deusa afastando-se de um lado para que se sentasse.

⁵⁹ Por favor bebê.



Róta não entendia a pergunta nem tampouco o cenário no qual subitamente se encontrava.

—Não sei. Vim para isso? Estou morta? —Observou tudo o que a rodeava, se admirava de se sentir tão bem.

—Não —sorriu pormenorizada— Sua mãe Talía também podia me invocar através dos sonhos, e também era muito fácil me contatar através do mundo astral. Eu a invoquei, valkyria —girou os olhos como se o que houvesse dito fosse muito óbvio e a valkyria uma tola por perguntar— Tenho algo a te dizer.

— E Kenshin? Por que me sinto tão bem? —perguntou de súbito admirando a túnica transparente que vestia. Branca, suave e leve. Como a própria vida!

—Outra que se coloca com as *Gladius tristis*...

—Eu não estou triste —disse zangada— Quero o samurai. Onde está? —Faltou acrescentar à frase um *já!*

— Ei! Valkyria —estalou os dedos em seu rosto— Te chamei por uma razão. Focalize e preste atenção em mim. Quando despertar, tem que tocar o marfim outra vez.

— Que marfim? Droga, estou atordoada...

—O objeto que inseriu em sua mão o japonês desequilibrado. Localize o dono do marfim. No Valhalla o estão procurando como loucos. Freyja e Odín foram aos registros akáshicos do trono de *Hildskálf* para averiguar o que aconteceu e por que Heimdal decidiu descer ao Midgard no último momento.

—Porque Hummus quis levá-lo quando roubou os totens dos deuses —respondeu com obviedade.

—Claro —Nerthus arqueou suas sobrancelhas, divertida com a insolência da jovem—, mas isso os deuses não sabiam até que Freyja viu o que te pediu Seiya no mar do Norte. Heimdal é o guardião de Asgard, vive perdido em um nirvana quase permanente e permanece longas temporadas sem ver seu pai, sem ver ninguém de fato, por isso não tiveram modo de saber que ele desapareceu. Quando Freyja e Odín foram aos registros, viram o que aconteceu: Hummus entrou no Asgard através de um portal na Terra que abriram os físicos quânticos dessa organização humana tão incômoda...

—Newscientists.

—Obrigada. Hummus entrou, mas logo não soube sair. Já sabe o que dizem: “Pode chegar no Asgard mas nunca poderá sair dele sem a permissão do Heimdal”. Os únicos que podem subir e descer à vontade são os deuses, mas ninguém mais pode fazê-lo. Como sabe, o transformista ia disfarçado de Freyja. Assim que pediu a Heimdal que lhe abrisse a porta, o filho de Odín se admirou. Minha filha não necessita de chaves para sair de sua casa —proclamou Nerthus com incredulidade.

—Nem tampouco pede permissão para fazer nada —acrescentou maliciosa.

—Um respeito a sua deusa, valkyria —a advertiu com severidade— A questão é que Heimdal surpreendeu-se muito ao ver Freyja nesse plano, e então soube que algo estava errado. O transformista o atacou e quis roubar sua corneta *Gjallarhorn*.

—A corneta do anúncio? Está-me dizendo que o pedaço de marfim que me cravou Seiya é do *Gjallarhorn*?



—Sim. Heimdal o protegeu e na luta com Hummus, um pedaço se rachou. Heimdal só pode utilizar essa corneta uma só vez, recorda? Não considerou oportuno utilizá-la então, assim expulsou Hummus abrindo um dos portais; mas Heimdal saiu com ele para assegurar-se de que o transformista não retornasse. Agora é ele quem não pode retornar, e sabemos que está em Midgard... Mas caminha pela Terra sob outra forma, para que não o descubram.

A valkyria desenhou um V com suas sobancelhas vermelhas.

— Outra forma, como? Como... uma vaca? — ficou olhando as vacas da deusa com receio.

—Não —suspirou— Tem aparência humana, mas não sabemos, não sabemos... como é. Só você pode averiguá-lo.

—Pois te prometo que não sei ainda, porque quando Seiya me mordeu, obrigue-me a manter meu dom adormecido. Eu não vi nada —jurou.

—Seiya o viu —disse lastimosamente— Te deixou inconsciente e seu dom agiu por si só. Mas não serve de nada porque ele já está morto. Você ofereceu a seu vanirio o dom de poder conduzir a espada da serpente, ele é o herdeiro.

—Não sei do que me fala, deusa, mas... E Kenshin? Onde está meu samurai?

—Preste atenção, Róta. Isso não é o importante agora... talvez não se recorde do que viu porque estava drogada e sua mente se achava adormecida, por isso tem que tentar outra vez: tocar o marfim e se assegurar de onde está Heimdal. Será de muita ajuda para nós, Róta.

Isso ela podia fazer. A psicometria era seu dom e ela era a melhor nisso.

Mas tinha que sair dali, desse bosque e, sobretudo, devia retornar até Kenshin. Ele precisava dela .

—É a filha digna de Talía. Ela era uma mulher tão diferente na sua época... —A acariciou a bochecha com regozijo— Você é impertinente e odiosa, justo como era sua mãe —murmurou sonhadora com um sorriso nostálgico em seus lábios vermelhos—, mas tem tanto poder... E seu dom nos é muito útil.

—Nerthus, diz-me umas coisas tão bonitas... —entreabriu os olhos com sarcasmo.

—Se quiser elogios, já tem o samurai bom que espera que ressuscite.

— Ressuscitar? Disse-me que não estava morta! Onde está Kenshin?! —As lembranças do que aconteceu a deixaram pálida. Seiya havia lhe atravessado o coração com sua espada e... Nesse instante, uma dor surda e aguda lhe atravessou o peito. Levou a mão ao coração para dar calor e esfregar a área dolorida— Quero vê-lo, quero vê-lo... maldição — estava chorando desconsolada— Não posso morrer.

— Quer vê-lo?

— Sim!

— Quer retornar a ele?

A deusa estava brincando com ela, a grande cadela.

— Sim!

— Fará o que te disse a respeito do marfim?

—Dou minha palavra — prometeu movendo a cabeça para um lado e ao outro, esperando ver aparecer Kenshin detrás de uma árvore.

—Então segue sua voz, valkyria. Não perca tempo ou perderá a ocasião. Está muito fraca.



Róta engoliu em seco e moveu suas orelhas, olhando à frente. Que ouvisse sua voz? Sua voz?
Onegai, bebĩ...

A valkyria se levantou como se tivesse uma mola no traseiro e, sem dizer adeus à deusa, deixou que suas pernas corressem e a levassem para seu destino.

— Kenshin! — gritava às árvores, ao vento e às duas luas que havia no céu. Não uma, mas sim duas— Kenshin não deixe de me falar!

Saltou por cima de uma rocha.

Onegai, teni hanasanaide kudasai-Róta...

— Não me solte! Nem você solte a minha, samurai! Eu não solto a sua! — gritou em lágrimas que o vento levava.

Em frente a ela, uma potente luz levitava no meio do caminho, cálida e acessível, como a porta de seu novo lar. Róta se meteu de cabeça nela e esperou que ali, nesse lugar luminoso e restaurador, a estivesse esperando um vanirio de olhos prateado e caráter reservado, o homem que sempre entesouraria seu coração.

E ela, aquela valkyria orgulhosa, desejava dizer à sua cara.



Algo chocou contra o peito de Kenshin. Algo que tinha o poder de comovê-lo. Algo tímido que tinha por sua vez a força de mudar seu mundo.

Suas fossas nasais se abriram ao perceber o aroma de amora; e à euforia por reconhecer a essência da valkyria, acompanhou um novo tamborilar sobre seu peito.

Não era dele. Era do coração dela. Seu coração bombeava. Róta.

Incrédulo e excitado pelo calor que começava a irradiar o corpo feminino que se achava sob ele, levantou a cabeça para dirigir seus olhos às suas mãos entrelaçadas. A mão que ele não soltaria nunca.

Os nódulos dela estavam brancos e cravava as unhas no dorso de sua mão tatuada. Droga, ela estava apertando como se temesse que ele a soltasse.

E isso não ia acontecer nunca.

Quando seu ouvido detectou o sorvido de lábios, seus olhos se dirigiram ao pulso que tinha colocado sobre a voluptuosa boca da valkyria, que movia-se e bebia fazendo excitantes ruídos com ela. A mão livre de Róta colocou-se em cima do pulso de Kenshin, rodeando-a como uma algema.

Róta abriu seus olhos azuis e claros e os fixou em seu olhar prateado e exótico. Estava lendo tudo o que aconteceu mediante o sangue de seu macho.

Viu sua pseudo morte através de seus olhos, e a dor que ele sofreu doeu nela.

Experimentou suas lágrimas e sua tristeza ao acreditar que ela tinha morrido, e sua emoção a comoveu.

Escutou sua declaração no mar, sua oração em voz alta, e sua emotividade a emocionou.



Descobriu a procedência de Kenshin, e sua divindade a fez sentir divina e orgulhosa dele.

Desfrutou da morte de Seiya e do prazer da vingança de Kenshin, e sua tranquilidade depois de fazê-lo, deu paz a ela.

Observou o modo de saná-la, de lutar por ela, de lhe dizer que precisava dela... Sentiu seu pranto, e sua pureza a purificou.

Kenshin não se atreveu a mover-se, se fizesse, despertaria desse sonho em que a valkyria vivia por ele?

Ela lambeu sua pulso, soltou-o com uma carícia e passou sua mão por seu braço, seu musculoso ombro, seu pescoço e, ao final, enredou os dedos no cabelo da nuca, obrigando-o a que aproximasse seu rosto ao dela.

Quando esteve suficientemente perto, Róta não escondeu nada do que sentia e esperou pacientemente que Kenshin reconhecesse e aceitasse tudo o que tinha para lhe dar.

—Não soltou minha mão. —Doía-lhe a garganta e o peito, mas sentia-se satisfeita e afligida pelas emoções.

Kenshin levantou uma mão trêmula e negou com a cabeça. Posou a palma sobre sua bochecha. Róta. Sua Róta estava viva e estava falando com ele.

—Kenshin... Meu samurai... —Róta secou as lágrimas que caíam de seus preciosos olhos amendoados e felinos e ela começou a chorar também—Me abraça, *Onegai*.

O guerreiro negou com a cabeça e afundou o rosto entre seus ombros e sua garganta. Não estava bem, seu espírito chorava sobressaltado pela alegria.

Não haveria nenhum controle nesse instante. Ele era quem era nesse momento e não ia proibir a nenhum dos dois.

Cobriu-a inteira e a rodeou com seus braços. Outras vezes pediu isso mesmo, e quando não havia dito com palavras, havia irradiado com aqueles expressivos olhos felinos. Ele nunca respondeu como ela merecia. Mas agora, Kenshin estava nu diante ela, de corpo, alma e coração. Não havia nada mais que esconder, só admitir que essa mulher se converteu em tudo para ele. Assim, tão fulminantemente como um raio, de modo tão preciso como o corte de uma katana.

Com a humildade de um samurai apaixonado sentiu seu coração cheio de vida como nunca antes.

Tinha muita vontade de dizer tudo o que sentia por ela, mas a valkyria se roçava impulsivamente contra sua perna e movia os quadris para cima e para baixo. O vanirio nele saiu à superfície com um descontrole provocado pela adrenalina e pelo despertar de seus sentidos ao estar perto de sua *Hanbun*, nus em uma cama.

Sem lhe pedir permissão, grunhiu em seu ouvido a advertindo do que aconteceria se continuasse.

Kenshin a imobilizou e se encaixou entre suas pernas, devorando seu corpo com o olhar. Róta puxou seu rosto, afastou-lhe o cabelo do rosto e se levantou até acabar sentada, beijando-o como uma mulher faminta.

O vanirio deixou que ela comesse sua boca.

Beijou-o por todo o rosto, lambeu o pescoço e a garganta e voltou para beijá-los nos lábios. Era viciada em seu sabor.



Os dois acabaram de joelhos sobre a cama. Abraçando-se, beijando-se, acariciando-se como se nunca pudessem saciar-se. Nunca o fariam.

—Róta... —Murmurou quando ela puxou com seus pequenos dentes brancos seu lábio inferior— Róta, preciso de você.

Ela sorriu. Ele necessitava dela? Ele? Que bom: só teve que estar a ponto de morrer para que ele reconhecesse essa verdade universal.

Para ela, pelo contrário, não era nada novo. Ela necessitava dele desde sempre.

—Eu necessito de você, Kenshin. Sempre necessitei. —Empurrou-o para que lhe desse espaço e poder sentar-se sobre ele, sobre suas coxas, sobre seu ereção. Cravou seus joelhos de cada lado de seus quadris e rodeou seu pescoço com os braços. Olharam-se fixamente. Ambos estavam tremendo. Que curioso, haviam feito amor outras vezes, mas esse momento era diferente porque os dois sabiam as palavras que iam pronunciar. Sagradas para ambos, desvalorizadas até então como uma epopeia irreal. Mas haviam descoberto que não só eram reais, mas sim além disso, eram as mais poderosas que podiam pronunciar em Midgard, por isso, se diziam com sinceridade, custava tanto reconhecê-las.

Ele a segurou pelas nádegas e a deslizou pouco a pouco sobre seu pênis. Os dois estavam tão excitados que não podiam acreditar.

—Não tenho amanheceres, Róta —sussurrou sobre seus lábios, e ela o beijou—, mas você será o sol de meus novos dias. —Penetrou-a pouco a pouco, com tanta intensidade que os dois vibraram com a intrusão. Ele podia sentir o piercing do mamilo de Róta roçar o seu mamilo e isso o endureceu ainda mais. Mas o sexo, as sensações físicas, não eram nada comparadas à revelação de suas emoções— Venho de uma cultura séria e rígida —a estirou por completo e a penetrou. Ela se removeu inquieta e depois começou a mover-se ao mesmo tempo que ele, perfeitamente sincronizados—, mas sua alegria me faz flexível. Nunca sofri tanto em minha vida como desde que a conheço. Hoje morri e ressuscitei, por você. —Róta gemeu e escondeu o rosto em seu ombro— Olhe-me, Róta —tomou seu rosto e o elevou para ele—, não esconda-se de mim.

—Não o faço —soluçou fechando os olhos. Estava tão emocionada que não sabia como enfrentá-lo.

—Deixe-me ver seus olhos, *Oni* —ela os abriu e ele aproveitou para penetrá-la mais profundamente e desfrutar da chispada elétrica que surgiu em suas pupilas— Comportei-me mal porque quebrou cada uma das ideias pré-concebidas que tinha. O ser disciplinado não deixa que se relacione muito bem com seu coração, com isto daqui. —levou a mão ao peito— Te dizem que tem que ser coração, mas ninguém te explica como sê-lo. Até que te conheci. —Seus olhos cinzas estavam tão concentrados em sua pessoa que a qualquer momento ia transpassar sua alma— Quebrou-me, Róta —sorriu e ela copiou o gesto em meio de um biquinho—. Fez-me explodir e depois me reinventou. E no processo encontrei a mim mesmo, encontrei-me em seus olhos. Sinto que não posso te oferecer nada tão valioso como isso.

Que não podia? Kenshin se valorizava bem pouco, mas ela ia lhe demonstrar que estava enganado. Róta engoliu em seco e, sem deixar de olhá-los nos olhos, inspirou e ao exalar abriu as asas vermelhas para ele. A luz iridescente de seus tribais iluminou o camarote com um tom



vermelho mágico. Kenshin tinha a boca semiaberta e se encharcou dessa imagem, impregnando-se de sua sublimidade.

—Sim pode —gemeu ela inclinando-se para ele, o beijando com calma— Só tem que me pôr um piso aqui, me dar as chaves e fazer um quarto para os dois —Com o indicador desenhou pequenos círculos sobre o olho de fechadura tatuada sobre seu coração— Deixe-me entrar aí. E só... Então, só terá que me amar como eu o amo.

Kenshin afundou os dedos em seu cabelo e se sentiu o homem mais afortunado do mundo.

— Como me ama? —perguntou abraçando-a e colando-a a ele.

—Com toda a fúria de meu coração, samurai —ela não era doce. Não era. Mas tinha uma paixão e uma garra que podiam dobrar igual a dobrava a simplicidade de um beijo, por isso repetiu—: Com toda a fúria do meu coração.

Kenshin riu, beijou-a e fez amor com ela com toda a fúria do seu corpo. Quando gozaram e acabaram saciados um em cima do outro, Kenshin não deixava de beijá-la e de sussurrar coisas ao ouvido. Algumas divertidas, outras sensuais. Relaxava-a, a fazia sentir viva, avivava-a...

Era dele e ele era dela.

—Diga-me isso Kenshin —pediu ela com os olhos brilhantes— Não me faça esperar mais. Diga-me isso em seu idioma. Faz com que abra as asas de novo.

Kenshin lhe acariciava o cabelo e continuava movendo-se em seu interior, lentamente, escorregando e acariciando-a intimamente. Olhou-a com solenidade e também com um amor tão profundo e único que a impressionou.

— *Istumademo sagashiteta kimi ga dake*. Procurei você sempre, inclusive quando pensava que na realidade só te esperava. *Istumademo kimi nem aitakute*. Quero estar contigo sempre. Quero poder te ressarcir de minhas dúvidas e do tempo que estive no Valhalla esperando por mim. *Aishiteru, oni* — seus olhos se encheram de ternura— Eu te amo, demônia. *Anata wa istumademo aishiteru masu*. E, droga, Róta, do mais profundo de minha alma de samurai juro que vou te amar sempre. —Colocou sua cabeça sobre seu peito e a abraçou pela cintura— Samurai significa “O que serve”. Eu sou seu samurai, Róta. Eu só sirvo a você.

Róta sorriu olhando o teto e acariciou o cabelo castanho de seu guerreiro.

Que enternecedor era o japonês.

—Diga-me você —pediu ele levando o mamilo do piercing à boca.

Fechou os olhos enquanto o saboreava e esperou para ouvir essas palavras que sabia que o acenderia outra vez.

—Ninguém vai amar com tanta paixão e entrega como eu faço. Vou te amar sempre, guerreiro. *Kimi wo Aishiteru*. Amo você, Kenshin.

—Já não há volta atrás. Não tenho um caráter agradável nem sou a alma de nenhuma festa que se aprecie. Não poderá me trocar por outro. E vou me assegurar de que recorde isso até o final dos tempos.

—Não quero outro —Róta riu e o beijou de novo— Só quero o meu. Um samurai prepotente e empertigado que não acreditava no amor, que tinha um olhar de ferro e que acreditava que sua companheira de vida era uma maldita harpia. E aqui está, de joelhos diante de mim.



Kenshin esfregou sua bochecha, áspera pela barba, contra o peito de Róta.

—E eu também quero a minha valkyria confiante e temerária, que só acreditava no sexo e que esperou uma eternidade para que esse samurai prepotente a reivindicasse. Uma mulher caprichosa e temperamental que nunca se rendeu; a que tentaram sacanear, forçá-la a ser o que não era, torturada e humilhada e, que entretanto, ninguém, nem o mais malvado conseguiu colocá-la de joelhos.

Róta pensou nessas palavras e compreendeu uma grande verdade.

—Não é verdade, Kenshin —Ela o deitou e se colocou em cima dele, com as joelhas cravadas a cada lado de sua cintura. Aquele espécime de homem era só dela e ia desfrutar o tempo que durasse sua imortalidade. Seu Kenshin era neto de Susanoo. Ela não conhecia os deuses orientais, mas, se esforçaria para entendê-los porque ia fazer parte de sua família— Descendente de Susanoo, herdeiro do raio, da terra e do mar... —descreveu com doçura. Levou suas mãos por cima de sua cabeça, imobilizando-o, e deixou que seu cabelo vermelho caísse como uma cascata entre eles e ocultasse seus rostos. Aquele era seu mundo, um espaço único para os dois. Seu nirvana— Há algo que aprendi. Sabe o que é?

—Não. O que é, *Oni*?

Beijou-o e prometeu sobre seus lábios.

—Que só o amor pode me pôr de joelhos. Só você.

Permaneceram no camarote, beijando-se, ressarcindo-se, alimentando-se; e naquele inesperado lugar íntimo e romântico no meio do oceano, em meio de uma pausa entre uma guerra aberta e destrutiva, uma valkyria destinada a provocar o caos na Terra e uma vanirio que se negava ser seu companheiro e que não hesitava em acabar com ela se as circunstâncias requeriam-no, reconheceram seus enganos e aceitaram seu destino.

No meio do mar do Norte duas almas antagônicas se renderam às leis do coração.

Ante um iminente Ragnarök com centenas de frentes abertas, um homem e uma mulher, entenderam que o destino não está escrito e que não há modo mais doce de cravar os joelhos que cedendo à rendição do verdadeiro amor.

EPÍLOGO

Ilhas do fiorde de Clyde

Nas proximidades da Ilha de Arran

A tormenta se precipitava sobre eles com menos força do que algumas horas atrás.

Depois de solucionar os problemas acontecidos na plataforma Gannet Alpha, os onze guerreiros se encontraram na lancha de Ardan, e este tinha aproveitado para colocar a capa da coberta e isolá-los do frio e da água.

Ao final não se despreendeu petróleo no mar e os explosivos foram explodidos a vários quilômetros por cima da petrolífera. Todos tinham se encarregado disso para evitar a catástrofe, trabalhando lado a lado, como uma unidade.



Róta e Miya acabavam de sair do camarote.

A Valkyria estava sentada sobre os joelhos do samurai, que a abraçava com ternura e a agasalhava com uma colcha negra.

Gúnnr e Bryn correram para abraçá-la quando a viram no abrigo com Miya adorando-a como ela merecia.

— Deixa-me contente! — Gritou Bryn com os olhos cheios de lágrimas— Acha que pode me ter-me nesse sem viver? Que pode nos deixar assim histéricos, com o coração em um punho?!

Róta conhecia Bryn. Sentia o que ela sentia, e isso sempre seria assim. Não importava, que estivesse encantada de que uma pessoa a amasse tanto para fazer todos os sacrifícios que fez a loira por ela. Jurou que a compensaria. E também prometeu a si mesma que, se Ardan das Highlands a ferisse, se veria com ela. Bryn já tinha sofrido seu despeito, não deixaria que também Ardan se atrevesse a feri-la gratuitamente.

A General estava zangada com ela porque a amava. Não havia aborrecimento mais doce e terno que esse. E por isso, Róta a agarrou pela frente da roupa, a aproximou dela e a abraçou.

—Estou bem —murmurou lhe dando um beijo no rosto— foi só um sustinho.

— Um sustinho? Uma porra! —Exclamou abraçando-se a ela, com os olhos turquesa furiosos e magoados.

Róta abriu o outro braço para receber o abraço de sua chorosa Gunny.

—Olá, cubinho de açúcar —disse Róta.

—Se cale, vagabunda, e venha aqui — soltou a filha de Thor.

Róta estava impressionada. Gabriel deu muito caráter a Gúnnr; ou melhor ainda: Gunny sempre teve caráter, mas precisou que alguém a esporeasse para tirá-lo. Não podia sentir-se mais orgulhosa de suas irmãs.

Gúnnr era a filha de Thor, e Bryn a General de Freyja. Belo par!

As três se fundiram em uma montanha humana de risadas, suspiros, lágrimas e recriminações.

Depois dos reencontros e as explicações, os guerreiros tinham se sentado a bordo do convés de proa, sobre as almofadas estreitas de cor cinza que tinha separados por uma passarela.

Gabriel estava falando de tudo o que ainda tinham pendente antes de acabar sua missão em Midgard.

Ardan estava determinado a chegar a Eilean Arainn o quanto antes. Johnson e Steven já deveriam ter chegado. Mas, seu principal problema era que Anderson tinha saído com vida do Gannet Alpha... Estava com o grupo equivocado. Seu amigo de batalhas perdeu sua humanidade e Ardan se culpava por isso, por não ter se dado conta...

Sem perder tempo tinha avisado aos residentes de seu castelo que estivessem alerta. A paz em sua pequena Escócia —Eilean Arainn era conhecida como “Escócia em miniatura”—, tinha acabado.

Cameron seguia livre e, segundo a informação que tinha dado Miya, fugiu em um helicóptero junto a Lucius. E levavam Gungnir com eles.



A lança de Odín, o totem mais importante dos deuses, aquele que iniciaria tudo, seguia esquivando-os. E embora ter recuperado Mjölnir e Seird fossem golpes muito duro para os jotuns e a sua organização, não duvidava de que tinham suas próprias armas para enfrentar o Ragnarök.

E a última revelação: Loki queria Róta porque era a filha de Nig, o nigromante, e de Talía, a sibila; e porque precisava de seu dom para localizar o guardião do Asgard: Heimdal.

Nesse momento, a ponto de chegar ao castelo de Ardan, todos tinham os olhos sobre a Valkyria de cabelo vermelho. Em uma mão tinha o anel de Anderson e na outra segurava entre seus dedos a corda com o marfim que Kenshin tinha pendurado em seu pescoço. Marfim da corneta de Heimdal.

A poderosa jovem ajudaria a averiguar a localização dos dois personagens.

Um, para achá-lo e aniquilá-lo.

O outro, para localizá-lo e protegê-lo.

Kenshin a olhava com intensidade e satisfação. Róta era única e estava orgulhoso dela.

—Faça, *Oni* — pediu ele esfregando suas costas com a palma da mão.

Róta assentiu. Fechou os dedos da mão sobre o anel.

Imagens do mar picado, do fluxo e de trovões e relâmpagos que ataçavam a água...

Anderson ia em uma lancha a motor de alta velocidade. Sozinho.

Não havia ninguém com ele.

Para onde se dirigia? Tentou localizar o GPS da lancha e assim descobrir em que área se encontrava.

—Segue no mar. Vai em uma Frauncher 117, de cor negra, com acabamento de madeira e assentos de couro... Leva uma bolsa com ele, mas não sei o que há dentro —narrou concentrada em sua visão.

— Vê para onde se dirige?

Róta se concentrou em analisar a imagem congelada que havia ficado em seu lóbulo central.

—O GPS do painel dá o porto final de umas condenadas. Se supõe que se dirige para ali.

— Pode vê-las? —Perguntou o highlander esperançoso e preparando o GPS de sua lancha para introduzir os números.

—Cinquenta e sete graus, doze minutos e sete segundos de longitude norte, e dois graus, onze minutos e cinquenta e dois segundos de latitude oeste.

Ardan introduziu as coordenadas em seu radar do GPS.

—Vai para o aeroporto de Aberdeen. O grande sacana deu a volta —murmurou sem compreender nada— Por que deu a volta podendo afastar-se e cruzar o mar?

Dirigiu o volante de sua lancha para a ilha montanhosa que emergia entre a cortina de chuva e vapor que caía do céu.

A Ilha de Arran era seu lar, sua fortaleza, e o único lugar do mundo no qual podia sentir-se mais ou menos reconhecido.

Ali, entre a rocha, os rios e as praias de sua terra lambeu suas feridas uma infinidade de vezes. Feridas provocadas pela Valkyria loira de olhos turquesas e coração de gelo. Mas ele se encarregaria de pô-la em seu lugar, devolver seu desdém e fazer com que as lambesse até fechá-las, pensou furioso e despeitado.



—Cameron e a lancha fugiram em um helicóptero —explicou Róta lhe devolvendo o anel— Não sabemos que rota seguiram.

—Talvez tenham fugido à Escócia —sugeriu Bryn refletindo as possibilidades.

—Ou poderia ser uma tática para que pensássemos que deixaram as ilhas —apontou Ardan com frieza.

A loira o olhou de esguelha e cruzou sua perna esquerda sobre a direita.

Lançou-lhe um olhar de desprezo que ninguém ignorou.

—Poderia ser, ilhéu.

—Reorganizaremos-nos —disse Ardan dirigindo a lancha perto de um dos escarpados de rocha escura que formava bonitas escarpas, próprios de cenários mágicos e paraísos perdidos.

—Localize Heimdal, Róta —ordenou Gabriel entrelaçando os dedos com Gúnnr— Me parece incrível que o guardião do Asgard esteja aqui.

—A você e a todos, Engel —Bryn seguia olhando a Ardan com cara de poucos amigos.

A Valkyria enredou os dedos na corda que Kenshin tinha ao redor do pescoço, fechou os olhos e se deixou levar pela visão.

Róta permaneceu alguns segundos em silêncio.

Adorava sentir a mão do samurai amassar os músculos da parte baixa de suas costas, dando calor e segurança.

Ficou em tensão e apertou os lábios.

Todos, sobretudo Bryn, que era quem melhor a conhecia, se surpreenderam ao ver a reação. A General moveu as orelhas bicudas e ficou em alerta.

Róta abriu os olhos de repente e os cravou em Gabriel.

Lambendo os lábios secos, balançou a cabeça e sorriu surpreendida.

—Não vai acreditar no que vi.

Fim



GLOSSÁRIO DE TERMOS

Saga Vanir V

- Alfather: O Pai de todos.
- Álfheim: Reino dos elfos.
- Asgard: Reino que compõe Vanenheim, Álfheim e Nidavellir.
- Asynjur: Grito de guerra das Valkyrias quando querem convocar aos raios.
- Blue: Braceletes largos de metal usados pelas Valkyrias. Delas saem os arcos e as flechas.
- Cáraid: “Casal” em gaélico.
- Disir: Deusas menores.
- Druht: Dom que outorga Odín aos einherjars.
- Dvelgar: Anão.
- Gjallarhorn: Corneta que anuncia o Ragnarök.
- Guddine: Dos deuses.
- Folkvang: As terras da Freyja.
- Furie: Fúria das Valkyrias.
- Hanbun: Metade, em japonês.
- Heimdal: Guardião do Asgard.
- Hildskálf: Trono de Odín através do qual aparece todos os reino.
- Hjelp: Remédio dos anões que supre a cura das Valkyrias.
- Helbredelse: A cura das Valkyrias. Funciona com seus einherjars.
- Hrmithur: Raça de gigantes.
- Jotunheim: Reino dos jotuns e os gigantes.
- Katt: Significa gatinha em norueguês.
- Kompromiss: É o vínculo que se cria entre a Valkyria e seu einherjars.
- Kompis: Significa “Companheiro” em norueguês.
- Kone: Significa “Mulher ou esposa” em norueguês.
- Konfrontasjon: Duelo entre o Valkyrias. Confronto.
- Leder: Significa “Líder” em norueguês.
- Muspellheim: Reino dos gigantes de fogo.
- Nidavellir: Reino dos anões.
- Nilfheim: Reino dos infernos.
- Nig: Magia nigromante escura.
- Noaiti: Significa “xamã” em norueguês.
- Nonne: Nome carinhoso que se dá entre mulheres. Significa “Irmãzonha”
- Saechrimner: Porco imortal do Asgard.
- Seidr: Magia negra.
- Seidrman: É o bruxo que utiliza a magia Seidr para escuros objetivos.
- Sessrúmnir: Palácio da Freyja.
- Soster: Irmã.



Svartalfheim: Reino dos elfos escuros.

Valhalla: Terra das Valkyrias e de Freyja.

Vanenheim: Reino dos Vanir.

Vingólf: Palácio de quinhentas e quarenta portas no qual residem as Valkyrias e seus einherjars.

PALAVRAS E INSULTOS EM JAPONÊS

Achike: Foda-se.

Hanii: querida.

Ama: Cadela.

Heiban: Má.

Arigató gozaimasu: Muito obrigada

Hoseki: Joia.

Lie: Não.

Baka: Tolo.

Kusu a taberu na! : Come merda

Baka yaro: Bastardo estúpido.

Bebī: Bebê

Okama: Puto

Chijo: Ninfomaníaca.

Onara atama: Cabeça de pum.

Futago: Gêmeos.

Onegai: Por favor.

Gomenasai: Sinto muito.

Oni: Demônio.

Hai: Sim.

Suteki: Precioso.

Hanbun: Metade.

Yogen: Profecia.